BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 1/925

REG-599
LIV-001
PÁG-019

198

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PEÇA TEATRAL

TÍTULO : "O INSPETOR GERAL" OU "ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU"

AUTOR : "NICOLAI GOGOL"

DISTRIBUIÇÃO

PROCESSO:

1441/67-DPF/RN	34503/78-SRA
09270/70-SCDP	16276/79-SRA
36938/71-SRA	30242/79-SRA
3768/71-SRA	10754/80-DCDP
27957/72-SRA	4191/85-SR/PR REQ: SILVIANE S. SANTOS
41466/73-SRA	905/85-SR/RJ REQ: TORRIERI ANTELO DULAN.
57267/73-SRA	0673/86-SR/SC - REQ: BERNADETE SANT'ANNA
37308/74-SRA	
68023/74-SRA	
75647/74-SRA	
10713/74-SR/GB	
14342/75-SRA	
16442/75-SRA	
54603/75-SRA	
59189/75-SRA-RD	
68846§75-SRA	
11968/76-SRA	
20528/76-SRA-Cópia	
02533/77-SRA	
30904/77-SRA	
34356/77-SRA	

Serviço Gráfico do DPF – 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.2.

DPF
D.C.DP
Fls. N.º 02
Rubrica

2

TONUS diretório central dos estudantes
teatro nôvo universitário
da universidade federal do rio grande do norte

Ilmo. Senhor Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas - Federal
(Brasilia)

361

Maria Elizabeth Bittencourt Lima, estudante, resi-
à rua Presidente Quaresma, 361 - Natal - RN., coordenadora
L DE CULTURA UNIVERSITÁRIA, vem solicitar a V.S., o alvará
a encenação da peça " O INSPETOR GERAL " pelo TONUS -
Nôvo Universitário. A referida peça é de autoria de Nicolai G
Ferreira Gullar e João das Neves, consta de 2 atos.

Atenciosamente

Maria Elizabeth Bittencourt Lima
Coordenadora

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUB-DELEGACIA
NATAL - Rio Grande do Norte
PROTOCOLO
Nº 1441 Fls. 07
Natal, 22 de Agosto de 1968
O recebedor

Ref. 569
C-1 P-19
30-8-68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.3.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF DCDP Fls. N.º 03 Rubrica

Direitos de Representação — Autorização Nº 209648

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida lidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, man- seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins eito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

O Inspetor Geral

al de Nicolai Gogol

a de —

ução de Pereira Gouveia e João das Neves

Teatro Alberto Maranhão Cidade Natal

os dias mês Outubro 1968

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 39,60 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Natal, 9/8/68

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.4

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Ju

Art. 26 — As disposições do
do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924,
as composições musicais e peças
representadas ou transmitidas
com intuito de lucro, em reuniões publ

Paragr. Unico — Consideram-se real
intuito de lucro quaisquer audições musi
sentações artisticas ou difusões, rádio tele
que os músicos, executantes ou transmiten
retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empr
quaisquer estabelecimentos de diversões p
responsáveis pelos direitos autorais das p
realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezem

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação
gramas os proprietários, empresários, dir
quaisquer outros responsáveis pelas represen
exibições ou irradiações que se realisarem em
cinematografos, dancings, cabarés, sociedades
telefônicas ou outros quaisquer estabelecimento
diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

DPF DCDP Fls. N.º 04 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.5.

Direitos de Representação — Autorização Nº 173481

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Inspetor Geral

.....

iginal de Nicolai Gogol

fúsica de .....

Tradução de Augusto D'Rosal e Gianfrancesco Guarnieri

No Teatro ..... Cidade S. Paulo

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para Censura do Dops

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 18 de Setembro de 1968

.....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.6.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de qualquer estabelecimentos de diversões públicas, [illegible] veis pelos direitos autorais das produções a[illegible]

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro [illegible]

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de [illegible] gramas os proprietários, empresários, diretores ou [illegible] quer outros responsáveis pelas representações, [illegible] irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou [illegible] quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março [illegible]

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer discursos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser [illegible] cedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de [illegible]

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras [illegible] táculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas, estádios, parques, salões ou dependências adequadas, assim como qualquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de [illegible]

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º) do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 7.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 05
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: O Inspetor Geral

Nome do Autor: Nicolai Gogol

Nome do Tradutor: Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri

Gênero: Comédia

Entrecho: Parecer: Em 30 de setembro próximo passado tive oportunidade de lendo a peça em apreço, liberá-la a exibição pública, com impropriedade para menores de 18 anos e para TV.

Há, portanto, parecer circunstanciado sôbre o assunto, que tendo sido igualmente de minha autoria poderá a meu ver, ser observado neste caso pois se trata da mesma

Apreciação morais: peça teatral, apenas com dois tradutores diferentes (antes a tradução era de Ferreira Gullar e José dos Reis). No conteúdo ela conserva as mesmas características e o seu entrecho não permite que modificações substanciais possam ser introduzidas.

Observações:

Classificação final: Dezoito (18) anos e proibido para televisão

Brasília-DF. em 16 de outubro de 1968

[assinatura]

Censor Federal - matrícula n.

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.8

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Wilson Vieira, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: O INSPETOR GERAL

AUTOR: Nicolai Gogol

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dezoito) anos e TV.

OBS.

Em 16/10/68

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 17/10/68

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Cen

Em

CHEFE DO SCDP

DPF-SA v. 03

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.9

DPF
DCDP
Fls. N.º 08
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

Título da Peça "O INSPETOR GERAL"

Autor Nicolai Gogol

Tradutor Ferreira Gullar e João das Neves.

Adaptador Benedito Corsi.

Diretor :

Produtor

Teatro

Exame Requerido em

Data do Ensaio Geral

Em face dos pareceres sôbre o texto e também sôbre o ensaio geral, expeça-se certificado de proibição p/ menores até 16 anos, assinalando-se no verso os cortes abaixo indicados. Em 1º.10.67

Parecer Sôbre O Texto : Conhecemos o original desta peça. Sofreu deturpações tanto na versão portuguêsa como na adaptação, onde no terceiro ato se desdobrou tanto o diálogo que não consta do original que foi preciso um quarto e quinto ato. Quanto a isso não teriamos dúvidas em examinar o acréscimo, que nada temos a opor, mas somos contrários a todos os palavrões que os adaptadores houveram por bem inserir no texto, inteiramente deslocados e portanto injustificáveis. São êles, de acôrdo com o examinado:

MERDA - página 11 do 1º Ato.
MERDA - página 1 do 2º Ato.
SACANA - página 2 do 2º Ato
CACÊTE - página 4 do 2º ato.
CACÊTE - Pag. 13/A - 4º ato
PUTOS - Pág. 2 do 5º ato.
CACÊTE - Pág. 8 do 5º ato.
PUTO (2) na pág. 9 do 5º ato.

E a fráse "E isso é mais ou menos que um General comum?" pág. 3 do 3º ato

Observações Sôbre O Ensaio Geral (aguardar)
Visto o ensaio geral, mantenham-se as restrições acima apontadas e que são as seguintes: Página 4 do 2º ato (Cacête); Pág. 13/A do 4º ato (cacête); Página 2 do 5º ato, (putos); Pág. 8 do 5º ato (cacête) e pág. 9 do 5º ato (putos - 2).

Rio, 29/9/67.

Luiz Menezes
Censor

L. Menezes
Censor

Classficação Final: 16 (DEZESEIS) A N O S.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p:10.

DPF
DCDP
Fls. N.º 09
Rubrica

10

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

Título da Peça O INSPETOR GERAL

Autor GOGOL, NICOLAI

Tradutor FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES

Adaptador BENEDITO CORAI

Diretor

Produtor

Teatro TEATRO DE ARENA

Exame Requerido em

Data do Ensaio Geral 4/10/67

Parecer Sôbre O Texto Sátira àmoralidade e aos costumes sociais da época tzarista russa. Por seus valores a dimensão do texto é universalista e sempre oportuna. Contém algumas expressões fortes.

Observações Sôbre O Ensaio Geral Espetáculo razoàvelmente bem acabado, apresentando as falhas naturais de pré-estréias.

Classficação Final DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.11

DPF
DCDP
Fls. N.º 01
Rubrica

163-GB

XXXXX DA PEÇA - O INSPETOR GERAL

XXXXXX AUTOR - NICOLAS GOGOL

PROIBIDO PARA 15 NOVEMBRO 68
MENORES ATE 16 15 NOVEMBRO 67
---- ANOS ----

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.12

163/GB

PEÇAS TEATRAIS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

163/GB 1

a " O INSPETOR GERAL "

XXXXXXXXXX AUTOR: NICOLAI GOGOL

1 15 NOVEMBRO 67

a XXXX PEÇA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO, COM PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 16 ANOS, COM CORTES ASSINALADOS NAS PAGINAS: 11 DO 1º ATO; 1 DO 2º ATO; 2 DO 2º ATO; 4 DO 2º ATO; 13 A DO 4º ATO; 2 DO 5º ATO; 8 DO 5º ATO; 9 DO 5º ATO 3 DO 3º ATO, A FRASE: "E ISSO É MAIS OU MENOS QUE UM GENERAL COME"

ESTADO DA GUANABARA XXXXXXXX 15 NOVEMBRO 67

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SC/DR/GB/DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 13.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
SCDP
06

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 671/68

-/:: O INSPETOR GERAL ::/-

PEÇA

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 17 de OUTUBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 17 de OUTUBRO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS
A TELEVISÃO

Chefe do S. C. D. P.
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0413,p.14.

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 21, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -O INSPETOR GERAL -

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de AUGUSTO BOAL E GIANFRANCESCO GUARNIERI

Adaptação de

Produção de TEATRO JAMBAI DE COMÉDIA -SÃO PAULO-SP-

Tendo sido censurada em 16 de OUTUBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS E PROIBIDA PARA TELEVISÃO.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 17 de OUTUBRO de 19 68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.15.

DPF
DCDP
Fls: N.º 10
Rubrica

13

[illegible] PARANÁ - SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO [illegible]

[illegible]

Curitiba, 4 de novembro de 1 969

[illegible]

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, [illegible] liberação dêsse Serviço de Censura Públicas, três (3) textos da peça "CIRCULO PATETICO" de Sônia Mara Paiva, três (3) textos da peça "O INSPETOR GERAL" de Nicolau Gogol e três (3) textos da peça "A VIRAÇA VEIO COM A CHUVA", de Myriam A.R.da San Juan, que serão encenadas pelos alunos dos 1º, 2º e 3º anos do CURSO PERMANENTE DE TEATRO, [illegible] como provas públicas finais, nos dias 1, 2, 3, 4, 6, 7 de [illegible] do ano em curso.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria se digne devolver [illegible] através a Delegacia Federal desta Capital.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os meus protestos de elevada estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE,

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
Superintendente

[illegible] SENHOR

[illegible] ALUISIO [illegible] DE SOUZA

[illegible] DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 16

DPF
DCDP
Fls. N.º 11
Rubrica

14

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 05 de Novembro de 1.969

Nº. 063/69-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do - Paraná, pelo presente, autoriza a Censura da Péça " O INSPETOR GERAL" de autoria de NICOLAI GOGOL.

Atenciosamente

S.B.A.T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

p/ [signature]
ALBERTO [illegible] - REPRESENTANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.17

DPF
DCDP
Fls. N.º 12
0
Rubrica

17

A
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
Autoriza a Turma de Censura do D.P.F. à proceder a Censura desta Óbra, cuja Autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba 05 de 11 de 1969
Pela S.B.A.T.

TEATRO GUAÍRA

O Inspetor GERAL

DE NICOLAI GOGOL

CPT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 18.

18

DPF
DCDP
Fls. N.° 13
Rubrica

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ

SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA

CURSO PERMANENTE DE TEATRO

"O INSPETOR GERAL"

nicolai gogol

§ § §

P E R S O N A G E N S:

GOVERNADOR _____

ANA ANDRÉIEVNA _____

MARIA ANTÓNOVNA _____

LUCAS LUKÍCH _____

SRA. LUKÍCH _____

AMOS FIODOROVITCH _____

IVÁN KUSMITCH _____

PEDRO IVÁNOVICH DOBCHINSKI _____

PEDRO IVÁNOVITCH BOBCHINSKI _____

IVÁN ALEXÁNDROVITCH KLESTAKOV _____

OSSIP _____

STEPAN ILICH _____

SVISTUNOV _____

ABDULIN _____

FEVRONIA POSHLEPKINA _____

MISHKA _____

CRIADO DO HOTEL _____

§ § §

jfm/TG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.19

DPF DCDP Fls. N.º 14 Rubrica

P R I M E I R O A T O

SALA NA CASA DO GOVERNADOR. EM CENA ESTÃO O GOVERNADOR, DIRETOR DO HOSPITAL, ARTEMI FILÍPOVITCH, O DIRETOR DA ESCOLA, LUCAS LUKÍTCH, O JUIZ AMOS FIODÓROVITCH, O CHEFE DA POLÍCIA, MÉDICO E DOIS SOLDADOS.

GOVERNADOR - Meus senhores, chamei-os aqui para lhes dar uma notícia muito desagradável: é iminente a chegada de um Inspetor.

AMOS - O quê? Um Inspetor?

ARTEMI - Como é que é, um Inspetor?

GOVERNADOR - Exatamente. Um Inspetor de São Petersburgo que viaja incógnito e, para cúmulo dos males, em missão secreta.

AMOS - Ai, ai, ai, ai, ai!

ARTEMI - De fato, uma notícia muito desagradável.

GOVERNADOR - Eu já pressentia isso. Durante tôda a noite sonhei com ratazanas enormes; palavra de honra que nunca vi bichos tão descomunais. Elas se aproximavam de mim, me cheiravam estranhamente e se afastavam cautelosas, pretas, grandes... Vou ler para os senhores uma carta que recebi de André Ivánovitch. Ouçam bem: "Querido amigo, compadre e benfeitor" (PULA ALGUNS TRECHOS MURMURANDO QUALQUER COISA). Ah, está aqui: "Apresso-me a informá-lo da chegada de um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar tôda a província e especialmente o nosso Distrito. (LEVANTA O DEDO COM UM GESTO SIGNIFICATIVO). Essa informação me veio de fonte segura, embora êsse = Inspetor esteja viajando incógnito. Como sei que você, meu caro Governador, é um homem inteligente que não gosta de deixar escapar o que lhe cai nas mãos... (INTERROMPENDO). Bem, aqui vêm coisas sem importância, tá, tá, tá...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p220

DPF DCDP Fls. N.º 15 Rubrica

- - "O meu conselho é que se deve tomar tôdas = as precauções porque êsse funcionário poderá chegar a qualquer momento, se é que já = não chegou e aí se encontra escondido. Ontem eu..." Bem, aqui vêm assuntos de família... "Minha irmão Ana veio visitar-nos ontem com seu marido. Ivan Kirilitch engordou muito e continua tocando violino..." etc. Por aí vocês vejam como estão as coisas.

AMOS - Na verdade o caso é excepcional, excepcional, realmente excepcional!

LUCAS - Mas por que será que isso aconteceu? O que é = que um Inspetor vem fazer aqui?

GOVERNADOR - É o destino! Até agora, graças a Deus, essa gente só metia o nariz no Distrito dos outros, hoje, chegou a nossa vez!

AMOS - Eu creio, senhor Governador, que para isso deve existir um motivo mais sutil e de índole política. Eu me explico: A Rússia... isto é... A Rússia deseja a guerra e o ministério manda um funcionário para averiguar se por aqui existe algum traidor.

GOVERNADOR - Mas que absurdo! Traidores numa aldeiazinha como a nossa. Muito me admira que o senhor, um homem tão inteligente, diga uma tolice = dessas. Estamos tão longe de qualquer povoado que mesmo viajando três anos a cavalo não chegaríamos a lugar nenhum.

AMOS - Posso garantir, senhor governador, que o senhor está equivocado no seu raciocínio. O ministério é muito astuto e não escapam ao seu olhar nem = os povoados mais distantes das fronteiras.

GOVERNADOR - Escapando ou não escapando, os senhores já estão avisados. Da minha parte, já tomei algumas providências e eu os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo o senhor Artemi Filípovitch. Sem dúvida o Inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o hospital. De modo que não custa nada torná-lo um pouco mais de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p21

DPF
DCDP
Fls. N.º 16
Rubrica

cente: fornecer roupa limpa aos doentes, trocar os gorros de dormir para que não fiquem = parecendo limpadores de chaminés como habitualmente.

ARTEMI - Bom, isso é fácil, roupa é para ser lavada de vez em quando...

GOVERNADOR - Claro. E além disso seria conveniente ao pé de cada cama uma ficha com o nome da doença e a data de entrada do paciente, tudo escrito em latim ou em outro idioma sério qualquer. O Dr. Cristiano que tome providências. Não é bom que os doentes usem um fumo tão = forte. Mal a gente entra numa enfermaria tem logo vontade de espirrar. E depois há doentes demais. Dá até uma má impressão ver tantos doentes assim no seu hospital. Podíamos dispensar alguns.

ARTEMI - Quanto a isso, eu e o dr. Cristiano pensamos da mesma forma. Quanto mais deixarmos a natureza trabalhar sòzinha, melhor. Não usamos remédios caros. O homem é um ser simples. Quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, não há Cristo que o impeça. E mesmo seria muito penoso para o dr. Cristiano se dar ao trabalho de ouvir o que os doentes reclamam. Êle não fala uma palavra de russo... mas é muito competente. (O DR. CRISTIANO EMITE UM SOM QUE FLUTUA ENTRE O "I" E O "E").

GOVERNADOR - E ao senhor juiz Amos Fiodórovitch, eu aconselharia a ter mais cuidado com o seu tribunal. Na sala de espera onde ficam os litigantes, os contínuos vivem criando gansos e gansinhos que sujam tudo e fazem com que as pessoas tropecem. Naturalmente, a avicultura é digna de todos os elogios. E por que um contínuo não poderia criar aves? Claro que pode. Mas nesse lugar é indecoroso fazê-lo. = Eu sempre queria chamar a sua atenção sôbre isso. Mas, não sei porque, sempre me esquecia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p22.

DPF DCDP Fls. N.º 17 Rubrica

AMOS - Hoje mesmo darei ordem para que apreendam os = gansos e que sejam levados para a cozinha. Se quiser venha almoçar comigo.

GOVERNADOR - Obrigado. O senhor há de convir que é lamentável que em plena sala de audiências se pendurem roupas para secar. E que sôbre a mesa do Juiz se veja um chicote de caça. Eu compreendo perfeitamente que o senhor goste de caçar, mas não é necessário que use esporas durante os julgamentos. É preciso tirar tudo dali. Quando o Inspetor tiver ido embora que volte tudo ao seu estado normal. Também devo dizer que o seu secretário - claro que êle é um homem muito capaz - mas cheira tão mal como se tivesse acabado de sair de um alambique. Isso não chega a ser digno de elogios. Se é verdade, como êle diz que o mau cheiro é de nascença, ainda assim há um recurso: êle que coma alho, cebola, ou qualquer outra coisa. Neste caso o Dr. Cristiano poderia ajudá-lo com diversos medicamentos. (O DOUTOR CRISTIANO NOVAMENTE EMITE O RUÍDO).

AMOS - Meu secretário diz que caiu do colo da mãe quando era muito pequeno e desde então adquiriu êsse cheiro de vodka.

GOVERNADOR - Bem, eu disse por dizer. Quanto às medidas de ordem interna e àquilo que André Ivánovitch chama em sua carta de "pecadilho" eu nada posso dizer. E afinal de contas, existe por acaso algum homem no mundo que não tenha algum "pecadilho"? O próprio Deus todo poderoso quis que assim fôsse, e é em vão = que vociferam contra isso os voltairianos.

AMOS - Pecadilhos, quem não os tem? Eu por exemplo, = eu digo abertamente a todo mundo que sou subornável, recebo propinas. Mas, que classe de propinas? Cães perdigueiros! Ah, isso já é outra coisa!

GOVERNADOR - Cães perdigueiros ou qualquer outra coisa, =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.23.

DPF DCDP 5 Fls. N.º 18 Rubrica

- tudo é subôrno.

AMOS - Não, meu caro Anton Antónovitch. Quando alguém possui um sobretudo que custa, por exemplo, quinhentos rublos, e sua mulher um chale de...

GOVERNADOR - O fato de alguém se vender por um cãozinho de caça, ou se vender por qualquer outra = coisa não tem importância. O importante é = que o senhor não acredita em Deus e nunca vai à igreja. Eu, pelo menos sou um homem de fé inquebrantável e vou à igreja todos os domingos. O senhor não. Conheço-o muito bem. Quando começa a falar da criação do mundo, meus cabelos ficam todos de pé.

AMOS - Veja bem que tudo o que eu digo é produto da = minha própria inteligência.

GOVERNADOR - Muitas vêzes a inteligência em excesso é pior do que a ignorância. E depois, falei no tribunal por falar. Para ser franco, creio que não passará pela cabeça de ninguém se = meter com o tribunal. Afinal de contas, êle está guardado por Deus! Quanto ao senhor Lucas, como diretor da escola, seria conveniente que se preocupasse um pouco com os professôres. Bem sei que se trata de gente culta que estudou em diversos colégios. Mas = têm hábitos muito esquisitos que certamente se devem à sua condição de pedagogos. Um dêles, por exemplo, um que tem a cara larga, não me lembro bem o nome dêle, tôda a vez = que começa a aula, faz uma careta assim. (IMITA). Claro que se a careta é feita diante dos alunos, êste fato não tem nada de extraordinário. Talvez deva ser assim mesmo. Isso eu não posso julgar porque não tenho conhecimentos pedagógicos. Mas pense bem, se o professor fizer uma cara dessas diante de um visitante ilustre, a coisa poderia ficar mal parada. O Inspetor poderia pensar que a careta fôsse dirigida a êle, e as complicações seriam verdadeiramente terríveis.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 24

DPF
DCDP
Fls. N.º 19
Rubrica

LUCAS - Mas o que é que eu posso fazer? Já falei com êle tantas vêzes. Ainda no outro dia, quando o padre visitou a escola, o tal professor fêz uma das tais caretas. Mais espantosa do que nunca. É certo que êle foi impelido a isso por sua bondade inata, mas eu é que acabei levando o = maior sermão por permitir que se implante na = juventude idéias tão avançadas.

GOVERNADOR - A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de história. É um sábio - isso é evidente - sabe muito. Mas se expressa com tanta veemência que se esquece do resto. Outro dia eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e dos babilônios ia tudo muito bem, mas quando chegou a vez de Alexandre, o Grande, o que ali se passou naquela sala de aula foi indescritível. Eu juro que pensei que a escola estivesse pegando fogo. Desceu correndo da sua mesa e começou a bater furiosamente com as carteiras no chão e na cabeça dos alunos. É certo que Alexandre, o Grande, foi um herói. Mas por que quebrar as carteiras? Só se fôr para dar prejuízo ao Estado!

LUCAS - De fato é um homem muito impulsivo. Eu já lhe fiz essa observação e êle me respondeu: que = quer que eu faça? Eu seria capaz de dar minha própria vida pela ciência!

GOVERNADOR - É! Assim é a misteriosa lei do destino. O = homem inteligente quando não é um bêbado, é um louco.

LUCAS - Triste fatalidade servir no setor do ensino. = Todos se metem. Todos querem mostrar que também são inteligentes.

GOVERNADOR - Isso não é nada. O pior é êsse maldito inspetor incógnito! Imaginem se, de repente, êle aparece aqui? "Ah, ah, pois então estão todos aqui comigo, hein?... Quem dos senhores é o juiz? - Liápkin Tiápkin, senhor! - Pois que venha à minha presença! - Quem é o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-25.

DPF DCDP Fls. N.º 20 Rubrica

- diretor do hospital? - Zemlianika, senhor! Que venha, Zemlianika!" Isso é que é mau! Muito mau!

(ENTRA O CHEFE DOS CORREIOS).

CHEFE DOS CORREIOS - Que foi que aconteceu, que funcionário é êsse que vem aí?

GOVERNADOR - O que já ouviu a respeito?

CHEFE DOS CORREIOS - Pedro Ivánovitch Bobchinski foi me visitar lá nos Correios e me contou!

GOVERNADOR - E qual é a sua opinião?

CHEFE DOS CORREIOS - Estamos em guerra com os turcos.

AMOS - Exatamente. A minha tese.

GOVERNADOR - Exatamente. Os dois tiveram a mesma idéia idiota.

CHEFE DOS CORREIOS - Pois garanto que vai haver guerra = com os turcos. São intrigas dos franceses.

GOVERNADOR - Que guerra com os turcos coisa nenhuma. Nós é que vamos passar mal, não os turcos. Recebi uma carta...

CHEFE DOS CORREIOS - Ah, quer dizer que não vai mais haver guerra com os turcos?

GOVERNADOR - Não, Ivan Kuzmitch. Mas, diga-me lá, como = vão as coisas para o seu lado?

CHEFE DOS CORREIOS - O que interessa isso? E para seu lado como é que vão, senhor governador?

GOVERNADOR - Bem, eu não direi que sinta terror, mas um pouco de mêdo... Os comerciantes me causam algumas dificuldades. Dizem que eu lhes tiro muito dinheiro!... E eu, só Deus sabe, = quando aceitava alguma coisa de algum dêles, era sem ódio nem maldade. Eu até pensei... (LEVA-O PARA UM CANTO, CONDUZINDO-O PELO BRAÇO). Eu acho que... Olha, será que houve uma denúncia contra mim? Por que mandariam = para cá um Inspetor? Ouça, Ivan, para o bem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 26

DPF DCDP Fls. N.º 21 Rubrica

- de todos, não poderia abrir as cartinhas = que entram e saem de sua repartição? Assim, só para passar os olhos, ver se não há uma denunciazinha e depois então, se não houver, pode-se fechar a cartinha novamente, ou entregar assim mesmo aberta...

CHEFE DOS CORREIOS - Não me dê lições. Há muito tempo que eu faço isso. Não por cautela mas = por simples curiosidade. Gosto muito de saber o que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Há cartas que se lêem com deleite; contam histórias muito bonitas, mais instrutivas que as do = "Jornal".

GOVERNADOR - Então me diga não leu nada sôbre o Inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS - Não. Mas é uma pena que o senhor não leia essas cartas. Há passagens preciosas. Ainda há pouco, para não ir além, um subofi cial escreveu a um amigo descrevendo um bai le e usando a linguagem mais florida: "Aqui a vida flui no sétimo céu, meu querido amigo. Jovens formosas, soa a música e se baila com entusiasmo"... E com que emoção escreveu isso. Até guardei a carta comigo, quer que leia?

GOVERNADOR - Não, agora não estou pensando em bailes. Mas me faça um favor. Se por casualidade cair = nas suas mãos alguma queixazinha, ou delaçãõozinha, rasgue sem a menor consideração.

CHEFE DOS CORREIOS - Com muitíssimo gôsto.

AMOS - Lembre-se que algum dia isso lhe pode custar = caro...

CHEFE DOS CORREIOS - Qual o quê! Isso não é nada, não é nada. Não se vai rasgar a carta em público. E esta conversa vai ficar em família...

AMOS - Ih!... Êsse assunto não está me cheirando nada bem. Eu vinha calmamente para cá, para lhe ofe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p27 27

DPF DCDP Fls. N.º 22 Rubrica

- recer um cachorrinho... irmão de sangue daquele perdigueiro que o senhor conhece. Como o senhor sabe, Cheptóvitch iniciou um processo contra Berjóvinski, e agora estou na glória. Caço coelhos nas terras de um e de outro.

GOVERNADOR - Deus do céu, os coelhos já não conseguem me divertir! Êsse maldito inspetor incógnito = não sai dos meus pensamentos. Estou sempre esperando que a porta se abra e...

(ENTRAM BOBCHINSKI E DOBCHINSKI. OFEGANTES)

BOBCHINSKI - Um acontecimento extraordinário!

DOBCHINSKI - Uma novidade inesperada!

TODOS - Que foi? Que aconteceu?

DOBCHINSKI - Um caso imprevisto. Estamos chegando do hotel...

BOBCHINSKI - Eu estou chegando do hotel com Pedro Ivánovitch.

DOBCHINSKI - Por favor Pedro Ivánovitch, permita que eu conte tudo.

BOBCHINSKI - Ah, não, Pedro Ivánovitch, deixe que eu conte tudo...

DOBCHINSKI - Não, o senhor vai se confundir e vai esquecer alguma coisa importante.

BOBCHINSKI - Não! Eu vou me lembrar de tudo. Eu juro. Vou me lembrar de tudo. Não me atrapalhe, me deixe contar, não me atrapalhe. Senhores, digam a Pedro Ivánovitch que não me atrapalhe!

GOVERNADOR - Mas falem logo pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu?! Sentem-se! Pedro Ivánovitch, sente-se. E o senhor Pedro Ivánovitch, sente-se também. (SENTAM-SE TODOS). Bem, o que foi que aconteceu?

BOBCHINSKI - Por favor, por favor! Contarei tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de ter o prazer = de sair de sua casa, depois que o senhor houve por bem perturbar-se por ter recebido a-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p 29

DPF Fls. N.º 23 Rubrica

- quela carta, quando imediatamente... Por favor, não me interrompa, Pedro Ivánovitch. = Eu sei todos os detalhes todos, todos, todos. Portanto, tenha a gentileza de me permitir contar. Fui correndo à casa de Koróbkin e como não encontrei Koróbkin em casa, fui visitar Rastakovski, que também não estava. Então fui procurar Ivan Kuzmitch para lhe contar as notícias que o senhor tinha acabado de receber.

DOBCHINSKI - (INTERROMPENDO). Ali perto daquele quiosque onde se vendem pastéis.

BOBCHINSKI - Perto do quiosque onde se vendem pastéis. = Certo. Encontrei-me com Pedro Ivánovitch e disse: Por acaso já soube da notícia que o senhor governador recebeu através de uma carta fidedigna? Pedro Ivánovitch já tinha ouvido falar disso pela sua criada que, não = se sabe porque, havia sido mandada à casa de Felipe Antónovitch Potchetchniev...

DOBCHINSKI - (INTERROMPENDO). Era para buscar um barrilzinho de vodka francesa.

BOBCHINSKI - Buscar um barrilzinho de vodka francesa. Então eu fui com Pedro Ivánovitch à casa de = Protchetchniev. Não, não, por favor Pedro Potchetchniev, mas no caminho Pedro Ivánovitch me disse: Vamos entrar no hotel, sinto um = grande vazio no estômago. Ainda não comi nada hoje". - "Sim, Pedro Ivánovitch não tinha comido nada". - "Lá no hotel estão servindo peixe fresco - disse êle - vamos matar a fome". Mal tínhamos entrado no hotel quando, = de repente, um homem jovem...

DOBCHINSKI - (INTERROMPENDO)... Bem apessoado, com trajes civis...

BOBCHINSKI - Bem apessoado, com trajes civis, estava passeando pela sala com um ar profundo... E uma fisionomia! (APONTANDO A TESTA). E aqui... muitas coisas. Parecia saber de tudo. Tive =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 29.

DPF DCDP Fls. N.º 24 Rubrica

- logo um pressentimento e disse a Pedro Ivánovitch. "Aqui há dente de coelho". Assim foi. Então Pedro Ivánovitch chamou com o dedo o dono do hotel, o Vlas, os senhores conhecem. A mulher dêle deu à luz há três semanas um menino lindo, lindo, precioso. Quando crescer vai ser hoteleiro como o pai, nem tem dúvida. Pedro Ivánovitch chamou Vlas com o dedo e perguntou baixinho: "Quem é aquêle môço?" Vlas respondeu: "Aquêle?..." Por favor, Pedro Ivánovitch, não interrompa. O senhor não pode contar, está com uma falha de dente, quando fala, assobia, não vai contar direito. "Aquêle? Aquêle jovem funcionário - disse Vlas - sim! Um jovem funcionário que vem de São Petersburgo... Sim! De São Petersburgo e que se chama... Ivan Alexándrovitch. E viaja a caminho de Saratóv... É. E age de forma muito estranha. Há duas semanas que = mora aqui e não sai do hotel, compra tudo a crédito e não paga um centavo". Assim que = eu ouvi isso, Deus me iluminou, e eu disse a Pedro Ivánovitch: "Hum!"

DOBCHINSKI - Não, Pedro Ivánovitch, quem disse "Hum!" fui eu.

BOBCHINSKI - Primeiro foi o senhor, mas eu imediatamente respondi. "Hum!" "Hum!", dissemos Pedro Ivánovitch e eu... "Por que terá êle ficado aqui quando seu destino é Saratóv?" E concluímos, só pode ser aquêle funcionário.

GOVERNADOR - Que funcionário?

BOBCHINSKI - O Inspetor.

GOVERNADOR - Que é que o senhor está dizendo? Não, não, não pode ser êle!

DOBCHINSKI - É êle sim, é êle!... Não paga e não segue viagem, só pode ser.

BOBCHINSKI - É êle sim. Aposto que é. Êle vê tudo. É tão observador que ficou olhando. Viu que Pedro Ivánovitch e eu estávamos comendo um salmão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.30.

DPF DCDP Fls. N.° 257 Rubrica

- Só porque Pedro Ivánovitch tinha um vazio no estômago; e sabem o que foi que êle fêz? Muito bem. Olhou um dos sapatos. Eu senti = um calafrio no corpo inteiro.

GOVERNADOR - Meu Deus, tende piedade de nós, pecadores. Em que quarto está hospedado?

DOBCHINSKI - No número cinco, debaixo da escada.

BOBCHINSKI - No mesmo quarto onde brigaram aquêles oficiais no ano passado.

GOVERNADOR - Há quanto tempo êle está aqui?

DOBCHINSKI - Há duas semanas. Chegou no dia de S. Basílio.

GOVERNADOR - (À PARTE). Duas semanas. Santo Deus! Salva-me, eu te imploro! Nessas duas semanas espancamos a viúva do subtenente, não demos comida aos presos e as ruas estão piores do que um chiqueiro, uma imundície, uma sujeira. = Que vergonha! Que desastre!

ARTEMI - Senhor Governador, não seria conveniente que = nós fôssemos ao hotel, em procissão?

AMOS - Não, não, seria melhor que o grupo fôsse encabeçado pelo clero e pelos comerciantes...

GOVERNADOR - Não, não, permitam-me. Eu já me vi em apuros mais de uma vez e me saí bem de todos os transes. Talvez Deus me ajude a escapar ainda esta vez dêsse atoleiro. (PARA BOBCHINSKI). O senhor disse que o forasteiro é jovem?

BOBCHINSKI - De vinte e três para vinte e quatro anos.

GOVERNADOR - Melhor assim, será mais fácil iludi-lo. O perigoso é tratar com uma rapôsa velha. Um jovem tem tudo à flor da pele. Os senhores se preparem para enfrentar a situação do vosso lado. Eu irei sòzinho com Pedro Ivánovitch, digamos, como quem dá um passeio sem = caráter oficial, para verificar se atendem devidamente os hóspedes do hotel. Svistunov!

SVISTU - Que foi?!

GOVERNADOR - Vai buscar depressa o chefe de polícia, ou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-31
31
DPF
DCDP
13 fls. N.º 26
Rubrica

- melhor, espera que eu preciso de você. Manda buscar o chefe de polícia e volta logo. (O SOLDADO SAI RÀPIDAMENTE)

ARTEMI - Vamos, vamos, Amos Fiodoróvitch. Ainda pode acontecer uma desgraça.

AMOS - Do que é que o senhor tem mêdo? De sua parte é suficiente colocar uma touca limpa na cabeça dos doentes e está tudo arranjado.

ARTEMI - Que touca, qual nada! O problema é que receitaram para os doentes sopa de aveia e nos corredores se sente um cheiro de repôlho que é de se tapar o nariz.

AMOS - Até certo ponto, estou tranqüilo. Afinal de contas quem se atreveria a se meter com um tribunal de província? E quem metesse o nariz no expediente ia lamentar isso para o resto da vida. Há quinze anos que sou juiz e quando me ocorre dar uma espiadinha em algum dos processos, prefiro desistir. Nem o próprio rei Salomão seria capaz de descobrir onde começa a verdade e acaba a mentira.

(O JUIZ, O DIRETOR DO HOSPITAL, O DIRETOR DA ESCOLA E O CHEFE DOS CORREIOS SAEM E CHOCAM-SE NA PORTA COM O SOLDADO QUE RETORNA).

GOVERNADOR - O carro está pronto?

SOLDADO - Está sim.

GOVERNADOR - Então vá pra rua... não, não, é melhor que você fique aqui. Vai e me traz... mas onde é que estão os outros? E Prókhorov, onde é que está? Já mandei que êle também viesse aqui. Onde está?

SOLDADO - Está numa casa particular e não pode ser útil no momento.

GOVERNADOR - Por quê?

SOLDADO - É que trouxeram êle de madrugada muito embriagado, jogaram dois baldes d'água em cima dêle, mas não adiantou nada.

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413 p.32
32

DPF
D.DR
Fls. N.º 27
Rubrica

GOVERNADOR - Ai, meu Deus, meu Deus! Sai depressa... ou, não. Vai correndo até o meu quarto, está = ouvindo? E me traz depressa a minha espada e o meu chapéu nôvo! Vamos, Pedro Ivánovitch, a caminho!

BOBCHINSKI - E eu? E eu? Permita que eu vá também, Governador!

GOVERNADOR - Não, não, Pedro Ivánovitch, é impossível!... Êle ficará assustado se chegarmos lá em comitiva e além disso o carro é muito estreito. Não cabem três pessoas...

BOBCHINSKI - Mas não se preocupe, excelência, não se preocupe... Eu vou correndo atrás do carro, como um cachorrinho. E depois eu me conformo em dar só uma espiadinha pelo buraco da fechadura, para ver como o forasteiro se comporta.

GOVERNADOR - (RECEBENDO A ESPADA, AO SARGENTO). Vai correndo e reúne os guardas e que cada um dêles... Oh! vejam só como está a espada, vejam só!... Êsse maldito comerciante Abdulin sabe muito bem que o Governador está usando uma espada velha e torta e não é capaz de lhe mandar uma nova! Gente sovina, êsses comerciantes! E aposto que cada um dêles já está com sua denunciazinha debaixo do braço!... Que cada guarda pegue uma vassoura e varra conscienciosamente a rua que leva ao hotel, está ouvindo? E toma cuidado... Eu te conheço bem... Você costuma andar com os bolsos cheios de talheres de prata roubados. Não pense que = me engana. A mim ninguém engana. O que você fêz com o comerciante Tchernaiév, hein? Tchernaiév te deu alguns metros de pano para que você fizesse um uniforme e você lhe roubou a peça tôda, desgraçado! Você se cuide! Não vá querer mais do que é permitido à sua hierarquia. Vai!

(ENTRA O CHEFE DA POLÍCIA).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0415, p. 33

DPF Fls. N.º 28 Rubrica

GOVERNADOR - Ah!... Graças a Deus, Stepán Ilich, onde = andou metido!

CHEFE DE POLÍCIA - Pertinho daqui.

GOVERNADOR - Ouça Stepán Ilich. O Inspetor de São Peters burgo já chegou. Está na cidade. Que medidas foram tomadas?

CHEFE DE POLÍCIA - As que o senhor indicou. Mandei o sargento Púgovitzin com um grupo de guardas varrerem as ruas.

GOVERNADOR - E Derzhimorda onde está?

CHEFE DE POLÍCIA - Saiu para apagar um incêndio.

GOVERNADOR - E Prókhorov está bêbado?

CHEFE DE POLÍCIA - Bêbado.

GOVERNADOR - E quem permitiu isso?

CHEFE DE POLÍCIA - Sabe-se lá! Ontem, houve uma briga fora da cidade. Prókhorov foi para o local a fim de restabelecer a ordem. Voltou bêbado.

GOVERNADOR - Pois então, veja o que tem a fazer: chame o sargento Púgovitzin e mande-o ficar bem no meio da ponte. Êle é bastante alto e causará uma ótima impressão. Mande imediatamente derrubar aquela cêrca velha da casa do = sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, para dar a impressão que se está construindo. Quanto mais obras públicas existam, mais se nota a atividade do governador. Ai, meu Deus, agora me lembro! Junto à cêrca há um montão de lixo que daria para encher quarenta carroças. Cidade desgraçada! É bastante levantar um monumento ou uma simples cêrca para que imediatamente joguem um monte de lixo em volta! (SUSPIRA). E se o inspetor que acaba de chegar perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder: "Contentíssimos, Excelência". E aquêle que não estiver contente, vai ter = razões de sobra depois para não estar. Ai, pobre de mim, pecador, pecador! (EM LUGAR DO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.34

DPF DCDP Fls. N.º 29 Rubrica

- CHAPÉU, PEGA A CAIXA DE PAPELÃO). Fazei = com que isso tudo termine logo, Deus meu, e vos oferecerei uma vela tão grande como ninguém jamais viu. E obrigarei que cada um dêsses estúpidos comerciantes me mande dez quilos de cêra. Ah, meu Deus, meu Deus. A caminho, Pedro Ivánovitch. (EM LUGAR DO CHAPÉU QUER COLOCAR NA CABEÇA A CAIXA DE PAPELÃO).

CHEFE DE POLÍCIA - Anton Antónovitch, isso é uma caixa, não é um chapéu.

GOVERNADOR - (OLHANDO A CAIXA). Uma caixa? Diabo!! Ah, e se perguntarem porque não reconstruímos a capela do hospital com a subscrição das caixas de caridade feita a alguns anos atrás, não se esquecem de dizer que começamos a reconstrução, mas que a capela pegou fogo. Sôbre isso eu já apresentei um relatório. Não se esqueça, porque, se não, pode aparecer por aí algum imbecil que irrefletidamente afirme que as obras nem mesmo começaram. E = diga a Derzhimorda que contenha um pouco os punhos: para pôr ordem êle costuma esmurrar o ôlho de todo mundo, culpado ou inocente. Vamos, vamos Pedro Ivánovitch. (FINGE QUE = SAI, MAS NÃO SAI). Ah, e não deixe que os = soldados saiam de cuecas para a rua como êles costumam fazer. Às vêzes êsses marotos põem a túnica em cima do corpo e saem sem = nada por baixo. (TODOS SAEM).

(ENTRAM ANA ANDREIEVNA E MARIA ANTÓNOVNA).

ANA - Onde é que êles estão? (ABRINDO A PORTA). Meu marido! Antôniozinho, Antôniozinho! Antocha! (FALANDO COM RAPIDEZ). Você é que é a culpada, a culpada de tudo! "Um alfinête, um lencinho!" Não havia jeito de terminar de se arrumar. (VAI ATÉ À JANELA E GRITA). Antônio, onde é que você vai? Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Que inspetor? Tem bigodes? Que bigodes?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.35-35,

DPF DCDP Fls. N.º 30 Rubrica

GOVERNADOR - (FORA). Agora não posso responder!... Mais tarde, meu bem, mais tarde!

ANA - Mais tarde?... Olha só como é que você está vestido! Não quero saber dessa história de ficar esperando. Basta que você responda isso: quem é o forasteiro? Coronel, hein? (COM RAIVA). Foi embora. Eu nunca hei de me esquecer dessa cachorrada que êle me fêz! E você é a = culpada de tudo: "mamãezinha! Espera mamãezinha, eu preciso arrumar o cabelo!... Tudo por causa da tua maldita coqueteria!... Bastou ouvir dizer que tinha chegado o chefe dos correios para começar a fazer dengues na frente do espelho. Você está crente que êle corre atrás de você, mas êle te faz caretas quando você vira as costas...

MARIA - Que se há de fazer, mamãezinha? De qualquer = forma, dentro de duas horas ficaremos sabendo de tudo.

ANA - Daqui a duas horas? Muitíssimo obrigada. Só = estranho que não tenha passado pela sua cabeça dizer que daqui a um mês saberemos de tudo muito melhor. (CURVA-SE NA JANELA). Eh, Avdótia! Você já sabe se chegou alguém? Não? Estúpida! O Governador te acenou, e daí? Você podia ter perguntado, não é burra?! Não ter a iniciativa de descobrir uma coisa tão simples. É que você anda com a cabeça cheia de besteiras, só pensa em namorados, noivos! Que é que você disse? Êles foram depressa? Por que é que você não foi atrás, bêsta! Corre, corre imediatamente. Pergunta que forasteiro é êsse. Se é elegante, entende? Olha pelo buraco da fechadura e verifica tudo: que olhos tem, se são = prêtos ou não, e volta correndo. Agora, vai = depressa, vai! Vai! Depressa, depressa, depressa...

(CONTINUA GRITANDO ENQUANTO CAI O PANO).

- FIM DO PRIMEIRO ATO -

jfm/TG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.36-

DPF DCDP Fls. N.º 31 Rubrica

S E G U N D O A T O

PEQUENO QUARTO NO HOTEL. UMA CAMA, MESA, MALETA, UM PAR DE BOTAS, ESCÔVA, ETC.

OSSIP - (ESTIRADO NA CAMA DO SEU PATRÃO). Diabo! Que fome que eu tenho! Meu estômago está todo alvoroçado. Parece que tem uma banda militar tocando trombone aqui dentro. Se continuar dêsse = jeito nunca que vamos voltar para casa. Que é que vamos fazer? Há dois meses que saímos de S. Petersburgo. Pelo caminho o pobre diabo do meu patrãozinho perdeu todo o dinheiro jogando baralho. E agora fica sentado por aqui, = quietinho, com o rabo entre as pernas, com a maior cara de pau. Bem que a gente já podia = ter chegado em casa. Mas o gabola tem de se exibir em tudo quanto é lugar! (IMITA). "Ossip, procura o melhor quarto do hotel e para mim = escolhe a melhor comida. Não suporto um mau almôço. Tenho uma absoluta necessidade do que há de melhor". Se fôsse um alto funcionário, vá = lá! Mas não passa de um escriturâriozinho à-tôa. Mal conheceu um outro viajante mergulhou a cabeça em cima do baralho e aqui estamos nós, a nenhum! Ah já estou farto dessa vida. No campo se vive bem melhor. Lá não há tanta sociedade, mas pelo menos não se tem tanta preocupação. Basta arrumar uma boa mulher, e deixar a vida correndo, junto do quentinho do forno, comendo pastèizinhos. Claro que a vida em S. Petersburgo pode ser melhor, quando há dinheiro. Aí então sim. Pode-se levar uma grande vida, = refinada... Existem teatros, política, dança = de cachorros, tudo que a gente quer. Lá se fala uma linguagem até mais florida que a dos nobres. Quando se vai às compras, os comerciantes gritam saudações logo que a gente aparece na porta: "Excelentíssimo!" Quando a gente tem de atravessar o rio e pega a barca, a gente se sen

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.37
37

DPF
DCDP
Fls. N.º 32
Rubrica

- ta ao lado de um alto funcionário público. = Quando se está aborrecido, basta entrar num botequim; e ali, algum cavalheiro nos conta feitos heróicos e nos explica o significado de cada estrêla do céu. De modo que as coisas ficam tão claras como se estivessem na palma de nossa mão. E às vêzes entra alguma velha acompanhando uma menina donzela e aí então, ai, ai, ai... (RI, BALANÇA A CABEÇA). Lá as pessoas = são tratadas como se fôssem aristocratas. Não se ouve nunca uma só palavra descortês. A mim me chamam sempre de "excelência". Se me aborreço quando estou andando a pé tomo uma carruagem e me passeio como um grande senhor. E se não quero pagar o cocheiro, não pago. Afinal tôdas as casas têm duas portas, uma na frente e outra nos fundos. E se não estiverem satisfeitos comigo que me aticem um cachorro em cima. Só tem uma coisa ruim: às vêzes se come = como um príncipe, outras vêzes se arrebenta de fome; como agora! E o patrãozinho é que tem a culpa de tudo. Que é que se pode fazer com êle? O pai lhe manda dinheiro, bastaria ter um pouco de cuidado, mas qual! Só anda de carruagem, vai todo dia ao teatro, e antes do fim da semana me manda empenhar a casaca nova. Às vêzes, empenha até a última camisa e fica só com a roupa de baixo e o capote. Puxa vida! E pensar que suas roupas são de um pano tão bom! Tudo de casimira inglêsa. Só a casaca vale mais de cento e cinqüenta rublos. E lhe dão menos de vinte por ela, e pelas calças é bom nem falar, lhe dão uma ninharia. E tudo isso por quê? Porque não leva nada a sério. Em lugar de se dedicar ao trabalho, gasta todo o tempo passeando pela Avenida Nevski e jogando baralho. Ah! Se o velho patrão soubesse disso!... Mesmo sendo um funcionário público, meu anjinho, êle te faria as calças e te daria umas bôas palmadas, = dessas que obrigam a ficar quatro dias de cama. Um funcionário é um funcionário, que diabo! E

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-38.
18

DPF
D...DB
Fls. N.° 33
Rubrica

- agora o hoteleiro diz que não vai dar mais nada prá gente comer enquanto não se pagar a conta! E com que dinheiro vamos pagar? Ah, meu = Deus! Se pelo menos me dessem uma sopa de aveia. Eu estou com tanta fome que tenho a impressão de poder engolir o mundo inteiro sem mantisgar. Estão batendo, deve ser êle!

(LEVANTA-SE PRECIPITADAMENTE DA CAMA). (ENTRA KHLESTAKOV).

KHLESTAKOV - Segura! (DÁ-LHE O CHAPÉU E A BENGALA). Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP - E pra que eu iria me espojar? Pensa que eu nunca vi uma cama na minha vida?

KHLESTAKOV - Você está mentindo. Você se deitou. Olha só, está tôda desarrumada.

OSSIP - Pra que eu preciso de sua cama? Pensa que eu não sei o que é uma cama? Eu tenho pernas, posso ficar de pé! Pra que eu iria querer sua cama?

KHLESTAKOV - (PASSEIA PELO QUARTO). Acabou o fumo?

OSSIP - E como não haveria de acabar? Faz mais de quatro dias que o senhor fumou o pouco que ainda tinha!

KHLESTAKOV - (PASSEIA E MORDE CAPRICHOSAMENTE OS LÁBIOS. POR FIM, DIZ COM VOZ SONORA E TOM DECIDIDO:) Escuta! eh, Ossip!

OSSIP - Que foi?

KHLESTAKOV - (COM VOZ MUITO MENOS SONORA E MENOS DECIDIDO). Vai lá!

OSSIP - Lá aonde?

KHLESTAKOV - (COM VOZ MUITO MENOS SONORA NA QUAL NÃO SE DISTINGUE A MENOR DECISÃO E SE PERCEBE ALGUMA COISA MUITO PRÓXIMA A UMA SÚPLICA). Lá em baixo na cozinha. Vai lá e diz pra êles o seguinte: diz que eu preciso almoçar.

OSSIP - Não, eu não quero ir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.39.

DPF
DCDP
Fls. N.º 34
Rubrica

KHLESTAKOV - Como é que você se atreve a me responder = assim, estúpido!

OSSIP - Eu me atrevo porque me atrevo. De qualquer forma, mesmo que eu fôsse, não iria adiantar nada. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KHLESTAKOV - Mas por que não? Isso é um absurdo!

OSSIP - E êle disse mais ainda. Disse que vai fazer uma denúncia ao governador. Há mais de três semanas que estamos aqui, e o senhor ainda não lhe pagou nada. "Você e o seu amo - disse êle - são uns bons malandros. E êsse seu amo é um charlatão. Já vi muitos pícaros e sem vergonhas dessa laia" - disse êle.

KHLESTAKOV - E você se alegra em repetir isso que êle = disse, minha bêsta!?

OSSIP - E êle disse mais ainda: "Dêsse jeito, qualquer um pode viver como um príncipe e ficar cheio de dívidas. E nem ao menos podemos mandá-los embora antes que paguem. Mas comigo não tem = disso, não. Eu vou direto fazer a denúncia para que êle vá logo para a cadeia!"

KHLESTAKOV - Chega, chega, idiota! Cala a bôca. Faz o = que eu mando! Que animal, que bruto!

OSSIP - É melhor que eu chame o hoteleiro e êle mesmo venha aqui falar com o senhor.

KHLESTAKOV - Pra quê? Vai lá você. Você pode falar com êle sòzinho.

OSSIP - Mas eu acho que é melhor o senhor falar.

KHLESTAKOV - Vá, vá pro diabo que te carregue! Chama êsse hoteleiro. (SAI OSSIP).

KHLESTAKOV - (SÒZINHO). Estou morto de fome! Dei um passeio para ver se perdia o apetite, e nada - que diabo, não tem jeito! Se não fôsse aquela maldita farra em Penza, o dinheiro = dava pelo menos para chegar até em casa. Aquêle capitão de infantaria me roubou sem

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, e. 40 V10

DPF DCDP Fls. N.º 35 Rubrica

- piedade. Que maneira estranha que êle tinha de produzir azes. Que bárbaro! Em quinze minutos me deixou pelado no meio da rua. Mas mesmo assim eu estou louco para tornar a jogar com êle. O que eu não tenho é sorte! Cidadezinha chata!... Nem vender fiado êles = querem. Que gente canalha! (ASSOBIA OS PRIMEIROS COMPASSOS DE "ROBERTO E O DIABO", UMA CANÇÃO NA MODA E LOGO UMA MÚSICA QUALQUER). Pelo visto ninguém quer conversar comigo.

(ENTRA OSSIP E O CRIADO DO HOTEL).

CRIADO - O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KHLESTAKOV - Oh, irmãozinho, como é que você vai?

CRIADO - Bem, graças a Deus!

KHLESTAKOV - E... como é que vai o hotel? Nada de nôvo? Vai tudo em ordem? Tudo bem?

CRIADO - Sim, graças a Deus, tudo bem.

KHLESTAKOV - Muitos hóspedes?

CRIADO - Sim, bastante.

KHLESTAKOV - Que bom!... Ouve, meu querido. Até agora, = sabe, até agora não me trouxeram o almôço. E eu queria pedir a você, que você me fizesse o favor de dizer para êles mandarem depressa. Porque depois do almôço eu tenho muito que fazer, você compreende?

CRIADO - O patrão disse que não vai dar mais nada para o senhor comer. E hoje êle estava querendo ir se queixar com o governador.

KHLESTAKOV - Mas se queixar por quê? Você é inteligente, meu querido, e você compreende que eu preciso comer. Se eu não como, emagreço e até posso desmaiar. Eu tenho muita vontade de comer. Estou falando sério.

CRIADO - Eu sei, mas o patrão disse: "Eu não lhe darei de comer enquanto não me pagar o que me deve!" Foi isso que êle disse.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.91

DPF DCDP Fls. N.º 36 Rubrica

KHLESTAKOV - Mas você precisa fazer com que êle volte a si e raciocine. Você tem de convencê-lo.

CRIADO - O que é que o senhor quer que eu diga?

KHLESTAKOV - Que você o faça entender uma vez por tôdas que eu preciso comer. Dinheiro? Dinheiro é apenas dinheiro, isso já é outra coisa. O seu patrão pensa que porque êle é um campônes que pode passar uma semana sem comer = que os outros podem fazer o mesmo? Não, as coisas não são assim.

CRIADO - Eu vou falar com êle. (SAEM OS DOIS).

KHLESTAKOV - (SÒZINHO). As coisas vão acabar pretejando se êle resolver não mandar mesmo. Nunca tive tanta fome. Talvez fôsse bom vender alguma roupa. As calças, por exemplo. Não, = não. É melhor passar fome, desde que eu chegue em casa com meu terno de São Petersburgo. Pena que o Joaquim não me alugou a carruagem. Seria fabuloso poder voltar para = casa de carruagem e visitar como um magnata, algum rico fazendeiro vizinho. Chegar diante de sua porta com os faróis acesos, e Ossip sentado na boléia, de libré... vermelha. Ai, que alvorôço! "Quem é?..." "Que se passa?" (INTERPRETANDO O LACAIO). Então entraria o lacaio e diria: "Ivan Alexándrovich Khlestakov, de São Petersburgo, deseja ser recebido". Êsses pobres diabos provincianos aí não sabem nem ao menos o que quer dizer "deseja ser recebido". Quando = algum rico fazendeiro faz uma visita, êsses ursos vão se esconder no quarto. Mas mesmo assim, a melhor coisa do mundo é se aproximar de uma das lindas filhas que êles tem e dizer "Senhorita, eu..." (FAZ UMA REVERÊNCIA COM AR ELEGANTE). Ah, Diabo!... (COSPE) Tenho tanta fome que sinto até náuseas! = (GEME).

(ENTRAM OSSIP E O CRIADO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412 p. 42.

DPF DCDP 24 Fls. N.º 37 Rubrica

KHLESTAKOV - E então?

OSSIP - O almôço vem aí!

KHLESTAKOV - (BATENDO PALMAS DE ALEGRIA E LEVANTANDO-SE DE UM SALTO DA CAMA). O almôço! O almôço! O almôço!

CRIADO - (TRAZENDO PRATOS E UM GUARDANAPO). O patrão mandou avisar que esta é a última vez.

KHLESTAKOV - Teu patrão... teu patrão? Bem que teu patrão vá pro diabo que o carregue! O que é que = você trouxe?

CRIADO - Sopa e carne cozida. A da sopa.

KHLESTAKOV - Ouvi bem, só dois pratos?

CRIADO - Só dois pratos.

KHLESTAKOV - Que absurdo! Só isso eu me recuso a aceitar. Vai dizer a teu patrão que isso me parece = extremamente ridículo. É muito pouco!

CRIADO - O meu patrão acha que é até demais.

KHLESTAKOV - E por que não veio sobremesa?

CRIADO - Não tem sobremesa.

KHLESTAKOV - Mas como não tem? Quando passei pela cozinha vi que estavam preparando a sobremesa! E hoje de manhã no restaurante, eu vi dois indivíduos baixinhos comendo salmão e outras comidas.

CRIADO - Bem, essas comidas existem e não existem.

KHLESTAKOV - Como não existem?

CRIADO - Pois não existem.

KHLESTAKOV - E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO - Isso é para as pessoas decentes.

KHLESTAKOV - Imbecil.

CRIADO - Sim, senhor.

KHLESTAKOV - Porco.

CRIADO - Certo.

KHLESTAKOV - Como é que se explica que êles comam e eu =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0412,p.43.
V3

DPF
Fls. N.º 38
Rubrica

- não posso? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO - Claro que não.

KHLESTAKOV - Que é que são êles?

CRIADO - Gente que paga.

KHLESTAKOV - Não vou discutir com você. Imbecil, idiota. (SERVE-SE DE SOPA E COME). Que sopa é essa? Foi feito com água podre! Não tem gôsto nenhum e cheira mal. Não quero essa sopa. Me dá outra.

CRIADO - O patrão disse. Se êle não quiser, traz de volta.

KHLESTAKOV - (DEFENDENDO A COMIDA COM AS MÃOS). Bem, já que está aí mesmo. Pode ir embora, seu tonto. Está acostumado a tratar assim com os outros mas eu sou diferente, meu irmão. Eu não te aconselho a falar assim comigo, não. (COME). Deus do céu, que porcaria de sopa. (CONTINUA COMENDO). Eu acho que nunca ninguém = conseguiu comer uma sopa igual a essa. Olha aí, em lugar de gordura, as penas é que sobrenadam. De que será que morreu essa galinha?! Me dá a carne. Ossip, sobrou sopra, = vai comendo. (CORTA A CARNE). Que carne é essa? Isso não é carne.

CRIADO - E o que é então?

KHLESTAKOV - O que é eu não sei. Mas carne é que não é. É um machado frito! Ladrões, canalhas! Isso é lá coisa que se dê de comer à gente honesta? Não se pode nem morder que dói o queixo. (PALITA OS DENTES COM O DEDO). Bandidos. Parece até que comi madeira, não sai dos dentes, ó! Depois que se come um prato dêsses a gente fica com os dentes prêtos. Miseráveis. (LIMPANDO A BÔCA COM O GUARDANAPO). = Não tem mais nada?

CRIADO - Não.

KHLESTAKOV - Canalhas desalmados! Se pelo menos tivessem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.44.

DPF D. DB Fls. N.º 39 Rubrica

- pôsto algum môlho, um pedacinho de pastel. Vagabundos! A única coisa que sabem fazer é tirar a pele dos hóspedes. (O CRIADO TIRA A MESA COM DIGNIDADE E LEVA OS PRATOS = EM COMPANHIA DE OSSIP). Eu tenho a impressão de que não comi nada. Serviu só para = me abrir o apetite. Se eu tivesse algum dinheirinho mandava comprar um pãozinho no mercado...

OSSIP - (ENTRANDO). Eu não sei pra que, mas o governador acaba de chegar. Mandou perguntar pelo senhor.

KHLESTAKOV - Pô!... Êsse cadelão do hoteleiro já foi me intrigar com o governador! Será que êles = vão querer me prender? Bem, se êles me prenderem com decência eu talvez... Não, não, não quero... Eu estou dando em cima de uma menina aí, filha de um negociante. Nessa cidade moram muitos oficiais. Não, não quero. Mas o que é que êle pensa que é? Como é que êle se atreve? Está pensando que pode me tratar como se eu fôsse um negociante ou um artesão qualquer? (ENCHENDO-SE DE BRIOS E LEVANTANDO-SE). Eu vou lhe dizer com tôda a coragem, sem rodeios, bem na cara: como é = que o senhor se atreve? Como é que o senhor...

(A PORTA SE ABRE E KHLESTAKOV EMPALIDECE E SE ENCOLHE. ENTRA O GOVERNADOR E SE DETÉM. AO SEU LADO DOBCHINSKI. OS DOIS OLHAM ASSUSTADOS, COM AS PUPILAS DILATADAS PELO TERROR).

GOVERNADOR - (REFAZENDO-SE DO SUSTO PERFILANDO-SE). Minhas saudações e meus menhores augúrios!

KHLESTAKOV - Seu servidor!

GOVERNADOR - Desculpe...

KHLESTAKOV - Não há de quê.

GOVERNADOR - Meu dever como governador dessa cidade é zelar para que não sejam molestados os hóspedes dêste hotel e demais pessoas respeitáveis que por aqui dão a honra de passar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.45.

DPF DCDP Fls. N.º 40 Rubrica

KHLESTAKOV - (COMEÇA GAGUEJANDO, MAS POR FIM CONSEGUE FALAR COM VOZ SONORA E ROTUNDA). O que é... o que é que o senhor quer que eu faça? A... a culpa... a culpa não é minha. Eu juro que vou pagar! (BOBCHINSKI APARECE COM A CABEÇA NA PORTA). A culpa para ser sincero é = tôda dêle. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, ninguém nunca vai descobrir o que êle põe dentro da sopa. Eu fui obrigado a jogar a sopa pela janela. Êle me mata de = fome durante dias seguidos. E o chá que êle serve. Tem cheiro de peixe! Por que que eu havia de... Ora, essa é muito boa!

GOVERNADOR - (INTIMIDADO). O senhor me perdoe, mas na = verdade a culpa também não é minha. A carne no meu mercado é sempre muito boa! Os comerciantes que vendem carne em nossa cidade = são gente que não bebe e de ótima conduta moral. Francamente eu não sei onde o hoteleiro vai buscar essa carne podre que êle serve. E se na cidade há outra coisa de anormal, não é do meu conhecimento. Eu só peço que o senhor me permita convidá-lo a se mudar para outro domicílio.

KHLESTAKOV - Não, eu não quero. Eu sei muito bem o que = significa êsse outro domicílio. O senhor está se referindo à cadeia. Mas com que direito o senhor me propõe uma coisa dessas? Como é que o senhor se atreve. Eu sou um alto funcionário de São Petersburgo. (ANIMANDO-SE). Eu... eu... eu...

GOVERNADOR - Meu Deus, como está nervoso! Já deve saber de tudo. Êsses malditos comerciantes já lhe contaram tudo.

KHLESTAKOV - (TORNANDO-SE VALENTE). Mesmo que o senhor venha me buscar aqui com todos os seus guardas e soldados, não irei! Vou me queixar ao Ministro! (DÁ UM SÔCO NA MESA). Como é que se atreve? Como é que o senhor se atreve?

GOVERNADOR - (PERFILANDO-SE E TREMENDO DA CABEÇA AOS PÉS).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0913, p. 46.

DPF DCDP Fls. N.º 41 Rubrica

- Tenha piedade, não me desgrace! Eu tenho = mulher e filhos pequenos! Não faça um homem ser infeliz para o resto da vida!

KHLESTAKOV - Não, eu não quero. Onde é que já se viu? E a mim o que é que me interessa? Só porque o senhor tem mulher e filhos eu devo parar na cadeia? Muito bonito! (BOBCHINSKI MOSTRA A CABEÇA COM AR ASSUSTADO E TORNA A DESAPARECER). Não, muito obrigado, mas não quero!

GOVERNADOR - (TREMENDO). Tudo isso aconteceu por inexperiência! Eu juro, foi por simples inexperiência! O senhor deve compreender. O salário que o govêrno paga não dá nem para o chá e o açúcar. Se houve subôrno foi por uma ninharia. Alguma coisa para a mesa, um cortezinho de pano para se fazer uma roupa. E = quanto a êsses boatos de que eu mandei açoitar a viúva do subtenente, aquela que faz = contrabando, isso é uma calúnia! Juro por = Deus! Uma calúnia. Pura invenção dêsses desalmados que me perseguem. São tão perversos que seriam capazes de me enterrar vivo!

KHLESTAKOV - E eu com isso? Eu não tenho nada a ver com essa gente! (MEDITATIVO). Eu não estou entendendo porque o senhor me fala dêsses malvados e de não sei qual viúva, de não sei qual subtenente. Que o senhor mande surrar a viúva do subtenente, está bem, eu não tenho nada a ver com isso. Mas a mim, não! Eu vou pagar. Vou pagar tudo que eu devo. Mas assim, de imediato, eu não tenho dinheiro. É justamente por isso é que estou aqui, nesse hotel. Porque não tenho dinheiro!

GOVERNADOR - (À PARTE). Vejam só como êle é esperto. A = gente fica até sem saber como começar. Rapo são! Aconteça o que acontecer, vou tentar. (EM VOZ ALTA). Se o senhor realmente necessita de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar os turistas que visitam êsse povoado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 47

DPF DCDP Fls. N.º 42 Rubrica

KHLESTAKOV - Sim, necessito. Um empréstimo virá em boa hora. Se o senhor me emprestar o dinheiro já, eu pago a conta imediatamente. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos, até menos.

GOVERNADOR - (DANDO-LHE O DINHEIRO). Duzentos certinhos, não precisa nem contar.

KHLESTAKOV - (RECEBENDO O DINHEIRO). Agradecidíssimo. Assim que voltar para casa, mandarei pagar. = Foi um imprevisto. Mas agora eu vejo que o senhor é um homem bem nascido, e tudo muda de figura.

GOVERNADOR - (À PARTE). Menos mal, menos mal. Aceitou o dinheiro. Graças a Deus! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos, dei-lhe quatrocentos rublos.

KHLESTAKOV - (CHAMANDO). Ossip! (ENTRA OSSIP). Chama o criado! (AO GOVERNADOR E DOBCHINSKI). Por que estão de pé? Por favor, sentem-se! Sentem-se, por favor.

GOVERNADOR - Estamos bem de pé, não se preocupe!

KHLESTAKOV - Eu peço que se sentem. (AO GOVERNADOR). Agora eu posso ver bem a sinceridade do seu caráter e a bondade do seu coração. E eu que pensava que o senhor tinha vindo aqui só para me levar pra... (A DOBCHINSKI). Sente-se.

(O GOVERNADOR E DOBCHINSKI SE SENTAM. BOBCHINSKI APARECE ESPIANDO).

GOVERNADOR - (À PARTE). É preciso ser mais audacioso, êle quer continuar incógnito. Eu também sei fingir. Vou fazer de conta que não sei quem êle é. Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, em companhia aqui do presente Pedro Ivánovitch Dobchinski, fazendeiro local, quando entramos "ex-professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os turistas. Porque eu não sou um dêsses governadores que não se importam com nada. Muito além

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, [illegible] 48

DPF DCDP Fls. N.º 43 Rubrica

- do meu dever, por simples espírito cristão e de humanidade, quero que todos os mortais sejam aqui bem recebidos. E eis que, como recompensa divina, a fortuna me fêz travar uma amizade tão agradável!

KHLESTAKOV - Também eu estou muito contente. Se não fôsse o senhor eu ia acabar ficando nesta cidadezinha o resto da vida. Francamente eu não sabia o que fazer para pagar minha conta.

GOVERNADOR - Sei, sei. Vem com essa, vem! (ALTO). Se não fôr demasiada indiscrição, poderia perguntar para onde se dirige?

KHLESTAKOV - Vou à província de Saratóv, onde minha família tem uma fazenda.

GOVERNADOR - (À PARTE, COM AR IRÔNICO). Província de Saratóv! E nem fica vermelho com a mentira. Com êsse é preciso tomar muito cuidado. (ALTO). Que ótima idéia! Suponho que o senhor viaje apenas para se distrair, não é verdade?

KHLESTAKOV - Não. Meu pai mandou me chamar. O velho está um tanto aborrecido porque até agora não progredi muito na administração pública lá em São Petersburgo. Êle pensava que assim que eu pusesse os pés na capital êles me pendurariam uma medalha no peito!... Minha vontade é que êle fôsse fazer uma peregrinação = pelas repartições do govêrno para ver o que é bom!

GOVERNADOR - (À PARTE). Mas que histórias êle inventa. Até um velho pai já entrou na dança. (ALTO). E o senhor ficará fora durante muito tempo?

KHLESTAKOV - Francamente, não sei. Meu pai é tolo e teimoso. É um velho caduco. Assim que eu chegar em casa vou dizer logo para êle: não posso viver longe de São Petersburgo!! E para falar sério como é que eu vou estragar minha vida vivendo no meio dêsses camponeses? Ago

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413 p.49.

DPF DCDP Fls. N.º 44 Rubrica

- ra, tenho outras necessidades espirituais. Minha alma tem sêde de saber!

GOVERNADOR - (À PARTE). Êle é formidável, vira, mexe mas não cai! Eu vou te obrigar a soltar a língua. (EM VOZ ALTA). A sua observação é muito exata. Não é possível fazer nada nessas solidões. Êste povoado, por exemplo. Passo a noite trabalhando para o bem da Pátria. Sacrifico-me sem regatear esforços. Mas o meu prêmio quando virá? (PASSA OS OLHOS PELO QUARTO). Êste quarto é um pouco úmido, não é?

KHLESTAKOV - Detestável! Se fôsse só a umidade não era = nada, mas tem percevejos como nunca vi na = vida. Mordem como cães!

GOVERNADOR - É incrível! Um turista tão culto, ser obrigado a sofrer tais desgraças. E por culpa de quem? Por culpa dêsses miseráveis percevejos que nem deviam ter nascido. Eu tenho a impressão que aqui nem ao menos há luz, não é verdade?

KHLESTAKOV - Escuríssimo, escuríssimo! O hoteleiro já se habituou a não mandar velas. Às vezes eu tenho vontade de fazer alguma coisa, ler, por exemplo. Ou então, a fantasia quer criar, = mas a escuridão é tão grande!

GOVERNADOR - Se eu tivesse a ousadia de lhe pedir... Mas não, não sou digno de tanta honra!

KHLESTAKOV - Mas a quê o senhor se refere?

GOVERNADOR - Não, não. Eu não mereço, não sou digno...

KHLESTAKOV - Sei, mas fale assim mesmo!

GOVERNADOR - Se eu tivesse o atrevimento... Em minha casa eu lhe poderia oferecer um formoso quarto, com muita luz, tranqüilo. Mas não. Eu = compreendo que seria uma honra demasiada. Não se aborreça pelo amor de Deus. Se eu ou sei é porque sou todo coração!...

KHLESTAKOV - Mas por que não? Eu terei imenso gôsto. Cla

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.50
DPF DCDP 32 Fls. N.º 95 Rubrica

- ro que eu me sentirei mais à vontade em = qualquer casa particular do que na porcaria dêsse hotel.

GOVERNADOR - Que alegria o senhor me dá! E nem quero imaginar a satisfação da minha mulher. Êsse é um velho costume meu. Sou hospitaleiro = desde criança. Sobretudo quando o hóspede é uma pessoa culta. Não pense que falo para lisongeá-lo, não tenho êsse vício. O que sou, é todo coração.

KHLESTAKOV - Muito obrigado. A mim também não agradam os hipócritas. Gosto muito de sua franqueza e de sua bondade e confesso que isso basta. A fidelidade e o respeito. O respeito e a fidelidade.

(ENTRA O CRIADO ACOMPANHADO POR OSSIP)

CRIADO - O senhor chamou?

KHLESTAKOV - Chamei. Traz a conta.

CRIADO - Já trouxe.

KHLESTAKOV - Não me lembro das tuas contas estúpidas. Fala. Quanto é que eu devo?

CRIADO - O senhor pediu almôço logo no dia de sua chegada. No dia seguinte comeu salmão, e desde então nunca mais pagou coisa nenhuma.

KHLESTAKOV - Imbecil! Agora é que te deu essa vontade de ficar fazendo cálculos? Quanto é que eu devo no total?

GOVERNADOR - Não se preocupe, isso pode esperar. (AO CRIADO). Vá embora que o dinheiro já vem.

KHLESTAKOV - Também pode ser assim. (GUARDA O DINHEIRO. O CRIADO SAI. BOBCHINSKI APARECE À PORTA).

GOVERNADOR - O senhor não gostaria de visitar agora alguns estabelecimentos da nossa cidade? O hospital, por exemplo?

KHLESTAKOV - Mas pra quê?

GOVERNADOR - Bem, para ver como administramos a coisa pú

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p-51

DPF DCDP Fls. N.º 46 Rubrica

- blica. A ordem que reina aqui.

KHLESTAKOV - Bom, com muito gôsto. Estou à sua disposição. (BOBCHINSKI TORNA A MOSTRAR A CABEÇA).

GOVERNADOR - E depois, se desejar, podemos visitar a escola para ver como educamos a mocidade.

KHLESTAKOV - Como não, como não?

GOVERNADOR - Depois, visitaremos a prisão e o senhor verá como vivem os presos.

KHLESTAKOV - A prisão? Não, pra quê? Prefiro o Hospital...

GOVERNADOR - Como queira. Prefere viajar na sua carruagem ou vir comigo no meu carro?

KHLESTAKOV - Prefiro viajar com o senhor.

GOVERNADOR - (A DOBCHINSKI). Bem, Pedro Ivánovitch, não sobrou lugar para o senhor.

DOBCHINSKI - Não tem importância, eu vou assim mesmo.

GOVERNADOR - (EM VOZ BAIXA A DOBCHINSKI). Escuta: vai correndo com a vida e a alma e leva essas duas cartas. Uma a Zemlianika, no hospital e a = outra à minha mulher. (A KHLESTAKOV). Posso pedir sua permissão para na sua presença escrever duas linhas à minha espôsa, a fim de que tome tôdas as providências para receber um tão respeitável hóspede?

KHLESTAKOV - Não se preocupe! Mas se o senhor quiser... Aqui há tinta, mas papel é que não sei. Pode usar esta conta.

GOVERNADOR - É, vou escrever aqui mesmo. (ESCREVE ENQUANTO ISSO DIZ PARA SI MESMO). Depois de um bom jantar e de uma boa garrafa de vinho, tudo vai melhorar. Tenho em casa um vinho "madeira" que parece fino, mas é muito enganador. É capaz de derrubar até um elefante. É preciso que eu descubra o que êle é e o que devo temer? (TERMINANDO A CARTA, ENTREGA-A A DOBCHINSKI QUE SE DISPÕE A SAIR, MAS NESSE INSTANTE A PORTA SE DESPRENDE DAS DOBRADIÇAS E BOBCHINSKI QUE ESTÊVE O TEMPO TODO ESCUTAN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 52
52
DPF
DCDP
Fls. N.º 47
Rubrica

- DO DO OUTRO LADO, SE ESPARRAMA SÔBRE ELA NO CHÃO. TODOS PROFEREM EXCLAMAÇÕES. BOB - CHINSKI SE LEVANTA).

KHLESTAKOV - O senhor não se machucou em nenhum lugar?

BOBCHINSKI - Não, não, em absoluto, só machuquei um pouquinho o nariz. Vou procurar o dr. Cristiano, mandarei pôr um emplastro, não há de ser nada. Êle tem uns emplastros maravilhosos que curam com incrível rapidez!

GOVERNADOR - (COM UM GESTO DE REPROVAÇÃO A BOBCHINSKI, DIZ A KHLESTAKOV). Não é nada, podemos ir andando. Eu direi ao seu criado que leve a sua mala. (A OSSIP). Meu amigo, leva tudo à minha casa. À casa do governador. Todo = mundo na cidade sabe onde é. (FAZENDO UM GESTO PARA QUE KHLESTAKOV PASSE). Por favor!... (DEIXA QUE KHLESTAKOV PASSE E O SEGUE DE PERTO MAS VOLTA-SE E DIZ EM TOM DE CENSURA A BOBCHINSKI). Cretino! Não encontrou lugar melhor para cair? Isso lá é maneira de se esparramar no chão? (SAEM TODOS).

- FIM DO SEGUNDO ATO -

jfm/TG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 53
63 / 35.
DPF DCDP Fls. N.º 48 Rubrica

T E R C E I R O A T O

MESMO CENÁRIO DO PRIMEIRO ATO. ANA ANDREIEVNA E MARIA ANTÓVNA ESTÃO JUNTO À JANELA.

ANA - Há mais de uma hora que estamos esperando. E pensar que foi você que com essa sua maldita vaidade nos fêz ficar sem saber de nada. Que chateação! Não passa ninguém. Parece que todo mundo morreu!

MARIA - Eu te asseguro mãezinha, que dentro de dois minutos vamos ficar sabendo de tudo. Avdótia deve chegar a qualquer momento. (OLHA PELA JANELA E GRITA). Ai, mamãezinha, mãezinha! Vem vindo alguém na rua!

ANA - Onde, onde está? Você sempre com suas fantasias. Ah, não, não! Vem alguém sim. Quem será? Baixinho... de fraque... quem será? Como me aborrece não saber! Quem será?

MARIA - É Dobchinski, mãezinha!

ANA - Imagina, se é Dobchinski! Você sempre enxerga aquilo que não vê. Não é Dobchinski nem ninguém parecido. (ACENA COM O LENÇO). Ei, ouça! Aqui! Depressa!

MARIA - É Dobchinski sim, mãezinha!

ANA - Ah, é Dobchinski sim, agora vejo. Mas pra que tanta discussão? (GRITA PELA JANELA). Depressa, depressa! Ande mais rápido! Bem... onde estão êles? Hein? Mas pra que subir, fale daí mesmo, tanto faz. Hein? O forasteiro é muito bravo, é? Hein? E meu marido?... meu marido?! (AFASTANDO SE DA JANELA, ABORRECIDA). Que imbecil, não vai contar nada enquanto não chegar aqui!

(ENTRA DOBCHINSKI)

ANA - Vamos, agora conte, faça o favor! Que vergonha! E eu que confiava no senhor como um homem dece

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.54.
54
DPF DCDP Fls. N.º 49 Rubrica

- te! Mas de repente, todos desaparecem e o senhor com êles. E eu até agora sem saber o que está acontecendo! Não tem vergonha? Sou madrinha dos seus dois filhos e veja só como se comporta comigo!

DOBCHINSKI - Por Deus, comadre, corri tanto para apresentar-lhe meus respeitos que estou sem fôlego!... Uff! Como estám Maria Antóvna?

MARIA - Bom dia, Pedro Ivánovitch!

ANA - Bem... Que se passa? Conte! Que está acontecendo?

DOBCHINSKI - Seu marido mandou-lhe um bilhetinho.

ANA - Está bem. Mas que tal é êle, hein? É um general?

DOBCHINSKI - Não, não é um general. Mas vale tanto quanto um general, tal a sua educação e finura. E se comporta de maneira tão importante!

ANA - Ah! Quer dizer que deve ser o mesmo sôbre o = qual escreveram a seu marido, não é?

DOBCHINSKI - O mesmíssimo. Eu fui o primeiro a descobrir, junto com Pedro Ivánovitch.

ANA - Vamos, conte-me tudinho!

DOBCHINSKI - Graças a Deus, agora tudo vai bem. Mas no início, a verdade é que o visitante recebeu Anton Antónovich com uma certa severidade. Zangou-se, disse que no hotel tudo ia mal, que não iria à casa de Anton Antónovich, e que não queria ir para a cadeia por causa dêle. Mas, depois, descobrindo a inocência de Anton Antónovich e conversando bastante com êle, mudou de idéia e tudo ficou bem, = graças a Deus! Agora foram visitar o hospital... Houve um instante em que Anton Antónovich temeu haver sido denunciado; eu mesmo me assustei um pouco.

ANA - Mas por que haveria o senhor de se assustar? O senhor não é funcionário público!...

DOBCHINSKI - Ah, minha senhora!... Quando fala um homem de tanta importância, a gente sente mêdo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 55.
55
DPF
DCDP
Fls. N.º 50
Rubrica

ANA - Bobagem!... Mas conte-me. Que aspecto tem? É môço ou velho?

DOBCHINSKI - Môço, môço. Deve ter uns vinte e três anos. Mas fala como um velho: "Eu - disse - gosto de ler e escrever, mas neste quarto não há luz".

ANA - E é loiro ou moreno?

DOBCHINSKI - Nem uma coisa nem outra. Cabelos mais para o castanho e um par de olhos agitados que até nos confundem.

ANA - Bem, vamos ver o que escreve o meu marido. = (LENDO). "Apresso-me a comunicar-te, querida, que minha situação era deplorável, mas graças à providência divina, por dois pepinos no vinagre e meia porção de caviar, um rublo e vinte e cinco centavos..." (INTERROMPENDO-SE). = Não entendo nada... o que tem a ver pepino e caviar com a providência divina?

DOBCHINSKI - É que Anton Antónovich escreveu o recado = nas costas de uma conta do hotel. (RI SEM JEITO).

ANA - Ah, claro... (CONTINUA LENDO) "... mas graças à providência divina, parece que tudo acabará bem. Prepara imediatamente o quarto amarelo = para nosso ilustre hóspede. Quanto ao almôço não te preocupes pois comeremos algo no hospital, com Artemi Filípovitch, mas providencia para que haja bastante vinho: diga a Abdúlin que mande do melhor, se não, acabarei com seu armazém. Beijo-te as mãos, querida, do sempre teu, Anton Antónovitch Sovoznik Dmukanovski..." Ai, Deus meu! Preciso andar depressa!... Êi, onde estão todos? Mishka! Mishka!

DOBCHINSKI - (CORRE ATÉ A PORTA E GRITA). Mishka! Mishka! (ENTRA O CRIADO).

ANA - Corre Mishka! Vai ao armazém do Abdúlin e... não, espera. Mandarei um bilhete para êle... (SENTA-SE À MESA PARA ESCREVER ENQUANTO CONTINUA FALAN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 56.
56
DPF
DCDP
Fls. N.º 51
Rubrica

- DO). Dá êsse bilhete para Isidoro, o cocheiro, diz para êle que corra e leve êsse bilhete ao armazém de Abdúlin e que traga o vinho. E tu arruma bem depressa o quarto amarelo para o hóspede. Põe lá cama, bacia e tudo o mais...

DOBCHINSKI - Bem, Ana Andreievna, eu vou correndo ao hospital para ver como anda a inspeção!

ANA - Isso, vá, vá!... Não o prendo! (SAI DOBCHINSKI). Bem, Mashenka, agora temos de nos fazer muito elegantes. Êsse homem vem da capital. Que Deus nos livre e guarde dêle caçoar de nós. Você devia botar aquêle vestido azul. Fica lindo em você!

MARIA - Ah, mãezinha! O azul, não! Eu não gosto! A filha de Liápkin Tiápkin tem um vestido azul, e a filha de Zemlianika também. É melhor que eu vista o estampado!

ANA - O estampado! O que você gosta mesmo é de me contrariar. O azul ficará muito bem em você porque eu quero vestir o côr de laranja que eu adoro!

MARIA - Ah, mãezinha! O côr de laranja não te fica bem!

ANA - Você disse que o côr de laranja não me fica bem?

MARIA - Claro que não. Aposto o que quiser: para usá-lo é preciso ter olhos bem prêtos.

ANA - Essa é boa! Que bobagem que você está dizendo? E eu, por acaso não tenho os olhos prêtos? Os mais prêtos do mundo!

MARIA - Digo-te que não são prêtos, mãezinha!

ANA - Bobagem, besteira, idiotice. Você não sabe o que está dizendo!

(SAI PRECIPITADAMENTE COM MARIA. OUVE-SE SUA VOZ FORA).

ANA - Já se viu uma coisa dessas? Dizer que meus olhos não são prêtos. Essa é muito boa. (QUANDO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 57
57
DPF DCDP Fls. N.º 52 Rubrica

- ELAS SE VÃO, APARECE MISHKA QUE VEM TRAZENDO COM A VASSOURA O LIXO DO QUARTO DE HÓSPEDES. PELA OUTRA PORTA ENTRA OSSIP COM UMA MALA NA CABEÇA).

OSSIP - E agora pra onde é que eu vou?

MISHKA - Por aqui, irmão, por aqui!

OSSIP - Espera um instante. Me deixa respirar! Que vida! Quando a gente está com a barriga vazia, qualquer carga parece pesada!

MISHKA - Me conta, irmão, o general vem logo?

OSSIP - Que general?

MISHKA - Teu patrão, ora essa!

OSSIP - Meu patrão, general?

MISHKA - Por quê, não é general?

OSSIP - Quem?

MISHKA - Teu patrão!...

OSSIP - Ah! sim, general de opereta êle é.

MISHKA - Mas isso é mais ou menos que um general de verdade?

OSSIP - Mais.

MISHKA - Ah, bom. Então é por isso que todo mundo aqui está tão alvoroçado!

OSSIP - Ouve aqui, meu jovem. Pelo que vejo você é um rapaz esperto. Me prepara alguma coisa pra comer!

MISHKA - Pra você, irmão, não temos nada preparado, porque é claro que você não vai querer comer o trivial. É melhor esperar que seu patrão se sente à mesa. Assim você come o mesmo que êle.

OSSIP - E, por curiosidade, quais são os pratos triviais de que vocês dispõem no momento?

MISHKA - Aveia, sopa e torta.

OSSIP - Então, enquanto eu espero o almôço do patrão, pode me trazer aveia, sopa e torta. Não se preocupe, eu como de tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 58.
58
DPF
D. DP
Fls. N.º 53
Rubrica

OSSIP - Bem, vamos levar a maleta. Há outra saída por aqui?

MISHKA - Vamos... (OS DOIS SAEM LEVANDO A MALETA PARA O QUARTO AO LADO. DOIS SOLDADOS ABREM A PORTA PRINCIPAL. ENTRAM KHLESTAKOV, O GOVERNADOR, O DIRETOR DO HOSPITAL, O SUPERVISOR DAS ESCOLAS, DOBCHINSKI E BOBCHINSKI, ÊSSE COM UM EMPLASTRO NO NARIZ. O GOVERNADOR MOSTRA AOS SOLDADOS UM PAPEL QUE ESTÁ NO CHÃO E AMBOS CORREM PARA APANHÁ-LO, EMPURRANDO-SE MÙTUAMENTE).

KHLESTAKOV - Que lindo hospital... Fico satisfeitíssimo que os senhores tenham adquirido o hábito de mostrar aos turistas tudo que vale a pena ser visto nesta cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR - Nos outros lugares, se o senhor me permite, os governadores e demais funcionários só pensam em ganhar dinheiro às custas do erário público. Aqui é o contrário. Só pensamos em merecer a atenção de nossos superiores, pelo nosso labor, trabalho, e abnegação!

KHLESTAKOV - O almôço foi excelente. Comi até encher a barriga. Aqui todos os dias se come assim?

GOVERNADOR - O almôço foi preparado "ex-professo" para tão grado visitante.

KHLESTAKOV - Quero confessar-lhes uma coisa. Eu gosto de comer. Afinal é para isso que se vive: para colhêr tôdas as flôres no jardim do prazer. Como é que se chama mesmo aquêle peixe?

ARTEMI - (APROXIMA-SE CORRENDO E FAZENDO UMA REVERÊNCIA). Bacalhau.

KHLESTAKOV - Bacalhau! É muito saboroso! E onde foi que nós almoçamos? No hospital, não foi?

ARTEMI - Foi lá, sim.

KHLESTAKOV - Ah, agora me lembro, tinha uma porção de ca

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 59.

DPF DCDP Fls. N.° 54 Rubrica

- mas. E os doentes onde estavam? Tive a impressão são que havia uma carência de doentes. Que é que houve, êles se curaram?

ARTEMI - Ficaram uns dez no máximo. Os outros todos já se restabeleceram. Aqui é assim. Desde que eu fui nomeado para o cargo de diretor do hospital - e sei que isso pode parecer incrível - mas todos os doentes se curam, num abrir e fechar de olhos, como môscas. Mal o paciente tem tempo de entrar no hospital e já está curado. E isso não se deve tanto aos remédios, mas sim à honra e à austeridade com que eu dirijo êsse estabelecimento.

GOVERNADOR - Eu só lhe posso dizer que os deveres de um Governador dão uma enorme dor de cabeça. = São tantos assuntos para resolver!... Limpeza pública, conservação das ruas, aumentos do funcionalismo. Numa palavra, o homem mais inteligente se veria em palpos de aranha. Mas graças a Deus tudo vai bem. Um outro Governador, naturalmente só pensaria no seu bem estar. Mas eu não. Mesmo dormindo, meu pensamento está com o povo. Sonho com o povo tôdas as noites. "Meu Deus, como poderei fazer para que meus chefes e superiores vejam todo o meu zêlo e fiquem satisfeitos comigo?" Evidentemente, não sei se serei premiado pela minha dedicação. Isso é uma coisa que depende dêles. Mas, pelo menos, viverei em paz com a minha consciência; se na cidade reina a ordem e a tranquilidade, se as ruas estão bem varridas, se os presos estão devidamente encarcerados e vivem contentes, se os bêbados são poucos, que mais posso eu desejar? Não quero honrarias, embora as honrarias seduzam, porque diante da virtude elas não passam de ouropéis e vaidades!

ARTEMI - (À PARTE). Deus o favoreceu com o dom da eloqüência. Mas êle só a usa para falar bem de si mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 60

DPF DCDP Fls. N.º 355 Rubrica

KHLESTAKOV - Eu às vêzes também gosto de ficar meditando e chego a escrever em prosa, faço até mesmo versinhos.

BOBCHINSKI - (A DOBCHINSKI). Exato, Pedro Ivánovitch, ê le faz algumas observações que... logo se vê que é um homem culto.

KHLESTAKOV - (PARA O GOVERNADOR). Eu queria perguntar u ma coisa. Os senhores não têm por aqui algum passatempo? Por exemplo, reuniões sociais onde se possa jogar cartas?

GOVERNADOR - (À PARTE). Já sei onde é que você quer chegar querido. (EM VOZ ALTA). Livre-nos Deus e guarde! Aqui, nesta cidade, nunca nem se quer ouvimos falar em semelhantes reuniões sociais. Eu, de minha parte, durante tôda minha vida, jamais pus as mãos em uma carta. Não entendo nada disso e nem sei como se joga. Nunca pude olhar um baralho com indiferença. E se por uma casualidade eu chego a ver um rei de copas, um ás de paus, um valete, ou outra carta qualquer - sinto vômitos. Certa vez, para divertir as crianças, fiz um castelo de cartas. Pois bem, durante tôda a noite sonhei com essas figuras malditas. Ao inferno com todos os baralhos! Como é possível perder dêsse modo o nosso tempo tão precioso!

LUCAS - (À PARTE). E êsse sem vergonha, ontem, me ganhou cem rublos.

GOVERNADOR - Prefiro dedicar todo meu tempo ao serviço da Pátria!

KHLESTAKOV - O senhor está exagerando. Tudo isso é relativo. Se por exemplo estou jogando e me falta uma carta para completar uma canastra então naturalmente... para falar francamente, até que um joguinho de vez em quando não vai nada mal!

GOVERNADOR - Bem... (ENTRAM ANA ANDREIEVNA E MARIA ANTÓV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 61

DPF
DCDP
Fls. N.º 56
Rubrica

- NA). Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha espôsa e minha filha...

KHLESTAKOV - (COM UMA REVERÊNCIA). Quão feliz estou, minha senhora, por ter o prazer de fitá-la!

ANA - Somos nós, senhor, que temos o prazer e a honra de receber em nossa casa personagem tão ilustre!

KHLESTAKOV - (JACTANDO-SE). Absolutamente, minha senhora, é exatamente o contrário. A honra é tôda minha!

ANA - Não, não, o senhor fala assim por delicadeza. Sente-se, por favor.

KHLESTAKOV - Estar de pé ao seu lado já é uma felicidade. Que direi então se sentar!... Sinto-me demasiadamente feliz em estar finalmente sentado ao seu lado.

ANA - Por favor. Não me atrevo a crer no que me diz! Imagino que depois de viver na metrópole, esta viagem campestre deve lhe ter sido muito desagradável!

KHLESTAKOV - Extraordinàriamente desagradável. Quando uma pessoa se habitua a viver em sociedade... "comprenez vous"... isso de de repente viajar numa carroça, morar numas espeluncas imundas onde reinam as trevas da ignorância, sofrer a brutalidade dos hoteleiros que não compreendem que um homem precisa comer, é abominável. Mas eis que o acaso me recompensou. Estou sentado ao seu lado.

(KHLESTAKOV ESTÁ OLHANDO ANA DE ALTO A BAIXO NUMA ATITUDE D. JUANESCA).

ANA - Realmente, que maus momentos deve ter passado o senhor!

KHLESTAKOV - De fato, mas sinto-me inteiramente recompensado pelo magnífico momento que vivo agora, ao seu lado!

ANA - Não posso acreditar, o senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.62.

DPF DCDP Fls. N.º 57 Rubrica

KHLESTAKOV - Por que não haveria de merecer? Claro que merece, minha senhora!...

ANA - Eu, uma provinciana?!...

KHLESTAKOV - Mas é na província que se encontram as montanhas, os riachos, os arroios murmurantes. É claro que não se pode comparar uma cidadezinha como essa a São Petersburgo! Ah, = São Petersburgo, que vida! Talvez a senhora pense que eu seja um simples escriturário. Está enganada. O chefe de seção é meu amigo íntimo. Às vêzes me dá uma palmada no ombro e fala assim: "Venha almoçar comigo, meu velho!" - Quase não apareço na repartição. Só vou lá para dar ordens. "Faça-se isso, faça-se aquilo". E nem bem acabo de falar, todos metem a cara nos papéis. Queriam até me nomear secretário do ministro. Mas eu respondi pra quê, que é isso, deixa isso pra lá, não vale a pena". - O contínuo corre sempre atrás de mim, com uma escôva na = mão e diz: "Excelência, quero ter a honra = de engraxar suas botas! (AO GOVERNADOR). Por que é que os senhores estão de pé? Tenham a bondade de sentar!

GOVERNADOR - Diante de tanta hierarquia é mais digno ficar de pé!

ARTEMI - (AO MESMO TEMPO). É melhor ficar de pé.

LUCAS - (AO MESMO TEMPO). Não se preocupe.

KHLESTAKOV - Deixemos de lado a hierarquia. Eu peço que se sentem. (O GOVERNADOR E OS DEMAIS SE SENTAM). Não gosto de tanta cerimônia. Pelo = contrário, prefiro até não ser notado. Mas no meu caso, é impossível passar despercebido. Em qualquer lugar que eu vá ouço sempre dizer: "Olha quem está aí! Ivan Alexándrovich!" Uma vez até me confundiram com o marechal. E os soldados vieram correndo dos quartéis para me apresentar armas. Mais tarde o comandante, que é muito meu amigo, ex

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.63.

DPF
DCDP
Fls. N.° 38
Rubrica

- - plicou tudo: "Pois é, meu irmão, nós confundimos você com o Marechal!"

ANA - Não me diga!

KHLESTAKOV - E tem mais. Eu também conheço muitas atrizes lindas. Já escrevi até alguns "vaudevilles". Vocês compreendem, não é? Eu me encontro freqüentemente com os literatos. Sou = amigo pessoal de Pushkin. Às vêzes eu digo a êle: "Como é Pushkinzinho, meu irmão?" E êle me responde: "Estamos aí, vamos levando". É um indivíduo muito original.

ANA - Então, o senhor também escreve. Como deve ser agradável! Certamente o senhor publica os seus artigos nas revistas!

KHLESTAKOV - Freqüentemente. Já escrevi muita coisa, boa: "BODAS DE FÍGARO"; "FEDRA", "TARTUFO", já nem me lembro mais direito. Foi tudo obra do acaso. Eu nem tinha vontade de escrever, mas a direção artística do teatro me dizia: "Por favor, irmãozinho, escreva alguma coisa pra gente". - Então eu pensava: "Vamos dar uma alegriazinha pra êles". E numa noite escrevi isso tudo. Êles evidentemente ficaram assombrados. Minha agilidade mental é maravilhosa. Tudo que foi publicado com o pseudônimo de Voltaire, é o (APONTA PARA SI PRÓPRIO)... meu!... "CÂNDIDO", "HELOISA". Numa noite, escrevi isso tudo!

ANA - Ah, então Voltaire é o senhor?

KHLESTAKOV - Claro! Além disso eu corrijo os livros dos outros todos. Diderot, por exemplo, me paga quarenta mil rublos por volume.

ANA - E por acaso "ROMEU E JUELIETA" é também uma obra sua?

KHLESTAKOV - Essa então é a mais conhecida!

ANA - Foi o que eu imaginei!

MARIA - Mas mamãe todo mundo diz que "ROMEU E JULIETA" foi escrita por Shakespeare.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p.64
64
DPF
DCDP
Fls. N.° 59
Rubrica

ANA - Eu tinha certeza que você iria me contradizer!

KHLESTAKOV - Bem, ambas têm razão. Há um segundo "ROMEU E JULIETA" que foi de fato escrito por Shakespeare, mas eu também escrevi o meu.

ANA - Eu li o seu! Por sinal muito bem escrito.

KHLESTAKOV - Eu confesso. Eu vivo da literatura. Minha casa é a melhor de São Petersburgo. É muito = conhecida. Lá só se fala da casa de Ivan Alexándrovich. (VOLTANDO-SE PARA OS OUTROS). = Façam-me o favor, senhores. Quando forem a São Petersburgo não deixem de me visitar. = De vez em quando eu dou um baile...

ANA - Suponho que são bailes suntuosos e de muito bom gôsto!

KHLESTAKOV - Nem queira imaginar. Só para dar um exemplo. Os melões que eu sirvo custam setecentos rublos cada um. A sopa vem diretamente de Paris. Levanta-se a tampa e sai um olor nunca visto. Todos os dias eu vou a bailes. Formamos um quinteto para jogar cartas. O Ministro das Relações Exteriores, o embaixador = francês, o embaixador inglês, o embaixador alemão e eu. Às vêzes a gente até se cansa de tanto jogar. Quando volto para casa, subo os quatro andares e mal tenho fôrças de dizer para a cozinheira: "segura meu capote, Mavra". Mas não! Que besteiras estou dizendo! Eu moro no primeiro andar. Tenho uma escada tão suntuosa que só isso me custou... É muito curioso observar a minha ante-sala um pouco antes de eu me levantar. Condes, duques, barões se empurram e zumbem como um enxame de abelhas... De vez em quando aparece um ministro. (O GOVERNADOR E OS OUTROS INTIMIDADOS SE LEVANTAM). Quando me mandam uma encomenda no sobrescrito êles escrevem: "Para sua excelência". Uma vez fui até chefe = de repartição e logo o diretor geral foi embora... e não se sabe para onde. Naturalmen

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.65.
65
DPF DCDP Fls. N.º 60 Rubrica

- te, começou-se a falar num possível substituto. Muitos generais tentaram ocupar êsse cargo. Mas tiveram de desistir. Era difícil demais. A tarefa parecia simples mas na verdade era uma parada bem difícil. Finalmente vendo que não havia nada mais a fazer, recorreram a mim. Começaram mandando uma legião de emissários, um atrás do outro, um atrás do outro: = "Ivan Alexándrovich, venha dirigir a nossa repartição". Eu confesso que fiquei um pouco desorientado. Recebi-os em "robe de chambre", e ia recusar quando pensei: "o Czar poderá ficar sabendo da minha recusa". Isso seria a única nota destoante da minha fôlha de serviços. = "Bem, senhores, aceito o cargo - disse eu - assim seja. Mas comigo... muito cuidado... muito cuidado... porque eu"... E foi dito e feito, quando entrei na repartição parecia um terremoto. Todos tremiam como fôlhas ao vento. (O GOVERNADOR E OS OUTROS TREMEM DE TERROR. KHLESTAKOV ESTÁ CADA VEZ MAIS AMEAÇADOR). Comigo = nada de brincadeira! Fiz todo mundo entrar na linha. De mim todos têm mêdo. Até o próprio Conselho Imperial. É claro! E por que não? Eu sou assim! Não poupo ninguém. Eu digo a todo mundo. Eu sei quem sou. Vou a todos os lugares. Visito o palácio pelo menos uma vez por dia. E logo, vou ser nomeado para o ministé...

(ESCORREGA E POUCO LHE FALTA PARA CAIR DE BRUÇO NO CHÃO. MAS OS FUNCIONÁRIOS O SEGURAM RESPEITOSAMENTE. O GOVERNADOR APROXIMA-SE DÊLE, TREMENDO DOS PÉS À CABEÇA E FAZ UM GRANDE ESFÔRÇO PARA FALAR).

GOVERNADOR - Exce... Exce... Exce...

KHLESTAKOV - (RÀPIDAMENTE COM VOZ CORTANTE). O que foi?

GOVERNADOR - Exce... Exce... Exce...

KHLESTAKOV - (COM A MESMA VOZ. AMEAÇADOR). Mas que há? Estão ficando loucos? Não estou entendendo mais nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.66. 66 DPF DCDP Fls. N.º 61 Rubrica

GOVERNADOR - Exce... Excelência! Vossa Excelência não = gostaria de descansar um pouco? O quarto está arrumado.

KHLESTAKOV - Descansar? Mas que estupidez! Bem, assim seja. Aceito descansar. O almôço meus senhores estava muito gostoso. Estou contente, contente... (COM ÊNFASE). Bacalhau!... Bacalhau!...

(SAI POR UMA PORTA LATERAL SEGUIDO PELO GOVERNADOR).

BOBCHINSKI - (A DOBCHINSKI). Êsse sim é um homem, Pedro Ivánovich. Aí está o que significa ser um homem. Eu nunca estive na presença de uma personalidade tão importante. Na sua opinião, qual será a patente dêle?

DOBCHINSKI - Não lhe deve faltar muito para ser um general!

BOBCHINSKI - Pois na minha opinião, um general não lhe chega nem aos pés. Mas se é um general, será pelo menos um generalíssimo. E as coisas que êle contou do Conselho Imperial! Venha, vamos depressa contar tudo a Amos Fiodórovich e a Koropkine. Até logo, Ana Andreievna.

DOBCHINSKI - Até logo, comadre!

(SAEM AMBOS).

ARTEMI - (A LUCAS). A verdade é que todos nós estamos com mêdo e nem sabemos de quê. E nem ao menos nos vestimos a rigor. O que será que vai acontecer amanhã quando êle acordar? Se lhe der = na cabeça mandar uma denúncia para São Petersburgo? (SAEM COM AR PENSATIVO, OS DOIS - ARTEMI E LUCAS - DIZENDO). Adeus, minha senhora!

ANA - Que homem agradável!

MARIA - É um encanto!

ANA - Que maneiras tão finas! Logo se vê que é alguém da capital! Adoro jovens assim! Adoro com verdadeira loucura! Eu acho que êle gostou mui

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.67

DPF DCDP Fls. N.º 62 Rubrica

- to de mim. Isso eu pude observar. Não parava de olhar para mim.

MARIA - Ah, mãezinha, era para mim que êle estava olhando!

ANA - Por favor querida, não diga absurdos. Isso é completamente fora de propósito.

MARIA - Eu juro que era pra mim, mãezinha.

ANA - Você não se corrige mesmo! Claro que você tem sempre de discutir comigo! Para que êle iria olhar para você?

MARIA - É verdade, mãezinha, garanto que êle olhou. Quando começou a falar de literatura olhou para mim e, depois, quando estava contando como jogava cartas com os embaixadores, tornou a olhar.

ANA - Bem, é possível que uma vez ou outra êle tenha olhado pra você, só por desfastio! Com certeza êle pensou assim: "Bem deixa eu olhar um pouco para ela também, coitada!"

(ENTRA O GOVERNADOR, NA PONTA DOS PÉS).

GOVERNADOR - Pssiu... Pssiu...

ANA - O que é?

GOVERNADOR - Eu não devia ter deixado êle beber tanto. = Se metade do que êle disse é verdade, estou perdido. E por que não haveria de ser verdade? Quando um homem bebe, diz sempre a verdade. Claro que deve ter mentido um pouco. Mas, sem mentira não pode haver uma boa conversa. Joga cartas com ministros e entra no Palácio quando quer. Quanto mais penso nisso, maior o caos na minha cabeça!

ANA - Pois êle não me intimidou nem um pouco. Nêle eu vi simplesmente um homem do mundo, culto. As patentes não me interessam.

GOVERNADOR - Ah, vocês mulheres! São mulheres e isso basta! Pra vocês nada tem importância. Você falou com êle como se fôsse um Dobchinski qualquer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-68-

68

DPF
DCDP
Fls. N.º 43
Rubrica

ANA - Se quer um conselho, não se preocupe. Nós duas sabemos certas coisas...

(OLHA FIXAMENTE A FILHA).

GOVERNADOR - Para que eu vou perder tempo falando com vocês. Que barbaridade! Meu susto foi tão grande que ainda não passou. (ABRE A PORTA E FALA PARA FORA). Mishka, chama os soldados Svistunov e Dergimorda. Êles devem estar perto. (PAUSA BREVE). Estranho mundo êste! Se, pelo menos êle fôsse um homem que se impusesse pelo aspecto respeitável, imponente, mas é magrinho, pequenininho, pálido. Como seria possível adivinhar quem êle é? Se ao menos fôsse militar seria mais fácil reconhecê-lo pelo uniforme; mas êle vem vestindo fraque. Parece uma môsca de asa torta. E no hotel, falando daquele jeito, cheio de rodeios. Cheguei a pensar que a gente nunca iria se entender. Mas finalmente se entregou de armas e bagagens. Falou até mais do que devia. Bem se vê que é um jovem!

(ENTRA OSSIP E TODOS CORREM AO SEU ENCONTRO, CHAMANDO-O COM O DEDO).

ANA - Vem cá, meu queridinho!

GOVERNADOR - Psiu!... Êle está dormindo.

OSSIP - Não! Ainda está se espreguiçando.

ANA - Ouça. Como é o seu nome?

OSSIP - Ossip, minha senhora!

GOVERNADOR - (À MULHER E À FILHA). Calem-se! Basta! (A OSSIP). Então, meu amiguinho, comeu bem?

OSSIP - Muito bem, obrigado.

ANA - É verdade que seu patrão recebe muitos condes e duques?

OSSIP - (À PARTE). Que é que eu devo responder? Se a comida agora foi boa, depois vai ser melhor ainda!... (ALTO). Sim, costuma receber muitos condes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.69 69

DPF
DAD/D
Fls. N.º 64
Rubrica

MARIA - Ossip, meu tesouro. Como é elegante o teu patrão!

ANA - Diga-me Ossip, como é que êle...

GOVERNADOR - Chega! Chega! Com essa tagarelice tôda vocês o põem tonto. Que é que você acha, meu amigo?

ANA - Qual é a patente do seu patrão?

OSSIP - A patente? Nem queira saber!

GOVERNADOR - Ah, meu Deus! Quando é que vocês vão parar com essas estúpidas perguntas? Não me deixam falar nem um momento de coisas concretas. Vamos, meu amigo, diga-me como é o seu patrão: severo? Gosta de passar sermões?

OSSIP - Êle gosta de ordem. Quer que tudo esteja sempre em ordem.

GOVERNADOR - Simpatizo muito com você, meu amigo. Você deve ser um bom rapaz. Olha...

ANA - Ossip, o seu patrão usa uniforme?

GOVERNADOR - Basta, basta! Gralhas! Precisamos falar de coisas positivas. Está em jôgo a vida de um homem! (A OSSIP). Como estava dizendo, meu amigo: simpatizo muito com você. Antes de = dormir é bom que você tome outra xícara de chá. O daqui de casa já está frio. Por isso pega êsse dinheiro e bebe lá fora.

OSSIP - (PEGANDO O DINHEIRO). Agradecidíssimo, meu senhor. Que Deus lhe dê saúde e a tôda sua gente! O senhor acaba de ajudar a um pobre homem!

GOVERNADOR - Não foi nada! Não foi nada! Fico até muito satisfeito. Me conte uma coisa...

ANA - Ossip, queridinho, me conte. Seu patrão prefere olhos de que côr?

MARIA - Ossip, meu tesouro, você já reparou como o seu patrão tem o nariz pequenininho?

GOVERNADOR - Mas pelo amor de Deus, me deixem falar com êle. Por favor, meu amigo, me responda uma

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.70.

DPF
DCDP
Fls. N.º 65
Rubrica

- coisa. O que mais agrada a seu patrão quando viaja? O que mais chama a sua atenção?

OSSIP - Depende. Acima de tudo, êle gosta de comer = bem.

GOVERNADOR - Bem?

OSSIP - Exatamente, muito bem. E comigo, que não passo de um simples servo, êle também se preocupa e quer que eu seja atendido devidamente. Às vêzes visitamos alguém e logo êle me pergunta: "Ossip, deram-te boa comida?" e eu respondo: "Má excelência" - aí êle diz: "Ah, essa gente não presta. Lembra-me disso quando = chegarmos à capital!" E aí eu penso comigo mesmo... (FAZENDO UM GESTO). Bah! Que Deus o perdoe. "Eu sou um homem simples..."

GOVERNADOR - Assim é que se fala. Aquêle dinheiro foi para o chá. Agora, tome mais algum para os = pastèizinhos!

OSSIP - (PEGANDO O DINHEIRO). Por que se preocupa tanto, excelência! (GUARDA O DINHEIRO). Vou beber à sua saúde!

ANA - Ossip, venha cá. Eu também quero dar!

MARIA - Ossip, meu tesourinho, leve um beijo para seu patrão.

(OUVE-SE BARULHO NO QUARTO DE KHLESTAKOV).

GOVERNADOR - Psiu! (FICA NA PONTA DOS PÉS E DIZ EM VOZ BAIXA). Pelo amor de Deus não façam o menor barulho! Vão as duas embora! Já chega!

ANA - Vamos, minha filha. (AO GOVERNADOR). Já te disse que observamos certas coisas em nosso hóspede de que só podem ser comentadas entre mulheres...

GOVERNADOR - Então vão comentar na outra sala. Para se entender as mulheres a única coisa sensata é tapar os ouvidos. (A OSSIP). Bem meu amigo...

(ENTRAM DERGIMORDA E SVISTUNOV).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-71

71

DPF
DCDP
Fls. N.º 66
Rubrica

GOVERNADOR - Psiu!... Parecem cavalos dando coices no chão. Entram como animais! Onde é que vocês estavam?

DERGIMORDA - Cumprindo ordens!

GOVERNADOR - Psiu! (TAPA A BÔCA DO SOLDADO). Precisa mugir dêsse jeito? (IMITANDO). Cumprindo ordens!... Parece estar gritando num barril. (A OSSIP). Bom, meu amigo, cuide de seu patrão.

GOVERNADOR - Pode pedir tudo o que fôr necessário. (OSSIP SAI). E vocês fiquem de guarda na varanda e não se mexam dali. Não deixem entrar nenhum estranho, principalmente se fôr comerciante. Se entrar um que seja, eu... Se alguém se aproximar com uma queixa, mesmo que não esteja escrita, mas que venha com cara de quem vai se queixar de mim, segurem êle pelo pescoço e podem baixar o pau. (GESTO DE CACETADA). Eu sei que vocês me entendem! Psiu... Psiu...

(SAI NA PONTA DOS PÉS E ATRÁS DÊLE OS SOLDADOS).

- FIM DO TERCEIRO ATO -

jfm/TG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 72

DPF DCDP Fls. N.º 67 Rubrica

Q U A R T O A T O

A MESMA SALA NA CASA DO GOVERNADOR. ENTRAM CAUTELOSAMENTE, QUASE NA PONTA DOS PÉS, AMOS FIODÓROVICH, ARTEMI FILÍPOVICH, DIRETOR DOS CORREIOS, LUCAS LUKITCH, BOBCHINSKI E DOBCHINSKI. OS ÚLTIMOS TRAJANDO A RIGOR E OS OUTROS EM UNIFORME DE GALA. TÔDA A CENA SE DESENROLA À MEIA VOZ.

AMOS FIODÓROVICH - (REUNE OS OUTROS EM SEMI-CÍRCULO). Pelo amor de Deus, senhores, formemos um círculo = fechado, dentro da mais perfeita ordem! Deus seja louvado! Êsse homem vai ao Palácio todos os dias e discute muito à vontade com o Conselho Imperial. Teremos de comportar-nos diante dêle com todo aprumo, assim como militares. O senhor, Pedro Ivánovich coloque-se dêste lado e o senhor Pedro Ivánovich, do outro. (AMBOS OS PEDRO IVÁNOVICH CORREM NA PONTA DOS PÉS).

ARTEMI - O senhor pode dizer o que quiser, Amos Fiodórovich, mas é preciso fazer alguma coisa.

AMOS - O quê, por exemplo?

ARTEMI - O senhor sabe o que eu estou querendo dizer.

AMOS - Acha que devemos tentar... amaciá-lo?

ARTEMI - Amaciar é uma boa palavra.

AMOS - É muito perigoso. Êle pode se ofender. Não se esqueça que êle é um alto funcionário. Não seria melhor oferecer dinheiro a êle como se fosse alguma subscrição da nobreza para que êle = construa um monumento...

CHEFE DOS CORREIOS - Ou então a gente podia dizer assim: "Veja só o dinheiro que chegou pelo correio com destino desconhecido!"

ARTEMI - Tome cuidado para que êle não mande o senhor para destino desconhecido. Escutem: o subôrno, = num país civilizado, obedece a certas regras. Não é feito assim de qualquer maneira. Por que deveríamos ir todos juntos, como um batalhão, =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.73

DPF DCDP Fls. N.º 68 Rubrica

- para subornálo? Temos de ir um a um. E quando só estiverem quatro olhos presentes, põe-se lhe na mão alguma coisa. Bem, os senhores me entendem. E a coisa deve ser feita tão sutilmente que nem os quatro olhos percebam o que as mãos estão fazendo. É assim que se faz numa sociedade bem organizada! O senhor será o primeiro, Amos Fiodórovich.

AMOS - Não. É melhor o senhor. Afinal de contas, foi no seu hospital que o ilustre hóspede almoçou.

ARTEMI - Seria melhor ainda que fôsse o senhor Lucas, que poderia utilizar sua grande experiência como orientador espiritual da juventude.

LUCAS - Eu não posso, meus senhores. Não posso! Confesso que recebi uma educação tão esmerada que é suficiente que me encontre na presença de um superior para que me acovarde e perca inteiramente a fala. Não senhores, por favor, me desculpem.

ARTEMI - Então, Amos Fiodórovich, o senhor é insubstituível. Sua eloqüência é comparável à do próprio Cícero.

AMOS - Nada disso! Cícero também é exagêro. Se uma vez ou outra me entusiasmo falando de assuntos domésticos ou de um cão perdigueiro...

TODOS - (ATACANDO). Não apoiado! O senhor sabe falar não só de cachorros mas também da criação do mundo. Vamos, Amos Fiodórovich, não nos abandone. Seja nosso pai! Vamos, Amos Fiodórovich!

AMOS - Deixem-me em paz, meus senhores!...

(OUVEM-SE PASSOS E TOSSE NO QUARTO DE KHLESTAKOV. TODOS PRECIPITAM-SE PARA A PORTA ATROPELANDO-SE E EMPURRANDO-SE. VÁRIAS ESCLAMAÇÕES À MEIA VOZ).

BOZ DE BOBCHINSKI - Ai, Pedro Ivánovich! O senhor pisou no meu pé!

VOZ DE ARTEMI - Me larga, me larga! Assim não posso respirar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 74.

74

DPF DCDP Fls. N.º 69 Rubrica

-(OUVEM-SE VÁRIOS AIS. TODOS SAEM, EMPURRANDO-SE MÙTUAMENTE, E A SALA FICA VAZIA).

(ENTRA KHLESTAKOV SONOLENTO).

KHLESTAKOV - Pelo visto, dormi como Deus manda. Onde será que essa gente foi buscar tantos travesseiros e colchas? Estou até suando! Tenho a impressão de que ontem me deram uma bebida tão forte que até agora me dói na cabeça. Pelo que estou vendo aqui se pode passar o tempo agradàvelmente. Gosto da boa = vontade dessa gente. E a filha do Governador não é de se jogar fora. E até mesmo a velha está tão bem conservada que eu bem podia... Francamente, essa vida me agrada.

(ENTRA O JUIZ, PÁRA E DIZ PARA SI MESMO).

AMOS - (À PARTE). Deus meu, livrai-me dêsse transe! Meus joelhos estão tremendo. (EM VOZ ALTA, PERFILANDO-SE, SEGURANDO O PUNHO DA ESPADA). Tenho a honra de me apresentar: Juiz do Tribunal, Conselheiro Liápkin-Tiápkin.

KHLESTAKOV - Tenha a bondade, senhor Liápkin-Tiápkin. Sente-se. De modo que o senhor é o juiz dessa cidade?

AMOS - Em 1 816, fui eleito para um período de três anos em obediência à vontade da nobreza e desde então continuo neste cargo.

KHLESTAKOV - O que é que o senhor lucra sendo juiz?

AMOS - No primeiro ano de serviço, recebi a ordem de S. Vladmir, de 4ª categoria, com menção honrosa. (À PARTE). Estou com o dinheiro na mão e ela me arde como se estivesse pegando fogo.

KHLESTAKOV - Gosto muito da ordem de S. Vladmir. Já da ordem de Sant'Ana, que é da 3ª classe, eu não gosto tanto.

AMOS - (AVANÇANDO UM POUCO, DE MÃO FECHADA, À PARTE). Meu Deus, tenho a impressão de que estou sentado em brasas!

KHLESTAKOV - O que é que o senhor tem na mão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.75.

AMOS - (ASSUSTADÍSSIMO, DEIXA CAIR O DINHEIRO). Nada, nada.

KHLESTAKOV - Como nada? Olha o dinheiro aí no chão.

AMOS - (TREMENDO DA CABEÇA AOS PÉS). Não é verdade, não é verdade! De forma alguma! (À PARTE). Ai, Deus meu! Já estou me vendo prêso, diante dos tribunais!

KHLESTAKOV - (PEGANDO O DINHEIRO). É dinheiro sim!

AMOS - (À PARTE). Tudo se acabou. Sou um homem perdido. Destruído.

KHLESTAKOV - Sabe de uma coisa, empreste-me êsse dinheiro!

AMOS - (VIVAMENTE). Como não, como não! Com muitíssimo gôsto, muito obrigado! (À PARTE). Coragem, coragem! Livrai-me dêsse transe, Virgem Maria!

KHLESTAKOV - O senhor compreende. Durante a viagem gastei mais do que eu pensava. A vida está cada vez mais cara. Assim que voltar para casa, mandarei seu dinheiro de volta...

AMOS - Por favor. Não se preocupe! Para mim é uma grande honra!... Naturalmente eu... com minhas poucas fôrças... meu zêlo e abdicação... trato de bem servir, lealmente, aos meus superiores.

AMOS - (LEVANTA-SE E PERFILA-SE). Não me atrevo a importuná-lo por mais tempo. Alguma ordem, excelência?

KHLESTAKOV - Que ordem?

AMOS - Quero dizer... não deseja ordenar nada ao juiz local?

KHLESTAKOV - Pra quê? Atualmente não tenho problemas com a justiça. Mas em todo caso, muito agradecido!

AMOS - (FAZ UMA REVERÊNCIA E RETIRA-SE. À PARTE). Estamos salvos, salvos!

KHLESTAKOV - (SÒZINHO). O Juiz é um homem bom!

(ENTRA O DIRETOR DOS CORREIOS; PERFILA-SE SE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.76.

DPF Fls. N.º 71 Rubrica

- GURANDO A ESPADA).

CHEFE DOS CORREIOS - Tenho a honra de apresentar-me: Chefe dos correios, conselheiro Slepkin, de 5ª categoria!

KHLESTAKOV - Encantado em conhecê-lo. Gosto muito das = pessoas agradáveis. Sente-se! O senhor vive sempre por aqui, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS - Sim, senhor.

KHLESTAKOV - Gosto desta localidade. É verdade que a população não é das mais numerosas, mas... e daí? Afinal de contas, isto não é a capital. Não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS - A pura verdade, meu senhor.

KHLESTAKOV - É só na capital que reina o bom tom. E não existem êsses provincianos de mau gôsto. Não lhe parece?

CHEFE DOS CORREIOS - Assim é. (À PARTE). Apesar de tudo não é um homem orgulhoso: quer saber tudo.

KHLESTAKOV - Mas até mesmo num povoadozinho, pode-se viver feliz.

CHEFE DOS CORREIOS - Assim é meu, senhor.

KHLESTAKOV - O que é necessário para a felicidade? Na minha opinião, é suficiente que um homem seja respeitado e sinceramente querido!

CHEFE DOS CORREIOS - É a pura verdade!

KHLESTAKOV - Muito me alegra que sua opinião coincida sempre com a minha. Naturalmente dirão que sou um tipo original. Mas o meu caráter é assim. (OLHA-O NOS OLHOS E DIZ PARA SI MESMO). Vou pedir dinheiro emprestado a êsse também. (ALTO). Sabe que na viagem aconteceu comigo um fato insólito? Fiquei totalmente sem dinheiro. O senhor não poderia me emprestar trezentos rublos?

CHEFE DOS CORREIOS - Como, não! Eu considero isso uma = grande felicidade! Disponha de mim, faça-me o favor. Estou às suas ordens de todo o coração!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.77

DPF DCDP Fls. N.º 72 Rubrica

KHLESTAKOV - Muitíssimo obrigado! Confesso que quando = viajo não gosto de me privar de nada. Para quê, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS - Assim é, meu senhor. (LEVANTA-SE, PERFILA-SE SEGURANDO A ESPADA). Não me atrevo a importuná-lo mais com a minha presença. O senhor deseja fazer alguma observação sôbre os correios?

KHLESTAKOV - Que idéia!? Claro que não!

CHEFE DOS CORREIOS - (FAZ UMA REVERÊNCIA E SAI).

KHLESTAKOV - (SÓ, ACENDENDO UM CIGARRO). Quero crer que também o chefe dos correios é um homem excelente. Pelo menos serviçal. E eu gosto = dêsse tipo de gente.

(ENTRA LUCAS EMPURRADO PELOS OUTROS. ATRÁS DÊLE OUVE-SE UMA VOZ ALTA: "Por que essa covardia? Vá, não tenha mêdo").

LUCAS - (PERFILANDO-SE, TREMENDO, SEGURA A ESPADA). Tenho a honra de me apresentar: Diretor das escolas, conselheiro de terceira categoria, Lucas Lukitch.

KHLESTAKOV - Entre, tenha a bondade. Sente-se. Quer um charutinho? (DÁ-LHE UM CHARUTO).

LUCAS - (À PARTE). Por essa eu não esperava. Aceito ou não aceito?

KHLESTAKOV - Tome! A marca é boa. Claro que não se compara com os da capital. Lá meu irmão fumava = cigarrilhas de vinte e cinco rublos cada uma. Tinha vontade de beijar as mãos depois de fumar. Tome fogo... (LUCAS NÃO SABE O QUE FAZER). Por quê? O senhor não fuma?

LUCAS - Fumo, fumo... Mas se o senhor quiser posso largar hoje mesmo!...

KHLESTAKOV - (RI). Vamos, deixe de histórias. (LUCAS TENTA ACENDER O CIGARRO MAS TREME DA CABEÇA AOS PÉS). Acende do outro lado...

LUCAS = (ASSUSTADO, TREME. DEIXA O CIGARRO CAIR. TEM UM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.78.

78

DPF
DCDP
Fls. N.º 73
Rubrica

- GESTO DE DESALENTO E DIZ À PARTE). O Diabo que me carregue! Fui vencido pela minha maldita timidez!

KHLESTAKOV - Pelo que vejo o senhor não gosta tanto assim de fumar. Eu, ao contrário. É meu vício predileto! Cigarros e mulheres. Confesso que não consigo ficar indiferente diante do belo sexo. E o senhor, quais prefere, hein, = louras ou morenas?

LUCAS - (FICA ABSOLUTAMENTE DESCONCERTADO E NÃO SABE O QUE DIZER).

KHLESTAKOV - Responda com tôda a franqueza, louras ou morenas?

LUCAS - Eu... eu... eu não me atrevo a saber a minha própria opinião!

KHLESTAKOV - Vamos, não seja tão evasivo! Faço absoluta questão de conhecer as suas predileções!

LUCAS - Eu me permito informar a V. Excia. que em relação às louras... (À PARTE). Já não sei mais o que estou dizendo...

KHLESTAKOV - Ah, não quer falar, hein? Esconde o jôgo... Vai ver que alguma moreninha, por aí, hein... oh, ficou vermelho! Ah, ah! Por que não responde?

LUCAS - Não, é que... Exce... a timidez... reverendíssima, é que, Alteza... Majestade!!! (À PARTE). Maldita língua, me traiu!

KHLESTAKOV - Timidez? Eu bem sei que nos meus olhos existe alguma coisa que provoca a timidez e a covardia. Pelo menos, até agora, nenhuma mulher conseguiu resistir. O senhor não acha?

LUCAS - (ROUCO DE PAVOR, QUASE INAUDÍVEL). Eu acho!

KHLESTAKOV - Aconteceu-me um imprevisto. No caminho fiquei sem um centavo. O senhor pode me emprestar trezentos rublos?

LUCAS - (PRECIPITADAMENTE PROCURANDO NO BÔLSO). Creio que sim!... Quer dizer, como não! Claro! (CON

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.79.

DPF DCDP Fls. N.º 74 Rubrica

- TINUA PROCURANDO). Bonito seria se eu não encontrasse. Ai, meu Deus! (NUM GRITO). Encontrei! (ENTREGA-LHE O DINHEIRO TRÊMULO).

KHLESTAKOV - Muito agradecido.

LUCAS - (PERFILANDO-SE, SEGURANDO A ESPADA). Não me atrevo a importuná-lo com a minha presença.

KHLESTAKOV - Adeus!

LUCAS - (SAI QUASE CORRENDO E DIZ À PARTE). Deus seja louvado! Espero que não tenha a má idéia de visitar a escola!

(ENTRA ARTEMI QUE SE PERFILA E SEGURA A ESPADA).

ARTEMI - Tenho a honra de apresentar-me. Diretor do hospital local. Conselheiro de terceira, Artemi Filípovich Zemlianika.

KHLESTAKOV - Bons dias! Faça o favor de sentar.

ARTEMI - Tive a honra de acompanhá-lo e recebê-lo pessoalmente no hospital que está sob meus cuidados.

KHLESTAKOV - Ah, eu me lembro. O senhor me ofereceu um excelente almôço!

ARTEMI - Fico feliz em fazer tudo o que posso para o bem da minha pátria!

KHLESTAKOV - E da minha parte eu lhe confesso que essa é minha debilidade. Adoro a boa comida. Por favor, diga-me uma coisa. Ontem eu tive a impressão que o senhor era um pouco mais baixo...

ARTEMI - É bem possível. Eu não meço esforços para servir com zêlo ao meu País. (APROXIMA-SE E DIZ EM VOZ BAIXA). Mas o Chefe dos Correios é exatamente o contrário. Não faz absolutamente nada. Está tudo abandonado. A correspondência demora semanas inteiras. O senhor mesmo pode tirar a prova disso. O Juiz então, nem se fala. Passa o tempo todo caçando e cuidando dos cachorros que êle guarda na sala do tribunal. E a sua conduta - isso eu devo confessá-lo - em

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.80.

DPF DCDP Fls. N.° 75 Rubrica

- bora se trate de um grande amigo meu e até parente - a sua conduta é das mais reprováveis. Aqui existe um fazendeiro chamado Dobchinski, que ainda ontem o senhor teve a bondade de conhecer. Pois mal Dobchinski sai de casa, entra o juiz para fazer companhia à sua mulher. Isso eu posso jurar! V. Excia. tenha a bondade de observar os filhos de Dobchinski. Nenhum = dêles se parece com o pai. Todos, até o caçulinha, são a cara do juiz!

KHLESTAKOV - Não me diga? Sabe que isso jamais teria me passado pela cabeça!

ARTEMI - E o supervisor das escolas, então? Como é que um homem dêsses pode continuar num cargo de tanta responsabilidade!? É pior que um jacobino e só sabe ensinar corrupção à juventude. Se o senhor preferir, posso expor tudo isso por escrito.

KHLESTAKOV - Eu também acho melhor. Pode escrever. Quando me aborreço, gosto de ler alguma coisa divertida. Como é mesmo seu nome? Esqueço sempre.

ARTEMI - Zemlianika.

KHLESTAKOV - Ah, sim, Zemlianika. Diga-me uma coisa, Zemlianika, entre parêntesis, o senhor tem filhos?

ARTEMI - Cinco. Dois já estão grandinhos...

KHLESTAKOV - Não me diga! E como é que êles... como direi...

ARTEMI - O senhor quer saber como êles se chamam?

KHLESTAKOV - Exato, como é que êles se chamam?

ARTEMI - Nicolau, Ivan, Isabel, Maria e Anastácia.

KHLESTAKOV - Muito interessante.

ARTEMI - (CUMPRIMENTANDO PARA SAIR). Não me atrevo a importuná-lo mais com a minha presença, e roubar o seu tempo destinado ao cumprimento de deveres sagrados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.81

DPF DCDP Fls. N.º 76 Rubrica

KHLESTAKOV - Não, não é nada... Até que o senhor me contou umas coisas engraçadas. Sempre que puder venha me visitar. Gosto muito dessas = histórias. (OBSERVA ARTEMI QUE SAI. VAI ATÉ A PORTA E GRITA PARA O VISITANTE): Hei, escute! Como é mesmo o seu nome, esqueço = sempre!

ARTEMI - Artemi Filípovich Zemlianika!

KHLESTAKOV - Faça-me um favor, Artemi Filípovich Zemlianika; aconteceu-me um fato insólito. Durante a viagem perdi todo o meu dinheiro. Não tem quatrocentos rublos para me emprestar?

ARTEMI - Tenho.

KHLESTAKOV - Que coincidência! Muito obrigado.

(ENTRAM BOBCHINSKI E DOBCHINSKI).

BOBCHINSKI - Tenho a honra de me apresentar: fazendeiro local Pedro Ivánovich Bobchinski.

DOBCHINSKI - Fazendeiro local, Pedro Ivánovich Dobchinski.

KHLESTAKOV - Ah, sim... sei, sei! Claro que eu já conhecia os senhores. Se bem me lembro foi o que levou o tombo, não foi? Como vai o seu nariz?

BOBCHINSKI - Graças a Deus bem, não se preocupe. Está completamente curado.

KHLESTAKOV - Que bom, não é? (BRUSCAMENTE COM VOZ CORTANTE). Tem dinheiro?

DOBCHINSKI - Dinheiro? Que dinheiro?

KHLESTAKOV - Dinheiro para me emprestar. Mil rublos.

BOBCHINSKI - Tanto eu não tenho. Juro por Deus! E o senhor Pedro Ivánovich?

DOBCHINSKI - Aqui comigo eu também não tenho. Todo meu dinheiro está investido em bônus do govêrno

KHLESTAKOV - Bem, se não tem mil, me dá cem.

BOBCHINSKI - (PROCURANDO NO BOLSO). O senhor por acaso não tem cem rublos, Pedro Ivánovich? Eu só

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 82

DPF DCDP Fls. N.º 77 Rubrica

- tenho quarenta em promissórias.

DOBCHINSKI - (CONSULTANDO SUA CARTEIRA). Ao todo tenho vinte e cinco.

BOBCHINSKI - Procure bem. Pedro Ivánovich. Eu sei que = seu bôlso direito está furado. O dinheiro pode bem ter caído no fôrro do paletó.

DOBCHINSKI - Não, não. No fôrro também não tem nada.

KHLESTAKOV - Bem, dá na mesma. Afinal, falei por falar. Venham os sessenta e cinco rublos. Tanto faz... (PEGA O DINHEIRO).

DOBCHINSKI - Eu me atrevo a formular um pedido sôbre um assunto muito delicado.

KHLESTAKOV - O que é?

DOBCHINSKI - Sim, muito delicado. O meu filho mais velho, se o senhor me permite, nasceu antes do casamento.

KHLESTAKOV - É?

DOBCHINSKI - Quer dizer, isso é uma maneira de falar. Êle nasceu do mesmo modo como se eu estivesse casado. Legalizei depois minha situação pelos sagrados laços do matrimônio. Eu quero que êsse menino seja meu filho legítimo e se chame, como eu, Dobchinski.

KHLESTAKOV - Bem, que se chame assim. Eu não vejo inconveniente nenhum.

DOBCHINSKI - Eu só lhe peço isso porque o menino é muito talentoso. Promete muito. Sabe de cor diversas poesias e nem bem encontra um canivete esculpe figurinhas muito interessantes, como um verdadeiro mágico. Pedro Ivánovitch pode confirmar tudo que estou dizendo.

BOBCHINSKI - Sim. Uma criatura de muito talento.

KHLESTAKOV - Está bem. Está bem. Vou me ocupar desta matéria. Falarei disso com o... eu espero que tudo... quer dizer... (VOLTANDO-SE PARA BOBCHINSKI). E o senhor não quer pedir nada?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.83.

DPF
DCDP
Fls. N.º 78
Rubrica

BOBCHINSKI - Justamente. Quero lhe fazer um pedido humi líssimo.

KHLESTAKOV - Qual?

BOBCHINSKI - Quero lhe pedir muito humildemente que quando o senhor voltar à capital do Império, diga a todos os nobres, senadores e almirantes, que em tal e tal povoado vive Pedro Ivánovich Bobchinski. Diga exatamente assim: que aqui vive Pedro Ivánovich Bobchinski.

KHLESTAKOV - Perfeitamente.

BOBCHINSKI - E se por acaso o senhor visitar o próprio Czar, não se esqueça de dizer a êle: "Majestade, em tal e tal lugar mora Pedro Ivanovich Bobchinski".

KHLESTAKOV - Perfeitamente.

DOBCHINSKI - Desculpe se já o importunamos com a nossa presença.

BOBCHINSKI - Desculpe se já o importunamos com a nossa presença.

KHLESTAKOV - Não é nada, não é nada. Tive o maior prazer.

(ACOMPANHA OS DOIS ATÉ A PORTA).

KHLESTAKOV - Aqui há funcionários demais. Acho que êles estão pensando que eu sou uma alta autoridade. Ontem é bem possível que eu tenha contado algumas histórias de fadas. Que imbecis! Vou escrever uma carta a Trispichkine contando as novidades. Êle é jornalista e vai dar uma bela gozada nessa gente. Eh, Ossip! Trás papel e tinta. (OSSIP MOSTRA A CABEÇA NA = PORTA, RESPONDENDO: Já vai). Pobre de quem cai nas mãos de Triapichkine. Pra fazer uma piada não tem piedade nem do próprio pai. = Mas êsses funcionários são boa gente. O fato de me terem emprestado dinheiro é um formoso rasgo de desprendimento. Vamos ver quanto eu consegui. O juiz me deu trezentos, o diretor dos correios outros trezentos, são 600, 600,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 84.

DPF DCDP Fls. N.º 79 Rubrica

- 700, 800, que papel mais gorduroso!... 800, 900... Caramba! mais de mil!... Ah, meu capitão, se te encontro outra vez, você vai ver a desforra que eu vou tirar!... (ENTRA OSSIP COM TINTA E PAPEL).

KHLESTAKOV - Está vendo, seu estúpido, como é que estou sendo recebido agora?

(COMEÇA A ESCREVER).

OSSIP - É. Graças a Deus. Mas quer saber de uma coisa?

KHLESTAKOV - O quê?

OSSIP - Vamos embora daqui que está na hora.

KHLESTAKOV - Não seja bêsta. Embora por quê?

OSSIP - O senhor já se divertiu bastante durante dois dias. Agora chega. Não se meta mais com essa gente. Pode ser que venha por aí alguém... por Deus, Ivan Alexándrovich... Há cavalos formidáveis aqui... Podiamos dar uma corrida...

KHLESTAKOV - (ESCREVENDO). Não. Estou com vontade de ficar por aqui mesmo. Vamos embora amanhã!

OSSIP - Mas por que amanhã? Pelo amor de Deus, vamos já! Eu sei que êles tratam a gente com muitas honras, mas é melhor a gente ir embora. É claro que êles estão confundindo o senhor com alguém. Pelo amor de Deus, vamos! Seu pai vai ficar aborrecido com essa demora! Aqui êles podem nos dar uns cavalos de primeira!

KHLESTAKOV - Está bom, vá lá. Mas antes leve esta carta ao correio. E pede os melhores cavalos que êles tiverem. Diz aos cocheiros que se voarem como correios do imperador e cantarem bonitas canções, receberão boas gorgetas. (CONTINUA ESCREVENDO). Só queria ver a cara de Triaptchkine arrebentando de rir...

OSSIP - É melhor que um criado vá levar a carta ao correio, enquanto eu fico fazendo as malas para não perder tempo...

KHLESTAKOV - Está bem, mas antes me traz uma vela.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.85.
85
DPF
DCDP
Fls. N.º 80
Rubrica

VOZ DE OSSIP - Ei, escuta aqui, meu irmão. Leva essa carta ao correio e diz ao chefe que não precisa sê lo, porque êle é um alto funcionário. E manda preparar a melhor carruagem que tiver para o meu patrão. Anda depressa, senão êle vai ficar aborrecido. Espera um pouco que a carta ainda não = está pronta. Avisa também que êle não vai pagar a viagem porque tem caráter oficial, viu?!

KHLESTAKOV - (CONTINUANDO A ESCREVER). E eu que me esqueci onde é que Triaptchkine está morando agora. Êle vive mudando de enderêço para não pagar aluguel atrasado. Vou mandar para seu último enderêço. Talvez acerte. (FECHA A = CARTA E ESCREVE O ENDERÊÇO). (OSSIP TRAZ A VELA E NESTE INSTANTE OUVE-SE A VOZ DE DERGIMORDA).

DERGIMORDA - Onde é que você vai, barbudo? Eu já não disse que tenho ordens para não deixar ninguém entrar?

KHLESTAKOV - (DANDO A CARTA A OSSIP). Toma, pode levar!

VOZES DE COMERCIANTES - Sai da frente, eu preciso falar com êle! Ninguém pode impedir a minha entrada. Temos um assunto importante!

VOZ DE DERGIMORDA - Fora daqui! Êle não pode receber ninguém porque está dormindo.

(O ALVOROÇO SE ACENTUA).

KHLESTAKOV - O que é isso, Ossip? Vai ver que barulho é êsse.

OSSIP - (OLHANDO PELA JANELA). São os comerciantes que querem entrar. Mas o soldado não deixa! Trazem papéis nas mãos. E, pelo visto, querem falar com o senhor.

KHLESTAKOV - (CHEGANDO PERTO DA JANELA). Meus amigos, Que querem de mim?

VOZES DOS COMERCIANTES - Queremos falar com V. Excia.! Permita-nos apresentar uma petição, paizinho!

KHLESTAKOV - Ossip, diz ao soldado para que deixe êles

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 86.

DPF
Fls. N.º 81
Rubrica

- entrarem. (SAI OSSIP). (KLESTAKOV PEGA ALGUMAS PETIÇÕES PELA JANELA, DESDOBRA UMA DELAS E LÊ:) "À sua Notável Excelência, o senhor Comandante das Finanças, do Comerciante Abdúlin...". Diabo que o carregue! Nem ao menos existe êsse pôsto na administração! (ENTRAM COMERCIANTES E TRAZEM UM BARRIL DE VINHO E SACOS DE AÇÚCAR). Meus amigos, que desejam de mim?

COMERCIANTES - Desejamos nos inclinar profundamente diante de V. Excia.!

KHLESTAKOV - E que mais?

COMERCIANTES - Não nos desampare, senhor! Estamos sofrendo vexames insuportáveis.

KHLESTAKOV - De quem?

COMERCIANTES - De quem haveria de ser? Do Governador! Nunca se viu um Governador como êsse, paizinho! O que êle faz conosco não se pode nem contar. Agarra um de nós pela barba, por exemplo, e diz: "Ah, selvagem, você vai ver uma coisa!". Juro por Deus! Se ao menos tivéssemos pecado! Mas fazemos tudo que é certo e cumprimos o nosso dever: quando êle precisa de alguma coisa para a mulher, mandamos tecidos para fazer os vestidos, dela e da filha. Não lhe negamos nada. Mas tudo para êle é pouco. Quando entra em nossas lojas, leva tudo que encontra. Vê um corte de qualquer fazenda e logo diz: "Escuta, bom homem, êsse pano é muito bonito. Pode levar para casa". E a gente faz o que êle manda!

KHLESTAKOV - Não é possível! Mas então êle é um grandessíssimo malandro!

COMERCIANTES - É verdade. Nunca houve aqui um Governador assim! Quando se sabe que êle está a caminho, a gente tem de esconder tudo ràpidamente. E não se pode dizer que êle só leve o que há de melhor. = Não! Leva qualquer porcaria. Na minha loja êle pegou um monte de ceroulas que há sete anos apodreciam num barril e nem mesmo os criados queriam usar. O aniversário dêle cai no dia de Sto. Antônio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 87.

DPF DCDP Fls. N.º 82 Rubrica

E nesse dia nós levamos tudo que êle precisa para a casa inteira. Pois quer saber de uma coisa? Isso não lhe basta. Êle jura que o dia de Sto. Onofre é também dia de seu aniversário. E no dia de Sto. Onofre lá vamos nós levando mais presentes para êle.

KHLESTAKOV - Mas... Êsse é simplesmente um salteador de estrada!

COMERCIANTES - Claro que é! E se alguém tentar resistir, êle manda um regimento de soldados acabar com o coitado. Ou então manda fechar a loja. "Eu não vou te castigar com uma pena física, meu filho - diz êle - nem vou te torturar. As leis proíbem. Mas você vai ter de apertar o cinto".

KHLESTAKOV - Que miserável! Só isso basta para mandá-lo para a Sibéria!

COMERCIANTES - V. Excia. pode mandá-lo para onde quiser, desde que seja para bem longe daqui! Agora paizinho, não recuse o nosso tributo sincero. Trouxemos vinho e açúcar.

KHLESTAKOV - Não. Vocês estão enganados. Eu não aceito subôrno de nenhum tipo. Mas se os senhores por exemplo, me oferecessem um empréstimo de trezentos rublos... o assunto seria completamente diferente. Em se tratando de um empréstimo, eu posso aceitar.

COMERCIANTES - Sim, por favor, pai nosso! (TIRA O DINHEIRO DO BÔLSO). Por que só trezentos? Quinhentos é melhor! Mas nos ajude!...

KHLESTAKOV - Tratando-se de um empréstimo, não há inconveniente. Aceito os quinhentos, ou mais.

COMERCIANTE - (APRESENTANDO O DINHEIRO SÔBRE UMA BANDEJA DE PRATA). E aceite também a bandeja, por favor.

KHLESTAKOV - Está bem, posso ficar com a bandejinha!

COMERCIANTE - (INCLINANDO-SE DIANTE DÊLE). Então, aceite também o açúçar!

KHLESTAKOV - Não, não. Não posso aceitar subôrno de nenhuma forma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.88.

DPF DCDP Fls. N.º 83 Rubrica

OSSIP - Excelência, por que é que não aceita? Aceita sim! Durante a viagem, tudo tem serventia! Traz pra cá o açúcar e o vinho! Pode trazer tudo que tiver, que tudo serve. O que é isso aí? Uma corda? Manda pra cá a corda! Também vai servir na viagem. Se o eixo da roda se quebra preciso ter uma corda para amarrar.

COMERCIANTE - Ah, faça-nos essa caridade, excelência. Se o senhor não nos ajudar, não saberemos o que fazer. Só nos restará a fôrça!

KHLESTAKOV - Fiquem tranqüilos, fiquem tranqüilos! Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance.

(OS COMERCIANTES SAEM. OUVE-SE UMA VOZ DE MULHER QUE DIZ):

VOZ DE MULHER - Você não tenha a petulância de me proibir a entrada. Vou me queixar de você a Sua Excelência. Não me empurre, bruto!

KHLESTAKOV - Quem é que está aí? (VAI ATÉ A JANELA). Quem és tu, mulher?

VOZES DE MULHERES - Viemos pedir ajuda, paizinho! Mande êsse brutamontes sair do caminho!

KHLESTAKOV - (PELA JANELA). Que entrem!

(ENTRAM A MULHER DO CARPINTEIRO E A VIÚVA DO SUBTENENTE).

MULHER DO CARPINTEIRO - (COM UMA GRANDE REVERÊNCIA). Venho pedir proteção!

VIÚVA - Eu venho pedir proteção!

KHLESTAKOV - E quem são as senhoras?

VIÚVA - Sou a viúva do subtenente Ivánov.

MULHER - Sou a mulher do carpinteiro, meu senhor, cidadã desta cidade, Pevrônia Petróvna Pochleokina.

KHLESTAKOV - Um momento. Fale uma de cada vez. (A MULHER DO CARPINTEIRO). Que deseja de mim?

MULHER - Venho me queixar do Governador, excelência. Que Deus faça cair na cabeça dêle todos os males do mundo. Que nunca sejam felizes, nem êle nem seus

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 043, p.89.

DPF OCDP Fls. N.º 84 Rubrica

- filhos, nem suas tias e tios, pais e primos, êle é muito miserável!

KHLESTAKOV - Mas por quê? O que foi que aconteceu?

MULHER - Êle deu ordem para que meu marido entrasse para o exército, mesmo não sendo a sua vez. Canalha! E a lei não permitia. Era casado!

KHLESTAKOV - Mas como é que êle fêz isso?

MULHER - Fêz porque quis; assim! Deus devia dar-lhe tantas chibatadas, nesse mundo e no outro! Se tiver uma tia que tôdas as desgraças imagináveis aconteçam a essa tia. Se seu pai está vivo, que se arrebente ou se estropie para sempre, maldito seja! Quem tinha de servir ao exército era o filho do alfaiate, aquêle bêbado! Mas os pais dêle mandaram um bom presente para o Governador e êle então ficou de ôlho no filho da taberneira Pantelevna. E a Pantelevna mandou para a espôsa do governador três cortes de pano. E então, o Governador veio me visitar e disse: "Pra que é que você precisa de marido? Êle já não tem mais serventia". Essa é boa! Quem sabe se êle tem serventia ou não, sou eu! É um problema meu! Maldito seja êsse canalha! E disse mais assim. "Teu marido é um ladrão". Embora êle não tenha roubado nada ainda, tanto faz: vai acabar roubando! E no ano que vem êle acaba sendo condenado a entrar pro exército mesmo, de qualquer maneira". - E agora, como é que êsse Governador infame quer que eu viva sem marido! Sou uma mulher fraca! Eu só queria que tôda a parentela dêsse canalha explodisse! E tem uma sogra, então que essa sogra!...

KHLESTAKOV - Está bem, está bem... E a senhora? (AFASTA A OUTRA).

MULHER - (SAINDO). Não se esqueça de mim paizinho! Seja misericordioso!

VIÚVA - Eu vim me queixar do Governador, paizinho!

KHLESTAKOV - Por quê? Vamos, fale e seja breve!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 90.

DPF Fls. N.º 85 Rubrica

VIÚVA - Êle mandou me açoitar, paizinho!

KHLESTAKOV - Como é que foi?

VIÚVA - Por engano. Duas mulheres brigaram na feira, e quando a polícia chegou, elas já tinham ido embora. Então êles me agarraram e me deram uma surra que eu fiquei dois dias sem poder = sentar!

KHLESTAKOV - E o que é que a senhora quer que eu faça agora?

VIÚVA - Claro que não pode fazer nada. Mas pode fazer êle pagar uma multa pelo êrro cometido. Estou bem precisada.

KHLESTAKOV - Está bem, Pode ir embora. Vou dar minhas ordens! (PELA JANELA APARECEM MÃOS COM PETIÇÕES). Mas quem é que ainda está aí? (APROXIMA-SE DA JANELA). Não quero mais! Para mim chega!... (AFASTANDO-SE DA JANELA). Já estou farto, que diabo!... Não deixa mais ninguém entrar, Ossip.

OSSIP - (GRITANDO PELA JANELA). Vão todos embora! A hora não é própria. Voltem amanhã! (ABRE-SE A PORTA E APARECE UM INDIVÍDUO ENCAPOTADO, COM BARBA DE VÁRIOS DIAS, A BÔCA INCHADA E COM UM PANO AMARRADO NO ROSTO; ATRÁS DÊLE APARECEM VÁRIAS OUTRAS PESSOAS). Vai embora! Vai embora! Onde é que você quer ir? (EMPURRA O INTRUSO E AFASTA-SE COM ÊLE FECHANDO A PORTA ATRÁS DE SI).

(ENTRA MARIA ANTONOVNA).

MARIA - Ah!

KHLESTAKOV - Por que se assustou, senhorita?

MARIA - Não. Não me assustei!

KHLESTAKOV - (GALANTE D.JUAN). Caramba, senhorita! Fico encantado só de pensar que lhe pareço um homem que... Até me atrevo a perguntar: aonde pretendia ir?

MARIA - Não ia a lugar nenhum.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.91

DPF
DCDP
Fls. N.º 86
Rubrica

KHLESTAKOV - E por que não ia a lugar nenhum?

MARIA - Pensei que, talvez, a mamãe estivesse aqui.

KHLESTAKOV - Não. Eu queria saber porque é que não ia a lugar nenhum.

MARIA - Eu acho que estou incomodando. O senhor estava ocupado com assuntos importantes...

KHLESTAKOV - (DON JUANESCO). Pois seus olhos são mais belos que os assuntos importantes! A senhorita não poderia me incomodar jamais. Pelo contrário até me poderia proporcionar algum prazer...

MARIA - O senhor fala como as pessoas da capital.

KHLESTAKOV - Para uma pessoazinha tão deliciosa... eu me pergunto se teria o atrevimento de tentar a felicidade de oferecer-lhe uma cadeira. Mas não! O que a senhorita merece não é uma cadeira, mas sim um trono!

MARIA - Na verdade, eu não sei... Eu acho que devo ir embora... (SENTA-SE).

KHLESTAKOV - Que lenço mais formoso êsse!

MARIA - Os senhores da capital, gostam muito de ridicularizar as môças da província...

KHLESTAKOV - Como eu gostaria de ser êsse lenço, senhorita, para poder rodear êsse colo tão macio...

MARIA - Eu não sei do que o senhor está falando! A que lenço o senhor se refere?... Que tempo esquisito, hoje!...

KHLESTAKOV - Os seus lábios, senhorita, são mais belos que todos os tempos!

MARIA - Os senhores dizem sempre cada coisa!... Mas eu preferia que escrevesse uma poesia no meu álbum. Deve saber muitas de cor.

KHLESTAKOV - Para a senhorita, tudo que ordenar. Exija! Que estilo prefere?

MARIA - Tanto faz. Que sejam lindos e originais.

KHLESTAKOV - Ih! Conheço tantos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.92
92

DPF
Fls. N.º 87
Rubrica

MARIA - Então diga. Que poesia vai escrever para mim?

KHLESTAKOV - Eu tenho uma enormidade de poemas. Poderia escrever êste, por exemplo. "Ó tu, que no infortúnio te queixas sem razão, de Deus"... Eu já escrevi muitos outros, mas agora não me lembro. E afinal isso não tem importância assim. Prefiro oferecer meu amor que com o seu olhar... (APROXIMA-SE DELA).

MARIA - O amor!... Eu não compreendo o amor. Eu nunca soube o que é o amor!

(AFASTA-SE).

KHLESTAKOV - Por que a senhorita se afasta? É bem melhor conversar de perto.

MARIA - Por que de perto? Dá no mesmo conversar de longe!

KHLESTAKOV - Por que de longe? Dá no mesmo conversar de perto!

MARIA - Mas por que tudo isso?

KHLESTAKOV - (APROXIMANDO-SE). A senhorita é que pensa que é perto. Mas pode ficar perto e imaginar que estamos longe!

KHLESTAKOV - Como me sentiria feliz se pudesse apertá-la em meus braços!

MARIA - (OLHANDO PELA JANELA). Que foi isso que passou voando? Foi um corvo ou outra ave qualquer?

KHLESTAKOV - (BEIJANDO-LHE O OMBRO). Foi um modesto urubu...

MARIA - (LEVANTANDO-SE INDIGNADA). Ah! Isto já é demasiado! Que atrevimento!...

KHLESTAKOV - (RETENDO-A). Perdoe-me senhorita!... O que fiz, fiz por amor!... Assim é, foi por amor!

MARIA - O senhor pensa que eu sou uma provinciana! (TENTA SAIR).

KHLESTAKOV - (CONTINUANDO A SEGURÁ-LA). Por amor de verdade! Só e tão sòmente amor!... Eu estava brincando, Maria Antonóvna, não fique abor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 13 p3

DPF DCDP Fls. N.º 88 Rubrica

- recida. Estou pronto a pedir perdão de joelhos. (CAI DE JOELHOS). Perdão! Perdão! Você reparou que eu estou de joelhos?...

(ENTRA ANA ANDREIEVNA QUE VÊ KHLESTAKOV DE JOELHOS).

ANA - Ah!... Que situação!...

KHLESTAKOV - (LEVANTANDO-SE). Diabo!

ANA - (À SUA FILHA). O que significa isso, senhorita? Que procedimento é êsse?

MARIA - Mãezinha eu...

ANA - Sai daqui! Sai já daqui, está ouvindo? E nunca mais tenha o atrevimento de aparecer diante dos meus olhos! (MARIA SAI DESFEITA EM LÁGRIMAS). Perdão, senhor, mas eu confesso que fiquei surpreendida.

KHLESTAKOV - (À PARTE). E esta também me parece bastante apetitosa. Não vai nada mal! (AJOELHANDO-SE OUTRA VEZ). Senhora, estou ardendo de amor, me compreende? Ardo!

ANA - Como? O senhor de joelhos? Levante-se, levante-se, por favor! O chão aqui está um pouco sujo!

KHLESTAKOV - Não! Eu quero continuar de joelhos! De joelhos! Quero saber se devo esperar a vida ou a morte!

ANA - Mas queira perdoar. Até agora não compreendi o sentido de suas palavras. Se não interpreto mal, acredito que o senhor acabou de fazer uma declaração com respeito à minha filha?!

KHLESTAKOV - Não. Estou apaixonado é pela senhora! Minha vida está pendurada por um fio. Se a senhora não premiar meu amor fiel, eu não merecerei mais viver neste mundo. Com o coração em chamas tenho a honra de pedir a sua mão!...

ANA - Mas permita-me observar que... até certo ponto... eu sou casada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.94.

94

DPF DCDP Fls. N.º 89 Rubrica

KHLESTAKOV - Pouco importa. O amor não tem fronteiras. O Poeta Karamzim já disse: "As leis nos condenam". Vamos fugir para um país distante; nós nos esconderemos sob a sombra das cascatas... Eu peço a sua mão!... Eu quero a sua mão!

(ENTRA MARIA CORRENDO).

MARIA - Mamãe! Papai mandou dizer... (VENDO KHLESTAKOV DE JOELHOS, EXCLAMA.) Ah! que situação!

ANA - Bem e daí? O que é que você quer? Entrando sem mais por aquela pela porta, correndo como uma gata escaldada! Que leviandade! Bem, o que há de tão extraordinário? Que foi que aconteceu? Você parece uma menina de três anos. Quem diria que tem dezoito!? Não sei quando você vai aprender a se comportar como uma menina bem educada! Quando é que você vai descobrir o que é a etiquêta e a seriedade do comportamento!

MARIA - Mãezinha, francamente, eu não sabia!...

ANA - Você parece que tem sempre uma corrente de ar na cabeça! Está seguindo o exemplo das filhas de Liápkin Tiápkin.

ANA - Ninguém manda você andar com elas! São maus exemplos! E você precisa dos exemplos bons. A sua mãe, digamos que sou eu! Eu sou o exemplo que você deve imitar!

KHLESTAKOV - (SEGURANDO A MÃO DE MARIA). Ana Andréievna, não se oponha à nossa felicidade. Dê sua benção ao nosso amor eterno!

ANA - (ASSOMBRADA). Isto significa que o senhor está apaixonado por ela?...

KHLESTAKOV - Decida: a vida ou a morte!

ANA - Está vendo, cretina, está vendo? Por uma porcaria como você o nosso hóspede teve a bondade de se ajoelhar. E você entra correndo como uma louca. Bem merecia que eu dissesse não! Você não é digna de tanta felicidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 95
95
DPF DCDP Fls. N.º 90 Rubrica

MARIA - Eu nunca mais entro correndo, mãezinha! Palavra, nunca mais!

(ENTRA O GOVERNADOR DESALENTADO).

GOVERNADOR - Excelência, não me desgrace! Não me desgrace!

KHLESTAKOV - Por quê?

GOVERNADOR - Os comerciantes se queixaram à V. Excia. Eu juro pela minha honra que nem metade do que êles disseram é verdade. São êles que roubam no pêso e exploram o povo. A viúva mentiu quando disse que eu mandei surrá-la! É mentira. Juro por Deus que é mentira! Ela mesma se surrou!

KHLESTAKOV - Ela que vá para o diabo! Não estou em condições de pensar nela no momento!

GOVERNADOR - Não acredite! Não acredite! São todos uns embusteiros. Nem uma criança pode acreditar nêles. Todo povo sabe que êles são mentirosos. E quanto a essa história de dizer que eu sou um canalha, garanto-lhe que canalhas iguais a êles nunca se viu no povoado!

ANA - Sabe com que honra nos distinguiu Ivan Alexándrovich? Pediu a mão de nossa filha!

GOVERNADOR - Pára de dizer bobagens, você perdeu o juízo, velha? Não se aborreça, excelência! Ela nunca teve a cabeça no lugar. Saiu à mãe!

KHLESTAKOV - Mas é verdade. Peço a mão de sua filha em casamento. Estou apaixonado!

GOVERNADOR - Não posso acreditar, Excelência!

ANA - Mas se é êle mesmo que está dizendo!

KHLESTAKOV - E não estou brincando. Êste amor poderá me enlouquecer!

GOVERNADOR - Não me atrevo a acreditar! Não mereço tanta honra!

KHLESTAKOV - Se o senhor não me dá a mão de Maria Antónovna, estou disposto a fazer qualquer loucura!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.96.
16
DPF
Fls. N.º 91
Rubrica

GOVERNADOR - Eu não posso acreditar, excelência. V. Excia. está brincando comigo!

ANA - Mas que estúpido! Se todo mundo está dizendo que é verdade!

GOVERNADOR - Não acredito.

KHLESTAKOV - Me dá a mão dela! Me dá a mão dela! Eu estou desesperado! Eu sou capaz de tudo! Se eu der um tiro na cabeça o senhor vai ser condenado por causa disso!

GOVERNADOR - Ai, meu Deus! Eu juro que sou inocente de corpo e alma. Não se aborreça, por favor! Excia., faça o que achar melhor! Francamente, estou me sentindo mal. Não sei o que está acontecendo! Minha cabeça dá voltas! Nunca me senti assim...

ANA - Vamos. Dá tua benção.

KHLESTAKOV - (APROXIMA-SE DE BRAÇO COM MARIA ANTÓNOVNA).

GOVERNADOR - Que Deus vos abençoe! Mas eu não tenho culpa. (KHLESTAKOV BEIJA MARIA E O GOVERNADOR OLHA PARA OS DOIS). Que diabo, mas então é verdade! (ARREGALA OS OLHOS). Êles estão se beijando! Meu Deus! Êles estão se beijando! Então êle é um noivo! Um noivo de verdade!

GOVERNADOR - (DÁ UM GRITO E UMA CAMBALHOTA DE ALEGRIA). Anton! Anton! Governador! Olha só aonde chegamos!!!

OSSIP - (ENTRANDO). Os cavalos estão prontos.

KHLESTAKOV - Então, vamos embora!

GOVERNADOR - O senhor vai embora?

KHLESTAKOV - Eu vou-me embora.

GOVERNADOR - Mas então... quer dizer... Eu creio que foi o senhor mesmo que teve a bondade de falar num certo casamento, não é verdade?

KHLESTAKOV - Eu vou, mas volto logo. Vou passar só um dia com a titia. É uma velha muito rica. E amanhã estarei aqui de volta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.97

DPF DCDP Fls. N.º 92 Rubrica

GOVERNADOR - Nós então esperamos seu feliz regresso!

KHLESTAKOV - Ah, claro, claro! Volto num abrir e fechar de olhos! Adeus meu amor! Não, não! As palavras existentes não conseguem expressar meus sentimentos. Adeus, meu tesouro! (BEIJA A MÃO DE MARIA ANTÓNOVNA).

GOVERNADOR - E V. Excia. não precisa de nada para a viagem? Eu tenho a impressão que carecia de algum dinheiro, não é assim?

KHLESTAKOV - Não, não, pra quê? (PENSA UM POUCO). Quer dizer... não há nenhum inconveniente.

GOVERNADOR - E quanto deseja V. Excia?

KHLESTAKOV - Naquela ocasião o senhor me deu duzentos rublos, quer dizer, quatrocentos e não duzentos - não quero me aproveitar de seu engano, de modo que se o senhor me der agora outro tanto, ficam oitocentos justos.

GOVERNADOR - Imediatamente. (TIRA A CARTEIRA). Parece de propósito. As cédulas são novas.

KHLESTAKOV - É, é? (PEGA O DINHEIRO E EXAMINA AS CÉDULAS DESCONFIADAMENTE). Dizem que o dinheiro nôvo traz sorte nova.

GOVERNADOR - Exato, excelência.

KHLESTAKOV - Adeus,? Anton Antónovich. Muito agradecido pela sua hospitalidade. E quero lhe confessar de todo coração: nunca, em nenhum lugar, nunca fui assim tão bem recebido. Adeus, Ana Andreievna! Adeus, querida Maria Antónovna. (SAEM TODOS E A CENA PROSSEGUE NOS BASTIDORES).

VOZ DE KHLESTAKOV - Adeus, meu anjo, Maria Antónovna!

VOZ DO GOVERNADOR - Mas como é isso? O senhor vai viajar sem almofadas? Eu vou mandar buscar algumas!

VOZ DE KHLESTAKOV - Não, pra quê? Bem, mas afinal de contas... que tragam as almofadas!

VOZ DO GOVERNADOR - Avdotia, vai lá dentro depressa, pe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.98.
98
DPF
DCDP
Fls. N.º 93
Rubrica

- gar a nossa melhor almofada, aquela azul-celeste persa!

VOZ DO COCHEIRO - Brrrrrrrr... brrrrrrrrrrrr

VOZ DO GOVERNADOR - Quando é que o senhor volta, excelência?

VOZ DE KHLESTAKOV - Amanhã ou depois!

VOZ DE OSSIP - É essa almofada? Traz pra cá. E me traz também feno para o cavalo!

VOZ DO COCHEIRO - Brrrrrrrr... brrrrrrrrrrrr

VOZ DE OSSIP - Do lado de cá! Traz mais! Agora está bem! Pode-se viajar com mais comodidade. (BATE NA ALMOFADA). Sente-se agora, excelência...

VOZ DE KHLESTAKOV - Adeus, Anton Antónovich!

VOZ DO GOVERNADOR - Adeus, excelência!

VOZ DAS MULHERES - Adeus, Ivan Alexándrovich!

VOZ DE KHLESTAKOV - Adeus, mãezinha!

VOZ DO COCHEIRO - Vamos, meus cavalinhos! ôp! ôp! ôp! (A CARRUAGEM SE AFASTA COM RUÍDO).

- FIM DO QUARTO ATO -

jfm/TG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.99.

DPF
DCDP
Fls. N.º 94
Rubrica

QUINTO ATO

(MESMA SALA. O GOVERNADOR, MULHER E FILHA).

GOVERNADOR - Que te parece, Ana Andréievna? Alguma vez você ao menos sonhou com isso? Hein? Que caça magnífica! Confessa sinceramente. Com isso não conseguias nem sonhar. E assim, = do dia para a noite, zás! Com que personalidade ilustre eu vou me aprontar.

ANA - Não seja tolo. Eu já sabia disso há muito tempo. E se você acha tudo assim tão estranho, é por que você é um rústico, que nunca viu gente decente.

GOVERNADOR - Eu também sou um decente, velha! Mas pensando bem, Ana Andréievna, agora estamos por cima. Hein? Agora sim que vou mandar arrebentar tôda essa gente que foi se queixar de mim. Ei, quem é que está aí? (ENTRA UM SOLDADO). Ah, é você, Ivan Karpovich? Manda chamar todos os comerciantes, meu irmão. Êles agora vão ver como é que vão ser tratados daqui por diante. Queixando-se de mim, não é? Malditos traidores! Êles vão ver! Até agora só os tratei com severidade, só isso. Mas agora vou tratá-los com mão de ferro! Toma nota de todos que vieram se queixar de mim. E também o nome dos escreventes que redigiram as queixas. E pode contar a todos para que fiquem sabendo. Deus enviou uma grande honra ao nosso Governador. Sua filha vai se casar. Mas não com qualquer um, não. É com um dêsses como existem poucos. Um homem que é capaz de fazer tudo, tudo, tudo! Anuncia a tôda a cidade para que tôda gente fique sabendo! Grita por todo o povoado e manda tocar todos os sinos. Afinal, o triunfo é o triunfo! (O SOLDADO SAI). Pois assim vai o mundo, Ana Andréievna. E agora, onde é que a gente vai morar aqui ou na Capital?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.100.
100
DPF
DCDP
Fls. N.º 95
Rubrica

ANA - Na Capital, naturalmente. Como é que a gente poderia ficar aqui?

GOVERNADOR - Se você quer na Capital, que seja na capital! Mas até que a gente podia continuar por aqui mesmo, se não, eu tenho de abandonar meu título de Governador.

ANA - Naturalmente. E quem é que pensa ainda nesse título?

GOVERNADOR - Porque agora, não é verdade, Ana, eu posso pretender um pôsto bem mais elevado. Você não acha? Êle é unha e carne com todos os ministros. Vai ao palácio quando bem entende. Usando sua influência, com algum tempo, poderei chegar a general! Você não acha, Ana Andréievna. Eu não posso chegar a ser general?

ANA - Claro que sim, naturalmente.

GOVERNADOR - Ah, que diabo! Deve ser muito bom ser general. Êles põem uns galões aqui no nosso ombro. Que tipo de galões você prefere, Ana? Vermelhos ou azuis?

ANA - Claro que os azuis são melhores.

GOVERNADOR - Olha só que pretensão. Por que é que todo mundo quer ser um general? Porque quando um general vai a algum lugar, é sempre precedido pelos secretários e ajudantes de ordem. E gritam: "Os cavalos"! Todos têm de esperar. Todos os conselheiros de segunda e de terceira, todos êsses capitães e governadores. O general está acima de todos. Quando um dêles almoça na casa de Governador, o Governador humildemente é obrigado a lhe fazer uma saudação. (RI ATÉ NÃO PODER MAIS). É isto que me atrai.

ANA - Você sempre gosta do que é grosso. Não se esqueça que vamos ter de mudar completamente de vida. Vamos ter de mudar de amigos. Você não irá mais à caça com juízes que gostam de cachorros.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-101

DPF DCDP Fls. N.º 96 Rubrica

- Pelo contrário, seus amigos devem ser pessoas de maneiras finas. Condes e homens do mundo. Mas para dizer a verdade, eu tenho mêdo de você. Está sempre dizendo cada palavra, dessas que não se ouvem na alta sociedade.

GOVERNADOR - E daí? Uma palavrinha não faz mal nenhum.

ANA - Dizer palavrões não faz mal quando se trata de um governador. Mas na capital a vida é completamente diferente.

GOVERNADOR - Dizem que lá êles servem um peixe tão gostoso que ninguém, ninguém consegue comer sem se babar todo.

ANA - Para você um peixe basta... Eu só vou ficar contente quando estiver morando na melhor casa de São Petersburgo. E que essa casa seja tão perfumada que ninguém consiga entrar. E que quem já estiver lá dentro fique com os olhos cheios de lágrimas, assim. (MOSTRA OS OLHOS). Então sim, eu vou ser feliz! (ENTRAM OS COMERCIANTES).

GOVERNADOR - Ah! Saúde, meus amiguinhos!

COMERCIANTES - (FAZENDO UMA REVERÊNCIA). Nós também lhe desejamos muita saúde, senhor governador.

GOVERNADOR - Muito bem, meus queridos. Que tal, como vão os negócios? Então, vocês vieram aqui se queixar de mim, não é? Ladrões, canalhas, embusteiros! Vieram se queixar, não é?! Estavam certos de que eu iria parar na cadeia, não é? Pois fiquem sabendo, seus filhotes de Satanás, que eu!...

ANA - Meu Deus, que linguagem Antocha!

GOVERNADOR - Bem, agora não estou para ficares escolhendo palavras. Vocês sabiam que o Inspetor, a quem vocês se queixaram, vai se casar com minha filha, hein? Que é que vocês me dizem agora? Vocês me pagam! Vocês vão ver como é que vou tratá-los daqui por diante. Vocês = são uns ladrões. Roubam o povo! Venderam cem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-102

DPF D. D. Fls. N.º 97 Rubrica

- - mil rublos de pano podre ao Estado e só por que me deram uns vinte metros de tecido estavam esperando o quê? Um prêmio? Se o Inspetor soubesse de tôdas as vossas falcatruas, vocês iriam parar na Sibéria! E é preciso ver as miseráveis esmolas que me dão de presente! E todos pensam que são intocáveis: "Não somos inferiores aos nobres!" E êsses imbecis se esquecem de que os nobres estudam ciências. E êles também são espancados na escola para aprender alguma coisa de útil. E você, comerciante, por que tantas pretensões? Desde criança a única coisa que vocês aprendem é picardia. E o patrão dá um cascudo em quem não souber enganar o freguês. Antes mesmo de aprender rezar o Padre Nosso, vocês aprendem a roubar no pêso. E logo que enchem o bôlso e a barriga, olhem só como ficam importantes! Onde já se viu uma coisa dessas?!

COMERCIANTES - (COM UMA REVERÊNCIA). Nós reconhecemos nossa culpa, Anton Antónovich!

GOVERNADOR - Reconhece a culpa me acusando, não é? (APONTANDO UM DÊLES). Você aí! Quem ajudou você naquela falcatrua quando você construiu a ponte, e lançou na contabilidade que tinha fornecido 20.000 rublos de madeira e eram apenas 100; quem lhe estendeu a mão amiga? Fui eu que o ajudei, seu barba de bode! Você já esqueceu? Se eu o tivesse denunciado, era outro que iria parar na Sibéria! Que é que você diz a isso?

COMERCIANTE - Eu afirmo em Jesus Cristo que nós temos culpa, Anton Antónovich! Foi uma tentação do diabo! Mas nunca mais nos queixaremos! Pode pedir o que quiser, mas não se aborreça conosco!

GOVERNADOR - Não se aborreça! Agora vocês rastejam a meus pés. Por quê? Só há uma razão: eu triunfei!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.103. 103

DPF DCDP Fls. N.º 98 Rubrica

- E se vocês, canalhas, tivessem triunfado, seriam capazes de me enterrar vivo e me bater com uma acha de lenha na cabeça!

COMERCIANTES - (COM PROFUNDAS REVERÊNCIAS). Tem piedade de nós, Anton Antónovich!

GOVERNADOR - Tem piedade! Agora, é "tem piedade"! E antes, o que era? Hein? Tenho vontade de... de... (FAZ UM GESTO). Enfim! Que Deus os perdôe! Não sou rancoroso. Mas daqui por diante, muito cuidado. Muito cuidado comigo. Eu não vou casar minha filha com um nobre qualquer. Os votos de felicidade devem ser... entendem? Não me venham com bacalhaus e sacos de açúcar! Bem, podem ir com Deus. (OS COMERCIANTES SAEM).

(ENTRAM AMOS, ARTEMI E RASTAKOVSKI).

AMOS - (NA PORTA). Devemos acreditar no que estão dizendo, Anton Antónovich? É verdade que o senhor teve essa extraordinária felicidade?

ARTEMI - Tenho a honra de felicitá-lo pela sua boa fortuna. Fiquei muito contente quando soube. (APROXIMA-SE DE ANA ANDRÉIEVNA E LHE BEIJA A MÃO). Ana Andréievna! (BEIJA A MÃO DE MARIA ANTÓNOVNA). Maria Antónovna!

RASTÁKOVSKI - Felicidades, Anton Antónovich! Que Deus lhe conceda uma longa vida e também ao jovem casal e lhe dê uma numerosa prole de netos e bisnetos. Ana Andréievna! (BEIJA-LHE A MÃO). Maria Antónovna! (BEIJA-LHE A MÃO).

(ENTRAM LIÚLIUKOV E KORÓBKINE E SUA ESPÔSA).

KORÓBKINE - Tenho a honra de felicitá-lo Anton Antónovich! Ana Andréievna. (BEIJA-LHE A MÃO). Maria Antónovna! (BEIJA-LHE A MÃO).

MADAME KORÓBKINE - Eu a felicito de todo o coração Ana Andréievna por essa nova felicidade!

LIÚLIUKOV - Tenho a honra de felicitá-la, Ana Andréievna! (BEIJA-LHE A MÃO). Maria Antónovna, tenho a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.104.104

DPF DCDP Fls. N.º 99 Rubrica

- honra de felicitá-la. (BEIJA-LHE A MÃO).

(MUITOS VISITANTES DE CASACA SE APROXIMAM E BEIJAM A MÃO DE ANA ANDRÉIEVNA, DIZENDO: "ANA ANDRÉIEVNA"! E DEPOIS, DE MARIA ANTÓNOVNA, DIZENDO: "MARIA ANTÓNOVNA". DOBCHINSKI E BOBCHINSKI ABREM CAMINHO AOS EMPURRÕES).

BOBCHINSKI - Tenho a honra de lhe desejar felicidades!

DOBCHINSKI - Anton Antónovich, tenho a honra de felicitá-lo...

BOBCHINSKI - ... por êsse feliz acontecimento!

DOBCHINSKI - Ana Andréievna!

BOBCHINSKI - Ana Andréievna! (AMBOS SE APROXIMAM AO MESMO TEMPO E SUAS CABEÇAS SE CHOCAM).

DOBCHINSKI - Maria Antónovna! (BEIJA-LHE A MÃO). Tenho a honra de lhe desejar felicidades. A senhorita será muito, muito feliz. Passeará com um vestido de ouro, e há de comer todos os tipos de sopas refinadas. Há de passar muito bem o seu tempo!

BOBCHINSKI - (INTERROMPENDO). Maria Antónovna, tenho a honra de felicitá-la. Que Deus lhe dê tôdas as riquezas: moedas de ouro e um filho pequeno, (MOSTRA O TAMANHO) tão pequeninino que a gente possa assentá-lo na palma da mão e brincar com êle assim: uáu! uáu! uáu!

(ENTRAM LUCAS LUKITCH E SUA MULHER).

LUCAS - Tenho a honra... (A MULHER ADIANTA-SE CORRENDO).

MULHER DE LUCAS - Felicidades, Ana Andréievna. Fiquei tão contente quando ouvi essa história! Disseram me assim: "Ana Andréievna vai casar sua filha!" "Ah! Meu Deus", pensei. E fiquei tão feliz, que fui correndo contar a meu marido: "Veja, querido, veja que felicidade o destino reservou para Ana Andréievna!". E pensei mais, pensei muito mais ainda: "Bem, que Deus seja louvado!". E a meu marido eu ainda disse: "Estou tão encantada que a impaciência me consome enquanto não disser diretamente a Ana Andréievna o que eu sinto!" - "Ah,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p105
105

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 100
Rubrica

Meu Deus" - pensei. "Ana Andréievna esperava exatamente isso: um bom partido para sua filha! E o destino não fazia outra coisa senão preparar essa coincidência!" E me senti tão contente, juro, que nem conseguia falar! Chorei, chorei tanto que aquilo já não era mais chorar. Eram soluços. Chorei tanto que meu marido me perguntou: "Por que é que você está chorando assim, Anastácia?" E eu respondi: "Não sei, querido. Nem eu mesma sei. As lágrimas nascem em meus olhos como um rio em sua fonte!"

GOVERNADOR - Por favor, vamos todos sentar! Mishka, traz mais cadeiras!

(SENTAM-SE OS VISITANTES. ENTRAM O CHEFE DA POLÍCIA E GUARDAS).

CHEFE DA POLÍCIA - Tenho a honra de felicitar a V. Excia. e desejar que seja feliz por muitos e muitos anos!

GOVERNADOR - Obrigado! Obrigado! Queiram sentar-se senhores!

AMOS - Mas então, Anton Antónovich, conte-nos como começou tudo isso! Vamos lá, como se desenvolveu o assunto?

GOVERNADOR - Pois foi uma coisa nunca vista: Sua excelência dignou-se a fazer o pedido pessoalmente.

ANA - Muito respeitosamente e da forma mais fina que se possa imaginar! Falou muito bonito. Disse: "Eu Ana Andréievna - faço tudo isso em honra a vossos méritos". Ah, que homem magnífico, educado, culto de sólidos princípios morais! "Para mim, creia-me, Ana Andréievna, a vida não tem a mínima importância: faço isso apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes!"

MARIA - Não, mãezinha, foi a mim que êle disse isso!

ANA - Cale a bôca. Você não sabe nada e só se mete no que não lhe diz respeito! "Estou perturbado, Ana Andréievna". Falou de uma maneira tão lisonjeira! E quando eu lhe quis dizer: "Não Ivan Alexándrovich, não nos atrevemos de for-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413.p106. 106

DPF DCDP Fls. N.º 101 Rubrica

- ma alguma a esperar semelhante honra", êle de repente se atirou de joelhos no chão e disse de uma forma indescritìvelmente cavalheiresca: "Não faça a minha desgraça, Ana Andréievna! Corresponda a meus sentimentos, porque, do contrário, porei fim à minha vida".

MARIA - Garanto, mãezinha, que isso êle disse para mim!

ANA - Bem, claro... evidentemente... êle disse também a você, não nego.

GOVERNADOR - Vocês precisavam ver como êle nos assustou! Ameaçou suicidar-se: "Eu darei um tiro na cabeça! Um tiro na cabeça!" - disse.

VOZES - Não diga!

AMOS - Inacreditável!

LUCAS - É. Mas o destino é o destino!

ARTEMI - Não, meu amigo, não foi o destino. Foi o mérito. Foi o mérito. (À PARTE). A sorte sempre há de perseguir um porco como êsse.

AMOS - Se quiser, estou disposto a vender-lhe aquêle perdigueiro que o senhor tanto queria.

GOVERNADOR - Não, não. Agora não posso me preocupar com perdigueiros.

AMOS - Como quiser. Ou talvez possamos entrar em acôrdo sôbre um cachorro de outra raça.

MADAME KORÓBKINE - Como estou contente com sua felicidade, Ana Andréievna! Nem pode imaginar!

KORÓBKINE - Mas, se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que êle partiu.

GOVERNADOR - Realmente. Teve de se ausentar por um dia, para tratar de um assunto importante

ANA - Foi visitar a tia para pedir a bênção.

GOVERNADOR - Sim, para pedir a benção, mas amanhã mesmo... (ESPIRRA E SE OUVEM EXCLAMAÇÕES EM MEIO BORBORINHO GERAL. "DEUS O ABENÇÕE", ETC.). Muito obrigado... mas amanhã mesmo estará de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 107
107
DPF DCDP Fls. N.º 102 Rubrica

- volta. (ESPIRRA NOVAMENTE; ALVORÔÇO E EXCLAMAÇÕES. DESTACAM-SE VÁRIAS VOZES).

CHEFE DA POLÍCIA - Desejamos-lhe muita saúde, Excelência!

BOBCHINSKI - Cem anos de vida e uma pirâmide de rublos de ouro!

DOBCHINSKI - Deus o crie!

ARTEMI - Que te arrebente!

MADAME KORÓBKINE - O diabo que te carregue!

GOVERNADOR - Obrigado. Desejo-lhes o mesmo!

ANA - Estamos pensando em mudar para São Petersburgo. Para dizer a verdade aqui se respira um ar por demais provinciano... Muito desagradável, confesso. Além disso meu marido será promovido a general.

GOVERNADOR - Ah, sim, meus senhores. Digo-o com tôda a franqueza. Gostaria de ser general.

LUCAS - Deus queira que consiga.

RASTÁKOVSKI - O homem põe, Deus dispõe!

AMOS - Para um grande barco, grandes travessias.

ARTEMI - A César o que é de César!

AMOS - (À PARTE). Imaginem só se êle consegue mesmo chegar a general. Aí está um homem a quem o título assentaria tão bem quanto uma sela numa vaca.

ARTEMI - (À PARTE). Diabo! Êsse aí já quer ser general! E sabe-se lá!... Pôse não lhe falta. Que vá para o inferno! (AO GOVERNADOR). Veja lá, Anton Antónovich, quando chegar a general não vá se esquecer da gente hein?

AMOS - E se a gente precisar de alguma proteçãozinha legal não nos abandone!

KORÓBKINE - No ano que vem vou levar meu filho à capital para que êle fique a serviço do Estado. Tenho a certeza que o senhor será para êle um verdadeiro pai!

GOVERNADOR - Não duvide! Não duvide! De minha parte es-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.108-108

DPF DIMAS Fls. N.º 103 Rubrica

- tou pronto a fazer sempre o humanamente = possível para o bem do meu povo.

ANA - Você está sempre disposto a prometer. Em primeiro lugar, você não vai ter nem tempo de = pensar nisso. Como é possível fazer êsse tipo de promessas? E além disso, para quê?

GOVERNADOR - Por que não, querida? Às vêzes pode-se ajudar um pouco!

ANA - Naturalmente que pode. Mas não vejo porque você haveria de proteger qualquer pessoa insignificante.

MADAME KORÓBKINE - Está vendo como ela nos trata?

VISITANTES - Eu conheço essa velha. Ela sempre foi assim. Mostram-lhe um dedo, ela engole a mão.

(ENTRA O CHEFE DOS CORREIOS DESALENTADO COM UMA CARTA ABERTA NA MÃO).

CHEFE DOS CORREIOS - Um caso surpreendente, senhores! O funcionário que todos nós pensávamos que fôsse um inspetor não é um inspetor!

TODOS - Como não é o Inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS - Nem de longe. Esta carta revela tudo.

GOVERNADOR - O quê? O que é que está escrito aí? Que carta é essa?

CHEFE DOS CORREIOS - Uma carta dêle próprio. Chegou na agência dos correios e eu li o remetente: Ivan Alexándrovich Khlestakov. Fiquei petrificado de mêdo. Eu logo pensei que êle tivesse descoberto alguma coisa errada nos correios e queria avisar o seu chefe. Foi só por isso que = eu abri a carta.

GOVERNADOR - Como é que o senhor foi fazer uma coisa dessas!?

CHEFE DOS CORREIOS - Eu mesmo não sei dizer. Senti como como se uma fôrça sobrenatural se apossasse de mim. E uma voz dizia: "Abre a carta, abre!" Já estava quase mandando a carta ao destinatário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.109.
109
DPF DCDP Fls. N.º 104 Rubrica

quando senti uma curiosidade tão grande que não resisti. Então outra voz me disse no ouvido: "Não abre essa carta. Ela é a tua ruína!" E o primeiro demônio continuou murmurando "Abre, abre, abre!". Quando eu abri senti o sangue pegando fogo em minhas veias. E uma febre gelada. Eu juro que era gelada. Minhas mãos estavam trêmulas e tudo se embaçou na minha frente.

GOVERNADOR - Mas como é que o senhor teve a coragem de abrir a carta de uma autoridade tão elevada?

CHEFE DOS CORREIOS - Essa é a questão. Não é nem elevada, nem é autoridade.

GOVERNADOR - Então o que é que êle é?

CHEFE DOS CORREIOS - Nem fede nem cheira. Nem o diabo sabe quem êle é.

GOVERNADOR - Como "nem fede e nem cheira" e dizer que nem o diabo sabe quem êle é?! Eu vou mandar o senhor para a cadeia!

CHEFE DOS CORREIOS - Quem vai mandar, o senhor?

GOVERNADOR - Sim, eu!

CHEFE DOS CORREIOS - Acho que vai ser difícil.

GOVERNADOR - Fique sabendo que êle vai casar com a minha filha. E eu mesmo hei de ser um nobre. E se quiser, posso mandar o senhor até para a Sibéria!

CHEFE DOS CORREIOS - Ah, Anton Antónovich! Faça-me o favor. Esqueça da Sibéria, que é muito longe. O melhor é ler essa carta. Se os senhores permitem eu mesmo leio.

TODOS - Leia, leia, leia.

CHEFE DOS CORREIOS - (LENDO). "Apresso-me a informar-te, meu caro Triápichkin, das incríveis aventuras que comigo se passaram. Durante a viagem um capitão de infantaria deixou-me sem um níquel, a tal ponto que o taberneiro queria me mandar para a cadeia. Mas eis se não quando, em virtude

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.110.

DPF DCDP Fls. N.º 105 Rubrica

do meu aspecto metropolitano e das minhas roupas, o povinho daqui me toma pelo próprio General-em-chefe. Agora estou hospedado na casa do Governador, levo uma vida ótima e cortejo furiosamente sua mulher e sua filha. Resta-me sòmente decidir por qual delas começar... creio que começarei pela "mamã" já que me parece predisposta a oferecer todos os serviços. Lembras-te dos tempos de miséria que passamos juntos, comendo um dia sim, um dia não e como certa vez o dono de uma confeitaria me agarrou pelo pescoço por que eu não podia pagar os pastéis? Agora as coisas transcorrem diferentemente. Todos me emprestam dinheiro, na quantidade que eu bem entender. É uma gente deveras pitoresca: se tu os visses, morrerias de rir. E já que escreves para os jornais, poderias colocá-los em tuas crônicas. Em primeiro lugar, vem o Governador: êle é mais imbecil do que um capão na engorda..."

GOVERNADOR - Não, não é possível. Isso não está aí!

CHEFE DOS CORREIOS - Está sim, está sim! Leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR - (LENDO). "... mais imbecil do que um capão na engorda!" Não, não pode ser! Foi o senhor mesmo que escreveu isso!

CHEFE DOS CORREIOS - Como é que eu iria escrever?

ARTEMI - Leia, leia!

LUCAS - Leia!

CHEFE DOS CORREIOS - (PROSSEGUINDO COM A LEITURA). "Em primeiro lugar vem o governador: êle é mais imbecil do que um capão na engorda!"

GOVERNADOR - Mas que diabos! Pra que repetir? Todo mundo já sabe, não é?

CHEFE DOS CORREIOS - (SEGUE LENDO). Hum... hum... hum... "mais imbecil do que um capão na engorda. O chefe dos correios também é um bom homem..." (PARANDO DE LER). Bem, aqui vêm umas expressões inconvenientes a meu respeito...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.111.

DPF DCDP Fls. N.º 106 Rubrica

GOVERNADOR - Ah, não! Leia!

CHEFE DOS CORREIOS - Mas para quê?

GOVERNADOR - Não senhor! Que diabo é isso! Já que está lendo leia tudo!

ARTEMI - Permita-me. Eu leio. (PÕE OS ÓCULOS E LÊ). "O chefe dos correios é idêntico a Mikaev, o contínuo da nossa repartição. Deve ser também o mesmo poltrão e bêbado."

CHEFE DOS CORREIOS - Não passa de um rapazola malcriado que deveria levar uma surra, eis tudo!

ARTEMI - (LENDO)... "O Diretor do hospital..." (INTERROMPE-SE).

KORÓBKINE - Por que parou?

ARTEMI - Não entendo bem a letra... além disso vê-se logo que é um miserável!

KORÓBKINE - Deixe ver! Acho que a minha é melhor que a sua! (QUER PEGAR A CARTA).

ARTEMI - (RESISTINDO). Não, não, podemos pular êsse pedaço. O que vem a seguir já se entende.

KORÓBKINE - Permita-me, talvez eu consiga decifrar!

ARTEMI - Mas para quê, eu mesmo leio. Asseguro-lhe que mais para diante lê-se com muita facilidade!

CHEFE DOS CORREIOS - Não senhor. Até agora se leu tudo. Não vale pular pedaços.

TODOS - Entregue a carta, Artemi Fiodórovich! Entregue a carta!

ARTEMI - Imediatamente. (ENTREGA A CARTA). Pronto! (COBRE COM A MÃO UMA PASSAGEM). Com licença... leia desde aqui... (TODOS SE APROXIMAM).

CHEFE DOS CORREIOS - Leia, leia! Mas que bobagem! Leia tudo!

KORÓBKINE - (LENDO)... "O Diretor do Hospital, um certo Zemlianika, é um verdadeiro porco enfeitado!"

ARTEMI - Hum! Nem ao menos tem espírito! Um porco enfeitado? Onde já se viu isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 112.
112
DPF
DCDP
Fls. N.º 107
Rubrica

KORÓBKINE - (CONTINUA LENDO). "O Supervisor das Escolas fede tanto a cebola que é de dar mêdo!".

LUCAS - Eu juro por Deus que nunca provei uma cebola!

AMOS - (À PARTE). Graças a Deus não fala de mim!

KORÓBKINE - (LENDO). "O Juiz..."

AMOS - (À PARTE). Ai, fui precipitado! (ALTO). Senhores, esta carta já está muito longa. É incrível que gente de responsabilidade perca tempo com tamanha estupidez!

LUCAS - Não, não!

CHEFE DOS CORREIOS - Que é isso? Que é isso! Vamos ler, sim senhor!

ARTEMI - Isso mesmo! Que se leia!

KORÓBKINE - (CONTINUANDO). "O juiz, um tal de Liápkin-Tiápkin, é um "mauvais ton"... (INTERROMPE-SE). Deve ser uma palavra francesa...

AMOS - Só o diabo sabe o que isso significa. Me dou por contente se significar malandro ou coisa parecida mas quem sabe seja coisa bem pior.

KORÓBKINE - (PROSSEGUINDO). "No mais, todos são hospitaleiros e amáveis. Adeus, meu caro Triapíchkin. Seguindo teu exemplo, estou decidido a enveredar pela literatura. É muito monótona a vida assim. A alma também precisa ser alimentada. Descobri que realmente é necessário se = preocupar com as coisas superiores. Escreva-me para a província de Saratov e dali para a aldeia Podkatílovka. (VIRA A CARTA E LÊ O ENDERÊÇO). Ao Ilustríssimo Senhor Ivan Vassilievich Triapíchkin, rua Pocnsákaia, na casa sob o número 97, dobrando-se a esquina, no pátio, no terceiro andar, à direita."

UMA DAMA - Mas que contratempo!

GOVERNADOR - Me apunhalou! Me apunhalou! Estou morto! Morto! Completamente morto! Não vejo mais nada! Só focinhos de porco em lugar de caras! Focinhos de porcos!... Tragam-no de volta! Tra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.113.

DPF DCDP Fls. N.º 108 Rubrica

- gam-no de volta!

CHEFE DOS CORREIOS - Quem poderá trazê-lo? Eu mesmo ordenei para que lhe dessem a melhor troika. E o diabo me instigou para que eu lhe desse uma ordem escrita com a qual êle vai pegar os melhores cavalos de muda pelo caminho!

MADAME KORÓBKINE - Que confusão incrível, meu Deus!

AMOS - E eu? E eu que lhe emprestei trezentos rublos!

ARTEMI - O mesmo lhe dei eu!

CHEFE DOS CORREIOS - (SUSPIRANDO). Eu também lhe emprestei trezentos rublos.

DOBCHINSKI - Eu e o Pedro Ivánovitch lhe emprestamos sessenta e cinco.

AMOS - (DESCONCERTADO, COM UM GESTO DE PERPLEXIDADE). Mas... mas como foi isso, senhores!? Como se explica têrmos caido nesta impostura?

GOVERNADOR - (BATENDO NA TESTA). Como se explica ter isto acontecido comigo!... Comigo..., velho cretino!... É claro, perdi o juízo! Estou gagá! Trinta anos de administração pública. Em trinta anos nenhum comerciante, nenhum atravessador conseguiu me enganar. Eu sim, enganava um tapeador depois do outro. Enganei os maiores ladrões e malandros, dêses que roubam meio mundo. Meti no bôlso = três governadores! E que governadores! (COM UM GESTO DE DESALENTO). Ah, não falemos de governadores!

ANA ANDRÉIEVNA - Mas isso não pode ser, Antocha. Êle se comprometeu com Machenka!...

GOVERNADOR - (ENFURECIDO). Ah, se comprometeu!? Tó, que se comprometeu! E vem ela "se comprometeu"! Vejam, vejam todos! Todo o mundo! Tôda a cristandade! Vejam todos como o Governador foi feito de bêsta. Vejam todos como passou por imbecil! O velho malandrão!... (AMEAÇANDO-SE COM O PRÓPRIO PUNHO). Ah, narigudo desgraçado! Confundiste um palhaço com um homem impor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.114.

DPF DCDP Fls. N.º 109 Rubrica

- tante. E lá se vai êle, rindo pelos caminhos. Espalhando aos quatro ventos o que aconteceu! E como se não bastasse ser motivo de troça para todo mundo, ainda vai aparecer um rabiscador, um borrador de papéis qualquer que te meterá numa comédia! Isso é o que mais me dói! Não respeitará meu cargo, minha posição! E todos gargalharão mostrando os dentes e batendo palmas! Parece que os vejo! Mas estão rindo de quê? Imbecis! Estão rindo de si mesmos! (BATE COM OS PÉS NO CHÃO, IRADO). Ai que eu esmagaria todos êsses caneteiros! Ah! Escrivinhadores, ah, liberais malditos, sementes do diabo! Eu amarraria todos juntos num só feixe, eu os transformaria em pó, eu os... aaaaaaaah! (DÁ GOLPES COM OS PUNHOS NO AR, BATENDO COM OS PÉS. DEPOIS DE UMA PAUSA, PROCURANDO DOMINAR-SE). Não = consigo me acalmar. É assim mesmo: quando Deus quer nos castigar, começa por nos tirar o raciocínio!... Vamos ver: o que tinha de inspetor geral aquêle malandrote? Nada, absolutamente nada! Nem um pingo de semelhança e no entanto, de repente, estavam todos lá, "Inspetor aqui, inspetor ali... Ah, o Inspetor! Meu Deus, um Inspetor!". Quem foi o primeiro a espalhar que êle era o Inspetor? Respondam?

ARTEMI - (COM UM GESTO DE PERPLEXIDADE). Que eu morra, se entendo como é que isso foi acontecer! Foi como se entrasse uma névoa na minha cabeça, como se eu fôsse enredado pelo próprio demônio!

AMOS - Pois aqui está quem espalhou a notícia; (APONTANDO DOBCHINSKI E BOBCHINSKI). Foram êstes cavalheiros!

BOBCHINSKI - Ei, ei! Eu não! Nem sequer pensei...

DOBCHINSKI - Eu não disse nada, absolutamente nada...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-115.

DPF DCDP Fls. N.º 110 Rubrica

115

ARTEMI - Foram os senhores, sim!

LUCAS - Claro que foram êles. Vieram correndo da taberna, gritando como uns loucos: "Êle veio! Vive e não paga!"... Pelo amor de Deus, bela personagem descobriram.

GOVERNADOR - Naturalmente que foram vocês! As comadres da da cidade! Boateiros malditos!

ARTEMI - Que vão pro diabo com o Inspetor e tôdas essas histórias!

GOVERNADOR - Vivem correndo pela cidade, cochichando, urubus desgraçados!

AMOS - Malditos difamadores!

LUCAS - Palhaços!

ARTEMI - Intrigantes pançudos! (TODOS CERCAM OS DOIS ACUSADOS).

BOBCHINSKI - Juro por Deus que não fui eu! Foi Pedro Ivánovitch!

DOBCHINSKI - Oh, não, Pedro Ivánovich! Pois se foi o senhor primeiro a...

BOBCHINSKI - Não, não, Pedro Ivánovitch, o primeiro foi o senhor.

(ENTRA UM SOLDADO).

SOLDADO - Senhores! Um funcionário, que acaba de chegar de São Petersburgo com ordens especiais, ordena que o procurem imediatamente. Êle está no hotel.

(AS PALAVRAS PRONUNCIADAS TÊM O EFEITO DE UM RAIO. DE TODOS OS LÁBIOS FEMININOS ECOA UM SOM DE SURPRÊSA: TODO O GRUPO QUE, DE REPENTE, MUDA DE POSIÇÃO, PÁRA COMO QUE PETRIFICADO).

CENA MUDA

O GOVERNADOR ESTÁ NO CENTRO, COMO UMA COLUNA, AS MÃOS ESTENDIDAS E ABERTAS, CABEÇA, INCLINADA PARA TRÁS. À

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-116.

DPF
DCDP
Fls. N.º 111
Rubrica

SUA DIREITA, ESTÃO SUA ESPÔSA E SUA FILHA, COM UM MOVIMENTO DE CORPO EM SUA DIREÇÃO; ATRÁS DELAS, O CHEFE DOS CORREIOS, CONVERTIDO NUM PONTO DE INTERROGAÇÃO DIRIGIDO AO PÚBLICO. DETRÁS DÊLE, LUCAS QUE SE ENCONTRA PERDIDO DA FORMA MAIS INOCENTE POSSÍVEL; DETRÁS DE LUCAS, NO PONTO EXTERMO DA CENA, TRÊS DAS SENHORAS VISITANTES, APOIAM-SE UMA NA OUTRA COM EXPRESSÕES FISIONÔMICAS SATÍRICAS, DIRETAMENTE ALUSIVAS À FAMÍLIA DO GOVERNADOR. À ESQUERDA DO GOVERNADOR ESTÃO: ZEMLIANIKA, COM A CABEÇA UM POUCO INCLINADA, COMO SE ESTIVESSE ESCUTANDO ALGUMA COISA; ATRÁS DÊLE, O JUIZ, COM OS BRAÇOS ABERTOS, QUASE SENTADO NO CHÃO, E COM UM MOVIMENTO NOS LÁBIOS, COMO SE QUISESSE ASSOVIAR E EXCLAMAR: "ESTAMOS DIANTE DO JUIZO FINAL". MAIS ATRÁS, KORÓBKINE, QUE PISCA UM ÔLHO MALICIOSAMENTE PARA OS ESPECTADORES, DIVERTINDO-SE COM A SITUAÇÃO DO GOVERNADOR; MAIS ATRÁS, NO FUNDO DO CENÁRIO, BOB E DOB, COM OS BRAÇOS ESTENDIDOS UM PARA O OUTRO, DE BÔCA ABERTA E OLHOS FORA DAS ÓRBITAS. OS DEMAIS VISITANTES REDUZIRAM-SE MERAMENTE A SIMPLES COLUNAS ESTÁTICAS. DURANTE QUASE MEIO MINUTO, O GRUPO PETRIFICADO MANTÉM-SE NESSA ATITUDE. BAIXA O PANO.

- F I M -

JFM/Curitiba, 21 de setembro de 1 969.
SEÇÃO DE MIMEO DATILOGRAFIA DO TEATRO GUAÍRA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-117

324-TCTC
27 - 11 - 69

Chefe do SCDP
Sr.Delegado Regional do DPF/PR
Providêndias (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste / Serviço:

1. assistir ensaios gerais das peças " CIRCULO / PATÉTICO " e " O INSPETOR GERAL ";
2. enviar a êste SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexa aos interessados - qualificados nos versos dos certificados - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio à vista do constante do ítem dois.

Atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP/Substituto

Decedi 28/11/69

DPF SCDP FIS. Nº 113 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.118.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 119 739/70 Rubrica MEM.º N.º

Data 14-10-70

Do Chefe do SCDP

Para Sr. Chefe da TCDP-DR/PR

Assunto: Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que entre em contacto com o sr. Abinoan de Siqueira, esclarecendo-lhe que poderá, querendo, realizar modificações ou supressões nos trechos assinalados às fls. 09, 10, 11, 23, 26, 27, 34, 41, 42, 45, 47 e 48 do script anexo da peça teatral "O INSPETOR GERAL", de Gogol, trechos êste julgados inconvenientes por êste Serviço.

Após estas providências, os textos poderão ser reenviados para uma nova apreciação.

Atenciosamente,

GEOVA LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.119

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

119

DPF
D. DP
Fls. N.º 112
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "O Inspetor Geral"

b) Título original:

c) Autor: Nicolai Gogol

d) Tradutor: Não consta.

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: "16 anos"

II) Análise

a) Gênero: Comédia.

b) Argumento: Castigo bem merecido, que o destino apro[illegible] para um governador déspota, de uma pequena p[illegible] vínicia russa. A vinda de um fiscal do governo geral [illegible] sua cidade, fêz com que o governador tentasse subornar [illegible] o que aliás conseguiu, só que o mesmo não era o i[illegible] verdadeiro e o isso o fêz cair em maus lençois, a[illegible] de ter sido enganado.

c) 1 - Mensagem: "O castigo vem à cavalo"

2 - Impressão final: Boa.

d) Diálogos: Simples, comum e um tanto vulgar em cer[illegible] trêchos, sem no entanto chegar a ser pornog[illegible] ífico.

e) Cenas: Desenrolam-se na casa do governador e quarto [illegible] um hotel. Não me parece haver alguma coisa q[illegible] possa ser condenada, isto através da leitura do "script". Entretanto opino pelo "ensaio ger[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.120.

f) Personagens: Os próprios do tema empregado e não são prejudiciais e sentidos de influência negativas.

g) Valor educativo: Não contem.

III) Conclusão Sou pela liberação da peça com restrição à menores de 16 anos, embora a mesma tenha sido anteriormente sofrido classificação etária acima, ou seja, 18 anos. Talvez houvesse sido, por causa do diálogo, e no entanto, não é apresentado de forma indecorosa do "script" e precedido por vias.

Brasília, 26 de novembro de 1969

Técnico de Censura - Cart. nº
TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura Credenciado TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA, que a examinou;

TÍTULO :- O INSPETOR GERAL
AUTOR :- NICOLAI GOGOL
REST. :- 16 ANOS

EM, 27-11-69

TCTC-SC-SDDP

À consideração do
senhor chefe do SCDP.
Em 27/11/69

ATR
HBORGES
27.11.69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.121

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

p/1

Fls. N.º 114
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2047/69

Serviço de Censura de Diversões Públicas-Brasília
D. P. F.

PEÇA -!!!/ INSPETOR GERAL /!!!-

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 27 de NOVEMBRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
ATÉ
16 ANOS

Brasília, 27 de NOVEMBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. CONSTANCIO MONTEBELLO /SUBSTITUTO

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.122

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 64, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ INSPETOR GERAL /:::-

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de SUPERINTENDENCIA DO TEATRO GUAIRA - PR.

Tendo sido censurada em 26 de NOVEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ARTI 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 27 de [redacted]EMBRO de 19 69

RUBENS GARIGAN PINTO

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.123

DPF
DP
Fls. N.º 115
8
Rubrica

125

Ex.mo Sr.
Prof. Wilson Aguiar Chefe do Serviço de Censura
do Departamento de Policia Federal.

O CUCA - Centro Universitário de Cultura Artistica representado por seu presidente, Abinoan de Siqueira, vem pelo presente solicitar de V.S. se digne examinar o texto anexo "O INSPETOR GERAL" de Nicolau Gogol que será encenado pelo TURP - Teatro Universitário Rocha Pombo - por ocasião do III Festival Universitário de Londrina.

Confiante no bom espírito e critério de julgamento de V.S. aguardamos liberação.

Londrina, setembro de 1970

Abinoan de Siqueira
Abinoan de Siqueira

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em de de 19

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 00270
Em 28/9/1970
Protocolista

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, de Paris. —

DPF DCDP Fls. N.º 116 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-124.

Direitos de Representação — Autorização Nº 139897

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Inspetor Geral

Original de Ferreira Gullar e João das Neves

Música de

Tradução de

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias Para ser Censurada

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 25 de Setembro de 1970

.....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.125.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ãtiva e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais dos produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 126.

DPF DCDP Ns. N.º 117 Rubrica

O INSPETOR GERAL

de Nicolai Gogol
Tradução de:
Barreira Gullar e João das Neves.

127

Personagens por ordem de entrada em cena:

Anton Antonovich (Governador)
Aimos Fiorovich (Juiz do Tribunal)
Artiemi Filipovich (Dir. hospital)
Lucas Lukich (Insp. das escolas)
Ivan Kuzmitch Shepkin(Chefe dos correios)
Pietra Ivanovicht Bobchinski (
Pietra Ivanovicht Dobchinski
Mishka
Ana Andreivna
Maria Andreivna
Ossip
Ivan Alexandrovich Klestakov
Criado
Comerciante
Mulher
Madame

-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

PRIMEIRO ATO:

NUMA SALA NA CASA DO GOVERNADOR

GOVERNADOR - Meus senhores, chamei-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

AIMOS - O quê?!

ARTIEMI - Um inspetor?

Governador - Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnito. e o que é pior, em missão secreta.

AIMOS - Santo Deus!

ARTIEMI - Não faltava mais nada!

GOVERNADOR - Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes - ratos, que surgiram assim, negros, fantásticos, farejavam, - e depois iam embora... ouçam a carta que recebi de Petersburg: "Querido amigo e compadre. (PULA ALGUNS TRECHOS MURMURANDO QUALQUER COISA). Ah, - aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar tôda a província e, em especial, êsse Distrito.(ERGUE O DEDO NUM GESTO SIGNIFICATIVO). Obtive essa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-127

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 118
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

128

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "O INSPETOR GERAL"

b) Título original:

c) Autor: NICOLAI GOGOL

d) Tradutor: Ferreira Gullar e João das Neves

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: TURP :Teatro Universitário Rocha Pombo - Londrina- Paraná

h) Classificação da Censura: Imp. para menores de 16 anos sujeito a cortes

II) Análise

a) Gênero; Sátira

b) Argumento: Um forasteiro, pelas suas vestes e maneiras, é julgado erradamente como sendo um inspetor da alta administração do Império Russo, em viagem de inspeção sigilosa numa província do interior. É cumulado de atenções, cortejado e bajulado. Aproveita a situação para explorar os administradores corruptos locais, inclusive o governador, em cuja casa se hospeda. Retira-se após receber dinheiro de todos e de prometer casamento à filha do governador. Seu embuste é descoberto através de uma carta q ue escreve a um amigo, quando ridiculariza os figurões locais,desmascarando-os terrìvelmente. O verdadeiro inspetor chega nessa ocasião.

c) 1 - Mensagem:
Peça em tôrno do saneamento da corrupção e da moral.

2 - Impressão final: A peça, embora relativa a um passado distante, satiriza a prepotência, a corrupção e a bajulação de administradores daquela época. O aventureiro mistificador representa o agente catalítico sob cuja atuação afloram as reações críticas. A desmoralização dos corruptos representa a parte positiva da mensagem.

d) Diálogos:
Contém pornografias não muito graves. Considerando, contudo, que a peça será encenada em cidade do interior, deverá ser expurgada para evitar críticas. - Citação no verso - digo: Citações no verso. -

e) Cenas: Subordinadas a ensaio. Algumas expressões e gestos deverão ser evitados. Citações no verso. -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 128.

f) Personagens: Típicos da época e do argumento, sem comprometimentos.

g) Valor educativo: relativo.

III) Conclusão Peça de autor clássico, com um teor de fundo moral. Uma vez que está isenta de comprometimentos, penso que pode ser liberada para maiores de 16 anos, desde que realizados os cortes abaixo sugeridos, ainda mais porquê será exibida em cidade do interior Paranaense. No caso de não serem realizados os cortes, o espetáculo deverá ser elevado para a categoria de 18 anos.

Devolva-se para que o observe as recomendações Técnicas de Censura. 12.10.70

Brasília, 12 de outubro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

1º Citações para cortes-:

MERDA - fls. 9 - 10 - 41 - 42.
Bosta - fls. 48
Sacana - fls. 10
Esculhambar - fls. 26
Bunda - fls. 27
IPM - fls. 34 (expressão que tem conotação com a situação brasile... e está fora da época da peça.)
Camponês - fls. 11 (para evitar explorações políticas).
Já comí várias - fls. 23 (expressão chocante.)

2 - Gestos :
Aqui oh... fls. 45 e 47/8(gesto redondo - evitar completamente).

12/10/70

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA OSMAR FIALHO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- O INSPETOR GERAL

AUTOR - NICOLAI GOGOL

RESTR.- 16-DEZESSEIS- ANOS C/CORTES

OBS.- ESTA PEÇA FOI LIBERADA ANTERIORMENTE COM A CLASSIFICAÇÃO DE 16 ANOS

EM 12 DE OUTUBRO DE 1970
MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.129.

DPF
DCDP
Fls. N.º 120
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

172

Curitiba, 05 de Novembro de 1.969

Nº. 063/69-Pr.

COPIA

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do - Paraná, pelo presente, autoriza a Censura da Péça " O INSPETOR GERAL" de autoria de NICOLAI GOGOL.

Atenciosamente

S.B.A.T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE

20.000 — 4/67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-130.

DPF
Fls. N.º 121
Rubrica

123

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 05 de Novembro del.969

Nº. 064/69-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do Paraná, pelo presente, AUTORIZA A CENSURA da Péça " CIRCULO PATÉTICO" de Autoria de Sonia Mara Paiva.

Atenciosamente

S. B. A. T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Seção do Paraná

ALBERTO [illegible] - REPRESENTANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-131

DPF DCDP Fls. N.º 122 Rubrica

O INSPETOR GERAL

de Nicolai Gogol

Tradução de:

Barreira Gullar e João das Neves.

Personagens por ordem de entrada em cena:

Anton Antonovich (Governador)
Aimos Fiorovich (Juiz do Tribunal)
Artiemi Filipovich (Dir. hospital)
Lucas Lukich (Insp. das escolas)
Ivan Kuzmitch Shepkin (Chefe dos correios)
Pietra Ivanovicht Bobchinski (
Pietra Ivanovicht Dobchinski
Mishka
Ana Andreivna
Maria Andreivna
Ossip
Ivan Alexandrovich Klestakov
Criado
Comerciante
Mulher
Madame

RECEBI O EXPEDIENTE ANEXO
BRASÍLIA, 09 DE NOVEMBRO DE 1920

-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

PRIMEIRO ATO:

NUMA SALA NA CASA DO GOVERNADOR

GOVERNADOR - Meus senhores, chamei-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

AIMOS - O quê?!

ARTIEMI - Um inspetor?

Governador - Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnito. e o que é pior, em missão secreta.

AIMOS - Santo Deus!

ARTIEMI - Não faltava mais nada!

GOVERNADOR - Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes - ratos, que surgiram assim, negros, fantásticos, farejavam, - e depois iam embora... ouçam a carta que recebi de Petersburg: "Querido amigo e compadre. (PULA ALGUNS TRECHOS MURMURANDO QUALQUER COISA). Ah, - aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar tôda a província e, em especial, êsse Distrito. (ERGUE O DEDO NUM GESTO SIGNIFICATIVO). Obtive essa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.132

DPF
DCDP
Fls. N.º 123
Rubrica

132

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Do: Censor (técnico)
Ao: Chefe do Serviço de Censura
Faz: Relatório

Brasilia, 09 de novembro de 1 970

Após rever o script da peça " O Inspetor Geral ", recomendado os cortes, constatando que os mesmos foram todos aceitos e acatados procedendo as devidas substituições.

Nada mais havendo que possa impedir a encenação da peça citada, sugerimos a sua liberação com a impropriedade solicitada / anteriormente, 16 anos (dezesseis anos).

Sem mais,

atenciosamente

Liberado
9-11-70

Luiz Carlos Melo Aucelio

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA LUIZ CARLOS DE MELO AUCÉLIO, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- O INSPETOR GERAL

AUTOR - NICOLAI GOGOL

RESTR.- 16-DEZESSEIS- ANOS

OBS.- ESTA PEÇA FOI CENSURADA, RECEBENDO CORTES, QUE FORAM RESPEITADOS PELO INTERESSADO NO PRESENTE SCRIPT.

De acôrdo
9-11-70

EM 09 DE NOVEMBRO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-133

133

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
D. DP
Fls. N. 124
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3277/70

PEÇA -:::/ O INSPETOR GERAL /:::-

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 09 de NOVEMBRO de 19 75

Brasília, 09 de NOVEMBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. GEOVA LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-134

M.J.- D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 03, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O INSPETOR GERAL /:::-

Original de O INSPETOR GERAL

Tradução de FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES

Adaptação de

Produção de CUCA -CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA ARTISTICA-LONDRINA-PR.

Tendo sido censurada em 09 de NOVEMBRO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS.-

-:::/ CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL /:::-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 09 de NOVEMBRO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-135.

DPF
D. DP
Fls. N.º 125
Rubrica

134

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Memorando nº 843/70-TCT

Rs 09 / 11 / 1970

DO: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

AO: Sr. Chefe da Turma de Censura da Div.Pub-DR/ PR

ASSUNTO: Providencias (solicita)

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatótio.

PEÇA: O INSPETOR GERAL

AUTOR: NICOLAI GOGOL

INTERS.: CUCA- CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULT. ARTÍSTICA

ENDRÇ.: LONDRINA/PR

Atenciosamente,

GEOVA LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

AP/ap.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.136.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
17 SET 1971 36938

DPF
D.C.DP
Fls. N.º 126
Rubrica

RECEBIDO POR:

Brasília, 15 de setembro de 1971

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura
Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA-DF

136

Vimos respeitosamente requerer a V.S. a liberação e o respectivo Certificado de Censura, relativo à peça teatral "O Inspetor Geral", de Nicolai Gogol, cuja apresentação está marcada para os dias 23, 24 e 26 do corrente mês.

Solicitamos a possível brevidade para o pedido, dada a premência de tempo.

Aproveitamos o ensejo para apresentar cordiais saudações,

Atenciosamente

pelo TEMA (Teatro Mauá)
Benedito Galvão M. do Amaral

Recebi o certificado
Brasília 23/09/1971
David dos Santos Cabral

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

137

DPF DCDP Fls. N.º 127 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.137

Direitos de Representação — Autorização Nº 193739

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "O INSPETOR GERAL"

.....

Original de NICOLAI GOGOL

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias PARA SER CENSURADA

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

BRASILIA, 17 de SETEMBRO de 1971

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.138.

138

DPF
DCDP
Fls. N.º 128
Rubrica

TEATRO UNIVERSITÁRIO "BARÃO DE MAUÁ"

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS
"BARÃO DE MAUÁ"
RIBEIRÃO PRÊTO - S.P.

PEÇA

"O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

TEMA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 139

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

140

DPF
D. DP
Fls. N.° 129
Rubrica

TÍTULO O INSPETOR GERAL

PARECER

AUTOR: NICOLAI GOGOL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS.

PEÇA LIBERADA ANTERIORMENTE COM IMPROPRIEDADE PARA MAIORES DE 16 ANOS, DE ACÔRDO COM OS CERTIFICADOS: 3277/70, 671/68 163/GB E 2047/69. VISTO NÃO TRAZER MODIFICAÇÕES NO TEXTO, OPINO SEJA MANTIDO O MESMO CRITÉRIO ADOTADO EM PROCESSOS ANTERIORES. 16 ANOS.

BRASÍLIA, 22 DE SETEMBRO DE 1971

[signature]

CARLOS ALBERTO M. DE SOUSA

Ao Sr. Chefe do SCDP:

Trata-se de texto liberado anteriormente.

[signature] Paulo Leão

p/ SC

Libere-se de acôrdo com o parecer.

[signature]

30.9.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.140

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

141

DPF
DCDP
Fls. 130
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4286/71

PEÇA " O INSPETOR GERAL "

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 23 de SETEMBRO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 23 de SETEMBRO de 19 75

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

-GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE-

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.141

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 35, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

- O INSPETOR GERAL -

Original de - NICOLAI GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ -RIBEIRÃO PRETO-SP.

Tendo sido censurada em 23 de SETEMBRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: -PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS.

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

obs: ÊSTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDA MENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de SETEMBRO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 142

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
21 SET 1021 F 37268

DPF
DCDP
Fls. N.º 131
Rubrica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte, 26 de agôsto de 1971.

Do : Presidente do Departamento Artístico e Cultural da ETFMG
Ao : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

Prezado Senhor :

O grupo de teatro amador de nosso Departamento, D.A.C, está preparando a peça " Inspetor Geral ", de Nicolai Gogol, que será levada à cena em Belo Horizonte, de 13 a 17 de outubro próximo no salão teatral " Francisco Nunes " .

Enviamos - lhe os originais, três textos (livros) , para a devida censura.

Nossos agradecimentos,

Cordiais saudações.

Diretor da ETFMG

Orientadora do D.A.C.

Presidente do D.A.C.

Impresso na Gráfica da Escola Técnica Federal de Minas Gerais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.143.

DPF
DCDP
Fls. N.º 132
Rubrica

149

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 25 de agôsto de 1 971

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Prezado senhor:

Passamos às mãos de V.Sª., três (3) cópias datilografadas da peça "INSPETOR GERAL", de autoria de Nicolai Gogol, na tradução de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarniere, que são nossos associados, a fim de ser censurada conforme determina o regulamento/ dêsse conceituado Serviço.

Essa peça deverá estrear sob responsabilidade do Grupo de Teatro da Escola Técnica Federal de Minas Gerais, em local e data ainda por determinar.

Sendo só o que se nos apresenta para o momento, subscrevemo-nos e agradecemos

Cordialmente,

SOCIEDADE [illegible] DE AUTORES TEATRAIS
[illegible] DE MINAS GERAIS
Maria Helena Silva
GROVER FERREIRA — DIRETOR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.144.

DPF
D DP
Fls. N.º 134
Rubrica

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

140

TÍTULO O INSPETOR GERAL

PARECER

AUTOR - NICOLAI GOGOL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS.

TRATA-SE DE PEÇA LIBERADA ANTERIORMENTE POR ÊSTE SERVIÇO DE CENSURA, DE ACÔRDO COM OS / CERTIFICADOS - 3277/70, 671/68, 163/GB, 2047/69 E 2686/71 - VISTO NADA CONSTAR E NÃO HAVER MODIFICAÇÕES DIGNAS DE NOTA, OPINO SEJA MANTIDO O MESMO CRITÉRIO. 16 ANOS.

BRASÍLIA, 24 DE SETEMBRO DE 1971

CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.145.

À Seção de Censura:

Trata-se de texto já liberado por êste Serviço. A classificação foi mantida.

24.5.71

[illegible]
TCR.

DE ACÔRDO.
Em: 24/9/71.

WILSON DE QUEIRÓZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura

Transcreve-se com a classificação de 16 anos.

Gonçalves
29.09.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 146.

DPF
DCDP
Fls. N.º 135
Rubrica

147

Mem: nº 807 /71 Em, 30 / 09 / 71

Do: Chefe da TCTC do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/MG
As: Providências - solicita -

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: " O INSPETOR GERAL "
Autor: NICOLAI GOGOL
Intrs: DEPARTAMENTO ARTISTICO E CULT.DA ETFMG
Endrç: BELO HORIZONTE-MG.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE L CERDA
-TCTC-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 147

MJ-D.F-SRA/BSB
19 JUN 1972 027957
RECEBIDO POR

DPF
DCDP
Fls. N.º 136
Rubrica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

15º

ILMO.SR.CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA
DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASILIA -DF

Ana Valderez Meireles de Amorim, presidente do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte solicita de V.S., se digne a ordenar a liberação da peça "O Inspetor Geral" de Nicolai Gogol, traduzida por Ferreira Gular e João das Neves, cuja encenação realizar-se-á pelo Teatro Nôvo Universitário -TONUS-, entidade ligada ao supra citado Diretório, durante a 1º quinzena de agôsto do corrente ano no Teatro Alberto Maranhão.

N. Têrmos
P. Deferimento

Natal, 27 de Maio de 1972

Ana Valderez Meireles ~~de Amorim~~
Presidente do DCE

Recebi a peça aqui
requerida
23-6-72

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0413, p. 148.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

2-A

DPF DCDP Fls. N.º 137 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 135066

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "O INSPETOR GERAL"

Original de NICOLAI GOGOL

Música de XXXXXXXXX

Tradução de FERREIRA GULLAR E JOÃO DAS NEVES

No Teatro ALBERTO MARANHÃO Cidade NATAL -RN

Emprêsa DIRETÓRIO CENTRAR ESTUDANTES Pela Cia. TEATRO NÔVO UNIVERSITÁRIO

nos dias 5,6,7, e 8 de agôsto de 1972

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 91,20 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Natal, 26 de Maio de 1972

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-149

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 138
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.278-71

PEÇA "O INSPETOR GERAL"

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 29 de SETEMBRO de 1976

Brasília, 29 de SETEMBRO de 1971

Chefe do S. C. D. P.
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-150.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 35, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "O INSPETOR GERAL"

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de AUGUSTO BOAL E GIANFRANCESCO GUARNIERE

Adaptação de

Produção de DEPARTAMENTO ARTÍSTICO E CULTURAL DA ETFMG.

Tendo sido censurada em 24 de SETEMBRO de 1971 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS.

OBS: CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 29 de SETEMBRO de 1971

-WALER-

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CH. DA SEÇÃO DE CENSURA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres
XXXXXXXXXXXXXXXXXXX

DPF - Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.151

DPF
DCDP
Fls. N.º 139
Rubrica

152

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES

TEATRO NOVO UNIVERSITÁRIO

T O N U S

"O INSPETOR GERAL"

GOGOL

Serv. de Censura de Diversões Públicas
01
D.P.F.

NATAL - RIO GRANDE DO NORTE

- 1 9 7 2 -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-152

1-B

DPF
DCDP
Fls. N.º 140
Rubrica

O INSPETOR GERAL

153

De Nicolai Gogol

Tradução de Ferreira Gullar e João das Neves

Personagens por ordem de entrada em cena:

ANTON ANTONOVICH - (GOVERNADOR)

AIMOS FIOROVICH - (JUIZ DO TRIBUNAL)

ARTIEMI FILIPOVICH - (DIRETOR DO HOSPITAL)

LUCAS LUKICH - (INSPETOR DAS ESCOLAS)

IVAN KUZMITCH SHEPKIN - (CHEFE DOS CORREIOS)

PIETRA IVANOVICHT BOBCHINSKI - (BURGUÊS)

PIETRA IVANOVICH DOBCHINSKI - (BURGUÊS)

MISHKA - (CRIADO DO GOVERNADOR)

ANA ANDREIEVNA - (MULHER DO GOVERNADOR)

MARIA ANDREIEVNA - (FILHA)

OSSIP - (CRIADO DE

IVAN ALEXANDROVICH KLESTAKOV - (IMPOSTOR

CRIADO DO HOTEL

COMERCIANTE

MULHER

MADAME

Censura de Diversões Públicas
D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 153

1-C

DPF
DCDP
Fls. N.º 141
Rubrica

PRIMEIRO ATO

Numa Sala da Casa do Governador

154

GOVERNADOR - Meus Senhores, chameio-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

AIMOS - O que?!

ARTIEMI - Um inspetor?

GOVERNADOR - Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnita. E o que é pior, em missão secreta.

AIMOS - Santo Deus!

ARTIEMI - Não faltava mais nada!

GOVERNADOR - Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes ratos, que surgiram assim negros fanáticos farejavam, e depois iam embora... Ouçam a carta que recebi de Petersburgo: "Querido amigo e compadre. (Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa). Ah, aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruções para inspencionar toda a província e, em especial esse Distrito. (Ergue o dedo num gesto significativo). Obtive essa informação de fonte fidedigna, muito embora a viagem desse inspetor tenha carater sigiloso". Bom, aqui vêm coisas sem importancia. Tá, tá, tá... "Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seus pecadilhos aconselho-te a tomar todas as precauções possíveis, pois esse funcionário pode chegar a qualquer momento, se é que já não está aí sem que ninguém saiba. Ontem eu... Daqui pra frente são assuntos de família. "Minha irmã Ana esteve aqui outro dia com a bêsta do marido. Ivan Kirilovich, está um pouco gordo mas insiste em tocar violino. Etc, etc." Bem, senhores, esta é a situação

AIMOS - De fato é alarmante.

LUCAS - Mas qual será a razão disso? O que vem fazer aqui um inspetor?

GOVERNADOR - É o destino... Até hoje, por sorte nossa, essa gente só metia o nariz nos outros Distritos. Chegou a nossa vez.

Serv. de Censura de Diversões Públicas
03
D.P.F.

BR DFANRSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 154

DPF DCDP Fls. N.º 142 Rubrica

AIMOS - Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que o País está querendo a guerra e o Ministério manda um funcionário - para verificar se há por aqui algum traidor.

GOVERNADOR - Que traidor nada! Que faria um traidor numa aldeia como a nossa, longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que diga uma tolice dessas.

AIMOS- Posso garantir, senhor Governador, que debaixo desse angu, tem carne. O Ministério é muito precavido, nada lhe escapa.

GOVERNADOR -, Que tem que escapar somos nós! Os senhores estão avisados. De minha parte, já tomei algumas providências e os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo você, Artiemi Filipovitch. O hospital é o primeiro lugar que o inspetor vai querer visitar. Não custa nada torná-lo um pouco mais decente. Fornecer roupa limpa aos doentes para que não se apresentem iguais a limpadores de chaminés, como de hábito.

ARTIEMI - Bem, isso é fácil. Mando por uma touca limpa na cabeça de cada um dêles, e pronto.

GOVERNADOR - Ótimo. Mas além disso deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha - escrita em latim ou outra língua difícil - com o nome da doença, a data de entrada do paciente etc. E era preferível que houvesse menos doentes lá. Dá muito má impressão ver tantos doentes num hospital. O melhor - seria dispensar alguns.

ARTIEMI - Quanto a isso, penso da mesma forma. O Dr. Cristiano também. Prá que tanto remédio caro? O certo é confiar na natureza. O homem quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, fica.

GOVERNADOR - Ao senhor Juiz, aconselharia dar mais atenção ao Tribunal. Na Sala de espera, os contínuos agora criam gansos, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Não há dúvida que a avicultura é digna de todos os elogios. E por que se havia de proibir os contínuos de criar gansos? Podem criá-los. Mas não na Sala de espera do Tribunal.

AIMOS - Darei, ordem, hoje mesmo, para que levem os gansos para a cozinha. Venha jantar conosco.

GOVERNADOR - E outra coisa. O senhor há de convir que não - que não fica bem se pendurarem roupas para secar em plena sala de audiências. E que a mesa de um Juiz não é lugar para se atulhar de equipamentos de caça. É compreensível que o senhor goste tanto de caçar. Mas não é necessário que durante os julgamentos o senhor use chicote e esporas. Pelo menos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-155

DPF DCDP Fls. N.º 143 Rubrica

(13) 156

até que o inspetor se vá. Quanto ao seu Secretário, me desculpe; mas êle cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade, como diz, que o cheiro é de nascença ainda assim não se justifica. Êle que coma alho... cebola... sei lá o que.

AIMOS - Êle diz que caiu do colo da ama, quando era bebê desde então ficou com aquele cheiro forte de vodka.

GOVERNADOR - Bem, falei por falar. E quanto ao que André Ivanovicht chama, em sua carta, de "pecadilho" , nada posso dizer. Afinal de contas, existirá alguém no mundo que não tenha pecados? O homem é como Deus o fêz, e contra isso de nada adianta vociferar como fazem os moralistas.

AIMOS - Claro. Eu, por exemplo digo abertamente que recebo propinas que sou subornável. Mas que espécie de propinas? Aí é que está... Cães perdigueiros. A diferença é enorme.

GOVERNADOR - Cães perdigueiros ou não, tudo é subôrno.

AIMOS - O senhor acha mesmo?

GOVERNADOR - Acho. Quanto ao senhor Lucas, como diretor da escola, seria bom que se preocupasse um pouco mais com professores. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito. Mas eles têm hábitos esquisitos. Um dêles, por exemplo - um grandalhão - tôda a vez que começa a aula, faz - uma careta assim (imita). Claro que se a careta é feita para alunos, não há nada de mais. Talvez até seja necessário. Mas diante de um visitante ilustre, dará um bode danado. O inspetor, por exemplo, pode pensar que a careta é pra êle e então será um desastre.

LUCAS - Estou cansado de dizer a êle que não faça caretas. Êle faz! Ainda outro dia, o padre visitava a escola e ele fez a tal careta. O padre me passou um sermão, porque permito que se implante na juventude idéias subversivas.

GOVERNADOR - A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de história. É um sábio certo - sabe muito. Mas se expressa com tal veemência que esquece o resto. Outro dia, eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre o Grande, o que se passou é impossível descrever. O homem tomou-se de fúria e lançou uma cadeira contra a parede por cima da cabeça dos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas por que quebrar as cadeiras? Isso só dá prejuizo ao Estado.

LUCAS - É, êle se empolga demais com certos cultos históricos.

Diretoria de Serv. Públicos Censura 05 D.P.F.

GOVERNADOR - Assim é a insondável lei do inteligente ou acaba bêbado ou acaba doido.

(ENTRA CHEFE DOS CORREIOS)

IVAN - Que aconteceu? Que funcionário é êsse que vai chegar aí?

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.156.

DPF DGDP Fls. N.º 144 Rubrica

GOVERNADOR - O senhor ainda não sabe de nada?

IVAN - Pietra Ivanovicht passou pelos Correios e me contou

GOVERNADOR - Qual dos dois Pietra Ivanovicht? Pietra Ivanovicht Bobchinski ou Pietra Ivanovicht Dobchinski?

IVAN - Bodchinski.

GOVERNADOR - E qual a sua opinião a respeito?

IVAN - Garanto que vamos entrar em guerra com os turcos. E tudo por intriga dos franceses.

GOVERNADOR - Guerra aos turcos, coisa nenhuma. Nós é que vamos nos danar, não os turcos. Mas diga lá, Ivan Kuzmitch Como vao as coisas pro seu lado, Hem?

IVAN - Mas o que interessa isso agora? E pro seu lado, senhor Governador, como é que vao?

GOVERNADOR - Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de mêdo, não nego. Minha preocupaçao é com os comerciantes. Vivem dizendo que os roubo. Eu nao roubo, eu confisco. Deus sabe que quando determino o sequestro de mercadorias de algum dêles, faço isso sem a menor maldade. (Leva-o para um canto, pelo braço) Tenho a impressao que... Será que houve alguma denúncia contra mim? É esquisito mandarem um inspetor pra êste fim de mundo, não acha? Ouça, meu caro Ivan, será que você poderia - para o bem de todos dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam ao Correio? Assim, pra ver se há alguma coisa, uma denunciazinha qualquer... Se não houver nada, fecha-se a carta ou se deixa mesmo aberta. Há cartas que vêm abertas.

IVAN - Não pense em me dar lições neste assunto, senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro. Por simples curiosidade. Gosto de estar a par do que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas.

GOVERNADOR - Tem tôda razão. Mas me diga então: não leu nada sôbre o tal inspetor?

IVAN - Não. Embora tenha lido muito últimamente - em épocas de festas escreve-se muito, o senhor sabe - estou certo de que sobre o tal inspetor não li nada.

GOVERNADOR - Então me faça um favor. Se por acaso cair em suas maos alguma queixazinha ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplaçao, tá?

Serv. de Censura de Diversões Públicas 06 D.F.F.

IVAN - Com todo prazer.

AIMOS - Cuidado que isso pode dar um bôlo danado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 157

DPF DCDP Fls. N.º 145 Rubrica

GOVERNADOR - Não sei por que. Ninguém vai rasgar a carta em público.

IVAN - Claro. E além do mais, isso vai ficar só entre nós Ou não vai?

AIMOS - Mesmo assim, êsse negócio não me cheira nada bem.

GOVERNADOR - Vê se vai aourar no inferno, infeliz. Diabo Êsse maldito inspetor incógnito não me sai da cabeça. Estou, sempre esperando que a qualquer momento a porta se abra e...

(ENTRAM BOBCHINSKI E DOBCHINSKI, OFEGANTES)

BOBCHINSKI - Uma notícia espantosa.

DOBCHINSKI - Uma novidade extraordinária.

TODOS - Que foi?

GOVERNADOR - Que aconteceu?

DOBCHINSKI - Uma coisa inesperada. Estamos chegando do hotel...

BOBCHINSKI - Chegando do hotel, Pietra Ivanovicht e eu...

DOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovicht, deixe que eu conte, tudo.

BOBCHINSKI - Ah, não, Pietra Ivanovicht, permita que eu conte.

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovicht, o senhor vai se confundir e acaba esquecendo algum detalhe importante.

BOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovicht, eu vou me lembrar de tudo. Me deixe contar e não me atrapalhe.

DOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovicht...

BOBCHINSKI - Senhores, digam a Pietra Ivanovicht que fique quieto e me deixe contar tudo.

GOVERNADOR - Mas, pelo menos, falem de uma vez! O que houve?. Sente-se Pietra Ivanovicht, sente-se. E o senhor, também, Pietra Ivanovicht, sente-se aqui. (sentam-se todos) Bem, afinal o que foi que aconteceu?

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413.p.158

DPF DCDP Fls. N.º 146 Rubrica

BOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovicht, por favor, Vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente... Por favor, Pietra Ivanovicht, não me interrompa Eu sei todos os detalhes, todos. Portanto, faça a fineza de me deixar contar. Bem, Fui correndo à casa de Kórbia. E como não encontrasse Kórbia em casa fui procurar Ivan Kuzmitch. aqui presente, para lhe transmitir as notícias que o senhor acabava de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei-me por acaso com Pietra Ivanovicht.

DOBCHINSKI - (Interrompendo) - Perto do quiósque onde se vende pastéis.

BOBCHINSKI - Perto do quiósque onde se vende pastéis. Aí - eu perguntei: já soube da notícia que o senhor Governador recebeu de fonte fidedigna? Pietra Ivanovicht já sabia.

DOBCHINSKI - Por intermédio da criada.

BOBCHINSKI - Por intermédio da criada, que, não se sabe bem por que, tinha ido à casa de Felipe Antonovicht Potchetchniev

DOBCHINSKI - Foi buscar um barrilzinho de vodka francesa.

BOBCHINSKI - Foi buscar um barrilzinho de vodka.

DOBCHINSKI - Francesa, Pietra Ivanovicht, desculpe.

BOBCHINSKI - Francesa. Desculpe, Pietra Ivanovicht. Então fui com Pietra Ivanovicht à casa de Potchentchiniev. Não, não, Pietra Ivanovicht, não me interrompa. Fomos à casa de Potchetcheniev, mas no caminho Pietra Ivanovicht me disse: Vamos entrar um instante no hotel, Pietra Ivanovicht, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse: Então vamos, Pietra Ivanovicht, e entramos. E mal tinhamos entrado, quando, de - repente, um rapaz, um jovem...

DOBCHINSKI - De boa aparencia, à paisana...

BOBCHINSKI - De boa aparencia, à paisana, começou a passear pela sala, com um ar preocupado, fisionomia carregada. Uma cara de gente que sabe de tudo. Tive logo um presentimento e disse a Pietra Ivanovicht: "Aqui há dente de coelho".

DOBCHINSKI - Aí eu chamei o dono do hotel com o dedo.

BOBCHINSKI - Ai Pietra Ivanovicht chamou o dono do hotel... assim, com o dedo...

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.159.

DPF DCDP Fls. N.º 147 Rubrica

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovicht, foi com êste dedo, o esquerdo.

BOBCHINSKI - Pois é. Chamou o dono do hotel com aquele dedo... perguntou no ouvido dêle: "quem é aquele môço ?" êle respondeu: "Aquele?"... "Sim. Aquêle". Por favor Pietra Ivanovicht, deixe que eu conto até o fim. O senhor está com uma falha de dente, e quando fala assobia. Sabe muito bem que não ia poder contar direito. "Aquele," - "Sim. Aquele" "Um funcionário que chegou de São Petersburgo?" Pois é. E ainda tornei a perguntar: "De São Petersburgo?" E êle tornou a confirmar - "E o nome dêle?" - Ivan Alexandrovicht" respondeu. "Viaja a caminho de Saratov". Pois é. E disse que ele age de forma muito estranha. Que há duas semanas está aqui, e ainda não saiu do hotel uma só vez. Manda - pôr tudo na conta e até hoje não pagou um centavo. Assim que ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse a Pietra Ivanovicht: "Hum".

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovicht, quem disse "Hum", fui eu.

BOBCHINSKI - Eu sei. O senhor disse primeiro. Mas imediatamente eu disse também. "Hum", dissemos eu e Pietra Ivanovicht.

DOBCHINSKI - Ele, ou pouquinho depois de mim.

BOBCHINSKI - Está certo, Pietra Ivanovicht, eu já confessei que o primeiro a dizer "Hum" foi o senhor. E, ao dizer "Hum" - acrescentei imediatamente: "Mas, se seu destino é Saratov... por que então êle ficou aqui? E a conclusão foi - clara como água: só pode ser o tal funcionário.

GOVERNADOR - Que funcionário?

BOBCHINSKI - O Inspetor Geral.

GOVERNADOR - Ai meu Deus, tende piedade de nós. Em que - quarto êle está hospedado?

DOBCHINSKI - No número cinco. Junto à escada.

BOBCHINSKI - O mesmo quarto onde aquele oficial brigou - com o outro no ano passado.

GOVERNADOR - Há quanto tempo êle está aqui?

DOBCHINSKI - Duas semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR - Misericórdia. Nestas duas semanas espancamos a viúva do subtenente, não demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

Serviços Públicos Censura de Diversões D.P.F.

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0413,p.160.

DPF DCDP Fls. N.º 148 Rubrica

ARTIEMI - Não seria bom irmos todos solenemente ao hotel em comitiva?

AIMOS - De maneira alguma. Acho que devia ir só um pequeno grupo, encabeçado pelos comerciantes e pelo clero.

GOVERNADOR - Não, não. Essa não é a primeira vez que me vejo em apuros e sempre me sai bem. Deus há de me ajudar - ainda desta vez! O senhor disse que o homem é jovem?

BOBCHINSKI - Jovem.

GOVERNADOR - Ótimo. É mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa por vosso lado. Vou sózinho até lá com Pietra Ivanovicht. É o melhor. Chego assim como quem não quer nada, como quem está preocupado apenas em verificar se os visitantes da cidade estão sendo bem tratados no hotel... Mishka!...

ARTIEMI - É bom a gente se apressar, antes que aconteça alguma desgraça.

AIMOS - Do que o senhor tem mêdo? Basta botar uma touca limpa em cada doente e tudo estará bem pro seu lado.

ARTIEMI - É o que o senhor pensa. Há mais de um mês que os doentes só tomam sopa de aveia. Por todo canto do hospital é um cheiro de repôlho que não há quem suporte.

AIMOS - Eu, até certo ponto, estou tranquilo. Quem se atreveria a mexer com um tribunal de provincia? Ficaria arrependido pro resto da vida. Sou juiz há quinze anos e até hoje, quando é necessário dar uma olhada em algum processo prefiro desistir. Nem o rei Salomão seria capaz de descobrir, aqui, onde começa a verdade e onde acaba a mentira.

GOVERNADOR - Mishka!...

(Saem Aimos, Artiemi - Lucas e Ivan. Entra o soldado Mishka.)

GOVERNADOR - O carro está pronto?

MISHKA - Sim, senhor.

GOVERNADOR - Vai correndo ao meu quarto e traz meu chapéu novo e minha espada. Vamos, Pietra Ivanovicht. A caminho.

BOBCHINSKI - E eu? Posso ir também?

10 D.P.F. Censura de Diversões Públicas Serv.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 161
162
DPF DCDP Fls. N.º 149 Rubrica

GOVERNADOR - Não, não, Pietra Ivanovicht, é impossível. O homem vai ficar assustado de chegarmos lá em comitiva. Além disso o carro não cabe.

BOBCHINSKI - Não se preocupe, excelencia. Vou correndo atrás como um cachorrinho. E nem entro. Só dou uma espiadinha.

(Mishka volta com a espada e o chapéu)

GOVERNADOR - (Recebendo a espada) - Vai, corre e reune os guardas, Oh, mas vejam como está esta espada! Êsses malditos comerciantes estão fartos de saber que o Governador está usando uma espada velha e torta, e são incapazes de mandar uma nova. Sovinos! E aposto que a esta hora cada um dêles já está com uma denunciazinha pronta contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva do hotel. E toma bem cuidado, hem! Vê se pára de roubar talheres de prata por aí. Não pensa que me engana. O que você fêz com o comerciante Tchernaiev não se faz.

GOVERNADOR - Êle lhe deu alguns metros de fazenda para uma farda e você lhe roubou a peça tôda, seu desgraçado. Obedeça a hierarquia. Não pense obter vantagens acima de sua patente. Entendido?

MISHKA - Sim, senhor!

GOVERNADOR - E Derzhimorda, onde anda?

MISHKA - Foi apagar um incendio.

GOVERNADOR - E Prokhorov, bêbado de nôvo?

MISHKA - Completamente.

GOVERNADOR - E você permite isso?

MISHKA - Que posso fazer? Houve uma briga fora da cidade. Prokhorov foi restabelecer a ordem. Voltou de porre.

GOVERNADOR - Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitzin ficar bem no meio da ponta. Êle é bastante alto. Vai causar ótima impressão; Mande derrubar a cêrca velha da casa do sapateiro e ponham lá alguma vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressão de que está em obras. Quando há demolições na cidade, é prova de que o Govêrno está trabalhando . E outra coisa. Se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder "Contentíssimos, excelência". Quem não estiver contente vai ter razões de sobra pra ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador. (Em lugar do chapéu, pega a caixa de papelão) - A caminho, Pedro Ivanovicht. (Põe a caixa na cabeça)

MISHKA - Senhor Governador, isso não é chapéu. É uma caixa

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.162.

CONCURSO ARTES

DPF DCDP Fls. N.º 150 Rubrica

GOVERNADOR - Caixa? Merda! Ah, se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subvençao que recebemos - já faz cinco anos isso! - digam que começamos a construçao mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos, Pietra Ivanovicht. (Vai saindo, volta-se) Ah, e nao deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

(Todos saem. Entram Ana e Maria)

ANA - Onde é que êles estão? Marido?... Antocha...(Falando com rapidez): Você é que é culpada de tudo. "Um alfinete, um lencinho". Nao acaba nunca de se arrumar. (Vai à janela) Antocha!... Onde é que você vai? O que? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigodes? Como, que bigodes? Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou nao: Êle é coronel? Como é? (com raiva) Foi embora; o bandido! Essa ele me paga! E a culpada de tudo é você: "Maezinha. Espera, maezinha. Preciso ajeitar o cabelo" Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o chefe dos Correios tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espêlho. Está crente que êle corre atrás de você, nao é? Pois basta virar as costas que êle te faz caretas.

MARIA - Que se há de fazer, mãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA - Duas horas? Ah, muito obrigada. Se me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor (À janela) Ah, avdotia! Sabe se chegou alguém? Não? Estúpida. Sim, o governador te acenou, e daí? Você bem que podia ter perguntado, não é, sua burra? Não tem nada na cabeça, a nao ser um... Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E porque não correu atrás sua bêsta? Vai atrás dêles, idiota. Pergunta que inspetor é esse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos êle tem, se sao ou nao sao pretos, e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra!

H O T E L - (Cena II)

OSSIP - (Estira-se na cama.) Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para Petersburgo. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão. (Imita). "Ossipa, procura o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira! Se ainda fôsse um alto funcionário, vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase tôda a roupa por causa do maldito vício de jôgo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem! Ai, meu Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não dá mais comida pra gente, enquanto não se pagar a conta. Ai, como ronca esta maldita! (Ouve barulho fora). Deve ser êle

(Levanta-se rápido da cama. Entra Klestakov.)

KLESTAKOV - Toma. (Dá-lhe chapéu e bengala) Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP - E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na minha vida?

KLESTAKOV - Se espojou, sim, Olha só como está.

Censura de Diversões Públicas D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0913,p.163.

DPF DCDP Fls. N.º 151 Rubrica

OSSIP - E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé.

KLESTAKOV - Ainda tem fumo?

OSSIP - Fumo!... Fumou o resto que tinha há mais de três dias!

KLESTAKOV - Merda! (Decidido). Escuta, Ossip. Vai lá.

OSSIP - Lá onde?

KLESTAKOV - (Menos decidido, quase suplicando). Lá embaixo da cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

OSSIP - Não vou, nada.

KLESTAKOV - Como se atreve a me responder assim, cretino?

OSSIP - E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KLESTAKOV - Como não vai?! Que absurdo é êsse?!

OSSIP - Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador "Você e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão!"

KLESTAKOV - E você acha muito engraçado repetir isso, sua Bêsta?

OSSIP - Acho. Principalmente o que êle disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denùncia, pra que o sacana de seu patrão vá logo pra cadeia".

KLESTAKOV - Cala a bôca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP - Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com êle.

KLESTAKOV - Não quero falar com êsse idiota. Vai lá e fala você.

OSSIP - Não. Eu digo pra êle vir cá e o senhor fala.

KLESTAKOV - Vai pro diabo que te carregue! Chama logo aquela bêsta!

OSSIP - (Saindo) É melhor, mesmo!

(Ossip sai)

Serv. de Censura de Diversões Públicas 13 D.P.F.

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0413,p.164.

DPF DCDP Fls. N.º 152 Rubrica

KLESTAKOV -(Sózinho) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquêle desgraçado capitão de infantaria me roubou sem piedade no jôgo! Como produzia azes o maldito! Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender fiado êles querem, êsses reacionários!

(ENTRAM OSSIP E O CRIADO DO HOTEL)

CRIADO - O patrão mandou me perguntar o que é que o senhor deseja.

KLESTAKOV - Ó, meu camaradinha, como é que você está passando?

CRIADO - Graças a Deus, bem.

KLESTAKOV - Que ótimo! E... o hotel, como vai? Tudo certinho?

CRIADO - Tudo em ordem, graças a Deus.

KLESTAKOV - Muitos hóspedes?

CRIADO - Bastante.

KLESTAKOV - Graças a Deus! Olha, meu querido, sabe que até agora ainda nao me trouxeram o almôço? Mas não tem problema:não! Vai ver que se esqueceram, coitados! Isso é humano. Quer falar pra êles mandarem bem depressa? É que eu tenho muito que fazer depois do almoço, compreende?

CRIADO - O Patrão disse que aqui o senhor não come mais.

KLESTAKOV - (Ri forçado) Mas que absurdo! Êle pensa que é o que? Se não como, emagreço. E se continuo emagrecendo,posso até morrer, nao é mesmo? Agora falando sério: diga a êle que estou com fome, viu?

CRIADO - Êle disse que enquanto o senhor não pagar, nada feito.

KLESTAKOV - Mas você que é muito mais inteligente do que êle tem de fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.

CRIADO - E de que jeito?

KLESTAKOV - Diga a êle que fome é uma coisa, dinheiro é outra. Ou êle pensa que todo mundo é camponês como êle, que se acostumou a nao comer? Você que é inteligente, bem que pôr isso na cabeça dêle!

CRIADO - Bem. Vou falar com êle.

Divisão de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.165.

DPF DCDP Fls. N.º 153 Rubrica

KLESTAKOV - Isso. Fale mesmo, viu? (Saem os dois criados.Só) Se essa toupeira não me trouxer comida, não sei o que vai ser. Ai, meu Deus, nunca tive tanta fome! Talvez fôsse melhor vender mais alguma roupa. As calças, por exemplo. Não, não, de forma alguma. Prefiro passar fome mas chegar em casa vestido. Diabo de barriga pra roncar. Parece que tem uma orquestra inteira áqui dentro! (Com uma reverencia elegantemente). "Por favor, senhorita: quer dar-me a honra de uma contra-dança antes da ceia?" (Cantarola e dança. Diabo! A fome é tanta que chego a ficar tonto.Geme. (Entram Ossip e criado) E então?

OSSIP - O almoço já vem.

KLESTAKOV - O almôço! O almôço!.. O almôço!

CRIADO - (Arrumando a mesa) Meu patrão mandou dizer que é a última vez.

KLESTAKOV - Teu Patrão! Teu Patrão! Teu patrão que se dane! O que é que você trouxe?

CRIADO - Sopa e carne cozida. Quer dizer, a carne da sopa.

KLESTAKOV - Já ouvi. Só dois pratos?

CRIADO - E olhe lá!

KLESTAKOV - Não quero. Só isso, me recuso a aceitar. Vai dizer a teu patrão que é muito pouco.

CRIADO - Êle acha que é até demais.

KLESTAKOV - Desgraçado! E a sobremesa? Não veio por que?

CRIADO - Porque não tem.

KLESTAKOV - "Aqui" que não tem. Eu vi quando estavam fazendo. E vi também dois sujeitos baixinhos comendo salmão esta manhã.

CRIADO - Bem, essas moridas existem e não existem.

KLESTAKOV - Como não existem? E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO - Meu patrão disse que isso é só pra pessoas decentes

KLESTAKOV - Atrevido!

CRIADO - Sim, senhor.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D. F. (13)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.

DPF
DCDP
Fls. N.º 154
Rubrica

KLESTAKOV - Cavalgadura!

CRIADO - Pois não.

KLESTAKOV - Diabético.

CRIADO - Eh, xingamento, não!

KLESTAKOV - Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO - Não, senhor!

KLESTAKOV - Ah, não! Que tem êles a mais do que eu?

CRIADO - Dinheiro.

KLESTAKOV - Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como você. (Comendo) Que sopa é essa? Não tem gosto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa Me traz outra.

CRIADO - O patrão disse bem claro: "Se êle quiser é essa Se não, traz de volta e que vá pro diabo".

(Faz pra levar de volta)

KLESTAKOV - (Defendendo a sopa) Que é isso? Já está aqui deixa ficar. E não fale mais nêsse tom comigo, ouviu? Eu sou uma pessoa especial! (Come) Deus do céu, que porcaria! (Continua comendo) Olha só. Em vez de boiar gordura, bóia pena de galinha! Escuta: esta penosa morreu do que, hem? Me dá a carne. Vai tomando o que sobrou, Ossip (Corta a carne) Que coisa é esta?

CRIADO - Carne.

KLESTAKOV - Carne é o cacête. É um paralelepípedo! Camba da de safados! Isso é coisa que se dê a gente honesta Não se pode nem morder que dói o queixo. (Palita os dentes com os dedos). Bandidos! Parece que comi madeira! Não sai dos dentes olha aí! Não tem mais nada?

CRIADO - Nada.

KLESTAKOV - Bando de larápios! Só sabem arrancar a pele dos hóspedes, Fora daqui. (Saem criado e Ossip levando as coisas) (Sózinho) Tenho a impressão que não comi nada! Só serviu para abrir ainda mais o apetite!

OSSIP - (Entrando) Não sei pra que; mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo Senhor.

Serv. de Censura de Diversões Públicas
D. F.

BR DFANBSB NS.GPR.TEA.PTE.0413,p.167

DPF DCDP Fls. N.º 155 Rubrica

KLESTAKOV - O'bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é que êle quer comigo? O que é que êle pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! "Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?"

(Entram Governador e Dobchinki, e estacam. Klestakov empalidece. Governador e Klestakov ficam olhando-se estatelados)

GOVERNADOR -(Perfilando-se) Minhas saudações e meus respeitos.

KLESTAKOV - Um vosso servidor.

GOVERNADOR - Queira perdoar

KLESTAKOV - Não há de que.

GOVERNADOR - Meu dever como governador desta cidade, é - zelar pelo bem -estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.

KLESTAKOV - (Começa gaguejando). Bgm... e o que é que o - senhor quer que eu faça? A culpa nao é minha. É claro que eu vou pagar. (Bobchinski aparece) A culpa é tôda dêle. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, o que êle poe dentro, ninguém jamais descobriu o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que êle jurou me matar de fome. E o'chá, entao, tem gôsto'de peixe. Por que havia eu entao de... ora essa é muito boa!

GOVERNADOR - (Intimidade) - O senhor vai me desculpar, mas na verdade a culpa também é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira. Os açougueiros'daqui nao tocam em bebida. É gente sóbria de moral ilibada. Francamente, não sei onde'o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que - êle serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredite que ignoro inteiramente. Só lhe peço que me permita convidá-lo a se mudar para outro local e quanto antes.

KLESTAKOV - Não, não quero! Sei muito bem que local é êsse É a cadeia, pensa que nao sei? Com que direito me propoe uma coisa dessas? Sou um alto funcionário de São Petersburgo, fique o senhor sabendo. Eu... eu...

GOVERNADOR - Nossa, como está irritado! Já sabe de tudo! Esses malditos comerciantes já me denunciaram.

KLESTAKOV - (Tornado-se valente) Mesmo que venho com o exército inteiro, daqui ninguém me tira. Vou me queixar ao Ministro! (Com sôcos na mesa) Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?

GOVERNADOR - (Tremendo) Tenha piedade! Não me desgrace, Tenho mulher e filhos pequenos!

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.168.

DPF DCDP Fls. N.º 156 Rubrica

KLESTAKOV - E daí? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos, eu tenho que ir para a cadeia? (Bobchinski aparece). Não. Muito obrigado, mas não quero.

GOVERNADOR - (Trêmulo) Tudo isso aconteceu por pura inexperiência. Juro que foi só por isso! Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o governo paga não dá nem pro leite. Se houve subôrno, foi por uma ninharia! Alguma coisinha pra forrar o estômago... Um cortezinho de fazenda pra não se andar pelado, por aí. E quanto a esses boatos de que eu mandei espancar a viúva do subtenente porque ela faz contrabando, juro que é uma calúnia. Pura manobra dêsses corrutos que querem me tirar do Govêrno.

KLESTAKOV - E eu com isso? Se mandou surrar a viúva, o problema é dela. Só sei que a mim o senhor não ia surrar de forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo. Mas quando tiver dinheiro. O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca, por que? É que no momento estou - desprevenido. Só por isso.

GOVERNADOR - (À parte) - Meu Deus, como é esperto! A gente fica sem saber por onde começar. De qualquer forma tenho que tentar. (Em voz alta). Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra - coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar em tudo aqueles que nos visitam.

KLESTAKOV - É?! Necessito, sim. E se estiver disposto a me emprestar algum dinheiro, pago a conta agora mesmo. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos apenas.

GOVERNADOR - (Dando-lhe o dinheiro) Duzentos certinhos. Não precisa nem contar.

KLESTAKOV - Ótimo. Assim que voltar pra casa, mando reembolsá-lo.

GOVERNADOR - (À parte) Menos mal! É subornável! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos rublos, dei-lhe - quatrocentos.

KLESTAKOV - (Chamando) Ossip! (Entra Ossip) Chama o serviçal. (Ossip sai) Mas por favor, sentem-se, sentem-se.

GOVERNADOR - (Emocionado) Não se preocupe. Estamos bem, de pé.

KLESTAKOV - Sei. Mas sentados estarão melhor ainda. Por favor, sim? Felizmente pude constatar a temp[illegible] a sinceridade de seus propósitos... a largueza de seu caráter... E pensar que o senhor tinha vindo aqui só pra me levar - pra... Querem fazer o favor de se sentar?!

Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.169.

DPF
Fls. N.º 157
Rubrica

170

(BOBCHINSKI APARECE)

GOVERNADOR - (À parte) - Quer continuar incógnito. Mas também sei fingir. Faço de conta que não sei quem êle é (Em voz alta) Estávamos passando pela rua, cumprindo - nosso dever, quando entramos "ex-professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes. Sim, porque não sou dêsses governadores que só pensam em si - mesmos. Absolutamente. Muito além do meu dever, por - simples espírito cristão... exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável conhecimento.

KLESTAKOV - Também eu estou contente. Não fôsse o senhor acabaria ficando por aqui, pro resto da vida. Não sabia o que fazer pra pagar a conta.

GOVERNADOR - (À parte) Pois, sim! Vem com essa, vem! (Alto) Se não fôr indiscrição, poderia perguntar-lhe para onde se dirige?

KLESTAKOV - Para minha propriedade em Saratov.

GOVERNADOR - (À parte). Descarado. E nem fica vermelho com a mentira! Com êsse é preciso cuidado. (Alto) Suponho que só viaje a passeio, não é mesmo?

KLESTAKOV - Não, não. Vou a chamado de meu pai. O velho está furioso porque não progredi muito na capital. Pensou que assim que eu chegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que êle visse o que são essas repartições do govêrno!

GOVERNADOR - (À parte) - Que históeias o safado inventa (Alto) E pretende ficar fora muito tempo?

KLESTAKOV - Francamente, não sei. Meu pai é uma mula de teimoso. Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara: - "sinto muito, mas não posso viver fora de São Petersburgo. Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidades espirituais mais elevadas".

GOVERNADOR - (À parte) Êle é incrível! Vira e mexe mas não cai! Deixa que te obrigo a soltar a língua. (Alto) O senhor têm razão. Não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria. Sacrifico-me como louco sem regatear esforços, sabendo de antemão que nunca serei recompensado. (Olha o quarto) Este quarto é um pouco úmido, não é?

KLESTAKOV - Úmidíssimo! E se fôsse só isso! Tem percevejos que mordem mais do que cães!

DOBCHINSKI - A gente chega a ouvir êles latindo.

Secretaria do Diretor Público
19
B.P.F.

BR DFANBSB NS.CRR.TEA.PTE. 0413.p. 170.

DPF DCDP Fls. N.º 158 Rubrica

GOVERNADOR - Incrível! Um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas! E por culpa de quem? Por culpa dêsses miseráveis percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido! E tenho a impressão que nem ao menos luz há por aqui, não?!

KLESTAKOV - Ah, escuríssimo! Nem ler a gente pode! E pensa que nos mandam velas? Pois sim, vai esperando!

GOVERNADOR - Que absurdo! Se ao menos tivesse a ousadia de lhe pedir... Mas não, sei que não sou digno de tanta honra.

KLESTAKOV - Mas de que se trata?

GOVERNADOR - Se eu ousasse... Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto... com luz à bessa... e tranquilo. Mas eu compreendo muito bem que seria nora demasiada. Desculpe. Se ousei pensar nisso é porque o meu lema é... "A hospitalidade antes de tudo".

KLESTAKOV - Não, eu teria muito gôsto. Em qualquer parte me sentirei melhor do que nesta porcaria.

GOVERNADOR - Não, sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que digo isso para lisonjeá-lo. De forma alguma! Não é absolutamente do meu feitio.

KLESTAKOV - Também eu tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.

(Entra o Criado)

CRIADO - O senhor chamou?

KLESTAKOV - Traz a conta?

CRIADO - Pra que?

KLESTAKOV - Não vou te dar confiança de responder. Quanto é que devo no total?

GOVERNADOR - Não se preocupe, isso pode esperar. (Ao Criado) Pode ir que depois se acerta.

KLESTAKOV - Ou isso, tanto faz.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.F.P.

(Sai Criado - Bobchinski aparece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.171

DPF DCDP fls. N.º 159 Rubrica

GOVERNADOR - Não gostaria de agora visitar alguns estabelecimentos da cidade? O hospital, por exemplo?

KLESTAKOV - Mas pra que?

(Bobchinski aparece)

GOVERNADOR - Ah, enorme! E depois podemos passar pela escola, Quero que veja como educamos a juventude!

KLESTAKOV - Como achar melhor!

GOVERNADOR - E depois, finalmente... a prisão!

KLESTAKOV - Prisão?!

GOVERNADOR - Vai ver só, como tratamos os presos.

KLESTAKOV - Não, senhor! Nesse caso prefiro o hospital

GOVERNADOR - Como queira. E quer que eu siga sua carruagem... ou prefere vir na minha?

KLESTAKOV - É... Vou com o senhor...

GOVERNADOR - Ótimo.(Baixo a Bobchinski) Vai correndo na frente entregar estas cartas. (Alto) Posso escreyer duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede?

KLESTAKOV - Não se preocupe. Mas se quer mesmo, aqui há tinta. Papel é que não sei. Pode usar esta conta, se quiser.

GOVERNADOR - É, a conta mesmo serve. (Escreve enquanto diz para si mesmo) Depois de uma boa garrafa de vinho, tudo vai ser máis fácil. E aquêle vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante. Preciso descobrir quem é êle e como devo proceder com êle.

(Termina a carta. Entrega a Dobchinski que faz para sair, mas se choca com Bobchinski que se esparrama no chão)

KLESTAKOV - O senhor se machucou?

BOBCHINSKI - Não, não. Só o nariz um pouquinho, Excelência.

Obras Públicas D.P.F.

GOVERNADOR - Não foi nada, podemos ir andando. Direi ao seu criado que leve a bagagem. (Entra Ossip). Meu amigo, leve tudo à casa do Governador. Qualquer um na cidade sabe onde fica. (À Klestakov) Tenha a bondade! (Klestakov vai e êle volta-se para Bobchinski). Cretino! Não tinha melhor lugar para cair?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.172.

DPF Fls. N.º 160 Rubrica

O MESMO CENÁRIO

ANA - Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas e tudo por sua culpa. (Olhando pela janela) Inferno, - não vem ninguém. Parece que todo mundo morreu.

MARIA - Garanto; mãezinha, que logo, logo, a gente fica sabendo de tudo. (Grita à janela) Ai, mãezinha, vem vindo alguém na rua.

ANA - Onde? onde? Você sempre inventando coisas! Ah, não vem alguém, sim. Quem será o imbecil?

MARIA - É Dobchinski, mãezinha.

ANA - Que Dobchinski nada, menina! Sempre enxergando de mais! (Acena com o lenço) Ei, você aí! Ei! Aqui, idiota aqui!

MARIA - Garanto que é Dobchinski.

ANA - Então não estou vendo que é Dobchinski?! Ou pensa que eu sou cega! (Grita pela janela) Ei, depressa, depressa. Onde estão êles? Que espera que nada! Fala daí mesmo imbecil! (Aborrecida, sai da janela). Idiota. Não - vai contar nada, até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos dessa bêsta.

(Entra Dobchinski)

ANA - Vamos, agora conte tudo de uma vez.

DOBCHINSKI - Seu marido mandou êste bilhete.

ANA - Tá, mas fala. Como é êle, hem? É general?

DOBCHINSKI - Não, não é general! Mas vale tanto quanto um general. Que cultura! Que maneiras delicadas!

ANA - Então é o mesmo de que fala a tal carta.

DOBCHINSKI - Claro, que é. E eu fui o primeiro a descobrir isso, com Pietro Ivanovicht.

ANA - Mas conte o que houve.

DOBCHINSKI - Graças a Deus, a tempestade passou. Mas quando êle recebeu Anton Antonovicht, estava brabo. Disse - que no hotel tudo era droga, que não acompanharia Anton Antonovicht de maneira alguma...e que não queria ir para a prisão por causa do seu marido. Depois Anton Antonovicht conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se - mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o hospital. Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido delatado. Para falar a verdade, até eu fiquei com um pouco de mêdo.

ANA - Mas por que? O senhor não é funcionário público...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413 p.1+3.

Fls. N.º
Rubrica
DPF
DCDP
Fls. N.º 161
Rubrica

DOBCHINSKI - Sim, mas uma alta autoridade sempre dá mêdo na gente.

ANA - Bobagem. Mas me diga: êle é louro ou moreno?

DOBCHINSKI - Nem louro nem moreno: cabelos castanhos. E um par de óculos tão agitados que até assustam a gente.

ANA - Bom, deixe eu ler o bilhete. (Lendo) "Apresso-me - comunicar-te que minha situação era deplorável, mas graças à Providencia Divina, por um nabo e dois pepinos no vinagre... Um rublo e vinte e cinco cents. (Interropendo) Não entendo nada. Que tem a ver pepinos e nabos com a Divina Providência?

DOBCHINSKI - É que êle escreveu na conta do hotel.

ANA - Ah, sim. (Continua lendo). "... mas graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepara o - quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencia para que haja bastante vinho. Diga ao Abdulin que mande do melhor vinho que tiver, senão acabo com o armazem dêle" (Aflita) Ai, meu Deus, preciso andar depressa. Mishka! Mishka!

DOBCHINSKI - (Corre à porta). Mishka! Mishka!

(Entra o criado)

ANA - Mishka! Corre ao armazém do Abdulin e... Não, não, espera. Manda o cocheiro com êste bilhete. (Escreve falando) "Senão meu marido acaba com o seu armazém". Pronto. Vai, Mishka, depressa.

DOBCHINSKI - Vou dar um pulo no hospital pra ver como - vão as coisas.

ANA - Isso, vai Dobchinski. Adeuzinho.

DOBCHINSKI - Adeuzinho.

ANA - Bem, agora nós. Devemos ficar chiques. Êsse homem vem da capital, deve reparar muito nessas coisas. Você devia pôr o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem.

MARIA - Ah, não, mãezinha! O azul, não! Todo mundo nesta cidade tem um vestido azul como o meu!

ANA - Já esperava por isso! Imagine se ela ia deixar de me contrariar. O azul, sim senhora! O azul é melhor por que eu quero usar o meu amarelo.

MARIA - Ah, mãezinha, o amarelo não fica nada bem na senhora.

Serv. de Censura de Diversões Públicas
23
D.P.F.

ANA - O que?! Você disse que não fico bem de amarelo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-174.

DPF DPF DCDP Fls. N.º 162 Rubrica

MARIA - É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos prêtos.

ANA - Ah, é demais! E os meus por acaso não são prêtos, sua burra?!

MARIA - Claro que não, Mãezinha!

ANA - Quer deixar de ser idiota, menina? São prêtos, sim Pretíssimos! A prova de que meus olhos são prêtos é que tôda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus. (Sai com a filha) E cala essa bôca!

(Entra Mishka. Da outra porta entra Ossip - com a bagagem)

OSSIP - E agora, onde boto isto?

MISHKA - Por aqui.

OSSIP - Deixa eu respirar um pouco. Quando a barriga está vazia, tudo pesa o dôbro.

MISHKA - Escuta, o general vem logo?

OSSIP - Que general?

MISHKA - Teu patrão, ora!

OSSIP - E o que é que meu patrão tem com isso?

MISHKA - Ué! Êle não é general?

OSSIP - Meu patrão?

MISHKA - Sim. Êle é ou não é general?

OSSIP - Ah, é general da Banda!

MISHKA - E isso é mais ou menos um general, comum?

OSSIP - É mais, claro. Um toca e o outro, não.

MISHKA - Ah, logo vi. Por isso é que está todo mundo alvoroçado!

OSSIP - Vejo que você é esperto. Arranja aí alguma coisa pra eu comer, vai.

MISHKA - A comida que tem, você não vai querer. E só o trivial. Espere chegar seu patrão, sentar na mesa, e aí você come melhor.

Diretoria de Diversões Públicas 24 F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.013,p-175.

DPF DCDP fls. N.º 163 Rubrica

OSSIP - Só por curiosidade, êsse tal de trivial o que é?

MISHKA - Borcht, mingau de aveia e pastéis.

OSSIP - Então me traz pastéis, borcht e mingau de aveia... Onde ponho isto?

MISHKA - Aqui. Vem comigo.

(Saem. Entram Governador, Klestakov, Bobchinski Artiemi e Lucas)

KLESTAKOV - Que hospital hospitaleiro! Apreciei sobremaneira êsse hábito de mostrar aos turistas tudo o que merece ser visto na cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR - É que nos outros lugares, se mepermite, os Governadores só se preocupam com êles próprios. Enquanto - que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.

KLESTAKOV - Ah, sei! O almoço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?

GOVERNADOR - Sempre. Como diz o ditado: o povo reclama - de barriga cheia.

KLESTAKOV - (Grave) Posso falar-lhe com tôda a franqueza?

GOVERNADOR - (lívido) Claro que pode...

KLESTAKOV - Adoro comer. Qual é mesmo o nome do maravilhoso peixe que comemos no almôço?

GOVERNADOR - (Corre e faz reverencia) Bacalhau.

KLESTAKOV - Bacalhau? Saborosíssimo! E lá onde almoçamos é o...

ARTIEMI - O hospital.

KLESTAKOV - Ah, é, tinha uma porção de camas, agora me lembro. Mas os doentes? Morreram todos?

ARTIEMI - Absolutamente, senhor! É que só havia dez toucas limpas...Oh, quero dizer, todos os doentes se curaram. Só ficaram dez no hospital. Desde que assumi a direção, é - assim. Mal o paciente entra, já está curado. Não por causa de remédios, absolutamente. Mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani toda corrupção.

KLESTAKOV - "Amus bebadorum nom habitat".

25 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.176.

DPF DCDP Fls. N.º 164 Rubrica

GOVERNADOR - Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador - um governador que queira governar, claro - é a função, mais ingrata do mundo. Mas não me queixo - absolutamente. Aceito o sacrifício, pelo bem de nossa pátria. O que me dói é a ingratidão. Se eu fôsse como outros governadores que só pensam em seus interesses, que tratam de fazer sua "caixinha", talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria sofro que só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Por isso, compreendo e perdôo. E continuo a me sacrificar. Basta que meus superiores reconheçam minha dedicação. Claro que não estou pretendendo cargos mais altos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma de meus inimigos. Tenho rezado tanto últimamente que meus dedos estão cheios de calos.

DOBCHINSKI - Posso ver, Governador?

GOVERNADOR - Depois o senhor vê.

KLESTAKOV - Use calo, Excelência.

GOVERNADOR - Enfim, como tenho a consciência limpa, isso me basta. Mas veja bem. Que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos? São êles mesmos que, durante a noite, fazem êsses buracos para terem de que me acusar. Falta água? Tem que faltar mesmo, às vêzes. Mas falta - por que? Porque êles vão, de noite, escondidos, e tiram o tampão da represa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vão aos pastos, de noite; e dão veneno às pobres vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que êles agem. Garanto que se, não houvesse noite não haveria nenhum problema nesta cidade. Mas, que culpa tenho eu se todos os dias anoitece? Imagine o senhor que até da chuva êles - me acusam! Felizmente a maioria do povo me conhece e me apoia. Não dá importancia a essas coisas! O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu não sou corrupto.

(PAUSA)

- O senhor ouviu o que eu estava dizendo não ouviu?

KLESTAKOV - (Acordando) Han? Ah, ouvi! Ouvi, sim! Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores não tem nenhum - passatempo por aqui? Jôgo de cartas, por exemplo.

GOVERNADOR - (À parte) Safadão! Pensa que caio nessa! (Alto) Cartas? Deus me livre e guarde! Abominamos tudo - que é jôgo! Jamais pus as mãos num baralho. E, se por - acaso passo os olhos num Rei-de-Copas, num Às-de-Paus ou num Valete-de-Ouros... vomito na mesma hora.

LUCAS - (À parte) E êsse desgraçado que me ganhou cem rublos ontem.

GOVERNADOR - Prefiro dedicar todo o meu tempo ~~ao bem da~~ Pátria. Não acha que estou certo?

Públicas 26 D.P.F. Ordens do Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.177

DPF DCDP Fls. N.º 165 Rubrica

KLESTAKOV - Bem, isto é, depende, outrossim... um joguinho até que...

(ENTRAM ANA E MARIA)

GOVERNADOR - Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha espôsa e minha filha.

KLESTAKOV - Quão feliz estou, minha senhora, pela volúpia de conhecê-la.

ANA - A volúpia é tôda nossa em receber tão ilustre personagem.

KLESTAKOV - Absolutamente, a volúpia é tôda minha!

ANA - Absolutamente, é tôda nossa. Sente-se por gentileza.

KLESTAKOV - Estar, ao seu lado, de pé, já é honra, tão grande, imagine o que não é estar, ao seu lado, sentado.

ANA - Não me atrevo a crer no que me diz! Para o senhor, que vive na metrópole, esta viagem campestre deve ser - profundamente desagradável, não?

KLESTAKOV - Bem, lá isso é verdade. Quando a gente se habitua, como eu, às altas rodas, sabe como é, né? e de repente, ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas... onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável! Mas o fato de tê-la conhecido compensa todos os males...

ANA - Obrigado. Imagino quanto tem sofrido!

KLESTAKOV - Mas já não disse que me sinto recompensado?

ANA - O senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

KLESTAKOV - Não merece porque? Merece, sim, como não merece?

ANA - Eu, uma provinciana?

KLESTAKOV - E não é na província que vamos encontrar as montanhas, os riachos, e tudo que é frescura? Claro que nao vamos querer agora comparar Petersburgo com uma biboca como... Ah, São Petersburgo, que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário, não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da Secretaria é meu amigo, e, sendo assim, raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é, só para dar algumas ordens. "Faça isso, faça aquilo". Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear - assessor do ministro, imagine! É "Excelencia pra cá", "Excelencia pra lá", um inferno. Os continuos atrás de

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p-178.

DPF DCDP Fls. N.º 166 Rubrica

mim, a querer me engraxar as botas.
(Ao Governador) Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR - A hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria, permaneçamos de pé.

ARTIEMI - E de pé ficaremos!

LUCAS - É mais digno.

KLESTAKOV - Mas me dá muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim, os senhores se sentariam.

GOVERNADOR - Se o senhor ordena. Senhores...

KLESTAKOV - Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora, no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que vá, é sempre a mesma coisa. "Olha quem está alí! Ivan Alexandrovicht!" Uma vez até me confundiram com o Marechal... Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mas tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou. "Pois é, querido. Confundiram você com o Marechal"

KLESTAKOV - Por sinal que o Marechal também era unha e carne comigo.

ANA - Bárbaro! E as lindas atrizes de teatro?

COM CORTES

KLESTAKOV - Conheço tôdas. Já com várias, várias vêzes - na casa de muitas delas. Bem, eu freqüento a nata da intelectualidade. Eu e Puchkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa?" Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, êle fala sério. É um tipo gozado, o Pushkin!

ANA - Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

KLESTAKOV - Sim, muito. Fora os livros que já escreví - "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nêm me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas êles - insistiam: "Por favor, meu querido, escreva, escreva alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreva". Está bem, está bem, eu escrevo. E pra que não me amolassem mais, escreví numa noite só todos êsses livros. Fiquem impressionadíssimos, é natural ! De fato, minha agilidade mental é incrível! Tudo o que foi publicado com o Pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas" "Diário de um louco". "O Inspetor Geral"...

ANA - Então Gogol é o senhor?

KLESTAKOV - Puxa, mas todo mundo sabe disso!

ANA - Desculpe, é que sou muito distraída. E "Hamlet"?

28 D.P.F. Divisão de Censura e Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.179.

DPF DCDP Fls. N.º 167 Rubrica

KLESTAKOV - O que é que tem?

ANA - Por acaso foi o senhor também quem escreveu?

KLESTAKOV - Foi, êsse a senhora sabia?

ANA - Agora, ligando uma coisa a outra...

MARIA -Mas, mãezinha, no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.

ANA - Ah, tinha certeza que você ia me contradizer!

MARIA - Juro, mãezinha! Olha, vou buscar pra senhora ver.

KLESTAKOV - Não! De fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.

ANA - Eu lí o seu! Por sinal, muito bem escrito.

KLESTAKOV - Para falar a verdade, vivo da literatura. Não se já ouviram falar de minha casa, a melhor de Petersburgo. "A casa do grande Ivan Alexandrovitch", como costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepção.

ANA - Deve ser uma casa suntuosíssima!

KLESTAKOV - Bem, só sirvo melões de setenta rublos! Por aí, pode ter uma idéia. A sôpa, mando vir diretamente de Paris numa terrina linda! E a terrina não quabra... Gosto muito de jogar cartas também. Lá em casa jogamos sempre Eu, o embaixador francês, o embaix'dor inglês, o embaixador alemão e o ministro do Exterior. Quando canso de jogar, subo os quatro lances da escada, entro no meu quarto, jogo o casaco sobre a...Ah, mas que disparate estou dizendo! Meu quarto é no primeiro andar, subo apenas um lance de escada, uma escada riquíssima, por sinal. Mas interessante, é observar minha ante-sala. Conde, barões, duques, sunindo como um enxame de abelhas, zzz, zzz, zzz,. Às vêzes aparece um ministro. (O Governador e os outros se levantam) Sabe que na correspondencia que recebo sou - frequentemente tratado de "Excelência"? Imagine! Uma vez tive que dirigir uma Secção do Ministério. É que de repente o diretor sumiu sem ninguém saber pra onde nem por que E então surgiu um problema: "quem irá substituí-lo?" Foi aquêle Deus-nos-acuda! Apareceu logo um monte de generais pro lugar! Mas viram que a responsabilidade era muito grande, e então recorreram a mim. Imediatamente as ruas se encheram de emissários. Emissários e mais emissários! Se não me engano, uns trinta e cinco mil. "O que aconteceu?" perguntei. "Ivan Alexandrovicht, accite o cargo no Ministério". Como os recebi de robe-de-chambre, pensei logo em recusar. Mas depois pensei melhor. "O Imperador vai ficar sentido". E como eu e êle somos unha e carne, resolvi accitar."Está bem, disse. Mas com uma condiçao:

Censura de Diversões Públicas Serv. 29 D.C.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-180.

DPF DCDP Fls. N.º 168 Rubrica

KLESTAKOV - terão de me obedecer cegamente. Comigo as coisas têm que andar em ordem". Claro que accitaram. E quando entrei no Ministério, parecia um terremoto de tanto - que as pessoas tremiam. Os senadores então, se encolhiam feito caramujos assustados. Comigo é assim. Nada de brincadeiras. Dei-lhes uma lição daquelas. Todos me temem. O próprio Conselho do Império tem mêdo de mim. Estou presente a todos os luggres. Todos os dias vou ao gabinete do Imperador. Amanhã serei nomeado marechal-de-campo...

(Klestakov escorrega e cai na cadeira: o Governador aproxima-se trêmulo de mêdo)

... ...

GOVERNADOR - Exce... Exce... Exce...

KLESTAKOV - Está sentindo alguma coisa?

...

GOVERNADOR - Exce... Excelencia, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

KLESTAKOV - Descansar? Que besteira é essa agora? Eu lá sou homem que descanse?! Está bem, acho melhor, sim. O - almôço estava excelente mesmo, viu? Palavra de honra. - (Com ênfase) Bacalhau... bacalhau...

(Sai seguido pelo Governador)

AIMOS - Meu Deus que homem.! Nunca vi na vida pessoa tão importante.

LUCAS - Na sua opinião, qual é a patente dêle?

DOBCHINSKI - Aposto que é General.

BOBCHINSKI - Imagine! No mínimo generalíssimo! Não viu o que aconteceu quando êle entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros! Meus respeitos, Ana Andreievna.

DOBCHINSKI - Ana Andreievna, meus respeitos.

(SAEM BOBCHINSKI e DOBCHINSKI)

ARTIEMI - (A Lucas) - É espantoso, êsse homem! E nós, nem vestidos a rigor estamos! O que irá acontecer, meu Deus! Imagina se êle chega a Petersburgo e resolve me denunciar? Adeus, minha senhora.

ANA - Adeus, adeus.

(SAEM ARTIEMI E LUCAS, deprimidos)

ANA - Que homem agradável, meu Deus! Ou vai dizer também que não acha?

MARIA - Ah, um amor de homem!

Serv. Censura e Diversões Públicas D.P.F. 20

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 181

DPF DCDP Fls. N.º 169 Rubrica

ANA - Que maneiras! Vê-se logo que é da capital. Nunca vi pessoa assim. Fico inteiramente indócil, céus! Êle me adorou, você viu? Não tirava os olhos de mim.

MARIA - A senhora está enganada, mãezinha. Era para mim que êle olhava.

ANA - Ai, como essa menina me irrita! Nunca vi nada mais imbecil na vida.

MARIA - Tenho certeza, mãezinha.

ANA - Claro. Imagina se ela ia perder essa chance de me contradizer... Quando foi que êle olhou pra você, sua - cretina?

MARIA - Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contava o jôgo de cartas com aquêle montão de embaixadores e ministros.

ANA - Vê como você imagina coisas! Pode ser que êle tenha olhado uma vez para você. Mas daí dizer que êle não - desgrudava o ôlho é um pouco demais. Uma vez, vá lá, - ainda admito. Com certeza porque pensou: "Deixa eu dar uma olhada pra menina também, pobrezinha". Foi isso. E ponto final, tá?

(Entra o Governador na ponta dos pés)

ANA - O que é que houve, homem, caiu da escada?

GOVERNADOR - Psiu...

ANA - Psiu por que? Sou carrocha?

GOVERNADOR - Não devia ter deixado êle beber tanto. Se - metade do que falou é verdade... Oh, estou frito! E por que não havia de ser verdade? O homem, quando está bêbado fala tudo. Claro que deve ter exagêro um pouco. Mas mentir, não acredito. Êle é unha e carne com o Imperador! Quanto mais penso nisso, mais me apavoro!

ANA - Que homem exagerado! Pois a mim não me intimidou nem um pouco: achei uma uva! Isto é: um homem finíssimo. E muito culto.

GOVERNADOR - Porque é mulher. E mulher, todo mundo sabe, não enxerga um palmo diante do nariz. Que vergonha! Falou com êle como se fôsse um Dobchinski qualquer.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.F.F. 31

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.182.

183

DPF DCDP Fls. N.º 170 Rubrica

ANA - Sei muito bem onde você quer chegar! Quanto a isso, pode ficar, sossegado que eu sei me conduzir convenientemente. (À filha) Eu não disse?

GOVERNADOR - (Olhando filha) Ah! besteira ficar perdendo tempo com vocês! Que calamidade, meu Deus!

ANA - Que homem grosso e sem cultura!

GOVERNADOR - (Chama para fora) Mishka! Chama os dois guardas. Que fiquem sempre perto. (Pausa) Estranho mundo, este. A gente olha um jovem insignificante e pálido e vá lá advinhar quem êle seja. É duro dizer, mas "viva a juventude". Só os jovens podem ainda salvar o mundo!

(Entram Ossip e todos chamam-no com o dedo)

ANA - Chega aqui, meu anjo.

GOVERNADOR - Psiu... Êle já está dormindo?

OSSIP - Não, se espreguiçando.

ANA - Qual é o seu nome, meu anjo?

OSSIP - Ossip, e o seu?

GOVERNADOR - Então, meu santo, comeu bem?

OSSIP - É bem.

ANA - Tirando um descansinho, hem? Em São Petersburgo, seu patrão deve receber tantos duques e condes, não é mesmo?

OSSIP - (À parte) Dizendo, que sim, vou comer melhor ainda. (Alto) Ih, uma imensidão. Às vêzes, precisa até fazer fila.

MARIA - Êle deve ser muito bonsinho, não é mesmo?

ANA - Qual é a patente dêle?

GOVERNADOR - Deve ser muito severo, não é? Deve adorar - esculhambar os outros...

OSSIP - Ah, sim. Quer ver tudo em seu lugar.

GOVERNADOR - Faz muito bem.

ANA - Êle usa uniforme?

Diretoria de Censura de Diversões Públicas — Serv. de Censura 32 D.F.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0913, p.183

DPF Fls. N.º 171 Rubrica

GOVERNADOR - Toma, isso é pra você tomar chá.

OSSIP - Por que? Acabou o daqui?

ANA - Qual a côr de olhos que mais agrada êle?

MARIA - Êle é tão lindo, o teu patrão...

GOVERNADOR - Chega! Olha, o que é que êle gosta mais quando viaja?

OSSIP - Conforme. De comer bem...

GOVERNADOR - Ah, é, é?

OSSIP - Às vêzes quando a gente sai de algum lugar. êle me pergunta: Ossip, a comida que te deram era boa? Se eu responder que não, nem sabe o que acontece!

GOVERNADOR - Olha, isto é para as torradas. Até despedi a criada porque ela não te fêz as tortas e os sanduiches que mandei.

ANA - Toma, meu anjo, para a carruagem! Não tem cabimento voltar a pé pra casa.

MARIA - Lembranças minhas a teu patrão, viu?

GOVERNADOR - Psiu... Não façam barulho pelo amor de Deus!

ANA - Vem, menina, quero que você me esclareça aquêle assunto direitinho antes de ir pra cama!

(Saem as duas)

GOVERNADOR - E então, meu caro amigo?

(Entra Mishka. Sai Ossip)

GOVERNADOR - Silêncio! cretinos! Faz mais barulho que cavalo. Fora daqui, vamos! E não me saia do corredor. Não deixe entrar ninguem de fora. Os comerciantes, principalmente. Se aparecer alguém com uma denúncia ou com cara de quem vai se queixar, já sabe! pegar pelo cangote e jogar na rua com um ponta-pé na bunda! Se não, o pau vira em cima de você. Entra na sova de nôvo!

(Governador sai na ponta dos pés. Risadas das mulheres. Pára)

- Ah, as mulheres! Não entendem nada de política!

FIM DO PRIMEIRO ATO

Câmara dos Deputados 33 D.P.F.

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.184.

DPF
DSDP
Fls. N.º 172
Rubrica

SEGUNDO ATO

O mesmo cenário

(Entram na ponta dos pés: Aimos, Artiemi, Ivan, Lucas, Bobchinski. A cena se desenrola a meia voz)

AIMOS - Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mas fiquem em ordem. E que Deus nos ajude. Um homem que é íntimo do Imperador! Assumam todos uma postura militar Pietra Ivanovicht, coloque-se dêste lado. E o senhor, Pietra Ivanovicht, aqui.

ARTIEMI - Desculpe, Aimos Fiodorovitch, mas acho que devíamos fazer alguma coisa.

AIMOS - O que, por exemplo?

ARTIEMI - O senhor sabe.

AIMOS - Subornar?

ARTIEMI - Vá lá.

AIMOS - Acho perigoso. Ainda se fôsse uma doação... para construção de um monumento...

IVAN - Podíamos dizer a êle: "Êsse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem endereço... Não será para o Senhor?

ARTIEMI - Não, não. Num Govêrno sério nessas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: por que estamos aqui feito um batalhão? O certo era que viéssemos um de cada vez. Numa sociedade organizada é assim que se procede. Sem testemunhas, compreendem? Aimos Fiodorovitch virá primeiro.

AIMOS - Não, o primeiro deve ser o senhor. Foi no seu hospital que êle almoçou.

ARTIEMI - É melhor Lucas Lukitch, que ilumina com seu saber a juventude.

LUCAS - Não, meus senhores, não posso! Na presença de superiores não consigo destravar a língua.

ARTIEMI - Está decidido. Aimos Fiodorovitch, deve ser o senhor. Uma palavra sua vale um discurso de Cícero.

AIMOS - Não, meus senhores, não...

(Ouve-se barulho de Klestakov. Todos se precipitam na direção, empurram-se, esmagam-se)

DOBCHINSKI - Ai, Pietra Ivanovicht, o senhor me pisou!

ARTIEMI - Ai, meus senhores, não aguento mais! Acho que vou confessar tudo de uma vez!

(Outro barulho de Klestakov, saem todos correndo)

Serv. de Censura e Diversões Públicas
184
D.F.

KLESTAKOV - Acho que ronquei um bocado! Ontem me fizeram comer demais. Pelo visto, posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Peno que seja por interêsse. A filha não é nada feia! E a mãe, também não é de se jogar aos cães... A vida assim é outra coisa!

(Entra Aimos e Estaca)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-185.

DPF DCDP Fls. N.º 173 Rubrica

AIMOS - (À parte) Meu Deus, fazei com que eu saia inteiro daqui. (Alto em postura militar) Tenho a honra de apresentar-me: Juiz do Tribunal, desta província.

KLESTAKOV - Ah, o senhor é o Juiz daqui, é?

AIMOS - Exatamente.

KLESTAKOV - Está contente?

AIMOS - Muito. E honrado com a indicação da nobreza. (À parte) O dinheiro está me queimando a mão.

KLESTAKOV - Não quer sentar-se?

AIMOS - (À parte) Piso em brasas! (Avança devagar, o punho fechado)

KLESTAKOV - O que tem na mão?

AIMOS - (Assutado deixa cair o dinheiro) Nada!

KLESTAKOV - Não é dinheiro?

AIMOS - Não senhor!

KLESTAKOV - Como não?!

AIMOS - (À parte) Estou perdido!

KLESTAKOV - É dinheiro, sim. Veja se não é!

AIMOS (À parte) Já me vejo na fôrca. (Alto) É! É dinheiro
KLESTAKOV - Olha... o senhor não poderia me emprestar essa importância?

AIMOS - Pois não. Com muita honra. (À parte) Virgem Santíssima!

KLESTAKOV - O senhor compreende... Quando se viaja, perde-se o contrôle do dinheiro. Assim que chegar em casa, mando reembolsá-lo.

AIMOS - Oh, por favor. Isso, pra mim, é uma honra extraordinária! Com tôdas as minhas fôrças... meu zêlo e dedicação ao Governo... procurei estar à altura... há...(perfila-se) Não ouso importuná-lo mais com a minha presença. Alguma ordem?

KLESTAKOV - Ordem? Que ordem?

AIMOS - Quer dizer... no que se refere ao Tribunal Civil.

KLESTAKOV - Absolutamente! Não tenho mais nada co[illegible]

AIMOS - Nesse caso, se me permite... (Cumprimenta e diz à parte) Batalha ganha! (Sai)

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.F. 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.186.

DPF DCDP Fls. N.º 174 Rubrica

KLESTAKOV - Que juiz simples e bom!

IVAN - (Entra) Tenho a honra de apresentar-me: Ivan Kuzmitch Shepkin, Chefe dos Correios.

KLESTAKOV - Prazer. Sente-se, por favor. O senhor está morando aqui definitivamente?

IVAN - Definitivamente.

KLESTAKOV - Cidadezinha simpática, esta. Claro que não tem uma sociedade... digamos... Bem, afinal de contas não é a capital, não é mesmo?

IVAN - Exatamente.

KLESTAKOV - Só na capital se pode cultivar o bom tom. Lá não se topa a cada instante com basbaques provincianos. Não acha?

IVAN - Acho, sim senhor.

KLESTAKOV - No entanto, pode-se viver bem numa cidade pequena.

IVAN - Indubitàvelmente.

KLESTAKOV - (À parte) Preciso tomar algum dêle. (Alto) Imagine o que aconteceu! Estou a nenhum! (Silencio) O senhor não tem uns trezentos rublos pra me emprestar?

IVAN - Com muita honra. Por obséqui

KLESTAKOV - Obrigado. Detesto economizar em viagens.

IVAN - Exatamente como eu. (Perfila-se) Não quso importuné-lo mais! Alguma observação quanto a direção dos Correios?

KLESTAKOV - Eu? Eu, não!

IVAN - Isso, muito me lisonjeia! Com licença! (Sai)

(Ouve-se alguém fora:"Vai não tenha mêdo" - entra Lucas aos tombalhões)

LUCAS - (Morto de mêdo) Tenho a honra de apresentar-me! Lucas Lukich, inspetor de escolas.

KLESTAKOV - Prazer. Sente-se. O senhor fuma?

LUCAS - Fumo, fumo. Mas se o senhor quiser eu deixo.

KLESTAKOV - (Vai apanhar a caixa de charutos) Aceita um charuto?

LUCAS - (À Parte) Nossa mãe! Aceito ou não aceito?

Serv. de Censura de Diversões Públicas 36 Fls.

SR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-187

DPF DCDP Fls. N.º 175 Rubrica

KLESTAKOV - Aceite. É muito bom êsse charuto. Claro que não se compara aos de São Petersburgo! Mas aqueles custam uma fortuna!

LUCAS - Pois, não. (Tenta acender o charuto mas está tremendo)

HLESTAKOV - É do outro lado.

LUCAS - Desculpe.

KLESTAKOV - Pelo que vejo não costuma fumar charutos. Já eu, gosto muito! Outro fraco que eu tenho são as mulheres . Loura ou morena, tanto faz! Adoro mulher! E o senhor? (Lucas fica perplexo com a pergunta, mudo de espanto) Prefere loura ou morena?

LUCAS - Não ouso ter preferências!

KLESTAKOV - Ah, o senhor é muito esperto, heins? Tem mêdo que lhe descubram as fraquezas, não é?

LUCAS - (Gago de mêdo) Fraqueza, eu?!

KLESTAKOV - Vamos, confesse de uma vez!

LUCAS - Não tenho nada a confessar, juro.

KLESTAKOV - Penga que sou bôbo, é? Olha só, como ficou vermelho! E então? Por que não responde?

LUCAS - Acho que destronquei a língua.

KLESTAKOV - Bem, não quer confessar, não confessa! Mas uma coisa tenho certeza que não vai negar!

... ...

LUCAS - Pois não excelência... V.Reverendíssima... Majestade... (À parte) Merda! A lingua me traiu! (Alto) Tenha bondade de ordenar.

KLESTAKOV - Pode me emprestar uns trezentos rublos?

LUCAS - Com muita honra. Pode ficar com a carteira também

...

KLESTAKOV - Já que insiste...

LUCAS - Não ouso importunar-lhe com minha presença. Se me permite...

...

KLESTAKOV - À vontade...

Serv. de Censura de Diversões P. F. 37

LUCAS - (À parte) Graças a Deus. Espero que não visite a escola! (Sai)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 188.

DPF
DCDP
Fls. N.º 176
Rubrica

KLESTAKOV - A coisa não vai mal!

ARTIEMI - (Entra e perfila-se) Tenho a honra de apresentar me: Artiemi Filipovich Zemlianika, diretor do hospital.

KLESTAKOV - Eu sei! Já fomos apresentados, não se lembra?

ARTIEMI - Perfeitamente. Tive a honra de recebê-lo para o almoço!

KLESTAKOV - Que, por sinal, estava excelente!

ARTIEMI - Minha maior alegria é servir à Pátria!...

KLESTAKOV - A minha, é ser bem servido. Engraçado!... Tenho impressão que ontem o senhor era mais baixinho, não era?

ARTIEMI - É possível. Não meneço esforços para cumprir conscientemente o meu dever! Não sou como muita gente por aqui. Veja o Chefe dos Correios! A repartição dêle é um desastre! As encomendas postais, sempre atrasadas! Uma vergonha! O senhor vai verificar por si mesmo. A mesma coisa é o Juiz! Só pensa em caçar lebres. O Tribunal vive cheio de cachorros. E sua conduta, - embora, além de parente, êle seja meu melhor amigo, - sou obrigado a confessar pelo bem da Pátria... é simplesmente escandalosa! Existe aqui um tal de Dobchinski, o senhor já conhece. Pois bem, basta Dobchinski pôr os pés na rua que o Juiz na mesma hora se mete na casa dêle e fica lá com a mulher fazendo só Deus sabe o que! E as crianças? Nenhuma se parece com Dobchinski. Todas, até a menorzinha, são direitinhas a cara do Juiz...

KLESTAKOV - Não me diga!

ARTIEMI - A cara! Com nariz de papagaio e tudo. E o Inspetor das Escolas?! Não compreendo como lhe confiaram um cargo dêsses. É um perigo! Está corrompendo a juventude com suas idéias subversivas! Reacionáríssimo, pode crer! Se, o senhor quiser posso fazer um relatório por escrito.

KLESTAKOV - O senhor tem filhos?

ARTIEMI - Cinco! Todos parecidíssimos comigo!

KLESTAKOV - Devem dar uma bruta despesa!

ARTIEMI - Mas graças a Deus, o pouco que honestamente ganho com meu trabalho, dá e sobra!

Serviço de Censura de Diversões Públicas
38
D.F.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.189.

DPF DCDP Fls. N.º 177 Rubrica

KLESTAKOV - Sobra?! Então o senhor bem que podia me emprestar uns trementos rublos, hem?

ARTIEMI - Aqui estão. Não devo importuná-lo mais. Com sua licença. (Sai)

KLESTAKOV - Mas que dedo duro!

(ENTRAM BOBCHINSKI e DOBCHINSKI)

BOBCHINSKI - Meu nome é Pietra Ivanovicht Bobchinski.

DOBCHINSKI - E o meu, Pietra Ivanovicht Dobchinski.

KLESTAKOV - Os senhores têm dinheiro aí?

BOBCHINSKI - (Ao mesmo tempo) Dinheiro?

DOBCHINSKI - Sim, uns mil rublos?

BOBCHINSKI - Tanto assim, juro por Deus que não tenho. E o Senhor, Pietra Ivanovicht?

DOBCHINSKI - O senhor sabe muito bem que deposito tudo na caixa de Auxílio Mútuo!

KLESTAKOV - Nem cem rublos?!

BOBCHINSKI - Cem, o senhor deve ter. Eu só tenho quaren

DOBCHINSKI - E eu, só vinte e cinco.

BOBCHINSKI - Procure bem. Seu bôlso direito está furado Quem sabe caiu no fôrro.

DOBCHINSKI - Juro que não!

KLESTAKOV - Não tem problema. Podem dar os sessenta e cinco mesmo. (Êles dão) Ótimo. E então? O que é que mandam?

DOBCHINSKI - Tomo a liberdade de lhe expor um assunto muito delicado.

KLESTAKOV - Qual assunto?

Serv. de Censura de Diversões Públicas 39 R.

DOBCHINSKI - É sôbre o meu filho mais velho.

BOBCHINSKI - Nasceu antes do casamento.

KLESTAKOV - Aquêle do nariz "assim"?

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 190.

DPF DCDP Fls. N.º 178 Rubrica

BOBCHINSKI - Igualzinho ao nariz do Juiz.

DOBCHINSKI - O senhor está enganado, Pietra Ivanovocht! Já cansei de lhe dizer que o nariz do Juiz é completamente diferente.

KLESTAKOV - Sim, mas e daí?

DOBCHINSKI - Pois bem! A coisa que eu mais desejo no mundo é poder legalizar meu filho e dar a êle o meu nome. Dobchinski.' É o meu maior desejo!

KLESTAKOV - Ninguém tem o direito de meter o nariz nesse assunto. Que seja Dobchinski.

DOBCHINSKI - Ah, meu Deus, que alegria ouvir isso! Meu coração até disparou! Eu não ousaria incomodar o senhor, não fôsse êle um rapaz tão bom! Tem muitas habilidades, sabe? Recita de cór umas poesias lindas! E se pega um canivete, esculpe carrocinhas muito interessantes. Pietra Ivanovicht é testemunha.

BOBCHINSKI - É verdade, sim.

KLESTAKOV - Acho que não tem com que se preocupar. Isso é canja de resolver. (À Bobchinski) E o senhor? Algum - problema?

BOBCHINSKI - Justamente! Tenho um pedido muito importante a lhe fazer.

KLESTAKOV - Qual?

BOBCHINSKI - (Patético) Peço-lhe humildemente - quando - chegar a São Petersburgo - que diga aos grandes senhores da nobreza...a todos os Senhores e Almirantes... que nesta cidade... que nesta cidade, excelencia... mora - Pietra Ivanovicht Bobchinski.

KLESTAKOV - Tá, digo sim! Êles vão ficar radiantes!

BOBCHINSKI - E se tiver oportunidade... por favor! diga também ao nosso Imperador:' "Em tal e tal lugar, Majestade... mora Pietra Ivanovicht Bobchinski!"

KLESTAKOV - Pode ficar tranquilo!

BOBCHINSKI - (Querendo disfarçar as lágrimas) Puxa! Meu coração, acho que disparou, também!'

DOBCHINSKI - Perdoe havermos importunado com a nossa humilde presença.

40 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 043, p. 191

DPF DCDP N.º 179 Rubrica

BOBCHINSKI - De todo o coração, pedimos humildemente que nos perdoe!

KLESTAKOV - Não tem importância. Tive muito prazer.

(Saem Dobchinski e Bobchinski)

KLESTAKOV - (Sòzinho) Há funcionários demais por aqui! Estão me tomando por um alto dignatário com certeza! Se impressionaram com tôda aquela conversa de ontem à noite (Procurando nos bolsos) Não vou ser besta de perder uma chance dessas! Onde pus a carta que comecei a escrever a Stanislaw? Ah, aqui está! (Senta-se para continuar a escrever a carta) Acho que fico mais uns dias por aqui!

(ENTRA OSSIP)

KLESTAKOV - (Enquanto escreve) Então, cretino? Vê como me recebem e me tratam?

OSSIP - Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente! Acho que é hora da gente se mandar.

KLESTAKOV - Pois, sim! Justo agora que estou nadando em dinheiro?

OSSIP - Amanhã cedo, então.

KLESTAKOV - Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não cobrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem! De graça também! Que é tudo por conta do Governo!

OSSIP - Vou mandar alguém em meu lugar. E, pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas.

MISHKA - (Fora de cena) Ei, onde pensa que vai?! É proibido entrar!

KLESTAKOV - Que será isso?

COMERCIANTE - (Fora) Me deixa passar! É muito importante!

KLESTAKOV - Vê lá, Ossip.

COMERCIANTE - (Fora) Deixa passar. Precisamos falar agora
(continua ruídos)

KLESTAKOV - O que é?

OSSIP - Um monte de gente fazendo sinais com uns p[illegible]

KLESTAKOV - (A porta) O que é que os senhores querem [illegible] aqui?!

D.F. Divisão de Censura e Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.192

193

DPF
DCDP
Fls. N.º 180
Rubrica

COMERCIANTE - (Fora) Falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atenção!

KLESTAKOV - Um momento, um momento.

(é jogado para cena uma espécie de requerimento) Pega aquilo, Ossip. (Ossip pega e lhe entrega) Vá lá e diga que deixe entrar! Mas um só, que isto aqui não é palanque! Elejam um, que fale em nome de todos. (Ossip sai)

KLESTAKOV - (Desenrolando o papel) Precisam aprender a ter espírito de classe! (Lendo) "A sua Excelencia Altíssima, Senhor das Finanças, da parte do comerciante Abdulin" Ué, que besteira é essa?

(Entra Comerciante Abdulin trazendo cestos com vinho e outras coisas)

KLESTAKOV - O que é que o senhor quer?

COMERCIANTE - Implorar vossa misericórdia!

KLESTAKOV - Está bem. Mas o que é que houve?

COMERCIANTE - Uma infinidade de injustiças, excelencia.

KLESTAKOV - É? Por parte de quem?

COMERCIANTE - Do Governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos!

KLESTAKOV - Também, quem manda sabotarem o governo dêle? É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas! As pobrezinhas não tem culpa de nada!

COMERCIANTE - (Sem compreender) Vacas, excelência?!

KLESTAKOV - Bem, não interessa! Vai adiante.

COMERCIANTE - Êle está nos reduzindo a fome com tantos impostos!

KLESTAKOV - Imagina! Umas pessoas tão gordas e saudáveis

COMERCIANTE - Tudo o que êle pede, até roupa pra mulher e pra filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa que a gente não tem... nem queira saber o que acontece! Agarra a gente pela barba e puxa com toda fôrça que quase arranca! E enquanto puxa, excelencia... chinga a gente de subversivo, de merda, e uma porção de nomes feios. Depois, vasculha a loja de cima a baixo, e tudo que lhe cai nas mãos manda trazer pra casa dêle.

Serviço de Correspondência de Diversões Públicas
42
D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.193.

DPF SCDP N.º 181 Rubrica

KLESTAKOV - Mentira!...

COMERCIANTE - Palavra de honra, Excelência! No aniversário dêle então... no dia de Santo Antonio... a gente tem que mandar quase a loja inteira. E o pior é que no dia de Santo Onofre êle diz que também faz anos!

KLESTAKOV - Mas isso já é um assalto!

COMERCIANTE - E vá alguém protestar! Manda logo a polícia invadir a casa do sujeito, prender e espancar! Diz que - respeita as leis, mas é só da bôca pra fora. E depois - ameaça de mandar jogar a gente no rio. "Pra limpar a cidade dos indesejáveis".

KLESTAKOV - Mas que grande safado! Isso é caso de IPM. De confinamento na Sibéria!

COM CORTES

COMERCIANTE - Como o senhor preferir! Contanto que êle desapareça! Por favor, excelencia: aceite estas humildes - oferendas!

KLESTAKOV - De maneira alguma! Não aceito qualquer espécie de subôrno! Ainda se fôsse um empréstimo, vá lá...

COMERCIANTE - Um empréstimo, Excelencia?

KLESTAKOV - Digamos, uns... trezentos rublos! Aí, sim. Um empréstimo ainda poderia aceitar.

COMERCIANTE - Mas por que só trezentos? Aceite quinhentos Excelencia! Contudo que nos ajude a nos livrar dêsse homem

KLESTAKOV - Vá lá! Mas a título de empréstimo! Do contrário recuso!

COMERCIANTE - (Entregando o dinheiro numa salva de prata) Por favor, Excelência; aceite ao mesmo tempo esta bandejinha! É prata de lei!

KLESTAKOV - Ah, bom. Sendo de lei, aceito...

COMERCIANTE - Então aproveite e aceite também estas oferendas. Mas ajudai-nos, Excelência. Do contrário só nos resta o exílio.

MULHER - (Fora) Deixe-nos passar! Vê se vai empurrar a - mãe, seu cavalo!

OSSIP - (Espiando) Ih, está assim de mulher!

MULHER - (Fora) Quer tirar a mão daí?! Quem está pensando que eu sou, seu atrevido?!

Serv. de Censura de Diversões Públicas 43

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.194

195

DPF DCDP Fls. N.º 182 Rubrica

KLESTAKOV - (Espiando) Deixa entrar só essa! O resto tem que pedir audiência por escrito. (Voltando) Nunca ví tanta mulher junto!

COMERCIANTE - É a L.D.F.

KLESTAKOV - Que é isso?

COMERCIANTE - "Liga de defesa da família"

(entra a mulher)

MULHER - (Ajoelhando-se) Misericórdia, paizinho!

KLESTAKOV - Que quer a senhora?

MULHER - Implorar vossa graça contra o desgraçado do Governador! Que a maldição caia sôbre sua cabêça! Que um raio fulmine sua família inteira! Mulher, filha, tios, tias, primos...

KLESTAKOV - Por que, coitado?!

MULHER - Êle mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dêle! Meu marido é um homem casado! É contra a lei, excelentíssimo!

KLESTAKOV - E por que fêz isso?

MULHER - Porque é um cachorro! Que Deus o castigue neste mundo e no outro. Que a mulher dêle fique de bôca torta e a filha vêsga! E se tem pai, que o pai dêle fique sem os dois braços e as duas pernas!

KLESTAKOV - Espera aí! Assim também já é exagêro!

MULHER - O filho do alfaiate, - aquêle que dá mais pinta que borboleta, é que foi convocado. Mas como na hora - que recebeu a convocação teve um chilique... o alfaiate deu um presente ao Governador, e o Governador então mandou meu marido no lugar do filho dêle. Agora me diga, - excelencia: como é que eu vou passar sem marido todo êsse tempo!?

KLESTAKOV - É, deve ser fogo.

MULHER - Desgraçado! Que a família dêle jamais possa ver a luz do sol! Se tiver sogra, que a sogra fure os olhos da família inteira com uma agulha!

KLESTAKOV - Mas o que é que eu posso fazer?

MULHER - É, agora não adianta nada! Mas pelo menos que êsse desgraçado pague uma multa pelo êrro!

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F. 44

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0413.p.145.

DPF DCDP fls. N.º 183 Rubrica

KLESTAKOV - Está certo. Vou dar uma ordem nesse sentido. Agora podem ir descansados.

(Vão saindo Comerciante Abdulin e mulher)

MULHER - (Saindo) Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado! Tomara que a família inteira dêle fique com cachumba! E catarata! E tôda espécie de doença nova que aparecer no mundo.

(Saem Mulher, Comerciante Abdulin e Ossip. Entra Maria. Cena cheia de pausa)

MARIA - (Fresca) Oh!

KLESTAKOV - (Que não tinha visto Maria) Por que se assustou?

MARIA - Não, não me assustei.

KLESTAKOV - Ah, bem! Se não fôsse ousadia, poderia perguntar-lhe para onde ia?

MARIA - Em verdade, a parte alguma.

KLESTAKOV - E por que, por exemplo, não ia a parte alguma ?

MARIA - Pensei que mamãe estivesse aqui.

KLESTAKOV - Ainda assim, gostaria de saber por que razão não ia a parte alguma!

MARIA - Perdoe tê-lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.

KLESTAKOV - Seus olhos valem mais que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira?

MARIA - Sinceramente, não sei... Precisava tanto ir embora...

KLESTAKOV - Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia?

MARIA - Ah, é verdade! (Senta-se) Que tempo esquisito hoje!

KLESTAKOV - Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo!

MARIA - Gosto muito de versos! Se não fôsse ousar demais poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum?

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.196.
197

DPF
DCDP
fls. N.º 184
Rubrica

KLESTAKOV - Quanto quiser! Seu olhar já me inspirou um álbum inteiro!

MARIA - O senhor fala assim por falar!

KLESTAKOV - Não sou eu quem fala! É o amor que transborda do meu coração.

MARIA - Amor!... Linda palavra que não compreendo! Que nunca soube o que é.

KLESTAKOV - Pois olhe no fundo dos meus olhos e ficará sabendo.

MARIA - (Ela olha e depois afasta a cadeira) Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV - Por que se afastou? Um perto do outro é melhor!

MARIA - Perto, por que? É a mesma coisa, longe!

KLESTAKOV - Longe, por que? É a mesma coisa, perto.

MARIA - Não atino com a razão! Mas se realmente prefere perto... (faz para aproximar-se)

KLESTAKOV - Não! Pensando bem, é melhor longe!

MARIA - No que ficamos? Longe ou perto?

KLESTAKOV - Par, ou Impar) (Jogam)

MARIA - Par

KLESTAKOV - Longe! Deus escreve certo por linhas tortas. Perto, eu não poderia conter êsse ímpeto de estreitá-la em meus braços!

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV - É o tempo do amor! Da canícula na primavera.

MARIA - (Levantando-se) Oh que ave será aquela que passou voando? Será uma pomba ou um colibri?

KLESTAKOV - Um modesto urubú! (Toca-lhe o braço com a mão)

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV - Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante! (Beija-lhe o ombro)

MARIA - (ofendida) Oh! Mas que significa isso? Que atrevimento é êsse, agora?

Serv. de Censura e Diversões Públicas
D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-197

DPF DCDP Fls. N.º 185 Rubrica

KLESTAKOV - Puxa, será que não se pode nem brincar com a senhorita?

MARIA - Isso não é brincadeira! É uma audácia!

KLESTAKOV - Juro que não! E como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos! (Ajoelha) Olhe, só. Perdão, perdão, perdão.

ANA - (Entra) Oh! Que quadro!

KLESTAKOV - (À parte, levantando-se) Ai, cacête!

ANA - Que significa isso, menina? Que procedimento é êsse?

MARIA - Mãezinha, eu...

ANA - O que? Ainda ousa me responder?! Saia daqui, imediatamente!

MARIA - Está bem, mãezinha, obedeço! (Sai)

KLEWTAKOV - (À parte) Essa também dá pra quebrar um galho! (ajoelha-se bruscamente) Minha senhora, veja! Estou ardendo de paixão!

ANA - Oh, o senhor de joelhos?! Por favor, levante-se! O chão aqui é muito úmido!

KLESTAKOV - Não! Quero ficar a seus pés! Nem que fôr pra morrer de reumatísmo! Quero conhecer meu destino! Está em suas mãos, decida! A vida ou a morte?

ANA - Desculpe... mas eu sou um pouco burrinha...

KLESTAKOV - Não tem importancia! É a seus pés que estou, não so pés de Carlos Magno.

ANA - É que não estou percebendo exatamente o significado de suas palavras! Se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso?

KLESTAKOV - Não, senhora! Estou declarando meu amor pela senhora mesma! Para ser breve: com esta chama que me queima o peito... peço sua mão em casamento.

ANA - É... interessante. Mas permita observár-lhe que - "até certo ponto" eu sou casada.

KLESTAKOV - Sim, mas especialmente por causa dêsse "até certo ponto", poderemos perfeitamente nos esconder sob a sombra das cascatas! Ou em outro lugar melhor que a senhora conheça!

Div. de Censura de Diversões Públicas D.P.F. 47

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-198

DPF DCDP Fls. N.º 186 Rubrica

MARIA - (Entrando) Oh, que quadro!

(Klestakov levanta-se)

ANA - (À parte) Ah, ela tinha que aparecer justo agora! (Alto) E então! Desde quando a senhora vai entrando, - assim sem mais nem menos, como um gato ladrão?! E agora fica aí, de olhos esbugalhados como coruja espantada! O que é que a senhora viu aqui de tão extraordinário? Que menina mais sem graça, meu Deus! Vamos, fale de uma vez! Ou será que engoliu a lingua?

MARIA - (Em lágrimas) Mãezinha, eu... eu...

ANA - Sim, você o que?! Vamos estou esperando.

MARIA - Eu... eu não sabia! (Faz para sair)

ANA - Fica aqui! Não sabia o que? Vamos, diga!

MARIA - Eu... eu... (Chora)

ANA - Essa agora! Você não sabia, e daí? Precisa chorar por causa disso? ! Se todo o mundo fôsse chorar ao descobrir que não sabia de alguma coisa, onde iríamos parar com tantas lágrimas?! Estaríamos nadando feito idiotas por aí?! Cabeça de alfinete! Tem sempre que imitar as filhas de Tiapkin! Não tem de olhar pra elas, já disse! Olha pras outras, se tem vontade de olhar! Por que não - toma sua mãe como exemplo?

KLESTAKOV - (Segurando a mão de Maria) Minha senhora, não se oponha à nossa felicidade. Abençoe êste amor eterno!

ANA - Que amor eterno?

KLESTAKOV - O nosso!

ANA - Nosso, de quem?

KLESTAKOV - O meu e o dela

ANA - (Desapontada, perplexa) Ai, sei! Ta senhora e da minha filha... é isso?

KLESTAKOV - Está em suas mãos, minha senhora. Decida. A morte ou a vida?!

ANA - Está vendo o que arrumou, estúpida?! Por uma pamonha como você, nosso hóspede ficou de joelhos, se arriscando a um bruto reumatismo! Não lhe gabo o gôsto, mas enfim... Por isso que ela entrou aqui feito uma louca! Bem merecia que negasse meu consentimento! Uma retardada como você, não merece tamanha felicidade.

MARIA - Juro que não faço mais, mãezinha!

Censura de Diversões Públicas D.F. 48

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.199 Vº

DPF DCDP Fls. N.º 187 Rubrica

GOVERNADOR - (Entra abruptamente) Juro que não faço - mais, excelencia. Não me desgrace!

KLESTAKOV - Que foi que houve?

GOVERNADOR - Eu sei que essa gente veio se queixar de mim! Mas juro que metade do que disseram é mentira! Não é verdade que eu mandei surrar a mulher do subtenente. Ela mesma se surrou. Não acredite nessa gente, Excelência. Não acredito, não acredite.

ANA - Agora quer parar um pouco essa ladainha e ouvir?

GOVERNADOR - Não acredite, Excelência. Não acredite, não acredite.

ANA - Diz logo que não acredita, se não êle fica repetindo isto até o mês que vem.

KLESTAKOV - Não acredito.

ANA - Sabe da honra que nos dá êste cavalheiro? Acaba de pedir a mão dessa... de nossa filha em casamento.

GOVERNADOR -Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias?! Não se zangue, Excelencia. Ela sempre foi assim meio abobalhada. A mãe dela era a mesma coisa.

KLESTAKOV - Mas é verdade. Tenho a honra de pedir a - mão de sua filha!

GOVERNADOR - Não, não, não posso acreditar, Excelência!

ANA - (Furiosa) Não pode acreditar "por que", pode me dizer?! GOVERNADOR - Não, não. Não mereço tamanha felicidade, não mereço!

ANA - Está bem. Então agora quer parar com êste faniquito e calar a bôca?

GOVERNADOR - Tenha a bondade de dizer, Excelencia. Sou só ouvidos!

KLESTAKOV - Pois bem. Torno a pedir a mão de sua filha. Mas previno-o que, se me negar, pelo que podda acontecer, a culpa é tôda sua!

GOVERNADOR - Não posso acreditar! O senhor está brincando comigo!

ANA - (Cheia) Ai, que vou já, já ter uma coisa!

KLESTAKOV - Peço-lhe que se decida. De outra forma, responsabilizo-o desde já por minha morte!

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.F.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.200.

DPF DCDP Fls. N.º 188 Rubrica

GOVERNADOR - Não se zangue, Excelência, não se zangue. Estou completamente tonto, Minha cabeça não pára de dar voltas! Fiquei mais estúpido do que nunca.

ANA - Depois você cuida disso. Dá logo tua bênção e pronto.

GOVERNADOR - Sim, sim com muita honra. Deus os abençoe, se V.Excelencia me permite.

(Klestakov beija Maria)

GOVERNADOR - (Após esfregar os olhos) Eles estão mesmo se beijando, ou eu é que estou ficando louco?

ANA - Vá pro diabo que te carregue. Você hoje me encheu as medidas.

OSSIP - (Entranto) Os cavalos estão prontos.

GOVERNADOR - Como?! Vai partir?!

KLESTAKOV - Sim, vou.

GOVERNADOR - Mas... mas... mas se não me atrevi a ouvir mal, o senhor teve a bondade de pronunciar a palavra... casamento.

KLESTAKOV - Sim, claro. Vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta.

GOVERNADOR - Não ousamos retê-lo, na esperança de um feliz regresso.

KLESTAKOV - Adeus. Não acho palavras para exprimir minha felicidade. (Beija a mão de Maria)

GOVERNADOR - Não vai precisar de nada para a viagem? O senhor parece, já teve a bondade, de precisar de dinheiro uma vez.

KLESTAKOV - Já que insiste...

GOVERNADOR - Quanto deseja?

KLESTAKOV - Bem, o senhor ainda hoje me deu duzentos rublos...

GOVERNADOR - Perdão, Excelencia, quatrocentos.

KLESTAKOV - Ah, sim, que distração! Se quiser dar-me agora igual quantia, completaremos oitocentos. Conta redonda.

GOVERNADOR - Aqui estão. Notas novinhas em fôlha!

KLESTAKOV - (Enquanto conta as notas) Tanto melhor. Dizem que traz boa sorte. (Ao acabar de contar as notas) Só que está faltando uma de cem.

GOVERNADOR - Ah, sim? Queira ter a bondade de desculpar, Por obséquio.

Serv. de Censura e Diversões Públicas 50 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.201

DPF DCDP Fls. N.º 189 Rubrica

KLESTAKOV - Não havia pressa. Bem... não quero dizer adeus. Mas uma coisa não posso deixar de dizer: obrigado pela hospitalidade. Jamais tive um acolhimento igual ao desta casa. "Au revoir" (A Ana) Minha senhora... (A Maria) Adeus, Maria Andreievna, luz de minh'alma!

(faz para sair dramaticamente)

GOVERNADOR - O senhor viajará bem, assim, à noite?

KLESTAKOV - Muito bem, não se preocupe.

GOVERNADOR - Com sua licença mandarei colocar um tapête para que viaje ainda melhor.

KLESTAKOV - Obrigado, não é preciso.

GOVERNADOR - É um riquíssimo tapete persa, muito macio

KLESTAKOV - É... Pensando bem...venha o tapête.

(EM CENA O GOVERNADOR, ANA E MARIA)

GOVERNADOR - E então Ana Andreievna? Que belo casamento hem? Confessa que você jamais sonhou com uma coisa assim?

ANA - Não seja primitivo! Nunca esperei outra coisa.

GOVERNADOR - Primitivo!... Agora estamos por cima, Ana Andreievna. Vou surrar essa gente tôda que fez queixa de mim. Já mandei chamar o comerciante Abdulin. Foi êle quem reclamou em nome dos outros. Cambada de vagabundos! Vão ver só comigo! Vou puxar um a um pela barba.

ANA - Não se esqueça da mulher que nos rogou praga.

MARIA - Mãezinha, mas ela não tem barba.

ANA - Mas tem cabelo, não tem? Dói do mesmo jeito. Mais até!

GOVERNADOR - É, Ana Andreievna, Deus nos distinguiu com uma grande honra. Nossa filha vai se casar com um homem importante, Um partido dêsses é uma benção divina. E agora, Ana Andreievna?

ANA - Agora o que?

GOVERNADOR - Onde é que a gente vai morar? Aqui ou na capital?

ANA - Na capital, é evidente. Ou você acha que depois de tudo isso iríamos continuar nesta joça?

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 202.

203

DPF DCDP Fls. N.º 190 Rubrica

GOVERNADOR - Só é chato ter de renunciar ao título de Governador.

ANA - Meu Deus! E quem iria fazer questão de um título dêsses agora?!

GOVERNADOR - Mas é claro! por que, agora, não é Ana Andreievna? - agora eu posso pretender um posto bem mais alto, não é mesmo? Nosso genro é unha e carne com a ministrada tôda. Vai ao palácio quando bem entende. Tem um pistolão daqueles...

MARIA - (Levanta-se num salto) Oh!

ANA - Que foi agora?

MARIA - (Sentando-se) Oh, nada não senhora!

ANA - Às vêzes chego a pensar que essa menina é bôba!

GOVERNADOR - Você acha mesmo Ana Andreievna, que com a influencia do nosso genro posso chegar logo a General?

ANA - Claro que pode.

GOVERNADOR - Deve ser ótimo ser General.

ANA - Vamos ter de mudar completamente de amigos e de hábitos. Você vai ter de deixar de dizer palavrão. Nossas amizades agora vão ser com duques, condes e tôda espécie de pessoas finas.

(Entra o Comerciante Abdulin)

GOVERNADOR - Ora, viva, meu bom amigo! Saúde!

COMERCIANTE - O mesmo desejo ao senhor e a todos os seus!

GOVERNADOR - E então, meu querido? Como vão os negócios

COMERCIANTE - Assim, assim...

GGOVERNADOR - E dos outros comerciantes? Assim, assim também?

COMERCIANTE - Não tenho idéia.

GOVERNADOR - Como não tem idéia? O senhor não é o representante dêles agora? Não é quem fala em nome de todos? Deve estar a par de tudo. E então, meu santo? Todo mundo contente? Os canalhas, ladrões, filhos de uma égua? Vieram se queixar de mim, não é? Pensavam que iam me mandar pra cadeia, não é seus merdas?

ANA - Que é isso, Antocha, que linguagem rústica!

52 B. P. F. Serviço de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.203.

DPF DCDP Fls. N.º 191 Rubrica

GOVERNADOR - Vocês sabiam, velhacos de merda, que o Inspetor a que vieram se queixar vai se casar com minha filha? Sabiam? Hein? Que me dizem agora?

COMERCIANTE - Reconhecemos a nossa culpa, Anton Antonovicht.

GOVERNADOR - Reconhecem não é? Agora! Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte? A madeira custou menos de cem rublos e eu te deixei apresentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma minharia!

COMERCIANTE - Eu devia estar com o demônio no couro. Juro que não reclamo mais, Anton Antonovicht!

GOVERNADOR - Ah, agora como estou por cima vocês rastejam aos meus pés. Se estivesse por baixo, empurravam - ainda mais a minha cara na latrina e me batiam na bunda com os paus da ponte que não foi construída. Escuta aqui, Abdulin: se eu quiser, te mando para a Sibéria - agora mesmo.

COMERCIANTES - (de joelhos) Piedade, Anton Antonovicht Confinamento, não!

GOVERNADOR - Enfim, não sou homem de guardar rancor. Mas de uma coisa não esqueça: minha filha não vai casar com um qualquer não. Vejam bem que presentes vão mandar Nada de licoreiros, bibolôs ou porcarias iguais a essas

COMERCIANTE - Claro que não! Não tenho receio, Anton Antonovicht!

GOVERNADOR - Se é assim, está bem. Pode ir, e que Deus o perdoe...

COMERCIANTE - Com a permissão de todos... (Sai)

AIMOS - (Entra) (À porta) Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade?

ARTIEMI - (Entrando) Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, Anton Antonovicht. Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos, Ana Andreievna.

MADAME - (Entra) Ana Andreievna, quase tive um ataque quando me contaram. (Beijinhos) Maria Andreievna, que - felicidade! Quase caí dura mortinha! (Beijinhos) Anton Antonovicht, foi como se um raio de felicidade me fulminasse, tamanha a minha alegria!

(ENTRAM DOBCHINSKI E BOBCHINSKI)

BOBCHINSKI - Tenho a honra de felicitá-lo, Anton Antonovicht.

DOBCHINSKI - Tenho a honra de felicitá-lo por tão grande felicidade.

Diversões Públicas Serv. de Censura 53 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.202.

DPF DCDP Fls. N.º 192 Rubrica

BOCHINSKI DOBCHINSKI - (Juntos) Ana Andreievna...
(Se aproxima ao mesmo tempo e as cabeças se chocam)

DOBCHINSKI - Maria Andreievna, desejo-lhe tôdas felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras, preciosas e tôda espécie de sobremesa requisitadas.

BOBCHINSKI - Que Deus lhe dê todas as riquezas do mundo Maria Andreievna. Uma carta todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasálhá-lo no inverno!

LUCAS - (Entra) Tenho a honra de felicitá-los. Não Sabem a alegria que senti quando me contaram.

MADAME - E eu então? Fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu. Senta que é para nao cair fulminado com a notícia. Aí êle sentou e eu lhe digse: Ana Andreievna conseguiu um marido para a filha! "Nao me diga"! exclamou êle. E eu: por tudo que é mais sagrado! Quero ficar paralítica e careca se estou mentindo! E êle: "Que bom bem?" Mas, nem pude responder. Tive uma crise de chôro tao violenta, que por um triz não me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. "Por que estás chorando tanto?" perguntou êle, E quando fui dizer - de felicidade ora essa! Cadê voz? Estava completamente muda de emoçao. Não fôsse meu marido me sacudir uma porçao de vêzes, a esta hora já estaria num caixao. Ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico tôda arrepiada!

ANA - Sente-se que isso passa. Sentem-se todos, meus senhores.

MISHKA - Tenho a honra de felicitar Vossa Excelência pelo feliz acontecimento. Nem pode imaginar como me sinto feliz. Não me refiz até agora.

GOVERNADOR - Tá. Então vai se refazer lá fora.

MISHKA - (Desapontado) Puxa! Com licença! (Sai)

AIMOS - Mas, conte-nos, senhor Governador! Como se desenrolou o processo?

GOVERNADOR - Que processo?

AIMOS - Quero dizer: como foi que aconteceu?

GOVERNADOR - Ah, de maneira extraordinária. Eu entrei na sala e êle teve a bondade de fazer o pedido.

ANA - Mas tudo com muita delicadeza e finura. "Ana Andreievna faço tudo isso em honra ao vosso mérito". É um homem de incrível nobreza, como todos sabemos. "Faço-o apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes!

Serv. de Censura de Diversões Públicas 54 D. F. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 205.

DPF DCDP Fls. N.º 193 Rubrica

MARIA - Mãezinha, tenho a impressão que não foi exatamente assim.

ANA - E eu tenho a impressão, minha querida, que é você que anda um pouquinho surda! Foi exatamente assim, meu benzinho. Depois, com tôda aquela nobreza que conhecemos atirou-se de joelhos aos meus pés e, com voz embargada, acrescentou "Sois a mais extraordinária das criaturas - Ana Andreievna! "Meu destino está em vossas mãos. Se não consentir-des em corresponder aos meus anseios, darei - cabo da vida agora mesmo".

MARIA - Mas, mãezinha, foi se referindo a mim que êle disse isso.

ANA - Evidentemente. Em parte, era em relação a você também, ninguém está negando isso.

GOVERNADOR - Vocês nem queiram saber o susto que êle nos pregou! Não parava de nos amcaçar com o suicídio. "Vou suicidar-me! Vou suicidar-me!" repetia sem parar com lágrimas nos olhos!

AIMOS - Que coisa fantástica! Parece até novela!

GOVERNADOR - E estava branco como cêra, só de pensar que poderíamos não concordar com o casamento.

MADAME - Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico rôxa.

LUCAS - É como eu digo. O destino tem muita fôrça.

ARTIEMI - Ah, não meu caro, Isso não tem nada a ver com o destino. Destino é uma coisa, mérito é outra. É bem diferente! (À parte) A sorte sempre procura um porco como êste! (Alto) ou será que o senhor pensa o contrário?

LUCAS - Absolutamente. Era exatamente isso que eu queria dizer. O que a minha língua embolou, em vez de mérito - saiu destino.

AIMOS - Sabe, Anton Antonovicht, aquêle cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse?

GOVERNADOR - O que é que tem? Morreu?

AIMOS - Não senhor, Graças a Deus o bichinho está vivo: Não vendi, sabe por que? Queria lhe fazer uma surpresa. Queria que êle ficasse bem forte para depois lhe dar de presente. Trago o bichinho amanhã.

Serv. de Censura e Diversões Públicas 55 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 206.

DPF DCDP Cons. N.º 194 Rubrica

GOVERNADOR - Ah, não. Agradeço, mas agora não quero mais saber de cachorros.

MADAME - Comigo aconteceu a mesma coisa. De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de bretoejos.

MARIA - Gatos também?

MADAME - (Ao Governador) Hum? De gatos o senhor ainda gosta?

GOVERNADOR - Não. Não quero mais saber de bichos em casa!

MADAME - Ah, nem eu. (À Maria) Gatos também.

AIMOS - Se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que partiu, é verdade?

GOVERNADOR - Pois é, teve que ir tratar de um assunto importante.

ANA - Foi pedir a benção ao tio. Um senhor muito fino de quem o Imperador não desgruda um instante.

GOVERNADOR - Amanhã já estará de volta. (Espirra e todos dezem "saúde") Amém! Êle não queria ir,mas... (Espirra novamente e todos dizem "saúde" outra vez) Amém!...
Mas eu disse que absolutamente, que êle tinha de ir de - qualquer jeito.

(mesma cena dos espirros)

AIMOS - Desejo-lhe tôda a saúde do mundo, Excelência.

BOBCHINSKI - E eu, um rio de moedas de ouro.

DOBCHINSKI - E eu, pedras preciosas já lapidadas e tudo.

ARTIEMI - (À parte) E eu, quero que êle se arrebente todo

GOVERNADOR - Obrigado. Desejo-lhes tudo em dôbro.

ANA - Estamos pensando em nos mudar para a Capital., Petersburgo. Pra dizer a verdade, aqui se respira um ar tão provinciano! Muito desagradável o ar daqui.

MADAME - Ah, horrível! Às vêzes chego até a tapar o nariz durante horas e horas!

Polícia Federal Divisão de Censura de Diversões Públicas 56 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.207

DPF DCDP Fls. N.º 195 Rubrica

ANA - Além disso, temos de ir de qualquer maneira. Não sei se vocês sabem que Anton Antonovich foi promovido a Marechal.

GOVERNADOR - Quer dizer, ainda não fui, mas estão insistindo muito, sabem?

MARIA - Insistindo quem, papai?

GOVERNADOR - Ora, você não ouviu seu noivo falar?

ANA - Não digo que essa menina está ficando completamente surda!

LUCAS - É! A sorte é pra quem tem!

AIMOS - Um genro assim é uma benção dos céus!

ARTIEMI - (À parte) Marechal! Aqui! (Corte) COM CORTE!

MADAME - Bem que eu gostaria de ser espôsa de um marechal.

LUCAS - Digas com quem andas e te direi quem és.

IVAN - (lívido) Senhor Governador... eu...eu...

MADAME - Igualzinho a mim! Se fico emocionada, não consigo dizer um ai! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR - Não precisa dizer nada, meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor (Chefe dos Correios lhe estende uma carta, mãos trêmulas) Que é isso? Carta para mim?

IVAN - Não senhor.

GOVERNADOR - Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara?

IVAN - É o caso mais surpreendente, desde que me conheço O Inspetor; que nós pensávamos que era o Inspetor, nao é o Inspetor.

GOVERNADOR - O que?! Como se atreve a dizer que o Inspetor não é o Inspetor.

57 D.P.F. Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.208.

DPF DCDP Fls. N.º 196 Rubrica

ANA - Anton Antonovich, manda logo êle pra Sibéria.

MADAME - Sim. Mas se um Inspetor que a gente pensa que é um Inspetor não é um Inspetor... Êsse Inspetor, então, não é um Inspetor como a gente pensava. É tão simples, - meu Deus.

GOVERNADOR - Cale-se

IVAN - O homem que esteve aqui não era um Inspetor mas um Impostor.

GOVERNADOR - Impostor?!

IVAN - Exatamente. Esta carta não me deixa mentir.

GOVERNADOR - Carta?! Que carta é essa?

IVAN - Dêle próprio. Quando li o nome do remetente, quase morri de mêdo. Pensei que êle tinha descoberto alguma coisa errada nos Correios e me denunciava à Agência Central. Por isso abri a carta.

GOVERNADOR - O senhor é um atrevido! Abrir uma carta dessas!

IVAN - Bem, no princípio eu não queria abrir. Mas uma voz parecia dizer-me: "abre, abre" e eu abri.

GOVERNADOR - Foi uma grande ousadia de sua parte. Onde já se viu abrir cartas alheias e ainda mais a carta de uma autoridade!

IVAN - Aí é que está. Êle não é autoridade nenhuma.

GOVERNADOR -Como não é? Êle é o que então?

IVAN - Isso só o demônio sabe.

GOVERNADOR - Como se atreve a falar assim? Vou mandar prendê-lo!

IVAN - Acho que o senhor não vai fazer isso, não...

GOVERNADOR - O senhor sabe que o Inspetor vai ser meu - genro? Se quiser posso te mandar para a Sibéria.

IVAN - Ora, meu caro, esqueça a Sibéria que fica muito longe. É melhor ler a carta. Se me permitem, eu mesmo

58 Serv. de Censura e Diversões D. P. F.

TODOS - Lica, leia, leia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.209

DPF DCDP Fls. N.º 197 Rubrica

IVAN - Com licença. (Lendo) "Apresso-me a informá-lo, meu caro Stanislaw, das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo o dinheiro no jôgo e o dono do hotel quis me mandar pra cadeia. De repente, devido ao - meu aspecto e às minhas roupas, tôda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve: estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo, a mulher e a filha dêle. Ainda - não me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que deve estar há muito tempo "a ver navios". E como se sabe, "galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquêle tempo de miséria em que tínhamos de dividir o almôço?! Agora tudo mudou. Me emprestam o - dinheiro que quero. Nunca vi gente tão boboca. É de se - morrer de rir! Você podia aproveitar essa história em seus artigos-para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de - chifres!

GOVERNADOR - É mentira! Isso não está aí!

IVAN - Pois leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR - Deixe ver "É estúpido como um jumento..." É Impossível! Foi o senhor mesmo quem escreveu isto..

IVAN - Eu como? Não vê pela letra?

ARTIEMI - Cotinua.

AIMOS - Leia o resto

IVAN - (Lendo) "Estou louco para lhe botar um bom par de chifres".

GOVERNADOR - Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante, adiante.

IVAN - (Lendo) "pra lhe botar um bom par de chifres"

GOVERNADOR - Ai meu cacête!

IVAN - (Lendo) Hum... "O chefe dos Correios... é um homem mais do que excelente".

GOVERNADOR - (Fazendo o gesto redondo) Aqui Oh, que diz isso! leia direito que vou conferindo.

COM CORTE

IVAN - Mas há senhoras presentes!

GOVERNADOR - Não interessa.. Já começou, continue.

ARTIEMI - Permita que eu leia. (Lendo) "O chefe dos Correios é um fresco. Alías acho que êsse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível".

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 210.

DPF DCDP fls. N.º 198 Rubrica

IVAN - Isso é mentira!

GOVERNADOR - É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Continue.

ARTIEMI - (Lendo) "O diretor do Hospit... (gagueja) pi... pi..."

GOVERNADOR - Que aconteceu? Quer ir ao banheiro?

ARTIEMI - A letra não está muito clara.

AIMOS - Minha vista é melhor. Eu leio (Toma a carta)

ARTIEMI - (Lutando pela carta) Não, essa parte se pode pular. Adiante a letra fica mais legível.

AIMOS - Dá licença. Minha vista é otima.

ARTIEMI - Não, senhor, eu também sei ler. Depois dêsse trecho não há mais problema.

IVAN - De forma alguma! A não ser que leia tudo. Do contrário devolva a carta.

TODOS - É isso mesmo!

GOVERNADOR - Leia tudo ou devolva.

ARTIEMI - Pronto. (Entrega a carta) Com licença... (Cobre uma passagem) Leia daqui pra baixo.

(Todos se aproximam)

IVAN - Absolutamente. Leia tudo.

AIMOS - (Lendo) "O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O hospital dêle fede tanto que o doente, mal chega, morre envenenado. Precisava ver como êle se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitava tanto! As unhas, parecem luto de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo".

ARTIEMI - (Escondendo as mãos) Falta de espírito! Onde já se viu porco enfeitado?

BOBCHINSKI - Porco de banquete êles enfeitam!

AIMOS - (Lendo) "O diretor da escola então, nem te conto. Dá impressão que estão descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outro fédido! E o que é pior, está corrompendo a juventude daqui. A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família" convida-os para a sua casa de solteiro.

Serv. de Censura de Diversões Públicas 60 D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.211

212

DPF DCDP Fls. N.º 199 Rubrica

GOVERNADOR - Eu heim?

LUCAS - Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANA - Você pediu alguma vez a êle?

MARIA - Eu não mãezinha! Deus me livre.

AIMOS - (À parte) Felizmente não tem nada a meu respeito.

ANA - (Lendo) "O Jiz..."

AIMOS - (À parte) Pronto! (Alto) Meus senhores, acho que agora basta! Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar essa bosta!

LUCAS - Rasgar uma ova!

IVAN - Aqui oh! (Gesto de Sondo) Continua.

COM CORTES

ANA -(Lendo) "O Juiz Tiapkin é um "mauvais ton..." (Interrompe) Acho que é uma expressão francêsa.

AIMOS - Só Deus sabe o que quer dizer. Ainda bem que parte de um sujeito dêsses,sem o menor escrúpulo, sem o menor respeito humano!

ANA - (Lendo) "De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus, meu caro Stanislaw. Acho que vou seguir teu exemplo. Vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo sou esse que, em tal e tal lugar, existem uns pobres diabos; cujos governadores êles já deviam ter jogado na latrina! Como vês, estou mudando, já não tenho mêdo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando? O melhor é parar aqui. Escreve-me para a aldeia de Podkalitovka. Provincia de Saratov.

(Silêncio total. Está todo mundo arrasado. Madame poe a carta no envelope e devolve ao Chefe dos Correios. Por algum tempo fica todo mundo imóvel. - Ninguém ousa encarar o outro.)

ANA - (arrasada) "Galinha velha". Puxa! Essa carta foi uma facada no meu coração!

MARIA - (Patética) Não ligue pra isso mãezinha!
(O Governador de repente explode esmurra a mesa)

GOVERNADOR - Maldito! Tragam êsse cão de volta!

IVAN - Trazer de volta pra que, Anton Antonovich? O que está feito está feito.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F. 61

GOVERNADOR - Quero meu tapête persa que aquêle desgraçado roubou. (Patético) Ah, que tapête que nada! O que é um tapête comparado à todo o mal que êsse bandido me fêz? Êle me assassinou, me assassinou! Apunhalou-me pelas costas. E logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.212.

DPF DCDP N.º 200 Rubrica

GOVERNADOR - enrolar até cinquenta governadores juntos!

MADAME - (Pausa) Quem com ferro fere, com ferro será ferido!

GOVERNADOR - (Em fúria) Saia daqui sua pata choca; Depressa se não quer levar um ponta-pé na bunda!

MADAME - (Pronta para um chilique) Ai!...

GOVERNADOR - E não se atreva a ficar roxa em minha casa! Rua ! Rua!

MADAME - (Saindo apavorada) Ai, acho que vou morrer. Vou ficar entrevada o resto da vida! (Desaparece aos berros)

GOVERNADOR - (Espancando-se com os próprios punhos) É bem feito, velho tonto! Bem feito!...

ANA - Mas como é que pode ter acontecido isso, meu Deus? Nós tratamos êle tão bem! com tanta gentileza! E êle se comprometeu com nossa filha.

GOVERNADOR - (Dando uma banana) Aqui, pro compromisso dêle. Êle me desgraçou, isso aim! A esta hora, deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo, batendo palma, caçoando de mim. Liberais malditos! Não vão poupar meu cargo, o sacrifício de minha vida inteira! Minha vontade era acabar com essa cambada tôda! (Batendo nos peitos e com os pés no chão) Assim, assim, assim! (Pausa) Agora pergunto? Que havia naquele desgraçado que se assemelhasse a um Inspetor? Nada, absolutamente nada! E de repente, começou todo mundo a exclamar: "O Inspetor! o Inspetor! O Inspetor!" Quem foi o primeiro miserável a espalhar êsse boato? Quero saber quem foi?

ARTIEMI - Não sei como isso aconteceu. É como se o demônio nos tivesse cegado a todos!

AIMOS - Eu sei quem espalhou a notícia. Foram êsses dois palhaços. (Aponta Bobchinski e Dobchinski)

DOBCHINSKI - Eu não! Que Deus me castigue!

BOBCHINSKI - Nem eu! Por essa luz que me ilumina!

ARTIEMI - Foram êles sim.

Serv. de Censura de Diversões Públicas D.P.F. 62

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.213.

DPF DCDP N.º 201 Rubrica

LUCAS - É isso mesmo. Saíram do hotel gritando feito loucos: "O inspetor chegou! O Inspetor chegou!"

GOVERNADOR - É verdade. Foram êsses malditos boateiros! Essas malditas comadres!

ARTIEMI - Que o diabo os carregue com o Inspetor e com tôdas as suas mentiras.

GOVERNADOR - Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo o mundo. Urubús malditos!

AIMOS - Tagarelas imundos!

LUCAS - Intrigantes duma figa!

ARTIEMI - Bo[illegible]da! COM CORTE

IVAN - Mulherzinhas tricoteiras!

(TODOS OS CERCAM)

BOBCHINSKI - Juro que não fui eu! Foi Pietra Ivanovicht

DOBCHINSKI - Não é verdade. Pietra Ivanovicht, foi o senhor.

(ENTRA MISHKA)

MISHKA - Senhores, o funcionário que acaba de chegar de São Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Êle está no hotel.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO ATO.

Teatro Novo Universitário
T O N U S - Natal Rio Grande do Norte.

Div. de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.214

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

215

DPF
DCDP
Fls. N.º 202
Rubrica

TÍTULO O INSPETOR GERAL

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 ANOS COM CORTES.-

ESTA PEÇA JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE, COM A IMPROPRIEDADE DE 16 ANOS COM CORTES. CONFRONTANDO O TEXTO REMETIDO COM VISTAS A CENSURA COM O DE NÚMERO -0361, REGISTRO 3133 , VERIFIQUEI TRATAR-SE DE MESMO TEOR, NECESSITANDO, PORTANTO, OS CORTES INDICADOS ANTERIORMENTE, PARA RECEBER A CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DE 16 ANOS.

SÃO OS CORTES, ÀS PÁGINAS: 10, 11, 26, 41, 50, 51, 55, 57, 59, 61- COMPREENDENDO: PALAVRAS DE BAIXO CALÃO, GESTOS OBSCENOS.

É O MEU PARECER.

BRASÍLIA, 23 DE JUNHO DE 1972

TERESA CRISTINA DOS REIS MARRA

Serv. de Censura de Diversões Públicas
64
D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 215.

(62)

DPF
DCDP
Fls. N.º 203
Rubrica

216

S. C. T. C.

TÍTULO: O INSPETOR GERAL

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Já liberada? SIM

Cls. etária anterior 16 ANOS

Praça NATAL - RN

D.F. 20/06/72 [signature]

P/ Chefe do Arqeuivo

2) PROGRAMAÇÃO

Téc. Censura

Téc. Censura

Téc. Censura

Data p/exame: de / / a / /

OBS:

D.F.: / /

Resp. P. Programação

3) S.C.T.C.

Certificado, na forma do Parecer: 16 anos.

Em 23-6.72

[signature]

TCTC

4) CHEFE S.C.

De acôrdo.

Em 23.6.72

[signature]

P/ SC

Serv. de Censura de Diversões Públicas
D.P.F. 66/72

5) DIRETOR D.C.D.P.

Libere-se, na forma do Processo anterior.

Em 23.6.72

[signature]

P/ DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.216.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 204 Rubrica

MEM.º N 518/72
Data 22/06/72

Do Chefe da TCTC da DCDP/DPF/DF.

Para Chefe da TCDP da DR/DPF/Natal/RN.

Assunto: Peça Teatral (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito de V.Sa., as providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada " O INSPETOR GERAL", com a impropriedade para menores de 16 (dezesseis) anos, em 2 (duas) vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO.
Chefe da TCTC da DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 217

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

218

DPF
Fls. Nº 205
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5.139/72

PEÇA O INSPETOR GERAL

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL - TRAD. DE FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES.

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 23 de JUNHO de 19 77

Brasília, 23 de JUNHO de 19 72

Vicente de Paulo Alencar Monteiro
Chefe do S. C. D. P.

ROGÉRIO NUNES
De ordem.

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0413, p. 218.

Certifico constar do livro nº ____ folha nº ____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

O INSPETOR GERAL

COM CORTES

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES

Adaptação de

Produção de TEATRO NÔVO UNIVERSITÁRIO - TONUS - NATAL-RN.

Tendo sido censurada em 23 de JUNHO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS, COM CORTES AS PÁGINAS 10, 11, 26, 41, 50, 51, 55, 57, 59 E 61. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.

Brasília, 23 de JUNHO de 19 72

p HUGO PÔVOA DA SILVA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-219

DPF
DCDP
Fls. N.º 206
Rubrica

FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL
LEI MUNICIPAL 1671 DE 25 DE ABRIL DE 1968 E DECRETO 3102 DE 6 DE MAIO DE 1968
Of.180/73 RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 730 - FONE 442-3180 - SÃO CAETANO DO SUL

MJ-DPF-SRA/BSB
1 AGO 1973 047466
RECEBIDO POR .....

220

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
Brasilia - DF

Fundação das Artes de São Caetano do Sul, entidade de direito privado, sediada à Rua Visconde de Inhauma, 730 - em São Caetano do Sul, desejando encenar o texto de Nicolai Gogol - O Inspetor Geral- com tradução de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, que a este faz - juntar 3 vias, requer de V.Sa. se digne apreciá-lo, emitindo o competente certificado de censura.

Termos em que,

P. Deferimento.

São Caetano do Sul, 25 de julho de 1973.

Milton Andrade - Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 220

DPF
DCDP
Fls. 207
Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

221

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 Nº 39974

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: "Inspetor Geral"

Original de Nicolai Gogol

Música de

Tradução de Augusto Boal

No ~~Teatro~~ Fundação dos Artes Cidade São Caetano do Sul

Emprêsa Fundação dos Artes Pela Cia.

nos dias Para efeito de censura

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo, 24 de JUL 1973 de 19

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.221

DPF
DCDP
Fls. N.º 208
Rubrica

TEATRO

222

TÍTULO O INSPETOR GERAL

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem
Clas. Anterior 16 anos
Praça SÃO CAETANO DO SUL - SP
Obs.:

DF. 2 / 8 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura J. Carmo
Técnico de Censura —
Técnico de Censura —

Data para Exame de 13/08/73 a 15/08/73

DF. 10/08/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 6333/73 - Dezesseis anos, sem cortes, condicionado, entretanto, ao visto geral
Junta-se os certificados com validade até 28.6.77

E. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com o parecer nº 6333/73 Dezesseis (16) anos sem corte.

Em 17/8/73

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 17 / 8 / 1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.222

223

DPF
DCDP
Fls. N.º 209
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 6333/73

Título: O INSPETOR GERAL (Autor: Nicolai Gogol)
Tradução: Augusto Boal e Gianfracesco Guarnieri)

Classificação Etária: 16 (DEZESSEIS) ANOS

Espécie: Peça teatral. Com cortes: Não.

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: Quando do exame do ensaio-geral.

Época: Século Passado. Gênero: Comédia.

Linguagem: Acessível ao público em geral.

Tema: Social.

Personagem: Oportunistas, inconstantes, ingênuos.

Mensagem: Negativa.

Enredo: Jovem espirituoso e galante é confundido numa província distante com inspetor cuja vinda, secretamente, se aguardava ali. Aproveitando-se de tal circunstância, consegue extorquir grande soma dos seus moradores, fugindo com o criado antes que se descobrisse o estúpido equívoco.

1 — Cortes: Não os há.

2 — Conclusão: Comédia satirizando costumes provincianos do Século XIX, com passagens marcadas por constante hilaridade em torno de suborno. Tendo procedido ao confronto entre o presente e outro texto, pertencente ao nosso Arquivo, verifiquei similaridade de ambos no que respeita ao contexto e ainda inexistência de termos de baixo-calão, pelo que opino pela manutenção da impropriedade concedida à mesma - 16 (dezesseis) anos, condicionada ao ensaio-geral de praxe.

Brasília, 15 de agosto de 1973

JOSÉ DO CARMO ANDRADE

DPF-507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 223.

DPF
DCDP
Fls. N.º 210
Rubrica

224

710/73-SCTC/SC/DCDP 16/agosto 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" O INSPETOR GERAL "

" NICOLAI GOGOL "

SUPERINTENDENTE:

S. CAETANO DO SUL/SP.

FVAN/fnn.

Of. nº 7.505/73.SCDP/SR/SP
Prot. nº 0071500185B BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 224.
226
DPF DCDP Fls. N.º 211 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Da: Técnica de Censura
Ao: Chefe do SCDP/SR/SP
Assunto: Ensaio geral de peça

S.Paulo, 27/11/73

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia, através da Superintendencia.

Sr. Chefe

M. Marcilio Nogueira

Cumprindo determinação de V.Sa. procedi ao ensaio geral da peça "O INSPETOR GERAL" de Nicolai Gogol, na Fundação das Artes, em São Caetano do Sul, no dia 10/10/73.

CENÁRIO: uma sala com mesas, cadeiras, poltronas, quadros, etc.; pequeno quarto de um hotel, com cama, mesa; porta de um hospital; mesa representando um tribunal.

GUARDA-ROUPA: roupas da época;

ILUMINAÇÃO: normal;

MARCAÇÃO: nada houve que contrariasse as normas censorias;

SONOPLASTIA: fundo musical, tôdas já censuradas;

TEXTO: trata-se da história de uma cidade que vive em perfeita desonestidade, sem justiça e sem higiene. Com a vinda do Inspetor Geral há uma mudança, preparam-se para apresentar a cidade-modêlo, segundo suas convicções. Tratam o Imspetor super bem, dando-lhe casa, comida e dinheiro, para no final descobrirem que tal pessoa não é o Inspetor esperado e sim um impostor que aproveitou fa ocasião e fêz-se passar por Inspetor.

Tendo o texto sido seguido na integra e nada havendo que contrarie as normas censorias, data vênia de V.Sa. opino pela redução da peça para a improriedade de 14 anos.

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Tec. de Cens. 368

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0413, p. 225.

DPF
D. C. D. P.
Fls. N.º 212
Rubrica

599/73

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

23 JUNHO 77

17 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES

225

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.226.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL.

MILTON ANDRADE

15 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DIZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

17 AGOSTO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

DEUSDETH BURLAMAQUI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.227

DPF
DCDP
Fls. N.º 213
Rubrica

MJ-DPF-SRA/DSE
11 OUT 1973 057267

Exmº. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
N e s t a

Equipe de Teatro Vanguarda, sediada em Brasília SCS - Edf.Márcia s/loja 21, vem mui respeitosamente requerer a V.ª Sª, que se digne a mandar censurar a peça teatral de Nicolai Gogol "O Inspetor Geral", anexamos 4 cópias do texto e declaração da SBAT.

Nestes termos
p.deferimento

Brasilia, 10 de outubro de 1973

EQUIPE DE TEATRO VANGUARDA
José Ventura Moura
PRESIDENTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.228

DPF DCDP Fls. N.º 214 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 **Nº** 21360

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: "O INSPETOR GERAL" -

Original de Nicolai Gogol -

Música de -x-x- -x-x- -x-x-

Tradução de -x-x- -x-x- -x-x-

No Teatro -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x- Cidade -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

Emprêsa -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x- Pela Cia. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

nos dias PARA SER CENSURADA- -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de -x-x-% -x-x-x-x-x-x-x-x-x-. da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ -x-x-x-x-x-x-x por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília, DF., 10 de outubro de 1973.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-229

230

DPF
DCDP
Fls. Nº 215
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O INSPETOR GERAL

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 16

Praça BRASÍLIA - DF

Obs.:

DF. 11 / 10 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Katia

Técnico de Censura —

Técnico de Censura —

Data para Exame de 15/10/73 a 17/10/73

DF. 15/10/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 9406/73 - Dezesseis (16) Anos, com os cortes assinalados, condicionado, entretanto, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados observada a validade anteriores.

24/10/73

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com o parecer 9406/73 - Dezesseis anos, c/ cortes.

Em 25-10-73

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 25/10/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.430.

Ao Arquivo da DCDP, de ordem!

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.231

231

DPF
DIDP
N.º 216
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 9406/73

Título: O INSPETOR GERAL.

Classificação Etária: 16 anos.

Espécie: Teatro. **Com cortes:** Sim.

Boa Qualidade: - **Livre P/Exportação:** -

Dublado: - **Legendado:** -

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: Condicionadas a ensaio geral.

Época: Século XIX. **Gênero:** Sátira.

Linguagem: Irreverente.

Tema: Social.

Personagem: Gananciosos, corruptos, ingênuos.

Mensagem: Negativa.

Enredo: Um vigarista chega a uma aldeia e resolve passar por inspetor geral. Consegue ludibriar o governador local que era corrupto e ineficiente, fugindo com o criado pouco antes de chegar o verdadeiro inspetor.

1 — **Cortes:** Suprimir as expressões assinaladas às páginas: 8, 9, 10, 21, 37, 46, 50, 52, 54 e 56.

2 — **Conclusão:** Procedi ao confronto dos textos e verifiquei serem os mesmos idênticos, podendo ser mantida a mesma classificação anterior(16 anos) e necessitando que permaneçam os cortes indicados anteriormente.

Brasília, 22 de outubro de 1973.

Ana Katia B. Vieira.

Ana Katia B. Vieira

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 232.

DPF DCDP Fls. N. 2176 Rubrica

tos de saber que o Governador está usando uma espada velha e torta, e são incapazes de mandar uma nova. Sovinas! E aposto que a esta hora cada um deles já está com uma denunciazinha pronta contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva ao hotel. E toma cuidado, hem! Vê se pára de roubar talheres de prata por aí. Não pensa que me engana. O que você fêz com o comerciante Tchernaiev não se faz. Ele lhe deu alguns metros de fazenda para uma farda e você lhe roubou a peça toda, seu desgraçado. Obedeça a hierarquia. Não pense obter vantagens acima de sua patente. Entendido?

MISHKA - Sim senhor!

GOVERNADOR - E Derzhimorda, onde anda?

MISHKA - Foi apagar um incêndio.

GOVERNADOR - E Prokhorov, bêbado de novo?

MISHKA - Completamente.

GOVERNADOR - E você permite isso?

MISHKA - Que posso fazer? Houve uma briga fora da cidade. Prokhorov foi restabelecer a ordem. Voltou de porro.

GOVERNADOR - Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitzin ficar bem no meio da ponte. Ele é bastante alto. Vai causar ótima impressão. Mande derrubar a cerca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressão de que está em obras. Quando há demolições na cidade, é prova de que o Govêrno está trabalhando. E outra coisa. Se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder "Contentíssimos , excelência". Quem não estiver contente vai ter razões de sobra pra ficar menos contente ainda . Ai, pobre de mim, pecador.

Em lugar do chapéu, pega a caixa de papelão.

GOVERNADOR - A caminho, Pedro Ivanovicht.

Põe a caixa na cabeça.

MISHKA - Senhor Governador, isso não é chapeu. É uma caixa.

GOVERNADOR - Caixa? (Merda) Ah, se perguntarem por que não reconstruimos a capela do hospital com a subvenção que recebemos - já faz cinco anos isso! - digam que começamos a construção mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que hem começamos as obras. Vamos, Pietra Ivanovicht (Vai saindo, volta-se) Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

Todos saem.

Entram Ana e Maria.

ANA - Onde é que êles estão? Marido... Antocha... (Falando com rapidez) Você é que é culpada de tudo . "Um alfinete, um lençinho" Não acaba nunca de de arrumar (Vai à janela) Antocha!... Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigotes? Como? , que bigodes?! Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou não : ele é coronel? Como é? (Com raiva) Foi embora, o bandido! Essa ele me

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,0.233.

DPF DCDP Fls. 218 Rubrica

E a culpada de tudo é voce. "Mãezinha. Espera. Mãezinha. Preciso ajeitar o cabelo. Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o chefe dos Correios, tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espelho. Está crente que ele corre atrás de você, não é? Pois basta virar as costas, que ele te faz caretas.

MARIA - Que se há de fazer, mãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA - Duas horas?' Ah, muito obrigada. Só me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor, (Á janela) Eh. Avcotia! Sabe se chegou algúem? Não? Estúpida. Sim, o governador te acenou e daí? Você bem que podia ter perguntado, não é, sua burra! Não tem nada na cabeça, a não ser um ... Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E por que não correu atrás, sua bêsta! Vai atrás deles, idiota. Pergunta que inspetor é essse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos ele tem, se não ou não são pretos. e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra!

HOTEL -

OSSIP - Estira-se na cama) Ai, que fome! Minha barriga parece um brombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para Petersburgo. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão (Imita) "Ossip, procura o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira! Se ainda fosse um alto funcionário, vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase toda a roupa por causa do maldito vicio do jogo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, tEatros e outras bobagens. E só anda de carruagem! Ai , meu Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não dá mais comida pra gente, enquanto não se pagar a conta. Ai, como ronca esta maldita! (ouve barulho fora) Deve ser ele!

COM CORTES

Levanta-se rápido da cama. Entra Klestakov.

KLESTAKOV - Toma. (Dá-lhe chapéu e bengala) Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP - E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi cama na minha vida?

KLESTAKOV - Se espojou, sim. Olha só como está.

OSSIP - E eu preciso de sua cama? Tenho pernar, posso ficar de pé.

KLESTAKOV - Ainda tem fumo?

OSSIP - Fumo!... Fumou o resto que tinha há mais de três dias!...

KLESTAKOV - Merda! (Decidido) Escuta, Ossip. Vai lá.

OSSIP - Lá onde?

KLESTAKOV - (Menos decidido, quase suplicando) Lá embaixo na cozinha. Diz que pu preciso almoçar.

OSSIP - Não vou, nada.

KLESTAKOV - Como se atreve a me responder assim, cretino?

OSSIP - E por que não havia de me atraver? E depois não ia adiantar O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.234.

DPF DCDB Fls. 219 Rubrica

COM CORTES

KLESTAKOV - Como não vai??', Que absurdo é esse?!

OSSIPE - Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador. "Você e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão."

KLESTAKOV - E você acha muito engraçado repetir, isso, sua bêsta?

OSSIP - Acho. Principalmente o que ele disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denúncia pra que o sacana de seu patrão vá logo pra cadeia".

KLESTAKOV - Cala a boca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP - Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com ele.

KLESTAKOV- - Não quero falar com esse idiota. Vai lá e fala você.

OSSIP - Não. Eu digo pra ele vir cá e o senhor fala.

KLESTAKOV- - Vai pro diabo que te carregue! Chama logo aquela bêsta!

OSSIP - (Saindo) É melhor, mesmo!

Ossip sai.

KLESTAKOV - (Sozinho) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquele desgraçado capitão-de-Infantaria me roubou sem piedade no jogo! Como produzia azes o maldito? Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender fiado eles querem, esses reacionários'!.

Entram Ossip e o criado do hotel.

CRIADO - O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KLESTAKOV - Ó meu camaradinha, como é que você está passando?

CRIADO - Graças a Deus, bem.

KLESTAKOV - Que ótimo! E... o hotel, como vai? Tudo certinho?

CRIADO - Tudo em ordem, graças a Deus.

KLESTAKOV - Muitos hospedes?

CRIADO - Bastante.

KLESTAKOV - Graças a Deus! Olha , meu querido sabe que até agora ainda não me trouxeram o almoço? Mas não tem problema, não! Vai ver que se esqueceçam, coitados! Isso é humano. Quer falar pra eles mandarem bem depressa? é Que eu tenho muito que fazer depois do almoço, compreende?

CRIADO - O patrão disse que aqui o senhor não come mais.

KLESTAKOV - (Ri forçado) Mas que absurdo! Ele pensa 'que é o que? Se não como, emagreço. E se continuo emagreçendo, posso até morrer não é mesmo? Agora falando sério: diga a ele que estou com fome, viu?

CRIADO - Ele disse que enquanto o senhor não pagar, nada feito.

KESTAKOV - Mas você que é muito mais inteligente do que ele tem que fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.

CRIADO - De que jeito?

KEESTAKOV- - Diga a ele que fome é uma coisa, dinheiro é outra. Ou ele pensa que todo mundo é camponês como ele, que se acostumou a não comer? Você que é inteligente, tem que por isso na cabeça dele!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-235.

235

DPF DCDP Fls. N.º 220 Rubrica

no. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas.

Ao Governador.

Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, heim! Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR - a Hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria, permaneçamos de pé.

ARTIEMI - E de pé ficaremos!

LUCAS - É mais digno.

KLESTAKOV - Mas me dá muita aglicção ver gente em pé. É tão bo, sentar Por mim, os senhores se sentariam.

GOVERNADOR - Se o senhor ordena. Senhores...

Todos sentarm.

KLESTAKOV - Tenho horror a cerimônias, Prefiro até me esconder. Embora no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que vá, é sempre a mesma coisa, "Olha quem está alí! Ivan Alexandrovicth" Uma vez até me confundiram com o Marechal.. Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou- "Pois é, querido. Confundiram você com o Marechal". Por sinal que o Marechal também éra unha e carne comigo.

ANA - Bárbaro! E as lindas atrizes de teatro?

KLESTAKOV - Conheço todas. Já comi várias, várias vêzes na casa de muitas delas. Bem, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, há lhe passei a perna. Aí ele fala sério. É um tipo gozado, o Pushkin&

ANA - Quer dizer que o senhor escreve também? Escreve pra revistas?

KLESTAKOV - Sim, muito. Foram os livros que já escrevi. "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", os "Tres Mosqueteiros". Tantos que já nem me lebro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escreverm mas eles s insistiam: "Por favor, meu querido, escreva, escreva alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreva". Está bem, está bem, escrevo. E pra que não me amolassem mais, escrevi numa noite só todos esses livros. Ficaram impressionadíssimos, é natural! De fato, minha gilidade mental é incrível! Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas" "Diário de um Louco", "O Inspetor Geral"...

ANA - Então Gogol, é o senhor?

KLESTAKOV - Puxa, mas todo mundo abe disso!...

ANA - Desculpe, é que sou muito distraida. E "Hamlet"?

KLESTAKOV - O que é que tem?

ANA - Por acaso foi o senhor também quem escreveu?

KLESTAKOV - Foi, esse a senhora sabia?

ANA - Agora, ligando uma coisa a outra...

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.236

236 / 37 10

DPF DCDP Fls. N.º 221 Rubrica

KLESTAKOV - Mentira ! ....

ABDULIN - Palavra de honra,Excelência! No aniversário dele então... no dia de Santo Antonio... a gente tem que mandar quase que a loja inteira.E o pior é que no dia de Santo Onofre ele diz que também faz anos!

KLESTAKOV - Mas isso já é um assalto !

ABDULIN - E vá alguém protestar! Manda logo a polícia invadir a casa do sujeito,prender e espancar!Diz que respeita as leis,mas é só da boca pra fora.E depois ameaça de mandar jogar a gente no rio. "Pra limpar a cidade dos indesejáveis".

COM CORTES

KLESTAKOV - Mas que grande safado!Isso é caso de IPM.De confinamento na Sibéria !

ABDULIN - Como o senhor preferir! Contanto que ele desapareça!Por favor,excelência:aceite estas humildes oferendas!

KLESTAKOV - De maneira alguma!Não aceito qualquer espécie de subôrno! Ainda se fôsse empréstimo, vá lá ! ...

ABDULIN - Um empréstimo Escelência ?

KLESTAKOV - Digamos,uns...trezentos rublos!Aí,sim.Um empréstimo ainda poderia aceitar.

ABDULIN - Mas por que só trezentos? Aceite quinhentos,excelência!Contanto que nos ajude a nos livrar desse homem!

KLESTAKOV - Vá lá! Mas a título de empréstimo!Do contrário recusso!

ABDULIN -(entregando o dinheiroa numa salva de prata) Por favor,Excelência,aceite ao mesmo tempo esta bandejinha! É prata de lei !

KLESTAKOV - Ah, bom. Sendo de lei,acato.

ABDULIN - Então aproveite e aceite também estas oferendas.Mas ajudai-nos,excelência.Do contrário só nos resta o exílio.

MULHER - (fora) Deixe-me passar!Vê se vai empurrar a mãe,seu cavalo!

OSSIP - (espiando) Ih, está"assim" de mulher !

MULHER - (fora) Quer tirar a mão daí ?! Quem está pensando que sou, seu atrevido ?!

KLESTAKOV - (espiando) Deixa entrar só essa ! O resto tem que pedir audiência por escrito .

(Voltando) Nunca vi tanta mulher junto !

ABDULIN - È a L.D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.237

DPF DCDP Fls. N.º 222

COM CORTES

GOVERNADOR - Como não tem idéia ? O senhor não é o representante deles agora ? Não é quem fala em nome de todos? Deve estar a par' de tudo.E então,meu santo? Tudo mundo contente? Os canalhas,ladrões, filho de uma égua ? Vieram se queixar de mim,não é ? Pensavam que iam me mandar pra cadeia, não é seus merdas ?

ANA - Que é isso, Antocha,que linguagem réstica ?

GOVERNADOR - Voces sabiam, velhacos de merda,que o Inspetor a quem' vieram se queixar vai se casar com minha filha? Sabiam? Hein?Que me dizem agora ?

ABDULIN - Reconhecemos a nossa culpa,Anton Antonovich.

GOVERNADOR - Reconhecem não é ?Agora!Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte ? A madeira custou menos cem - rublos e eu te deixei apresentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma ninharia !

ABDULIN - Eu devia estar com o demonio no couro.Juro que não reclamo mais, Anton Antonovich !

GOVERNADOR - Ah, agora como estou por cima de voces,voces rastejam aos meus pés. Se estivesse por baixo,empurravam ainda mais a minha cara na latrina e me batiam na bunda com os paus da ponte que não foi construida.Escuta aqui,Abdulin:se eu quizer,te mando pra Sibéria agora mesmo.

ABDULIN -(de joelhos) Piedade! Piedade,Anton Antonovich! Confinamento,não !

GOVERNADOR - Enfim,não sou homem de guardar rancor.Mas de uma coisa não se esqueça:minha filha vai casar com um qualquer não.Vejam' bem que presentes vão mandar. Nada de licoteiros,bibelôs ou porcarias iguais a essas (

ABDULIN - Claro que não! Não tenha receio,Anton Antonovich !

GOVERNADOR - Se é assim,está bem. Pode ir,e que Deus o perdoe.

ABDULIN - Com a permissão de todos...

Sai.

Entra Aimos.

AIMOS - (à porta) Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade ?

Entra Artiemi.

ARTIEMI - Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna,Anton Anto-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-238.

238
DPF DCDP FIS. Nº 223

DOBCHINSKI - E eu,pedras preciosas já lapidadas e tudo.

ARTIEMI - (a parte) E eu,quero que ele se arrebente todo.

GOVERNADOR - Obrigado. Desejo-lhes tudo isso em dobro.

ANA - Estamos pensando em nos mudar para a Capital,Petersburgo.Pra dizer a verdade,aqui se respira um ar tão provinciano!.. Muito desagradável o ar daqui.

MADAME - Ah,horrível! Às vezes chego até a tapar o nariz,durante horas !

ANA - Além disso,temos de ir de qualquer maneira. Não sei se já sabem que o Anton Antonovich foi promovido a Marechal.

GOVERNADOR - Quer dizer,ainda não fui,mas estão insistindo muito,sabem ?

MARIA - Insistindo quem, papai ?

GOVERNADOR - Ora,voce não ouviu seu noivo falar ?

ANA - Não digo que essa menina está ficando completamente surda ?

LUCAS - É! A sorte é pra quem tem I

AIMOS - Um genro assim é uma benção dos céus !

ARTIEMI : (a parte) Marechal! Aqui !

Faz o gesto.

COM CORTES

MADAME - Bem que eu gostaria de ser esposa de um marechal.

LUCAS - Digas com quem andas e te direo quem és.

Entra o Chefe dos Correios.

IVAN - (lívido) Senhor Governador... eu...eu...

MADAME - Igualzinho a mim ! Se fico emocionada,não consigo dizer'um aí! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR - Não precisa dizer nada,meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor (Chefe dos Correeios lhe estende uma carta,mãos trêmulas) Que é isso? Carta para mim ?

IVAN - Não senhor.

GOVERNADOR - Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.239.

DPF DCDP Fls. N.º 2240

IVAN - Com licença (Lendo) " Apresso-me a informá-lo,meu caro Stanislaw,das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem.Perdi todo o meu dinheiro no jogo e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto e às minhas roupas,toda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve: estou hospedado na casa do Governador,levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo, a mulher e a filha dele. Ainda não me decidi,mas acho que vou começar pela mãe,que deve estar há muito tempo " a ver navios". E como sabe,"galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquele tempo de miséria em que tínhamos de dividir o almoço ?! Agora tudo mudou. Me emprestarm o dinheiro que quero. Nunca vi gente tão boboca.É de se morrer de rir(Voce podia aproveitar essa história em seus artigos de jornais. O governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento,mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres !

GOVERNADOR - É mentira! Isso não está aí !

IVAN - Pois leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR - Deixe ver "Éestúpido como um jumento" ... É impossível Foi o senhor mesmo quem escreveu isto.

IVAN - Eu como? Não vê pela letra ?

ARTIEMI - Continua.

AIMOS - Leia o resto.

IVAN -(Estou lendo) "Estou louco para lhe botar um bom par de chifres".

GOVERNADOR - Precisa repetir ?Ninguém é surdo. Adiante,adiante.

IVAN - (lendo) "pra lhe botar um bom par de chifres" .

GOVERNADOR - Ai, mau cacete !

IVAN - (lendo) Hum .... "O Chefe dos Correios... é um homem mais que excelente".

GOVERNADOR - (fazendo o mesmo gesto redondo) Aqui Oh,que me diz isso! leia direito que eu vou conferindo.

COM CORTES

IVAN - Mas há senhoras presentes !

GOVERNADOR - Não interessa, Já começou, continue.

ARTIEMI - Permita que eu leia.(lendo) "O Chefe dos Correios é um fresco. Aliás acho que esse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível !"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.240.

240
DPF
DCDP
Fls. N.º 225
Rubrica

ANA - Voce pediu alguma vez a ele ?

MARIA - Eu não mãezinha! Deus me livre !

AIMOS - (à parte) Felizmente nada a meu respeito !

ANA - (lendo) - O Juíz ..."

AIMOS - (à parte) Pronto! (alto) Meus senhores, acho que agora basta ! Onde já se viu ficar lendo tanto porcaria?Vamos rasgar essa - bosta !

COM CORTES

LUCAS - Rasgar uma ova !

IVAN - Aqui oh! (gesto redondo) Continua.

ANA - (lendo) " O Juíz Tiapkin é um mauvois ton ..." (interrompe)Acho que é uma expressão francesa.

AIMOS - Só Deus sabe o que quer dizer. Ainda bem que parte de um sujeito desses,sem o menor escrúpulos,sem o menor respeito. Jhumano !

ANA - (lendo)- " De resto o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus,meu caro Stanislaw. Acho que vou seguir teu exemplo.Vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que,em tal e tal lugar,existem uns pobres diabos,cujos governadores eles já deviam ter jogado na latrina. Como vêes,estou mudando,já não tenho medo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando? O melhor é parar por aqui. Escreva-me para a aldeia de Podkalitovka.Província de Staratov."

Silêncio total. Está todo mundo arrasado. Madame põe a carta no envelope e devolve ao chefe dos Correios.
Por algum tempo fica todo mundo imóvel.Ninguém ousa encarar o outro.

ANA - (arrasada) "Galinha velha". Puxa! Essa carta foi uma facada no meu coração !

MARIA - (patética) - Não ligue para isso mãezinha !

O governador de repente explode,esmurra a mesa.

GOVERNADOR - Maldito! Tragam esse cão de volta !

IVAN - Trazer de volta pra que, Anton Antonovich ? O que está feito' está feito.

GOVERNADOR - Quero meu tapete persa que aquele desgraçado roubou. (patético) Ah, que tapete que nada ! O que é um tapete comparado a todo o mal que esse bandido me fez? Ele me assassinou,me assassinou ! Apunhalou-me pelas costas. E logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 241

DPF
DCDP
Fls. N.º 246
Rubrica

ARTIEMI - Que o diabo os carregue com o Inspetor e com todas as su- as mentiras.

GOVERNADOR - Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo o mundo. Urubus malditos !

AIMOS - Tagarelas imundos !

LUCAS - Intrigantes duma figa !

ARTIEMI - Boateiros de merda !

IVAN - Mulherzinhas tricoteiras !

Todos os cercam.

BOBCHINSKI - Juro que não fui eu ! Foi Pietro Ivanovicht.

DOBCHINSKI - Não é verdade. Pietro Ivanovicht, foi o senhor primeiro.

DOBCHINSKI - Mentira, Pietro Ivanovicht. O primeiro foi o senhor !

Entra Mishka.

MISHKA - Senhores, o funcionário que acaba de chegar de São Peters burgo, em missão especial, ordena que o procurem imediata - mente. Ele está no hotel.

.....

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413/p.242. 2 1/2

0361

57267/73

DPF
DCDP
Fls. N.º 227
Rubrica

Recebi em 30/10/73

COM CORTES

599/73

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

23 JUNHO 77

25 OUTUBRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESEIS ANOS

16

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 243.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

COM CORTES

EQUIPE DE TEATRO VANGUARDA BRASÍLIA DF.

22 OUTUBRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP. CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 8,9,10,21,37,46,50,52,54 e 56.

REQUERENTE: JOSÉ VENTURA MOURA.

25 OUTUBRO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI Jsv.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 244.

MJ-DPF-SRA/BSB
19 JUN 1308 74 037308
RECEBIDO POR

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 22
Rubrica

Brasília, DF., 19 de junho de 1974

Of. N.º 494/74-Dv.Pr./FCDF

A SCTC para que-
xor do processo da
peça e proceder do
ensaio geral requerido.
Em: 19-6-74.
Wilson

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Senhor Chefe:

Servimo-nos do presente para solicitar a Vossa Senhoria seja determinado a realização do ensaio geral da peça teatral de NICOLAU GOGOL, "O INSPETOR GERAL", no Auditório da Aliança Francesa.

Outrossim, solicitamos ver a possibilidade do referido ensaio ser realizado no dia 20 do corrente às 10:00 horas.

Ao ensejo, reiteramos a Vossa Senhoria os protestos de estima e consideração.

RENATO RAMOS
Chefe da Divisão de Promoções

Designo os Srs técnicos de censura Braz e Seda para procederem ao ensaio geral, na forma do pedido, apresentando relatório.
1967

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

Ilmo. Sr.
Dr. WILSON DE QUEIROZ GARCIA
MD. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ed. BNDE - 3º andar
N E S T A.
fc.

Mod. 01 - F.C.D.F. - 50 Bls. - 07/73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.24

Senhor Chefe:

Deixamos de efetuar o exame do ensaio geral da peça O Inspetor Geral de autoria do sr. Nicolai Gogol, por falta de condições técnicas da companhia.

Brasília, 20 de junho de 1.974

FRANCISC[illegible]

CARLOS A. [illegible] DE SOUZA

A vista da informação supra, submeto o presente à consideração do Sr. Dr.

21/6/74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S /DCDP

Encaminhe-se ao arquivo, para ficar aguardando novo pedido do interessado.

Bsb, 21-6-74.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.246.

MJ-DPF-SRA/BSB
-5 NOV 16 18 74 068023
RECEBIDO POR

245

DPF
DCDP
Fls. N.º 229
Rubrica

Ilmº. Sr.
Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

ASSOCIAÇÃO TEATRAL DE ALAGOAS, entidade com sua sede na Rua Clodoaldo da Fonseca, número 108, em Maceió, capital do Estado de Alagoas, por seu representante em Brasília-DF., abaixo assinado, vem requerer se digne Vossa Senhoria autorizar seja feita a censura da peça "INSPETOR GERAL", de Nicolai Gogol, a fim de ser a mesma exibida naquele Estado, para o que faz anexar a autorização da SBAT, de número 1905 - série 4/74-GB, de 4-11-74.

Termos em que pede deferimento.

Brasília-DF., 05 de novembro de 1 974.

OSÉAS CARDOSO PAES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 247.

2116

DPF
DCDP
Fls. N.º 230
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 4/74-GB Nº 1905

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O INSPETOR GERAL"

Original de Nicolai Gogol

Música de -x-x- -x-x-x- -x-x-x-x-x

Tradução de -x-x-x-x- -x-x-x- -x-x-x-x-x

No Teatro PARA SER CENSURADA Cidade Brasília-DF.

Emprêsa -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x- Pela Cia. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

nos dias PARA SER CENSURADA-x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*x*

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de -x-x % -x-x-x-x-x-x-x-x-x- da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ -x-x-x-x-x-x-x por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília, DF., 04 de Novembro de 1974

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

100 Blocos 50x50 - 0001 a 5.000 - 5/74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 248.

247

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 231
Rubrica

TÍTULO O Inspetor Geral

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 16

Praça Brasília - D. Federal

Obs.:

DF. 06 / 11 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 21919/74.

Omita-se os certificados, 16 anos, com cortes, condicionado, todavia, ao exame do ensaio Geral.

À consideração do Senhor Chefe do S. C.

Em 18/11/74

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor 16 anos, com cortes.

Em 19/11/74

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se
Em 20/XI/74

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 249.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 232
Rubrica

PARECER Nº 21.999 / 74

TÍTULO: "O INSPETOR GERAL"- AUTOR: NICOLAI GOGOL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: -16(DEZESSEIS)ANOS C/CORTES

Texto inteligente, de boa categoria, desenvolvido em forma de comédia, que satiriza com agudeza e propriedade dirigentes corruptos de uma província russa do século XIX, através de um forasteiro que pelas circunstâncias é identificado como um severo Inspetor Geral.

Enfim, obedecidos os devidos cortes, assinalados / às págs. 9, 10, 11, 13, 24, 33, 41, 46, 50, 52, 53 e 55, por serem atentatórios à moral, opino para que seja mantido o mesmo critério dos exames anteriores, ou seja, IMPROPRIEDADE DE 16(DEZESSEIS)ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO-GERAL.

BRASÍLIA, 14 DE NOVEMBRO DE 1974.

GILBERTO PEREIRA CAMPOS
-Téc.Cens.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.250

DPF DCDP Fls. N.º 233

GOVERNADOR - Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitzin ficar bem no meio da ponte. Êle é bastante alto. Vai causar ótima impressão. Mande derrubar a cêrca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressão de que está em obras. Quando há demolições na cidade, é prova de que o Govêrno está trabalhando. E outra coisa. Se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder: "Contentíssimos, Excelência". Quem não estiver contente vai ter razões de sobra pra ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador.

Em lugar do chapéu, pega a caixa de papelão.

GOVERNADOR - À caminho, Pedro Ivanovicht.

COM CORTES

Põe a caixa na cabeça.

MISHKA - Senhor Governador, isso não é chapéu. É uma caixa.

GOVERNADOR - Caixa? Merda! Ah, se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subvenção que recebemos - já faz cinco anos isso! - digam que começamos a construção mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos, Pietra Ivanovicht. (Vai saindo, volta-se). Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

Todos saem.

Entram Ana e Maria.

ANA - Onde é que êles estão? Marido... Antocha... (Falando com rapidez). Você é que é a culpada de tudo. "Um alfinete, um lencinho". Não acaba nunca de se arrumar. (Vai à janela). Antocha!... Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigodes? Como, que bigodes?! Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou não; êle é coronel? Como é? (Com raiva). Foi embora, o bandido! Essa êle me paga! E a culpada de tudo é você. "Mãezinha. Espera, mãezinha. Preciso ajeitar o cabelo". Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o chefe dos Correios tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espelho. Está crente que êle corre atrás de você, não é? Pois basta virar as costas, que êle te faz caretas.

MARIA - Que se há de fazer, mãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA - Duas horas?! Ah, muito obrigada. Só me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor. (À janela). Eh, Avdotia! Sabe se chegou alguém? Não? Estúpida. Sim, o governador

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 251

250

DPF DCDP Fls. N.º 234 Rubrica

te acenou, e daí? Você bem que podia ter perguntado, não é, sua burra? Não tem nada na cabeça, a não ser um... Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E por que não correu atrás, sua bêsta? Vai atrás dêles, idiota. Pergunta que inspetor é êsse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos êle tem, se são ou não são pretos, e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra!

H O T E L

COM CORTES

OSSIP - (Estira-se na cama.) Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para Petersburgo. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão. (Imita). "Ossip, procura o melhor hotal. Veja se a cozinha é de primeira! Se ainda fôsse um alto funcionário, vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase tôda a roupa por causa do maldito vício de jôgo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem! Ai, meu Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não dá mais comida pra gente, enquanto não se pagar a conta. Ai, como ronca esta maldita! (Ouve barulho fora). Deve ser êle!

Levanta-se rápido da cama. Entra Klestakov.

KLESTAKOV - Toma. (Dá-lhe chapéu e bengala.) Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP - E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na vida?

KLESTAKOV - Se espojou, sim. Olha só como está.

OSSIP - E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé.

KLESTAKOV - Ainda tem fumo?

OSSIP - Fumo!... Fumou o resto que tinha há mais de três dias!...

KLESTAKOV - Merda! (Decidido). Escuta, Ossip. Vai lá.

COM CORTES

OSSIP - Lá onde?

KLESTAKOV - (Menos decidido, quase suplicando.) Lá embaixo na cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

OSSIP - Não vou, nada.

KLESTAKOV - Como se atreve a me responder assim, cretino?

OSSIP - E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KLESTAKOV - Como não vai?! Que absurdo é êsse?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.252.

DPF DCDP Fls. N.º 235 Rubrica

OSSIP - Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador. Você e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão!"

KLESTAKOV - E você acha muito engraçado repetir isso, sua bêsta?

OSSIP - Acho. Principalmente o que êle disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denúncia, pra que o sacana de seu patrão vá logo pra cadeia".

KLESTAKOV - Cala a bôca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP - Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com êle.

KLESTAKOV - Não quero falar com êsse idiota. Vai lá e fala você.

OSSIP - Não. Eu digo pra êle vir cá e o senhor fala.

KLESTAKOV - Vai pro diabo que te carregue! Chama logo aquela bêsta!

OSSIP - (Saindo.) É melhor, mesmo!

Ossip sai.

KLESTAKOV - (Sòzinho.) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquêle desgraçado capitão-de-Infantaria me roubou sem piedade no jôgo! Como produzia azes o maldito! Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender fiado êles querem, êsses reacionários!

Entram Ossip e o criado do hotel.

CRIADO - O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KLESTAKOV - Ó, meu camaradinha, como é que você está passando?

CRIADO - Graças a Deus, bem.

KLESTAKOV - Que ótimo! E... e o hotel, como vai? Tudo certinho?

CRIADO - Tudo em ordem, graças a Deus.

KLESTAKOV - Muitos hóspedes?

CRIADO - Bastante.

KLESTAKOV - Graças a Deus! Olha, meu querido, sabe que até agora ainda não me trouxeram o almôço? Mas não tem problema, não! Vai ver que se esqueceram, coitados! Isso é humano. Quer falar pra êles mandarem bem depressa? É que tenho muito o que fazer depois do almôço, compreende?

CRIADO - O patrão disse que aqui o senhor não come mais.

KLESTAKOV - (Ri forçado.) Mas que absurdo! Êle pensa que é o que? Se não como, emagreço. E se continuo emagrecendo, posso até morrer, não é mesmo? Agora falando sério: diga a êle que estou com fome, viu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.253.

DPF DCDP Fls. N.º 236 Rubrica

252

CRIADO - Meu patrão disse que isso é só pra pessoas decentes.

KLESTAKOV - Atrevido!

CRIADO - Sim, senhor.

KLESTAKOV - Cavalgadura !

CRIADO - Pois não.

KLESTAKOV - Diabético.

CRIADO - Eh, xingamento, não!

KLESTAKOV - Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO - Não, senhor!

KLESTAKOV - Ah, não! Que têm êles a mais do que eu?

CRIADO - Dinheiro.

KLESTAKOV - Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como você. (Comendo). Que sopa é essa? Não tem gôsto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa. Me traz outra.

CRIADO - O patrão disse bem claro: "Se êle quiser é essa. Se não, traz de volta e que vá pro diabo".

Faz pra levar de volta.

KLESTAKOV - (Defendendo a sopa.) Que é isso?! Já que está aqui deixa ficar. E não fale mais nesse tom comigo, ouviu? Eu sou uma pessoa especial! (Come). Deus do céu, que porcaria! (Continua comendo). Olha só! Em vez de boiar gordura, bóia pena de galinha! Escuta: esta penosa morreu do que, hem? Me dá a carne . Vai tomando o que sobrou, Ossip. (Corta a carne). Que coisa é esta?

COM CORTES

CRIADO - Carne.

KLESTAKOV - Carne é o cacête. É um paralelipípedo! Cambada de safados! Isso é coisa que se dê a gente honesta! Não se pode nem morder que dói o queixo. (Palita os dentes com os dedos). Bandidos! Parece que comi madeira! Não sai dos dentes olha aí! Não tem mais nada?

CRIADO - Nada.

KLESTAKOV - Bando de larápios! Só sabem arrancar a pele dos hóspedes. Fora daqui. (Saem criado e Ossip levando as coisas. Sòzinho) . Tenho impressão que não comi nada! Só serviu pra abrir ainda mais o apetite!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.254

DPF DCDP Fls. N.º 237 Rubrica

sou um simples escriturário, não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da Seção é meu amigo e, sendo assim, raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é, só para dar algumas ordens. "Faça isso, faça aquilo". Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear asessor do ministro, imagina! É "Excelência pra cá", "Excelência pra lá", um inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas.

Ao Governador.

Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR - A hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria, permaneçamos de pé.

ARTIEMI - E de pé ficaremos!

LUCAS - É mais digno.

KLESTAKOV - Mas me dá muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim, os senhores se sentariam.

GOVERNADOR - Se o senhor ordena. Senhores...

Todos se sentam.

KLESTAKOV - Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora, no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que vá, é sempre a mesma coisa. "Olha quem está ali! Ivan Alexandrovitch!" Uma vez até me confundiram o Marechal... Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou. "Pois é, querido. Confundiram voce com o Marechal", Por sinal que o Marechal também era unha e carne comigo.

ANA - Bárbaro! E as lindas atrizes de teatro?

KLESTAKOV - Conheço tôdas. Já comi várias, várias vêzes em casa, de muitas delas. Bem, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, êle fala a sério. É um tipo gozado, o Pushkin!

BOM CORTES

ANA - Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

KLESTAKOV - Sim, muito. Fora os livros que já escreví. "O Corcunda de Notre Dame", "Bôdas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas êles insistiam: "Por favor, meu querido, escreva, escreva alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreva". Está bem, está bem, eu escre-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413 p.255.

DPF DCDP Fls. N.º 238 Rubrica

254

KLESTAKOV - Aceite. É muito bom êsse charuto. Claro que não se compara aos de São Petersburgo! Mas aquêles custam uma fortuna!

LUCAS - Pois não.

Tenta acender mas está tremendo.

KLESTAKOV - É do outro lado.

LUCAS - Desculpe.

KLESTAKOV - Pelo que vejo não costuma fumar charutos. Já eu, gosto muito! Outro fraco que eu tenho são as mulheres. Loura o morena , tanto faz! Adoro mulher! E o senhor? (Lucas fica perplexo com a pergunta, mudo de espanto) Prefere loura ou morena?

LUCAS - Não ouso ter preferências!

KLESTAKOV - Ah, o senhor é muito esperto, hein? Tem mêdo que lhe descubram as fraquezas, não é?!

LUCAS - (Gago de mêdo) Fraqueza, eu?!

KLESTAKOV - Vamos, confesse de uma vez!

LUCAS - Não tenho nada a confessar, juro!

KLESTAKOV - Pensa que sou bôbo, é? Olha só, como ficou vermelho! E então? Por que não responde?

LUCAS - Acho que destronquei a língua.

KLESTAKOV - Bem, não quer confessar, não confesse! Mas uma coisa tenho certeza que não vai negar!

LUCAS - Pois não, Excelência... V. Reverendíssima... Majestade... (à parte) Merda! A língua me traiu! (Alto) Tenha a bondade de ordenar.

COM CORTES

KLESTAKOV - Pode me emprestar trezentos rublos?

LUCAS - Com muita honra. Pode ficar com a carteira também.

KLESTAKOV - Já que insiste...

LUCAS - Não ouso importunar-lhe mais com minha presença. Se me permite...

KLESTAKOV - À vontade...

LUCAS - (À parte) Graças a Deus. Espero que não visite a escola!

Sai.

KLESTAKOV - A coisa não vai mal!

Entra Artiemi e perfila-se.

ARTIEMI - Tenho a honra de apresentar-me: Artiemi Filipovitch Zemlianika, diretor do Hospital.

KLESTAKOV - Eu sei! Já fomos apresentados, não se lembra?

ARTIEMI - Perfeitamente. Tive a honra de recebê-lo para o almôço!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 043, p. 256 -

DPF
DCDP
Fls. N. 239
Rubrica

255

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV - É o tempo do amor! Da canícula na primavera.

MARIA - (Levantando-se) Oh, que ave será aquela que passou voando? Será uma pomba ou um colibrí?

KLESTAKOV - Um modesto urubu! (toca-lhe o braço com a mão).

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV - Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante! (beija-lhe o ombro).

MARIA - (Ofendida) Oh! Mas que significa isso?! Que atrevimento é êsse, agora?

KLESTAKOV - Puxa, será que não se pode nem brincar com a senhorita?

MARIA - Isso não é brincadeira! É uma audácia!

KLESTAKOV - Juro que não! E como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos!
(Ajoelha) Olhe, só. Perdão, perdão, perdão.

Entra Ana.

ANA - Oh! Que quadro!

KLESTAKOV - (À parte, levantando-se) Ai, cacête!

COM CORTES

ANA - Que significa, isso, menina? Que procedimento é êsse?!

MARIA - Mãezinha, eu...

ANA - O que?! Ainda ousa me responder?! Saia daqui, imediatamente!

MARIA - Está bem, mãezinha! Obedeço!

Maria Sai.

KLESTAKOV - (À parte) Essa também dá pra quebrar um galho! (ajoelha-se bruscamente) Minha senhora, veja! Estou ardendo de paixão!

ANA - Oh, o senhor de joelhos?! Por favor, levante-se! O chão aqui é muito úmido!

KLESTAKOV - Não! Quero ficar a seus pés! Nem que fôr pra morrer de reumatismo! Quero conhecer meu destino! Está em suas mãos, decida! A vida ou a morte?

ANA - Desculpe... mas eu sou um pouco burrinha...

KLESTAKOV - Não tem importância! É a seus pés que estou, não aos pés de Carlos Magno.

ANA - É que não estou percebendo exatamente o significado de suas palavras! Se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso?

KLESTAKOV - Não, senhora! Estou declarando meu amor pela senhora mesma.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.257.

- 46 -
DPF
DCDP
Fls. N.º 240
Rubrica

MARIA - (Sentando-se) Oh, nada, não senhora!

ANA - Às vêzes chego a pensar que essa menina é bôba!

GOVERNADOR - Você acha mesmo Ana Andreievna, que com a influência do nosso genro posso chegar logo a General?

ANA - Claro que pode.

GOVERNADOR - Deve ser ótimo ser General.

ANA - Vamos ter de mudar completamente de amigos e de hábitos. Você vai ter de deixar de dizer palavrão. Nossas amizades agora vão ser com duques, condes e tôda espécie de pessoas finas.

Entra o negociante Abdulin.

GOVERNADOR - Ora, viva, meu bom amigo! Saúde!

ABDULIN - O mesmo desejo ao senhor e a todos os seus!

GOVERNADOR - E então, meu querido; Como vão os negócios?

ABDULIN - Assim, assim...

GOVERNADOR - E dos outros comerciantes? Assim, assim também?

ABDULIN - Não tenho idéia.

GOVERNADOR - Como não tem idéia? O senhor não é o representante dêles agora? Não é quem fala em nome de todos? Deve estar a par de tudo. E então, meu santo? Todo mundo contente? Os canalhas, ladrões, filhos de uma égua? Vieram se queixar de mim, não é? Pensavam que iam me mandar pra cadeia, não é seus merdas?

COM CORTES

Corte

ANA - Que é isso, Antocha, que linguagem rústica!

GOVERNADOR - Vocês sabiam, velhacos de merda, que o Inspetor a quem vieram se queixar vai se casar com minha filha? Sabiam? Hein? Que me dizem agora?

ABDULIN - Reconhecemos a nossa culpa, Anton Antonovitch.

GOVERNADOR - Reconhecem não é? Agora! Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte? A madeira custou menos de cem rublos e eu te deixei apresentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma ninharia!

ABDULIN - Eu devia estar com o demônio no couro. Juro que não esclamo mais, Anton Antonovitch!

COM CORTES

GOVERNADOR - Ah, agora como estou por cima vocês rastejam aos meus pés. Se estivesse por baixo, empurravam ainda mais a minha cara na latrina e me batiam na bunda com os paus da ponte que não foi construída. Escuta aqui, Abdulin: se eu quiser, te mando pra Sibéria agora mesmo.

Corte

ABDULIN - (De joelhos) Piedade, Anton Antonovitch! Confinamento, não!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-258.

dizem "saúde" outra vez) Amém!... Mas eu disse que absolutamente, que êle tinha de ir de qualquer jeito.

DPF DCDP Fls. N. 241 Rubrica

257

Mesma cena de espirros.

AIMOS - Desejo-lhe tôda a saúde do mundo, Excelência.

BORCHINSKI - E eu, um rio de moedas de ouro.

DORCHINSKI - E eu, pedras preciosas já lapidadas e tudo.

ARTIEMI - (À parte) E eu, quero que êle se arrebente todo.

GOVERNADOR - Obrigado. Desejo-lhe tudo isso em dôbro.

ANA - Estamos pensando em nos mudar para a Capital, Petersburgo. Pra dizer a verdade, aqui se respira um ar tão provinciano!... Muito desagradável o ar daqui.

MADAME - Ah, horrível! Às vêzes chego até a tapar o nariz, durante horas e horas!

ANA - Além disso, temos de ir de qualquer maneira. Não sei se já sabem que o Anton Antonovitch foi promovido a Marechal.

GOVERNADOR - Quer dizer, ainda não fui, mas estão insistindo muito, sabem?

MARIA - Insistindo quem, papai?

GOVERNADOR - Ora, você não ouviu seu noivo falar?

ANA - Não digo que essa menina está ficando completamente surda?

LUCAS - É! A sorte é pra quem tem!

AIMOS - Um genro assim é uma bênção dos céus!

ARTIEMI - (À parte) Marechal! Aqui!

Faz o gesto.

COM CORTES

MADAME - Bem que eu gostaria de ser espôsa de um marechal.

LUCAS - Digas com quem andas e te direi quem és.

Entra o chefe dos Correios.

IVAN - (Lívido) Senhor Governador... eu... eu...

MADAME - Igualzinho a mim! Se fico emocionada, não consigo dizer um ai! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR - Não precisa dizer nada, meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor. (Chefe dos Correios lhe estende uma carta, mãos trêmulas) Que é isso? Carta pra mim?

IVAN - Não senhor.

GOVERNADOR - Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 259.

DPF DCDP Fls. N.º 242 Rubrica

mas acho que vou começar pela mãe, que deve estar há muito tempo a"ver navios". E como se sabe, "galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquêle tempo de miséria em que tínhamos de dividir o almôço?! Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero. Nunca vi gente tão boboca. É de se morrer de rir! Você podia aproveitar essa história em seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!

GOVERNADOR - É mentira! Isso não está aí!

IVAN - Pois leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR - Deixe ver "É estúpido como um jumento..." É impossível! Foi o senhor mesmo quem escreveu isto.

IVAN - Eu como? Não vê pela letra?

ARTIEMI - Continua.

AIMOS - Leia o resto.

IVAN - (Lendo) "Estou louco para lhe botar um bom par de chifres".

GOVERNADOR - Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante, adiante.

IVAN - (Lendo) "pra lhe botar um bom par de chifres".

GOVERNADOR - Ai meu cacête! COM CORTES corte

IVAN - (Lendo) Hum... "O Chefe dos Correios... é um homem mais do que excelente".

GOVERNADOR - (Fazendo o mesmo gesto redondo) Aqui! Oh, que diz isso! Leia direito que eu vou conferindo.

COM CORTES corte

IVAN - Mas há senhoras presentes!

GOVERNADOR - Não interessa. Já começou, continue.

ARTIEMI - Permita que eu leia. (Lendo) "O Chefe dos Correios é um fresco. Aliás acho que êsse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal . Tem um bafo incrível".

IVAN - Isso é mentira!

GOVERNADOR - É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Continue.

ARTIEMI - (Lendo) "O diretor do hospt... (Gagueja) pi... pi..."

GOVERNADOR - Que aconteceu? Quer ir ao banheiro?

ARTIEMI - A letra não está muito clara.

AIMOS - Minha vista é melhor. Eu leio.
Toma a carta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.260.

259

DPF
DCDP
Fls. N.º 243
Rubrica

ARTIEMI - (Lutando pela carta) Não essa parte se pode pular. Adiante a letra fica mais legível

AIMOS - Dá licença. Minha vista é ótima.

ARTIEMI - Não, senhor, eu também sei ler. Depois dêsse trecho não há mais problema.

IVAN - De forma alguma! A não ser que leia tudo. Do contrário devolva a carta.

TODOS - É isso mesmo!

GOVERNADOR - Leia tudo ou devolva.

ARTIEMI - Pronto. (Entrega a carta). Com licença... (Cobre uma passagem) Leia daqui pra baixo.

Todos se aproximam.

IVAN - Absolutamente. Leia tudo.

AIMOS - (Lendo) "O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O hospital dêle fede tanto que o doente, mal chega, morre envenenado. Precisava ver como êle se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitava tanto! As unhas, parecem luto, de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo".

ARTIEMI - (Escondendo as mãos) Falta de espírito! Onde já se viu porco enfeitado?

BOBCHINSKI - Porco de banquete êles enfeitam!

AIMOS - (Lendo) "O diretor da escola então, nem te conto. Dá impressão que estão descacando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outro fedido! E o que é pior, está corrompendo a juventude daqui. A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família" convida-os para a sua casa de solteiro.

GOVERNADOR - Eu hein?!

LUCAS - Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANA - Você pediu alguma vez a êle?

MARIA - Eu não mãezinha! Deus me livre.

AIMOS - (À parte) Felizmente não tem nada a meu respeito.

ANA - (Lendo) "O Juiz..."

AIMOS - (À parte) Pronto! (Alto) Meus senhores, acho que agora basta! Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar essa bosta!

LUCAS - Rasgar uma ova!

IVAN - Aqui oh! (Gesto redondo) Continua.

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 261

260

DPF DCDP Fls. N.º 244 Rubrica

GOVERNADOR - (Dando uma banana) Aqui, pro compromisso dêle. Êle me desgraçou, isso sim! A esta hora, deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo, batendo palma, caçoando de mim. Liberais malditos! Não vão poupar meu cargo, o sacrifício de minha vida inteira! Minha vontade era acabar com essa cambada tôda! (Batendo nos peitos e com os pés no chão) Assim, assim, assim! (Pausa) Agora pergunto ? Que havia naquele desgraçado que se assemelhasse a um Inspetor? Nada, absolutamente nada! E de repente, começou todo mundo a exclamar: "O Inspetor! O Inspetor! O Inspetor". Quem foi o primeiro miserável a espalhar êsse boato? Quero saber quem foi?

ARTIEMI - Não sei como isso aconteceu. É como se o demônio nos tivesse cegado a todos!

AIMOS - Eu sei quem espalhou a notícia. Foram êsses dois palhaços.

Aponta Bobchinski e Dobchinski.

DOBCHINSKI - Eu não! Que Deus me castigue!

BOBCHINSKI - Nem eu! Por essa luz que me ilumina!

ARTIEMI - Foram êles sim.

LUCAS - É isso mesmo. Saíram do hotel gritando feito loucos: O Inspetor chegou! O Inspetor chegou!"

GOVERNADOR - É verdade. Foram êsses malditos boateiros! Essas malditas comadres!

ARTIEMI - Que o diabo os carregue com o Inspetor e com tôdas as suas mentiras.

GOVERNADOR - Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo o mundo Urubus malditos!

AIMOS - Tagarelas imundos!

LUCAS - Intrigantes duma figa!

ARTIEMI - Boateiros de merda! COM CORTES

IVAN - Mulherzinhas tricoteiras!

Todos os cercam.

BOBCHINSKI - Juro que não fui eu! Foi Pietro Ivanovitch.

DOBCHINSKI - Não é verdade. Pietro Ivanovitch, foi o senhor primeiro.

DOBCHINSKI - Mentira, Pietro Ivanovitch. O primeiro foi o senhor!

Entra Mishka.

MISHKA - Senhores, o funcionário que acaba de chegar de São Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Êle está no hotel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p262

261

RECEBI OS DOCUMENTOS REFERENTES AO PROTOCOLO SRA/BSB N.º
EM, 22 DE 11 DE 1974

DPF
DCDP
Fls. N.º 245
Rubrica

COM CORTES
599/74

0680231/74

: O INSPETOR GERAL

: NICOLAI GOGOL

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

19 NOVEMBRO 79

19 NOVEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.263.

: O INSPETOR GERAL

: NICOLAI GOGOL

COM CORTES

: ASSOCIAÇÃO TEATRAL DE ALAGOAS - AL -
OSÉAS C. PAES

14 NOVEMBRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO ÀS PÁGINAS: 09-10-11-13-24-33-41-46-50-52-53-55- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::

19 NOVEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p264.

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 262

DPF DCDP Fls. Nº 246 Rubrica

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SR/PR

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 588/DCDP de 03 - 12 - 74 ---- INFO PEÇA TEATRAL "INSPETOR GERAL" ESTAH LIBERADA IMPROP 16 ANOS ET GRUPO AMADOR ASDRUBAL DEVERAH APRESENTALA NESSA CIDADE PT DIR DCDP

DPF-SAv. 84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.265.

DPF
DCDP
Fls. N.º 247
Rubrica

MJ - DPF - SRA / BSB
9 DEZ 16 16 M 075647
RECEBIDO POR: 264

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of.nº872/74-SCDP/SR/GB **Em** , 4.12.74

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr.Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto :encaminhamento (faz)

FICHADO
S. A. DCDP

Ao arquivo
verificar e proceder
em 10/XII/74

Senhor Diretor:

Tendo em vista as instruções contidas no ofício nº1.119/74-DCDP, este SCDP examinou o texto da peça "O INSPETOR GERAL", de Nicolai Gogol, para qual foi estabelecida a / faixa etaria de imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, conforme relatório em anexo.

2. Junto seguem 1 (uma) via do "script", requerimento do interessado e guia da SBAT, deixando de encaminhar as/ 3 (tres) vias do referido texto, objeto de solicitação constante do RD.circular nº153/74-DCDP, de 26.11.74, visto a orientação de que trata o ofício acima citado.

Renovo a V.Sª. os protestos de minha consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ CARCIA
Chefe do SCDP/SR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.266.

DPF
DCDP
Fls. N.º 248
Rubrica

MJ-DPF SR/GB
16 AGO 1653 74 30713

ILMO.SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL DO DPF.

BRASILIA - DF.

SRA/FICHADO
265

Saudaçoẽs.

O abaixo assinado, responsavel pelo grupo de amadores " ASDRUBAL", tem a honra de encaminhar a V.S. para fins de CENSURA 3 copias da peça O INSPETOR GERAL, de Nicolai Golgol, tradução de Zygmundo Turkow e Isaac Paschoal, para apresentação do referido grupo, no Teatro da Aliança Francesa, na 1ª quinzena de Setembro de 1974.

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1974

Atenciosamente

Luiz Arthur Peixoto

LUIZ ARTHUR PEIXOTO
AV.NS DE COPACABANA 1376/702
TEL. 2474667

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p267.

DPF
DCDP
Fls. N.º 249
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

266

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 19 74

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D.F.

A SCC para usador examinar, uma vez que se trata de grupo amador.
05/9/74
Wilson Dmi
Chefe do SCDP.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (~~TRES~~) cópias da peça:

~~O INSPETOR GERAL~~

DE: Nicolai Gogol _ Trad. de Zygmundo Turkow e Isaac Pachoal

próxima apresentação da Grupo de Amadores ASDRUBAL

no Teatro da Aliança Francesa

com estréia marcada para o dia 1ª Quinzena de Setembro de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO DE JANEIRO

Dialma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-268.

DPF
DCDP
Fls. N.º 260
Rubrica

SERVIÇO PUBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR-DPF-GB

267

ASSUNTO:- ENSAIO GERAL
PEÇA - O INSPETOR GERAL
LOCAL: TEATRO ALIANÇA FRANCESA
DIA 05/09/974 - 19 HORAS

Ao(s) Técnico(s) de Censura Ernani Ferreira .....
.....para proceder(m) ao exame censório, de acôrdo com a legislação / em vigôr, exarando parecer(s) com enquadramento legal e justificando, de maneira clara, a imposição da faixa etária / considerada apropriada para o espetáculo acima citado.

Rio, 02 de SETEMBRO de 1974

Chefe da Seção de Coordenação

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.269.

RESERVADO

DPF DCDP Fls. Nº 251 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

268

Ilmo. Sr. Chefe do
Serviço de Censura de Diversões Publica no
Estado da Guanabara

Teatro : Aliança Franceza
Peça : O Inspetor Geral
Gênero : Comédia
Prod/Dir: Hilton Vaz Pereira
Censura : Impropio para menores de 16 anos
Protocolo: 33.034/74
Parecer.....

Cumprindo determinação de V.S., foi procedido censura e ensaio geral da peça denominada " O Inspetor Geral ", encenado no teatro da Aliança Franceza, sito à rua Muniz Freire nº 54 (BOTAFOGO), sofrendo cortes e observações, conforme consta do texto nas paginas, 3, 4, 7, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 29 e 30.

Cabe-me informar V.S., que trata-se de uma adaptação grotesca do original, na qual e uma critica a corrupção que havia na Russia no ano de 1848, tempo esse que prodominava o imperialismo, representação pelo grupo de artista amador "ASDRUBAL".

TECNICA: Iluminação normal, Cenografia não há e Vestiario grotesco.

Visto do exposto, sou por sua liberação com a impropiedade de 16 anos.

Guanabara, 06 de setembro de 1974

T.C. 385

ENCAMINHE-SE
D.C.D.P.-DPF-BSB/DF.
Em 08/11/74
e Silva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.270.

DPF DCDP Fls. N.º 252 Rubrica

269

TEATRO

TÍTULO O Inspetor Geral

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 16 c/c

Praça Rio de Janeiro - GB

Obs.: Instruções do ofício 1.119/74 DCDP

DF. 11 / 12 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer contido no relatório do ensaio geral. Em consequência expeça-se Certificado com a classificação imprópria até 16 anos, com cortes.

2º — A consideração do Sr. Chefe do SC. Em 11/12/74.

Marinaldo de Carvalho Oliveira
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres/SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

A

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-S
na forma do despacho do Senhor Diretor visto do relatório do ensaio geral
Em, 16/12/1974
Rogério Nunes
DCDP/SR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.221

DPF DCDP Fls. N.º 253 Rubrica

GOVERNADOR: O importante é que o Sr não acredita em DEus e nunca vai a igreja. Eu, pelo menos, sou homem de fé inquebrantável!!! O Sr. fala da criação do mundo, meus cabelos ficam em pé!

AMOS: Tudo que eu falo é fruto da minha própria inteligência!

GOVERNADOR: Quanto ao Sr Lucas, como diretor da Escola, seria conveniente que se preocupasse um pouco com seus professores. Bem sei que se trata de cabeças extraordinárias, gente que engoliu um oceano de conhecimentos... Intelectuais de Vanguarda! Mas, -

GOVERNADOR: Um deles que tem a cara larga. Toda vez que começa a aula, faz uma careta assim(...) Talvez deva ser assim mesmo, isso eu não posso julgar porque não tenho conhecimentos pedagógicos. Mas, pense bem, se o professor fizer uma careta dessas diante de um visitante ilustre! Eu sempre queria chamar sua atenção...

LUCAS: Eu já falei com ele tantas vezes. Outro dia acabei levando o maior sermão do padre por deixar que se implante na juventude idéias tão avançadas.

GOVERNADOR: A mesma coisa devo dizer em relação a todos os outros professores. São uns sábios - isso é evidente - sabem muito, mas se expressam com tanta veemencia que se esquecem do resto.

GOVERNADOR: Outro dia eu mesmo vi pelo buraco da fechadura o professor de história. Enquanto falava dos assírios e dos babilônios ia tudo bem, mas quando chegou a vez de Alexandre O Grande, o que se passou ali foi indescritível!

GOVERNADOR: Desceu correndo de sua cadeira e começou a bater furiosamente com as carteiras no chão e na cabeça dos alunos. É certo que Alexandre O Grande foi um herói, MAS...

LUCAS: De fato, é um homem muito impulsivo. Eu já lhe fiz essa observação antes e sabe o que ele me respondeu: Eu seria capaz de dar minha vida pela ciência!!!

GOVERNADOR: Assim é a misteriosa lei do destino: O homem inteligente quando não é um bêbado é um muito louco!

GOVERNADOR: Os senhores já estão avisados. De minha parte já tomei algumas providências e eu os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo o Sr. Dr Artemi Filipovitch. Sem dúvida o inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o Hospital.

ARTEMI: Minhas medicinais saudações! Como voces sabem, voces tem todo dia 10 segundos para fazer as suas "necessidades". E vou começar a contar... 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10 Acabou o tempo!

GOVERNADOR: Eu sempre queria chamar sua atenção para esse tipo de coisa! E Artemi, não custa fornecer roupa limpa aos doentes...

ARTEMI: Agora chegou a hora do nosso molesto banho semanal. Mas, infeliz[illegible] cortou a água... Falta de pagamento.

COM CORTES CEDAG

GOVERNADOR: E além disso seria conveniente ao pé de cada cama uma ficha com o nome da doença e a data de entrada do paciente, tudo escrito em latim.Bem, depois que o Inspetor fôr embora, que tudo volte ao seu normal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.272

DPF DCDP Fls. Nº 254 Rubrica

ARTEMI: Por que tantas reclamações!... Aguardem que já vem para voces aquela sopinha de repolhos.

ASDRUBAL (Canta) "É HORA DO LANCHE/ QUE HORA TÃO FELIZ/
QUEREMOS A SOPINHA DO ARTEMI..."

GOVERNADOR: Ah e depois há doentes demais. Dá até uma má impressão ver tantos doentes no seu hospital. Podíamos dispensar alguns.

ARTEMI: Quanto a isso, pensamos da mesma forma. O homem é um ser simples. Quando tem de morrer, morre mesmo e quando tem de ficar bom... Não há Cristo que o impeça!!!

IVAN KUSMITCH (Apresentação)
- Eu sou o carteiro.
E essa é minha amiguinha A Carta.

GOVERNADOR: Diga-me lá, Ivan Kusmitch, como vão as coisas pro seu lado?

I;KUSMITCH: Bem... E pro seu lado Sr Governador, como é que vão?

GOVERNADOR: Eu não direi que sinta terror mas...

I.KUSMITCH: Medo.

GOVERNADOR: De Montão... Quando um homem de tanta importancia está por chegar a gente deve sempre ter medo. E além disso, os comerciantes me causam muitas dificuldades. Dizem que eu lhes tiro muito dinheiro. E eu só Deus sabe, quando aceitava alguma coisa deles, era sem ódio sem maldade. Não é Gente? Doi... COM CORTES

GOVERNADOR: Ouça, Ivan Kusmitch, para o bem de todos e felicidade geral nossa, o senhor como chefe dos correios, daqui por diante, não poderia abrir as cartinhas que entram e saem de sua repartição... Assim, só pra ver se tem uma denunciazinha de leve contra mim, e depois se não tiver, ai...

I.KUSMITCH: SR GOVERNADOR! HÁ MAIS DE 20 ANOS QUE EU FAÇO ISSO!!!

I.KUSMITCH: Hoje mesmo eu interceti essa carta! É uma carta de um sub-oficial que escreve a um amigo também suboficial. E que descreve, ele conta tudo, de A a Z, tudo que ele viu... Que passagem interessante! Com que talento ele narra: UM BAILE!"A vida flui num sétimo céu e soa música. Jovens Formosas..." Eu adoro saber o que se passa pelo mundo!

GOVERNADOR: Por favor, Ivanzinho, então ficamos combinados assim: caso caia em suas mãos alguma queixazinha, dununciazinha, rasgue sem a menor consideração!

I.KUSMITCH: Com muitíssimo gosto!!!

QUADRO III UMA NOVIDADE INESPERADA, sô!

BOB: Uma novidade Inesperada, SÔ!

DOB: Um acontecimento extraordinário, SÔ!

BOB: Por favor, seu Pedro Ivanovitch, permita que eu conte tudo!

DOB: Ah Não seu Pedro Ivanovitch o Sr vai esquecer alguma coisa importante!

GOVERNADOR: Falem pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.273

DPF DCDP Fls. N.º 2553 Rubrica

STEPAN: 2) Mandei derrubar aquela cerca velha da casa do sapateiro e mandei para lá algumas figas, pedras, pedrinhas, madeiras, madeirinhas para dar a impressão de que se está construindo!...

GOVERNADOR: Quanto mais obras públicas, mais se nota a atividade do Governador

BOB: E se perguntarem porque não reconstruiram a capela do hospital?

DOB: Aquela que todo mundo aqui deu dinheiro e nada de capela...

GOVERNADOR: Não se esqueçam de que começamos a reconstrução mas a capela pegou fogo. E se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos devem responder:

ASDRUBAL: CONTENTÍSSIMOS, EXCELÊNCIA!!!

GOVERNADOR: Stepan Ilich, uma converça em particular! Não deixe que os soldados saiam de cuecas pela rua como costumam fazer, esmurrando o olho de todo mundo, inocente ou culpado!!!

QUADRO IV A COMITIVA (Ensaio)

Música nº2 (Instrumental)

GOVERNADOR: Nossas saudações e nossos melhores augúrios, Excelência!

ASDRUBAL: Eminencia! Meretíssimo! Vossa Alteza! Vossa Alteza Serenissima! Fidelíssima! Sinhozinho! Paizinho! Seu doutor!

GOVERNADOR: Estando passeando e cantarolando pelas ruas - eu e meu secretariado - entramos ex-professo no hotel para ver se tratavam bem os turistas. (APALUSOS) Meu dever como governador dessa cidade é zelar para que não sejam molestados os hóspedes desse hotel e demais pessoas respeitáveis! (APLAUSOS) O salário que o governo paga não dá nem pro cafezinho. Se houve suborno foi por uma ninharia. Alguma coisa pra mesa, um cortezinho de pano para fazer uma roupinha! (APLAUSOS) E quanto a esses boatos de que eu mandei surrar a viúva do Sub-tenente (Calúnia) aquela que faz contrabando, ela mesma se surrou!

LUCAS: Nós num tem brioteca!
A nossa brioteca são o povo
E cada povo arrepresenta um volume
E cada volume um pensamento adiverso!
(SAI DAÍ BOÇAL!)
Boçal Não! Nós semu é altistas!
E progressistas como a locomotiva
Que vagueia pelu zorizonti sen fins
Imbora fitografada por riba dos avexames!
(SAI DAÍ ENERGUMENO!)
Energumeno Nunca! Se marechal Floriano
Aquela fera indomável - aliás uma panteria...
Fosse vivo, 'oces não a diria m semelhantes isso.
E é por isso que essa merda num porgredi!!!

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.279
273
DPF DCDP Fls. N.º 256 Rubrica

QUADRO VIII AI SEU MALAQUIAS!

ANA: (Cantarolando)"Bumba Meu Pai do Campo õ-ô-ô
Bumba Meu Boi Bumbá..."

MARIA: (Telefone) Alô...Alô... É Bore Dobchinski, mamãezinha!

ANA: Vem vindo alguém na rua!

MARIA: É Bob e Dobchinski, mamãezinha!

ANA: V. sempre com as suas fantasias! Imagina se é Bob e o Dobchinski! Não é ninguém parecido com...São eles sim! Mas, pra que tanta Polêmica!

MARIA: O quê? Um o quê?Da Capital?Aqui?Foram voces quem descobriram?

ANA: Oh lembre-se que eu sou a madrinha de seus dois filhos..O quê?Não!

AS DUAS: Um Inspetor? Geral? Uau! Da Capital? Mas, como? Por quê?

AS DUAS: Um Inspetor! Geral!

MARIA: Ele vem examinar tudo!

AS DUAS: Um Inspetor! Geral!...

ANA: Bisbilhoteiro!

ANA: Será que ele é másculo?

MARIA: Será que ele é viril?

ANA: Será que ele é alto?

MARIA: Um Everest!

ANA: Será que é um general?

MARIA: Não é um general!

ANA: Mas, vale tanto quanto um!

MARIA: Tal sua educação e finura!

ANA: Será que gosta de teatro?

MARIA: Dramático?

ANA: Romântico?...

MARIA: Brincalhão!

ANA: Experimentodo...

MARIA: Calmo ou Nervoso?

AS DUAS: NERVOSÍSSIMO!!!

Inutilizado COM CORTES

ANA: Uma carta; Vamos ver o que escreve o meu maridinho! "Apresso-me a comunicar-te querida Ana que minha situação era deplorável, mas graças a providencia divina, por dois pepinos no vinagre e meia porção de caviar (.) Um momento, o que tem a ver pepino e caviar com a providencia divina? Tudo!

MARIA: Mamãe, Papai escreveu esse recado nas costas da conta do hotel!!!!

ANA: Vou mandar esse bilhete pro Abdulin. Abdulin, Abdulin, providencie comes e bebes para a chegada do hospede senão meu marido acaba com seu armazém.

MARIA: Minha mamãezinha, precisamos nos fazer bonitas e elegantes!

ANA: V. devia botar aquele vestido azul. V. fica tão engraçadinha...

MARIA: Ah, mamãezinha o azul não! É melhor que eu vista o estampado!

ANA: Como sofrem as mães! V. gosta mesmo de me contrariar. O azul ficará bem em voce por que eu quero vistir o estampado!

ANA: Ah eu não posso ficar aqui esperando notícias enquanto A VIDA FLUI...

MARIA: Que se há de fazer mamãezinha? Dentro de algumas horas ficaremos...

ANA: Daqui algumas horas? Muitissimo obrigado. Só estranho que não tenha passado por sua cabeça dizer que daqui a 1 mês saberemos tudo melhor!

MARIA: Voce não deixa nunca eu completar o meu raciocínio!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.275
274
DPF DCDP Fls. N.º 257 Rubrica

ANA: Eu quero ver logo esse bravo forasteiro de chapéu com uma pluma!

MARIA: Com cabelos grisalhos! Glostora!

ANA: Suíssas em profusão! E aquele olhar democrata!

MARIA: Um monóculo Espínola! Espinona! Espinila!

ANA: Aquela gravatinha impertinente!

MARIA: Um casaco até o chão!

AS DUAS: E UM SAPATO PON-TE-A-GU-DO!!!

AS DUAS: EU JÁ VEJO ELE CEAND DE CHEETTE...

Música Nº 5 Ai Seu Malaquias
Ai Ai Seu malaquias
Ai Ai Voce disse que não ardia
Ai Ai Está ardendo pra danar!
Ai Ai Mas que está bom eu sei que está!"

COM CORTES

QUADRO IX A RECEPÇÃO

KHLESTAKOV: Fico satisfeitíssimo em notar que os senhores tenham adquirido o hábito de mostrar aos turistas tudo o que vale a pena ser visto nesta cidade. O clima, por exemplo...

GOVERNADOR: Nos outros lugares, se o sr me permite, os governadores e demais funcionários públicos só pensam em ganhar dinheiro as custas do erário público.

ARTEMI: Por outro lado, no que diz respeito a...

WALDEIA: Dada a existência de nebulosas, tal como são expostas nos recentes trabalhos públicos de...

LUCAS: Se provou para além de qualquer sombra de dúvida além do inerente a todos os cálculos humanos que como resultados...

KUSMITCH: Torna-se evidente que em face dos esforços verifica-se que o homem contrariamente a tese de que o homem mesmo considerando o índice de desgaste per capita desde a morte de Voltaire...

AMOS: Ainda que isto perdure, é válodo notar que são investigações incompletas que, salvo honrosas exeções, ignoram, em termos, a razão da expansão da pecuária e da cultura física da prática dos desportos!!! (PLÊMICA)

ASDRUBAL: Que a Arte não sofra!!!

KHLESTAKOV: O almoço foi excelente! Aqui todos os dias se come assim?

GOVERNADOR: O almoço foi preparado "Ex-professo" para tão ilustre visitante.

KHLESTAKOV: Quero confessar-lhe uma coisa.Eu sou um tanto dado a Gastronomia.

GOVERNADOR: Mas, nós também. O Sr Lucas por exemplo possue um lindo telescópio! O Dr. Artemi viu o Koroutek! (Foi o único!)

KHLESTAKOV: Eu gosto muito de comer, afinal é para isso que se vive: para colhermos todas as flores do jardim do prazer...E falando de comida, o meu prato predileto é "o Pato à La Patê.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 276
DPF DCDP Fls. N.º 258 Rubrica

GOVERNADOR: Com uma farinhazinha de mandioca...

KHLESTAKOV: Exatamente: não se usa nunca farinha de mandioca!

AMOS: Coisa de índio!

KHLESTAKOV: E sobre o Breakfast?

DR ARTEMI: Eu dei outro dia a minha senhora!

AMOS: É uma gracinha... Dá a patinha...Finge de morto!

KHLESTAKOV: Que lindo hospital...Aquela porção de camas sólidas...Mas, eu tive a impressão de que havia uma carencia de doentes...

DR ARTEMI: Desde que eu fui nomeado para o cargo de diretor do hospital, mal o paciente tem tempo de entrar no hospital e já está curado.E isso não se deve tanto aos remédios, mas sim a honra e a autoridade com que dirijo o estabelecimento.

GOVERNADOR: O lema do nosso departamento de saúde é:
SEM AUSTERIDADE NÃO HÁ CONVALESCENÇA!!!

COM CORTES

GOVERNADOR: Eu só posso dizer que os deveres de um governador dão enormes dores de cabeça. São tantos assuntos para se resolver. Numa palavra, o homem mais inteligente se veria em palpos de aranha. Eu sonho com o povo todas as noites: "Meu Deus, como poderei fazer para que meus superiores fiquem satisfeitos comigo?" Evidentemente não sei se serei premiado pela minha didicação!

KHLESTAKOV: O Povo! O Povo! Aqui! Lá! Em todos os lugares!!!

QUADRO X MINHA FAMÍLIA!!!

ANA: Antonio... Antoniozinho... Antocha!

GOVERNADOR: Tomo a liberdade de lhe apresentar a minha família! Primeira dama de Nova Asdruburgo, Ana Andreievna, uma incansável pesquisadora do nosso folclore. Estamos bem casados há 26 anos!

ANA: Eu era uma criança quando me casei...

KALESTAKV: Quão feliz estou minha senhora por ter o prazer de fitá-la!

ANA: Somos nós sr que temos a honra de receber personagem tão ilustre!

KLESTAKOV: Absolutamente, minha senhora, é exatamente o contrário!

ANA: O SR fala assim por delicadeza, sente-se, por favor. ANTOCHA...

KHLESTAKOV: Estar de pé ao seu lado já é uma felicidade.Que direi então de sentar? Oh sinto-me demasiadamente feliz em estar finalmente sentado ao seu lado!

GOVERNADOR: Apresento-lhe minha filha Maria, a alegria e o encanto desta casa. Ex-normalista e uma futura comunicadora desta Aldeia Global.

ANA: Imagino que depois de viver na metrópole, esta viagem campestre deva ter sido muito desagradável!

KHLESTAKOV: Extraordinariamente desagradável! Quando uma pessoa se habitua a viver em sociedade ... mas, eis que o acaso me recompensou!

ANA: Não posso acreditar, o senhor está me cumulando de honrarias, eu estou toda cumulada! Eu não mereço! EU - uma provinciana?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 277

276

DPF
DCDP
Fls. N.º 279
Rubrica

ARTEMI: Bom até certo ponto estou tranquilo, pois no meu hospital...

WALDEIA: Quando um homem de tanta importancia está por perto...

LUCAS: Digam de mim o que quiserem, mas aqui ninguém tem conhecimento pedagógicos. Nem Eu!!!

PADRE: Por favor, senhores, o tempo do nosso espetáculo não permite contar as mazelas de todos. Umazinha? É das boas?...

ARTEMI: A grande verdade é que precisamos fazer alguma coisa!

LUCAS: Bom, ele dormindo já está. Nós esperaríamos anoitecer, ele se tornar rei e se chamar Duncam estão apunha-lo-íamos, enfim!!!

KUMISTCH: Ah se a peça fosse o UBU REI do Alfred Jarry: Inspetorzinho de meia pataca, ias sofrer o teu derradeiro suplício - Torção de nariz; extração de língua; arrancamento de cabelos; introdução do bastão de no ânus; extração do cerébro pelos calcanhares e finalmente, a grande decapitação de S. João Batista, organizada, renovada, computada, burocratizada por mim IVAN BUSMITCH O TERRÍVEL!!!

COM CORTES

ASDRUBAL: Take it easy, Ivan...

PADRE: Uma saída surrealista!!!

ARTEMI: Senhores, compreendam, Gogol é o auge do realismo na Russia! E o respeito ao autor?! O estilo de época?! Nós temos que achar uma solução inerente ao nosso contexto drámatico!!!

AMOS: Lembrar Amos é viver! Eu dizia em outra oportunidade: "Afinal de contas, "Pecadilhos" quem não os tem, nesse mundo?" Estão lembrados? Continuando... "Eu, por exemplo, digo abertamente a todo mundo que sou subornável...

ASDRUBAL: S U B O R N O !!!

AMOS: Enfim, um grande autor nacional!

KUSMITCH: Seu padre, o senhor acha que devemos amaciá-lo?

PADRE: Amaciar é uma santa palavra... Mas como?Não se esqueçam que ele é um grande funcionário. E um alto funcionário não se presta a isso...

AMOS: Escutem: o suborno num país civilizado obedece a certas regras.Duas cadeiras, por favor. Ele não é feito assim, de qualquer maneira.Por que deverámos ir todos juntos para suborná-lo? Temos de ir um a um. Por favor dois voluntários para o ensaio da cena O SUBORNO EM NOVA ASDRUBURGO!!! Atitude de procura e atitude de oferta 1-2-3-4-... E quando estiverem presentes apenas quatro olhos, põe-se-lhe nas mãos alguma coisa; e tudo deve ser feito tão sutilmente que nem os 4 olhos percebam o que as mãos estão fazendo!!!

Marcação

QUADRO XIII O SUBORNO EM NOVA ASDRUBURG

"Senhoras e Senhores!!!
Sem intenção de fazer Comédia
Apresentamos com o teatro experimental da nossa cidade, o meu, o seu, o nosso espetáculo:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.278.

277

DPF
DCDP
Fls. N.º 260
Rubrica

SUBORNO EM NOVA ASDRUBURGO!!!

AMOS: Tenho a honra de me apresentar: Juiz do Tribunal, conselheiro Amos Fiodorovich. Em 1816 fui eleito para um período de 3 anos em obdiencia à vontade da nobreza e desde então continuo no cargo.

KHLESTAKOV: O que o sr lucra sendo juiz?

AMOS: No primeiro ano de serviço recebí a singela Rosa de Prata que Hebe Camargo me ofertou; depois Matiguei com as Estrelas; recebi um beijo do Dr. Sabin...(CANTA) "Haroldo de Andrade!"

KHLESTAKOV: O que o Senhor tem na mão?

AMOS: (Deixa o dinheiro cair) Nada! Nada!

COM CORTES

KHLESTAKOV: Como nada? Olha o dinheiro aí! É dinheiro sim!!!

AMOS: O sonho acabou! Santana, Avó de Cristo! Já estou me vendo preso diante do meu próprio tribunal... Seria absolvido!

KHLESTAKOV: Sabe de uma coisa: me empreste esse dinheiro! Duante a viagem gastei muito mais do que eu pensava. A vida esta pela hora da morte. Assim que voltar pra casa, mandarei seu dinheiro de volta!

AMOS: Não me atrevo a importuná-lo mais. Alguma coisa excelencia?

KLESTAKOV: Que ordem?

AMOS: Não deseja ordenar nada ao juiz local?

KLESTAKOV: Não. Atualmente não tenho problemas com a justiça...

KUSMITCH: Tenho a honra de me apresentar: Chefe dos correios, I. Kusmitch!

KHLESTAKOV: Sente-se por favor. Gostei da localidade. É verdade que a população não é das mais numerosas, afinal de contas isso não é a capital! E só na capital que reina o bom tom. E não existem esses provincianos de mau gosto. Mas, até mesmo num povoadozinho pode-se viver feliz! E o que é necessário para se ter essa tal felicidade? É suficiente que o homem seja respeitado e sinceramente querido! Muito me alegra que a sua opinião coincida em tudo com a minha. Sabe que na viagem de S. Petersburgo para cá aconteceu-me um fato insolito? Fiquei sem dinheiro. O senhor poderia emprestar-me 300 rublos?

KUSMITCH: Disponha de mim. Por favor, o Sr pode dispor de mim! O Sr deseja fazer alguma observação sobre os correios?Tentei ser sutil e acabei sendo mirabolante!!!

LUCAS: Tenho a honra de me apresentar: Diretor da Escola, Lucas Lukitch!

KHLESTAKOV: Sente-se por favor. Quer um charutinho?

LUCAS: Aceito ou não aceito?

KHLESTAKOV: A marca é boa, foi o senhor quem me deu. Claro que não se compara aos da Capital. Tomé fogo... O senhor não fuma?

LUCAS: Fumo... Mas, se o senhor quizer posso largar hoje mesmo!!! Fui vencido pela minha timidez!

KHLESTAKOV: Meus vícios prediletos: cigarros, comida e mulheres! Confesso que não consigo ficar indiferente diante do belo sexo.Louras ou morenas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.279.

DPF DCDP Fls. N.º 261 Rubrica

278

LUCAS: Eu... não me atrevo a saber a minha própria opinião.

KHLESTAKOV: Faço absoluta questão de conhecer suas predilações!

LUCAS: Eu me permito informar a V. Excelência que em relação às louras...

KLHESTAKOV: Escondendo o jogo, vai ver que uma moreninha... Ficou Vermelho! Aconteceu-me um imprevisto.

LUCAS: No caminho.o senhor ficou sem nenhum centavo.

KHLESTAKOV: Exatamente. O senhor pode me emprestar algum?

LUCAS: Claro! Claro! (PROCURA) Claro! Claro! ACHEI!!! Sinto que não devo importuná lo com a minha presença!!!

ARTEMI: Tenho a honra de apresentar-me. Diretor do Hospital local. Dr Artemi Kildare! Tive a honra de acompanhá-lo e recebe-lo pessoalmente no meu hospital. Fico feliz em fazer tudo pelo bem da patria. Mas, o Chefe dos Correios, ele abre toda a correspondencia... Basta ver que a minha revista Playboy chega sempre sem o poster do meio.

ARTEMI: O juiz então, nem se fala, há 15 anos que ele é juiz. Nem o próprio Rei Salomão seria capaz de dizer naquele tribunal onde começa a verdade e onde acaba a mentira... E o supervisor das escolas, Salve o Templo Ditoso do Ensino! Como é que um homem desses pode continuar num cargo de tanta responsabilidade? Se o senhor quizer, posso expor tudo por escrito!

KHLESTAKOV: Dr Artemi Kildare - até que o sr me contou umas coisas engraçadas! Não tem 400 reblos pra me emprestar?

ARTEMI: Tenho!

KHLESTAKOV: Que coincidencia!!!

WALDEIA: Waldeia Mully-Gully, criada da praça a seu dispor!

KHLESTAKOV: "Saco Tu à Pampa, Mina!" Não quero nem que Deus me ajude!

PADRE: Deus esteja convosco!

KHLESTAKOV: Eu já estava estranhando a ausencia de um padre nessa estória!

PADRE: Eu vim trazer a caixinha de caridade da nossa paróquia...

KHLESTAKOV: Ninguém mais precisado que eu! Mas, Seu padre, eu estou cada vez mais me interessando a esta cidade e então a vida de seus paraquianos passa a me interessar.

PADRE: Hummm talvez o Sr se interesse em saber que a esposa do governador (...)

KHLESTAKOV: De bicicleta?

PADRE: E sobre a filha do governador...(...)

KHLESTAKOV: Com ou sem baunilha?

PADRE: Não querendo mais roubar seu tempo me despeço não sem antes oferecer uma orelhinha seca de São Cipriano e um porter do St Sudário.

KHLESTAKOV: Autografado!!!

PADRE: Tão irreverente...

KHLESTAKOV: Recomende-me em suas orações!

(Entra Ossip)

COM CORTES

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-280-

DPF DCDP Fls. N.º 262 Rubrica

KHLESTAKOV: Vou escrever uma carta pro Zozimo Triachkine contando as novidades. Pobre de quem cai nas garras do zózimo Triapchkine, a língua mais ferina de São Petersburgo!

OSSIP: Vamos embora daqui que está na hora...

KHLESTAKOV: Ir embora de minha Shangri-la? Não está vendo seu estúpido?

OSSIP: O senhor já se divertiu muito. E seu pai?

KHLESTAKOV: Está bem. Manda está carta pelos correios. Ela está endereçada ao maior jornal da capital! E assim que eu estiver pronto...

(Entram Bob e Donchinski)

KHLESTAKOV: Os senhores tem dinheiro?

BOB-DOB: Olha o moço, OI... Vamos nos apresentar, num é Pedro?

KHLESTAKOV: Não é necessário. Pode me emprestar 1000 reblos?

BOB: Tanto eu não tenho. Pedro, olhe no seu bolso furado!

DOB: Todo meu dinheiro eu colequei no cofrinho da Delfin...

BOB: Popou Pedro?

DOB: Popei...

DOB: Eu e Pedro Ivanovitch queremos fazer um pedido humilhíssimo. Queremos pedir que quando o senhor voltar à capital do Império, Vossa Sr dizer pra todos os nobres, os senadores, os almirantes, os andaimes, os hidrantes, todo mundo enfim, que em tal e tal povoadozinho existe um tal e um tal de Pedro Ivanovitch Bobchinski e Dobchinski.

Maracás COM CORTES

OSSIP: Perfeitamente. Eu vou me ocupar dessa matéria

QUADREO XIV OS COMERCIANTES

Mùsica Nº 9 (Instrumental) Príncipe Igor - abertura - de Borodin

"Dando prosseguimento ao nosso espetáculo!
Cena dos Comerciantes! Eles tem um assunto importante
a tratar com o Inspetor. E ninguém pode impedir
a sua presença!"

KHLESTAKOV: Meus amigos, o que desejam de mim?

1º Comerciante-Desejamos nos inclinar profundamente diante de V.Ecxia!

2º Comerciante: Estamos sofrendo profundos vexames! Não nos desampare, Sr!

3º Comerciante: Nunca se viu um governador como este Paizinho!

4º Comerciante: O que ele faz conosco não se pode nem contar!

5º Comerciante: Se ao menos tivéssemos pecado!

6º Mas, nós fazemos tudo que é certo e cumprimos com nosso dever!

KHLESTAKOV: Isso bastaria pra mandá-lo pra Sibéria!

5º Comerciante: Quando se sabe que ele está a caminho de nossas lojas...

6º Comerciante: A gente tem de esconder tudo rapidinho!

KHLESTAKOV: Isso bastaria pra mandá-lo prá Sibéria!

2º Comercainte: E não se pode dizer que ele leve do que há de melhor!

1º Comerciante: Não leva tudo! Leva qualquer porcaria!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,P.281

DPF DCDP Fls. N. 263 Rubrica

ASDRUBAL: Não é um Inspetor?!

ANA: Alô, é do Pinel? Tem um rapaz aqui torcendo pela Holanda!

KUSMITCH: Esta carta dele próprio revela tudo! Ela chegou na agência dos correios, não faz muito tempo. Eu já estava enviando a carta ao destinatário quando [illegible] uma curiosidade sobrenatural e aí...

MARIA: Sr. Ivan Kusmitch, o senhor esqueceu de me dar os parabens.

ASDRUBAL: Isso! Sua entrada foi por demais desagradável, Ivan Kusmitch! E nem deu os parabens à noiva! Que modos ! Que copo-de-leite!

GOVERNADOR: Sua entrada nessa festa foi lamentável. Rua!!!

KUSMITCH: Mas, essa carta está destinada ao Zózimo Triapchkine!!!

GOVERNADOR: (E Todos) RUA!!!

KUSMITCH: Zózimo Triapchkine é jornalista e a língua mais ferina de S. Petersburgo!!!

Música Todos dançam. Entra Ivan Kusmitch, o carteiro.

GOVERNADOR: Parem essa música! Afinal de contas, o que o senhor deseja?!

KUSMITCH: Senhor governador, essa carta chegou na agencia dos correios e eu li o remetente: Ivan Alexandovich Khlestakov. Fiquei petrificado de medo. Eu logo pensei que ele tivesse descoberto "alguma irregularidade" em nossa cidade e queria avisar a seus superiores.Como eu e o senhor havíamos combinado que no caso de...

LUCAS: Antes nós temos de saber da veracidade dessa carta!

GOVERNADOR: Realmente, é uma carta do noivo de minha filha. E esta aberta... Mas como é que pode?! Como o senhor foi abrir a correspondencia alheia, seu Ivan Kusmitch???!!!

ASDRUBAL: Como teve tal atrevimento!??

STEP.N: Isso é crime punido por lei, certo?

COM CORTES

ARTEMI: Um funcionário é sempre um funcionário!!!

ANA: E esse vai se casar com a minha filha!

ASDRUBAL: Sibéria com ele! Já pra Sibéria, Ivan Kusmitch!!!

KUSMITCH: Esqueçam a Sibéria! O melhor é ler logo essa carta, Anton!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.282.

281

DPF DCDP Fls. N.º 264 Rubrica

MÚSICA. TODOS DANÇAM COM A CARTA. IVAN KUSMITCH NA SIBÉRIA:

GOVERNADOR: A carta é do noivo de uma filha da cidade.Talvez não faça mal darmos uma olhadinha... se os senhores me permitem, como governador vou ler o cabeçário ... "Caro Zózimo Triapchkine. Apresso-me a informar as incríveis aventuras que comigo se passaram. Depois de passar por altos e baixos, em virtude do meu aspecto metropolitano e das minhas roupas, estou hospedado na casa do governador de uma cidadezinha pitoresca , chamada Nova Adsdruburgo". (PARA TODOS) Mas, é uma carta feliz! "O Governador da cidade - aqui ele fala de mim - é mais imbecil do que um capão na engorda..."

ASDRUBAL: Ohhh!!! Isso não é possível!

GOVERNADOR: "Mais imbecil do que um capão na engorda..."

ASDRUBAL: Ohhh!!! Calúnia!

GOVERNADOR: (PARA ARTEMI) Se alguém lhe chamasse de "mais imbecil do que um capão na engorda" você se sentiria ofendi - do?

ARTEMI: Capão na engorda!

GOVERNADOR: Fui ofendido! Fui ofendido!

MARIA: Meu pai é mais imbecil do que um capão na engorda..."

ANA: Meu marido "é mais imbecil..."

GOVERNADOR: Não precisa ficar repetindo! Agora todo mundo já sabe!

LUCAS: Continuo aqui: "E além disso, cortejo furiosamente sua mulher e sua filha. Creio que começarei pela mamã..."

ASDRUBAL: Isso é um absurdo!

LUCAS: "Ela me parece predisposta a oferecer a todos serviços. Quanto fogo no rabo!"

COM CORTES

ASDRUBAL: Apaga! Apaga!

ARTEMI: "A filhinha do governador foi normalista, é notadamente uma débil mental e futura comunicadora dessa aldeia global!"

ASDRUBAL: Coitadinha... coitadinha...

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 283

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL.
ZYGMUNDO TURKOW E ISAAC PACHOAL.

COM CORTES

GRUPO DE AMADORES ASDRUBAL - GB.

11 DEZEMBRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16(DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 03, 04, 07, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 29, 30.
O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.
REQUERENTE: LUIZ ARTHUR PEIXOTO.

16 DEZEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST

DLC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.413,p284 283

DPF
DCDP
Fls. N.º 266
Rubrica

COM CORTES

599/74

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL.

16 DEZEMBRO 79

16. DEZEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.04/3,p.285.

DPF
DCDP
Fls. N.º 265
Rubrica

282

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

OFÍCIO Nº 1391/74-SC/DCDP Em , 17 de dezembro de 1.974

Do : Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas- SR/GB

Assunto : Encaminhamento (faz)
Anexo: 1ªs e 2ªs vias dos certificados
Ref. Of. nºs 872 - 879 e 886/74-SCDP-SR/GB

Senhor Chefe:

Encaminho a V.Sª. as anexas 1ªs e 2ªs vias dos Certificados de Censura das peças teatrais intituladas, " O INSPE-/ TOR GERAL", "APENAS UM CONTO DE FADAS" e " A INCELENÇA", em atendimento aos ofícios supracitados.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de estima e consideração.

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
Chefe do Serv. de Censura

rs/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0413,p.286.

natal

DPF DCDP Fls. N.º 26 Rubrica
MJ-DPF-SRA/BSB
13 MAR 0849 75 014342
RECEBIDO POR

Juiz de Fora, 10 de março de 1975

Do Diretor do Grupo de Teatro Amador - GRUTA-
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura De Diversões Públicas
Brasilia DF
Assunto : Censura (solicita)

285

Com o presente, o GRUTA, Grupo de Teatro Amador, de Juiz de Fora por intermédio de seu diretor, Aroldo Cerqueira Eugenio, envia a V. S. três copias da peça " O Inspetor geral " de Nicolai Gogol, para que seja feita a censura da mesma, para que seje possível a apresentação da referida peça na primeira quinzena de maio de 1975.

Aproveitando ainda, para solicitar de V. Sa gentileza de nos / enviar com a maxima urgência possível, a referida censura , tendo em vis a proximidade da estreia da peça.

Com agradecimentos pela atenção dispensada subscreve-se mui atenciosamente

Aroldo Cerqueira Eugenio
Aroldo Cerqueira Eugenio
(diretor)

J

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 287

286

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO DCDP

DPF
Fls. N.º 268
Rubrica

Nº

Recebido em 13 MAR 1975 às 18 h

Encaminhado a:

Em / / às

Rubrica:

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

RADIOGRAMA

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

DPF/JUIZ DE FORA/MG

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 125-DCDP de 13 - 03 - 75 SOL INFO AROLDO CERQUEIRA EUGENIO VG
DIR GR TEATRO AMADOR "GRUTA"VG NECES REM GUIA DIREITOS AUTORAIS
FIM CENSURA PEÇA SEU INTERES "O INSPETOR GERAL" AUT GOGOL PT DIR DCDP

DPF-SAv. 84

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor .....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.288.

MJ-DPF-SRA/BSB
24 MAR 11 18 75 016442
RECEBIDO POR: Ray

DPF-SRA
Fls. nº
Rub.

DPF
DCDP
Fls. N.º 269
Rubrica

FICHADO
S. A. DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SR/MG - DELEGACIA DA ZONA DA MATA-DPF

287

~~Brasília, DF.~~

Juiz de Fora/MG, Em 20 de março de 1975

OF. Nº 113/75-DZM

Do : Bel. Arandy de Abreu Quintella

Ao : Ilmº.Sr. Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas/DPF

Assunto : Encaminamento - faz

Ref.: Rádio nº 125/75-DCDP de 13.03.75

De ordem ao arquivo em 240375.

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Em atenção a solicitação de Vª.Sª., contida no rádio de referência, encaminho em anexo o documento solicitado.

No ensejo, apresento a Vª.Sª., meus protestos/ de elevada estima e distinta consideração

Bel. Arandy de Abreu Quintella
p/ Chefe da DZM/DPF/SR/MG

AAQ/wp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p289.

DPF
DCDP
Fls. N.º 270
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

288

Rio de Janeiro, 19 de Março de 19 75.
Juiz de Fora

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

" O INSPETOR GERAL"

DE: NICOLAI GOGOL

próxima apresentação da 2a. Quinzena de Maio de 1975.

no Teatro FORUM DA CULTURA - JF

com estréia marcada para o dia 2a. Quinzena de Maio de 1975.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente
Agente- Sbat Juiz de Fora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.290.

DPF DCDP Fls. N.º 271 Rubrica

se atirou de joelhos no chão e disse - "Não faça a minha desgraça Ana Andreievna

38 289

Maria : G aran t o maëzinha , isso ele disse a mim...

Ana : Bem ... claro evidente ele disse tambem a voce...

Amos : Inacreditavel...

Artemi : Foi o merito . Foi o merito. Mas que me permitam uma pergunta- onde esta o ilustre h opede?

Gov. : Teve que se ausentar por um dia . Para tratar de assuntos importantes.

Policia : Desejamos-lh e muita saude ...

Ana : Estam os pesando em mudar para São petersburgo. Para dizer a verdade, aqui se respira um ar por demais provinciano. Alem disso meu marido sera general

Lucas : Deu s queira que consiga...

Arteni : A Cesar o que é de Cesar.

Amos : ~~Ai esta um homem a quem o titulo vai assentar tão bem como a sele na vaca~~ E se a gente precisar de uma proteçãozinh a , não nos abandone...

Gov. : Não du vide . de minha parte estou disposto a fazer tudo por voces..

Ana : N aturalmente, mas não vejo poque proteger qualquer pessoa insignificante

Amos : Esta vendo como ela nós trata? Eu conheço essa . mostram-lhe u m dedo e ela engole a mão.

Gov. : Bebam , bebam e divirtamsse.

Correios : Um caso su rpreendente senhores. O funcionario que nó s pesavamos que era o inspet or não é um inspetor.

Todos ;: Como não é

Correios : Nem de longe , esta carta revela tudo.

Gov .: Oque ? O que é que esta escrito .

Correios : Uma cart a dele propio. Chegou na agencia dos,correios e eu lio remetem te . Fiquei petrificado de medo. Eu logo pensei que ele tivesse d descoberto alguma coisa errada nos correios . Foi so por issi qu e eu abri

Gov. : Como é que o senhor foi fazer uma coisa dessas

Correios ;:SEn ti um força sobrenatural se apossando de mim e uma voz qu e dizia " Abre a carta". Minhas mãos estavam tremulas e tudo se embaraçou.....

Gov. : Mas como é que o senhor teve coragem de abrir a carta de uma autoridade

Correios : Essa é a questão, Não é autoridade. Não fede nem cheira

Gov. : como não fede n em cheira ? quem ele é . Eu vou manda-lo pra cadeia.

Correios : Qu em vai mandar , o senhor ??? Acho que vai ser muito dificil.

Anos : Mas então ivan , lei a carta. ...

Correios : Se os senhore s me permitem.... "Apresso-me a informar-temeu caro, das incrivei s aventuras que comigo se passaram. Durante a viagem , um capitão deixou-m e sem um niquel, a tal ponto que o taberneiroqueria me mandar para a cadeia. Mas eis zse não quando , em virtudedo meu aspecto, o povinho daqui me t oma pelo propio generalem chefe. Agora estou hospedado na casa do governa dor e cortejo sua mulher e filha. Creio que começarei pela mãnã

CORTE

COM CORTES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.291

: O INSPETOR GERAL

: NICOLAI GOGOL

COM CORTES

: GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - MG -

AROLDO CERQUEIRA EUGÊNIO

07 ABRIL 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 38. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

09 ABRIL 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.292

292

DPF
DCDP
Fls. N.º 274
Rubrica

599

: O INSPETOR GERAL

: NICOLAI GOGOL

09 ABRIL

09 ABRIL

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.293.

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 272 Rubrica

TÍTULO O INSPETOR GERAL

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 16 anos c/corte

Praça JUIZ DE FORA - MG

Obs.:

DF. 25/03/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

"A consideração do Senhor Diretor impropriedade 16 anos, com cortes.

Em 09/04/75

Manoel Francisco Clapery Guide
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C. De acordo com o parecer nº 2465-75.

1. — À S.Sr.ª para sanitir certificado com impropriedade para menores de 16 anos, com um corte à pg. 38, visto que no novo script já não constam os palavrões, origem dos cortes anteriores.

2. — À consideração do Sr. Chefe do S.C. Em 07/04/1975.

Florivaldo de Carvalho Guedes
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

De acordo
Em 9.4.75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.294.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 273
Rubrica

294

PARECER Nº 2465/75

TÍTULO: O INSPETOR GERAL - AUTOR: NICOLAI GOGOL.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

O INSPETOR GERAL, retrata os costumes do século passado, em forma de sátira, focalizando um impostor, que ao ser confundido com o Inspetor que deveria chegar à provincia a fim de apurar irregularidades da ' administração local, aproveita-se das circunstâncias conseguindo extorquir vultosa quantia dos moradores da localidade, fugindo imediatamente em companhia do seu criado. Tendo a presente peça sido censurada em várias ocasiões, procedi ao confronto do texto com os anteriores, constatando que ' no contexto geral a peça continua inalterável, apesar de enxertos e modificações no texto, o que não vêm a prejudicar a obra. Somente à página 38, proferi um corte, este não constando no texto original, por considerar uma irreverência às autoridades. Os cortes mencionados nos pareceres anteriores foram todos suprimidos no presente texto. Considerando o exposto, sugiro a manutenção da mesma classificação etária - 16 anos.

Brasília, 07 de abril de 1975.

Ivelyce G. de Andrade

Corte : Pág. 38 do texto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p 295

DPF
DCDP
Fls. N.º 275
Rubrica

090475
293

282/75-SCTC/SC/DCDP.

Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

" O INSPETOR GERAL "

Nicolai Gogol

Superintendente:

em Juiz de Fora- MG

MFCG/JEV.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.296.

Serviço Publico Federal

MJ-DPF-SRA/BSB
19 SET 1120 75 054603
DPF-SRA
DPF DCDP N.º 27 Rubrica
FICHADO S.A. DCDP
RECEBIDO POR
SRA/FICHADO

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF/ES

OFÍCIO Nº 696/SCDP/SR/ES Em, 16 de setembro de 1975

Do: Superintendente Regional do DPF no Esp. Santo

Para: Sr. Diretor da DCDP do DPF

Assunto: Peça teatral (encaminha)

De ordem ao arquivo em 19 09 75

Ruth Nogales
Chefe da SA/DCDP

Senhor Diretor:

Anexo, encaminho a V. Sa. os textos da peça teatral intitulada "O INSPETOR GERAL" de autoria de Nicolai Gogol, solicitando mandar proceder o devido exame censório, na conformidade da legislação vigente.

Na oportunidade renovo a V. Sa. os protestos de apreço e consideração.

Milton Barbosa

MILTON BARBOSA DOS SANTOS

SUP. REG.DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.297.

DPF
DCDP
Fls. N.º 277
Rubrica

246

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 5/75 Nº 6373

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Inspetor Geral

Original de Nicolai Gogol

Música de -

Tradução de -

No Teatro Carlos Gomes Cidade Vitória

Empresa Fundação Cultural Pela Cia. Esp. Sant

nos dias CENSURA

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de ____ % da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ ____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Vitória 12 de Set de 1975

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.—A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

200 Blocos 50x50 - 5.001 a 15.000 - 4/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.298.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

DPF
DCDP
Fls. N.º 278
Rubrica

297

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasilia - D.F.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação do script da peça intitulada "O INSPETOR GERAL" de NICOLAI GOGOL, previsto para os dias 27,28,29 e 30 de novembro às 21 horas no Teatro Carlos Gomes

Nestes Termos
P. Deferimento

Vitória, 11 de setembro de 1975.

Fundação Cultural do Espírito Santo
Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U:

ENCAMINHE-SE A BRASÍLIA
Vitória (ES), 16 / 09 / 1975
Chefe da SCEP/SR/DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 299.

TEATRO

298

DPF
DCDP
Fls. N.º 279
Rubrica

TÍTULO "O INSPETOR GERAL"

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem
Clas. Anterior 16-CC
Praça Vitória - ES.
Obs.:

DF. 20/08/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. A Seção de Expediente, para conforme Parecer nº 8248-75, expedir certificado c/ impropriedade para menores de 16 anos, em todas as sessões, inclusive, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 - Encaminhe-se à consideração do Sr. Chefe do S.C.T.
Em 6-10-75.

Glorivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do ~~parecer~~ Processo anterior.
Em, 06/ out / 1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.300.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

299
DPF
DCDP
Fls. N.º 280
Rubrica

PARECER Nº 0248 / 75

TÍTULO: O INSPETOR GERAL - PEÇA TEATRAL DE NICOLAI GOGOL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

AO procedermos o confronto do texto supracitado, com os anteriores, verificamos que houve várias supressões e algumas modificações com enxertos, o que em nada altera o contexto geral da obra em sí. Sugerimos que se mantenha a mesma classificação etária, dada anteriormente - 16 ANOS, desde que se façam os cortes de palavras de baixo calão, e se condicionem as cenas ao exame do ensaio geral.

CORTES: Págs. 07 - 15 - 28 - 31 - 32

Chamamos ainda atenção para as palavras ilegíveis assinaladas nas págs. 26 - 30 - 32.

BRASÍLIA-DF, 1º/10/75

ENI MARTINS FRANÇA BORGES

e tal lugar, existem uns pobres diabos, meus governadores eles já deviam ter jogado na latrina. Como vês, já estou mudando, já não tenho mêdo de dizer o que penso e me preocupo mais com o povo.

(Silencio total. Está todo mundo arrasado. Ana põe a carta no envelope e devolve a Lucas. Ninguém olha ninguém.)

DPF DCDP Pls. N.º 281 Rubrica

ANA - (arrasada) Galinha velha, puxa!

(Pausa rápida. Governador explode, esmurrando a mesa)

GOV - Tragam esse cão de volta!

ANA - Prá quê?

GOV - Quero meu tapête de volta! Esse cão afrescalhado me assassinou! Apunhalou-me pelas costas! Logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos!

ANA - Quem com ferro fere, com ferro será ferido!

GOV - (em fúria) Saia daqui à sua galinha velha! Depressa, se não quer levar um pontapé na bunda! Corte

ANA - (pronta para um chilique) Aii!...

GOV - E não se atreva a ficar roxa em minha casa! Rua! Rua!

ANA - Ai, acho que vou morrer! Vou ficar entrevada para o resto da vida! (sai ajudada por Maria)

GOV - (espancando-se no peito) É bem feito! Velho burro! Liberais malditos! Não vão poupar meu cargo! O sacrifício de minha vida inteira! (pausa.) Agora pergunto: Que havia naquele desgraçado que se assemelhace a um inspetor? Nada! Nada! E de repente todo mundo começou a exclamar: O inspetor! O inspetor! (pausa) Quem foi o primeiro miserável a espalhar esse boato? Quero saber quem foi!

LUCAS - Eu sei quem espalhou a notícia. Foram essas duas palhaças.(aponta Dob e Bob)

DOB - Eu não! Que deus me castigue!

BOB - Nem eu! Por esta luz que me ilumina!

LUCAS - Foram eles sim!

GOV - É verdade. Foram essas malditas boateiras! Comadres!...

LUCAS - Que o diabo as carregue com o inspetor e com todas suas mentiras!

GOV - Urubus malditos!

AIMOS - Tagarelas imundas!

LUCAS - Intrigantes de uma figa!

GOV - Boateiras de merda! Corte

AIMOS - Mulerzinhas tricoteiras!

(As duas são cercadas)

BOB - Juro que não fui eu! Foi Evdoquia!

DOB - Não é verdade, Evdoquia. A primeira foi a senhora!

BOB - Mentira, Evdoquia!' A senhora foi a primeira!

(Entra Mishka)

MISHKA - Senhores, o funcionario que acaba de chegar de Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Ele está no hotel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 301

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.302.

O governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco prá lhe botar um bom par de chifres!

DPF DOPS Fls. N.º 282 Rubrica

GOV - É mentira! Isso não está ai!

LUCAS - Pois leia o senhor mesmo.

GOV - Deixe ver. "É estúpido como um jumento..." É impossivel! Foi o senhor mesmo quem ecreveu isto!

301

LUCAS - Eu como? Não vê a letra?

AIMOS - Continua.

LUCAS - Estou louco prá lhe botar um bom par de chifres.

GOV - Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante, adiante.

LUCAS - Prá lhe botar um bom par de chifres...

GOV - Ai, cacête!

LUCAS - Hum... O chefe dos correios... é um homem mais do que excelente!

GOV - Aqui, ó!, que diz isso! Leia direito que eu estou conferindo.

LUCAS - Mas há senhoras presentes!

GOV - Não interessa. Já começou, continue.

AIMOS - Permita que eu leia. O chefe dos correios é um fresco. Aliás, acho que este é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível! E o que é pior, está corrompendo a juventude daqui. A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da familia", convida-os para sua casa de solteiro.

GOV - Eu heim?!

LUCAS - Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANA - Você pediu alguma vêz a ele?

MARIA - Eu não mãezinha! Deus me livre!

AIMOS - (à parte) Felizmente não tem nada a meu respeito.(volta a ler) O jui... o ju...ju-ju...

GOV - Ju-ju?... Quer jujuba?

AIMOS - A letra não está muito clara.

GOV - Minha vista é melhor. Eu leio.

(toma a carta)

AIMOS - (lutando pela carta) Não! Essa parte pode pular. Loguinho agiante a letra fica melhor!

GOV - Dá licança. Minha vista é otima.(Lê) O juiz é um verdadeiro porco. Precisava ver como ele se veste. Nem a rainha de sabá se enfeitava tanto. As unhas parecem luto, de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo.

AIMOS - (escondendo as mãos) Que falta de espírito! Onde já se viu porco enfeitado?

DOB - Porco de banquete eles enfeitam!

AIMOS - Meus senhores, acho que agora basta. Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar esta bosta! Corte

LUCAS - Rasgar uma ova!

GOV - Aqui, ó! Continuo. De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus, meu caro Stanislaw. Gostaria que todo mundo soubesse que em tal ~~luga~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.303
DPF DGDP Fls. N.2839 Rubrica

seus me[illegible]s?

ANA - Que é isso, Antocha? Que linguagem rústica!

GOV - Voces sabiam, velhacos de merda, que o Inspetor a quem queriam se quei xar vai se casar com minha filha? Sabiam, heim? Que me dizem agora?

ABDULIN - Reconhecemos a nossa culpa, excelencia.

GOV - Reconhecem, não é? Agora! Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte? A madeira custou menos de cem rublos e eu te deixei apre sentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma m ninharia!

ABDULIN - Eu devia estar com o demonio no coupo. Juro que não reclamo mais, excelencia!

GOV - Ah, agora como estou por cima, voces rastejam a meus pés. Se estivesse por baixo, empurravam ainda mais a minha cara na latrina e me batiam na bunda com os paus da ponte que não foi construída. Escuta aqui, Abdulin, se eu qui ser, te mando prá Sibéria agora mesmo.

ABDULIN - Piedade, excelencia! Confinamento, não!

GOV - Enfim, não sou homem de guardar rancor. Mas de uma coisa não se esqueça: minha filha não vai casar com um qualquer, não. Veja bem que presentes vão mandar. Nada de licoreiros, bibelôs ou porcarias iguais a essas! Agora, rua!

(Abdulin voa cena afóra. Pausa imponente. Surge Aimos.)

AIMOS - Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade?

(Entram Dob e Bob. Correm para o governador e batem com as cabeças.)

DOB - Excelencia, foi como se um raio de felicidade me fulminasse, tamanha a minha alegria!

BOB - Tenho a honra de felicitá-lo por tamanho prodígio!

DOB - Ana Andreievna, quase tive um ataque quando me contaram.

BOB - Ana Andreievna, que felicidade! Quase cai dura mortinha!

(Cada uma beija de um lado de Ana, ao mesmo tempo)

BOB - Maria Andreievna, desejo-lhe todas as felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras preciosas e toda espécie de sobremesas requin tadas.

DOB - Uma casa todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasalhá-lo no inverno!

(Entra Lucas)

LUCAS - Tenho a honra de felicitá-los. Não sabem a alegria que senti quando me contaram.

DOB - E eu então? Fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido chegou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta, querido - disse eu. Senta que é para não cair fulminado com a noticia. Aí ele sentou e eu lhe di se: Ana Andreivna conseguiu um marido para a filha! Não me diga - exclamou ele. Será possivel? E eu: quero ficar paralitica e careca, se estou mentindo! E ele: que bom, heim? E então eu tive uma crise de choro tão grande, que quase me afogo em minhas proprias lagrimas. Não fosse meumarido me sacudir uma

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 304.

DPF DCDP Fls. N.º 284 303 Rubrica

CRIS - Estar ao seu lado de pé, já é honra tão grande, imagine o que ~~é~~ não é estar ao seu lado, sentado!

ANA - O senhor está me cumulando de honrarias e eu não mereço. Sou uma provinciana.

CRIS - E não é na provincia que vamos encontrar as montanhas, os riachos murmurantes e tudo que é frescura? Claro que não vamos agora querer comparar Petersburgo com uma biboca como... Ah, São Petersburgo! Que vida! A senhora pensa que sou um simples escriturario, não é? Claro que não vou culpa-la por uma cretinice destas. Já quiseram me nomear assessor do ministro. É "excelencia prá cá, excelencia prá lá", é um inferno. Os contínuos atrás de mim a querer me engraxar as botas. (aos homens) Por que é que os senhores gostam tanto de ficar de pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?

GOVER - A hierarquia determina que, diante de vossa senhoria, permaneçamos de pé.

DOB - E de pé ficaremos!

BOB - E de pé ficaremos!

Lucas - É mais digno.

CRIS - Tenho horror a cerimonias. Mas comigo é sempre assim, devido àminha pessoa. Vivem me confundindo com marechais, ministros, até com nosso imperador já me confundiram! Também conheço todas as personalidades de Peter.

ANA - Bárbaro! E as linads atrizes de teatro?

CRIS - Conheço todas. Já comi várias...quer dizer... na casa de varias (Corte), é isso mesmo. Bem, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa?" Eh, eh, está sempre brincando comigo. A não ser quando me diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, ele fala a serio.

ANA - Ah, quer dizer que o senhor escreve também?

CRIS - Sim, muito. Todos conhecidos e adorados pe lo publico: "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nem me lembro direito. Eu não queria escrever, sabe? Mas insistiram tanto, tanto, que aí escrevi. Numa noite só escrevi todos estes livros. Ficaram impressionadíssimos. De fato, minha agilidade mental é incrivel. Tudo que foi publicado com pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas", "Diário de um Louco", "O Inspetor Geral"...

MARIA - Então Gogol é o senhor?

CRIS - Puxa! Como todo mundo sabe disto!...

ANA - E Hamlet?

CRIS - O que é que tem?

ANA - Por acaso foi o senhor também que escreveu?

CRIS - Foi, esse a senhora sabia?

ANA - Agora, ligando uma coisa a outra...

MARIA - Mãezinha, no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.

ANA - Ah, tinha certeza que voce ia me contradizer!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 305.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM M. G. - B. H.

Prot. A TCDP. Para conhecer e proceder na forma preconizada. Eu 30.04.7

Of. nº919/75-SCDP/SR/DPF/MG
Ref.: Rd. nº103/75-DZM/DPF, de 24-4-75

Bel. Arandy de Abreu Quintella
Mat. 1.056.867

M. J. - D. P. F. - SR/M. G.
Delegacia da Zona da Mata
PROTOCOLO N. 877
Juiz de Fora, MG 30/04/1975
Rubrica: Miranda

BLE, 28 de abril de 1975

Senhor Chefe

Consoante os termos do Rádio de referência, e as conversações telefônicas entabuladas entre esta Chefia e o Chefe da Turma de Censura dessa Especializada, encaminho a V.S.ª, em apenso ao presente, os textos da Peças Teatrais: "O INSPETOR GERAL", de Nicolas Gogol e "MISSA LEIGA", de Chico Assis.

2. Destarte, além das recomendações contidas nos Ofícios nºs. 245 e282/75-SCTC/SC/DCDP, de 01-4-75 e 09-4-75, respectivamente, também recomendo, que se entreguem aos interessados as terceiras vias dos textos em causa, e, ainda, os Certificados Censórios, mediante recibo assinado nos versos dos Ofícios supracitados, e, que, após a realização dos espetáculos, se for o caso, sejam, tanto aqueles Ofícios devidamente recibados, como também, as segundas vias dos Textos da Peças em causa, devolvidas a este Órgão.

Atenciosamente,

Dr. PEDRO FERNANDES DE SOUZA
Chefe da Censura Federal/MG.

RECEBI A 3ª VIA DO "SCRIPT" DA PEÇA TEATRAL "MISSA LEIGA" BEM COMO O CERTIFICADO DE CENSURA FEDERAL Nº 4.491/75-
Juiz de Fora/MG, 1º/05/75

Ao Ilmo. Senhor
Bel ARANDY DE ABREU QUINTELLA
DD. Chefe da DZM-DPF
JUIZ DE FORA-MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.306

RECEBI à 2ª Via do "SCRIPT" da Peça Teatral "Inspetor Geral", com o Certificado de Censura nº 599/75.

Juiz de Fora/MG., 15/05/75

Aroldo Cunha Eugenio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.307.

DPF DCDP Fls. N.º 285 Rubrica

304

SEGUNDO ATO

(Quarto no Hotel.Ossip na cama.)

OSSIP - Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais volto para Peterburgo. Tudo por causa da maldita mania do patrão. "Ossip, procura o melhor hotel. Ossip, veja se a cozinha é de primeira!" Se ainda fosse um alto funcionario, vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase toda a roupa por causa do maldito vicio de jogo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, teatros e...e...e outras bobagens! E só anda de carruagem. Ai meu deus, que fome! (ouve barulho fora, levanta-se rapido da cama. Entra Kristakóv)

KRISTAKÓV - Toma.(dá-lhe chapéu e bengala) Voce tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP - E para que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na vida?

KRS - Se espojou, sim. Olhe como está.

OSSIP - E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé.

KRIS - Ainda tem fumo?

OSSIP - Fumo!...fumou o resto que tinha a mais de tres dias...

KRIS - Merda! Escuta, Ossip, vai lá.

OSSIP - Lá onde?

KRIS - Lá mmhxm embaixo na cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

OSSIP - Não vou nada.

KRIS - Como se atreve a me responder assim, cretino?

OSSIP - E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que não vai mais dar comida prá gente.

KRIS - Como não vai??? Que absurdo é esse?

OSSIP - Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador. "Voce e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão"!

KRIS - E voce acha muito engraçado repetir isto, sua besta?

OSSIP - Acho. Principalmente o que ele disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denuncia, prá que o sacana de seu patrão vá logo prá cadeia".

KRIS - Cala a boca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP - Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com ele.

KRIS - Não quero falar com esse idiota. Vai lá e fala voce.

OSSIP - Não. Eu digo prá ele vir cá e o senhor fala.

KRIS - Vá pro diabo que te carregue! Chame logo aquela besta!

OSSIP - É melhor mesmo. (sai)

KRIS - Se essa toupera não me trouxer comida, não sei o que vai ser. Ai meu deus, nunca tive tanta fome! Talves fosse melhor vender mais alguma roupa. As calças por exemplo.(entra OSSIP) E então2, besta?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 308.

MJ – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

No. 282/75-SCTC/SC/DCDP. DF, em 0904 197[

Do Diretor da D.C.D.P.

Ao Sr. Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

Assunto: remessa de "scripts" – faz.

Referência:

" O INSPETOR GERAL "

(título da peça ou "show")

Nicolai Gogol

(nome do autor)

Senhor Superintendente:

Apraz-me remeter a essa rapartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado em Juiz de Fora- MG

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei no.5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

Manoel Jurd.

Diretor da DCDP

MFCG/JEV.

DPF – 512

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.309.

DPF
DCDP
Fls. N.º 286
Rubrica

305

798/75-SCTC/SC/DCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/ES

" O INSPETOR GERAL "

" NICOLAI GOGOL"

Chefe:

Vitória/ES

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.310.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 599

PEÇA : O INSPETOR GERAL

ORIGINAL DE : NICOLAI GOGOL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

VÁLIDO ATÉ 09 de ABRIL de 19 80

Brasília, 09 de ABRIL de 19 75

ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 311

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento

da peça intitulada : O INSPETOR GERAL

Original de : NICOLAI GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de : GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - MG -

COM CORTES

Requerida por AROLDO CERQUEIRA EUGÊNIO

Tendo sido censurada em 07 de ABRIL de 1975 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTE ASSINALADO À PÁGINA 38. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

Brasília, 09 de ABRIL de 1975

Manoel F. C. Guido

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

Chefe do Serviço de Censura

mhf

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.312.

306

DPF
DCDP
Fls. N.º 287
Rubrica

COM CORTES
599/75

: O INSPETOR GERAL

: NICOLAI GOGOL

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

OUTUBRO 80

OUTUBRO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.313.

: O INSPETOR GERAL

COM CORTES

: NICOLAI GOGOL

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO - ES -
AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA

1º OUTUBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 07-15-28-31-32-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::::::::::::::::::::::::::::::::::::::

PROIBIDO PARA MENORES DE

06 OUTUBRO 75

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

361

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 3R1

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES RADIOGRAMA RECEBIDO	RECEBI NO DIA ___/___/___ AS ___ HRS. MJ-DPF-SRA/BSB Assinatura Legível	CONTROLE Nº 059189

14 OUT 18 19 12

DPF DCDP Fls. Nº 288 Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES RADIOGRAMA RECEBIDO	033543 RECEBIDO POR	DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES SEOP – CMG
INDICAÇÕES DE SERVIÇO	PREÂMBULO: MCO AL NR 538 35 14- 10- 1540 RECEPÇÃO: PPC 580/OM/WA 1643	RECEBIDO EM 14 OUT 1975 AS 1900 ENCAMINHADO A: DCDP. EM ___/___/___ AS ___ RUBRICA:

END

DC-DPF- BSA.

FICHADO S.A. DCDP

TEXTO ASSINATURA

021/75/SCDP- 141075 INFO ASSISTIDO ENSAIO GERAL PEÇA TEATRAL O INSPETOR GERAL VG ORIGINAL NICOLAI GOGOL VG CTG 599-75 ENTREGUEDOC INTERESSADO VG CLASSF DCDP ESTA ACD REFERIDO ENSAIO PT

SR- AL

Junte-se ao prot. fls 15.10.75

ROGÉRIO NUNES Diretor do DCDP

DPF-18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 315.

0361

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
DPF-SRA N.º 07 Rub.
DPF DCDP Fls. N.º 289 Rubrica

Serviço Publico Federal PUEZ 1423 MJ 068846

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF/ES RECEBIDO POR Antonio 3/12/75

OFÍCIO Nº 900 /SCDP/SR/ES/75 Em, 27 de novembro de 1975

Do: Superintendente Regional do DPF/ES

Ao: Sr. Diretor da DCDP do DPF

Assunto: Ensaio geral (encaminha)

De ordem
ao arquivo
em 03/12/75
Ruth Nogales
Chefe de SA/DCDP

Senhor Diretor:

Anexo encaminho a V. Sa. o relatório do ensaio geral da peça teatral intitulada O INSPETOR GERAL, de autoria de Nicolai Gogol, a ser encenada pelo Grupo da Fundação Cultural do ES, realizado pela SCDP desta SR.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. Sa. os protestos de apreço e consideração.

Milton Barbosa

MILTON BARBOSA DOS SANTOS

SUP. REG.DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 316

DPF
DCDP
Fls. N.º 290
Rubrica

309

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF/ES
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO

ENSAIO GERAL - PEÇA TEATRAL
TÍTULO - O INSPETOR GERAL
AUTOR - NICOLAI GOGOL
GRUPO TEATRAL- FUNDAÇÃO CULTURAL/ES
LOCAL - TEATRO CARLOS GOMES - VIT.ES
DURAÇÃO = 02,00 HORAS
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA - 16 ANOS C/CORTES

Às 20,00 horas do dia 25/11/75 comparecemos ao Teatro Carlos Gomes, nesta cidade de Vitória-ES, onde foi procedido o ENSAIO GERAL da peça teatral intitulada O INSPETOR GERAL, de autoria de Nicolai Gogol.

Durante a realização do referido ensaio foi observado fielmente a obediência no que se refere ao texto e aos cortes determinado pela DCDP/DPF, com as marcações, guarda-roupa, cenário, efeitos musicais e especiais etc., perfeitamente compatíveis e enquadrados no enredo e na mensagem da obra, dentro dos limites tolrados pela legislação em vigor.

Face ao exposto, o espetáculo poderá ser liberado para público maior de 16 anos, de acordo com a decisão inicial da DCDP.

É o parecer,

Vitória (ES) 26/11/75

Sebastião Minas Brasil Coelho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.317

DPF
DCDP
Fls. N.º 291
Rubrica

311

Ilmo. Senhor Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

GRUPO DE AMADORES ASDRUBAL, por seu representante abaixo assinado, requer a V.S. se digne conceder-lhe uma 2ª via do certificado de Censura da peça teatral "O INSPETOR-GERAL", de Nicolai Gogal, bem como do respectivo texto autenticado, tendo em vista haverem sido extraviados os documentos originais fornecidos por / esse órgão em 1974.

N. Termos
P. Deferimento

Brasília, 18 de março de 1976

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.318.

DPF
DCDP
Fls. N.º 292
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O INSPETOR GERAL

Nicolai Gogol

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS - c/cortes

Praça BRASILIA - DF

Obs.:

DF. / 19 / 03 / 71

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A SC, p/ emitir o certificado com os mesmos dados do anterior.

Em, 19:03:76

p/ Ch. SCTC

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - 16 anos
na forma do parecer, processo anterior

Em, 22 / 03 / 1976

p/ Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.319.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. 293 Rubrica

Parecer Nº 1614 76

Título: INSPETOR GERAL -Teatro- De NICOLAI GOGAL

Classificação Etária: 16 (dezeseis) anos

Espécie: drama Com cortes:

Boa Qualidade: Livre P/Exportação:

Dublado: Legendado:

Vedada a Exploração Comercial:

Cenas:

Época: Gênero:

Linguagem:

Tema:

Personagem:

Mensagem:

Enredo: Peça já censurada, cuja missão do signatario foi o exame-comparativo da mesma. Tudo conforme e, de acordo com os textos anteriores, motivo porque a mesma impropriedade poderá ser mantida.

Carlos Rodrigues
Técnico Censura
2126258

1 — Cortes:

2 — Conclusão:

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.320.

DPF DCDP Fls. N.º 294 Rubrica

MJ - DFANBSB

Brasilia, 18 de março de 1976.

18 MAR 10 22 76 011968

Ilmo. Sr. Diretor do Depto. de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

FICHADO
S. A. DCDP

Eu, Luiz Fernando Guimarães, participante do grupo teatral "ASDRUBAL TROUXE O TROMBONE ", venho solicitar a V.Sa., que se digne enviar um tecnico de censura, afim de assistir ao ensaio geral da peça " O INSPETOR GERAL " de Nicolai Gogol, em montagem pelo grupo acima citado, (do Rio de Janeiro) no Teatro Galpão com data a ser marcada.

À SCT
para as providências legais.
Em 19/3/76

Coriolano do Rosário Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

22/3, às 15hs
Teatro Galpão

Atenciosamente

Luiz Fernando Guimarães
C.Ident. 2.358.910 Felix Pacheco

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 321

De ordem,
ao arquivo p/
os fins devidos.
Em, 24:03:76
[signature]
p/ ch. SCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-322

DPF
Fls. N.º 295
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 10

Título: O INSPETOR GERAL
De Gogol

Classificação Etária: DEZESSEIS ANOS.

Espécie: Peça teatral (ensaio geral) **Com cortes:** Sim

Boa Qualidade: _____ **Livre P/Exportação:** _____

Dublado: _____ **Legendado:** _____

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: Típicas do teatro surrealista, cômicas, sem excessos.

Época: Século passado **Gênero:** Comédia.

Linguagem: Em geral irreverente.

Tema: Desencontros numa pequena aldeia da época czarista.

Personagem: Cômicos, interesseiros, corruptos.

Mensagem: Entretenimento.

Enredo: Personagem passa-se por inspetor geral do Czar e cria uma série de situações cômicas.

1 — **Cortes:** Embora não indicados no script que ficou com o grupo, foram observados.

2 — **Conclusão:** Verificamos que o exame do ensaio geral em suas marcações, efeitos sonoros e músicas apresentadas, vestuário, cenário e desempenho dos atores estão de conformidade com a legislação censória.

Brasília, 22 de março de 1976.

A. G. FERREIRA — DALMO PAIXÃO

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 013, p.323.

DPF
Fls. N.º 296
Rubrica

COM CORTES

599/76

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGAL

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

22 MARÇO 81

22 MARÇO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 324.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGAL

COM CORTES

GRUPO DE AMADORES ASDRUBAL - BRASÍLIA - DF.

19 MARÇO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 07-15-28-31-32- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO ' GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22 MARÇO 76

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413 p 325.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. -DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

DPF DCDP Fls. N.º 297 Rubrica
SRA/FICHADO

OF.
Nº. 1142/76-SCDP/SR/SP

Em, 18 de maio de 1976.

ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "INSPETOR GERAL" original de Nicolai Gogol, "O JARDIM DAS DELICIAS" original de Arrabal, "ALUGA-SE UMA BARRIGA" original de Jurandyr Pereira, "ESCRITORIO COMPLICADO" original de Geraldo D. Bueno, "ENTREATO" original de Roberto Gill Camargo, "FANDO E LIS" de F. Arrabal, "RAINHA DO RÁDIO" original de José Saffioti Filho, "CHOQUE DAS RAÇAS" de H. Saraiva, "PIQUENIQUE NO FRONT" original de F. Arrabal, "QUANDO NO HORIZONTE BRILHAR O SOL DOURADO DE NOSSOS SONHOS" de Wagner V. de Menezes, INCELENÇA" de Luis Marinho, "OS MARGINAIS" original de Antonio Ciano.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.326.

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 298
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O Inspetor Geral

Nicolai Gogol

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS - c/ cortes

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. / 18 / 06 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 327

DPF
DCDP
Fls. N.º 299
Rubrica

22/06/76

478/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Informação (faz)

Ref. Of. nº 1142/76-SCDP-SR/SP

De ordem.
Ao Arquivo, para aguardar pronunciamento do SCDP-SR/SP
em 23-6-76

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "O INSPETOR GERAL" de Nicolai' Gogol, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 599, com a classificação etária 16 (dezesseis) anos com cortes.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de estima e consideração.

p/ CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor-Subst./DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.328.

DPF
DCDP
Fls. N.º 300
Rubrica

MJ - DPF - SRA/BSB
21 JAN 1977 002533
RECEBIDO POR

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4.8.1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Campina Grande, 17 de Janeiro de 1977.

Ilmº. Sr.
Diretor do Departamento de Polícia Federal
do D.P.F.
B R A S I L I A

Arquive-se e junte-se ao processo 2001/77

ROGÉRIO NUNES
Diretor do DCDP

Levo ao conhecimento de V.Sa., que o Grupo Teatral CÊNICO MANUAL BANDEIRA da Fundação Artistico Cultural Manoel / Bandeira., nada deve a SBAT local e está autorizado a montar a Peça " O INSPETOR" de autoria Nicolai Gógol.

Atenciosamente,

Maria Eliete de Souza
p/ João Correia de Araujo.

Reconheço a firma
Maria Eliete de Souza,
Campina Grande, 17 de Jan. de 1977
Em test. da verdade
Maria Iêda Albuquerque
ESCREVENTE

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO
J. Carlos Moura e
Maria Iêda Albuquerque
Escreventes
R. Floriano Peixoto - Forum Afonso Campos
Campina Grande - PB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 329.

Fundação Artístico - Cultural Manuel Bandeira (FACMA)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

DPF
DCDP
Fls. N.º 301
Rubrica

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.

A FUNDAÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL MANUEL BANDEIRA (FACMA), com sede na Avenida Brasília S/N, na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, apoiando-se, em documentação expedida pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, sede de Campina Grande, vem, mui respeitosamente, requerer a Vossa Senhoria que se digne liberar a adaptação de H. B. Filho' da peça de Nicolau Gógol " O INSPETOR", da qual seguem anexo , as três cópias para as devídas apreciações, como também uma fotocópia do ofício expedido pela SBAT.

NESTES TERMOS

PEDE DEFERIMENTO

Campina Grande, 17 de janeiro de 1977.

Hianí Siqueira Pequeno.

Hianí Siqueira Pequeno

PRESIDENTE DA FACMA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 330.

DPF D.DP Fls. N.º 302 Rubrica

TEATRO

TÍTULO O Inspetor Geral

Nikolai Gogol

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 anos

Praça Campina Grande - PB

Obs.:

DF. 17 / 02 / 77

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 15 de fev. de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libero se parecer amador

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

28/02/77

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 331

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
Fls. N.º 303
Rubrica

PARECER Nº 578 / 77

TÍTULO: " O INSPETOR" (Nicolau Gógol) (Adaptação de Hermílio Borba Filho)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS

Analisando a adaptação do texto em epígrafe, observamos no confronto com o original, a atenuação e mesmo ausência dos termos cortados anteriormente, além de não ter havido mudanças radicais que suscitassem nova classificação.

Ante o exposto, sugerimos a liberação do texto para maiores de dezesseis anos, à vista do ensaio geral.

Brasília, 14 de fevereiro de 1977

Mª HELENA MEDEIROS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 332.

DPF
DLODP
Fls. N.º 304
Rubrica

599/77

: O INSPETOR

: NICOLAI GÓGOL

23 JUNHO 77

28 FEVEREIRO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
16
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 333.

: O INSPETOR

: N. GOGOL

FACMA - PB.

HIANÍ SIQUEIRA PEQUENO

15 FEVEREIRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 FEVEREIRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 334

DPF
D. DP
Fls. N.º 305
Rubrica

239/77-SCTC/SC/DCDP 25/02 7

Superintendente Regional do DPF na Paraíba

O INSPETOR GERAL

Nicolai Gogol

Superintendente:

CAMPINA GRANDE-PB

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.335.

DPF
DCDP
Fls. N. 306
Rubrica

027/GB

PEÇAS TEATRAIS
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

027/GB

a xxxxx PEÇA

a O I N S P E T O R

xxxxxxxxxxx PRODUTOR - CLUBE GINÁSTICO

xxxxxxxxxxxxxxxxxx AUTOR = N. GOGOL

xxxxxxxxxxxxxxxxxx 01 16 MAIO 67

a xxxxx PEÇA

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP-nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO LIVRE DE RESTRIÇÕES.

ESTADO DA GUANABARA XXXXXXX 16 MAIO 67

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-336.

27

XXXXX DA PEÇA - O INSPETOR

XXXXXX AUTOR - N. GOGOL

LIVRE

16 MAIO 68

16 MAIO 67

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 337

MJ-DPF-SRA/BSB

DPF
DCDP
Fls. N.º 307
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional na Paraíba

13 OUT 1457 030904

RECEBIDO POR:

Of. Nº 0869/77-SCDP/SR/PB João Pessoa, 11 de outubro de 1977

SRA/FICHADO

FICHADO
S.A. DCDP

Arquivo
Verif. e prov.
Gm 14/10/77

Senhor Diretor

Para fins de revalidação de Certificado Censório, anexos, encaminhamos a V.Sª o Certificado Nº 599/77, referente à peça teatral "O INSPETOR", de Nicolai Gógol com validade até 30 de junho de 1977, requerimento da parte interessada e 1 (uma) cópia da referida peça, anteriormente, carimbada por essa DCDP.

Na oportunidade renovamos os protestos de estima e consideração.

Bel. JOSÉ ARMANDO DA COSTA
Superintendente Regional
SR/DPF/PB

Ilmº Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Brasilia - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 338.

Fundação Artístico - Cultural Manuel Bandeira (FACMA)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

DPF
DC:DP
Fls. N.º 30
Rubrica

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL.

A Fundação Artístico Cultural Manuel bandeira (FACMA) Entidade sediada nesta cidade à Aveni da Brasília S/N, vem, mui respei tosamente, requerer a Vossa Senhoria se digne renovar o Certificado d liberação da peça de Nicolai Gogol "O INSPETOR" cujo original segue em anexo para apreciação de V.S.

Nestes Termos

Pede Deferimento,

Campina Grande, 13 de julho de 1977.

Hiani Siqueira

HIANÍ SIQUEIRA- PRESIDENTE DA FACMA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.339.

Fundação Artístico - Cultural Manuel Bandeira (FACMA)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

DPF
DCDP
Fls. N.º 309
Rubrica

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL.

A Fundação Artístico Cultural Manuel bandeira (FACMA) Entidade sediada nesta cidade à Aveni da Brasília S/N, vem,mui respeitosamente, requerer a Vossa Senhoria se digne renovar o Certificado de liberação da peça de Nicolai Gogol " O INSPETOR" cujo original segue em anexo para apreciação de V.S.

Nestes Termos

Pede Deferimento,

Campina Grande, 13 de julho de 1977.

Hianí Siqueira

HIANÍ SIQUEIRA- PRESIDENTE DA FACMA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 340.

Fundação Artístico - Cultural Manuel Bandeira (FACMA)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

DPF
DCDP
Fls. N.º 31
Rubrica

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DELEGADO DA POLÍCIA FEDERAL.

A Fundação Artístico Cultural Manuel bandeira (FACMA) Entidade sediada nesta cidade à Aveni da Brasília S/N, vem, mui respeitosamente, requerer a Vossa Senhoria se digne renovar o Certificado de liberação da peça de Nicolai Gogol " O INSPETOR" cujo original segue em anexo para apreciação de V.S.

Nestes Termos

Pede Deferimento,

Campina Grande, 13 de julho de 1977.

Hianí Siqueira

HIANÍ SIQUEIRA- PRESIDENTE DA FACMA

Telefone 3.6178-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 341

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 341
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 599/77

PEÇA : O INSPETOR

ORIGINAL DE : NICOLAI GÓGOL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

VÁLIDO ATÉ 23 de JUNHO de 19 77

Brasília, 28 de FEVEREIRO de 19 77

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.342

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento

da peça intitulada : O INSPETOR

Original de : N. GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de FACMA - PB.

Requerida por HIANÍ SIQUEIRA PEQUENO

Tendo sido censurada em 15 de FEVEREIRO de 19 77 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 28 de FEVEREIRO de 19 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Chefe do Serviço de Censura

mhf

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.343.

TEATRO

DPF
D. DP
Fls. N.º 312
Rubrica

TÍTULO O Inspetor

Nicolai Gógol

1) Arquivo

Clas. Anterior 16 anos

Praça João Pessoa / PB

Obs.:

DF. 19 / 10 / 77 /

Joanna Nilva Moreira
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: renovação do certificado.

Brasília-DF, 19 de out. de 1977

Maria Helena L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR (16)
Classificação: dezesseis anos.
Brasília-DF, 19 out. 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe de Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.344.

DPF
Fls. N.° 318
Rubrica

1650/77-SCTC/SC/DCDP 19/10 7

Superintendente Regional do DPF na Paraíba

"O INSPETOR"

Nicolau Gógo

Superintendente:

JOÃO PESSOA-PB

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.345.

OPF
DCDP
Fls. N.º 314
Rubrica

599/77

"O INSPETOR"

"NICOLAI GÓGOL"

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
16
DEZESSEIS ANOS

19 OUTUBRO 82

19 OUTUBRO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.346.

"O INSPETOR"

" NICOLAI GÓGOL "

FACMA = PE (REQ. HIANÍ SIQUEIRA PEQUENO)

19 OUTUBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ' VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA A DCDP.

19 OUTUBRO 77

P/ CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

FMFN/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.347

SRA/FICHADO

DPF
DCDP
Fls. N.º 315
Rubrica

MJ-DPF-SRA/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 24 NOV 1977 034356

MJ-DPF/SR/BA
SCDP/SR/BA.

DPF-SRA
N. n.º
Rub.

RECEBIDO POR:

Ofício N.º 4228 /77-SCDP/SR/BA Em 23/11/77

DO: Sr. Chefe do SCDP/SR/BA

AO: Sr. Diretor da DCDP/DPF/BSA/DF.

Assunto: Encaminhamento (faz).

De ordem ao Siguino em 25-11-77

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminho a V. Sa., os textos das peças teatrais, abaixo relacionadas, e solicito que se digne mandar censurá-las de acordo com as normas censórias vigentes.

1 "O INSPETOR GERAL " de autoria de Nicolai Gogol, a requerimento de Jorge Antônio G. Madureira.

2 " CHECK -UP " de Paulo Pontes, a pedido de Eduardo Cabus.

3 " ALUCINAÇÃO DE CORINA ", autoria de Newton Belleza a requerimento de Albérico Pereira Alves.

Na oportunidade, reitero a V. Sa. meus protestos de estima e distinta consideração.

Maria Helena Guerreiro da Cruz.
TC- Chefe do SCDP/SR/BA.

nlmg

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.348.

DPF
D. DP.
Fls. N.º 316
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE MUSICA E ARTES CENICAS

SALVADOR - BA.
22.11.77

Senhor Diretor:

Jorge Antonio Gaspari Madureira, portador da carteira de identidade nº 741425 - SSP - Bahia, na qualidade de Assistente Administrativo da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBa., vem, mui atenciosamente, requere de V.Sa. que se digne encaminhar para exame o texto da peça "O INSPETOR GERAL" de Nicolai Gogol, de acordo com as normas censórias vigentes, para que o mesmo possa ser utilizado numa prova pública de interpretação dos alunos do 1º ano do Curso de Formação do Ator do Departamento de Artes Cênicas da EMAC. da Universidade Federal da Bahia.

Termos em que,
pede deferimento.

Jorge Antonio Gaspari Madureira

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de DiversõesPúblicas do Departamento de Polícia Federal
BRASILIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.349

DPF
D. DP
Fls. N.º 317
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O INSPETOR GERAL

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça SALVADOR - BA

Obs.:

DF. 25/ XI / 77/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 30 de nov. de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dezesseis (16) anos, sem cortes.
Brasília-DF, 01 / dez. / 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-350.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 318
Rubrica

PARECER Nº 5171 / 77

TÍTULO: " O INSPETOR GERAL "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

TEXTO - AUTORIA DE NICOLAI GOGOL

Comparando o presente texto, com o existente às folhas 19 a 116, constatamos perfeita identificação.

Os cortes assinalados nos demais "scripts", não constão do presente, em assim sendo, sugerimos a sua liberação para maiores de 16 anos, conforme classificação estipulada anteriormente no Certificado nº 2047/69.

Brasília, 30 de novembro de 1977

MARIA LÍVIA FORTALEZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 351

DPF
DCDP
Fls. N.º 319
Rubrica

599/77

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

19 NOVEMBRO 79

1º DEZEMBRO 77

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 352.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS DA UFBA - BA

30 NOVEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

1º DEZEMBRO 77

OFB

CARLOS A.MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-353.

DPF
DCDP
Fls. N.º 320
Rubrica

2024/77-SCTC/SC/DCDP 30/11 7

Superintendente Regional do DPF na Bahia

"O INSPETOR GERAL"

Nicolai Gogol

Superintendente:

SALVADOR-BA

ROGÉRIO NUNES

3R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 354

DPF
DCDP
Fls. N.º 321
Rubrica

Ilmº. Sr. Superintendente da Polícia Federal de Rondônia

Em anexo encaminho a V. Sª. três exemplares da peça para adultos intitulada "O Inspetor Geral" de Nicolai Gogol e adaptação de Hamilton Vaz Pereira, para que se processe a devida censura prevista nas Leis Vigentes para assuntos recreativos e culturais.

Agradeço antecipadamente as atenções dispensadas por V.Sª., e prontifico-me dentro da Lei, a aguardar as observações e pronunciamentes advindos de minha solicitação.

Porto Velho, 03 de Fevereiro de 1.978.

João Wlamir Rebêlo de Macêdo

Diretor do Teatro Experimental

"CORPO SOM"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.355.

DPF
DCDP
Fls. N.º 322
Rubrica

RELAÇÃO DOS COMPONENTES DA PEÇA "O INSPETOR GERAL"

ANA LÚCIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA	-	C.I. 83.410
JÃO BATISTA LIMA RODRIGUES	-	C.I. 56.210
ELIANA DA SILVA SEGISMUNDO	-	C.I. 69.672
INAR TEIXEIRA CUNHA	-	C.I. 36.353
EDMILSON FERNANDO SOARES	-	C.I. 384.661
JUCELINO PEREIRA	-	CARTEIRA DE ESTUDANTE
PAULO DE TARSO	-	CARTEIRA DE ESTUDANTE
JOSÉ DA SILVA GOMES	-	C.I. 43.919
JOÃO WLAMIR REBÊLO DE MACÊDO	-	C.I. 25.307

Acrescento ainda que a peça terá 18 Quadros dividida em 02 atos.

O figurino é o mais despojado possível - com simples acessórios necessários à construção das personagens.

O cenário, em acompanhamento aos figurinos, serão simples' caixas que os atores movimentarão durante o decorrer da peça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.356.

TEATRO

DPF
D DP
Fls. N.º 323
Rubrica

TÍTULO O INSPETOR GERAL

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça PORTO VELHO - RO

Obs.:

DF. 17/02/781

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezesseis anos, bem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 22 de março de 1978

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezesseis (16) anos, sem cortes.

Brasília-DF, 28/março/1978.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

920

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 357

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
D. DP
Fls. N.º 324
Rubrica

PARECER Nº 677 / 78

TÍTULO: "O INSPETOR GERAL"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Conforme conclusão

Adaptação de Hamilton Vaz Pereira

Ao proceder o exame da peça epigrafada com os originais em nosso poder, constatei que:

-A cópia enviada pela SR de Porto velho é idêntica, nas partes que se referem às folhas 270 e seguintes apensas ao processo;

-As folhas 270 e seguintes constantes do processo, originaram em 1974 a emissão do certificado nº 599/74, ainda em vigor e, são, somente, as folhas que contém os cortes assinalados na dita adaptação;

-Assim, o confronto foi efetuado com base, somente, nas folhas em nosso poder, permanecendo as demais folhas do texto sem possibilidade de confronto.

Portanto, tendo em vista tratar-se de uma adaptação com valorização de partes não constante do texto original e, impossibilitado que estou de confrontá-lo integralmente, haja vista os motivos acima expostos sugiro a esta chefia a reprogramação da peça com o intuito de nova censura.

Brasília, 3 de março de 1978

Gilberto Hortêncio de Souza

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.358

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
D DP
Fls. N.º 325
Rubrica

PARECER Nº 793 / 78

TÍTULO: O INSPETOR GERAL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos com cortes-(dezesseis anos)

Espécie: peça teatral autor: Nicolai Gogol
Adaptação: Hamilton Vaz Pereira

Por ser adaptação, o texto, da peça O Inspetor Geral, original de Nicolai Gogol, remetido pelo "Teatro Experimental Corpo Som" de Porto Velho- RO., para censura, não se encontra idêntico ao texto completo, existente em nossos arquivos. No entanto, feito o confronto, verificou-se semelhança com trechos de uma outra adaptação, já liberada que se referem a cortes - páginas 270 a 281 do processo.

Feito o exame censório para a peça em geral e o confronto dos cortes, entendo possa a mesma ser liberada com a censura indicada anteriormente com cortes assinalados às páginas: 5,6,10,15,16,17,23,24,25,26,31 e 32, - do mesmo modo. /

Brasília, 13 de março de 1978

Teresa Cristina dos Reis Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.359.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 326
Rubrica

PARECER Nº 920 / 78

TÍTULO: "O INSPETOR GERAL" (Peça Teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSSEIS) anos

Autor: Nicolai Gogol

Após examinar a peça supramencionada, constatamos o seguinte:

- O texto em apreço, não obstante tratar-se de adaptação não se lhe alterou, em essência o conteúdo, verificando-se semelhança com o original constante do processo.

- Possui certificado em vigor, com restrições aos menores de 16 (DEZESSEIS) anos, sem cortes.

- Quanto aos cortes anteriormente assinalados/ (fls. 270 a 281 do processo) e adotados no parecer nº 793/78, são irrelevantes, uma vez que não ferem a legislação em vigor e que as situações suprimidas podem ser assimiladas pelo público a que se destina sem o perigo de distorções e sem prejuizo para a sua formação.

Face ao exposto, opinamos pela liberação aos maiores de 16(DEZESSEIS) anos, sem cortes, conforme o último / certificado expedido, com vigência até 19.11.79.

Brasília, 22 de março de 1978.

Jeanete Maria de Oliveira Farias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 360.

DPF
DCDP
Fls. N.º 32
Rubrica

O
INSPETOR
GERAL

Nicolai
Gogol

Adap.
Hamilton Vaz Pereira

MONTAGEM: "TEATRO EXPERIMENTAL CORPO - SOM"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.361

DPF
DCDP
Fls. N.º 328
Rubrica

O INSPETOR GERAL

Cenário: No extremo do palco uma placa escrjta S.Peterpan. No meio do palco o nome da cidade: CORPOSOM CITY. Num outro extremo do palco outra placa escrita POLO NORTE.

Um cartaz à porta tem escrito o nome da peça, do autor e de um velho provérbio: " A culpa não é do espelho se tens a cara torta"

QUADRO I Diretor do espetáculo diz:Senhoras e senhores, o grupo T.E.C.S. tem o prazer de apresentar sua terceira produçoão, uma comédia de Nicolai Gogol intitulada O Inspetor Geral.

E ASSIM SEJA. A PARTIR DE AGORA NINGUEM ESTÁ SALVO - NINGUÉM ! NEM MESMO EU!

QUADRO II CORPOSOM CITY - Música. Beguin the Beguine(cole Porter)
(Instrumental

A cidade CORPOSOM CITY tem seu pacato cotidiano quebrado com a entrada do governador segurando mil fitas magnéticas...

GOVERNADOR: Uma notícia muito desagradável!

ESTÉPAN: Que desagradável!

GOVERNADOR: Uma situação melindrosa!

IVAN: Polo Norte aqui vou eu!

GOVERNADOR: Um inspetor geral!

LUCAS: Do Gogol!

GOVERNADOR: Um inspetor de S. Peterpan!

TECS: Da capital!

GOVERNADOR: Viagem incognito!

WANDERLÉIA: 007

GOVERNADOR: E para o cúmulo dos males...

Dr. ARTEMI: Malvado, malvado!

GOVERNADOR: Em missaõ secreta!

AMOS: Bota secreta nisso!

GOVERNADOR: Meus senhores, chameio-es aqui para lhes dar uma notícia muito desagradável: É iminente a chegada de um inspetor geral.

TECS: Aqui?Em CORPOSOM CITY

GOVERNADOR: Vou ler para os senhores uma carta de um amigo meu me alertando de tudo, ouçam bem:"Querido amigo, compadre e benfeitor". Aqui ele fala sobre o tal inspetor que viaga pelas cidades do interior inspecionando as repartições do governo...Atenção:"Por issso, aconselho-o que tome cuidado porque o inspetor pode chegar de um momento para o outro...E mais uma vez atenção:"Sua irmã meu caro amig veio visitar-nos ontem com seu marido que engordou muito mas continua tocando violino etc..."Por aí vocês veêm como a situação está preta!

TECS: O caso é excepcional, é realmente excepcional! É o destino! Desta vez estamos fritos! Chegou a nossa vez!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.362

DPF
D.C.DP
Fls. N.º 329
Rubrica

AMOS: Eureka!

TECS: "CHAN-CHAN-CHAN-CHAN-CHAN-CHAN"

AMOS: Eu creio senhor governador que para isso deva existir um motivo sútil e de índolew política. Eu me explico:TURCOS!

TECS: TURCOS!!??

AMOS: Sim, turcos. A Rússia...isto é... A Rússia deseja a guerra e o ministério manda o geral para averiguar se por acá existe algum traidor. Essa sua quedinha pro comércio!Esse perfume oriental! Esse olhar turco!Essa sua pele azeitonada!Turquinho de uma figa! Traição, reina trição!C.Q.D. COMO QUERÍAMOS DEMONSTRAR

GOVERNADOR. Senhoras e senhores, é com grande júbilo que temos o' prazer de anunciar que temos entre nós do juiz AMOS FIODOROVITCH - Um paladino da avicultura e nós ficamos em embasbacados ao ouvir de vossos lábios - MAS,QUE ASNEIRA Traidores numa cidadezinha como a nossa!? Estamos tão a longe de qualquer pocoado que mesmo viajando três anos a cavalo não chegaríamos a lugar nenhum!

AMOS: Posso garantir senhor governador, que o ministério é muito astuto e não escapam seus olhos nem os povoados mais distantes.

GOVERNADOR: Naturalmente... a avicultura é digna de todos os elogios e porque é que um homem não poderia criar aves?Mas, senhor juiz AMOS FEDOROVITCH, eu creio que um tribunal,' não é o local apropriado para se criar galinhas!

AMOS: Está aberta a sessão!

ESTÉPAN: Excelência, trata-se de uma disputa!

(DUAS MÃES AFLITAS DISPUTAM A POSSE DE UMA ÚNICA CRIANÇA)

GOVERNADOR: Eu sempre queria chamar sua atenção sobre esse tipo' de coisa! Mas não sei porque sempre me esquecia.

AMOS: Hoje mesmo darei ordens para que apreendam as galinhas e que sejam levadas imediatamente para a cozinha. Se o senhor quizer, venha papar comigo.

GOVERNADOR: Quando o inspetor tiver ido embora que tudo colte ao normal!

AMOS: "Salomão, preciso de tí outra vez". "Eu ser Salomão,trago as girls" Você dizer ser mãe criança? _ E você dizer' ser mãe criança? "Põe criancinha pé de Salomão" Vou dar minha manjadíssima sentença:

PARTAM A CRINÇA AO MEIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.363.

DPF DI.DP Fls. N.º 330 Rubrica

GOVERNADOR: Também devo dizer que seu secretário - claro que são homens capazes - mas cheiram tão mal que parece que tivessem saído de uma lixeira. Se é verdade que o mau cheiro é de nascença, como o alho, cebola...!

AMOS: Mas afinal de conta senhor governador,"pecadilhoos"- quem não os tem neste mundo? Eu,por exemplo, digo a digo a todo mundo que me vendo abertamente.

início → GOVERNADOR: O importante é que o senhor não acredira em Deus e nunca vai a igreja; eu, pelo menos sou homem de fé inquebrantável! Quando o senhor fala da criação do mundo, os meus cabelos ficam de pé!

AMOS: Tudo o que eu falo é fruto da minha própria inteligência.

GOVERNADOR: Quanto ao senhor Lucas, como Diretor da escola seria, conveniênte que se preocupasse um pouco com seus professores. Bem sei que se trata de cabeças extraordinárias, gente que engoliu um oceano de conhecimentos.Intelectuais de vanguarda! Mas, um deles que tem a cara larga. Toada vez que começa a aula faz uma careta assim... talvez deva ser assim mesmo, isso eu não posso julgar porque eu não tenho conhecimentos pedagógicos. Mas, pense bem, se o professor fizer uma careta dessa diante de um visitante ilustre, eu sempre queria chamar sua atenção.

LUCAS: Eu já falei com ele tantas vezes.Outro dia, acabei levando o maior sermão do padre por deixar que se empla te na juventude idéias tão avançadas.

GOVERNADOR: Mesma coisa devo dizer em relação a todos os outros e professôres, são uns sábios - isso é evidente- sabem, muito, mas se expressam com tanta veemência que se esquecem do resto.Outro dia eu mesmo ví pelo buraco da fechadura, o professor de História enqunato falava dos Assírios e dos Babilônios ia tudo bem, mas quando chegou a vez de Alexandre o Grande, o que se passou ali foi indescritível.É certo que Alexandre o Grande foi um herói...

TECS: Mas...

LUCAS: De fato, é um homem muito impulsivo.Eu já lhe fiz esta observação antes e sabe o que ele me respondeu:Eu serei capaz de dar minha vida pela ciência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 364, Filipovich

DPF DCDP Fls. N.º 331 Rubrica

GOVERNADOR: ASSIM é misteriosa lei do Destino: O homem inteligente quando não é um bêbado, é um muito louco!
Os senhores já estão avisados.De minha parte já tomei' algumas providências e ~~os~~ aconselho a fazer o mesmo.Sobre tudo o senhor doutor Artemi Hindeburgo. Sem dúvida um inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o hospital.

ARTEMI: Minhas madicinais saudações!Como vocês sabem, vocês te todo dia 10 segundos para satisfazer sua"necessidades" E vou começar a conta... 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10, acabou o tempo.

GOVERNADOR: Eu sempre queria chamr sua atenção para este tipo de ~~é~~ coisa! E Artemi, não custa fornecer roupa limpa aos doentes...

ARTEMI: Agora chegou a hora do nosso chato banho semanal.Mas infelizmente a CAERD cortou a água, falta de pagamento.

GOVERNADOR: E além disso seria conveniente ao pé de cada cama uma ficha com o nome da doença e a dataz de entrada do paciente, tudo escrito em latim. Bem depois que o inspetor for embora e tudo volte ao normal.

ARTEMI: Por que tantas reclamações? Aguardem que já vem para ' vocês aquela sopinha feita a semana passada.

TECS: É hora do([redacted]) lanche/ Que hora tão feliz/
Queremos a sopinha do Artemi,..

GOVERNADOR: Ah e depois há doentee demais. Da até uma má impressão ver tantos doentes no seu hospital. Podíamos dispensar alguns.

ARTEMI: Quanto a isso pensamos da mesma forma. O homem é um se simples, quando tem de morrer morre mesmo, e quando tem de ficar bom,não há Cristo que o impessa.

Entra Ivan.

Eu sou o caarteiro.
E essa aqui a minha amiguina A CARTA.

GOVERNADOR: Diga-me lá Ivan Kusmitch como vão as coisa pro se lado?

IVAN: Bem...acho que bem. E pro seu lado senhor governador,como é que vão?

GOVERNADOR: Eu não direi que sinta terror mas...

IVAN: Mêdo?

GOVERNADOR: De montão...Quando um homem de tanta importância está por perto, a gente deve sempre ter medo. E além disso,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.365.

DPF DCDP Fls. N.º 332 Rubrica

... os comerciantes me causam muitas dificuldades; dizem que eu lhes tiro muito dinheiro. Eu, só Deus sabe, quando aceitava alguma coisa deles era sem ódio e sem maldade, não é gente? Dói...

GOVERNADOR: Ouça Ivan Kusmitch, para o bem de todos e felicidade geral nossa, o senhor como chefe dos correios, daqui por diante, não poderia abrir as cartinhas que entram e saem da sua repartição...assim, só prá ver se tem uma denúnciazinha de leve contra algum, e depois se não tiver, aí...

IVAN: Senhor GOVERNADOR! Há mais de 20 anos que eu faço isso Hoje mesmo interceDí esta carta! É uma carta de um sub-oficial que escreve a um amigo também sub-ofocial. E que descreve, ele conta tudo, de A a Z, tudo o que ele viu...que passagem interessante, com que talento ele narra: UM BAILE! A vida flui num sétimo céu e soa música. Jovens formosos... Eu adoro saber o que se passa pelo mundo.

GOVERNADOR: Por favor Ivanzinho, então ficamos combinados assim: Ca caia em suas mãos ou não, alguma queixazinha, denunciazinha, ras sem a menor consideração!

IVAN: Com muitíssimo gosto!

QUADRO III - Música - Carimbó (Sinhá Pureza -Pinduca)

BOB: Uma novidade inesperada , SÔ!

DOB: Um acontecimento extraordinário, SÔ!

BOB: Por favor, seu Pedro Ivanpvitch, permita que eu conte tudo!

DOB: Ah não seu Pedro Ivanovitch, o senhor vai esquecer alguma coisa importante!

até aqui → GOVERNADOR: Falem, pelo amor de Desus, oque foi que aconteceu?

BOB: Contarei tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de ter o prazer de sair de sua casa, depois que o senhor recebeu aquela carta malvada quando cismei de ir a casa de Korobkin, o artesão "Oh madame Korobkin, como vai?"

DOB: "Tudo bem, Pedro..."

BOB: E os Korobkinhos vão bem?

DOB: Bem...

BOB: Num é?

DOB: Foi...

BOB: E o seu Korbkin está?

DOB: Koróbkin? Não-...

BOB: Como Koróbkin não estava, fui visitar o Ivan Kumitch, aqui presente para lhe contar as notícias do governador.

DOB: Mas, ali...pertp daquele quiosque onde se vendem din-dins..

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.366

DPF DCDP Fls. N.333

BOB: Encontrei-me com Pedro Ivanovitch " Oi Pedro, por acaso o Sr. já soubr da notícia que o senhor governador recebeu atravéz ' de uma carta fidigna?

TECS: Entre logo no assunto! Entre logo no assunto!

DOB: Não é fidigna, é fidodgina!

BOB: Encontrando-me com Pedro Ivanovitch, pretendíamos ir à casa ' do Potchetchniev para contar as novidades, quando Pedro me ' disse: "Vamos entrar no hotel? Sinto um grande vazio no estômago, ainda não comi nada hoje...Mal tínhamos entrado no hotel, quando DE REPENTE!!!

BOB: Um homem jovem, bem apessoado, com trajes civís...

DOB: Topete Elvis Presley, gravata borboleta e sapato cor de abó-' bora...

BOB: Estava passeando pela sala com um ar profundo. E uma fisionomia! Parecia saber de tudo! Então Pedro Ivanovitch chamou o dono do hotel.

DOB: "Ô Vlas, quem é aquele môço?

BOB: Aquele lá? Respondeu o Vlas.

DOB: Sim! Sim! Sim!

BOB: Por favor Pedro Ivanovitch, o senhor não pode contar, está ciciando...

TECS: Entra logo no assunto! Entra logo no assunto!

BOB: Aquele lá? É um funcionário que veio de S. Peterpan e que se' chama Ivan Alexandrovich Khlestakov. E viaja a caminho de Saratóv...Mas age de uma maneira muito estranha: há duas semanas ' que mora aqui e não sai do hotel, compra tudo a crédito e não paga um centavo. Por que diabo um homem tão distintot perdera seu tempo numa cidadezinha como essa? É realmente muito estranho!!!

BOB: Assim que eu ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse: HUMMMMM.

DOB: Não, Pedro Ivanovitch, quem disse HUMMMMMM...fui eu.

BOB: Primeiro foi o Sr., mas eu imediatamento depois disse HUM-HU'

GOVERNADOR: Os senhores estão querendo dizer que esse forasteiro é o Não!

BOB E DOB: É ele sim! Aposto que é!!!

DOB: Ele é tão elegante e tão observador!

BOB: Eu estou sentindo um calafrio no corpo([redacted]) todo.

GOVERNADOR: Há quanto tempo que ele está aqui?

DOB: Há dua semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR: Ai meu são Basílio! Nessasa duas semanas espancamos a viúva do sub-tenente, não demos comida aos presos e as ruas estão piores que um chiqueiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.367

DCDP Fls. N.º 336 Rubrica

WANDERLÉIA: Senhor Governador, não seria conveniente se fôssemos ao hotel em procissão?

IVAN: Não, seria melhor que o grupo fôsse encabeçado pelo clero e os comerciantes.

GOVERNADOR: Um momento, os senhores disseram que o forasteiro é Jovem?

BOB: 23 para 24 anos...

DOB: Não! 24 para 25 anos...

GOVERNADOR: Melhor assim! O perigo é tratar com uma raposa velha. Um jovem tem tudo à flor da pele...Os senhores se preparem prá enfrentar a situação do nosso lado! Wandeca, vai depressa buscar o nosso memorável chefe de polícia!

GOVERNADOR: Onde está Stepan Ilich, o nosso memorável chefe de Polícia?

WANDERLÉIA: Ontem ouve uma briga fora da cidade, Stepan Ilich, o nosso memorável chefe de polícia foi para o local restabelecer a ordem. E voltou bêbado. Trouxeram ele de madrugada, jogaram dois baldes d'água em cima dele, mas até agora nada!

TECS: A COISA VAI PIORAR!!! Um inspector geral na Capital? Que faremos? UAU! Vôo de Besouro -(Rinsky-Instrumental)

GOVERNADOR: Ai,Ai.meu Deus! Wandeca, vai correndo até a minha casa e me tráz depressa minha espada e meu chapéu novo!

GOVERNADOR: Oh minha espada! Fiel companheira!

BOB: Vejam só como está a espada dele, SÔ!

DOB: Esse maldito comerciante Abdulin!

AMOS: Ele sabe muito bem que o governador está usando uma espada velha!

WANDERLÉIA: E não é capaz de lhe mandar outra nova.!

IVAN: E aposto que ele já está com uma denunciazinha debaixo do braço!

GOVERNADOR: Graças a Deus, Stepan Ilich, o nosso memorável chefe de polícia, onde andou metido?

STEPAN: Estive fora da cidade mantendo a ordem.

GOVERNADOR: Stepan Ilich, o Inspetor de S. Peterburgo chegou. Que medidas foram tomadas?

STEPAN: As que o Sr. indicou: 1) Mandei o Pugovitzen ficar no meio da ponte, ele é alto e bonito, causará uma ótima impressão, certo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 368.

MJ-DPF-SRA/BSB
004283

DPF
DCDP
Fls. N. 335
DPF-SRA
N. n.º
Rub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Arquivo
verif. e provid.
15/02/78

Porto Velho RO ~~Brasília, DF~~

Em 09 de fevereiro de 1.978.

OF. Nº 005/78-SCDP/SR/DPF/RO

Do Superintendente Regional do DPF em Rondônia

Ao Sr. Diretor da Div. de Censura de Diversões Públicas

Assunto Encaminhamento - Faz

Senhor Diretor,

Encaminho a V. Sª., em anexo, três cópias da Peça Teatral " O INSPETOR GERAL " para obtenção do Certificado Liberatório de Espetáculo Teatral.

Na oportunidade, reitero protestos de consideração.

Bel. MARTINHO GUIMARÃES DE OLIVEIRA
Superintendente Regional em Exercício
SR/DPF/RO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 369

DPF DCDP Fls. N.º 336 Rubrica

início folha 7 página 272

STEPAN: 2) Mandei derrubar aquela cerca velha da casa do sapateiro e mandei para lá algumas figas, pedras, pedrinha madeiras, madeirinhas para dar a impressão de que se está construíndo!...

GOVERNADOR: Quanto mais obras públicas, mas se nota a atividade do Governador.

BOB: E se perguntarem porque não reconstruiram a capela do hospital?

DOB: Aquela que todo mundo aqui deu dinheiro e nada de capela?

GOVERNADOR: Não se esqueça que recomeçamos a reconstrução mas a capela pegou fogo. E se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos devem responder:

TECS: CONTENTÍSSIMO EXCELÊNCIA!!!

GOVERNADOR: Stepan Ilich, uma conversa em particular! Não deixe os soldados saírem de cuecas pelas ruas como costumam fazer, esmurrando o olho de todo mundo, inocente ou culpado!!!

QUADRO IV: Música: La Fogarracia - Nono Rota (Instrumental)

GOVERNADOR: Nossas saudações e nossos melhores augúrios, Excelência!

TECS: Eminência! Merentíssimo! Vossa Alteza! Vossa Alteza Sereníssima! Fidelíssima! Senhorzinho! Paizinho! Seu doutor! Xará...

GOVERNADOR: Estando passeando e cantarolamdo pelas ruass - Eu e meu secretariado, entamos no Hotel para ver se tratavam bem os turistas(aplausoa) meu dever como governador dessa cidade, é zelar para que não sejam molwstados os hóspedes dêsse hotel e demais pessoas respeitadas(aplauso) O salário que o governo paga não dá nem pro cafezinho. Se houve suborno, foi por uma ninharia. Alguma coisa prá mesa, um cortezinho de pano para fazer uma roupinha!(aplausoa) e quanto a esses boatos de que eu mandei surrar a viúva do Sub-tenente(calúnia) aquela que faz contrabando, ele mesmo se surrou!

LUCAS: Nós num tem brioteca!
A nossa brioteca são povo
E cada povo representa um volume
E cada volume um pensamento adiverso!

MARCAÇÃO

(SAI DAÍ BOÇAL)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.370.

10
DPF
DP
Fls. N.º 337
Rubrica

Boçal não, nós semu é altistas!
E progressitas como a locomotiva que vagueia pelos
zorizonti son fins
Imbora fitigrafada por riba dos avexames!
(SAI DAÍ ENERGÚMENO)
Energúmeno nunca! Se marechal Floriano
Aquela fera indomável - aliás uma pantéiria...
Fôsse vivo! 'oces não a diria semelhante isso.
E -e por isso que essa merda não progredeu

QUADRO V: Música-Top Hate Let's Face the Music and Dance.
(Irving Berlin) Instrumental

OSSIP: Há dois meses que saímos de S. Peterpan e se continuar dêsse geito, nunca vamos chegar em casa-Em Saratóv! Nosso torrão natal. Que fome que eu tenho!...Meu estômago está todo alvoroçado. Parece que tem uma banda militar tocando trombone aqui dentro.

KHILESTAKOV: Au debut...Campignons avec tartaruga
Alors...Langoust avec pato au tucupí
Un faisan avec tambaquí
Pour le desert un pirarucú,oh! Merci beaucoup!
Ah!...Prá ele: meio quilo de farinha d'água.

OSSIP: No campo se vive bem melhor baixa arrumar uma das bonotonas...claro que em S. Peterpan também se vive bem quando se tem dinheiro.Lá existe teatros,política dança de cachorros...
Lá se fala uma linguagem mais florida que a dos nobres
É o patrãozinho que tem culpa de tudo!
Não passa de um dactilógrafozinho
O pai lhe manda dinheiro, bastaria ter um pouco de cuidado, mas em lugar de se dedicar ao trabalho...
Que diabo! Funcionário sempres é funcionário!

QUADRO VI:

KHELESTAKOV: Ih Ossip, acabou o cigarro.

OSSIP: Faz mais de quatro dias que ele fumou o pouco que ainda tinha...

KLESTAKOV: Escuta Ossip, vai lá, lá embaixo na cozinha. Diz prá eles o seguinte: Eu preciso comer!

OSSIP: Não. Eu não quero ir!

KLESTAKOV: Como você se atreve a me responder assim, estúpido!?

OSSIP: Eu me atrevo porque me atrevo. E mesmo que eu fôsse, não iria me adiantar nada. O hoteleiro disse que não vai dar mais comida prá gente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.371

DPF D. OP. Fls. N.º 338 Rubrica

KLESTAKOV: Isso é um absurdo!

OSSIP: "Êsse teu amo é um charlatão, já ví muitos tipos desse laia!"

KLESTAKOV: É,.. e você se alegra todo em repetir o que ele disse não é?

OSSIP: "Desse jeito qualquer um com tipo de charme pode vi-' como um príncipe e ficar cheio de dívidas."...

KLESTAKOV: Vá! Pro diabo que te carregue! Estou cheio de fome e ' ainda fica me grilando...se não fosse aquela farra em Pensa...o dinheiro dava prá chegar em casa...cidadezinha chata! Pelo visto ninguém que r conversar comigo. O resto é silêncio. (Shakespeare). Quem mandou você ' errar (Cláudia Barroso).
Volta prá cada bicho, tua mãe tá muito louca(ESSA É' MINHA MESMO)!
MÚSICA: TEACH ME TIGER - NINO TEMPO

KLESTAKOV: Oi, irmãzinha, como é que vai?E...como vai o hotel ' tudo em ordem? Muitos hóspedes?Um grande papo...ouve' minha queridinha: até agora não me trouxeram almôço. Eu queria que você fizesse o favor de dizer prá eles mandarem logo que eu tenho muito o que fazer.

WANDECA: Patrão mandou dizer que não vai dar mais nada pro senhor comer.

KLESTAKOV: Meu amor, você é inteleigente e compreende que eu preciso comer. Fora de brindadeira, tenho muita vontade' de [redacted] comer.

WANDECA: "Eu não lhe darei o que comer enquanto não me pagares o que me deve!

KLESTAKOV: Você precisa fazer com que ele volte a sí e raciocine Dinheiro é apenas dinheiro. Seu patrão pensa que porá que ele é um camponês e pode passar uma semana sem co os outros também podem?! (SAI WANDECA) Talvez fôsse' bom eu vender alguma roupa.Não! É melhor que eu che-' gue em casa com meu terno de S. Peterpan, é sempre uma garantia(ENTRA VANDECA). O almoço! O almoço ai que alvorôço! Eu vou comer!

WALDECA: O patrão mandou avisar que essa é a última vez.

KLESTAKOV: Teu patrão que vá pro diabo! Um momento. Só um prato? Só isso eu me recuso a aceitar. Isso me parece extremamente ridículo.

WANDECA: O [redacted]e Vlas, meu patrão, acha que é demais.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.372

DPF
Dv.DP
Fls. N.º 339
Rubrica

KLESTAKOV: Hoje de manhã eu ví dois curupiras comendo bacalhau e outra gulozeimas!

WANDECA: Essas comidas existem e não existem.

KLESTAKOV: E o bacalhau e as outra gulozeimas?

WANDECA: Isso tudo é para as pessoas decentes.

KLESTAKOV: Imbecil! Porca! Como é que se explica que aqueles dois caipiras comam e eu não.O que eles tem que eu não tenho?

WANDECA: Dinheiro.

KLESTAKOV: Eu não vou discutir com você, imbecil! Mas, eu te advito, nunca mais fale comigo nesses termos. Está acostumada a tratar assim os seus outros. Mas comigo é diferente minha irmã!Cartão vermelho para você.
Ossip, que sopa é essa?

OSSIP: De galinha...foi o que disseram...

KLESTAKOV: Foi feita com água podre! Não tem cheiro nem gosto!Eu acho que nunca ninguém conseguiu tomar essa sopa!E pelo visto, muitos já tentaram... de que será que morre essas galinhas? Assim desanima. Olhe aqui, uma coixinha de galinha varicosa! Canalha desalmado!Esse hotelzinho está pensandoque pode me tratar assim, como sem (rodeios) se eu fosse um comerciantezinho,ô Vlas, eu vou dizer na sua cara, sem rodeios. Qual é rapaz?

QUADRO VII - La Fogaraccia - Nino Rota - Instrumental

GOVERNADOR: Minhas saudações e meus melhores augúrios.

KLESTAKOV: Seu servidor!

GOVERNADOR: Desculpe...

KLESTAKOV: Não há de que...

GOVERNADOR: "Meu dever como governador dessa cidade é zelar para que não sejam molestados os hóspedes deste hotel e demais pessoas..."

KLESTAKOV: O que é que o Sr, quer que eu faça? Eu juro que vou pagar. Devo,não nego! Eu sou uma pobre vítima da sociedade de consumo. A culpa, para se sincero, é deste tal de Vlas. Ele me dá sopa...

GOVERNADOR: O senhor me perdoa, mas a culpa também não é minha!

ASDRUBAL: Ele está com as massas! Ele está com as massas!

GOVERNADOR: Os comerciantes que vendem galinhas em nossa cidade são gente que não bebe e de ótima conduta moral. E francamente não sei onde o hoteleiro faz esse tipo de sopa! E se na cidade a outra coisa de anormal, não é do meu conhecimento.Eu só peço que o senhor me permita a convidá-lo para se mudar para outro domicílio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-373.

DPF DCDP Fls. N.º 340 Rubrica

KLESTAKOV: Eu sei muito bem o que significa esse outro domicílio: é a prisão! Mas, com que direito o senhor me propõe uma coisa dessas?Eu sou um alto funcionário de S.Peterpan.

GOVERNADOR: Ele já deve saber de tudo. Esses comerciantes me traíram!

KLESTAKOV: Mesmo que o senhor venha com reforços eu não irei! Eu vou me queixar ao Ministro!

GOVERNADOR: Tenha piedade, não me desgrace! Tenho mulher e filhos!

KLESTAKOV: Muito bonito, só porque o senhor tem mulher e filhos,' eu vou prá cadeia!

LUCAS: Ih, o inspetor está dizendo que vai pagar tudo o que' deve!

ARTEMI: Mas, que assim de imediato não tem dinheiro.

IVAN: O governador está oferecendo dinheiro para pagar a ' conta do hotel.

WANDECA: O visitante aceitou o empréstimo do Governador!!!

AMOS: O Governador está mostrando a cinceridade de seu caráter e a bondade de seu coração.

ASDRUBAL: A COISA VAI MELHORAR!!!

GOVERNADOR: Porque não sou um desses governadores que não se importa com nada. Muito além do meu dever, por simples espírito cristão e de humanidade, quero que todos os hóspedes ' sejam bem recebidos.E eis como recompensa divina, a fortuna me fez travar uma amizade tão agradável.

KLESTAKOV: Eu também estou muito contente. Se não fosse o senhor, eu ia acabar ficando desta cidadezinha o resto da vida.

GOVERNADOR: Se não for demasiada indiscreção, poderia perguntar para onde o senhor se dirige?

KLESTAKOV: Vou à província de Saratóv onde minha família tem uma fazenda.

GOVERNADOR: Que ótima idéia! Se viaja apenas para se distrair I PRESUME.

KLESTAKOV: Não. Meu Papá mandou me chamar. O velho pensava que assim que eu pudesse os pés na Capital o chefe da repartição me penduraria uma medalha no peito. Não é uma tolice? Eu não posso viver longe de S. Peterpan! Como é que eu posso' estragar a minha vida vivendo no meio de camponeses? Eu tenho outras necessidades espirituais!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 374.

DPF DCDP Fls. N.º 341 Rubrica

GOVERNADOR: A sua observação é muito exata. Não é possível fazer' nada nessas solidões. Este povoado, por exemplo, sacrifico-me sem requerer nada em troca. Mas meu prêmio, quando virá? Este quarto é um pouco úmido, não?

KLESTAKOV: Detestável! Se fôsse só a umidade não era nada, mas ' tem percevejos como eu nunca vi na vida!

GOVERNADOR: Um turista tão culto! Ser obrigado a sofrer tais desgraças. E por culpa de quem? Por culpa desses miseráveis percevejos que nem deviam ter nascido. Se eu tivesse o atrevimento... em minha casa eu poderia lhe oferecer um famoso quarto, com muita luz. Mas, não. Compreenda... se eu ouso é porque sou todo coração.

KLESTAKOV: Eu terei imenso gosto.

GOVERNADOR: Que alegria o senhor me dá. E nem quero imaginar a satisfação de minha senhora. Sou hospitaleiro desde criança. Sobretudo quando o hóspede é pessoa culta. Não pense que falo por lisonjeá-lo.

KLESTAKOV: A mim também não agradam os hipócretas. Gosto muito de sua bondade e confesso que isto basta. A Fidelidade e o Respeito.

GOVERNADOR: O Respeito e a Fidelidade.

WANDECA: O senhor chamou?

KLESTAKOV: "Eram duas bichonas.."

GOVERNADOR: "Comigo não tem esse papo de Andrógino"

KLESTAKOV: Traga a conta.

WANDECA: Já trouxe várias vezes. Logo no dia de sua chegada o senhor pediu almoço. E desde então nunca mais pagou ' coisa alguma.

GOVERNADOR: Imbecil! Agora te deu vontade de ficar fazendo cálculos?

KLESTAKOV: Quanto é que devo no total?

GOVERNADOR: Não se preocupe, isso pode esperar (MANDA EMBORA WANDECA) O senhor gostaria de visitar alguns estabelecimentos de nossa cidade? Para ver como administramos a ' coisa pública. A ordem que aqui reina. Podemos visita a escola para ver como educamos a mocidade. Depois, visitaremos a prisão e o senhor virá como vivem os presos.

KLESTAKOV: A prisão, não. Prefiro visitar o hospital...

GOVERNADOR: Posso pedir a sua permissão para na sua presença escrever duas linhas a minha esposa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.375.

DPF
Fls. N.º 342
Rubrica

KLESTAKOV: Pode usar as costas da conta do hotel.

GOVERNADOR: Depois de um grande jantar e de uma boa garrafa de vi-
nho tudo vai melhorar. Bem, vamos a casa do governador,
todo mundo sabe onde é!!!

QUADRO VIII - MÚSICA - OCABEÇÃO - THE SUPERSONICS → original AI SEU MALAQUIAS.

Indico folha 12 página 223

ANA: (Cantarolando)"Bumba Meu Pai do campo ôôôôô
Bumba meu Boi Bumbé..." Eh boi...

MARIA: (Telefone)Alô...Alô...é Bobdobchinski, mãezinha!

ANA: Vem vindo alguém na rua!

MARIA: É Bob e Dobchinski, mamaêzinha!

ANA: V. sempre com as suas fantasias! Imagina se é Bob e o Dob
chinski! Não é ninguém parecido com...são eles sim& Mas,'
prá que tanta polêmica!

MARIA: O quê? Um o quê? Da capital? Aqui? Foram vocês que desco-
briram?

ANA: Oh, lembre-se que eu spu a madrinha de seus dois filhos.
O quê?Não!

AS DUAS:Um inspetor?Geral?Uau?Da capital?Mas,como?Porquê?E,nem,mas
porém,todavia,contudo noentanto...
Um inspetor geral!

MARIA: Ele vem examinar tudo!

AS DUAS:Um inspetor!Geral!

ANA: Bisbilhoteiro!...

ANA: Será que ele é másculo?...

MARIA: Será que ele é viril?

ANA: Será que ele é alto?

MARIA: Um everest?

ANA: Será um general?

MARIA: Não é um general!

corte

ANA: Mas vale tanto quanto um!

MARIA: Tal sua educação e finura!

ANA:Será que el& gosta teatro?

MARIA: Dramático?

ANA: Romântico?

MARIA: Brincalhão?

ANA: Experimentodo?

MARIA: Calmo ou nervoso?

AS DUAS: NERVOSÍSSIMO!!!

ANA: Uma carta! Vamos ver o que escreve o seu maridinho!"Apresso
me a comunicar-te querida Ana minha situação era deplorável
mas graças a providência divina por dois pepinos no vinagre
e uma porção de caviar,(.)que tem a ver pepino e caviar por
a providência divina? Tudo?

MARIA: Mamãe, Papai escreveu este recado nas costas da conta do ho
tel!

ANA: Eh boi...vou mandar este bilhete para o Abdulin.Abdulin!Ab-
dulin! Providencie comes e bebes para a chegada do hóepede!
senão meu marido acaba comm essa birosca do teu armazém.

MARIA: Minha mamaêzinha, precisamos nos fazer bonitas e elegantes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.376

DPF
DIMDP
N.º 343
Rubrica

ANA: Você devia botar aquele vestido azul. Você fica tão engraçadinha...

MARIA: Ah, mamaêzinha o azul não! É melhor que eu vista o estampado!

ANA: Como sofrem as mães! Você gosta mesmo de me contrarias. O azul ficará bem em você por que eu quero vestir o estampado!

ANA: Ah, eu não posso ficar aqui esperando notícias enquanto a VIDA FLUI...

MARIA: Que se há de fazer mamaêzinha? Dentro de algumas horas ficaremos...

ANA: Daqui algumas horas? Muitíssimo obrigado. Só estranho que não tenhas passado por sua cabeça dizer que daqui a um só mês saberemos tudo melhor!

MARIA: Você não deixa nunca eu completar meu raciocínio!...

ANA: Ai! Eu aqui dentro enquanto lá fora a vida me chama!

→ inicio da folha 13 página 374

MARIA: Maêzinha...

ANA: Ah, eu quero ver logo esse bravo forasteiro de chapéu com uma pluma!

MARIA: Com cabelos grisalhos e brilhantina.

ANA: Barbas em profusão! E aquele olhar democrata acenando para o povo de Corposam City. ← cantano original

MARIA: Um óculos a la Waldick Soriano.

ANA: Aquela gravatinha impertinente!

MARIA: Um casaco até o chão!

AS DUAS: E UM SAPATO PON-TE-A-GU-DO!!!

AS DUAS: EU JÁ VEJO ELE CEAND DE CHEVETE.

"Ai seu malaquias
Ai ai seu malaquias
Ai ai você disse que não ardia
Ai ai está ardendo prá danar!
Ai ai mas está bom e eu sei que está!"

← cortar

QUADRO IX - ANACORD = NINO ROTA (Instrumental)

KLESTAKOV: Fico satisfeitíssimo em notar que os senhores tenham adquirido o hábito de mostrar aos turistas tudo o que vale a pema ser visto nesta cidade. O clima, por exemplo...

GOVERNADOR: Nos outros lugares, se o senhor me permite, os governadores e demais funcionários públicos só pensam em ganhar dinheiro as custas do salário público.

ARTEMI: Por outro lado, no que diz respeito a...

WANDECA: Dada a existência de nebulosas, tal como são expostas em recentes trabalhos públicos de...

LUCAS: Se provou para além de qualquer sombra de dúvida além do inerente de todos os cálculos humanos que como resultado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.377

DPF DCDP Fls. N.º 344

IVAN: Torna-se evidente que em fase dos esforços verifica-se que o homem contrariamente a tese de que o homem mesmo considerando o índice de desgaste per capita desde a morte de Shakespeare.

AMOS: Ainda que isto perdure, é válido notar que são investigações imcompletas que, salvo honrosas excesões, ignoram, em termos, a razão da expansão da pecuária e a cultura física da prática dos esportes!!!(POLÊMICA)

ASDRUBAL: Que a arte não sofra!

KLESTAKOV: O almoço foi excelente! Aqui todos os dias se come assim?

GOVERNADOR: O almoço foi preparado especialmente para tão ilustre visitante.

KLESTAKOV: Quero confesar-lhe uma coisa.Eu sou um tanto dado a Gastronomia.

GOVERNADOR: Mas, nós também. O senhor Lucas por exemplo, possue um lindo telescópio! O Dr. Artemi viu a Lua! (Foi o único)

KLESTAKOV: Eu gosto muito de comer, afinal é para isso que se vive, para colhermos todas as flores do jardim do prazer E...falando de comida, o meu prato predileto é Strogonoff.

GOVERNADOR: Com uma farinhazinha de mandioca...

KLESTAKOV: Exatamente!Não se usa nunca farinha de mandioca!

AMOS: Coisa de índio.

KLESTAKOV: E sobre o Breakfast?

DR.ARTEMI: Eu dei outro dia a minha senhora!

AMOS: É uma gracinha...dá a patinha...finge de morto!

KLESTAKOV: Que lindo no hospital...aquela porção de camas sólidas mas...eu tive a impressão de que havia uma falta de doentes...

DR.ARTEMI: Desde que eu fui nomeado para o cargo de diretor do hospital, mal o paciente tem tempo de entrar no hospital e já está curado. E isso não se deve tanto aos remédios mas sim a honra e a autoridade com que dirijo o estabelecimento.

GOVERNADOR: O lema do nosso departamento de saúde é:
"SEM AUSTERIDADE NÃO HÁ CONVALESCENÇA"

GOVERNADOR: Eu só posso dizer que os devere de um governador dão enormes dores de cabeça. São tantos assuntos para se resolver. Numa palavra , o homem mais inteligente se veria em ~~peles~~ TEIAS de aranha. Eu sonho com o povo todas a noites."Meu Deus, como poderei fazer para que meus superiores fiquem satisfeitos comigo?" Evidentemente não sei se serei premiado pela minha didicação!

início do folha 14 página 275

CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-378.

DPF DCDP Fls. N.º 345 Rubrica

KLESTAKOV: O Povo! O Povo!Aqui!Lá!Em todos os lugares!!!

QUADRO X - (ENTRA ANA E FILHA)

ANA: Antonio...Antoniozinho...Antocha!

GOVERNADOR: Tomo a liberdade de lhe apresentar a minha família!Primeira de Corposom City, Ana Andreievna, uma incansável' pesquizadora de nosso folclore. Estamos bem casados há 26 anos!

ANA: Eu era uma criança quando me casei...

KLESTAKOV: Quão feliz estou minha senhora por ter o prazer de fitá la!

ANA: Somos nós senhor que temos a honra de receber personagem tão ilustre!

KLESTAKOV: Absolutamente, minha senhora, é exatamente o contrário!

ANA: O senhor fala assim por delicadaza, sente-se, por favor Senhor Antocha...

KLESTAKOV: Está de pé a seu lado já é uma fidelidade.Que direi então de sentar? Oh, sinto-me damasiadamente feliz em esta finalmente sentado a seu lado!

GOVERNADOR: Apresento-lhe minha filha Maria, a alegria e o encanto' desta casa.Ex normalista e uma futura comunicadora desta aldeia global.

ANA: Imagino que depois de viver na metrópole, esta viagem ' campestre deva ter sido muito desagradável!

KLESTAKOV: Extraordimariamente desagradável! Quando uma peesoa se habitua a viver na sociedade...Mas eis o que o acaso me recompesou!

ANA: Naõ posso acreditar, o senhor está me cumulando de honrarias, eu estou toda cumulada!Eu naõ mereço!EU - uma provinciana?

KLESTAKOV: Mas, é na província que se encontram as montanhas com seus picos,verdadeiros seios da natureza!Os arroios ... Chuí...as cascatinhas onde virgens selvagens se banham, sem qualquer distinção de raça, cor ou ideologia...aquela saudade de casa.

MÚSICA - AMACORD

Mas na cidade nós somos atacados pela poluição do ar,sonora, estática, sexual...a máquina contra o HOMEM:BEBA' COCA-COLA, PEÇA PAIS E FILHOS,TOURINHO É SEGURANÇA, [redacted]-KING-KONG [redacted] É MEU PAI! EU-NÃO-AGUENTO MAIS!!!

ANA: Mais é Fantástico - O SHOW DA VIDA!!!

ANA: O senhor gosta de folclore?!(AMO...)ÊH BOI...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.379.

DPF
Fls. N.346
Rubrica

KLESTAKOV: É claro que nada disso se pode comparar com S.Peterpan. Lá se falam muitas línguas..."COMMENT"

ANA: "ÇAVA"?

KLESTAKOV: YEAH

ANA: NO

KLESTAKOV: RITA

ANA: PAVONE

KLESTAKOV: ZIRIGUIDUM

ANA: "Oi eu quero ir prá lá, Antocha você não me leva!!!

KLESTAKOV: A senhora nunca foi a S. Peterpan?

ANA: Não...nunca fui-ele não me leva!

KLESTAKOV: Talvez a senhora pense que eu seja um simples datilografuzinho.Está enganada.Talves a senhor pense que eu vim de S. Peterpan à pé.Nunca! Podem até pensar que ' eu bato papo com empregados de hotel para descobrir ' um ranguinho! E talvez,oh não é possível...talvez estejam pensando que eu não seja o que vocês pensam ... Porquê os senhores estão de pé?

KLESTAKOV: Diante de tanta hierarquia é mais digno ficar de pé!!

IVAN: Deixemos de lado a hierarquia. Pelo contrário, prefiro até não ser notado. Mas, no meu caso é impossível' passar desapercebido . Sou amigo pessoal do Tarcísio' Meira. Eu digo para ele: Como é Tarcizinho, como vai' a Glorinha.Glorinha não, ele me responde.È uma excelente criatura humana.Gente paca...

ANA: Então o senhor também escreve?

KLESTAKOV: Já escrevi muita coisa boa: PEQUENO PRÍNCIPE,D.CASMURRO, FERNÃO CAPELO GAIVOTA...

ANA: E o meu PÉ DE LARANJA LIMA?

MARIA: Mas mamãe, todo mundo sabe que MEU PÉ DE LARANJA LIMA foi escrito po José Mauro de Vasconcelos.

ANA: Eu tinha certeza de que você ia me contradizer!

KLESTAKOV: Ambas te razão!Há uma segundo MEU PÉ que foi de fato' escrito por esse tal de MAURO ROSAS. Também tudo que' saiu com o pseudônimo de OLAVO BILAC é meu.

ANA: Então, Olavo Bilac é o senhor; Oi Bilaquinho.

KLESTAKOV: Não só Bilac como também, Shakespeare, Hermam Hesse,' Janete Clair. Sou eu, eu confesso! Eu vivo de Literatura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.380

DPF
Fls. N.º 347
Rubrica

KLESTAKOV: Atualmente estou escrevendo uma peça teatral, penso em chamá-la de INSPETOR ESTÁ LÁ FORA. Não...talvez...INSPETOR GERAL. A trama é tão envolvente, eu me sinto tão dentro da obra, me apaixono com meus personagens, que sinceramente eu não sei como a estória vai terminar... Quando foram a S. Peterpan não deixem de me visitar.De vez em quando eu dou um baile...

ANA: Suponho que sejam bailes suntuosos!!!

(MÚSICA - "MAMÃE EU QUERO")

KLESTAKOV: Só para dar um exemplo: o mamão-macho que eu sirvo vem diretamente de Paris. Mas, o motivo principal dessas ' reuniões é a dança.Bem senhores, aceito o convite de ' permanecer nesta cidade por alguns dias por conta da prefeitura! Mas, muito cuidado comigo, comigo nada de brincadeiras,eu visito o palácio imperial todos os dias e logo vou se Ministro!!!

QUADRO XI

ANA: Aí está o que significa ser um - HOMEM!

MARIA: Eu nunca estive na presença de uma personalidade tão importante!Logo se vê que se trata de alguém da Capital! Que maneiras finas!

ANA: Só agora compreendo porque a purpurina russa não é tão boa quanto a francesa! Ah Coroa Enxuta! Ele não parava de olhar para mim!

MARIA: Ah Mamaêzinha ele não parava de olhar para mim!(DICUTEM)

GOVERNADOR: PSIU...o Homem está dormindo!Eu não devia ter deixado' ele saber tantp...claro que mentiu um pouco...estranho mundo esse... a verdade é que nós estamos no medo e ' nem sabemos de quê!O que será que vai acontecer amanhã quando ele acordar?E se lhe der veneta de mandar uma carta para S. Peterpan me denunciando?

ANA: Pois ele não intimidou nem um pouco; nele ví apenas um homem do mundo.

(ENTRA OSSIP)

OS TRÊS: OSSIP!!!

ANA: Ossip, meu queridinho, como teu patrão é elegante!

MARIA: Ossip, meu tesouro, teu patrão assiste O ASTRO ou SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO?

ANA: Ossip, meu chuchu, você já reparou que o teu patrão tem um...

GOVERNADOR: Quando é que vocês vão parar de fazer perguntas idiotas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.381

DPF
DCDP
Fls. N.º 348
Rubrica

ANA: Vamos minha filha, eu já te disse que observei cer-' coisas em nosso hóspede que só podem ser comentadas' entre mulheres...

Fundo Musical - AMACORD

GOVERNADOR: Ossip, essa é a sua graça, não?Nome sonoro! Ossip... Ossip! Precisamos falar de coisas positivas. Está em jogo a vida de um homem. Eu simpatizo muito com você meu amiguinho. Ossip, me responde uma coisa: o que mais agrada no teu patrão quando ele viaja? Não, não responda. Eu gostaria antes de tornar a claro que está em jogo a vida de um homem.

OSSIP: Acima de tudo, ele gosta, mais gosta muito, de comer bem. E comigo que não passo de um simples secretário ele também se preocupa que eu seja atendido devida-' mente. Ossip, deram-te boa comida?Aí eu posso responder. Péssima, Excelência! Ai ele diz sempre:"Ah,essa gente não presta, lembre-me disso quando chegarmos à Capital.

GOVERNADOR: Bem, Ossip, amizade selada! E lembre-se meu querido, está em jogo a vida de um homem.Ossip, boa noite... Já é hora de dormir/Não espere Mamãe mandar/ Um bom sono prá você/E um alegre despertar...

QUADRO XII SUBÔRNO EM CORPOSOM CITY

Hoje é um novo dia
Hoje é um novo dia de um novo tempo que começou
E nesses novos dias as alegrias

LUCAS: Bom dia... e o homem? Hoje eu sonhei uma coisa esquisita...era um branco..um vazio...uma solidão...de fazer tremer de medo.

ARTEMI: Eu sonhei que era a Branca de Neve e lá ia eu montado em um elefante branco...e o senhor era um dos sete anões!

IVAN: Bom dia...e o homem? Eu estava num lugar terrível... havia perdido o meu senso de realidade...de repente' eu me via a frente de um homem todo feito de neve: O abominável HOMEM DA NEVES!

WANDECA: Bom dia...e o homem? Sonhei a noite toda que nós todos havíamos ido para um lugar terrível, frio e longe...longe...

ARTEMI: Um momento, porque a senhorita, sendo uma simples criadinha deveria ter medo desse tal Inspetor, senhorita não é uma funcionária pública.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 380.

22
DPF
DCOP
Fls. N.º 349
Rubrica

WANDECA: Quando um homem de tanta importância está por perto a gentes sempre deve ter medo.

AMOS: Bom dia...e o homem? Fui traído pela comunicação de massa. Vocês conhecem aquele anúncio das CASAS PERNAMBUCANAS: Quem bate? É o frio! (CANTA) "Não adianta bater eu não deixo você entrar..." Só o frio é que entrou e levou todo mundo pró [redacted] PÓLO NORTE!

(ENTRA O PADRE)

IVAN: Seu padre, para mim, a culpa disso tudo é de um certo juiz...que por ética profissional, não direi o nome....

LUCAS: O senhor Padre há de convir que é lamentável que no hospital aconteçam tais monstruosidades...

AMOS: Nós compreendemos perfeitamente que o juiz de tribunal goste de se divertir mas, não é necessário que...

ARTEMI: Bem, até certo ponto estou tranquílo,pois no meu hospital...

início folha 18 página 236

WANDECA: Quando um homem de tanta importância está por perto....

LUCAS: Digam de mim o que quizerem, mas aqui, ninguém tem conhecimento pedagógicos. Nem EU!!!

PADRE: Por favor, senhores, o tempo do nosso espetáculo não permite contar as mazelas de todos.

AMOS: Lembrar Amos é viver! Eu dizia em outra oportunidade: "Afinal de contas, Pecadinhos, quem não os tem, nesse mundo? Estão lembrados? Continuando...eu por exemplo, digo abertamente a todo mundo que sou subornável...

ASDRUBAL: S U B O R N O !!!

IVAN: Seu Padre, o senhor acha que devemos amaciá-lo?

PADRE: Amaciar é uma santa palavra...mas como? Não se esqueçam que ele é um grande funcionário. E um alto funcionário, não se presta a isso...

AMOS: Escutem: O suborno num país civilizado obedece a certas regras. Duas cadeiras, por favor. Ele não é feito assim de qualquer maneira. Porque deveríamos ir todos juntos para subornã-lo? Temos de ir a um. Por favor dois voluntários para o ensaio da cena O SUBORNO EM CORPOSOM CITY Atitude de procura e atitude de oferta 1-2-3-4-.....E quando estiverem presentes apenas quatro olhos, põe-se-lhes nas maõs alguma coisa, e tudo deve ser feito tão sutilmente que nem os quatro olhos perceberam o que as mãos estão fazendo!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 383.

nova Asdrubal

DPF DCOP Fls. N.º 350 Rubrica

QUADRO XIII - O SUBORNO EM CORPOSOM CITY - AMACORD (INSTRUMENTAL)

"Senhoras e senhores!!!
Sem intanção de fazer comédia
Apresentamos com o teatro experimental da nossa cidade, o meu, o seu, o nosso espetáculo:
SUBORNO EM CORPOSOM CITY!!!

AMOS: Tenho a honra de apresentar-me: Juiz do Tribunal, conselheiro Amos Fiodorovich. Em 1816 fui eleito para o período de três anos em abediência à vontade da nobreza e desde então contunuo o cargo.

edição fechada pagina 277

KLESTAKOV: O que o senhor lucra sendo Juiz?

AMOS: No primeiro ano de serviço recebí um toc (toque) na coluna de N Rolinha, depois mastiguei um drop's com Ciro Cajazeira, recebí um beijo do Chacrinha.(CANTA)
Chacrinha me domina
Chacrinha me aalucina
É hora, é hora, é hora...
É agora...

KLESTAKOV: O que o senhor tem na mão?

AMOS: (Deixa o dinheiro cair) Nada! Nada!

corte

KLESTAKOV: Como nada? Olha o dinheiro aí! É dinheiro sim!!!

AMOS: O sonho acabou! Santana, avó de Cristo! Já estou me vendo preso diante de meu próprios tribunal...Seraia absolvido.

KLESTAKOV: Sabe de uma coisa: me empreste esse dinheiro! Durante a viagem gastei muito mais do que eu pensava. A vida está pela hora da morte. Assim que voltar prá casa,' mandarei seu dinheiro de volta!

AMOS: Não me atrevo a importuná-lo mais.Alguma coisa excelência?

KLESTAKOV: Que ordem?

AMOS: Não deseja ordenar nada ao juiz local?

KLESTAKOV: Não, Atualmente não tenho problemas com a justiça...

IVAN: Tenho a honra de me apresentar: Chefe dos correios,. Ivan Kusmitch!

KLESTAKOV: Sabe que na viagem de S. Peterpan para cá aconteceu' um fato insolito? Fiquei sem dinheiro. O senhro poderia emprestar-me 300 rublos?

IVAN: Disponha de mim. Por favor, o senhor pode dispor de mim! O senhor deseja fazer algúma observação sobre o correio? Tentei ser sutil e acabei sendo mirabolante!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 384.

DPF DCDP Fls. N.º 351 Rubrica

LUCAS: Tenho a honra de me apresentar:Diretor da Escola, Lucas' Lukitch!

KLESTAKOV: Sente-se por favor. Quer um charutinho?

LUCAS: Aceito ou não aceito?

KLESTAKOV: A marca é boa, foi o senhor que me deu. Claro que não se compara aos da Capital. Tome fogo...o senhor não ' fuma?

LUCAS: Fumo...mas, se o senhor quizer, posso largar hoje mesmo!!! Fui vencido pela minha timidez.

KLESTAKOV: Meus vícios prediletos: cigarros, comida e mulheres!! Confesso que não consigo ficar indiferente diante de belo sexo. Louras ou morenas!

LUCAS: Eu não me atrevo a saber a minha própria opinião!

KLESTAKOV: Faço absoluta questão de conhecer as suas predileções

LUCAS: Eu me permito informar a V. Excelência que em relação às louras...

KLESTAKOV: Escondendo o jogo, vai ver que uma moreninha...ficou' vermelho! Aconteceu-me um imprevisto.

LUCAS: No caminho o senhor ficou sem nenhum centavo.

KLESTAKOV: Exatamente. O senhor pode me emprestar algum?

LUCAS: Claro! Claro!(PROCURA)Claro! Claro! ACHEI!!! Sinto que não devo importuná-lo com a minha presença!!!

ARTEMI: Tenho a honra de apresentar-me: Diretor do Hospital ' local. Dr. Artemi Hindenburgo. Tive a honra de acompanhá-lo e recebê-lo pessoalmente no meu hospital. Fico feliz em fazer tudo pelo bem da Pátria. Mas o chefe ' dos correios, ele abre todas as correspondências .... Basta ver que a minha revista STATUS chega sempre sem o poster do meio.

ARTEMI: O juiz então, nem se fala, há 15 anos que ele é juiz. Nem o próprio rei Salomão seria capaz de dizer naquele tribunal onde você começa a verdade e onde acaba a mentira...e o supervisor da escolas, Salve o Templo ' Ditoso do Ensino! Como é que um homem desses pode continuar num cargo de tanta responsabilidade? Se o senhor quizer, posso expor tudo por escrito!

KLESTAKOV: Dr. Artemi Hinderburgo, até que o senhor me contou ' umas coisas engraçadas! Não tem 400 reblos para me emprestar?

ARTEMI: Tenho!

KLESTAKOV: Que coincidência!!!

WANDECA: WANDERLÉIA HULLY-GULLY, criada da praça a seu dispor

KLESTOKOV: "Saco tu a pampa,mina!"Não quero nem que Deus me ajude!

PADRE: Deus esteja convosco!

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.383

corte.

DPF DCDP Fls. N.º 382 Rubrica

KLESTAKOV: Eu já estava estranhando a ausência de seu padre nessa estória!

PADRE: Eu vim trazer a caixinha de caridade da nosso paróquia

KLESTAKOV: Ninguém mais precisando que eu! Mas, sem Pdre eu estou cada vez mais me esforçando a esta cidade e então a vida do seus paroquianos passa a me interessar.

PADRE: Hummm, talves o senhor se interesse em saber que a esposa do governador(...)

KLESTAKOV: De bicicleta?

PADRE: E sobre a filha do governador...(...)

KLESTAKOV: Com ou sem baunilha?

PADREZ: Não querendo mais roubar seu tempo me despeço não sem antes oferecer uma orelinha seca de São Cipriano e um poster da Stª. Ceia.

KLESTAKOV: Autografado!!!

corte

PADRE: Tão sem compostura esse rapaz...

KLESTAKOV: Recomende-me em suas orações.

(ENTRA OSSIP)

KLESTAKOV: Vou escrever uma carta pro Berto Aberto contando as novidades. Pobre de quem cai nas garras do Berto Aberto, a língua mais ferina de S. Peterpan.

início folha 21 página 279

OSSIP: Vamos embora daqui que está na hora...

KLESTAKOV: Ir embora do meu paraíso? Não está vendo seu estúpido

OSSIP: O senhor já se divertiu muito. E seu pai?

KLESTAKOV: Está bem, manda esta carta pelo correio. Ela está endereçada ao maior jornal da capital! E assim que eu estiver promto...

(ENTRA BOB E DONCHINSK)

KLESTAKOV: Os senhors tem dinheiro?

BOB E DOB: Olha o moço, oi...vamos nos apresentar num é Pedro?

KLESTAKOV: Não é necessário, pode me emprestar 1000 reblos?

BOB: Tanto eu não tenhp.Pedro, olhe no seu bolso furado!

DOB: Todo meu dinheiro eu coloquei no cofrinho da Continental.

BOB: Popou,Pedro?

DOB: Popei..

BOB: Eu e Pedro Ivanivitch queremos fazer um pedido humilhíssimo. Queríamos pedir que quando o senhor voltar da capital do Império,pro senhor dizer para todos os nobres, os senadores, os almirantes, os andaimos, os hidrantes, todo mundo enfim, que em tal e tal povoadozinho existe um taq de Pedro Ivanovitch Bobchinski e Dobchinski.

corte.

OSSIP: Perfitamente. Eu vou me ocupar dessa matéria.

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.386.

QUADRO XIV

corte.

26 DPF DCDP N.º 353 Rubrica

"Senhora e senhores verão agora a cena em que o governador é corneado pela esposa e ao mesmo tempo em que a sua filha é passada na cara. Desculpem a minha rudeza, mas esta é dura realidade!"

KLESTAKOV: Aonde você pretendia ir?

MARIA: Não ia a lugar nenhum.

KLESTAKOV: E por que não ia a lugar nenhum? Vem cá...

MARIA: O senhor estava ocupado com assuntos importantes.Pen-' sei que mamãe talvez estivesse aqui...

KLESTAKOV: Seus olhos são mais belos que assuntos importantes.

MARIA: O senhor fala igualzinho as pessoas da capital.

KLESTAKOV: Que lenço mais famoso! Como eu gostaria de ser esse lenço.

MARIA: Eu não a que lenço o senhor se refere! Eu prefiro que o senhor escreva uma poesia no meu álbum. Deve saber muide cór.

KLESTAKOV: Eu tenho uma enormidade de poemas, mas permita-me senhorita improvisar:

"Maria dos meus encantos
Teus lábios são de mel
Teus olhos meus tesouros
Tua casa meu hotel. (FICOU BOM?).

MARIA: Ai, o amor! Eu não compreendo o que é o amor!

KLESTAKOV: Eu agora me pergunto se terei o atrevimento de tentar' a felicidade de lhe oferecer uma cadeira. Não! A srtª merece um trono! Por que a senhorita se afasta? É bem melhor conversar de perto.

MARIA: Porque conversar de perto? Dá no mesmo conversar de longe!

KLESTAKOV: Porque conversar de longe? Se dá no mesmo conversar de perto. A senhorita é que pensa que é perto.Lá na capital...Perdõe-me senhorita, o que fis foi por só e tão somente amor!

MARIA: Os senhores gostam muito de ridicularizar as moças da província.

KLESTAKOV: Maria Antonieta, ex-normalista e futura comunicadora' nessa aldeia global! Peço perdão! Você já reparou que eu estou de joelhos?

(ENTRA ANA)

ANA: O que significa isso? Que procedimento é esse? Confesso ' que estou surpreendida! Nunca mais tenha o atrevimento de aparecer diante de meus olhos,"claros e bonitos".'

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 387

DPF
DCDP
Fls. N.º 354
Rubrica

KLESTAKOV: Senhora, eu estou ardendo de amor. Ardo!

ANA: O senhor de joelhos? Levante-se por favor!

KLESTAKOV: Eu tenho que continuar de joelhos!

ANA: Até agora eu não compreendi o sentido de suas palavras Se não imterpreto mal, acredito que o senhor acabou de fazer uma declaração de amor a minha filha?

KLESTAKOV: Não, eu estou apaixonado é pela senhora! Minha vida está pendurada por um fio! Se a senhora não premiar meu amor fiel..."Ana dos meus encantos/Teus lábios ão de mel/Teus olhos meus tesouros/Tua casa meu hotel.Com o coração em chamas tenho a honra de pedir tua mão em casamento!

ANA: Permita-me observar que...até certo ponto...eu sou casada.

KLESTAKOV: O amor não tem fronteiras...nós nos esconderemos debaixo...

MARIA: Mamãe, mamãezinha!

ANA: O que você quer? Entrando sem bater? Correndo feito uma gata escaldada! Que modos! Você precisa de bons exemplos!

KLESTAKOV: Ana Andreievna, não se oponha a nossa felicidade! Dê sua bênção ao nosso amor eterno!

ANA: Isso significa que o senhor está apaixonado...por ela?

KLESTAKOV: Se a senhora não premiar o meu amor fiel!

OS TRÊS: "Amor dos meus encantos
Teus lábios são de mel
Teus olhos meus tesouros
Tua casa meu hotel".

GOVERNADOR: Ah...desculpem...volto depois...

MARIA: Ivan Alexandrovitch pediu a minha mão em casamento!

GOVERNADOR: Por favor excelência, criança diz cada uma!Ela nunca teve a cabeça no lugar, saiu à mãe!

ANA: Ivan Alexandrovitch pediu a mão de nossa filha em casamento!

GOVERNADOR: Eu não posso acreditar excelência!

KLESTOKOV: Eu estou disposto a fazer qualquer loucura.

GOVERNADOR: Eu não posso acreditar excelência!

ANA: Se to todo mundo está dizendo é verdade.Estúpido!

ASDRUBAL: É verdade! É verdade!

KLESTAKOV: Me dá a mão dela! Me dá a mão dela!

GOVERNADOR: Juro que sou inocente! Faça o que o senhor achar melhor. Deus o abençôe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 388

DPF DCDP Fls. N.º 355 Rubrica

GOVERNADOR: Eles estão se beijando! Meu Deus! Então ele é um neivo de verdade! Se lembra, Aninha quando ela teve catapora noites e noites em claro...e agora. minha filha' passada na cara por um homem de tal gabarito! É gratificante para um pai...

(MÚSICA = TU TE VAS - MOACYR FRANCO)

(ENTRA OSSIP)

KLESTAKOV: Bem, agora eu tenho que ir...

GOVERNADOR: Quer dizer...eu creio que o senhor mesmo teve a bondade de ficar num certo casamento, não é verdade?

KLESTAKOV: Eu vou mais volto logo. Vou meditar com Kung Fu sobre os novos rumos que minha vida tomou esses últimos dia mas eu volto amanhã. Adeus Anton Antonovitch! É um velho costume russo! Adeus sogrinha! Adeus minha querida Maria Antovna!!! Bye...Bye...

OS TRÊS: Happy end...Hapyy end...

(ARRIVEDECI ROMA - INSTRUMENTAL)

QUADRO XV

GOVERNADOR: Que te parece, Ana Andreievna? Alguma vez ao menos sonhou com isso? Confessa cinceramente: que caça magnífica!

ANA: Se você acha isso tudo assim tão importante é porque' você é caipira.

GOVERNADOR: E agora, aonde é que a gente vai morar?Aqui ou na Capital?

ANA: Na Capital, naturalmente.

GOVERNADOR: Se a minha patroa quer que seja na Capital!Mas aí eu terei de abandonar meu título de governador!

ANA: E quem pensa ainda nêsse título?

GOVERNADOR: Ana, minha nega, eu posso pretender um posto bem mais elevado! O inspetor é unha e carne com todos os ministros. Com sua influência, com algum tempo,poderei chegar a senador.

ANA: Para dizer a verdade, eu tenho medo de você.Antocha. Você vive dizendo cada palavra. Dessas que não se ouve na alta sociedade.Você deve aprender um pouco de boas maneiras querido.

GOVERNADOR: Eu não sei nem qual é o garfo de peixe...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 389.

DPF DCDP Fls. N.º 356

ANA: Ah, essa é uma das páginas fascinantes da etiqueta social. Mas quando estiver à mesa, Antocha, vou lhe ensinar o mais importante. Às veze...nunca...bom, deixa prá lá,me faça o favor, no dia da estréia do teatro ' Amazonas, da minha ópera folclórica,"A Morte do Pirarucu", veja se você não abre a boca prá nada. E, quando no Ministério, o Imperador lhe perguntar...

GOVERNADOR: Ah, não, Ana Andreievna, você me desculpa, mas de política manjo eu. Eu nasci com a política! Ah, querido,' você com a sua finura e eu com o meu tini político nem o céu será o limite!!!

QUADRO XVI[redacted] - [redacted]

GOVERNADOR: (TOCA CAMPAINHA) Quem será?Será Avon?(ENTRA ABULIN)Como vai, meu caro Abdulin?Como vão os negócios?

ABDULIN: Muito bem, obrigado.

GOVERNADOR: O senhor veio à minha casa assim,puro?

ABDULIN: Vim oferecer as bebidas para a comemoração do casório.

GOVERNADOR: As visitas ainda não chegaram...

ABDULIN: O senhor poderia avisar a senhora sua esposa de que o Abdulin, o mais próspero comerciante dessa cidade se ' encontra presente!

GOVERNADOR: Querida, as bebidas chegara.

(ENTRA AMOS)

AMOS: Eu quero isso aqui animado. Eu vim de bandeirolas,sará vá!"Pena eu não poder trazer as girls". Então Anton Antonovich, devemos acreditar no que estão dizendo por ' aí?

GOVERNADOR: Quem sou eu para ir contra a voz do Divino!

AMOS: Que Deus lhe conceda uma vida longa e também ao jovem' casal de noivos...eu estou ficando animado,oba!oba!

GOVERNADOR: Ô Amos, você viu hoje por aí o Ivan Kusmitch?

(ENTRA O DR. ARTEMI)

Artemi, estou começamdo a achar que isto é uma festa (surpresa!

ARTEMI: Ó grande homem! Tenho a honra de felicitá-lo pela sua (~~[redacted]~~) fortuna!

GOVERNADOR: Dr. Artemi, como vai aquele chiqueiro que o senhor dirige?

ARTEMI: Seu netinho vai nascer lá.

GOVERNADOR: "Sem austeridade não há convalescença".Tu lembra,Artemi?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 390.

DPF DCDP Fls. N.º 357 Rubrica

ARTEMI: Eu sou beleza.

(ENTRA STEPAN ILICH)

GOVERNADOR: Deve ser o Ivan Kusmitch ...Stépan Ilich!

ASDRUBAL: O nosso memorável chefe de polícia...

GOVERNADOR: Sempre bem disposto.

STÉPAN: Esse é meu amigo!

(ENTRA WANDECA)

ABDULIN: Mas como tudo aconteceu realmente,Anton Antonovich?

GOVERNADOR: Vocês precisavam ver como ele nos assustou: de joelhos ameaçou suicidar:"Eu dare i um tiro na cabeça".

AMOS: Se as girls não vão a Amos, Amos vai as girls!!!

STÉPAN: Ih, Wandeca, cadê o vinho?

ARTEMI: Se me permitirem a pergunta, onde está o ilustre noivo?

GOVERNADOR: Teve de se ausentar para tratar de assuntos transcedentes! Mas volta. Onde está o Ivan Kusmitch?Sinto uma ' uma falta dele nesse momento de alegria...

(ENTRA ENE)

ANA: Anton...Antônio...Antocha!

ABDULIM: Tenho a honra de desejar-lhe muitas felicidades!

ARTEMI: A senhora será muito feliz!

WANDECA: Passeará com um vestido de ouro!

STÉPAN: E há de experimentar todos os tipos de sopas refinadas.

ARTEMI: Conte-nos como aconteceu o tremendo"barato"!

ANA: Sua excelência dignou-se a fazer o convite pessoalmente Ah, que homem magnífico, educado, culto e de sólidos ' princípios morais.Ele, de joelhos, vivamente emocionado, disse:"Corresponda aos meus sentimentos Ana Andreievna".

GOVERNADOR: Estamos pensando em mudar para São Peterpam.

ANA: Para falar a verdade, aqui se respira um ar po demais' provinciano!

[redacted]: Você não vai ter tempo para pensar nisso, Antocha.O meu marido será promovido a Ministro.

STÉPAN: O destino é o destino!

ASDRUBAL: Não foi o destino, foi o mérito!!!

(ENTRA MARIA)

STÉPAN: Maria Antonovna, que Deus lhê dê todas as riquezas,:moedas de ouro e um filho pequeno, tão pequenininhi que a ' gente possa por ele na palma da mão e brincar com ele:. Uáu...Uáu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 391

31
DPF
DCDP
Fls. N.º 358
Rubrica

QUADRO XVII - DESMASCARAMENTO

Música - MAMBO JAMBO: MORE MORE MAMBO(PERES PRADO)
TODOS DANÇAM.ENTRA IVAN KUISMITCH,O CARTEIRO.

IVAM: Um caso surpreendente, meus senhores! O funcionário que todos nós pensávamos que fosse um Inspetor, não é um ' Inspetor!

ASDRUBAL: Não é um Inspetor?!

ANA: Alô, é do hospício? Tem um rapaz aqui tocando pelo Rondônia FUTEBOL CLUBE.

IVAM: Esta carta dele próprios revela tudo!Ele chegou na agência dos correios, não faz muito tempo. Eu já estava enviando a carta ao destintário quando senti uma curiosidade sobrenatural e aí...

MARIA: Senhor Ivan Kusmitch, o senhor esqueceu de me dar os parabéns.

ASDRUBAL: Isso! Sua entrada foi por demais desagradável, Ivan Kusmitch!E nem deu os parabéns à noiva!Que modos!Que falta de...

GOVERNADOR: Sua entrada nessa festa foi lamentável.Rua!!!

IVAN: Mas, essa cata está destinada ao Berto Aberto!!!

GOVERNADOR: (É TODOS) RUA!!!

IVAN: Berto Aberto é jornalista e a língua mais ferina de São Peterpan!!! S. Petersburgo na adaptação.

Música: Todos dançam.Entra Ivan Kusmitch, o carteiro.

GOVERNADOR: Parem essa música! Afinal de contas, o que o senhor deseja?

IVAN: Senhor governador, essa cartaa chegou na argência dos ' correios e eu lí o remetente.Ivam Alexandrovich Klestakov Fiquei petrificado de medo. Eu logo pensei que ele tivesse descoberto alguma irregularidade em nossa cidade e queria avisar a seus superiores.Como eu e o senhor havíamos combinado que no caso de...

LUCAS: Antes nós temos de saber da veracidade dessa carta.

GOVERNADOR: Realmente, é uma carta do noivo de minha filha.E está' aberta...mas como é que pode?Como o senhor foi abrir a correspondência alheia, seu Ivan Kusmitch???!!!

ASDRUBAL: Como teve tal atrevimento!?!?

STÉPAN: Isso é crime punido por lei, certo?

ARTEMI: Um funcionário é sempre um funcionário!!! corte.

ANA: E esse vai se casar com a minha filha!

ASDRUBAL: Polo Norte com ele! Já pro Polo Norte, Ivan Kusmitch!!!

IVAN: Esqueçam o Plolo Norte! O melhor é ler logo essa carta ' Anton!!!

Livião folha 29 página 280

Livião folha 29 página 280

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.392.

DPF DCDP Fls. Nº 359 Rubrica

MÚSICA .TODOS DANÇAM COM A CARTA. IVAM KUSMITCH NO POLO NORTE.

GOVERNADOR: A carta é do noivo de minha filha da cidade.Talves não faça mal darmos uma olhadela...se os senhores me permitem, como governador vou ler o cabeçalho...

ANA: Ah, eu quero o cabeçalho meu bem!

GOVERNADOR: Caro Berto Aberto. Apresso a informar as incríveis aventuras que comigo se passaram. Depois de passar por altos e baixos em virtude de meu aspecto metropolitano e das minhas roupas, estou hospedado na casa do governador de uma cidadezinha pitoresca, chamada "CORPOSOM-CITY". (PARA TODOS)Mas, é uma carta feliz! O governado da cidade - aqui ele fala de mim - é mais imbecil do que um capão na engorda..."

ASDRUBAL: Ohhh!!!Isso não é possível!

GOVERNADOR: Mais imbecil do que um capão na engorda!

ASDRUBAL: Ohhh!!! Calúnia!

GOVERNADOR: (PARA ARTEMI) Se alguém lhe chamasse de "mais imbecil' do que um capão na engorda" você se sentiria ofendido?

ARTEMI: Capão na engorda!

GOVERNADOR: Fui ofendido! Fui ofendido!

MARIA: Mau pai "É mais imbecil do que um capão na engorda..."

ANA: Mau marido é mais imbecil..."

GOVERNADOR: Não precisa ficar repetindo, agora todo mundo já sabe!

LUCAS: Continuo aqui:"E além disso cortejo furiosamente sua ' mulher e sua filha. Creio que começarei pela mãmã..."

ASDRUBAL: Isso é um absurdo!

LUCAS: "Ela me parece predisposta a oferecer a todos os serviços. Quanto fogo no rabo"! corte.

ASDRUBAL: Apagá! Apaga!

ARTEMI: "A filinha do governador foi normalista, é notadoramente uma débil mental e futura comunicadora dessa Aldeia Global"!

ASDRUBAL: Coitadinha! Coitadinha!

ARTEMI: "O Diretor do Hospital..."

ASDRUBAL: Porque parou?

ARTEMI: Eu não entendo bem a letra. Além disso vê-se lggo que' é um miserável!

STÉPAN: O diretor do hospital é um verdadeiro porco enfeitado!

ARTEMI: Porco enfeitado?! Ele disse isso?! Não achei graça nenhuma. Alguém achou graça?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.393.

DPF Fls. N.º 360 Rubrica

STÉPAN: "O memorável chefe de polícia, Stépan Ilich..."Que palavreado!

ASDRUBAL: Leiam esse absurdo!

LUCAS: ..."Stépan Ilich fede tanto que é de dar medo!"

STÉPAN: Eu juro por Deus que nunca provei uma cebola!

LUCAS: O diretor da escola é um idiota consuamado! Podia ser pior!

MARIA: "E deve ser também um poltrão e bêbado!"

IVAN: Ainda bem que contra mim nada consta!

GOVERNADOR:"Quero crere que o chefe dos socrreios..."

IVAN: Eu não admito que seja cometida alguma violência contra uma correspondência alheia sob minha custódia!

GOVERNADOR:É um excelente homem. Eu gosto desse tipo de gente!

IVAN: Talento ele tem!

GOVERNADOR:"Mas, nota-se perfeitamente que é um histérico"!

IVAN: Eeeeeuuuuuuu?!

GOVERNADOR:E sofre constantemente de ataques epilépticos!

IVAN: Eeeeeuuuuuuu?!

WANDECA: A criada da praça, Wandeléias Hully-Gully...Bem, aqui vem algumas impressões inconvenientes...

ASDRUBAL: Oh, não! Agora vamos ler tudo! Não vale pular pedaços!

STÉPAN: "A Wandeca Hully-Gully é uma prostituta barata."
Dois fazendeiros chamados Bobchinski e Dobchinski,foram os primeiros a espalhar que eu era um Inspetor Geral!"

BOB/DOB: Qi...

ASDRUBAL: Boateneiros malditos! Parlapatães sujos! Vagabundos de barriguinhas!

BOB/DOB: Eu juro que a culpa é dele...Não, a culpa é dele...

AMOS: "O juiz local, um ta de Amoss Fiodorovich...Bem senhores esta cata já está se tornando longa. É incrível que gente de responsabilidade perca seu tempo com tamanha estupidez!

IVAN: "Um tal de Amos Fiodorovich é um "Sun of a beach"

AMOS: Só o diabo sabe o que isso significa!

GOVERNADOR:"No mais, todos são hospitaleiros e pitorescos.Adeus meu caro! Espero ter entregue um assunto para sua crônica!
"Ivan Alexandrovich Klestakov. Me apunhalou! Em trinta anos de administração pública ninguém conseguiu me enganar. Eu sim, gostava de enganar um tapeador após outro. Estou gagá! Estou gagá! E ainda vai aparecer um grupo de Teatro que fará da nossa terrível história uma comédia!Ah, liberais malditos!Eu amararia todos num só feixe.Ahhhhhhh, quando querem nos castigar, começam por nós tirar primeiro o raciocínio!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.394

DPF
DCDP
Fls. N.º 361
Rubrica

IVAN: Mas, como foi isso acontecer?!

LUCAS: Como se explicaa termos caido nessa impostura?!

MARIA: Como fundimos o palhaço com um hómem importante?!

STÉPAN: E agora todo mundo vai saber de tudo!

ARTEMI: Que lição podemos tirar disso, meu Deus?!

AMOS: Que mensagem!

QUADRO XVIII

DIRETOR DO ESPETÁCULO: Senhores! Um funcionário que acaba de chegar de São Peterpan com ordens especiais se encontra no hotel. Ele ordena que o procurem imediatamente!

MÚSICA – LAGO DOS CISNES – TCHAIKOVSKY

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 395.

DPF
DR
Fls. N.º 362
Rubrica

399/78-SCTC/SC/DCDP 21/03 8

Superintendente Regional do DPF em Rondonia

"O INSPETOR GERAL"

Nicolai Gogol

Superintendente:

PORTO VELHO--RO

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 396.

DPF
Fls. Nº 363
Rubrica

599/78

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

19 NOVEMBRO 79

27 MARÇO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.397

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

HAMILTON VAZ PEREIRA
TEATRO EXPERIMENTAL "CORPO SOM" - RO

JOÃO WLAMIR REBÊLO DE MACEDO
22 MARÇO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 MARÇO 78

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-398.

MJ - DPF - SRA/BSB
-7 DEZ 1018 R 034503

DPF - SRA
Fl. nº 364
Rub.
RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 250/78-SCDP/SR/RS P.Alegre, 05 de dezembro de 1978

FICHADO
S. A. DCDP

SRA/FICHADO

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada _ " O INSPETOR GERAL "_____, de autoria de Nicolai Gogol

2 - relatórios da comissão técnica;

3 - relatórios do ensaio geral;

4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-399

DPF
DCDP
Fls. N.º 365
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SCC / SR / RS

Relatório nº 137/78

Visto.
Em 17.10.78

JOÃO BISPO DA HORA
Agente Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Senhor Chefe:

Em cumprimento a sua determinação fiz o exame da peça teatral O INSPETOR GERAL, de Nicolai Gógol.

A PEÇA:

A peça desenrola-se em 5 atos, numa cidade de interior. O governador recebe um aviso de que seria visitado por um Inspetor Geral. Daí, a notícia "desagradável" chega ao alcance de todos, juntamente com um pedido para que se fizesse a maior ordem possível nesse período de espera, já que não se sabia o motivo dessa visita e nem qual dia ele chegaria.

Por coincidência, no hotel, tinha um hóspede que trazia as características do Inspetor, então o governador e sua comitiva dirigiram-se até lá, trouxeram-no para a casa do governador e dispensaram-lhe os mais rigorosos cuidados. Todos o chamavam de excelência e o respeitavam. Muitas coisas engraçadas aconteceram em torno disso. O falso Inspetor ficou surpreso com a sorte mudada de repente, e resolveu tirar proveito, assumindo a falsa identidade e usurfruindo de todas as regalias. Escreve a um amigo jornalista, contando das coisas incríveis que estavam acontecendo e tecendo comentários sobre as atividades do imbecil governador e das autoridades, aliás comentários verdadeiros, pois todos eles eram corruptos, ladrões e trapaceiros. O falso Inspetor ficou noivo da filha do governador e ausenta-se da cidade, prometendo voltar no outro dia. O chefe dos correios, leu a carta endereçada ao jornalista e descobriu a farsa da qual eles foram envolvidos. O governador e todos os outros ficaram indignados por terem sido tapeados, e, atônitos com o aviso de um soldado, um funcionário que acabava de chegar da cidade com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.400.

DPF
D. DP
Fls. N.º 366
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ordens especiais, ordenava que o procurassem imediatamente.

PARECER:

Sugiro que a peça seja liberada para maiores de 16 anos, porque seu texto apresenta o abuso do poder, enfatizando desonestidade, falsa devoção como condição do êxito da vida. Ela é apresentada em tom de comédia, eliminando a seriedade que o texto poderia conter.

Nada mais tendo a relatar, submeto à apreciação de V.Sa.

Porto Alegre, 20 de setembro de 1978

Maria Eli Almeida Lima
Técnica de Censura - Matr. 2.417.070

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.401

DPF
Fls. N.º 367
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº199-SCC .

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa. comparecí no dia 01 p.p. no Auditório Tasso Corrêia, nesta Capital, a fim de proceder ao exame censório da peça teatral da autoria de Nicolai Gogol "O INSPETOR GERAL".

A PEÇA: Trata-se de uma obra clássica, na qual o/ autor focaliza o pânico das autoridades de uma cidade quando lhes é anunciada a vinda de um Inspetor Geral.

O "Governador" reune as autoridades locais para / planejar a melhor maneira de salvarem a reputação de seus / cargos, pois todos eram corruptos e desonestos.

Eles confundem um hóspede do hotel como sendo o / verdadeiro Inspetor. O hóspede era um viajante escolado que percebendo a situação assume a falsa identidade e tira proveito, recebendo visitas e aceitando empréstimos a título / de subôrno. Por fim segue viajem com promessa de voltar.

Todos estão reunidos, festejando o pedido de noivado da filha do governador com o falso Inspetor, quando surge o Chefe dos Corrêios dizendo ter violado uma carta do falso Inspetor na qual ele narra a comédia para um jornalista em São Petersburgo e denúncia a corrupção loval. Todos ficam / indignados com o engano, quando surge um soldado anunciando a chegada do verdadeiro Inspetor.

PARECER: O ensaio transcorreu normalmente, sem restriçÕes, opino pela liberação do espetáculo para maiores de 16 anos, sem cortes, salva a supressão da Abertura da ópera " O Guarani" durante o espetáculo, ou qualquer música típica do Brasil com o propósito de trazer contação entre o conteúdo da peça e a realidade brasileira atual.

Era o que me cumpria relatar a V.Sa.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura

PORTO ALEGRE, 03 de Novembro de 1978.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.402

Admitir que uma simples música é capaz de mudar a ambientação de uma peça, cujos nomes dos personagens e locais são estrangeiros, é admitir que esse novo ambiente (no caso, o Brasil) é muito semelhante.

Como, todavia, a realidade brasileira atual não tem absolutamente nada a ver com o conteúdo narrado e, portanto, nem de longe se lhe assemelha; como, além disso, o relator não fundamenta legalmente as restrições que faz à peça; como, ainda, não há tempo para reexaminar a obra, nem é possível, ainda hoje, obter do relator uma melhor fundamentação de suas razões;

determino a liberação da programação solicitada para os dias 4 e 5 do corrente (requerimento protocolado sob nº 24.114/78) e encaminho o problema à douta apreciação e deliberação definitiva do titular da Chefia deste Serviço.

Em 03/11/78.

CA/lem etr.

À SCC para redistribuir ao relator que deve fundamentar, sob o aspecto legal, a restrição proposta.

Em 06.XI.78

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 403.

DPF
DCDP
Fls. N.º 368
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

COMPLEMENTAÇÃO DO RELATÓRIO Nº199-SCC

Senhor Chefe:

Com referência a restrição proposta anteriormente, o fundamento legal esta na letra d) Art.41,Dec.20493/46 .

Entretanto, como a peça já foi liberada na semana/ passada, considero conveniente a indicação de outro técnico de censura para assistir o espetáculo e dar parecer sôbre a conveniência da referida restrição.

Era o que me cumpria relatar, nesta oportunidade.

Porto Alegre, 07 de outubro de 1978.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018:156

À SCC para, na primeira oportunidade, designar um Técnico de censura para verificação do espetáculo e oferecer parecer sobre a restrição proposta.
Em 07.XI.78

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 404.

DPF
D DP
Fls. N.º 369
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 226/78 - SCC

V/ Stº.
Em 28.II.78

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Sr. Chefe:

Compareci dia 23 p. passado ao Auditório Tasso Correa, para atender solicitação de V. Sa. no sentido de examinar se a peça "INSPETOR GERAL" de Nicolau Gogol, na sua montagem local apresentava problemas quanto a legislação censória vigente.

A apresentação da peça inicia com um trecho de " O Guarani " de Carlos Gomes e durante o espetáculo, nas mudanças de cenário é apresentado um samba interpretado pela cantora Beth Carvalho que fala em desonestidade. Creio que o produtor ao usar " O Guarani " na introdução da peça, se desejou caracterizá-la como passada no Brasil, não obteve êxito. A peça é um texto clássico de teatro e é natural que na introdução se use um clássico da música como é " O Guarani ".

O samba apresentado, creio que somente chama a atenção sobre as irregularidades que estão ocorrendo.

É meu parecer ainda, que a situação focalizada na pequena cidade russa, de corrupção de seu governante e funcionários públicos mesmo que situada no Brasil, não daria margem a uma proibição, já que a corrupção sempre existiu em qualquer parte do mundo.

Para dificultar a caracterização, se intenção houve, de que a pudesse se localizar no Brasil, os atores apresentam nos seus papéis, nomes, roupas e costumes da Rússia de uma determinada época. A cidade onde se desenrola a ação, bem como outras mencionadas também se localizam na Rússia.

Finalizando, é meu parecer de que a peça como está sendo encenada, não contraria a legislação censória vigen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.405

DPF
DCDP
Fls. N.º 370
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

::::.

te no país.

Era o que me cumpria relatar.

Porto Alegre, 27 de novembro de 1978.

Irene B. Butarelli

IRENE B. BUTARELLI
Técnico de Censura
Matr. 3.413.782

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.406.

DPF
DCDP
Fls. N.º 371
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O Inspetor Geral

Nicolai Gogol

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça Porto Alegre - RS

Obs.: 1 texto - relatório

DF. 12 / 12 / 78 /

Fabiana N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de dezesseis anos, 31 cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 15 de dez. de 1978

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 16 Anos

Sem cortes

Brasília-DF, 15 / 12 / 78

P/ CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.407

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 372
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 024/78/RS

PEÇA " O INSPETOR GERAL "

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELA ~~D.C.D.P.~~ SCDP/SR/RS
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 05 de FEVEREIRO de 19 79

Porto Alegre, ~~Brasília,~~ 05 de DEZEMBRO de 19 78

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 16 ANOS

JOÃO BISPO DA HORA
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS
~~Diretor da DCDP~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 408.

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O INSPETOR GERAL "

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por LYGIA VIANNA BARBOSA - DAD/UFRGS

Tendo sido censurada em 06 de NOVEMBRO de 19 78 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P.Alegre, ~~Brasília~~ 05 de DEZEMBRO de 19 78

Renato Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
~~Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS~~
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.409.

DPF
DCDP
Fls. N.º 373
Rubrica

599/78

" O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

19 NOVEMBRO 79

18 DEZEMBRO 78

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 410.

" O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

RS/
15 DEZEMBRO 78

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS.
CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18 DEZEMBRO 78 P/ CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.411

DPF
DCDP
Fls. N.º 374
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BRASÍLIA, 18 de dezembro de 1978

1.743/78 /

no Rio Grande do Sul

250/78-~~XXXXXXXXX~~/SCDP/SR/RS

: " O INSPETOR GERAL", de NICOLAI GOGOL.

BR DFANBSB-NS.CPR.TEA.PTE 0413 p. 412
SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
DPF-SRA
Fl. nº 375
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

-6 JUN 10 07 79 016276

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR:

FICHADO
S. A. DCDP

OFÍCIO Nº 013/79-SCDP/SR/MA São Luis(MA), 1º de junho/79

Ao Arquivo, em 07.6.79

Senhor Diretor,

Com este, encaminho a V. Sa., três (3) vias da peça teatral intituida " O INSPETOR GERAL ", de autoria de Nicolai Gogol, para a competente verificação desse Órgão.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Sa., protestos de estima e consideração.

JAIR DE ALMEIDA
Chefe da SCDP/SR/MA.

ILMº SR.
DR. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MD. DIRETOR DA DCDP/DPF
BRASÍLIA/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.413.

DPF
DCDP
Fls. N.º 376
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O Inspetor geral

Nicolai Gogol

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça São Luiz - MA

Obs.:

DF. 08 / 06 / 79 /

Calina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de 16 anos, Sem cortes, condicionado ao resultado do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 13 de Junho de 1979

Nelle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 115 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 16 (DEZESSEIS) ANOS
SEM CORTES.
Brasília-DF, 13 / JUN / 79

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Liberem-se de acordo com o processo anterior. 16 (dezesseis) anos.
Em, 15/06/79

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.414.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 377
Rubrica

PARECER Nº 2362 / 79

TÍTULO: " O INSPETOR GERAL "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

AUTOR: NICOLAI GOGOL

O texto apresentado para confronto corresponde ao que se encontra nos Arquivos dessa DCDP, podendo, por conseguinte, receber a mesma / classificação etária, ou seja, para maiores de 16 anos, subordinada ao exame de ensaio geral.

Brasília, 12 de junho de 1979.

Laura Bastos

LAURA BASTOS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.415.

DPF
DCDP
Fls. N.º 378
Rubrica

599/79

" O INSPETOR GERAL "

NICOLAI GOGOL

19 NOVEMBRO 79

13 JUNHO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 416.

" O INSPETOR GERAL "

NICOLAI GOGOL

SR/MA

13 JUNHO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13 JUNHO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA - SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.417

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 379
Rubrica

OF.
240/79-SA/DCDP

15 - JUNHO - 79.

Chefe do SCDP - SR/MA

" O INSPETOR GERAL "

Nicolai Gogol

Chefe:

em São Luis - MA.

p/ JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 418.

DPF
DCDP
N.º 386
Rubrica
GRUPO AQUARIUS DE TEATRO
Oficialmente
Registrado
Natal - RN

Ilmo. Sr.
Dr. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas da
POLÍCIA FEDERAL - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Ao Sr. Chefe do
Serv. Censura
Em 13.8.79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.655

FICHADO
S. A DCDP

LENÍCIO QUEIROGA, Diretor do GRUPO AQUARIUS DE TEATRO do Rio Grande do Norte, com sede e foro em NATAL, estando interessado em montar a Peça Teatral intitulada "O INSPETOR GERAL de Autoria de NICOLAI GOGOL, Tradução de FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES, vem mui respeitosamente requerer a Vossa Senhoria que se digne em conceder-lhe a liberação do TEXTO, conforme envia em anexo, de acordo com as normas legais vigentes nessa Divisão de Censura.

Termos que Pede Deferimento.

NATAL, (RN) 08 de agosto de 1979.

LENÍCIO QUEIROGA
Diretor do Grupo AQUARIUS de Teatro
Rua Jundiaí, 641 Tirol NATAL RN

ASCTC.
Em, 13/08/79
Eliel José de Sousa
Matr. 2095655

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.419

DPF
DCDP
Fls. N.º 381
Rubrica

O INSPETOR GERAL - De Nocolai Gógol
Tradução de Ferreira Gullar e João das Neves

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: ATORES:

GOVERNADOR (Anton Antonovich) _____

JUIZ DO TRIBUNAL (Aimos Fiorovich) _____

DIRETOR DO HOSPITAL (Artiemi Filipovich) _____

DIRETOR DA ESCOLA (Lucas Lukich) _____

CHEFE DOS CORREIOS (Ivan Kuzmitch) _____

BURGUÊS (Pietra Ivanovich Bobchinski) _____

BURGUÊS (Pietra Ivanovich Dobchinski) _____

CRIADO DO GOVERNADOR (Mishka) _____

MULHER DO GOVERNADOR (Ana Andreievna) _____

FILHA DO GOVERNADOR (Maria Andreievna) _____

IMPOSTOR (Ivan Klestakov) _____

CRIADO DO IMPOSTOR (Ossip) _____

MULHER _____

MADAME _____

COMERCIANTE _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.420.

DPF
DCDP
Fls. N.º 382
Rubrica

PRIMEIRO ATO - Numa Sala da Casa do Governador

GOVERNADOR - Meus Senhores, chameio-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

JUIZ - O que?!

DIR.HOSPITAL - Um Inspetor??

GOVERNADOR - Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnita. E o que é pior, em missao secreta.

JUIZ - Santo Deus!!

DIR. HOSPITAL - Não faltava mais nada!

GOVERNADOR - Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes ratos, que surgiram assim negros, fantásticos farejavam, e depois iam embora...Ouçam a carta que recebi de Petersburgo: "Querido amigo e compadre.(Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa). Ah, aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruçoes para inspecionar toda a província e, em especial esse Distrito. (Ergue o dedo num gesto significativo) Obtive essa informaçao de fonte fidedigna, muito embora a viagem desse inspetor tenha caráter sigiloso". Bom, aqui vêm coisas sem importância. Tá tá, tá..."Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seus pecadilhos aconselho-te a tomar todas as precauçoes possíveis, pois esse funcionário pode chegar a qualquer momento se é que já nao está aí sem que ninguém saiba. Bem, senhores, esta é a situaçao.

JUIZ - De fato é alarmente

DIR: ESCOLA - Mas qual será a razão disso? O que vem fazer aqui um inspetor?

GOVERNADOR - É o destino.. Até hoje, por sorte nossa, essa gente só metia o nariz nos outros Distritos. Chegou a nossa vez.

JUIZ - Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que o País está querendo a guerra e o Ministério manda um funcionário para verificar se há por aqui algum traidor.

GOVERNADOR - Que traidor nada! Que faria um traidor numa aldeia como a nossa, longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que diga uma tolice dessas.

JUIZ - Posso garantir, senhor Governador, que debaixo desse angu tem carne. O Ministério é muito precavido, nada lhe escapa

GOVERNADOR - Que tem que escapar somos nós!! Os senhores estão avisados. De minha parte, já tomei algumas providências e os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo você ARTIEMI FILIPOVICH. O Hospital é o primeiro lugar que o inspetor vai querer visitar. Nao custa nada torná-lo um pouco mais decente. Fornecer roupa limpa aos doentes para que nao se apresentem iguais a limpadores de chaminés, como de hábito.

DIR. HOSPITAL - Bem isso é fácil. Mando por uma touca limpa na cabeça de cada um deles,e pronto.

GOVERNADOR - Ótimo. Mas além disso deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha - escrita em latin ou outra língua difícil - com o nome da doença, a data de entrada do paciente etc. E era preferível que houvesse menos doentes lá. Dá muito má impressao ver tantos doentes num hospital. O melhor mesmo seria dispensar alguns.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 421

DPF DSDP Fls. N.º 383 Rubrica

DIR.HOSPITAL - Quanto aisso, penso da mesma forma. Pra que tanto remédio caro? O certo é confiar na natureza. O homem quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, fica.

GOVERNADOR - Ao senhor Juiz, aconselharia dar mais atenção ao Tribunal. Na Sala de espera, os contínuos agora criam galinhas, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Nao há dúvida que a avicultura é digna de todos os elogios. E por que se havia de proibir os contínuos de criar galinhas. Podem criá-las. Mas nao na Sala de espera do Tribunal.

JUIZ - Darei ordem, hoje mesmo, para que levem as galinhas para a cozinha. Venha jantar conosco.

GOVERNADOR - E outra coisa. O senhor há de convir que não fica bem se pendurarem roupas para secar em plena Sala de Audiências E que a mesa de um Juiz nao é lugar para se atulhar de equipamentos de caça. É compreensível que o senhor goste tanto de caçar. Mas nao é necessário que durante os julgamentos o senhor use chicote e esporas. Pelo menos até que o inspetor se vá. Quanto ao seu Secretário, me desculpe, mas ele cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade, como diz, que o cheiro é de nascença ainda assim não se justifica. Ele que coma alho....cebola...sei lá o que.

JUIZ - Ele diz que caiu do colo da ama, quando era bebê. Desde então ficou com aquele cheiro forte de cana.

GOVERNADOR - Bem, falei por falar. E quanto ao que André Ivanovich chama, em sua carta de "pecadilho", nada posso dizer. Afinal de contas, existirá alguém no mundo que nao tenha pecados? O homem é como Deus o fêz, e contra isso de nada adianta vociferar como fazem os moralistas.

JUIZ - Claro! Eu, por exemplo digo abertamente que recebo propinas, que sou subornável. Mas que espécie de propinas? Aí é que está...Cães perdigueiros. A diferença é enorme!

GOVERNADOR - Cães perdigueiros ou não, tudo é subôrno

JUIZ - O senhor acha mesmo?

GOVERNADOR - Acho. Quanto ao senhor Lucas, como Diretor da Escola seria bom que se preocupasse um pouco mais com os professores. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito. Mas eles têm hábitos esquisitos. Um dêles, por exemplo - um grandalhao - toda vez que começa a aula, faz uma careta assim (imita). Claro que se a careta é feita para alunos, não há nada de mais. Talvez até seja necessário. Mas diante de um visitante ilustre, dará um bode danado. O inspetor, por exemplo, pode pensar que a careta é pra ele e então será um desastre.

DIR.ESCOLA - Estou cansado de dizer a ele que não faça caretas. Ele faz! Ainda outro dia, o Padre visitava a escola e ele fez a tal careta. O Padre me passou um sermao, porque permito que se implante na juventude idéias subversivas.

GOVERNADOR - A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de História. É um sábio certo - sabe muito. Mas se expressa com tal veemência que esquece o resto. Outro dia, eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre o Grande, o que se passou é impossível de descrever. O homem tomou-se de fúria e lançou uma cadeira contra a parede por cima da cabeça dos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas por que quebrar as cadeiras? Isso só dá prejuizo ao Estado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 422

DPF DCDP Fls. N.º 384 Rubrica

DIR. ESCOLA - É, ele se empolga demais com certos vultos históricos.

GOVERNADOR - Assim é a insondável Lei do Destino. O inteligente ou acaba bêbado ou acaba doido.

(saem Dir.Escola - Dir. Hospital e Juiz. Entra o Chefe dos Correios)

CHEFE CORREIOS - Que aconteceu? Que funcionário é esse que vai chegar aí??

GOVERNADOR - O senhor ainda não sabe de nada?

CHEFE CORREIOS - Pietra Ivanovich passou pelos Correios e me contou

GOVERNADOR - Qual dos dois Pietra Ivanovich? Pietra Ivanovich Bobchinski ou Pietra Ivanovich Dobchinski?

CHEFE CORREIOS - Bobchinski

GOVERNADOR - E qual a sua opinião a respeito?

CHEFE CORREIOS - Garanto que vamos entrar em guerra com os turcos E tudo por intriga dos franceses.

GOVERNADOR - Guerra aos turcos, coisa nenhuma. Nós é que vamos nos danar, não os turcos. Mas diga lá, Ivan Kuzmitch. Como vao as coisas pro seu lado, Hem?

CHEFE CORREIOS - Mas o que interessa isso agora? E pro seu lado senhor Governador, como é que vao?

GOVERNADOR - Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de mêdo, nao nego. Minha preocupaçao é com os comerciantes. Vivem dizendo que os roubo. Eu nao roubo, eu confisco. Deus sabe que quando determino o sequestro de mercadorias de algum dêles, faço isso sem a menor maldade. (Leva-o para um canto pelo braço) Tenho a impressao que...Será que houve alguma denúncia contra mim? É esquisito mandarem um inspetor pra este fim de mundo, nao acha? Ouça, meu caro Ivan, será que você poderia - para o bem de todos dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam ao Correio? Assim, pra ver se há alguma coisa, uma denunciazinha qualquer...Se nao houver nada, fecha-se a carta ou se deixa mesmo aberta. Há cartas que vêm abertas.

CHEFE CORREIOS - Não pense em me dar lições neste assunto, senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro. Por simples curiosidade. Gosto de estar a par do que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas.

GOVERNADOR - Tem toda razão. Mas me diga então: não leu nada sobre o tal inspetor?

CHEFE CORREIOS - Não. Embora tenha lido muito últimamente - em épocas de festas escreve-se muito, o senhor sabe - estou certo de que sobre o tal inspetor nao li nada.

GOVERNADOR - Então me faça um favor. Se por acaso cair em suas maos alguma queixazinha ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplaçao, tá?

CHEFE CORREIOS - Com todo prazer. Mas...isso pode dar um bôlo danado.

GOVERNADOR - Não sei por que. Ninguém vai rasgar a carta em público.

CHEFE CORREIOS - Mesmo assim, esse negócio não me cheira nada bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.423.

DPF DCDP Fls. N.º 385 Rubrica

GOVERNADOR - Vê se vai a gourar no inferno, infeliz. (Sai Chefe dos Correios assustado) Diabo. Esse maldito inspetor incógnito nao me sai da cabeça, Estou sempre esperando que a qualquer momento a porta se abra e...

(Entram BOBCHINSKI e DOBCHINSKI, ofegantes)

BOBCHINSKI - Uma notícia espantosa!!

DOBCHINSKI - Uma novidade extraordinária!!

GOVERNADOR (assustado) Que foi? Que aconteceu?

DOBCHINSKI - Uma coisa inesperada. Estamos chegando do hotel....

BOBCHINSKI - Chegando do hotel, Pietra Ivanovich e eu...

DOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovich, deixe que eu contetudo.

BOBCHINSKI - Ah, não, Pietra Ivanovich, permita que eu conte.

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovich, o senhor vai se confundir e acaba esquecendo algum detalhe importante

BOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovich, eu vou me lembrar de tudo. Me deixe contar e nao me atrapalhe

DOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovich...

BOBCHINSKI - (para a platéia) Senhores, digam a Pietra Ivanovich que fique quieto e me deixe contar tudo.

GOVERNADOR - Mas, pelo menos, falem de uma vez! O que houve? Sente-se Pietra Ivanovich, sente-se. E o senhor, também, Pietra Ivanovich, sente-se aqui. (sentam-se todos) Bem, afinal o que foi que aconteceu?

BOBCHINSKI - Por favor, Pietra Ivanovich, por favor. Vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente....Por favor, Pietra Ivanovich, não me interrompa. Eu sei todos os detalhes, todos. Portanto, faça a fineza de me deixar contar. Bem fui correndo à casa de Kórbia. E como nao encontrasse Kórbia em casa fui procurar Ivan Kuzmith para lhe transmitir as notícias que o senhor acabava de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei me por acaso com Pietra Ivanovich.

(interrompendo)

DOBCHINSKI - Perto do quiósque onde se vende pastéis.

BOBCHINSKI - Perto do quiósque onde se vende pastéis. Aí eu perguntei: já soube da notícia que o senhor Governador recebeu de fonte fidedigna? Pietra Ivanovich já sabia.

DOBCHINSKI - Por intermédio da criada

BOBCHINSKI - Por intermédio da criada, que, não se sabe bem por que, tinha ido à casa de Felipe Antonovich

DOBCHINSKI - Foi buscar um barrilzinho de vodka francesa.

BOBCHINSKI - Foi buscar um barrilzinho de vodka.

DOBCHINSKI - Francesa, Pietra Ivanovich, desculpe.

BOSCHINSKI - Francesa. Desculpe Pietra Ivanovich. Então fui com Pietra Ivanovich à casa de Felipe Antonovich. Nao, nao Pietra Ivanovich, nao me interrompa. Fomos à casa de Felipe Antonovich mas no caminho Pietra Ivanovich me disse: Vamos entrar um instante no hotel, Pietra Ivanovich, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse: Então vamos, Pietra Ivanovich, e entramos. E mal tínhamos entrado, quando, de repente, um rapaz, um jovem...

DOBCHINSKI - De boa aparência, à paizana...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.424.

DPF
DCDP
Fls. N.º 386
Rubrica

BOBCHINSKI - De boa aparência, à paizana, começou a passear pela sala, com um ar preocupado, fisionomia carregada. Uma cara de gente que sabe de tudo. Tive logo um pressentimento e disse a Pietra Ivanovich: "Aqui há dente de coelho"

DOBCHINSKI - Aí eu chamei o dono do hotel com o dedo

BOBCHINSKI - Aí Pietra Ivanovich chamou o dono do hotel...assim com o dedo...

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovich, foi com este dedo, o esquerdo

BOBCHINSKI - Pois é. Chamou o dono do hotel com aquele dedo... perguntou no ouvido dêle: "quem é aquele môço ?" êle respondeu "Aquele?"..."Sim,Aquele!" Por favor Pietra Ivanovich, deixe que eu conto até o fim. O senhor está com uma falha de dente que quando fala assobia. Sabe muito bem que ia poder contar direito "Aquele", - "Sim. Aquele""Um funcionário que chegou de Sao Petersburgo". Pois é. E ainda tornei a perguntar: "De Sao Petersburgo?" E ele tornou a confirmar - "E o nome dêle?" - Ivan Klestakov respondeu. "Viaja a caminho de Saratov". Pois é. E disse que ele age de forma muito estranha. Que há duas semanas está aqui, e ainda nao saiu do hotel uma só vez. Manda pôr tudo na conta e até hoje nao pagou um centavo. Assim que uovi isso, Deus me iluminou e eu disse a Pietra Ivanovich "Hum"

DOBCHINSKI - Não, Pietra Ivanovich, quem disse "Hum" fui eu.

BOBCHINSKI - Eu sei. O senhor disse primeiro. Mas imediatamente eu disse também. "Hum", dissemos eu e Pietra Ivanovich.

DOBCHINSKI - Ele, um pouquinho depois de mim.

BOBCHINSKI - Está certo, Pietra Ivanovich, eu já confessei que o primeiro a dizer "HUM" foi o senhor. E, ao dizer "Hum" - acrescentei imediatamente: "Mas, se seu destino é Saratov.., por que então ele ficou aqui? E a conclusao foi clara como água só pode ser o tal funcionário.

GOVERNADOR - Que funcionário???

BOBCHINSKI - O Inspetor Geral.

GOVERNADOR - Ai meu Deus, tende piedade de nós. Em que quarto ele está hospedado?

DOBCHINSKI - No número cinco. Junto à escada

BOBCHINSKI - O mesmo quarto onde aquele oficial brigou com o outro no ano passado.

GOVERNADOR - Há quanto tempo ele está aqui?

DOBCHINSKI - Duas semanas. Chegou no dia de São Basílio

GOVERNADOR - Misericórdia. Nesta duas semanas espancamos a viúva do subtenente, nao demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

BOBCHINSKI - Não seria bom irmos todos solenemente ao hotel em comitiva?

GOVERNADOR - Não. Não. Essa não é a primeira vez que me vejo em apuros e sempre me sai bem. Deus há de me ajudar ainda dessa vez! O senhor disse que o homem é jovem?

BOBCHINSKI - Jovem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.425.

DPF
DCDP
Fls. N.º 387
Rubrica

GOVERNADOR - Ótimo. É mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa por vosso lado. Vou sózinho até lá com Pietra Ivanovich. É o melhor. Chego assim como quem nao quer nada, como está preocupado apenas em verificar se os visitantes da cidade estao sendo bem tratados no Hotel...Mishka! ...

BOBCHINSKI - É bom a gente se apressar antes que aconteça alguma desgraça. (saem correndo)

GOVERNADOR - Mishka! ... O carro está pronto? (entra Mishka)

MISHKA - Sim, Senhor.

GOVERNADOR - Vai correndo ao meu quarto e traz meu chapéu novo e minha espada que eu vou sair.

MISHKA - E eu? Posso ir também?

GOVERNADOR - Não, não. É impossível. O homem vai ficar assustado de chegarmos lá em comitiva. Além disso o carro nao cabe.

MISHKA - Não se preocupe , excelência. Vou correndo atrás como um cachorrinho. E nem entro. Só dou uma espiadinha.

GOVERNADOR - Não!! Vai, corre e reúne os guardas. E toma cuidado hem! Vê se pára de roubar talheres de prata por aí. Nao pense que me engana. O que você fêz com o comerciante Tchernaiev nao se faz. Ele lhe deu alguns metros de fazenda para uma farda e você lhe roubou a peça toda, seu desgraçado. Obedeça a hierarquia. Nao pense obter vantagens acima de sua patente. Entendido?

MISHKA - Sim, senhor!

GOVERNADOR - E Derzimorda, onde está?

MISHKA - Foi apagar um incêncio

GOVERNADOR - E Prokorov, bêbado de novo?

MISHKA - Completamente

GOVERNADOR - E você permite isso?

MISHKA - Que posso fazer? Houve uma briga fora da cidade. Ele foi restabelecer a ordem. Voltou de porre.

GOVERNADOR - Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitin ficar bem no meio da ponte. Ele é bastante alto. Vai causar ótima impressao. Mande derrubar a cêrca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressao de que está em obras. Quando há demoliçoes na cidade, é prova de que o Governo está trabalhando. E outra coisa. Se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estao contentes, todos deverao responder "Contentíssimos, excelência". Quem estiver contente vai ter razoes de sobra pra ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim pecador. Ah, se perguntarem por que não reconstruímos a Capela do Hospital com a subvençao que recebemos - já faz cinco anos isso! - digam que começamos a construçao mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras, Ah, e - não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer. (SAI)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.426.

DPF
D OP
Fls. N.º 388
Rubrica

CENA II (ANA E MARIA ANDREIEVNA.)

ANA - Onde é que eles estão? Marido!... Antocha... (falando com rapidez) Você é que é culpada de tudo. "Um alfinete, um lencinho". Não acaba nunca de se arrumar. (Vai à janela) Antocha!... Onde é que você vai? O que? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigodes? Como, que bigodes? Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou não: Ele é coronel? Como é? (com raiva) Foi embora, o bandido! Essa ele me paga! E a culpada de tudo isso é você. "Maezinha, Espera maezinha. Preciso ajeitar o cabelo". Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o Chefe dos Correios tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espêlho. Está crente que ele corre atrás de você não é? Pois basta virar as costas que ele te faz caretas.

MARIA - Que se há de fazer, mãezinha ? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA - Duas horas? Ah, muito obrigado; Se me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor. (vai à janela) Ah, Avdotia! Sabe se chegou alguém? Não? Estúpida. Sim, o Governador te acenou, e daí? Você bem podia ter perguntado, não é sua burra? Não tem nada na cabeça a não ser um...Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E porque não correu atrás sua bêsta ? Vai atrás deles, idiota. Pergunta que inspetor é esse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos ele tem, sesão ou não são pretos, e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra!

CENA III - Hotel

CIRADO DO IMPOSTOR - (Estira-se na cama) Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para Petersburgo. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão (Imita) "Ossip, procura o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira!"Se ainda fosse um alto funcionário vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase toda a roupa por causa do maldito vício de jógo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem! Ai meud Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não dá mais comida pra gente, enquanto não se pagar a conta. Ai, como ronca esta maldita! (Ouve barulho fora) Deve ser ele. (Levanta-se rápido da cama. Entra o Impostor)

IMPOSTOR - Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

CRIADO - E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na minha vida?

IMPOSTOR - Se espojou sim. Olha só como está.

CRIADO - E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé

IMPOSTOR - Ainda tem fumo?

CRIADO - Fumo! ... Fumou o resto que tinha há mais de três dias

IMPOSTOR - Escuta Ossip. Vai lá.

CRIADO - Lá onde?

IMPOSTOR - (menos decidido, quase suplicando) Lá embaixo na cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

CRIADO - Não vou, nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-427.

DPF DCDP Fls. N.º 389 Rubrica

IMPOSTOR - Com se atreve a me responder assim, cretino?

CRIADO - E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que nao vai dar mais comida pra gente.

IMPOSTOR - Como não vai? Que absurdo é esse?!

CRIADO - Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao Governador. (imita) "Você e seu patrão sao dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostao!"

IMPOSTOR - E você acha muito engraçado isso, sua besta?

CRIADO - Acho. Principalmente o que ele disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denúncia, pra que o sacana de seu patrao vá logo pra cadeia".

IMPOSTOR - Cala a bôca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

CRIADO - Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com ele.

IMPOSTOR - Não quero falar com esse idiota. Vai lá e fala você

CRIADO - Não. Eu digo pra ele vir cá e o senhor fala

IMPOSTOR - Vai pro diabo que te carregue! Chame logo aquela besta!

CRIADO - (saindo) é melhor mesmo!

IMPOSTOR - (sózinho) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquele desgraçado capitao de infantaria me roubou sem piedade no jôgo! Como produzia azes o maldito! Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender fiado eles querem, esses reacionários. (Entra CRIADO assustado)

CRIADO - Não sei pra que; mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo Senhor.

IMPOSTOR - O bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é que ele quer comigo? O que é que ele pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! "Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve? Como é que o Senhor se atreve???"

(Entram Governador e Dobchinski e estacam. O Impostor empalidece. Gpvernador e Impostor ficam olhando-se estatalados)

GOVERNADOR - (perfilando-se) Minhas saudações e meus respeitos

IMPOSTOR - Um vosso servidor

GOVERNADOR - Queira perdoar

IMPOSTOR - Não há de que

GOVERNADOR - Meu dever como governador desta Cidade, é zelar pelo bem estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.

IMPOSTOR - (começa gaguejando) Bom...e o que é que o senhor quer que eu faça? A culpa nao é minha. É claro que eu vou pagar A culpa é toda dêle. Me dpa uma carne dura como pedra, E a sopa o que ele poe dentro, ninguém jamais descobriu o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que ele jurou me matar de fome; E o chá entao, tem gôsto de peixe. Por que havia eu entao de...ora essa é

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 428.

DPF
Fls. N.º 390
Rubrica

GOVERNADOR – (intimidade) O senhor vai me desculpar, mas na verdade a culpa também é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira. Os açougueiros daqui nao tocam em bebida. É gente sóbria de moral ilibada. Francamente, nao sei onde o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que ele serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredite que ignoro inteiramente. Só lhe peço que me permita convidá-lo a se mudar para outro local o quanto antes.

IMPOSTOR – Não, não quero! Sei muito bem que local é esse. É a cadeia, pensa que nao sei? Com que direito me propoe uma coisa dessas? Sou um alto funcionário de Sao Petersburgo, fique o senhor sabendo. Eu... eu...

GOVERNADOR – Nossa, como está irritado! Já sabe de tudo! Esses malditos comerciantes já me denunciaram.

IMPOSTOR – (tornando-se valente) Mesmo que venha com o exército inteiro, daqui ninguém me tira. Vou me queixar ao Ministro! (com socos na mesa) Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?

GOVERNADOR – (tremendo) Tenha piedade! Não me desgrace. Tenho mulher e filhos pequenos!

IMPOSTOR – E daí? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos eu tenho que ir para a cadeia? Nao. Muito obrigado, mas nao quero

GOVERNADOR – (trêmulo) Tudo isso aconteceu por pura inexperiência Juro que foi só por isso! Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o governo paga nao dá nem pro leite. Se houve subôrno foi por uma ninharia! Alguma coisinha pra forrar o estômago... Um cortezinho de fazenda pra nao se andar pelado, por aí. E quanto a esses boatos de que eu mandei espancar a viúva do subtenente porque ela fez contrabando, juro que é uma calúnia. Pura manobra desses corruptos que querem me tirar do Govêrno.

IMPOSTOR – E eu com isso? Se mandou surrar a viúva, o problema é dela. Só sei que a mim o senhor nao ia surrar de forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo, Mas quando tiver dinheiro. O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca, por que? É que no momento estou desprevenido. Só por isso.

GOVERNADOR – (À parte) Meu Deus, como é esperto! A gente fica sem saber por onde começar. De qualquer forma tenho de tentar. (Em voz alta). Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposiçao. Meu dever é ajudar em tudo aqueles que nos visita.

IMPOSTOR – É?! Necessito, sim. E se estiver disposto a me emprestar algum dinheiro, pago a conta agora mesmo. Nao preciso de muito. Uns duzentos rublos apenas.

GOVERNADOR – (Dando-lhe o dinheiro) Duzentos certinhos. Não precisa nem contar

IMPOSTOR – Ótimo. Assim que voltar pra casa, mando reembolsá-lo

GOVERNADOR – (À parte) Menos mal! É subornável! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos rublos, dei-lhe quatrocentos.

IMPOSTOR – Mas por favor, sentem-se, sentem-se

GOVERNADOR – (emocionado) Não se preocupe, Estamos bem de pé.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.409.

DPF DCDP Fls. N.º 391 Rubrica

IMPOSTOR - Sei. Mas sentados estarão melhor ainda. Por favor sim? Felizmente pude constatar a tempo a sinceridade de seus propósitos.... a largueza de seu caráter...E pensar que o senhor tinha vindo aqui só pra me levar pra...Querem fazer o favor de sentar?!

GOVERNADOR - (À parte) Quer continuar incógnito. Mas também sei fingir. Faço de conta que não sei quem ele é (Em voz alta) Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, quando entramos "ex-professo" ao hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes. Sim, porque não sou desses governadores que só pensam em si mesmos. Absolutamente. Muito além do meu dever, por simples espírito cristão...exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável conhecimento.

IMPOSTOR - Também estou contente. Não fosse o senhor acabaria ficando por aqui, pro resto da vida. Não sabia o que fazer pra pagar a conta.

GOVERNADOR - (À parte) Pois sim! Vem com essa, vem! (Alto) Se não for indiscrição, poderia perguntar-lhe para onde se dirige?

IMPOSTOR - Para minha propriedade em Saratov

GOVERNADOR - (À parte) Descarado. E nem fica vermelho com a mentira! Com esse é preciso cuidado. (Alto) Suponho que só viaja a passeio, não é mesmo?

IMPOSTOR - Não, não. Vou a chamado de meu pai. O velho está furioso porque não proguedi muito na Capital. Pensou que assim que eu chegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que ele visse o que são essas repartições do govêrno.

GOVERNADOR - (À parte) Que histórias o safado inventa (Alto) E pretende ficar fora muito tempo?

IMPOSTOR - Francamente, não sei. Meu pai é uma mula de teimoso Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara: " sinto muito, mas não posso viver fora de São Petersburgo. Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidades espirituais mais elevadas"

GOVERNADOR - (À parte) Ele é incrível! Vira e mexe mas não cai! Deixa que te obrigo a soltar a língua. (Alto) O senhor tem razão. Não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria. Sacrifico-me como um louco se regatear esforços, sabendo de antemão que nunca serei recompensado. (Olha e quarto) Este quarto é um pouco úmido, não é?

IMPOSTOR - Úmidíssimo! Se fosse só isso! Tem percevejos que mordem mais do que cães!

DOBCHINSKI - A gente chega a ouvir eles latindo

GOVERNADOR - Incrível! Um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas! E por culpa de quem? Por culpa desses miseráveis percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido! E tenho a impressão que nem ao menos luz há por aqui, não?

IMPOSTOR - Ah, escuríssimo! Nem ler a gente pode! E pensam que nos mandam velas? Pois sim, vai esperando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-430.

DPF DCDP Fls. N.º 392 Rubrica

GOVERNADOR - Que absurdo! Se ao menos tivesse a ousadia de lhe pedir...Mas não, sei que não sou digno de tanta honra.

IMPOSTOR - Mas de que se trata?

GOVERNADOR - Se eu ousasse...Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto...com luz à beira...e tranquilo. Mas eu compreendo muito bem que seria honra demasiada. Desculpe. Se ousei pensar nisso é porque o meu lema é..."A hospitalidade antes de tudo"

IMPOSTOR - Não, eu teria muito gôsto. Em qualquer parte me sentirei melhor do que nesta porcaria.

GOVERNADOR - Não sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que digo isso para lisonjeá-lo. De forma alguma! Não é absolutamente do meu feitio.

IMPOSTOR - Também eu tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.

GOVERNADOR - Não gostaria de agora visitar alguns estabelecimentos da cidade? O hospital, por exemplo?

IMPOSTOR - Mas pra que?

GOVERNADOR - Ah, enorme! E depois podemos passar pela Escola. Quero que veja como educamos a juventude!

IMPOSTOR - Como achar melhor!

GOVERNADOR - E depois, finalmente...a Prisão!

IMPOSTOR - Prisão?!

GOVERNADOR - Vai ver só, como tratamos os presos

IMPOSTOR - Não, senhor! Nesse caso prefiro o Hospital

GOVERNADOR - Como queira. E quer que eu siga sua carruagem...ou prefere vir na minha?

IMPOSTOR - É... vou com o senhor...

GOVERNADOR - Ótimo. (Baixo a Dobchinski) Vai correndo na frente entregar estas cartas. (Alto) Posso escrever duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede?

IMPOSTOR - Não se preocupe. Mas se quer mesmo, aqui há tinta. Papel é que não sei. Pode usar esta conta, se quizer

GOVERNADOR - É, a conta mesmo serve. (Escreve enquanto diz para si mesmo) Depois de uma boa garrafa de vinho, tudo vai ser mais fácil. E aquele vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante, Preciso descobrir quem é ele e como devo proceder com ele. (termina a carta e entrega a Dobchinski)
(Ao Impostor) Tenha a bondade! .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.431

13 DPF DCDP Fls. N.º 393 Rubrica

CENA IV - (ANA, MARIA e DOBCHINSKI)

ANA - Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas e tudo por sua culpa. (Olhando pela janela) Inferno, nao vem ninguém. Parece que todo mundo morreu.

MARIA - Garanto, mãezinha, que logo, logo, a gente fica sabendo de tudo. (Grita à janela) Ai, mãezinha, vem vindo alguém na rua.

ANA - Onde? onde? Você sempre inventando coisas! Ah, não. Vem alguém, sim. Quem será o imbecil?

MARIA - É Dobchinski, mãezinha

ANA - Que Dobchinski nada, manina! Sempre enxergando demais! Ei você aí! Ei aqui, idiota aqui!

MARIA - Garanto que é Dobchinski

ANA - Então não estou vendo que é Dobchinski! Ou pensa que eu sou cega! (Grita pela janela) Ei, depressa, depressa. Onde estão eles? Que espera que nada! Fala daí mesmo imbecil! (Aborrecida sai da janela) Idiota. Nao vai contar nada, até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos desta bêsta.

(Entra Dobchinski)

ANA - Vamos, agora conta tudo de uma vez

DOBCHINSKI - Seu Marido mandou este bilhete

ANA - Tá, mas fala. Como é ele, hem? É general?

DOBCHINSKI - Não. não é General! Mas vale tanto quanto um general. Que cultura! Que maneiras delicadas.

ANA - Então é o mesmo de que fala a tal carta

DOBCHINSKI - Claro, que é. E eu fui o primeiro a descobrir isso, com Pietra Ivanovich

ANA - Mas conta o que houve

DOBCHINSKI - Graças a Deus, a tempestade passou. Mas quando ele recebeu Anton Antonovich, esta brabo. Disse que no hotel tudo era uma droga, que nao acompanharia Anton Antonovich de maneira alguma...e que nao queria ir para a prisao por causa de seu marido. Depois Anton Antonovich conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o Hospital. Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido delatado. Para falar a verdade, até eu fiquei com um pouco de mêdo.

ANA - Mas por que? O senhor não é funcionário público...

DOBCHINSKI - Sim, mas uma alta autoridade sempre dá mêdo na gente

ANA - Bobagem. Mas me diga: ele é louro ou moreno?

DOBCHINSKI - Nem louro nem moreno: cabelos castanhos. E um par de olhos tao agitados que até assustam a gente

ANA - Bom, mas deixe eu ler o bilhete. (Lendo) "Apresso-me comunicar-te que minha situaçao era deplorável, mas graças à Providência Divina, por um quiabo e dois pepinos no vinagre...Um rublo e vinte e cinco cents. (interrompendo) Não entendo nada. Que tem a ver pepinos e quiabos com a Divina Providência?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 432.

DPF DCDP Fls. N.º 394 Rubrica

DOBCHINSKI - É que ele escreveu na conta do hotel

ANA - Ah, sim. (continua lendo) "...mas graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepare o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencie para que haja bastante vinho. Diga ao comerciante Abdulin que mande do melhor vinho que tiver, senão acabo com o armazém dele" (Aflita) Ai, meu Deus, preciso andar depressa. (A Dobchinski) Corre ao armazém do Abdulin ...Não, não, espera. Manda o cocheiro com este bilhete. (escreve falando) "Senão meu marido acaba com o seu armazém". Pronto. Vai vai depressa.

DOBCHINSKI - Vou dar um pulo no Hospital pra ver como vão as coisas

ANA - Isso, vai Dobchinski. Adeuzinho.

DOBCHINSKI - Adeuzinho

ANA - Bem, agora nós. Devemos ficar chiques. Esse homem vem da Capital, deve reparar muito nessas coisas. Você devia por o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem.

MARIA - Ah, não mãezinha! O azul, não! Todo mundo nesta cidade tem um vestido azul como o meu!

ANA - Já esperava por isso! Imagine se ela ia deixar de me contrariar. O azul, sim senhora! O azul é melhor por que eu quero usar o meu amarelo.

MARIA - Ah, mãezinha, o amarelo não fica bem na senhora.

ANA - O que?! Você disse que não fico bem de amarelo?

MARIA - É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos pretos

ANA - Ah, é demais! E os meus por acaso não são prêtos, sua burra?

MARIA - Claro que não, mãezinha!

ANA - Quer deixar de ser idiota, menina? São pretos, sim, Pretíssimos! A prova de que meus olhos sao pretos é que toda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus. E cala essa boca (saem)

CENA V (GOVERNADOR, IMPOSTOR, DIR HOSPITAL, DIR. ESCOLA, ANA e MARIA)

IMPOSTOR - Que Hospital hospitaleiro! Apreciei sobremaneira esse hábito de mostrar aos turistas tudo o que merece ser visto na cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR - É que nos outros lugares, se me permite, os Governadores só se preocupam com eles próprios. Enquanto que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.

IMPOSTOR - Ah, sei! O almoço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?

GOVERNADOR - Sempre. Como diz o ditado: o povo reclama de barriga cheia.

IMPOSTOR - (Grave) Posso falar-lhe com toda a franqueza?

GOVERNADOR - (lívido) Claro que pode...

IMPOSTOR - Adoro comer. Qual é mesmo o nome do maravilhoso peixe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 433.

DPF DCDP Fls. N.º 395 Pública

GOVERNADOR - (Corre e faz uma reverência) Bacalhau ...

IMPOSTOR - Bacalhau? Saborosíssimo! E lá onde almoçamos é o...

DIR. HOSPITAL - O Hospital

IMPOSTOR - Ah, é, tinha uma porção de camas, agora me lemobro. Mas os doentes? Morreram todos?

DIR. HOSPITAL - Absolutamente, senhor! É que só havia dez toucas limpas.... Oh, quero dizer, todos os doentes se curaram. Só ficaram dez no Hospital. Desde que assumi a direçao é assim. Mal o paciente entra, já está curado. Nao por causa de remédios, absolutamente. Mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani toda corrupçao.

GOVERNADOR - Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador - um governador que queira governar, claro - é a funçao mais ingrata do mundo. Mas nao me queixo absolutamente. Aceito o sacrifpicio, pelo bem de nossa Pátria. O que me dói é a ingratidao. Se eu fosse como outros governadores que só pensam em seus interesses, que tratam de fazer sua "caixinha", talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria sofro que só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Claro que eu nao estou pretendendo cargos mais altos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma dos meus inimigos. Tenho rezado tanto últimamente que meus joelhos estao cheios de calos.

DIR. HOSPITAL - Posso ver, excelência?

GOVERNADOR - Depois o senhor vê

IMPOSTOR - Use CALOL excelência.

GOVERNADOR - Enfim, como tenho consciência limpa, isso me basta. Mas veja bem. Que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos? Sao eles mesmos que, durante a noite, fazem esses buracos para terem de que me acusar. Falta água? Tem que faltar mesmo, às vezes. Mas falta por que? Porque eles vao, de noite, escondidos, e tiram o tampao da reprêsa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vao aos pastos, de noite, e dao veneno às pobres vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que eles agem. Garanto que se nao houvesse noite nao haveria nenhum problema nesta Cidade. Mas, que culpa tenho eu se todos os dias anoitece? Imagine o - Senhor que até da chuva eles me acusam! Felizmente a maioria do povo me conhece e me apoia. Nao dá importância a essas coisas! O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu nao sou corrupto. (PAUSA)
- O senhor ouviu o que eu estava dizendo não ouviu?

IMPOSTOR - (acordando) Han? Ah, ouvi! Ouvi, sim! Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores nao tem nenhum passatempo por aqui? Jôgo de cartas, por exemplo.

GOVERNADOR - (À parte) Safadão! Pensa que caio nessa! (Alto) Cartas? Deus me livre e guarde! Abominamos tudo que é de jôgo! Jamais pus as maos num baralho. E, de por acaso passo os olhos num Rei-de-copas, num Às-de-Paus ou num Valete-de-Ouros... vomito na mesma hora.

DIR HOSPITAL - (À parte) E esse desgraçado que me ganhou cem rublos ontem.

GOVERNADOR - Prefiro dedicar todo o meu tempo ao bem da Pátria. Nao acha que estou certo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.434

DPF DCDP Fls. N.º 396 Rubrica

IMPOSTOR - Bem, isto é, depende, outrossim, um joguinho até que...

(Entram ANA e MARIA)

GOVERNADOR - Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha esposa e minha filha.

IMPOSTOR - Quão feliz estou, minha senhora, pela volúpia de conhecê-la

ANA - A volúpia é toda nossa em receber tão ilustre personagem

IMPOSTOR - Absolutamente, a volúpia é toda minha!

ANA - Absolutamente, é toda nossa. Sente-se por gentileza

IMPOSTOR - Estar, ao seu lado, de pé, já é honra, tão grande, imagine o que nao é estar ao seu lado, sentado

ANA - Não me atrevo a crer no que diz! Para o senhor que vive na Metrópole, esta viagem campestre deve ser profundamente desagradável, nao?

IMPOSTOR - Bem, lá isso é verdade. Quando a gente se habitua, como eu, às altas rodas, sabe como é, né? e de repente, ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas...onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável! Mas o fato de tê-la conhecido compensa todos os males...

ANA - Obrigada. Imagine quanto tem sofrido!

IMPOSTOR - Mas já não disse que me sinto recompensado?

ANA - O senhor está me cumulando de honrarias, que eu não mereço

IMPOSTOR - Não merece porque? Merece, sim, como não merece?

ANA - Eu, uma provinciana?

IMPOSTOR - E não é na província que vamos encontrar as montanhas os riachos, e tudo que é frescura? Claro que não vamos querer agora comparar Petersburgo com uma biboca como...Ah, São Petersburgo, que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário, nao é mesmo? Claro que nao vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da Secretaria é meu amigo e, sendo assim, raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é, só para dar algumas ordens. "Faça isso, faça aquilo". Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear assessor do Ministro, imagine! É "Excelência pra cá" "Excelência pra lá", um inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas. (Ao Governador) Por que é os senhores gostam tanto de ficar de pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR - A hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria permaneçamos de pé

DIR. HOSPITAL - E de pé ficaremos! É mais digno.

IMPOSTOR - Mas me dá muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim, os senhores se sentariam

GOVERNADOR - Se o senhor ordena. Senhores...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.435.

DPF DCDP Fls. N.º 397 Rubrica

IMPORTOR - Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora, no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que vá, é sempre a mesma coisa. "Olha quem está ali! Ivan Klestacov!" Uma vez até me confundiram com o Marechal... Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mas tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou. "Pois é, querido. Confundiram você com o Marechal". Por sinal que o Marechal também é unha e carne comigo.

ANA - Bárbaro!! E as lindas atrizes de teatro?

IMPOSTOR - Conheço todas. Já comi várias, várias vêzes na casa de muitas delas. Bom, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa?" Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, ele fala sério. É um tipo gozado, o Pushkin!

ANA - Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

IMPOSTOR - Sim, muito. Fora os livros que já escreví "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas eles insistiram: "Por favor, meu querido, escreve, escreve alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreve". Está bem, está bem, eu escrevo. E pra que não me amolassem mais, escreví numa noite só todos esses livros. Ficaram impressionadíssimos, é natural! De fato minha agilidade mental é incrível! Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas", "Diário de um Louco", "O Inspetor Geral"...

ANA - Então Gogol é o senhor?

IMPOSTOR - Puxa, mas todo mundo sabe disso! ...

ANA - Desculpe, é que sou muito distraída. E "Hamlet"?

IMPOSTOR - O que é que tem?

ANA - Por acaso foi o senhor também quem escreveu?

IMPOSTOR - Foi. Esse a senhora sabia?

ANA - Agora, ligando uma coisa a outra...

MARIA - Mas, mãezinha, no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.

ANA - Ah, tinha certeza que você ia me contradizer!

MARIA- Juro, mãezinha! Olha, vou buscar pra senhora ver.

IMPOSTOR - Não! De fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.

ANA - Eu lí o seu! Por sinal, muito bem escrito.

IMPOSTOR - Para falar a verdade, vivo da literatura. Não sei se já ouviram falar de minha casa, a melhor de Petersburgo. "A casa do grande Ivan Klestacov", como costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepções sociais. Lá jogamos sempre Eu, o embaixador francês, o embaixador inglês, o embaixador alemão e o ministro do Exterior. Estou presente a todas os lugares. Todos os dias vou ao gabinete do Imperador. Amanhã serei nomeado Marechal-de-campo...

(O Impostor escorrega e cai da cadeira. O Governador aproxima-se trêmulo de mêdo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.436. 18

DPF
D. P.
Fls. N.° 398
Rubrica

GOVERNADOR - Exce... Exce... Exce...

IMPOSTOR - Está sentindo alguma coisa?

GOVERNADOR - Exce...Excelência, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

IMPOSTOR - Descansar? Que besteira é essa agora? Eu lá sou homem que descanse? ! Está bem, acho melhor; sim. O almoço estava excelente mesmo, viu? Palavra de honra. (Com ênfase) Bacalhau...Bacalhau... (Sai seguido pelo Governador)

DIR. ESCOLA - Meu Deus que homem! Nunca vi na vida pessoa tão importante.

DIR. HOSPITAL - Na sua opinião, qual é a patente dele?

DIR. ESCOLA - Aposto que é General

DIR. HOSPITAL - Imagine! No mínimo generalíssimo! Não viu o que aconteceu quando ele entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros! Meus respeitos, Ana Andreievna.

DIR. ESCOLA - É espantoso, esse homem! E nós, nem vestidos a rigor estamos! O que irá acontecer, meu Deus! Imagine se ele chega a Petersburgo e resolve me denunciar? Adeus, minha senhora. (Saem)

ANA - Adeus, adeus. (com Maria) Que homem agradável, meu Deus! ou vai dizer também que não acha?

MARIA - Ah, um amor de homem!

ANA - Que maneiras! Vê-se logo que é da Capital. Nunca vi pessoa assim. Fico inteiramente indócil, céus! Ele me adorou, você viu? Não tirava os olhos de mim.

MARIA - A senhora está enganada, mãezinha. Era para mim que ele olhava

ANA - Ai, como essa menina me irrita! Nunca vi nada mais imbecil na vida.

MARIA - Tenho certeza, mãezinha.

ANA - Claro. Imagine se ela ia perder essa chance de me contrariar... Quando foi que ele olhou pra você, sua cretina?

MARIA - Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contava o jogo de cartas com aquele montão de embaixadores e ministros.

ANA - Vê como você imagina coisas! Pode ser que ele tenha olhado uma vez para você. Mas daí dizer que ele não desgrudava o olho é um pouco demais. Uma vez, vá lá, ainda admito. Com certeza porque pensou: "Deixa eu dar uma olhada pra menina também, pobrezinha". Foi isso. E ponto final, tá?

(Entra o Governador na ponta dos pés)

ANA - O que é que houve, homem, caiu da escada?

GOVERNADOR - Psiu...

ANA - Psiu por que? Sou cachorra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.437

DPF
DCDP
Fls. N.° 399
Rubrica

GOVERNADOR - Não devia ter deixado ele beber tanto. Se metade do que falou é verdade... Oh, estou frito! E por que não havia de ser verdade? O homem, quando está bêbado fala tudo. Claro que deve ter exagerado um pouco. Mas mentir, não acredito. Ele é unha e carne com o Imperador! Quanto mais penso nisso mais me apavoro!

ANA - Que homem exagerado! Pois a mim não me intimidou nem um pouco. Achei uma uva! Isto é: um homem finíssimo. E muito culto.

GOVERNADOR - Porque é mulher. E mulher, todo mundo sabe, não enxerga um palmo diante do nariz. Que vergonha! Falou com ele como se fosse um Dobchinski qualquer.

ANA - Sei muito bem onde você quer chegar! Quanto a isso, pode ficar, sossegado que eu sei me conduzir convenientemente. (À filha) Eu não disse?

GOVERNADOR - (olhando a filha) Ah! besteira ficar perdendo tempo com vocês! Que calamidade, meu Deus!

ANA - Que homem grosso e sem cultura!

GOVERNADOR - (refletindo) Estranho mundo, este. A gente olha um jovem insignificante e pálido e vá lá advinhar quem ele seja. É duro dizer, mas "Viva a Juventude". Só os jovens podem salvar o mundo!

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.438.

DPF DCDP Fls. Nº 400 Rubrica

SEGUNDO ATO - O INSPETOR GERAL

CENA VI - O mesmo cenário

(Entram na ponta dos pés: Governador, Dir. Hospital, Chefe dos Correios, Dir. Escola e Juiz do Tribunal) (A cena se desenrola a meia voz)

GOVERNADOR - Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mas fiquem em ordem. E que Deus nos ajude. Um homem que é íntimo do Imperador! Assumam todos uma postura militar. Aimos Fiorovich coloque-se deste lado. E o senhor, Lucas Lukich, aqui.

JUIZ - Desculpe, Anton Antonovich, mas acho que devíamos fazer alguma coisa.

GOVERNADOR - O que, por exemplo?

JUIZ - O senhor sabe

GOVERNADOR - Subornar?

JUIZ - Vá lá.

GOVERNADOR - Acho perigoso: Ainda se fosse uma doação...para a construção de um monumento...

CHEFE DOS CORREIOS - Podíamos dizer a ele: "Esse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem endereço...Não será para o Senhor?"

GOVERNADOR - Não, não, Num governo sério essas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: por que estamos aqui feito um batalhão? O certo era que viéssemos um d cada vez. Numa sociedade organizada é assim que se procede: Bem testemunhas, como preendem? Aimos Fiorovich falará primeiro.

JUIZ - Não, o primeiro deve ser o senhor, que é o Governador

DIR. HOSPITAL - È melhor Lucas Lukich, que ilumina com seu saber a juventude

DIR. ESCOLA - Não, meus senhores, não posso! Na presença de superiores não consigo destravar a lpingua.

GOVERNADOR - Está decidido. Aimos Fiorovich, deve ser o senhor Uma palavra sua vale um discusso de Cícero.

JUIZ - Não, meus senhores, não...

(Ouve-se barulho de Impostor. Todos se precipitam na direção empurram-se)

DIR. ESCOLA - Ai, Artiemi Filipovich, o senhor me pisou!

CHEFE DOS CORREIOS - Ai, meus senhores, não aguento mais! Acho que vou confessar tudo de uma vez!

(Outro barulho de Impostor)

IMPOSTOR - Acho que ronquei um bocado! Ontem me fizeram comer demais. Pelo visto, posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Pena seja por interêsse. A filha não é nada feia! E a mãe, também não é de se jogar aos caes .A vida assim é outra coisa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-439.

DPF Fls. N.º 401 Rubrica

GOVERNADOR - Excelência. Tenho a honra de apresentar minha equipe de trabalho. Incansável de lutar pelo bem da Pátria."Abnegação e honestidade"é o nosso lema. (Todos sentam para uma conversa)

JUIZ - (À parte) Meu Deus, fazei com que eu saia inteiro daqui. (Alto) Tenho a honra de apresentar-me: Juiz do Trubunal, desta provincia!

IMPOSTOR - Ah, o senhor é o Juiz daqui, é?

JUIZ - Exatamente

IMPOSTOR - Está contente?

JUIZ - Muito. E honrado com a indicação da nobreza? (À parte) O dinheiro está me queimando a mao.

IMPOSTOR - Não quer sentar-se aqui?

JUIZ - (À parte) Piso em brasas! (Avança devagar, o punho fechado)

IMPOSTOR - O que tem na mão?

JUIZ - (assustado deixa cair o dinheiro) Nada!!

IMPOSTOR - Não é dinheiro?

JUIZ - Não senhor!

IMPOSTOR - Como não?!

JUIZ - (À parte) Estou perdido!

IMPOSTOR - É dinheiro, sim. Veja se não é!

JUIZ - (à parte) Já me vejo na fôrca (Alto) É! É dinheiro

IMPOSTOR - Olha...o senhor não poderia me emprestar essa importância?

JUIZ - Pois não. Com muito prazer (À parte) Virgem Santíssima!

IMPOSTOR - O senhor compreende...Quando se viaja, perde-se o controle do dinheiro. Assim que chegar em casa, mando reembolsá-lo.

JUIZ - Oh, por favor. Isso, pra mim, é uma ronra extraordinária! Com todas as minhas forças...meu zêlo e dedicação ao Govêrno...procurei estar à altura...há...nao ouso importuná-lo com minha conversa. Alguma ordem?

IMPOSTOR - Ordem?,Que ordem?

JUIZ - Quer dizer...no que se refere ao Tribunal Civil

IMPOSTOR - Absolutamente! Não tenho mais nada com ele

CHEFE DOS CORREIOS - Tenho a hinra de apresentar-me: Ivan Kuzmich Chefe dos Correios.

IMPOSTOR- Prazer. O senhor está morando aqui definitivamente?

CHEFE DOS CORREIOS - Definitivamente

IMPOSTOR - Cidadezinha simpática, esta. Claro que não tem uma sociedade...digamos...Bem, afinal de contar nao é a Capital, não é mesmo?

CHEFE DOS CRREIOS - Exatamente.

IMPOSTOR - Só na Capital se pode cultivar o bom tom. Lá não se topa a cada instante com basbaques provincianos. Nao acha?

CHEFE CORREIOS - Acho, sim senhor.

IMPOSTOR - No entanto, pode-se viver bem numa cidade pequena.

CHEFE CORREIOS - Indubitàvelmente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.440.

DPF
Fls. N.º 402
Rubrica

IMPOSTOR - (À parte) Preciso tomar algum dêle. (Alto) Imagine o~que aconteceu! Estou a nenhum (Silencio) (Decidido) O senhor não tem uns trezentos rublos pra me emprestar?

CHEFE DOS CORREIOS - Com muita honra. Por obséquio

IMPOSTOR - Obrigado. Detesto economizar em viagens.

CHEFE DOS CORREIOS - Exatamente como eu. Alguma observação quanto à direçao dos Correios?

IMPOSTOR - Eu? Eu, não!

CHEFE DOS CORREIOS - Isso muito me lisonjeia!

GOVERNADOR - (Ao Diretor da Escola) Vai não tenha mêdo, imbecil

DIRETOR DA ESCOLA - (Morto de mêdo) Tenho a hinra de apresentar me! Lucas Lukich, Diretor da Escola

IMPOSTOR - Prazer. O senhor fuma?

DIRETOR DA ESCOLA - Fumo. Fumo. Mas se o senhor quizer eu deixo

IMPOSTOR - Aceita um charuto?

DIRETOR DE ESCOLA - Ao Governador) Nossa mãe! Aceito ou não aceito?

IMPOSTOR - Aceite. É muito bom esse charuto. Claro que não se compara com os de Petersburgo! Mas aqueles custam uma fortuna!

DIRETOR DA ESCOLA - Pois não (Tenta acender o charuto mas está tremendo)

IMPOSTOR - É do outro lado.

DIRETOR ESCOLA - Desculpe

IMPOSTOR - Pelo que vejo não costuma fumar harutos. Já eu, gosto muito! Outro fraco que eu tenho sao as mulheres. Loura ou morena, tanto faz! Adoro mulher! E o senhor? (O Diretor fica perplexo com a pergunta, mudo de espanto) Prefere loura ou morena?

DIRETOR ESCOLA - Não ouso ter preferências!

IMPOSTOR - Ah, o senhor é~muito esperto, heim? Tem mêdo que lhe descubram as fraquezas, não é?

DIRETOR ESCOLA - (Gago de mêdo) Fraqueza, eu?!

IMPOSTOR - Vamos, confesse de uma vez!

DIRETOR ESCOLA - Não tenho nada a confessar, juro

IMPOSTOR - Pensa que sou bôbo, é? Olha só, como ficou vermelho! E então? Por que nao responde?

DIRETOR ESCOLA - Acho que destranquei a língua

IMPOSTOR - Bem, não~quer confessar, não confesse! Mas uma coisa tenho certeza que nao vai negar!

DIRETOR ESCOLA - Pois não excelência...Vossa Reverendíssima... Majestade... (À parte) Merda! A língua me traiu! (Alto) Tenha bondade de ordenar

IMPOSTOR - Pode me emprestar uns trezentos rublos?

DIRETOR ESCOLA - Com muita honra. Pode ficar com a carteira também.

IMPOSTOR - Já que insiste...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.441

DPF DCDP Fls. N.403 Rubrica

DIRETOR ESCOLA - Não ouso importunar-lhe com minha conversa. Se me permite...

IMPOSTOR - À vontade. (À parte) A coisa não vai mal!

DIRETOR DO HOSPITAL - Tenho a honra de apresentar-me: Artiemi Filipovich, Diretor do Hospital.

IMPOSTOR - Eu sei! Já fomos apresentados, não se lembra?

DIRETOR HOSPITAL - Perfeitamente. Tive a honra de recebê-lo para o almoço!

IMPOSTOR - Que, por sinal, estava excelente!

DIRETOR HOSPITAL - Minha maior alegria é servir à Pátria!...

IMPOSTOR - A minha é ser bem servido. Engraçado! ...Tenho a impressão que ontem o senhor era mais baixinho, não era?

DIRETOR HOSPITAL - É possível. Não mereço esforços para cumprir conscientemente o meu dever! Não sou como muita gente por aqui. (Carrega o Impostor para um canto) Veja o Chefe dos Correios! A repartição dele é um desastre! As encomendas postais, sempre atrazadas! Uma vergonha! O senhor vai verificar por si mesmo. A mesma coisa é o Juiz! Só pensa em caçar lebres. O Tribunal vive cheio de cachorros. E sua conduta, - embora além de parente, ele seja meu melhor amigo - sou obrigado a confessar pelo bem da Pátria...É simplesmente escandalosa! Existe aqui um tal de Dobchinski, o senhor já conhece. Pois bem, basta Dobchinski pôr os pés na rua que o Juiz na mesma hora se mete na casa dele e fica lá com a mulher fazendo só Deus sabe o que! E as crianças? Nenhuma se parece com Dobchinski. Todas, até a menorzinha são direitinhas a cara do Juiz...

IMPOSTOR - Não me diga!

DIRETOR HOSPITAL - A cara! Com nariz de papagaio e tudo. E o Diretor de Escola?! Não compreendo como lhe confiaram um cargo desses. É um perigo! Está corrompendo a juventude com suas idéias subversivas! Reacionarísimo, pode crer! Se, o senhor quizer posso fazer um relatório por escrito.

IMPOSTOR - O senhor tem filhos?

DIRETOR HOSPITAL - Cinco! Todos parecidíssimos comigo!

IMPOSTOR - Devem dar uma bruta despesa!

DIRETOR HOSPITAL - Mas graças a Deus, o pouco que honestamente ganho com meu trabalho, dá e sobra!

IMPOSTOR - Sobra?! Então o senhor bem que podia me emprestar uns trezentos rublos, hen?

DIRETOR HOSPITAL - Aqui estão. Não devo importuná-lo mais.

IMPOSTOR - (Para o público) Mas que dedo duro!

GOVERNADOR - Excelencia. Se nos permite. De todo o coração, pedimos humildemente que nos perdoe! (Saem)

IMPOSTOR - Não tem importância. Tive muito prazer. (Sózinho) Há funcionários demais por aqui! Estão me tomando por um alto funcionário com certeza! Se impressionaram com toda aquela conversa de ontem à noite (Procurando nos bolsos) Não vou ser besta de perder uma chance dessas! Onde pus a carta que comecei a escrever a Stanislaw? Ah, aqui está! (Senta-se para continuar a escrever a carta) Acho que fico mais uns dias por aqui!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.442

DPF D...DP Fls. N.º 404 Rubrica

CENA VII (Impostor e Criado)

IMPOSTOR - (Enquanto escreve) Então, cretino? Vê como me recebem e me tratam?

CRIADO - Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente! Acho que é hora da gente se mandar.

IMPOSTOR - Pois, sim! Justo agora que estou nadando em dinheiro?

CRIADO - Amanhã cedo, então

IMPOSTOR - Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não cobrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem! De graça também! Que é tudo por conta do Govêrno!

CRIADO - Vou mandar alguém em meu lugar. E, pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas. (Sai)

CENA VIII (Comerciante e Impostor)

COMERCIANTE - (Entrando ofegante. De súbito) - Queremos falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atençao!

IMPOSTOR - Um momento, um momento. O que é que o senhor quer?

COMERCIANTE - Implorar vossa misericórdia!

IMPOSTOR - Está bem. Mas o que é que houve?

COMERCIANTE - Uma infinidade de injustiças, excelência.

IMPOSTOR - É? Por parte de quem?

COMERCIANTE - Do Governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos!

IMPOSTOR - Também, quem manda sabotarem o govêrno dêle? É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas! As pobrezinhas nao tem culpa de nada!

COMERCIANTE - (Sem compreender) Vacas, excelência?!

IMPOSTOR - Bem, não interessa! Vai adiante.

COMERCIANTE - Ele está nos reduzindo a fome com tantos impostos!

IMPOSTOR - Imagine! Umas pessoas tão gordas e saudáveis

COMERCIANTE - Tudo o que ele pede, até roupa pra mulher e pra filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa que a gente nao tem...nem queira saber o que acontece! Agarra a gente pelos cabelos e puxa com toda fôrça que quase arranca! E enquanto puxa, excelencia...xinga a gente de subversivo, de merda, e uma porçao de nomes feios. Depois vasculha a loja de cima a baixo, e tudo que lhe cai nas maos manda trazer pra casa dêle.

IMPOSTOR - Mentira! ...

COMERCIANTE - Palavra de honra, excelência! No aniversário dele emtão...no dia de Santo Antonio... a gente tem que mandar quase a loja inteira. E o pior é que no dia de Sao Pedro ele diz que também faz anos!

IMPOSTOR - Mas isso já é um assalto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.443.

DPF D.P.F. Fls. N.º 405 Rubrica

COMERCIANTE - E vá alguém protestar! Manda logo a polícia invadir a casa do sujeito, prender e arrebentar! Diz que desrespeita as Leis, mas é só de boca pra fora. E depois começa de mandar jogar a gente no rio. "Pra limpar a cidade dos indesejáveis".

IMPOSTOR - Mas que grande safado! Isso é caso de confinamento na Sibéria!

COMERCIANTE - Como o senhor preferir! Contanto que ele desapareça! Por favor, excelencia: aceite estas humildes oferendas!

IMPOSTOR - De maneira alguma! Não aceito qualquer espécie de subôrno! Ainda se fosse um empréstimo, vá lá...

COMERCIANTE - Um empréstimo, excelência?

IMPOSTOR - Digamos, uns...trezentos rublos! Aí, sim. Um empréstimo ainda poderia acreitar.

COMERCIANTE - Mas por que só trezentos? Aceite quinhentos excelencia! Contanto que nos ajude a nos livrar desse homem.

IMPOSTOR - Vá lá! Mas a título de empréstimo! Do contrário recuso!

COMERCIANTE - Ajudai-nos, excelência. Do contrário só nos resta o exílio. (Sai)

CENA IX (Mulher e Impostor)

MULHER - (Fora) Deixe-me passar! Vê se vai empurrar a mãe, seu cavalo! Quer tirar a mão daí?! Quem está pensando que eu sou seu atrevido?! (Entra desesperada, ajoelhando-se) Misericórdia paizinho!!

IMPOSTOR - Que quer a senhora?

MULHER - Implorar vossa graça contra o desgraçado do Governador! Que a maldição caia sobre sua cabeça! Que um raio fulmine sua família inteira! Mulher, filha, tios, tias, primos...

IMPOSTOR - Por que, coitado?!

MULHER - Ele mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dêle! Meu marido é um homem casado! É contra a lei, excelentíssimo!

IMPOSTOR - E por que fêz isso?

MULHER - Porque é um cachorro! Que Deus o castigue neste mundo e no outro. Que a mulher dêle fique de bôca torta e a filha vêsga! E se tem pai, queo pai dêle fique sem os dois braços e as duas pernas!

IMPOSTOR - Espera aí! Assim também já é exagêro!

MULHER - O filho do alfaiate - aquêle que dá mais pinta que borboleta, é que foi convocado. Mas como na hora que recebeu a convocação teve um chilique...o alfaiate deu um presente ao Governador, e o Governador entao mandou meu marido no lugar dêle Agora me diga, excelência: como é que eu vou passar sem marido todo esse tempo?!

IMPOSTOR - É, deve ser fogo.

MULHER - Desgraçado! Que a família dele jamais possa ver a luz do sol! Se tiver sogra, que a sogra fure os olhos da família inteira com uma agulha!

IMPOSTOR - Mas o que é que eu posso fazer?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-424

MULHER - É, agora não adianta nada! Mas pelo menos que esse desgraçado pague uma multa pelo êrro!

DPF Fls. N.406 Rubrica

IMPOSTOR - Está certo. Vou dar uma ordem nesse sentido. Agora pode ir descançada.

MULHER - (Saindo) Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado! Tomara que a familia inteira dêle fique com cachumba! E catarata E tôda espécie de doença nova que aparecer no mundo.

CENA X (Maria, Impostor, Ana e Governador) (Cena cheia de pausa)

MARIA - (Fresca) Oh!

IMPOSTOR - (Que não tinha visto Maria) Por que se assustou?

MARIA - Não, não me assustei

IMPOSTOR - Ah! bem! Se não fôsse ousadia, poderia perguntar-lhe para onde ia?

MARIA - Em verdade, a parte alguma

IMPOSTOR - E por que, por exemplo, não ia a parte alguma?

MARIA - Pensei que mamãe estivesse aqui

IMPOSTOR - Ainda assim, gostaria de saber por que razão não ia a parte alguma!

MARIA - Perdoe tê-lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.

IMPOSTOR - Seus olhos valem mais que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira?

MARIA - Sinceramente, não sei...Precisava tanto ir embora...

IMPOSTOR - Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia?

MARIA - Ah, é verdade! (senta-se) Que tempo esquisito hoje!

IMPOSTOR - Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo!

MARIA - Gosto muito de versos! Se não fôsse ousar demais poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum?

IMPOSTOR - Quanto quizer! Seu olhar já me inspirou um álbum inteiro!

MARIA - O senhor fala assim por falar!

IMPOSTOR - Não sou eu quem fala! É o amor que transborda do meu coração

MARIA - Amor! ... Linda palavra que não compreendo! Que nunca soube o que é.

IMPOSTOR - Pois olhe no fundo dos meus olhos e ficará sabendo.

MARIA - (Ela olha e depois afasta a cadeira) Que tempo esquisito, hoje!!

IMPOSTOR - Por que se afastou? Um perto do outro é melhor!

MARIA - Perto, por que? É a mesma coisa, longe!

IMPOSTOR - Longe, por que? É a mesma coisa, perto.

MARIA - Não atino com a razão! Mas se realmente prefere perto... (faz para aproximar-se)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 445.

DPF Fls. N. 407 Rubrica

IMPOSTOR - Não! Pensando bem, é melhor longe!

MARIA - No que ficamos? Longe ou perto?

IMPOSTOR - Par ou ímpar? (jogam)

MARIA - Par

IMPOSTOR - Longe! Deus escreve certo com linhas tortas. Perto, eu não poderia conter esse ímpeto de estreitá-la em meus braços!

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!!!

IMPOSTOR - É o tempo do amor! Da canícula na primavera.

MARIA - (Levantando-se) Oh que ave será aquela que passou voando? Será uma pomba ou um colibrí?

IMPOSTOR - Um modewto urubú! (Toca-lhe o braço com a mão)

MARIA - Que tempo esquisito, hoje!

IMPOSTOR - Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante! (Beija-lhe o ombro)

MARIA - (ofendida) Oh! Mas que significa isso? Que atrevimento é êsse, agora?

IMPOSTOR - Puxa, será que não se pode nem brincar com a senhorita?

MARIA - Isso não é brincadeira! É uma audácia!

IMPOSTOR - Juro que não! E como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos! (Ajoelha) Olhe, só. Perdão, perdão, perdao.

ANA - (Entra) Oh! Que quadro!

IMPOSTOR - (À parte) (levantando-se) Ai, cacête!

ANA - Que significa isso, menina? Que procedimento é êsse?

MARIA - Mãezinha, eu...

ANA - O que? Ainda ousa me responder?! Saia daqui, imediatamente!

MARIA - Está bem, mãezinha, obedeço (Sai)

IMPOSTOR - (À parte) Essa também dá pra quebrar um galho! (ajoelha-se bruscamente) Minha senhora, veja! Estou ardendo de paixao!

ANA - Oh, o senhor de joelhos?! Por favor, levante-se! O chão aqui é muito úmido!

IMPOSTOR - Não. Quero ficar a seus pés! Nem que fôr pra morrer de reumatismo! Quero conhecer meu destino! Está em suas maos, decida! A vida, ou a morte?

ANA - Desculpe...mas eu sou um pouco nurrinha...

IMPOSTOR - Não tem importância! É a seus pés que estou, não aos pés de Carlos Magno

ANA - É que não estou percebendo exatamente o significado de suas palavras! Se eu nao me engano o senhor está declarando seu amor por minha filha, não é isso?

IMPOSTOR - Não, senhora! Estou declarando meu amor pela senhora mesma. Para ser breve: com esta chama que me queima o peito.. peço sua mao em casamento

ANA - É...interessante. Mas permita observá-lo que "até certo ponto" eu sou casada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.446.

DPF DCDP Fls. N.º 408 Rubrica

IMPOSTOR - Sim, mas especialmente por causa dêsse "até certo ponto", poderemos perfeitamente nos esconder sob a sombra das cascatas! Ou em outro lugar melhor que a senhora conheça!

MARIA- (Entrando) Oh, que quadro! (Impostor levanta-se)

ANA (À parte) Ah, ela tinha que aparecer justo agora! (Alto) E entao! Desde quando a senhora vai entrando, assim sem mais nem menos, como um gato ladrao?! E agora fica aí, de olhos esbugalhados como coruja espantada! O que é que a senhora viu aqui de tao estraordinário? Que menina mais sem graça, meu Deus! Vamos, fale de uma vez! Ou será que engoliu a língua?

MARIA - (Em lágrimas) Mãezinha, eu... eu...

ANA - Sim, você o quê?! Vamos, diga!

MARIA - Eu... eu... (Chora)

ANA - Essa agora! Você sabia, e daí? Precisa chorar por causa disso?! Se todo o mundo fôsse chorar ao descobrir que nao sabia de alguma coisa, onde iríamos parar com tantas lágrimas? Estaríamos nadando feito idiotas por aí?! Cabeça de alfinete! Tem sempre que imitar as filhas de Tiapkin! Nao tem de olhar pra elas, já disse! Por que nao toma sua mae como exemplo?

IMPOSTOR - (Segurando a mão de Maria) Minha senhora, não se oponha à nossa felicidade. Abençoe esse amor eterno!

ANA - Que amor eterno?

IMPOSTOR - O nosso!

ANA - Nosso, de quem?

IMPOSTOR - O meu e o dela

ANA - (Desapontada, perplexa) Ai, sei! Do senhor e da minha filha...É isso?

IMPOSTOR - Está em suas mãos, minha senhora. Decida. A morte ou a vida?!

ANA - Está vendo o que arrumou, estúpida?! Por uma pamonha como você, nosso hóspede ficou de joelhos, se arriscando a um bruto reumatismo! Nao lhe gabo o gôsto, mas enfim...Por isso que ela entrou aqui feito uma louca! Bem merecia que negasse meu consentimento! Uma retardada como você, nao merece tamanha felicidade.

MARIA - Juro que não faço mais, mãezinha!

GOVERNADOR (Entra abruptamente) Juro que não faço mais, excelência. Não me desgraçe!!

IMPOSTOR - Que foi que houve?

GOVERNADOR - Eu sei que essa gente veio se queixar de mim! Mas juro que metade do que disseram é mentira! Nao é verdade que eu mandei surrar a mulher do subtenente. Ela mesma se surrou. Não acredite nessa gente, Excelencia. Não acredite, nao acredite.

ANA - Agora quer parar um pouco essa ladaínha e ouvir?

GOVERNADOR - Não acredite. Excelência. Não acredite, não acredite.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.447.

DPF DCDP Fls. N.º 409 Rubrica

ANA - (Ao Impostor) Diz logo que não acredita, senão ele fica repetindo isto até o mês que vem.

IMPOSTOR - Não acredito

ANA - Sabe da honra que nos dá este cavalheiro? Acaba de pedir a mão dessa...de nossa filha em casamento

GOVERNADOR - Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias? Não se zangue, excelência. Ela sempre foi assim meio abobalhada. A mãe dela era a mesma coisa.

IMPOSTOR - Mas é verdade. Tenho a honra de pedir a mão de sua filha!

GOVERNADOR - Não, não posso acreditar, Excelencia!

ANA - (Furiosa) Não pode acreditar "por que", pode me dizer??

GOVERNADOR - Não, não. Não mereço tamanha felicidade, não mereço!

ANA - Está bem. Então agora quer parar com este faniquito e calar a bôca?

GOVERNADOR - Tenha a bondade de dizer, excelência. Sou só ouvidos!

IMPOSTOR - Pois bem. Torno a pedir a mão de sua filha. Mas previno-o que, se me negar, pelo que possa acontecer, a culpa é toda sua!

GOVERNADOR - Não posso acreditar! O senhor está brincando comigo!

ANA - (Cheia) Ai, que vou já, já ter uma coisa!

IMPOSTOR - Peço-lhe que se decida. De outra forma, responsabilizo-o desde já por minha morte!

GOVERNADOR - Não se zangue, excelencia, não se zangue. Estou completamente tonto. Minha cabeça não pára de dar voltas! Fiquei mais estúpido do que nunca.

ANA - Depois você cuida disso. Dá logo tua bênção e pronto

GOVERNADOR - Sim, sim com muita honra. Deus os abençoe, se Vossa Excelência me permite. (Impostor beija Maria). Eles estão mesmo se beijando, ou eu é que estou ficando louco?

ANA - Vá pro diabo que te carregue. Você hoje me encheu as medidas.

IMPOSTOR - Bem, agora vou indo

GOVERNADOR - Como?! Vai partir?!

IMPOSTOR - Sim, vou. ...

GOVERNADOR - Mas...mas...mas se não me atrevi a ouvir mal, o senhor teve a bondade de pronunciar a palavra...casamento

IMPOSTOR - Sim, claro. Vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta.

GOVERNADOR - Não ousamos retê-lo, na esperança de um feliz regresso

IMPOSTOR - Adeus. Não acho palavras para exprimir minha felicidade. (Beija a mão de Maria)

GOVERNADOR - Não vai precisar de nada para a viagem? O senhor parece, já teve a bondade, de precisar de dinheiro uma vez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.448.

DPF DCDP Fls. N.º 410 Rubrica

IMPOSTOR - Já que insiste...

GOVERNADOR - Quanto deseja?

IMPOSTOR - Bem, o senhor ainda hoje me deu uns duzentos rublos.

GOVERNADOR - Perdão, Excelencia, quatrocentos.

IMPOSTOR - Ah, sim, que distração! Se quizer dar-me agora igual quantia, completaremos oitocentos. Conta redonda.

GOVERNADOR - Aqui estão. Notas novinhas em fôlha!

IMPOSTOR - (Enquanto conta as notas) Tanto melhor. Dizem que traz boa sorte. (Ao acabar de contar as notas) Só que está faltando uma de cem.

GOVERNADOR - Ah, sim? Queira ter a bondade de desculpar. Por obséquio.

IMPOSTOR - Não havia pressa. Bem...não quero dizer adeus. Mas uma coisa não posso deixar de dizer: obrigado pela hospitalidade. Jamais tive um acolhimento igual ao desta casa. "Au revoir" (A Ana) Minha senhora...(A Maria) Adeus, Maria Andreievna, luz de minh'alma!! (Sai)

CENA XI (Ana, Maria e Governador)

GOVERNADOR - E então Ana Andreievna? Que belo casamento hem? Confessa que você jamais sonhou com uma coisa assim?

ANA - Não seja primitivo! ...Rústico...Nunca esperei outra coisa.

GOVVERNADOR - Primitivo!...Agora estamos por cima, Ana Andreievna Vou surrar essa gente toda que fez queixa de mim.

ANA - Não se esqueça da mulhar que nos rogou praga.

GOVERNADOR - É, Ana Andreievna, Deus nos distinguiu com uma grande honra. Nossa filha vai se casar com um homem importante. Um partido desses é uma bênçao divina. E agora, Ana Andreievna?

ANA - Agora o que?

GOVERNADOR - Onde é que a gente vai morar? Aqui ou na Capital?

ANA - Na Capital, é evidente. Ou você acha que depois de tudo isso iríamos continuar nesta joça?

GOVERNADOR - Só é chato ter que renunciar ao título de governador.

ANA - Meu Deus! E quem iria fazer questão de um título desses agora?!

GOVERNADOR - Mas é claro! por que, agora, não é Ana Andreievna? - agora eu posso pretender um posto bem mais alti, nao é mesmo? Nosso genro é unha e carne com a ministrada tôda. Vai ao Palácio quando entende. Tem um pistolao daqueles...

MARIA - (Levanta-se num salto) Oh!!

ANA - Que foi agora?

MARIA - Sentando-se) Oh, nada não senhora!

ANA - Às vezes chego a pensar que essa menina é bôba!

GOVERNADOR - Você acha mesmo Ana Andreievna, que com a influência do nosso genro posso chegar logo a General?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.449.

DPF Fls. N.º 411 Rubrica

ANA - Claro que pode

GOVERNADOR - Deve ser ótimo ser General

ANA - Vamos ter que mudar completamente de amigos e de hábitos Você vai ter de deixar de dizer palavrao. Nossas amizades agora vão ser com duques, condes e tôda espécie de pessoas finas.

CENA XII (Ana, Maria, Governador, Juiz, Dir. Hospital, Dir. Escola, Madame, Chefe dos Correios)

JUIZ - (Entra) (À porta. Eufórico) - Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade?

DIRETOR HOSPITAL - (Entrando. Eufórico) - Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, Anton Antonovich. Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos, Ana Andreievna.

MADAME - (Entra. Fresquissima) Ana Andreievna, quase tive um ataque quando me contaram. (Beijinhos) Maria Andreievna, que felicidade! Quase caí dura mortinha! (Beijinhos) Anton Antonovich, foi como se um raio de felicidade me fulminasse, tamanha a minha alegria!

DIRETOR DA ESCOLA - (Entra. Eufórico) Tenho a honra de felicitá los. Não sabem a alegria que senti quando me contaram.

MADAME - E eu então? Fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu. Senta que é para nao cair fulminado com a notícia. Aí ele sentou e eu lhe disse: Ana Andreievna conseguiu um marido para a filha! "Não me diga"! exclamou ele. E eu: por tudo que é mais sagrado! Quero ficar paralítica e careca se estou mentindo! E ele: "Que bom, hen?" Mas, nem pude responder. Tive uma crise de chôro tão violenta, que por um triz nao me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. "Por que estás chorando tanto?" perguntou êle. E quando fui dizer - de felicidade ora essa! Cadê voz? Estava completamente muda de emoçao. Não fosse meu marido me sacudir uma porçao de vêzes, a esta hora já estaria num caixao. Ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico tôda arrepiada!

ANA - Sente-se que isso passa. Sentem-se todos, meus senhores

JUIZ - Mas, conte-nos, senhor Governador! Como se desenrolou o processo?

GOVERNADOR - Que processo?

JUIZ - Quero dizer: como foi que aconteceu?

GOVERNADOR - Ah, de maneira extraordinária. Eu entrei na sala e êle teve a bondade de fazer o pedido.

ANA - Mas tudo com muita delicadeza e finura. "Ana Andreievna faço tudo isso em honra ao vosso mérito". É um homem de incrível nobreza, como todos sabemos. "Faço-o apenas em homanagem às suas extraordinárias virtudes!"

MARIA - Mãezinha, tenho a impressão que não foi exatamente assim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 450.

DPF Fls. N.º 412 Rubrica

ANA - E eu tenho a impressão, minha querida, que é você que anda um pouquinho surda! Foi exatamente assim, meu benzinho. Depois, com tôda aquela nobreza que conhecemos atirou-se de joelhos aos meus pés e, com voz embargada, acrescentou "Sois a mais extraordinária das criaturas, Ana Andreievna! "Meu destino está em vossas mãos. Se não consentir-dis em corresponder aos meus anseios, darei cabo de minha vida agora mesmo".

MARIA - Mas, mãezinha, foi se referindo a mim que êle disse isso

ANA - Evidentemente. Em parte, era em relação a você também, ninguém está negando isso.

GOVERNADOR - Vocês nem queiram saber o susto que ele nos pregou! Não parava de nos ameaçar com o suicídio, "Vou suicidar-me! Vou suicidar-me!" repetia sem parar com lágrimas nos olhos

JUIZ- Que coisa fantástica."O Show da Vida! Parece até novela

GOVERNADOR - E estava branco como cêra, só de pensar que poderíamos não concordar com o casamento.

MADAME - Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico rôxa.

DIRETOR ESCOLA - É como eu digo. O destino tem muita força.

DIRETOR HOSPITAL - Ah, não meu caro. Isso não tem nada a ver com o destino. Destino é uma coisa, mérito é outra. É bem diferente(À parte) A sorte sempre procura um porco como este! (Alto) ou será que o senhor pensa o contrário?

DIRETOR ESCOLA - Absolutamente. Era exatamente isso que eu queria dizer. É que a minha língua embolou, em vez de mérito saiu destino.

JUIZ - Sabe Anton Antonovich, aquele cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse?

GOVERNADOR - O que é tem? Morreu?

JUIZ - Não senhor, Graças a Deus o bichinho está vivo. Não vendi, sabe por que? Queria lhe fazer uma surpresa. Queria que êle ficasse bem forte para depois lhe dar de presente. Trago o bichinho amanha.

GOVERNADOR - Ah, não. Agradeço, mas agora não quero mais saber de cachorros.

MADAME - Comigo aconteceu a mesma coisa. De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de brotoejos.

MARIA - Gatos também?

MADAME - (Ao Governador) Hum? De gatos o senhor ainda gosta?

GOVERNADOR - Não. Não quero mais saber de bichos em casa!

MADAME - Ah, nem eu. (À Maria) Gatos também.

JUIZ - Se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que partiu, é verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.951

DPF Fls. N. 413 Rubrica

GOVERNADOR - Pois é, teve que ir tratar de um assunto importante.

ANA - Foi pedir a benção ao tio. Um senhor muito fino de quem o Imperador não desgruda um instante

GOVERNADOR - Amanhã já estará de volta (Espirra e todos dizem "Saúde") Amém! Ele não queria ir, mas... (espirra novamente e todos dizem "saúde" outra vez) Amém! ... Mas eu disse que absolutamente, que êle tinha de ir de qualquer jeito.

(Espirra novamente)

JUIZ - Desejo-lhe toda a saúde do mundo, Excelência

DIRETOR ESCOLA - E eu, um rio de moedas de ouro, com pedras preciosas já lapidadas e tudo.

DIRETOR HOSPITAL - (À parte) E eu, quero que ele se arrebente todo

GOVERNADOR - Obrigado. Desejo-lhes tudo em dôbro

ANA - Estamos pensando em nos mudar para a Capital. Petersburgo! Pra dizer a verdade, aqui se respira um ar tao provinciano! Muito desagradável o ar daqui.

MADAME - Ah, horrível! às vezes chego até a tapar o nariz durante horas e horas!

ANA - Além disso, temos de ir de qualquer maneira. Não sei se vocês sabem que Anton Antonovich foi promovido a Marechal.

GOVERNADOR - Quer dizer, ainda não sei, mas estão insistindo muito, sabem?

MARIA - Insistindo quem, papai?

GOVERNADOR - Ora, você não ouviu seu noivo falar?

ANA - Não digo que essa menina está ficando completamente surda!

DIRETOR ESCOLA - É! A sorte é pra quem tem!

JUIZ - Um genro assim é uma benção dos céus!

MADAME - Bem que gostaria de ser esposa de um Marechal.

DIRETOR ESCOLA - Digas com quem andas e te direi quem és.

CHEFE DOS CORREIOS (Entra assustado) Senhor Governador....eu. eu...eu....

MADAME - Igualzinho a mim! Se fico emocionada, não consigo dizer um ai! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR - Não precisa dizer nada meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor (Chefe dos Correios lhe estende uma carta, maos trêmulas) Que é isso? Carta para mim?

CHEFE DOS CORREIOS - Não senhor.

GOVERNADOR - Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara?

CHEFE DOS CORREIOS - É o caso mais surpreendente, desde que me conheço. O Inspetor, que nós pensávamos que era o Inspetor não é o Inspetor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.213,p.432

DPF
D...DP
Fls. N.414
Rubrica

GOVERNADOR - O que?! Como se atreve a dizer que o Inspetor não é o Inspetor

ANA - Anton Antonovich, manda logo ele pra Sibéria

MADAME - Sim. Mas se um Inspetor que a gente pensa que é um Inspetor não é um Inspetor...Esse Inspetor, então, não é um Inspetor como a gente pensava. É tao simples, meu Deus.

GOVERNADOR - Cale-se!

CHEFE DOS CORREIOS - O homem que esteve aqui não era um Inspetor mas um Impostor

GOVERNADOR - Impostor??!

CHEFE CORREIOS - Exatamente. Esta carta não me deixa mentir

GOVERNADOR - Carta?! Que carta é essa?

CHEFE DOS CORREIOS - Dêle próprio. Quando li o nome do remetente, quase morri de mêdo. Pensei que ele tinha descoberto alguma coisa errada nos Correios e me denunciava À Agência Central. Por isso abri a carta.

GOVERNADOR - O senhor é um atrevido! Abrir uma carta dessas

CHEFE CORREIOS - Bem, no príncípio eu não quèria abrir. Mas uma voz parecia dizer-me: "abre, abre" e eu abri.

GOVERNADOR - Foi uma grande ousadia de sua parte. Onde já se viu abrir cartas alheias e ainda mais a carta de uma autoridade!

CHEFE CORREIOS - Aí é que está. Ele não é autoridade nenhuma

GOVERNADOR - Como não é? Ele é o que então?

CHEFE CORREIOS - Isso só o demônio sabe.

GOVERNADOR - Como se atreve a falar assim? Vou mandar prendê-lo!

CHEFE CORREIOS - Acho que o senhor não vai fazer isso, não..

GOVERNADOR - O senhor sabe que o Inspetor vai ser meu genro? Se quizer posso te mandar para a Sibéria

CHEFE CORREIOS - Ora, meu caro, esqueça a Sibéria que fica muito longe. É melhor ler a carta. Se me permitem, eu mesmo.

TODOS - Leia, leia, leia.

CHEFE CORREIOS - Com licença. (Lendo) "Apresso-me a informá-lo, meu caro Stanislaw, das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo o dinheiro no jôgo e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto e às minhas roupas, tôda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve: estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo, a mulher e a filha dêle. Ainda nao me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que deve estar "a ver navios". E como se sabe, "galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquele tempo de miséria em que tínhamos de dividir o almoço?! Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero. Nunca vi gente tao boboca É de se morrer de rir! Você podia aproveitar essa história em seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.453. 35

DPF DCDP Fls. N.º 415 Rubrica

GOVERNADOR - È mentira! Isso não está aí!

CHEFE DOS CORREIOS - Pois leia o senhor mesmo

GOVERNADOR - Deixe ver "É estúpido como um jumento..." É impossivel! Foi o senhor mesmo quem escreveu isto...

CHEFE DOS CORREIOS - Eu como? Não vê pela letra?

DIRETOR DO HOSPITAL - Continua

JUIZ - Leia o resto

CHEFE DOS CORREIOS - (Lendo) "Estou louco para lhe botar um bom par de chifres"

GOVERNADOR - Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante, adiante

CHEFE DOS CORREIOS - "pra lhe botar um bom par de chifres"

GOVERNADOR - Ai meu cacête!

CHEFE DOS CORREIOS - (Lendo) Hum..."O Chefe dos Correios...é um homem mais que excelente"

GOVERNADOR - Aqui Oh, que diz isso! Leia direito que vou conferindo

CHEFE DOS CORREIOS - Mas há senhoras presentes!

GOVERNADOR - Não interessa. Já começou, continue

DIRETOR DO HOSPITAL - Permita que eu leia. (Lendo) "O chefe dos correios é um fresco. Aliás acho que êsse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível".

CHEFE DOS CORREIOS - Isso é mentira!

GOVERNADOR - É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Continue.

DIRETOR DO HOSPITAL - (Lendo) "O diretor do Hospi...(gagueja) pi...pi..."

GOVERNADOR - Que aconteceu? Quer ir ao banheiro?

DIRETOR DO HOSPITAL - A letra não está muito clara

JUIZ - Minha vista é melhor. Eu lei (Toma a carta)

DIRETOR DO HOSPITAL - (lutando pela carta) Não, essa parte se pode pular. Adiante a letra fica mais legível

JUIZ - Dá licença. Minha vista é ótima

DIRETOR DO HOSPITAL - Não, senhor, eu também sei ler. Depois desse trecho não há mais problemas

CHEFE DOS CORREIOS - De forma alguma! A não ser que leia tudo. Do contrário devolva a carta

TODOS - É isso mesmo

GOVERNADOR - Leia tudo ou devolva

DIRETOR DO HOSPITAL - Pronto. (Entrega a carta) Com licença... (cobre uma passagem) Leia daqui pra baixo. (Todos se aproximam)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 454.

DPF
DC.DP
Fls. N.º 416
Rubrica

CHEFE DOS CORREIOS - Absolutamente. Leia tudo

JUIZ - (Lendo) "O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O Hospital dêle fede tanto que o doente, mal chega, morre envenenado. Precisava ver como ele se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeita tanto! As unhas, parecem luto de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo".

DIRETOR DO HOSPITAL - (escondendo as mãos) Falta de espírito Onde já se viu porco enfeitado?

DIRETOR DA ESCOLA - Porco de banquete eles enfeitam!

JUIZ - (Lendo) "O Diretor da Escola então, nem te conto. Dá impressão que estão descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outro fedido! E o que é pior, está corrompendo a juventude daqui. A pretexto de discutir com os jovens "A defesa da família" convida-os para a sua casa de campo.

GOVERNADOR - Eu hein?

DIRETOR DA ESCOLA - Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam

JUIZ - (À parte) Felizmente não tem nada a meu respeito

ANA - (Lendo) "O Juiz..."

JUIZ - (À parte) Pronto! (Alto) Meus senhores, acho que agora basta! Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar essa merda!

DIRETOR DA ESCOLA - Rasgar uma ova!

ANA - (Lendo) "O Juiz Fiorovich é um "nauvais ton..." (interrompe) Acho que é uma expressão francesa

JUIZ - Só Deus sabe o que quer dizer. Ainda bem que parte de um sujeito desses, sem o menor escrúpulo, sem o menor respeito humano!

ANA - (Lendo) "De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus, meu caro Stanislaw. Acho que vou seguir teu exemplo. Vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que, em tal e tal lugar, existem uns pobres diabos, cujos governadores eles já deviam ter jogado na latrina! Como vês, estou mudando, já nao tenho mêdo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando? O melhor é parar aqui. Escreve-me para a aldeia de Pokalitova. Província de Saratov,

(Silêncio total. Está todo mundo arrazado. Por algum tempo todo mundo imóvel. Ninguém ousa encarar o outro)

ANA - (arrazada) "Galinda velha". Puxa! Essa carta foi uma facada no meu coração!

MARIA - (patética) Não ligue pra isso mãezinha!

GOVERNADOR - (de repente explode e pisa com força no chão) Maldito!! Tragam esse cão de volta!!

CHEFE DOS CORREIOS - Trazer de volta pra que, Anton Antonovich O que está feito está feito.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 455.

DPF DCDP Fls. N. 417 Rubrica

GOVERNADOR - Quero meu dinheiro que aquêle desgraçado roubou. (Patético) Ah, que dinheiro que nada! O que é o dinheiro comparado a todo o mal que esse bandido me fêz? Ele me assassinou, me assassinou! Apunhalou-me pelas costas. E logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos!

MADAME - (Pausa) Quem com ferre fere, com ferro será ferido!

GOVERNADOR - (Em fúria) Saia daqui sua pata choca; Depressa se não quer levar um ponta-pé na bunda!

MADAME - (Pronta para um chilique) Ai! ...

GOVERNADOR - E não se atreva a ficar rôxa em minha casa! Rua! Rua vagabunda!

MADAME - (Saindo apavorada) Ai, acho que vou morrer. Vou ficar entrevada o resto da vida! (desaparece aos berros)

GOVERNADOR - (Espancando-se com os próprios punhos) É bem feito velho tonto! Bem feito! ...

ANA - Mas como pode ter acontecido isso, meu Deus? E ele se comprometeu com nossa filha.

GOVERNADOR - (Dando uma banana) Aqui, pro compromisso dêle. Ele me desgraçou, isso sim! A'esta hora, deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo , batendo palma, caçoando de mim. Liberais malditos! Minha vontade era acabar com essa cambada toda! (Pausa) Agora pergunto... Que havia naquele desgraçado que se assemelhasse a um Inspetor? Nada, absolutamente nada! E de repente, começou todo mundo a exclamar! "O Inspetor! O Inspetor"! Quem foi o primeiro miserável a espalhar esse boato? Quero saber quem foi?

DIRETOR DO HOSPITAL - Não sei como isso aconteceu. É como se o demônio nos tivesse cegado a todos!

JUIZ - Eu sei quem espalhou a notícia. Foram aqueles dois palhaços Dobchinski e Bobchinski!

TODOS - Foram eles sim

DIRETOR ESCOLA - É isso mesmo. Sairam do hotel gritando feito loucos: " O Inspetor chegou! O Inspetor chegou!"

GOVERNADOR - É verdade. Foram aqueles malditos boateiros! Aquelas malditas comadres!

JUIZ - Tagarelas imundos!

DIRETOR ESCOLA - Intrigantes duma figa!

DIRETOR HOSPITAL - Urubús malditos!

CHEFE CORREIOS - Mulherzinhas tricoteiras

(Entra um Criado do Governador)

CRIADO - Senhores, o funcionário que acaba de chegar de Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Ele está no hotel.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 456.

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 418
Rubrica

TÍTULO "O INSPETOR GERAL"

NOCOLAI GOGOL

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 Anos

Praça Natal, (RN)

Obs.:

DF. 13 / 08 / 79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 16 anos, - Sem cortes, após o exame do ensaio

Obs.: Conforme

Brasília-DF, 21 de Agosto de 1979

Hellé Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libere-se de conformidade com o processo anterior, condicionado ao exame geral.
Rio, 23/08/79

Ariel José de Sousa
Matr. 2 095 665

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.457,

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 419
Rubrica

PARECER Nº 3660 / 79

TÍTULO: " O INSPETOR GERAL " - de Nicolai Gogol

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEZESSEIS ANOS

Tradução de Ferreira Gullar e Jõao das Neves.-

Peça teatral por várias vezes examinada por esta DCDP em suas adaptações e traduções diversas, contudo, sempre dentro da linha mestra dada por Gogol.

Verificado foi, pois, no presente exame de confronto, sua identidade temática com as demais já liberadas ,todavia, notam-se alguns enxertos, bem como, algumas falas retiradas que em nada modificam a chancela etária já concedida nas Liberações precedentes.

Ratificamos,porisso,a mesma faixa etária :DEZESSEIS ANOS,sem cortes,como as últimas chancelas concedidas. No entanto, fica condicionada ao exame do Ensaio Geral.

Brasília,21 de agosto de 1979.

Selia Natalha Stolte Rouver

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 458.

DPF
DCDP
Fls. N.º 0120
Rubrica

599/79

"O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

22 AGOSTO 84

22 AGOSTO 79

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
16
DEZESSEIS ANOS

José Vieira Madeira

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.459

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL
FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES

LENÍCIO QUEIROGA - NATAL (RN)

21 AGOSTO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22 AGOSTO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 460.

DPF
DCDP
Fls. N.º 421
Rubrica

543/79-DCDP 22/08 9

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O INSPETOR GERAL"

Nicolai Gogol

Superintendente:

NATAL-RN

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

P/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.461

SRA/FICHADO

MJ - DPF - SRA/BSB

DPF - SRA
Fl. nº 422
Rub.

26 OUT 11 03 79 030242

RECEBIDO POR:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ofício nº 584/79-SCDP/SR/RJ Em 24.10.79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Endereço

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

De ordem ao Arquivo, p/ as providências. Em 29.10.79
Teixeira

Arésio Teixeira Peixoto
Matr. 2.405.306

FICHADO
A DCDP

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sª. texto, parecer e o ensaio geral da peça "INSPETOR GERAL", de Nicholai Gogol, liberada com impropriedade para menores de 14 anos.

Para efeito de expedição de certificado definitivo, esclareço que o exame da obra foi requerido pelo Chefe do Serviço de Atividades Sociais da Universidade Santa Úrsula.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-462

DPF
DCDP
Fls. N.º 123
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2116

TÍTULO: "O INSPETOR GERAL" (ENSAIO GERAL)
AUTOR: NICHOLAI GOGOL
CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS

Como se tratasse de estudo comparativo, foi sugerida, na ocasião da leitura do texto, a impropriedade de 16 anos, acompanhando aquela dada ao anteriormente liberado.

Ao assistir ao ensaio-geral, porém, verifiquei que o tema foi tratado de forma que, explorou-se seu lado risível, com marcações, vestuário e cenários que nada acrescentaram à mensagem nele contida e, sendo esta de crítica à corrupção na administração e à venalidade dos agentes do governo e colocada de maneira tal que vai de encontro aos interesses e capacidade de percepção de menores da faixa etária de 14 anos.

Em vista do exposto, sugiro a liberação com a impropriedade de 14 anos.

Ao sugerir tal impropriedade, tenho ainda que levar em consideração o fato de o personagem principal, o aventureiro, depois de fazer suas falcatruas, consegue fugir sem que nenhuma punição tenha sido realizada ou então que ficasse a impressão de reprovação pelos atos negativos cometidos. Desta forma, julgo imprópria a liberação para menores de 14 anos.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1979.

Lucia de Rivoredo Cristofolini
LÚCIA DE RIVOREDO CRISTOFOLINI
mat. 2 415 799

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.463.

DPF
DCDP
Fls. N.º 424
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2015

TÍTULO:"O INSPETOR GERAL"
AUTOR: NICHOLAI GOGOL
CLASSIFICAÇÃO: 16 ANOS
ASSUNTO: LEITURA COMPARATIVA

Trata-se de texto que não confere com o anteriormente liberado por ser esse uma adaptação,feita com inclusão de falas, poesias e músicas populares, embora o tema e alguns trechos sejam idênticos.

A peça transcorreu na época imperial, numa aldeia russa onde chega a notícia da visita de um inspetor. Um jovem viajante, um aventureiro,é confundido com a autoridade e tira proveitoda confusão instalada com a intenção das autoridades locais de de subornã-lo para que não notasse os desmandos e irregularidades na aldeia.

Só é descoberto o engano após a partida do rapaz, através de uma carta do mesmo a um amigo, que foi violada.

Pelo exposto, sugiro a liberação com a impropriedade de 16 anos.

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1979.

Lucia de Rivorêdo Cristofolini
LÚCIA DE RIVORÊDO CRISTOFOLINI
mat. 2 415 799

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.464.

TEATRO

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 425
Rubrica

TÍTULO O INSPETOR

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça RIO DE JANEIRO - RJ

Obs.:

DF. ___ / 30 / 10 / 79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Ensaio Geral

Brasília-DF, 31 de outubro de 1979

Nelle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 31 / 10 / 1979

Gliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.465.

DPF
DCDP
Fls. N.º 426
Rubrica

599/79

"O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

01 NOVEMBRO 84

01 NOVEMBRO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 466.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

CHEFE DO SERVIÇO DE ATIVIDADES SOCIAIS DA UNIV.Sta.ÚRSULA/RJ

31 OUTUBRO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

01 NOVEMBRO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-467.

DPF
DCDP
Fls. N.º 427
Rubrica

01 de novembro de 1979

Of. nº 856/79-DCDP

RJ

585/79-SCDP/SR/RJ

"O INSPETOR GERAL", de Nicolai Gogol.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

Eliel J. S

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-468.

RS

DPF
DCDP
Fls. N.º 428
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

" O INSPETOR GERAL"

"NICOLAI GOGOL"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 469.

MJ - DPF - DCDP - BSB
-8 SET 1980 010754
RECEBIDO POR
FICHADO DCDP
DPF 429 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 193/80 -SCDP/SR/RS P.Alegre, 02 de setembro de 1980.

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada O INSPETOR GERAL, de autoria de Nicolai Gogol.

2 - relatórios da comissão técnica;

3 - relatórios do ensaio geral;

4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.470.

DPF
DC/DP
Fls. N.º 430
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

R E L A T Ó R I O

V. 1810.
Em 03.09.80

Senhor Chefe

Cumprindo determinação de V. Sª. compareci ao palco da 'Casa' do Estudante-1, a fim de realizar o Ensaio-Geral da peça 'O Inspetor Geral, autoria de Nicolai Gógol, encenado pelo grupo Camarim ' de teatro.

JOÃO BISPO DA HORA
Cel. Matr. 2.324.463
Chefe da SCDP/SR/DPF/RS

A PEÇA

Representada em 5 atos, com duração de duas horas, gênero co média, trata da história de um vagabundo e seu ajudante, que sem ' quererem, transformam-se am personagens importantes do governo numa cidade pequena. Um Inspetor Geral está para chegar na cidade, e este vilão é confundido com esta autoridade. Aproveita-se da situação vivendo dias de intensas mordomias, oferecidas pelas autoridades locais, que temiam pelo seus destinos, devido a irregularida-' des em suas funções, acobertadas através do suborno e da força. Ao final, a farsa é descobetta e o impostor já está longe da ira de ' todos.

CENÁRIO, ILUMINAÇÃO E MÚSICA

O Cenário é todo ele formado com caixões de madeira, que servem de mesa, de cadeira, cama, etc.

A Iluminação permanece sempre inalterável, com luz normal, ' até o fim da peça, apenas apagando para os intervalos dos atos.

A música, é composta das músicas que seguem em relação anexa.

COREOGRAFIA E GUARDA ROUPA

A coreografia é bem interessante, em algumas partes da peça' como bonecos ou então como VT a 16 quadros por minito.

O guarda roupa segue em folha anexa.

Nada havendo contra a legislação em vigor, sou favprável'' pela liberação, com a faixa etária estabelecida.

Era o que me cabia relatar.

Santa Maria, RS, 25 de agosto de 1980

Clovis Ostra da Rosa Chagas
AG POL FED
2 407 652

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.471

DPF
DCDP
Fls. N.º 431
Rubrica

GRUPO CAMARIM

O INSPETOR GERAL - NICOLAI GÓGOL

Vestimenta dos personagens:

1- GOVERNADOR: calças pretas, casaco preto riscado de branco, jabôs e punhos brancos, chapéu e espada de madeira. Medalhas.

2- ANA ANDREIEVNA: vestido vermelho comprido, meias prateadas, sandália, colares, pulseiras, óculos.

3- MARIA ANTONOVNA: vestido curto cor-de-rosa, soquetes brancas, sapatos baixos, tranças amarelas.

4- IVAN KHLESTACOV: fraque preto, chapéu e bengala. Sapatos brancos.

5- AMOSS FIEDOROVITCH: calças jeans, chinelos, sobretudo marrom, jabos e punhos brancos, peruca branca. Cachimbo.

6- ARTÊMY ZEMLIANIKA: termo cinza, jabôs e punhos brancos, lenço vermelho.

7- LUKA LUKITCH: toga preta, bengala, peruca vermelha.

8- IVAN KUZMITCH: calças pretas, supensório, camisa branca, boné, charuto.

9- BOBTCHINSKI E DOBTCHINSKI: meias pretas, colete e capote preto, chapéu.

10- STEPAN ILITCH: chapéu, jaqueta, blusa e calças pretas. Botinas.

11- SOLDADOS: jaquetão verde, capacete preto, calças pretas.

12- COMERCIANTES: calças, colete, camisa, sapatilha e boné.

13- MICHKA e CRIADO DO HOTEL: avental listrado bege e vermelho.

14- KOROBKIN: termo cinza, boina preta.

15- VIÚVA: túnica preta, véu preto.

16- Mulher do carpinteiro- tapado marrom

17- ÓSSIP: calça jeans, touca de meia, tênis, camisa.

18- DOUTOR CHRISTIAN: (boneco) avental branco.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.472.

DCDP Fls. N.º 432 Rubrica

GRUPO CAMARIM

O INSPETOR GERAL - NICOLAI GÓGOL

TRILHA SONORA

1- MILES DAVIS - "Circle in the Round"
Disco 2, Lado 4, Faixa 2 : "Guinnvere" (D. Crosby)

2- JAZZOLOGY- Vol.16 : "Those Ragtime Years"1899-1916
Lado A,última faixa: "You made me love you"
(James Monaco)

3- JAZZOLOGY,Vol.16: "Those Ragtime Years" 1899-1916
Lado B, 5º faixa: "Hors d'oeuvre" (David Comer)

4- IDEM: 9º faixa- "Down home rag" (Lew Brown)

5- IDEM: 2º faixa- "Wedding glade" (Hirsch).

6-FLORA PURIM -"500 Miles High At Montreux"
Lado 2, Faixa 3: "Jive talk" (Hermeto Pascoal)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 413, p.473

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 433
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 173/80/RS

PEÇA " O INSPETOR GERAL "

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELA D.C.D.P. PELO SCDP/SR/RS
CLASSIFICAÇÃO

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 02 de NOVEMBRO de 19 80

Porto Alegre, 02 de SETEMBRO de 19 80
Brasília,

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 474

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O INSPETOR GERAL"

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL CAMARIM - SANTA MARIA/RS

Requerida por ESTILAC MARTINS RODRIGUES XAVIER

Tendo sido censurada em 02 de SETEMBRO de 19 80 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P.Alegre,
Brasília, 02 de SETEMBRO de 1980

Renato Faria
RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Mat. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 475.

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 434

TÍTULO "O INSPETOR GERAL"

"NICOLAI GOGOL"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça PORTO ALEGRE / RS

Obs.:

DF. / 12 / 09 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação proposta: livre para menores de 14 anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Consta Cert. Provisório

Brasília-DF, 15 de 09 de 1980

de de 19

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2.415.791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo.
Em: 15 de 9 de 1980

Raymundo Castáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP
Substituto

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0453,p.476.

DPF
Fls. N.435
Rubrica

Of.nº 3707/80-DCDP 15 de setembro de 1980

RS

Of.nºs 193-194/80-SCDP/SR/RS

"O INSPETOR GERAL", de Nicolai Gogol e "O MARAVILHOSO MUNDO DO CIRCO", de Euclides Dutra de Moraes.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

RAYMUNDO E. DE MESQUITA
Chefe do SC/DCDP/Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 477.

O INSPETOR GERAL

NICOLAI GOGOL

GRUPO TEATRAL CAMARIM - SANTA MARIA/RS

ESTILAC MARTINS RODRIGUES XAVIER

02 SETEMBRO 80

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 SETEMBRO 80

RAYNALDO [illegible] DE MESQUITA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 478.

DPF
DCDP
Fls. N.º 436
Rubrica

599

"O INSPETOR GERAL"

NICOLAI GOGOL

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

15 SETEMBRO 85

15 SETEMBRO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.479

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202

DPF
Fls. N.º 437
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 007708

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP/BSB

OFÍCIO Nº 127/84-SCDP/SR/MG — BELO HORIZONTE, 19 OUTUBRO 1984

ASSUNTO: PEÇAS TEATRAIS (ENCAMINHA).

SENHORA DIRETORA:

PELO PRESENTE, ENCAMINHAMOS A V.Sª., AS SEGUINTES PEÇAS TEATRAIS: " SANTA ESPERANÇA ", DE AUTORIA DE TONINHO CAMARGOS, MURILO ALBERNAZ E HUDSON FERNANDO, E " O INSPETOR GERAL ", DE AUTORIA DE NICOLAI GOGOL, JUNTAMENTE COM OS RESPECTIVOS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA, RELATÓRIOS DE ENSAIOS-GERAIS, REQUERIMENTOS DOS INTERESSADOS E CERTIFICADOS PROVISÓRIOS EMITIDOS POR ESTE SERVIÇO.

ATENCIOSAMENTE,

Lacy de M. Murici

LACY DE MEDEIROS MURICI
CHEFE EM EXERCICIO DO SCDP/SR/MG

ILMA. SRA.
DRA. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
MD DIRETORA DADIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p.480.

DPF
Fls. N.º 438
Rubrica

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Polícia Federal
Superintendência Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Públicas
PROTOCOLO Nº 1993/84-SCDP/SR/MG
DATA 20/09/1984
Funcionário

José Luiz Ribeiro
Requerente

brasileira, Professor
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade SSP - EMG - 1.504.404
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à R. Dr. João Penido Filho, 327
Bom Pastor - Juiz de Fora - MG

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Gogol, em livre tradução de José Luiz Ribeiro
O inspetor geral
Título(s)

N. Termos
Pede deferimento

Juiz de Fora, 10 de setembro de 1984.
Local e Data

Requerente

Anexos:

Quatro vias do texto
Autorização da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 481

1 - EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)

Nome: Centro de Estudos Teatrais C.G.C.: 1900 777200018

Sede: Rua Santo Antônio, 1112

CEP: 36.100

Diretor ou Responsável:

2 - DADOS DO AUTOR

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: Juiz de Fora, 30 de setembro de 1984.

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 482

DPF
D. DP.
Fls. N.º 439
Rubrica

À Sra Téc. de Censura, Dra Mirtes, para leitura e parecer.

DH, 05/10/84

Helena Isabel Augusto dos Santos
Técnica de Censura
Mat. 022 948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.483

DPF
DCDP
Fls. N.º 440
Rubrica

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

O INSPETOR GERAL

Livre adaptação da obra homônima de Nicolai Gogol, efetivada por José Luiz Ribeiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.484.
DPF DCDP Fls. N.º 441

PREFEITO - Meus senhores, mandei chamá-los para dar-lhes uma informação muito desagradável: caímos na malha fina. Está para chegar em nossa comunidade, um agente federal: um inspetor.

AMOS - O quê? Um inspetor?

ARTEMIS - Um inspetor?

PREFEITO - Isso mesmo. Um agente federal. Vindo da capital e que viaja em missão secreta.

AMOS - Deus nos proteja.

ARTEMI - Isto é muito desagradável.

PROF. LUCAS - E vem em missão secreta.

PREFEITO - Eu estava presentindo isto. Tendo tido sonhos. Esta noite sonhei com ratazanas pretas, enormes, me cheirando e indo embora. Escutem a carta que acabo de receber: Meu caro amigo e correligionário ... (pula trechos). Quero informá-lo da chegada de um alto funcionário que deverá proceder a amplas e irrestritas investigações no nosso município. Esta informação veio de fonte segura e sei que ele está viajando disfarçado... Aqui estão coisas sem importância... Acho que o amigo deve tomar todo o cuidado possível, pois o homem é terrível, e... Minha irmã, ontem, veio nos visitar... Quero que vocês sintam como estão as coisas.

AMOS - Incrível, simplesmente incrível!

PROF. LUCAS - Mas o que será que aconteceu? Que é que este homem vem fazer aqui?

PREFEITO - É a força do destino. Nunca ninguém passou por aqui com está intenção.

AMOS - Eu acredito que deva existir um motivo de segurança nacional. Deve haver alguma convenção e o funcionário vem ver se não existe aqui algum traidor.

PREFEITO - Mas que absurdo! Nosso país é um país de gente séria e honesta. Todos os homens públicos são coerentes. Como falar em traição? E depois nossa comunidade é tão distante que, nem andando três anos a cavalo, se chega a algum lugar. Nós sempre fomos esquecidos pelas verbas federais.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.485.

DPF DCDP Fls. N.º 442 Rubrica

AMOS - Tenho certeza de que o senhor está enganado. Hoje o governo está muito organizado e sabe de tudo. Mesmo de longe, eles sabem.

PREFEITO - Bom, é por este motivo que devemos nos preparar. Os senhores estão avisados. Já tomei minhas providências. Sobretudo o senhor, que dirige as obras sociais. Como provedor da Santa Casa deve tomar muito cuidado. Não custa nada fornecer roupa limpa aos doentes para que não fiquem com aquele mau cheiro.

ARTEMI - Mas a gente não lava sempre, porque falta verba para comprar sabão todo dia, Mas todo mês nós mudamos as roupas de cama.

PREFEITO - Claro. E seria interessante que o senhor parasse por algum tempo de fazer quatro fichas, de doenças diferentes, para cada doente. Isso pode dar na vista. E seria bom que na ala dos doentes de pulmão não fumassem tanto. Isso dá até para desconfiar dos médicos.

ARTEMIS - Quanto a isto, não temos o menor problema. Já conversei com o nosso médico e ele é de opinião que não devemos utilizar remédios caros. O importante é deixar a natureza agir. E esse negócio de ficar conversando com pacientes é coisa antiprodutiva... Aliás, nem é possível, pois o doutor não fala mada em nossa língua.

PREFEITO - E ao senhor Juiz, eu aconselharia um pouco de cuidado. Uma pequena conversa com os funcionários do Palácio da Justiça não faria mal. Que vendam produtos da Avon e façam tricô durante o expediente, ainda é aceitável, mas criar gansos, na sala do tribunal do júri, é demais!

AMOS - Hoje mesmo darei ordem para que retirem os animais de lá. Mas eu pensei que estava ajudando o país a enriquecer suas divisas, afinal patê de fígado de ganso é o que se tem de mais fino para vender no exterior.

PREFEITO - Outra coisa. Não fica bem o Palácio da Justiça cheio de roupa dependurada para secar. É preciso conversar com as funcionárias. E não fica bem, embora entenda perfeitamente que o Sr. goste de caçar, que um Juiz chegue ao Forum de esporas e coloque uma espingarda em cima da mesa da justiça, junto com os processos. E seu secretário, eu sei que é competente , mas está sempre cheirando a álcool.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.486.-3

DPF DCDP Fls. N.º 443 Rubrica

AMOS - Mas isso foi um acidente. Quando ele era pequeno caiu do colo da mãe e começou a cheirar assim.

PREFEITO - Eu apenas citei o fato. Mas o que podemos fazer se o homem é um eterno pecador?

AMOS - Mas o que entende o senhor de pecados? Eu, por exemplo, sou um homem sincero! Eu conto que recebo propinas! Mas que tipo de propina? Cães perdigueiros. Que é que tem ganhar um cachorrinho de presente? Pior se fosse cavalo!

PREFEITO - Cachorro, cavalo ou dinheiro, tudo é suborno!

AMOS - Mas, meu caro Antonof Raimundof, o caso de alguém possuir um sobretudo de um milhão e a mulher um casaco de peles...

PREFEITO - Se você se vende, está vendido, não importa o preço. E o senhor não acredita em Deus e nunca vai à missa. Eu sou religioso, acredito em Deus e vou à missa todo domingo. O Senhor, não. Não pode ver uma missa que fica todo arrepiado. Não pode ouvir o padre falar.

AMOS - Sim, mas eu tenho minha própria maneira de pensar, não sou um "pau mandado". Eu uso a minha própria inteligência.

PREFEITO - Muitas vezes o excesso de inteligência faz mais mal do que a burrice. E depois eu falei no tribunal por falar. O que é que uma autoridade destas ia procurar no Forum? Quanto ao Senhor, Professor, eu acho que deveria tomar providências no seu Colégio. Eu sei que os professores são pessoas cultas e instruídas, mas eles deveriam dar mais aulas. E eu sei que algumas coisas são naturais a tão nobre profissão, mas um inspetor poderia não entender um professor que faz caretas para os alunos e depois se esconde debaixo da mesa. Para os alunos é muito natural este comportamento, mas o funcionário poderia achar esquisito.

PROF. LUCAS - Mas o que é que posso fazer? Ele faz isso de boa fé. Ainda outro dia, chegou uma visita muito importante e ele, querendo agradá-la fez uma careta e saiu correndo. A visita, que era um funcionário do MEC, pensou que ele estivesse ridicularizando e eu levei a pior, cortaram todas as verbas para a educação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.487

DPF DOPS Fls. N.º 444 Rubrica

PREFEITO - E o professor de História? Que ele goste das figuras e vultos da história universal, eu acho até bonito. Mas pôr a turma inteira, de joelhos, gritando: "Karl Marx! Karl Marx!" isso é demais! E depois, se alguém lhe pergunta por um nome importante da nossa revolução, ele quebra as carteiras na cabeça dos alunos. Pode ficar nervoso, mas por que destruir as carteiras?

PROF. LUCAS - De fato, ele é um homem muito impulsivo. Eu já lhe fiz esta observação, mas ele me disse: Eu daria a minha vida pela causa.

PREFEITO - Misteriosa lei, esta: O homem inteligente, quando não é bêbado, é louco...

PROF. LUCAS - Triste fatalidade trabalhar como professor. Todo mundo quer ensinar e ninguém quer estudar.

CHEFE DOS CORREIOS - Que aconteceu? Quem é o homem que chegou?

PREFEITO - Como é que o Sr. soube disto?

CHEFE - O fazendeiro Bobchinsk esteve lá nos correios.

PREFEITO - E qual é a sua opinião?

CHEFE - A guerra começou.

AMOS - É isto que eu acho.

PREFEITO - Os dois tiveram a mesma idéia idiota.

CHEFE - Pois eu garanto que vai haver guerra.

PREFEITO - Nós é que vamos ser bombardeados. Recebi uma carta...

CHEFE - Então não é a guerra?

PREFEITO - Não. Como estão as coisas com o senhor?

CHEFE - O que tenho eu a ver com isso? É como vão as coisas com o senhor?

PREFEITO - Bem, eu não diria que estou apavorado, mas um pouco preocupado. Os comerciantes estão sempre reclamando, ficam dizendo mentiras, dizem que eu tiro dinheiro. Mas todo mundo sabe que, se eu aceitei alguma coisa deles, foi para que eles não ficassem sem graça. Eu não queria ofendê-los. Será que houve alguma denúncia contra mim? Por que mandariam um agente federal? Escuta, caro Inácio, você não poderia abrir umas cartinha que entram e saem na sua repartição? Só para passar os olhos para ver se não têm uma denunciazinha e depois fechar, com jeito.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.488.

DPF DCDP Fls. N.º 945 Rubrica

CHEFE - Não me venha com lições. Eu já faço isto há muito tempo. Não é por mal, apenas por curiosidade. Eu tenho uma sede de informação... Gosto de saber o que acontece no Brasil e no Mundo. Eu considero a leitura muito instrutiva. Tem cartas que são melhores que o jornal do dia.

PREFEITO - Não leu nada sobre o Inspetor...?

CHEFE - Não. Mas tem cartas muito interessantes. Tem a de um professor universitário apresentando um colega, que é ótima! E tem uma que descreve um baile na capital, que é um primor de estilo! É emocionante! Eu até guardei a carta comigo. Quer que eu leia?

PREFEITO - Não, agora não. Mas se aparecer uma denunciazinha, queime-a!

CHEFE - Com muito gosto...

AMOS - Mas lembre-se, que isto pode lhe custar caro...

CHEFE - Que besteira! Ninguém vai queimar a carta na praça pública e, depois, sumiu, sumiu, quem prova alguma coisa?

AMOS - Eu vim aqui só para lhe falar da caçada...

PREFEITO - Deus do céu! Nem em caçada eu quero ouvir falar. Eu estou muito ocupado com a vinda deste homem.

BOB - Um acontecimento extraordinário!

DOB - Um extraordinário acontecimento!

TODOS - O que foi que aconteceu?

DOB - Um acontecimento inaudito.

BOB - Um inaudito acontecimento.

DOB - Por favor Pedro Ivanovich, deixe-me contar tudo...

BOB - Ah, não, Pedro Ivanovich, deixe-me contar tudo...

DOB - Não, o senhor vai esquecer e confundir.

BOB - Não! Eu vou me lembrar de tudo. Tenho ótima memória. Não me atrapalhe. Senhores, digam a Pedro Ivanovich que não me atrapalhe!

PREFEITO - Mas, falem, pelo amor de Deus! Sente-se Sr. Pedro Ivanovich e o Sr. Pedro Ivanovich, sente-se também. O que foi que aconteceu?

BOB - Por favor, por favor! Contarei tudo pela ordem. Logo que deixei sua companhia, após tê-lo visto receber aquela pertubadora carta eu... Não me interrompa, Pedro Ivanovich, eu sei todos os detalhes todos, todos, todos... Eu fui até a casa do Korobkine, mas o Korobkine não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 489.

DPF DCDP Fls. N.º 446 Rubrica

estava em casa. Fui até a casa do Tastakovski, que também não estava. Então fui até aos correios e dei as notícias ao Ivan...

DOB - Ali perto do quiosque onde se vendem rosquinhas...

BOB - Perto do quiosque. Certo. Encontrei Pedro Ivanovich e disse: Por acaso já soube da notícia que o senhor governador recebeu através de uma carta fidedigna? Pedro Ivanovich já tinha ouvido falar disso pela sua criada que, não sei por que, havia sido mandada à casa de Felipe Antonovich...

DOBCHNSK - Era para buscar um barril de vodka francesa...

BOB - Buscar um barril de vodka francesa. Então eu fui com Pedro Ivanovich até a casa do Felipe e no caminho do hotel Pedro Ivanovich me disse: Vamos entrar no hotel. Estou com um grande vazio no estômago. Ainda não comi nada hoje. Sim, Pedro Ivanovich não tinha comido nada. Lá no hotel estão servindo peixe fresco - disse ele - vamos matar a fome. Mal tínhamos entrado no hotel, quando, de repente, um homem jovem...

DOB - Bem apessoado, com trajes civis...

BOB - ...bem apessoado, com trajes civis estava passeando pela sala, com um ar profundo... E uma fisionomia... E aqui... muitas coisas (mostra a testa) Parecia saber de tudo. Tive logo um pressentimento e perguntei ao dono do hotel: - Quem é aquele homem? Ele disse: um jovem funcionário que vem da capital. Tem um comportamento muito estranho. Compra tudo a crédito e não paga um centavo. E assim que ouvi isso, Deus me iluminou, e eu disse a Pedro Ivanovich: HUM!

DOB - Não, Pedro Ivanovich, quem disse "Hum!" fui eu.

BOB - Primeiro foi o senhor, mas eu imediatamente respondi. "Hum!" "Hum!" dissemos Pedro Ivanovich e eu. "por que ele está aqui?" E concluímos, só pode ser aquele funcionário.

PREFEITO - Que funcionário?

BOB - O inspetor.

PREFEITO - O que o Sr. está dizendo? Não, não, não pode ser ele!

DOB - É o que eu estou dizendo: Sim, sim, sim, só pode ser ele. Não paga e não segue viagem, só pode ser.

BOB - Só pode ser ele. Ele olhou os meus sapatos e eu senti um calafrio!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 490.

PREFEITO - Meu Deus, tende piedade de nós! Em que quarto está hospedado?

DOB - Nº 5, debaixo da escada.

DPF Fls. Nº 447 Rubrica

PREFEITO - Há quanto tempo está aqui?

DOB - Há duas semanas.

PREFEITO - Duas semanas? Deus do céu! Logo agpra que eu mandei surrar a viúva do subtenente francês, não demos comida aos presos e a limpeza pública está um horror! Vai ser um escândalo!

ARTEMIS - Não sería melhor irmos ao hotel?

AMOS - Não, não, eu acho que devemos ir em comissão. Solenemente. Como é ele? Jovem?

BOB - Garotão. 23 ou 24 anos.

PREFEITO - Assim é melhor. Um jovem é mais influenciável. O perigoso é tratar com uma raposa velha. Eu irei com Pedro Ivanovich, assim como que passeando. Svistunov...

SVISTUNOV - Pronto Doutor.

PREFEITO - Vá até à delegacia e diga ao chefe de Polícia que venha aqui, imediatamente!

ARTEMIS - Vamos, Sr. Prefeito. Temos que agir rápido, porque pode acontecer alguma desgraça.

AMOS - Não sei porque o senhor está com medo. É só o senhor mandar lavar as roupas e tudo fica ótimo.

ARTEMIS - E quem disse que eu estou preocupado com isso? O problema é que se alguém falar em comida no hospital, os doentes vão logo reclamar que só comem sopa de batatas.

AMOS - Eu estou pouco ligando, pois se alguém se atrevesse a mexer nos meus processos, cairia duro. Afinal, depois de quinze anos de Forum, nem eusei onde começa a verdade e onde termina a mentira. Nem Salomão resolveria.

PREFEITO - O carro está pronto?

SVISTUNOV - Sim, senhor.

PREFEITO - Onde está o Prokorov?

SVISTUNOV - Em casa, senhor.

PREFEITO - Como ?! Por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.491

DPF DCDP Fls. N.º 448 Rubrica

SVISTUNOV - Tomou alguma coisa para se aquecer, e até hoje não acordou!

PREFEITO - Isto é um horror! Imagine, quando a autoridade fica bêbada, o que se espera da segurança de um país? Busque meu chapéu e a espada. Vamos, Pedro Ivanovich.

BOBCHINSK - E eu? não vou?

PREFEITO - Não, Pedro Ivanovich, só vai o Pedro Ivanovich, pois não quero que pense que estamos em comitiva. E além disso o carro é pequeno.

BOBCHINSK - Não se preocupe. Eu sou um bom corredor e irei a pé. Eu não perderia isto por nada!

PREFEITO - Vá! Reúna a guarda! Onde está o Prokorov?

SVISTUNOV - Tomou alguma coisa para se aquecer, e até hoje não acordou!

PREFEITO - Isto é um horror! Imagine, quando a autoridade fica bêbada, o que se espera da segurança de um país? Vamos, Pedro Ivanovich.

BOB - E eu? não vou?

PREFEITO - Não, Pedro Ivanovich, só vai o Pedro Ivanovich, pois não quero que pense que estamos em comitiva. E além disso o carro é pequeno.

BOB - Não se preocupe. Eu sou um bom corredor e irei a pé. Eu não perderia isto por nada.

PREFEITO - Vá! Reúna a guarda! Manda que os guardas varram a rua, e avise para que tomem cuidado de não roubar, nem matar... pelo menos durante estes dias.

CHEFE DE POLÍCIA - Pronto, Sr. Prefeito!

PREFEITO - Onde é que o Sr. se meteu?

CH. POL. - Estava por aí...

PREFEITO - O homem chegou! Que medidas o sr. tomou?

CH. PL. - De acordo com as suas instruções, coloquei a tropa na rua, de vassoura na mão.

PREFEITO - Já é um bom começo, limpar as ruas. Agora comece, imadiatamente, a execução de um novo plano. Coloque o sargento no meio da ponte; ele é alto e todos o verão, daremos a impressão de que temos uma segurança perfeita. Espalhe vigas, tijolos e areia em vários pontos da cidade. Coloque uma placa escrevendo o nome da administração municipal. Isso da impressão de um governo dinâmico. E avise ao funcionalismo que, se alguém perguntar se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.492

DPF DCDP N.º 449 Rubrica

estão satisfeitos, digam que adoram a administração. Se alguém falar qualquer coisa ao contrário, depois terá razão de sobra para se queixar. Ai, meu pai do céu, me proteja! Se tudo der certo, eu prometo que cada comerciante será obrigado a acender uma vela de cera do meu tamanho! (coloca uma caixa na cabeça)

PREFEITO - E se alguém perguntar pela capela que seria construída com o dinheiro das obras de caridade, diga que pegou fogo. E avise aos soldados para vestirem as calças antes de sairem às ruas.

ANA - Onde é que eles estão? Como foi que aconteceu? Foi por culpa sua. Com esta mania de ficar se arrumando sem parar. Onde está ele? Onde é que você vai? Que inspetor que chegou? Tem bigodes? Que bigodes?

PREFEITO - Agora não tenho tempo para responder.

ANA - Como, não tem tempo? Eu não vou ficar esperando! Eu quero saber de tudo agora! Esta vendo? Tudo por culpa sua! Tem que ficar dançando na frente do espelho... Só porque ouviu falar que o Chefe dos Correios estava aqui, ficou se emperequetando toda! Mas ele nem olha para você! E a gente ficou sem saber nada...

ANTÔNIA - Ih, mãe! Daqui a um pouquinho ficaremos sabendo de tudo...

ANA - Daqui a um pouquinho? Eu quero saber de tudo, agora! Como posso, eu, a mulher de uma autoridade importante, saber das coisas dentro de um pouquinho? Eu não acho isso justo! Eu quero saber de tudo agora! Quero saber quemé ele, de que cor são os olhos dele... Quero saber agora Senão eu morro sufocada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.493

DPF 10 DCDP Fls. N.º 450 Rubrica

ATO II

OSSIP - Diabo! Ai, que fome! Parece que tenho uma banda roncando na barriga... Acho que nunca vamos voltar para casa. Mas, também, o meu patrão não pode ver um baralho, que acaba por cair do galho. Mas o desgraçado tem sempre que se exibir... É só chegar numa cidade e me manda procurar o melhor hotel, dizendo que não suporta comer mau almoço. Se ainda fosse gente importante, mas não passa de um funcionário público de baixa categoria! Se encontra uma mulher bonita jeitosa, logo arma a barraca e fica à beira do fogão a comer o que pode. No campo se vive bem, mas, na cidade, as opções são maiores. Se canso de andar, pego uma carruagem. Se estou sozinho, logo tenho uma companhia num bar. Se não tenho dinheiro e pego carro de aluguel, todas as casas têm duas portas. Salto do carro, entro pela porta da frente e saio pela dos fundos. Mas aqui estou eu, dependendo de meu patrão. Já cansei de empenhar suas roupas. Se ele tivesse um pouco de juízo, não precisaria de passar tanto aperto! Afinal, um dia come como um príncipe e outro como um pobre diabo. Ai, que fome... Deve ser ele!

IVAN - Pegue! Você tornou a se espojar em minha cama!

OSSIP - Quê isso? Pensa que eu nunca vi cama na minha vida?

IVAN - Então, por que a cama está desarrumada?

OSSIP - Que besteira! Eu tenho pernas, não preciso ficar deitando em qualquer cama!

IVAN - Tem fumo?

OSSIP - Tem mais de quatro dias que o Sr. fumou o resto.

IVAN - (passeia pensando) Ossip, vai lá...

OSSIP - Onde?

IVAN - Na cozinha. Diz que preciso almoçar.

OSSIP - Eu não.

IVAN - Como se atreve a me responder, seu estúpido?

OSSIP - Porque não ia adiantar nada. O hoteleiro está de olho na gente.

IVAN - Mas , por quê?

OSSIP - Ele disse que vai dar queixa.

IVAN - Só porque estou três semanas sem pagar? Que absurdo!

OSSIP - Ele disse que, assim, qualquer um pode viver como um príncipe!

IVAN - Pare com isso, idiota!

OSSIP - Eu vou chamá-lo, para que o Sr. mesmo ouça.

IVAN - Por queê?

OSSIP - Eu acho melhor o Sr. falar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.494

DPF DCDP N. 451 Rubrica

IVAN - Vá para o diabo! Chame o hoteleiro. Estou morto de fome. Diabo, também não precisava perder tanto... Aquele capitão tinha uma fábrica de azes!

CRIADA - O patrão mandou perguntar o que é que o sr. quer?

IVAN - Bom dia, senhorita. Você vai bem?

CRIADA - Melhor do que mereço.

IVAN - E aqui, tudo bem?

CRIADA - Numa boa...

IVAN - Muitos hóspedes?

CRIADA - Bastante.

IVAN - Eu gostaria que você me mandasse o almoço, sabe, porque tenho muitos compromissos para depois do almoço, e não posso cumprí-los se não almoçar.

CRIADA - Por quê?

IVAN - Porque o compromisso é para depois do almoço, e não antes.

CRIADA - Não vai dar, não.

IVAN - Por quê?

CRIADA - Porque o patrão avisou que não vai mandar mais comida nenhuma. E ainda vai chamar a polícia.

IVAN - Polícia? Mas que coisa mais estranha... Você precisa me entender, se não comer não posso trabalhar. Se não trabalhar, não posso pagar. Eu tenho compromisso para depois do almoço!

CRIADA - Mas o patrão disse: ou paga, ou vai ficar sem comer.

IVAN - Mas você tem que explicar para ele...

CRIADA - Explicar o quê?

IVAN - Que eu preciso almoçar. Que a primeira regra da hotelaria é o atendimento do hóspede. Dinheiro é secundário...

CRIADA - Vou falar com ele.

IVAN - Ai, que fome! Mas será que não tenho nada que vender? Ah, não! eu prefiro morrer de fome a chegar em casa todo esfarrapado. E a carruagem que não quiseram me alugar? Eu ia chegar naquela pompa...! Então?

OSSIP - Seu almoço está chegando.

IVAN - Que seja benvindo.

CRIADA - O patrão disse que é a última vez...

IVAN - Que é que tem?

CRIADA - Sopa, batata e carne.

IVAN - Só três pratos?

CRIADA - Não, três em um! Tá tudo na sopa!

IVAN - Isso é ridículo! Isso não é comida que se apresente a uma pessoa da minha categoria...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.495.

DPF DGDP Fls. N.º 452 Rubrica

CRIADA - O patrão acha que já é demais.

IVAN - E por que não veio a sobremesa?

CRIADA - Por que acabou-se o que era doce.

IVAN - Como acabou-se? Eu passei pela cozinha e vi tortas e pudins. E vi dois tipos estranhos comendo salmão e outros pratos.

CRIADA - Mas estas comidas tem hora que tem, e tem hora que não tem...

IVAN - Que negócio é este?

CRIADA - Agora não tem...

IVAN - Mas eu vi, e tinha muito! Só tem pros outros...

CRIADA - É isso ai...

IVAN - Mas eu quero saber porque é que tem para eles...

CRIADAS - Eles pagam!

IVAN - Imbecil!

CRIADA - Sim , senhor...

IVAN - Cretina!

CRIADA - Certo, senhor...

IVAN - Você acha que eu vou comer esta lavagem? Feita de carne podre e água suja? Eu não vou fazer isto nunca!

CRIADA - Certo. O patrão disse que, se o senhor não quiser, a gente leva de volta.

IVAN - Isso é um absurdo! Mas pode deixar isso aqui... (come) Que droga de comida (continua comendo) Ossip! Sobrou pra você,pode comer. Bandido, parece que comi sopa de cabo de vassoura. Não tem mais nada?

CRIADA - Não, senhor.

IVAN - Canalhas, desalmados... Tenho a impressão de que não comi nada. Se pelo menos tivesse um pastel do mexicano...

OSSIP - Está chegando gente importante.

IVAN - Ai, meu Deus, será a polícia?

PREFEITO - (Bate)

IVAN (empalidece)

PREFEITO - Minhas saudações!

IVAN - Seu servidor...

PREFEITO - Desculpe...

IVAN - Não há de que...

PREFEITO - Eu estou aqui, na condição de prefeito, é minha obrigação zelar pelo conforto dos nossos visitantes. Precisamos saber de tudo para tomar sérias providências!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.496.

DPF DCDP Fls. N.º 453 Rubrica

IVAN - Eu juro que eu não tenho culpa. Eu vou pagar. E depois isto não é maneira de tratar uma pessoas de bem! A sopa, ninguém sabe o que tem a sopa... Isso é um caso de saúde pública. O chá tem gosto de peixe, a sopa tem gosto de chá. Isso é caso para a justiça!

PREFEITO - O sr. me desculpe, mas eu não tenho culpa! Nosso mercado é modelo. Nossos comerciantes só trabalham com artigos de primeira e eu não sei onde ele conseguiu uma comida tão desagrádável! Quero convidá-lo para que se transfira de domicílio com maior segurança.

IVAN - Não, não, eu não quero! Eu sei o que quer dizer com outro domicílio com mais segurança. Porque isso aqui é um absurdo! É caso de denunciar aos jornais. Eu sofro toda esta humilhação e, ainda por cima, eu devo ir para a... Vou queixar-me ao ministro...

PREFEITO - Pelo amor de Deus, não me desgrace Eu apenas estou cumprindo a minha obrigação... Eu tenho mulher e filha. Não me arruine...

IVAN - E só porque o sr. tem família, eu devo ser preso? Não vou de maneira alguma!

PREFEITO - O sr. tem que me compreender...

IVAN - O sr. não sabe com quem está falando?

PREFEITO - O que aconteceu foi um desentendimento! O que o governo paga é muito pouco... E os comerciantes não falam a verdade. Se houve um suborno, foi por uma ninharia. Foi por necessidade! Eu não mandei açoitar a mulher do sub-tenente francês... Isso são calúnias! Eu não roubei, o que dizem de mim são calúnias, inspetor, eu parei...

IVAN - Está bem. Eu estou pouco me lixando para a mulher do subtenente francês. Eu não gosto de cinema. Só que houve um problema, e eu agora estou sem dinheiro.

PREFEITO - Que esperto! Ele é muito vivo! Fez uma confusão dos diabos. A gente não tem nem como pegar. Raposa felpuda. Mas eu vou tentar. Se o senhor necessita de dinheiro, pode recorrer ao fundo de assistência do turista desabonado. Isso existe para isso...

IVAN - Eu preciso de um empréstimo, não muito, uns duzentos mil.

PREFEITO - Não precisa nem contar!

IVAN - Muito obrigado. Assim que voltar para casa, lhe devolvo com juros e correção monetária. Vejo que o Sr. é um homem de bem...

PREFEITO - Uf! Aceitou! Em vez de duzentos dei-lhe 400...

IVAN - Ossip! Chama a criada! Mas, sentem-se, por favor...

PREFEITO - Não, estamos bem, assim.

IVAN - Sente-se, por favor. Agora posso perceber a sua bondade. E eu que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.497

DPF DCDP Fls. N.º 454 Rubrica

pensei que o senhor viesse aqui para...

PREFEITO - Preciso ser mais audaz... Ele quer continuar incógnito. É... nós estavamos passando, eu gosto de cumprir o meu dever! E não é que a sorte nos reserva a grata surpresa de encontrar novos amigos?

IVAN - É... a divina providência não falha! Estava de passagem...

PREFEITO - De passagem... Olha, como mente. Este é pior que eu. Tenho que tomar cuidado. O sr. está viajando por turismo, não?

IVAN - Não, vou visitar, meu pai. Ele anda um pouco aborrecido comigo. Achava que assim que eu chegasse na capital federal todos cairiam de joelhos... Gostaria que ele fosse até lá, para ver como é difícil subir na vida pública!

PREFEITO - Como ele é criativo! Mente sem o menor pudor! Até o pai entrou na festa. E demora muito, nesta visita?

IVAN - Eu não sei. Meu pai é muito teimoso. Mas vou logo lhe avisando que não posso viver longe da capital. Eu não vou ficar na roça, eu não posso viver sem um mundo moderno. Tenho sede de cultura!

PREFEITO - Impressionante! Ele não se trai nunca. Mas, espera um pouco que eu jogo uma armadilha, e ele cai no laço. Eu também acho... e depois capital é capital. Nossa cidade, por exemplo, tem gente muito rude... Se não fosse o trabalho em prol da comunidade, eu não saberia viver aqui! Trabalho muito, sabe? Este quarto é úmido, não?

IVAN - Úmido? É horrível! Tem barata, pulga, percevejos... Mal consigo dormir.

PREFEITO - É humilhante, uma figura tão respeitável ser comida por pulgas e percevejos. O quarto tem pouca luz?

IVAN - Pouca luz? Não tem luz alguma! E o dono do hotel não manda nem uma vela. Eu consigo ler, à noite porque sou ótimo em braile.

PREFEITO - Gostaria de lhe fazer um convite... mas tenho medo que o senhor não me entenda...

IVAN - Que tipo de convite?

PREFEITO - Que nós, eu e o senhor... mas o sr. não entenderia...

IVAN - Entender o que...?

PREFEITO - É que o sr. fica aqui, numa completa solidão, sem ter ao menos uma vela para consolar a sua noite... e eu... poderia lhe oferecer...

IVAN - O que?

PREFEITO - Não, nada não, o senhor pode não gostar...

IVAN - De quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.498

PREFEITO - Eu ficaria imensamente feliz, se o Sr. aceitasse uma cama macia, roupa lavada, comida quentinha e ficasse ao meu lado:.. mas acho que o sr. não gostaria, acho que o sr. não me entende...

DPF DCOR Fls. N.º 455

IVAN - O que é que o sr. está querendo dizer?

PREFEITO - Que eu adoraria que o senhor ficasse uns tempos conosco. Minha casa é ampla e confortável. E seria uma honra para mim e minha família ter um hóspede tão honrado! Mas acho que o sr. pode se ofender...

IVAN - Ora essa! Isso não é uma ofensa, é uma honra...

PREFEITO - Isso é uma alegria imensa! Minha mulher vai morrer de contentamento... Ela adora receber pessoas cultas em minha casa!

IVAN - Então fico muito feliz, também!

CRIADA - O cavalheiro chamou?

IVAN - Chamei. Quero a conta.

CRIADA - Mas já trouxe umas duas ou três vezes...

IVAN - E eu vou lá me lembrar destas coisas! Quero saber o quanto deve.

CRIADA - Bem, o senhor chegou, almoçou, depois nunca mais pagou nada...

IVAN - Eu pedi a conta, não conversa fiada!

PREFEITO - Vamos, vai logo buscar a conta, depois ele acerta...

IVAN - É, assim fica melhor. (guarda o dinheiro)...

PREFEITO - O senhor gostaria de ir ao hospital?

IVAN - Eu não estou doente. O que eu vou fazer no hospital?

PREFEITO - Conhecer os locais onde desenvolvemos uma obra pioneira em favor de uma nação mais humana.

IVAN - Ah, sim... Podemos ir...

PREFEITO - Depois o senhor poderá conhecer a nossa universidade...

IVAN - Com prazer!

PREFEITO - Depois poderemos chegar ao presídio. Lá o sr. poderá sentir como se vive confortávelmente!

IVAN - Prefiro o hospital, é mais saudável!

PREFEITO - O senhor é quem manda... Prefere usar o seu carro ou o meu?

IVAN - O seu!

PREFEITO - Carp Pedro Ivanovich, você sobrou. Lotação esgotada.

DOB - Não tem importância. Eu gosto muito de andar. Eu prefiro ir a pé.

PREFEITO - Aproveite e entregue um recado para minha mulher e o outro ao Diretor do Hospital. O senhor me permite que escreva um bilhete?

IVAN - Faça o favor... aqui tem tinteiro... e aproveite esta conta velha!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.499

-16- DPF DCDP Fls. N. 456 Rubrica

PREFEITO - Agora tudo vai ficar mais fácil. Depois de um bom vinho, os homens ficam mais sensíveis...!

(Entrega o bilhete e, ao abrir a porta, cai Bob, que estava escutando)

IVAN - Espero que o sr, não tenha se machucado.

BOB - Não, foi só o nariz, mas tudo se ajeita.

PREFEITO - Vamos, vamos. (A Bob) Isso é coisa que se faça? Cair desta maneira!

BOB - Eu sempre ouvi falar que as pessoas educadas, batem, antes de abrir a porta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 500.

DPF DCDP Fls. 457 Rubrica

ATO III

ANA - Viu, há quanto tempo já estamos esperando? E por quê? Porque você nunca pode ficar pronta na hora exata! E depois, para pôr uma roupa, é preciso pôr o guar-roupa abaixo? Por isso é que a gente está este tempo todo esperando!

ANTÔNIA REGINA - Fique calma, mamãe. Dentro de um pouquinho teremos notícias. Olhe!..., vem vindo alguém!

ANA - Onde? Eu não estou vendo nada...

ANTÔNIA - Vem, sim, mãe. É Dobchansk.

ANA - Sim, é verdade. Mas olha como ele vem... Devagar. Isso é só para me provocar. Você não tem vergonha de deixar a sua comadre esperando e vir nesta folga?

DOB - Olha, corri tanto, que quase bato o record. Como vai?

ANTÔNIA - Bom dia, Piotr Ivanovich!

ANA - Conta logo o que aconteceu!

DOB - O sr. prefeito manda-lhe este bilhete.

ANA - Como é ele, um general?

DOB - Olha, ele não usa farda, mas fala como se tivesse estrêlas nos ombros!

ANA - Será ele, o agente?

DOB - Não tenho a menor dúvida!

ANA - E como estão as coisas?

DOB - No princípio tudo estava muito bem, digo, não estava muito bem. Ele foi frio, agressivo, depois, percebendo a inocência de Antonof Raimundof parou de falar em cadeia e foi inspecionar o hospital. Eu até me assustei...

ANA - Mas você não é funcionário público.

DOB - Mas com uma autoridade destas, qualquer um pode ser culpado.

ANA - É novo, ou velho?

DOB - É jovem como um jovem, e velho como um velho!

ANA - Como?

DOB - Ele tem 23 ou 24 anos, mas fala e age como um velho. É muito culto!

ANA - E como é sua figura? Louro ou moreno? E os olhos?

DOB - Nem louro nem moreno, tem um nariz assim e dois olhos... muito vivos!

ANA - Deixe-me ler o bilhete: "Querida: foi um tremendo sufoco, mas tudo passou graças à Providência Divina!...dois pepinos salgados, vinho tinto e sopa Knor..." Será que ele escreveu em código?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.501

DPF DCDP Fls. N.º 458 Rubrica

DOB - Não, é a conta do hotel.

ANA - Entendo. "...Arranja o melhor quarto, a melhor cama, o travesseiro mais macio. Diga à Associação Comercial para mandar os vinhos e tudo mais que se fizer necessário. Beijo-me." Meu Deus, tenho que andar depressa!

ANA - Mishka!

ANTÔNIA - Mishka!!!!

DOB - MISHKA!!!!!!!!

MISHKA - Sim, senhora.

ANA - Vai à loja do Abdulim, busca vinho, prepara o quarto amarelo, põe a bacia com água e tudo mais...

DOB - Então, eu já vou para ver como os fatos estão evoluindo...

ANA - Até logo! Agora vamos, Tonica! Precisamos nos arrumar. Põe o vestido azul...

ANTÔNIA - Nem morta! Aquele vestido azul que todo mundo comprou igual? Eu vou pôr o estampado...

ANA - O estampado? Eu sabia que você tinha que me contradizer! Você vai de azul, porque eu quero ir de cor-de-rosa,

ANTÔNIA - Mas rosa... a senhora fica horrorosa de rosa!

ANA - Como você me diz isso?! Será verdade?

ANTÔNIA - Garanto que é verdade! O rosa fica bem, para quem tem olhos pretos!

ANA - E os meus olhos não são pretos?

(Entra Mishka com o lixo na cabeça e depois Ossip, com um malão)

OSSIP - Onde deixo isso?

MISHKA - É por aqui...

OSSIP - Deixe que eu respire um pouco.

MISHKA - E o general, quando vem?

OSSIP - Que general?

MISHKA - Teu patrão.

OSSIP - O meu patrão?

MISHKA - Ele não é general?

OSSIP - General? Ah. General, general...é, melhor...e, não faz mal! Ele é mais ainda.

MISHKA - Mais?

OSSIP = Agora entendo... Eu não gosto de falar destas coisas. Escuta o que temos aqui para comer?

MISHKA - Olha amiguinho, o que temos é coisa muito simples. É melhor esperar o teu patrão, para que possa comer o que é do seu costume.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.502

DPF DCDP Fls. N. 459

OSSIP- O que vocês comeram hoje?

MISHKA - Hoje...foi frango ao molho pardo, costeleta com farofa e doce de francês.."Souvenir"

OSSIP - Enquanto eu espero, traga-me um pouco disso, sim. É só para enganar o estômago... E, vamos, me dá uma juda para levar isso para o quarto!

(Entram Ivan, Prefeito, Chefe de Polícia, Artemis, Amos, Lucas, Bob e Dob)

IVAN- Estou encantado! Eu nunca vi uma cidade tão hospitaleira! Acho esta idéia de mostrar a cidade, excelente! Em outras cidades que visitei, não encontrei um tratamento tão nobre...!

PREFEITO - Porque, em outras cidades, os prefeitos e autoridades numaa estão em seus cargos! Estão sempre visitando outros governadores...

IVAN - O almoço foi excelente! Come-se sempre assim, por aqui?

PREFEITO - Só quando temos figuras como o senhor..

IVAN - Adoro comer!... Como se chama aquele peixe?

PREFEITO - Traíra, traíra sem espinhas! É uma especialidade da cidade...

IVAN - O almoço foi no Hospital - Escola?

ARTEMIS - Exatamente! É uma instituição modelar!

IVAN - Mas o senhor tem muitos poucos doentes por aqui...

ARTEMIS - Ah, sim, é que os doutores trabalham com muita eficiência. Se o doente se interna, fazemos logo as quatro operações, para aproveitar a anestesia. É mais econômico para o Estado! E, depois, eles se recuperam de tal forma, que nunca mais aparecem por lá!

PREFEITO - Mas, o senhor me permita dizer, que as funções de um Prefeito são da mais alta gravidade! Se não tivermos uma pessoa capaz, não teremos as ruas limpas, os presos bem tratados, o povo com transporte correto... Eu trabalho muito, mas tenho certeza que a história me fará justiça! Embora eu não pretenda nada mais que servir ao meu povo...

ARTEMIS - Que oratória!

IVAN - Diga-me, não existe por aqui algum divertimento como clubes, cassinos ou danceterias?

PREFEITO - Deus nos livre! Esta é uma cidade honesta. Também, eu não permito. Tenho vômitos quando toca numa carta de baralho. Dor de cabeça, quando ouço música alta!

PROF. LUCAS - E o bandido me levou cem mil no pif-paf ontem de noite...

PREFEITO - Meus momentos de descanso são oferecidos ao meu cargo, a serviço da Pátria!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.503

DPF DCDP Fls. N.º 460 Rubrica

IVAN - Acho que o senhor é severo demais... Um joguinho, para relaxar, não faz ninguém se perder...

PREFEITO - Minha mulher,... e minha filha...!

IVAN - Encantado!

ANA - BENfica!

IVAN - Creia que estou estourando de alegria!

ANA - Ora, quem está assim, sou eu. Sente-se, por favor!

IVAN - Minha senhora, ficar de pé, perto de si é como se estivesse sentado. Mas se a senhora assim o quer, sento-me.

ANA - Eu não acredito que o sr. está falando isso comigo... Creio que esta viagem tem sido muito desagradável!

IVAN - Sim, muito, penosa! A senhora compreende, estou acostumado com um certo tipo de hotel que por aqui não se encontra mais... (olha Antônia) mas o destino me recompensou destes infortúnios.

ANA - Coitadinho, deve ter sofrido muito...

IVAN - Mas agora estou sendo recompensado...

ANA - O senhor está dizendo isso apenas por delicadeza... eu não mereço...

IVAN - Mas, é claro que a senhora merece!

ANA - Mas eu sou uma mulher da província...

IVAN - É na província, nas aldeias, que encontramos montanhas e riachos. Cachoeiras, leite fresco e vacas saudáveis! É claro que nada se compara à capital... Ah, que vida! Trabalha-se muito. Vou à repartição duas vezes ao mês E quando chego, é uma festa, um, vem me lustrar as botas, o chefe, vem me pedir opiniões... Ele não resolveu nada sem me consultar! Mas os senhores estão de pé, por quê?

PREFEITO - Porque diante de uma autoridade tão importante, é preciso que se fique de pé!

ARTEMIS - Estamos bem de pé!

IVAN - Vamos deixar de hierarquias! Peço que os senhores se sentem... Eu não ligo para isso. Eu gosto de ficar incógnito. O que é muito difícil... Se saio a noite, mesmo que queira ficar sozinho, logos as pessoas me descobrem!

ANA - Não me fala, deve ser terrível.

IVAN - É assim, eu sou muito conhecido. Quando eu vou ao teatro, os atores páram a representação para me aplaudirem. Eu sou muito amigo do pessoal de literatura e, às vezes, eles me pedem e eu, para não ser grosseiro, acabo escrevendo, alguma coisa. Drummond, sempre me fala: são difíceis os caminhos da fama! E eu digo: é isso aí poeta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 504

DPF DCDP Fls. N.º 461 Rubrica

ANA - O sr. escreve? Que coisa linda uma pessoa ser alfabetizada! O senhor publica e o público delira...

IVAN - Sim, sim! A senhora ouviu falar de... "O jardim de cerejeiras"?...

ANA - A peça?

IVAN - É minha, levei uma noite escrevendo... "A mandrágora"?... minha também, "Gota d'água", "Ópera do malandro", "Esta noite se improvisa"... São tantas, que eu até me esqueço! Sabe, os diretores de teatro vivem me dizendo: "Pelo amor de Deus, escreva alguma coisa pra nós!" E eu escrevo, embora me negue a fazê-lo para a televisão! A senhora conhece "O vestido de noiva"?

ANA - Da paulicéia?

IVAN - Paulicéia, Desvairada, é outra obra, e usei o pseudônimo de Macunaima de Andrade.

ANA - Então o senhor é o Nelson Rodrigues?!

IVAN - O verdadeiro. Sempre escrevi sob pseudônimos. Eu corrijo, muito, as obras dos autros. O chico, sempre que escreve alguma coisa, traz para mim, para que eu substitua algumas palavras. Enfim, para dar uma melhorada!

ANA - Era o que eu imaginava... E "Gabriela"?

ANTÔNIA - "Gabriela" é do Jorge Amado!

ANA - Eu sabia que você ia me contrariar!

IVAN - Existem dois livros. A versão da TV Tupi em preto e branco, foi do Jorge Amado, a da Globo, é minha!

ANA - Eu vi, a do senhor!

IVAN - E as minhas festas... Quando forem à capital, não deixem de me visitar. Darei um baile especialmente para homenageá-los!

ANTÔNIA - Deve ser um sonho!

IVAN - Sonho? Nem imagina... quem organiza minhas festas é o Júlio Zanini. As flores são preparadas pelo Iverson Biságio... Eu sirvo pratos finíssimos: melancia com salame. Quem assina o meu menu é o maître europeu, Pinho Neves! E todo mundo me convida... Eu sou presença obrigatória nas festas. Quando faço jantares, todos ficam loucos para receber um convite! Eu faço coisas muito finas, entre uma sopa de ervilhas e fondant, eu sirvo um sorvete de abacaxi, para limpar o paladar. Eu sou muito fino! Entre os pratos principais sirvo frutas, para equilibrar os sabores! Entre um leitãozinho e um cabrito, costumo servir uma jaquinha, todos comem a jaca com muita propridade, porque eles sabem que eu sou um homem fino. Quando chego em casa, tenho que subir uma escadaria de três degraus, e no

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.505.

DPF DCDP Fls. N.º 462 Rubrica

alto da minha mãnsão, recebo ministros, generais, colunáveis... Eu não quero, mas vou acabar aceitando o ministério do...

PREFEITO - Exce... exce... exce...

IVAN - Que foi?

PREFEITO - exce... exce... exce...

IVAN - O que está acontecendo?

PREFEITO- Exce... exce... excelência, não quer descansar um pouco?

IVAN - De quê?... Ah, sim, vamos descansar... (saem)

BOB - Pedro Ivanovich, isso é que é um homem importante!

DOB - Pedro Ivanovich, isso é que é um importante homem!

BOB - Qual será a patente dele?

DOB - Na minha opinião, no mínimo é general!

BOB - Pois eu acho que ele, é mais, muito mais!

DOB - Até logo, comadre! (saem)

ANA - Ai, que homem!

ANTÔNIA - Que rapaz gentil!

ANA - Que maneiras finas. Que coisa deliciosa! Não tirava os olhos de mim.

ANTÔNIA - Desculpe, mamãe, mas ele olhava era para mim!

ANA - Mas que coisa mais fora de propósito!

ANTÔNIA - Mas é verdade!

ANA - Chega! Eu sabia que você tinha que me contrariar! Por que ele estaria olhando para você?

ANTÔNIA - Eu tenho certeza que, quando ele falava que havia sido recompensado, ele olhava para mim! Olhos nos olhos!

ANA - É... talvez ele possa ter dado uma olhadinha... Assim, de pena, ele pensava... coitadinha, tão magrinha, deixa eu dar uma olhadinha para ela.

PREFEITO - Psiu...

ANA - Que foi?

PREFEITO - Ele não devia ter bebido tanto... Mas, se metade do que diz é verdade, eu morro de medo! Mas ele jogo cartas com ministros, entra no palácio à hora que quer... Estou me sentindo como um condenado na hora da forca...

ANA - Eu não achei nada disto. Achei ele um homem ótimo! Culto fino...

PREFEITO - Porque você é muito exibida! Tratou ele como se fosse um Dobchinsk qualquer...

ANA - Quer um conselho? Deixe comigo, eu sei das coisas...

PREFEITO - Mishka, chame o sargento. Não adianta discutir com mulheres. Elas não sabem ouvir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 506.

DPF
DCDP
Fls. N.º 463
Rubrica

ANA - Venha cá, meu rapaz.

PREFEITO - Fale baixo... Ele está dormindo?

OSSIP - Ainda não, está espriguiçando.

ANA - Que é o seu nome?

OSSIP - Ossip.

PREFEITO - Fale baixo... Bom, meu amiguinho, comeu bem?

OSSIP - Sim, jantar estava ótimo!

ANA - O seu patrão recebe muita gente importante?

OSSIP - Que devo responder? A comida estava boa, mas vai dar para melhorar... Sim, sim, a gente até fica bobo com tanta importância.

ANTÔNIA - Ossip, o tem patrão é muito elegante?

ANA - Ossip, como é ele?

PREFEITO - Parem com isso! Escuta aqui, meu amiguinho...

ANA - Qual é o posto do seu patrão?

OSSIP - Nem queira imaginar.

PREFEITO - Ai, meu Deus! Párem com isso. Escuta aqui, meu amiguinho, como é que ele é? É bravo? Gosta das coisas muito certas? Ele castiga as pessoas?

OSSIP - Acho isso muito bom, mas...

ANA - O seu patrão anda fardado na capital?

PREFEITO - Cale a boca! Bem, meu amiguinho, eu gostei muito de você... Você deve gostar de tomar chá... aqui tem um dinheirinho para tomar alguma coisa.

OSSIP - Muito obrigado, senhor.

PREFEITO - Diga-me...

ANA - Qual a cor de olhos que ele prefere?

ANTÔNIA - O narizinho dele é tão lindo!

PREFEITO - Deixem-falar! Do que o seu patrão gosta, quando viaja?

OSSIP - Ele gosta de ser bem recebido. De comer bem. E gosta muito que as pessoas me tratem bem...

PREFEITO - Muito bem, como ele faz?

OSSIP - Ele pergunta: Ossip você comeu bem hoje? Se eu digo que sim, ele fica alegre. Se eu digo que não, ele diz, Ossip, quando chegar na Capital lembra-me desta cidade e dessa gente. Eu sou um homem sem luxo, eu digo que é isso patrão. E ele me diz: estou mandando que me lembre!

PREFEITO - Muito bem, isto aqui é para comprar uns bolinhos...

OSSIP - O sr. é muito gentil!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-507

424
DPF
DCDP
Fls. N.º 464
Rubrica

PREFEITO - E, agora, vamos parar de fazer barulho, para que ele possa descansar.

SARGENTO - Pronto, seu prefeito! (Bate os pés)

PREFEITO - Fala baixo! Parece um cavalo... Escute aqui, quero a casa bem guardada! Em completa segurança! Não quero nem um comerciante por aqui e, se aquelas mulheres chatas que apanham na feira, aparecerem por aqui, não quero nem sombra delas, entendeu? Ninguém pode falar com o nosso hóspede, antes que fale comigo... nem que tenham que jogá-los no rio, estão entendendo? Eu quero que cumpram a lei! e a lei, aqui, sou eu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.508

DPF DCDP Fls. N.º 465 Rubrica

ATO IV

AMOS - Pelo amor de Deus, entrem em forma! Este homem freqüenta as altas cúpulas da nação! Você tem que aprender a ter postura! O sr. aqui?

ARTEMI - Olha, pode-se falar o que quiser, mas nós precisamos é de ação.

AMOS - Que ação?

ARTEMIS - O sr. me entende...

AMOS - Acha que devemos torná-lo mais acessível?

ARTEMIS - É uma boa palavra...

AMOS - É muito perigoso. Ele é um homem de alto escalão e poderia se ofender. Talvez pudéssemos fazer uma doação para alguma empresa beneficente...

CHEFE - Poderíamos dizer que chegou pelo correio...

ARTEMIS - E ele poderia despachá-lo, pelo correio, para a Sibéria! E depois, estas coisas não podem ser tratadas publicamente... A gente poderia fazer uma visita, de aniversário, e, um a um, poderíamos, sutilmente, deixar que ele aceitasse a oferta. Comece o Sr., Juiz! Já que a justiça é cega, não tem perigo algum!

AMOS - Eu não. O sr. é que ofereceu o almoço no hospital...

ARTEMIS - Eu acho que isso fica mais próprio para o professor, assim ele não pode dizer, nunca, que foi uma atitude sem educação!

PROF. LUCAS - Eu não posso, meus senhores! Eu sou tão educado que, quando eu me dirijo a um superior tão superior, eu começo a tremer e sinto tonteiras... Me desculpem, mas comigo não...

ARTEMIS - Muito bem, então só pode ser o sr. Juiz, que tem a eloqüência de Cícero e a persuasão de Aristóteles...

AMOS - Não senhor, não venha com exageros! Eu às vezes fico meio eloqüente, mas só quando eu falo com os meus cachorros...

TODOS - Não senhor, o senhor é ótimo quando fala de tudo! É um perfeito bacharel! Não nos abandone... O sr. é o nosso líder!

AMOS - Deixem-me em paz!

(Ouvem-se passos e tosse. Todos somem)

IVAN - Uf! Como dormi! Acho que bebi demais. Não sei onde arrumaram tantos cobertores... Estou suando! Gosto de ser tratado com cortesia, principalmente quando não existe outro interesse. Todos são muito amáveis! A filha é uma boa pedida e a mulher ainda dá uma boa meia sola... Gosto desta vida.

AMOS - Ai, que desespero! Meus joelhos não me sustentam. Tenho a honra de me apresentar Amos Fiórivith, Juiz da Cidade.

IVAN - Sentem-se, por favor. O sr, é o Juiz daqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.509.

26 .DPF DCDP Fls. N.º 466 Rubrica

AMOS - Sim, há treze anos cumpro esta função.

IVAN - E o que o senhor lucra nesta posição?

AMOS - Eu sou muito estimado... já fui "Personalidade do Ano", "Destaque", do Cabelinho e recebi a Comenda Guilherme Halfeld. Meu Deus, o dinheiro me queima as mãos!

IVAN - O que o sr. tem nas mãos?

AMOS - Nada, não.

IVAN - Como, nada? Olha o dinheiro no chão.

AMOS - Que dinheiro? Não é meu não. Ai, meu Deus, eu ainda acabo na cadeia!

IVAN - Isto aqui é dinheiro seu.

AMOS - Ai, meu Deus, estou perdido...

IVAN - Este dinheiro é seu, e o senhor poderia me fazer um empréstimo...

AMOS - Claro! Santa Maria, mãe de Deus...

IVAN - Eu tive um imprevisto nesta viagem... Mas assim que chegar em casa.. eu farei a restituição.

AMOS - Mas, é claro, é uma honra poder servir a um homem como o senhor! E se o sr. me permite, eu me retiro. Obrigado. O senhor teria alguma ordem?

IVAN - Que ordem?

AMOS - O tribunal...

IVAN - Não, está tudo bem...

AMOS - Estou salvo! (sai)

IVAN - É uma boa pessoa, o nosso juiz!

CHEFE - Tenho a honra de me apresentar. Inácio Chepekine, Conselheiro e Chefe dos Correios...

IVAN - Prazer. Sente-se, por favor. O senhor vive há muito tempo, nesta cidade?

CHEFE - Sim, desde sempre...

IVAN - Gosto deste local. Um pouco calmo, mas, afinal, aqui não e a Capital...

CHEFE - Isto é a pura verdade!

IVAN - Mas, apesar de tudo, a gente pode ser feliz aqui.

CHEFE - Isto é a pura verdade!

IVAN - Como se alcança a felicidade? Eu acho que é preciso que um homem seja amado e respeitado...

CHEFE - Isto é pura verdade!

IVAN - Acho que a gente pensa muito igual. Sabe, eu tive um imprevisto na viagem e o senhor poderia emprestar-me algum...

CHEFE - Claro! É a pura verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.510.

IVAN - Muitíssimo obrigado! Assim que chegar em casa farei a restituição.

CHEFE - Isto é a pura verdade! O senhor gostaria de falar sobre os correios?

DPF DSDP Fls. N.º 467 Rubrica

IVAN - Não, aqui quem fala sobre os correios é o senhor.

CHEFE - Isto é a pura verdade! (sai)

IVAN - Bom homem, bom homem...

PROF. LUCAS - Tenho a honra de me apresentar, Diretor das Escolas Reunidas da Universidade, Prof. Lucas Lukhth.

IVAN - Seja benvindo... Um charutinho?

LUCAS - Devo ou não devo aceitar?

IVAN - É marca de qualidade! O senhor não fuma?

LUCAS - Fumo, mas se o senhor quiser, deixo de fumar, hoje mesmo!

IVAN - Acho que o senhor não gosta de fumar... Eu confesso que gosto de fumo e de mulheres. E o senhor gosta?

LUCAS - ÉÈÉÉÉÉ...

IVAN - Ah, entendo, o sr. não gosta...

LUCAS - Loura, loura!

IVAN - Ah, quer dizer que o sr. gosta?

LUCAS - É é é é....

IVAN - O que é que há? Está intimidado?

LUCAS - É...

IVAN - Eu tive um imprevisto...

LUCAS - ...na viagem e queria...

IVAN - ...um dinheiro emprestado.

LUCAS - Ah, se eu não tivesse. Claro, claro!

IVAN - Muito obrigado.

LUCAS - Não tem de quê. Com licença, nã quero tomar mais o seu tempo.

IVAN - Até logo.

LUCAS - Deus seja louvado. Estou aprovado!

ARTEMIS - Tenho a honra de me apresentar: Artemis Filipóvitch, Provedor-Mor da Santa Casa de Misericórdia.

IVAN - Faça o favor de, sentar-se.

ARTEMIS - Tive a honra de recebê-lo, em nosso hospital, o qual tenho a subida honra de dirigir...

IVAN - Ah, sim. Foi lá que comi traíra, sem espinhas.

ARTEMIS - Sou muito feliz em poder servir da melhor maneira...

IVAN - Devo-lhe confessar que comer é uma das boas coisas da vida...

ARTEMIS - Ah, sim, quem ama a vida, investe na eternidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p 511

DPF DCDP Fls. N.º 2168 Rubrica

IVAN - Quer dizer que o senhor é o Provedor-Mor?

ARTEMIS - Sou, e com muita honra, e me dedico de corpo e alma à nossa causa. (em voz baixa) Mas o nosso Chefe dos Correios não cumpre a obrigação, Não entrega as cartas e nós sempre recebemos tudo atrasado! O juiz é um homem que está sempre caçando... Não pára no tribunal, é um verdadeiro juiz-de-fora! E existe um fazendeiro, o Dobchinski que... quando sai de casa... logo por lá aparece o juiz... Aliás os filhos do Dobchinski:.. nenhum se parece com o pai...são a cara escarrada do juiz!

IVAN - Então é assim?

ARTEMIS - E o professor. Nunca vi um homem tão pernicioso! Ele vive criando clube de jovens, adora escoteiros... eu não confio muito... Se o senhor desejar, eu posso dar todas estas informações por escrito...

IVAN - Faça isso . . . Eu adoro ler. O senhor é...

ARTEMIS - Artemis Filipóvitch...

IVAN - E o senhor tem filhos?

ARTEMIS - Cinco.

IVAN - Grandes? Como são eles?

ARTEMIS - O sr. quer saber como se chamam...

IVAN - É, como se chamam?

ARTEMIS - Nicolau, Ivan, Elizabeth, Maria e Perpétua.

IVAN - É, muito interessante... Sabe eu... tive... um imprevisto

ARTEMIS - ...na viagem e queria um...

IVAN - ...dinheiro emprestado e

ARTEMIS - ...assim que eu chegar em casa eu farei a...

IVAN - ...restituição!

ARTEMIS - Claro, claro!

IVAN - Eu sabia que o senhor é um homem de bem...

ARTEMIS - Obrigado, obrigado. (sai)

BOB - Tenho a honra de me apresentar: Piotr Ivanovich Bobchinski, morador nesta cidade.

DOB - Tenho de me apresentar a honra: Piotr Ivanovich Dobchinski, nesta cidade morador.

IVAN - Ah, sim. Como está o seu nariz?

DOB - Já está bom...

IVAN - Sabe, senhores... eu

DOB e BOB - Eu tive um imprevisto na viagem e...

IVAN - ... e queria...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.512

DPF DCDP Fls. N.º 469 Rubrica

DOB e BOB - ... um dinheiro emprestado e...

IVAN - Assim...

DOB e BOB - ...e assim que eu chegar em casa farei a restituição!

IVAN - Claro, claro!

BOB - Dinheiro?

IVAN - Cem!

DOB - Só tenho quarenta...

BOB - ...e eu vinte e cinco...

IVAN - Negócio fechado. Muito obrigado.

DOB - Excelência, gostaria de fazer-lhe um pedido...

IVAN - Pode falar.

DOB - Sabe, o meu filho mais velho nasceu antes do meu casamento. Mas depois eu legalizei a minha situação. Agora eu queria que ele pudesse usar o meu nome.

IVAN - Mas isso é fácil!

DOB - O senhor desculpe incomodá-lo, mas ele é um rapaz de muito talento so faz poesias, e põe para secar no varal. Canta que é uma beleza, ainda pinta, borda e faz crochê... E eu acho que, quando ele crescer, vai aparecer muito no jornal! E eu queria que ele aparecesse com o nome de Dobchinski.

IVAN - Eu vou resolver o seu problema...

BOB - Excelência, eu gostaria de fazer um pedido muito simples. Quando o senhor chegar na capital, diga aos ministros, deputados e senadores que freqüentam sua residência que, no povoado assim, assim vive Pedro Ivanovich Bobchinski...

IVAN - Assim o farei.

BOB e DOB - Obrigado, excelência e adeus! (saem)

IVAN - Acho que aqui tem funcionários demais. E, ontem, devo ter delirado. Vou contar isto ao Tranbiquine, ele é jornalista e está sempre procurando assunto para sua matéria de ficção. Mas o pessoal é amável, consegui faturar 800 mil, numa tarde. Vou escrever.

OSSIP - Patrão, acho que está na hora de ir para outro lugar. O senhor já se divertiu bastante.

IVAN - Acho que dá para ficar mais um pouco...

OSSIP - Vamos embora, a gente tem que saber a hora certa de parar. O sr. não tem limite!

IVAN - Leve esta carta ao correio. Tranbiquine vai adorar! E avisa que não precisa selar. É por conta do governo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.513.

DPF
DCDP
Fls. N.º 470
Rubrica

VOZES - Um, dois, três, quatro cinco mil
queremos conversar com o inspetor civil.

IVAN - Que é isso?

OSSIP - É um monte de gente querendo falar com o senhor...

IVAN - Vai lá e fala que só recebo uma pequena comissão.

OSSIP - Quantos?

IVAN - Um de cada vez...

COMERCIANTE - Vimos cumprimentar em nome da Associação Comercial. Queremos que o ilustre visitante saiba do que se passa em nossa cidade. O prefeito nos sobrecarrega com taxas monstruosas! E ainda leva nossas mercadorias.

IVAN - Não posso acreditar!

COMERCIANTES - Mas é verdade...

IVAN - Como uma autoridade pode fazer isto? É incrível!

COMERCIANTES - Mas é verdade!

COMERCIANTE - Mal entra numa loja, carrega tudo que pode e que não pode. E nem seleciona. Leva coisa cara e barata. Ameixas que estão secas no fundo do barril, ele não as dispensa. Ele é a única pessoa que faz aniversário duas vezes por ano. Faz a festa e nós somos obrigados a comparecer, levar presentes, as comidas e as bebidas...

IVAN - Não posso acreditar!

COMERCIANTES - Mas é verdade!

COMERCIANTE - Isto não é homem público... É um salteador público! Ele não pode saber que chegou uma coisa nova em nossa loja, e lá está ele! Somos obrigados a esconder mercadoria... Quando ele aponta no alto da rua, quase morremos para esconder os artigos melhores. E quando conseguimos...

COMERCIANTES - Isso é verdade...

COMERCIANTE - Ele leva as piores.

COMERCIANTES - Isto é verdade!

COMERCIANTE - Aceite excelência, uma pequena oferta da nossa humilde Associação... um pouco de açucar e um barril de vinho...

IVAN - De jeito nenhum! Eu não aceito presentes...

COMERCIANTES - Que homem honesto!

IVAN - Mas, se o senhores pudessem me fazer um favor, porque eu...

COMERCIANTES - tive um imprevisto na viagem e queria um dinheiro emprestado...

IVAN - e...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.514

DPF DCDP Fls. N.º 471 Rubrica

COMERCIANTES - ...assim que chegar em casa, farei a restituição.

COMERCIANTE - Quanto deseja, excelência?

IVAN - 300

COMERCIANTE - Nós temos 500

IVAN - Então, está bem!

COMERCIANTE - Fique com o açucar.

IVAN - Não sei se devo...

OSSIP - Claro que deve!

IVAN - Então, eu fico. Mas por delicadeza...

COMERCIANTES - Mas é a pura verdade!

COMERCIANTE - Aceite o vinho...

IVAN - Isso me embaraça, não quero parecer um explorador...

COMERCIANTES - Fique, por favor!

IVAN - Então, eu fico, mas só para não ser indelicado...

COMERCIANTES - Mas é a pura verdade!

COMERCIANTE - Fiquei, também, com a bondade!

IVAN - Não sei se devo ficar...

COMERCIANTE - Claro que sim, é nosso desejo!

IVAN - Então ou fico, para não ser indelicado...

COMERCIANTES - Mas é a pura verdade!

IVAN - E aproveita e me dá logo a corda, e assim pára logo essa encheção de saco!

COMERCIANTES - Isso é a mais pura verdade... Obrigado! Obrigado!

(entram as mulheres)

VIÚVA - Ajude-nos, excelência!

MULHER - Ajude-nos excelência!

IVAN - Quem são vocês?

VIÚVA - Eu sou a viúva do sub-tenente francês...

MULHER - Eu Frevônia Petrolina, mulher do carpinteiro...

AS DUAS - Não, excelência, o sr. não pode deixar de nos ajudar, pôs nós somos fracas e oprimidas.... (falam juntas)

IVAN - Uma de cada vez...

VIÚVA - Não, excelência, o sr. não pode deixar de nos ajudar porque somos fracas e oprimidas.

MULHER - Não, excelência, o sr. não pode deixar de nos ajudar porque somos fracas e oprimidas.

VIÚVA - Nós queremos proteção...

MULHER - Ele obrigou meu marido a ser soldado.

IVAN - Como conseguiu isto?

MULHER - Do jeito dele. Ele chegou e disse: "quem vai ser soldado?" E

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.515.

olhou para a dona do hotel; ela mandou-lhe um bom presente e o filho dela não foi alistado. Depois, foi na loja de tecidos e disse ao proprietário: "seu garoto está na hora de se alistar", o proprietário deu-lhe lindos presentes, e ele foi ao açougueiro e disse: "o seu menino tem dezoito anos, não?" O açougueiro disse: "não tem dezessete e onze meses", e mandou-lhe um quilo de filé mimhon. Então ele disse: "está certo".

IVAN - E então?

MULHER - E então ele disse para o meu marido: "quantos anos você tem?" e meu marido disse:"quarenta e cinco" e ele dizze: "que ótimo! está na idade ideal de assentar praça!"

IVAN - Foi assim.

MULHER - E ainda me disse, que seria bom para mim, pois meu marido não servia para nada mesmo. Agora eu é que sei, se ele serve ou não serve. Eu sou uma mulher pobre...

VIÚVA - Ela é uma mulher pobre...

MULHER - E não sei como vou fazer. Olhe por mim excelência.

IVAN - Eu olharei.

MULHER - Obrigada, excelência!

IVAN - Muito bem, muito bem...

VIÚVA - Venho, no presente momento, apresentar queixa do Sr. Prefeito.

IVAN - E poderia me dizer por quê?

VIÚVA - Fui submetida à tortura. Ele mandou me dar uma surra!

IVAN - Como foi isso?

VIÚVA - Foi um terrível engano. Duas mulheres brigaram na feira. Eu parei e fiquei falando para que elas não brigassem, que a paz era melhor. Aí chegou a polícia, viu que eu estava falando alto, me levou e me deu uma surra que fiquei cinco dias sem sentar.

IVAN - Mas o que posso eu fazer?

VIÚVA - Obrigar a Prefeitura a me pagar uma indenização. Eu sou tão pobre que não tenho nem uma almofada...

IVAN - Muito bem, eu vou ver isto.

VIÚVA - Obrigado, muito obrigado!

POVO - Eu quero entrar. É a minha vez... É a minha... (tumulto)

OSSIP - Tem uma fila que está dobrando o quarteirão...

IVAN - Então manda todo mundo embora, que a minha cota de povo já esgotou!

ANTÔNIA - (entrando) Oh!

IVAN - Assustou-se?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 516.

DPF DCDP Fls. N.º 473 Rubrica

ANTÔNIA - Não, não...

IVAN - Posso saber aonde vai?

ANTÔNIA - A lugar algum...

IVAN - E como uma pessoa vai a parte alguma?

ANTÔNIA - Eu pensei que mamãe estivesse aqui... Desculpe estar incomodando, o senhor está ocupado com assuntos importantes...

IVAN - Olhe, seus olhos são mais bonitos que os assuntos importantes. A senhorita não incomoda nunca, só nos dá prazer!

ANTÔNIA - O senhor fala tão bonito!

IVAN - Sua beleza inspira minhas palavras. Poderia lhe oferecer uma cadeira, mas a senhorita merece um trono!

ANTÔNIA - É... acho que vou indo...

IVAN - Como é bonito o seu lenço...

ANTÔNIA - O senhor está rindo de mim...

IVAN - Eu gostaria de estar no lugar do lenço, para abraçar este pescoço de marfim...

ANTÔNIA - Não estou entendendo! O tempo hoje está esquisito...

IVAN - Que tempo, menina? Seus lábios são melhores que qualquer tempo!

ANTÔNIA - O sr. fala tão bonito! Eu adoraria que o senhor escrevesse uma poesia no meu caderno de recordações... O senhor deve saber um monte!

IVAN - Tem uma linda, de Olavo Bilac, "As Virgens mortas".

ANTÔNIA - Eu sou louca por poesias!

IVAN - Você é uma poesia. E eu tenho mais que oferecer do que um simples poema... algo quente, grande... que lhe dará um prazer enorme!

ANTÔNIA - O quê?

IVAN - O meu amor!

ANTÔNIA - Mas eu nunca soube o que é amor...

IVAN - Por que te afastas de mim?

ANTÔNIA - Para não ficar perto demais...

IVAN - Por que devemos ficar longe um do outro? Qual o mal, de um contato imediato?

ANTÔNIA - Ali... um passarinho! Que pássaro é? Um rouxinol.

IVAN - Foi, um rouxinol... (tenta beijá-la)

ANTÔNIA - O senhor é um atrevido...

IVAN - Não, Antônia Regina, são as loucuras do amor! Perdoe-me... (ajoelha-se)

ANA - Oh!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.517

DPF DCDP Fls. N.º 474 Rubrica

IVAN - Diabo!

ANA - O que está acontecendo aqui?

ANTÔNIA - Mãezinha, eu...

ANA - Direto para o seu quarto, depois conversamos. Francamente, senhor, estou surpreendida...

IVAN - Não é porque um coelho fugiu, que se pára de caçar...Senhora, meu coração arde em chamas...

ANA - Porque o senhor está ajoelhado? Vai sujar a calça!

IVAN - O que me importa a calça, se estou prestes a perder a vida?

ANA - Eu não estou entendendo... O senhor acaba de se declarar à minha filha!

IVAN - Não, minha paixão é pela senhora! Peço-lhe a mão...

ANA - Senhor, gostaria de lhe lembrar que sou legalmente casada.

IVAN - E que importam as leis dos homens, se temos a lei do amor? Eu quero a sua mão...

ANTÔNIA - Mãe... Oh!

ANA - Mas como é que você ousa entrar assim, sem mais nem menos? Você vive querendo me contrariar mesmo! E depois, que falta de educação interromper a conversa do outros!

ANTÔNIA - Mas eu não sabia...

ANA - Claro que sabia! E já sei... são as tuas amigas. Você age sempre assim...

IVAN - Senhora, não se oponha à nossa felicidade. Nos abençoe!

ANA - Ah! É assim, está vendo? Sempre me contrariando... Ele estava ajoelhado para pedir a tua mão? Você é uma coisa que não presta para nada!

IVAN - Decida: a vida, ou a morte?

PREFEITO - Excelência, pelo amor de Deus, não me desgrace!

IVAN - Que foi?

PREFEITO - Os comerciantes vieram contar mentiras. Eles é que roubam o povo! A viúva do sub-tenente francês é loura, ela mesma se surra!

IVAN - Ora, tenho coisas mais importantes para resolver!

ANA - Querido, Ivan Alexandrovich acaba de nos dar a honra de pedir nossa filha em casamento...

PREFEITO - Ah, excelência, não fique nervoso, ela é louca mesmo.

IVAN - Mas é verdade...

PREFEITO - Eu não acredito...

ANA - Mas ele é que está falando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.518.

DPF DCDP Fls. N.º 475 Rubrica

PREFEITO - Mas eu não acredito!

IVAN - Mas eu estou pedindo a sua filha em casamento...

PREFEITO - Mas eu não acredito!

ANTÔNIA - Paiê, êste é o meu namorado...

PREFEITO - Mas eu não acredito! É muita honra...

IVAN - Consinta de uma vez!

ANA - Anda logo, antes que ele mude de opinião...

PREFEITO - Que Deus abençoe esta união... Olhe, eles estão se beijando!

OSSIP - Os cavalos estão prontos...

IVAN - Ótimo!

PREFEITO - V. Excelência está de partida?

IVAN - É...

PREFEITO - Mas não foi o senhor que falou num certo casamento?

IVAN - Sim. Eu vou por pouco tempo, vou visitar um tio rico. Amanhã estou de volta. Adeus, querida.

PREFEITO - Mas o sr. não precisa de nada para a viagem?

IVAN - Oh, não, não, mas...

PREFEITO - Pode falar, excelência.

IVAN - Como o senhor sabe tive um imprevisto na viagem e preciso de algum...

PREFEITO - Dinheiro? Aqui estão mais 400!

IVAN - Olha, notas novinhas...

PREFEITO - Eu acabei de imprimí-las agora!

IVAN - Adeus, meus senhores. Adeus, meu anjo.

PREFEITO - Mas o senhor vai numa carruagem pública?

IVAN - É, o meu carro está com o vira-brequim quebrado.

PREFEITO - Mas nós precisamos pôr um tapete e uma almofada... Vamos melhorar esta carruagem!

IVAN - O senhor é muito bondoso!

PREFEITO - Vamos...

POVO - Viva, viva o inspetor
viva a grande autoridade
que nos ensinou o amor
e a fraterna liberdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-519

DPF DCDR Fls. N.º 476 Rubrica

PREFEITO - Eu não posso acreditar. Alguma vez isso já passou pela sua cabeça? De repente eu me tornei sogro de um homem tão importante!

ANA - Eu já pressentia isso há muito tempo. Você é um homem rude, não está acostumado a lidar com gente fina...

PREFEITO - Mas eu acho que isso é um milagre! Agora quero me encontrar com o pessoal da Associação Comercial. Eles precisam ficar sabendo o que aconteceu. E onde nós vamos viver? Aqui, ou na Capital?

ANA - Claro que é na Capital!

PREFEITO - Mas na capital eu não posso conservar meu posto...

ANA - E quem precisa da porcaria de uma prefeiturazinha falida, quando pode ser um senador...?

PREFEITO - Mas eu queria ser mesmo era genral. Aí, sim, eu seria respeitado!

ANA - É a única coisa que você quer ser. Os seus gostos são sempre grosseiros. Agora que você é um homem importante, tem que parar de ficar caçando com o juiz e melhorar o seu vocabulário!

PREFEITO - Que vocabulário?

ANA - Essas palavras horríveis que você vive dizendo. É preciso saber se portar para chegar a um cargo importante!

COMERCIANTES- Bom dia, senhor prefeito.

PREFEITO - Como vão meus passarinhos?

COMERCIANTES -Éééé....

PREFEITO - Então, vocês vieram na minha casa se queixarem de mim, seus pulhas... canalhas... ladrões... Vocês pensaram que eu iria para a cadeia seus ordinários?

ANA - Antonof, que linguagem chula!

PREFEITO - Mas agora ele é da minha família. Meu genro. E chegou a hora de saber quem vai se queixar mais. Quem assinou a petição?

COMERCIANTES - (se apontam em confusão)

PREFEITO - Se o inspetor soubesse das suas negociatas, vocês iriam parar na cadeia! Ele é um homem honesto!

COMERCIANTES - Nós reconhecemos a nossa culpa...

PREFEITO - E isso vai mudar alguma coisa?

COMERCIANTES - Tenha piedade de nós!

PREFEITO - Agoram quadrem piedade, mas se vocês tivessem triunfado queriam a minha cabeça em azeite quente! E agora podem se preparar para a festa do casamento. E daqui para frente não quero presentes vagabundos, ouviram? De hoje em diante, eu não vou fazer só dois aniversários, vou fazer mensários! E sumam daqui!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 520.

DPF DCDP Fls. N. 977 Rubrica

AMOS - É verdade o que estão dizendo? O senhor tirou a sorte grande?

ARTEMIS - Queremos cumprimentá-lo. E a senhora e a menina...

BOB - Tenho a honra de felicitá-lo!

DOB - De felicitá-lo tenho a honra!

BOB - Por este feliz acontecimento!

DOB - Por este acontecimento feliz!

PROF. LUCAS - Tenho a honra...

MULHER DO PROF. - Eu é que quero abraçá-la. Eu fiquei muito satisfeita. E depois, a senhora vai poder comprar roupa nova, mudar de vida. E vai poder frequentar lugares que sempre teve vontade e nunca foi recebida!

PREFEITO - Vamos fazer o favor de nos assentar?

CHEFE DE POLÍCIA - Eu tenho a honra de felicitá-los. E desejar muita alegria mesta propícia união...

PREFEITO - Muito obrigado!

AMOS - Mas, conte-nos, como isso aconteceu?

PREFEITO - Ele fez o pedido, pessoalmente!

ANA - Ele é tão fino... Tão delicado... Disse: Minha cara senhora, a vida passou a ter um outro sentido. Conhecê-la mudou a minha vida. E depois... Se você não fizer o que eu estou pedindo, seria capaz de morrer!

ANTÔNIA - Ô mãe, ele falou isto para mim...

ANA - Sim, ele disse também, para você. Mas vocês precisavam ver como ele ameaçava o suicídio...

TODOS - Não é verdade!

PREFEITO - Eu digo que é!

LUCAS - Que destino...

ARTEMIS - Claro, sorte é sempre um desperdício!

AMOS - Estou disposto a vender-lhe o cachorro.

PREFEITO - Para quê?

AMOS - Para caçarmos...

PREFEITO - Não. Eu não gosto.

LUCAS - Mas ele viajou por quê?

ANA - Foi visitar um tio riquíssimo. Na certa, partcicipar o noivado.

MULHER DO PROF.- E vocês vão continuar aqui?

ANA - Não, vamos ter que nos transferir para a capital. Meu marido vai ser promovido. Vai ser General!

AMOS - É um título que lhe cai tão bem, como uma sela numa vaca! E não se esqueça de nós... Queremos sempre a sua proteção!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 521.

DPF DCPR Fls. N.º 478 Rubrica

MULHER PROF.- Ah, o meu menino vai para a capital, estudar, gostaria de contar com a sua ajuda para conseguir uma bolsa-educação!

PREFEITO - É só falar.

CHEFE - Senhores, aconteceu um fato lastimável! O inspetor... não era inspetor!

TODOS - Não era inspetor?

CHEFE - Eis a carta reveladora!

PREFEITO - O que está escrito? Que carta é essa?

CHEFE - Ele mesmo a escreveu. Ela foi devolvida, quando vi o nome de Ivan Alexandrovich Khlestakov. Fiquei gelado e abri a carta!

PREFEITO - Mas como o senhor foi fazer uma coisa destas!

CHEFE - Não sei. Uma força estranha me impeliu. Eu olhava para ela e uma voz falava: "abra esta carta!", quando eu ia abrir, outra voz falava: "não abra esta carta!" Mas a que mandava abrir gritou mais alto e eu abri. Estava tonto.

PREFEITO - Mas isto é um crime! O sigilo da correspondência de uma autoridade.

CHEFE - Aí é que está. Ele não é autoridade!

PREFEITO - Então o senhor acha que ele é o quê?

CHEFE - Não é nada!

PREFEITO - Como, nada?

CHEFE - Um vigarista!

PREFEITO - Olhe como o sr. fala, eu posso mandá-lo para a cadeia!

CHEFE - A mim ? O senhor?

PREFEITO - Sim, eu.

CHEFE - O senhor não tem o menor poder para isso.

PREFEITO - O sr. sabe quem é o homem que vai se casar com a minha filha? Posso mandá-lo para a prisão!

CHEFE - Que prisão, coisa nenhuma. O melhor é ler a carta. O senhores acham que devo lê-la em voz alta?

TODOS - Claro que deve!

CHEFE - Caro Tranbiquine, nem te conto. Durante a viagem perdi todo o dinheiro, jogando com um capitão da infantaria, e o homem do hotel queria me mandar para a cadeia. Mas, eis que, graças as minhas maneiras finas e as minhas roupas chiques, pensaram que eu era um General disfarçado. O Prefeito me levou para sua casa, onde cortejo a mulher e a filha. Não sei por qual começar, mas acredito que a velha possa me oferecer um serviço completo! Aqui todos me abrem crédito, como se eu fosse da Coroa e o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.522

pessoal daqui é uma pândega! Você poderia criar ótimos personagens para suas comédias. O Prefeito é muito imbecil. Parece um burro velho...

DPF DCDP Fls. Nº 479 Rubrica

PREFEITO - Isso é invenção! Isto não está aí!

CHEFE - Veja, leia o senhor...

PREFEITO -"Parece burro velho." Não foi ele. Foi o senhor que falsificou a carta...

TODOS - Leia mais.

CHEFE - ...o Prefeito é estúpido como um burro velho...

PREFEITO - Não precisa ficar lendo a mesma coisa sem parar!

CHEFE - ...o chefe dos correios é,... aqui é coisa boba, sem importância...

PREFEITO - Agora vai ler tudo.

TODOS - Queremos ouvir tudo.

CHEFE - O chefe dos correios parece um contínuo, além disso é um canalha que deve andar sempre bêbado...

CHEFE - Ele é que é um grosseirão!

ARTEMIS - (pega para ler) O Provedor da Santa Casa...

CHEFE - Por que parou?

ARTEMIS - Não está dando para ler. A letra ficou ruim.

PROF. LUCAS - Pode deixar que eu leio, eu estou acostumado a corrigir provas!

TODOS - Queremos ouvir tudo!

LUCAS - O Provedor da Santa Casa é um suíno de solidéu...

ARTEMIS - Que coisa mais boba! Onde já se viu um porco de solidéu! Isso não existe!

ARTEMIS - (tomando) O Professor tem cheiro de cebola com bacalhau...

LUCAS - Eu não gosto de cebola e detesto bacalhau. (toma a carta) O Juiz...

AMOS - Olha, eu acho que a gente está perdendo tempo em ficar lendo uma carta tão boba, que ninguém acredita nela...

LUCAS - De jeito nenhum!

TODOS - Queremos ouvir tudo...

ARTEMIS - ...O Juiz é uma besta que mais parece um rábula. Quanto ao resto, eles são muito hospitaleiros. Dão-me boa comida, dinheiro fácil, mas a vida aqui é muito chata. Detesto esta gente provinciana!

MULHER PROF. - Mas isto é uma desilusão...!

PREFEITO - Assassino! Este homem matou minh'alma! Tragam-no de volta!

CHEFE - Tragam-no de volta! Mas não é possível...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.523

DPF DCDP Fls. N.º 480 Rubrica

TODOS - Como não é possível?

CHEFE - Demos os melhores cavalos e as melhores recomendações...

AMOS - E eu lhe dei trezentos mil!

CHEFE - E eu 300!

BOB - E eu tirei tudo que tinha na poupança!

AMOS - Como isso pôde acontecer?

PREFEITO - Como eu podia cair numa destas? Sempre consegui vender eleições.. Estou na política há tanto tempo... porque fui cair com um ladrão amador? Eu, um profissional de tanto tempo! Já enganei três governadores, fui de cinco partidos diferentes e sempre estive na crista da onda!

ANA - Mas isso é impossível! Ele pediu Tonica em casamento!

PREFEITO - Pediu! Pediu e levou muita coisa. E agora deve estar rindo de todos nós. Desgraçado! Me fez de palhaço...! Como eu pude tomar um moleque poruma autoridade importante. Mas foram vocês que começaram a falar que o inspetor chegou. Quem foi que falou primeiro?

ARTEMIS - Eu nem sabia disso...

AMOS - Foram estes cavalheiros!

BOB - Declaro que não fui eu. Nunca me passou pela cabeça semelhante idéia...

DOB - Declaro que não fui eu. Esta idéia nunca me passou pela cabeça...

ARTEMIS - Claro que foram os senhores!

LUCAS - Tenho certeza!

PREFEITO - É claro que foram eles! As comadres da cidade!

AMOS - Fofoqueiros do diabo!

LUCAS - Cretinos!

BOB - Não fui eu.Foi Pedro Ivanovich! Eu disse hum...

DOB - Oh, não, Pedro Ivanovich, foi o senhor primeiro...

BOB - Foi o senhor!

DOB - Foi o senhor!

SARGENTO - Está aí fora um funcionário da Capital...

INSPETOR - Meus senhores eu...

TODOS - Eu tive um imprevisto nesta viagem e o senhor poderia emprestar-me algum dinheiro? Assim que chegar em casa farei a restituição! Claro, claro!

INSPETOR - Eu quero apresentar as minhas credenciais e, a partir de agora. queremos saber como andam as coisa aqui... Qualquer oferta será passível de prisão por suborno e o que não estiver certo por aqui vamos apurar sumariamente. Os tempos são outros, senhores. Acabou-se a bandalheira!

TODOS - Oh!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p524

DPF
DCDP
Fls. N.° 481
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p525.

DPF
DCDP
Fls. N.º 482
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG
DPF 2/JUIZ DE FORA/MG
SETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 233/84 - SCDP.SR.MG

1- TÍTULO: O INSPETOR GERAL
AUTOR : Nicolai Gogol, em livre tradução de José Luiz Ribeiro
Classificação Etária: 14(quatorze) anos
Justificativa de Impropriedade: Situações de Suborno

2- CONTEÚDO:

2.1- Enredo: Sendo confundido com um inspetor geral, que viria da capital, um espertalhão recebe todas as honras e mordomias de autoridades de uma cidade, preocupadas em esconder irregularidades existentes em vários setores administrativos e aproveita-se da situação, obtendo dinheiro dos possuidores de cargos, fugindo, em seguida, quando, para surpresa de todos, chega à cidade o verdadeiro inspetor.

2.2- Mensagem Principal: Positiva:
Quem usa de meios ardilosos para com os outros, mais cedo ou mais tarde, acaba sendo enganado por alguém mais esperto.

2.3- Mensagens Secundárias:
- Quem oferece suborno é tão mal caráter como o que o recebe (positiva);
- o vigarista está sempre pronto a tirar proveito de qualquer situação(positiva);
- a ética profissional não precisa ser respeitada(negativa);
- raras são as autoridades cientes de suas obrigações(negativa).

3- PÚBLICO ALVO: 14(quatorze) anos.

4- LINGUAGEM: É simples, clara, com mínimas insinuações maliciosas e desprovida de termos chulos.

Cont...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.526

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 483 Rubrica

5- GRAU DE PERSUASÃO: Mínimo;

6- PersPECTIVA CENSÓRIA: Trata-se de comédia que, através de sátiras, apresenta uma administração municipal cheia de irregularidades, com autoridades ineficientes e inescrupulosas, sendo destinada a um público com relativa maturidade.

7- PARECER: Mediante o exposto, considerando as mensagens negativas e as situações vividas pelas autoridades, somos favoráveis à liberação da peça para os maiores de 14(quatorze) anos, ficando condicionada, entretanto, à apreciação do ensaio geral.

Juiz de Fora, 08 de outubro de 1984.

Ivone Zimmermann

Técnica de Censura - Mat. 022.74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.527

DPF
DCDP
Fls. N.º 484
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº: 237/84-SCDP/SR/MG

TÍTULO: " O INSPETOR GERAL"

AUTOR : NICOLAI GOGOL, em livre adaptação efetivada por José Luiz Ribeiro.

GRUPO : Divulgação.

CLASSIFICAÇÃO: 14 anos

JUSTIFICATIVA: SÁTIRA DE COSTUMES.

2- CONTEÚDO:

2-1: Enredo: Uma certa comunidade recebe a visita de um agente federal - um inspetor. Como aquela se caracterizava pela corrupção em todos os escalões, essa visita representa para todos os seus representantes uma verdadeira catástrofe.

Chegando ao conhecimento do prefeito a existencia de um hóspede no hotel local que não saldava de pronto suas dívidas, ele o toma pelo fiscal do governo. Entretanto, o viajante que não passava de um jogador falido, aproveita-se da situação e além de se transferir' para a casa do prefeito, cortejar sua esposa e filha, alimentar-se da melhor comida, quando parte leva consigo importância considerável em dinheiro, oferecido por todos aqueles que pretendiam comprar os favores da justiça para torna-la cega ou ao contrário, fazê-la eficaz.

2-2: Mensagem Principal: Crítica à corrupçaõ e à falência das instituições, demonstrando que a imbecialidade é quase sempre qualidade preponderante e comum a todos os representantes do órgão público. É uma mensagem negativa porque o adaptador transfere a obra escrita no século XIX, na Russia czarista para o contexto do Brasil' pós- revolução. (Ver páginas 4,21, 26, referências a " NOSSA REVOLUÇÃO", a vários autores nacionais e a cidadão de honra da cidade de J.F.)

2-3- Mensagem Secundária: Análise social e ética dos costumes da sociedade e do homem como indivíduo. É positiva porque é sempre ' partindo do reconhecimento dos erros que se caminha para a perfeição.

continua....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.528.

DPF
DCDP
Fls. N.º 485
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

continuação...

3-PÚBLICO ALVO: Maiores de 14 anos.

4- LINGUAGEM: Diálogos em vocabulário bastante comum.

5- GRAU DE PERSUASÃO: Nenhum.

6- PERSPECTIVA CENSÓRIA: Considerada a mais vigorosa expressão do realismo nas letras russas, a obra de Gogol constitui uma ' autêntica crítica- humorística dos aspectos odiosos que caracterizaram a época czarista, com sua burocracia, suas torpezas políticas, seu fanatismo religioso, sua ordem social injusta e absurda. E como Gogol confere aos seus tipos humanos não apenas um carater nacional mas, uma dimensão que, por sua acuidade psicológica, é o próprio signo da universalidade, tornou-se fácil a J. L. Ribeiro, transportar aquela crítica para o cenário brasileiro.

PARECER :

1- Pela liberação.
2- CLASSIFICAÇÃO: maiores de 14 anos.
3- JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Sátira de costumes.

BH.17.10.84

Mirtes Hilde de Queiroz

Mirtes Hilde de Queiroz
Téc. de Censura - SCDP/SR/
Mat. 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 529.

DPF DCDP Fls. N.º 486 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG

DPF 2/JUIZ DE FORA/MG

SETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL DE PEÇA TEATRAL Nº 125/84.SCDP/SR/MG

TÍTULO: O INSPETOR GERAL
AUTOR : Nicolai Gogol
GÊNERO: Comédia
DIREÇÃO: José Luiz Ribeiro
CENÁRIO: José Luiz Ribeiro
FIGURINOS: Malu Ribeiro
SONOPLASTIA: Dilceu Adonis
ILUMINAÇÃO: Maria Tereza da Silva
ELENCO: José Luiz Ribeiro, José Renato Pippa, Felipe Soares, Mônica Prado, Valéria Veiga Penna, Carlos José Campos, Iêda Alcântara, Guy Schmidt, João Ricardo Luz, Marcos Orione, Alice Freesz, Maria de Fátima Amorim
PRODUÇÃO: Centro de Estudos Teatrais/Grupo Divulgação
RESPONSÁVEL: José Luiz Ribeiro
LOCAL: Forum da Cultura- Rua Santo Antônio, 1212- Juiz de Fora/MG
DATA: 09/10/84
HORÁRIO: 19 h.30min.
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 14(quatorze) anos
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Situações de corrupção e suborno

---

Com o exame do ensaio geral da peça teatral "O Inspetor Geral", de Nicolai Gogol, constatamos que o seu texto foi fielmente seguido.

O cenário tinha portais fixos, poltronas e consolos móveis, revestidos de jornal, com detalhes nas bordas, que, colocados em diversas posições, formavam sofá, mesa, cama, adquirindo, desta forma, aspecto de repartição pública, sala de estar ou quarto.

Todo o elenco apresentou-se com o rosto pintado

Cont...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.530.

DPF DCDP Fls. N.º 487 Rubrica

de preto - lábios, sobrancelhas e olhos - de maneira extravagante, grave e cômica, predominando, no guarda-roupa, numa variedade muito grande de cores, tênis, macacões lisos, camisetas e meias soquetes listradas, cartolas, cabelos esvoaçados com laços de cetim e filó, havendo, também, duas personagens usando várias saias de filó.

A sonoplastia resumiu-se em gravações de "Aquarela do Brasil" e de outras músicas de compositores nacionais, que se adaptavam, ritmicamente, ao texto, dando idéia de movimento.

Como recursos de iluminação foram usados luz direta, indireta, em resistência crescente e decrescente, penumbra, "black-out" e projeção de "slides", com legendas, no final do espetáculo.

Não houve coreografia. Entretanto, a movimentação dos atores, com expressões corporais diversificadas e acentuadas, davam a impressão de muito rítmo.

Para a marcação foram utilizadas a sonoplastia e a iluminação.

PARECER: Mediante o exposto, considerando as situações de corrupção e de suborno, de autoridades, atenuadas pela comicidade, somos favoráveis à liberação do espetáculo com a classificação etária de 14(quatorze) anos.

Juiz de Fora, 15 de outubro de 1984.

Ivone Zimmermann
Técnica de Censura - Mat. 022.744

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 531

DPF
DCDP
Fls. N.º 488
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ratifico a liberação da peça teatral "O Espetáculo Geral", face aos pareceres nºs 233/84, 237/84 e relatório de ensaio-geral nº 125/84/SCDP/SR/MG. Expedir certificado provisório conforme portaria 017/78-DCDP. Encaminhe-se à consideração da Senhora Diretora da DCDP/BSB

B. Hte, 18.10.84

Lacy de M. Murici

LACY DE MEDEIROS MURICI
Chefe Subst. do Serviço de Censura
DPF/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 532

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 489
Rubrica

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O INSPETOR GERAL

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
J.I.: Sátira de Costumes/
Situações de Suborno

VÁLIDO ATÉ 18 de dezembro de 1984

Brasília, BHte 18 de outubro de 1984

Jay de M. Muriá

p/ Diretor da DCDP

PROIBIDO
ATÉ
— 14 ANOS —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0413, p. 533

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O INSPETOR GERAL

Original de NICOLAI GOGOL

Tradução de JOSÉ LUIS RIBEIRO

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOSÉ LUIS RIBEIRO

Tendo sido censurada em 18 de outubro de 1984 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 ANOS.

OBS.: Este certificado só terá validade, quando acompanhado do respectivo texto, carimbado por este SCDP.

BHte Brasília, 18 de outubro de 1984

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.539

DPF DCDP Fls. N 490

TEATRO

TÍTULO " O INSPETOR GERAL "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAI GODOL "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior NOVA

Praça SCDP/SR/MG

Obs.:

DF. 23 / OUT. / DE / 1984

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (catorze) anos, ___ cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: 1: Sátira de costumes

Brasília-DF, 07 de novembro de 1984

Elisio M. Finato
TC Mat 1927

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista [illegible] e de para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (catorze) anos

Brasília-DF, 08 de 11 de 19 84

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 08/11 1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.535.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF Fls. 491

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0599	08 NOVEMBRO 1984	08 NOVEMBRO 1989

TÍTULO: O INSPETOR GERAL

AUTOR (ES): NICOLAI GOGOL

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: SÁTIRA DE COSTUMES.

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DIRETORA DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O INSPETOR GERAL
ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 0599
TRADUTOR OU ADAPTADOR: JOSÉ LUIS RIBEIRO
REQUERENTE: JOSÉ LUIS RIBEIRO - JUIZ DE FORA/MG.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
CHEFE DO SC - DCDP
ASSINATURA

BSB 08 DE NOVEMBRO DE 19 84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 536.

DPF
DCDP
Fls. N.º 492
Rubrica

12 de novembro de 1984

2.159/84-SE/DCDP

MG

"O INSPETOR GERAL", de autoria de Nicolai Gogol.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.537

DPF
DCDP
Fls. N.º 493
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
OUT 10 04 85 007628

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of.nº 6.293/85-SCDP Curitiba, 22 de Outubro de 1.985

Do Chefe do SCDP/SR/PR
Ao Senhor Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Ref. Of. nº 1.165/85-SO/DCDP de 110685

Senhor Diretor,

Nos termos do ofício da referência, estamos encaminhando, pelo presente, os Processos de liberação / das peças teatrais " O Inspetor Geral " e " Grito de Gente ".

Na oportunidade, renovamos nossos / protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,

CF Jaime Luiz Hartmann
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.538.

DPF
DCDP
Fls. N.º 494
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Curitiba , 15 de agosto de 19 85.

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do ~~Rio de Janeiro~~
PARANA.
N/Capital.

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

O INSPETOR GERAL

Original de GOGOL

Tradução de AUGUSTO BOAL E J. GUARNIERI

Próxima apresentação de GRUPO CAFE AMARGO E LEITE QUENTE

Teatro AUDIT GLAUCO - GUAIRA Cidade CURITIBA

Estado PR

A estréia está prevista para 21/10/85

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 539.

Protocolo nº 4191/85-SCDP/SR/PR
de 25/09/85.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 495
Rubrica

Sylvano Brito dos Santos.
Requerente

Brasileiro, Advogado
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 10.264 - OAB.-RJ
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Av. Nilo Peçanha 1500 - 3º

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Nicolai Gogol.

Título (s) O Inspetor Geral.

Nestes termos,

Pede deferimento.

Curitiba 25 de Setembro - 85
Local e Data

Sylvano Brito Santos.
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 540.

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: Café Amargo e Leite Quente. CGC:

Sede: Av. Souza Naves - S/N.

CEP:

Diretor ou Responsável: Luiz Henrique de Nadai

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Nicolai Gogol.

Pseudônimo: — Filiação:

Nacionalidade: Russo Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Curitiba, 25 de setembro - 85

Ass.: Silvano Silva Santos.

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 541

DPF
DCDP
Fls. N.º 496
Rubrica

TEATRO VIVO

NICOLAI GÓGOL

O INSPETOR GERAL

BIBLIOTECA NACIONAL DEPARTAMENTO FEDERAL DE CULTURA

ABRIL CULTURAL

Editor
VICTOR CIVITA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.542

DPF
DCP
Fls. N.º 497
Rubrica

CENA I

Sala da casa do governador. Em cena estão o governador, o diretor do hospital, Artêmy Philippovitch, o diretor da escola, Luka Lukitch, o juiz Ammoss Fiedorovitch, o chefe de polícia, o médico e dois soldados.

GOVERNADOR
Meus senhores, chamei-os aqui para lhes dar uma notícia muito desagradável: é iminente a chegada de um inspetor.

AMMOSS
O quê? Um inspetor?

ARTÊMY
Como é que é, um inspetor?

GOVERNADOR
Exatamente. Um inspetor de São Petersburgo, que viaja incógnito e, para cúmulo dos males, em missão secreta.

AMMOSS
Ai, ai, ai, ai, ai!

ARTÊMY
De fato, uma notícia muito desagradável.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 543

DPF
DCDP
Fls. N.º 498
Rubrica

LUKA
Meu Deus! E o que é pior, em missão secreta!

GOVERNADOR
Eu já pressentia isso. Durante toda a noite sonhei com ratazanas enormes; palavra de honra que nunca vi bichos tão descomunais. Elas se aproximavam de mim, me cheiravam estranhamente e se afastavam cautelosas, pretas, grandes... Vou ler para os senhores uma carta que recebi de Andrei Ivanovitch. Ouçam bem: "Querido amigo, compadre e benfeitor..." *(Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa.)* Ah, está aqui: "Apresso-me a informá-lo da chegada de um funcionário especializado, que leva instruções para inspecionar toda a província e especialmente o nosso distrito". *(Levanta o dedo com um gesto significativo.)* "Essa informação me veio de fonte segura, embora esse inspetor esteja viajando incógnito. Como sei que você, meu caro governador, é um homem inteligente que não gosta de deixar escapar o que lhe cai nas mãos..." *(Interrompendo)* Bem, aqui vêm coisas sem importância, tá, tá, tá... "O meu conselho é que se deve tomar todas as precauções porque esse funcionário poderá chegar a qualquer momento, se é que já não chegou e aí se encontra escondido. Ontem eu..." Bem, aqui vêm assuntos de família... "Minha irmã Anna veio visitar-nos ontem com seu marido. Ivan Kirilitch engordou muito e continua tocando violino..." etc. Por aí vejam vocês como estão as coisas.

AMMOSS
Na verdade o caso é excepcional, excepcional, realmente excepcional!

LUKA
Mas por que será que isso aconteceu? O que é que um inspetor vem fazer aqui?

GOVERNADOR
É o destino! Até agora, graças a Deus, essa gente só metia o nariz no distrito dos outros, hoje, chegou a nossa vez!

AMMOSS
Eu creio, senhor governador, que para isso deve existir um motivo mais sutil e de índole política. Eu me explico: a Rússia... isto é... a Rússia deseja a guerra e o ministério manda um funcionário para averiguar se por aqui existe algum traidor.

GOVERNADOR
Mas que absurdo! Traidores numa aldeiazinha como a nossa? Muito me admira que o senhor, um homem tão inteligente, diga uma tolice dessas. Estamos tão longe de qualquer povoado que, mesmo viajando três anos a cavalo, não chegaríamos a lugar nenhum.

AMMOSS
Posso garantir, senhor governador, que o senhor está equivocado no seu raciocínio. O ministério é muito astuto e não escapam ao seu olhar nem os povoados mais distantes das fronteiras.

GOVERNADOR
Escapando ou não escapando, os senhores já estão avisados. Da minha parte, já tomei algumas providências e eu os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo o senhor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.349

DPF
DCDP
Fls. N.º 499
Rubrica

Artêmy Philippovitch. Sem dúvida o inspetor vai querer inspecionar em primeiro lugar o hospital. De modo que não custa nada torná-lo um pouco mais decente: fornecer roupa limpa aos doentes, trocar os gorros de dormir para que não fiquem parecendo limpadores de chaminés, como habitualmente.

ARTÊMY

Bom, isso é fácil, roupa é para ser lavada de vez em quando . . .

GOVERNADOR

Claro. E além disso seria conveniente, ao pé de cada cama, uma ficha com o nome da doença e a data de entrada do paciente, tudo escrito em latim ou em outro idioma sério qualquer. O doutor Christian que tome providências. Não é bom que os doentes usem um fumo tão forte. Mal a gente entra numa enfermaria tem logo vontade de espirrar. E depois há doentes demais. Dá até uma má impressão ver tantos doentes assim no seu hospital. Podíamos dispensar alguns.

ARTÊMY

Quanto a isso, eu e o doutor Christian pensamos da mesma forma. Quanto mais deixarmos a natureza trabalhar sozinha, melhor. Não usamos remédios caros. O homem é um ser simples. Quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, não há Cristo que o impeça. E seria mesmo muito penoso para o doutor Christian dar-se ao trabalho de ouvir o que os doentes reclamam. Ele não fala uma palavra de russo . . . mas é muito competente. *(O doutor Christian emite um som que flutua entre o "i" e o "e".)*

GOVERNADOR

E ao senhor juiz Ammoss Fiedorovitch, eu aconselharia a ter mais cuidado com o seu tribunal. Na sala de espera, onde ficam os litigantes, os contínuos vivem criando gansos e gansinhos que sujam tudo e fazem com que as pessoas tropecem. Naturalmente, a avicultura é digna de todos os elogios. E por que um contínuo não poderia criar aves? Claro que pode. Mas nesse lugar é indecoroso fazê-lo. Eu sempre queria chamar a sua atenção sobre isso. Mas, não sei por que, sempre me esquecia.

AMMOSS

Hoje mesmo darei ordem para que apreendam os gansos e que sejam levados para a cozinha. Se quiser, venha almoçar comigo.

GOVERNADOR

Obrigado. O senhor há de convir que é lamentável que em plena sala de audiências se pendurem roupas para secar. E que sobre a mesa do juiz se veja um chicote de caça. Eu compreendo perfeitamente que o senhor goste de caçar, mas não é necessário que use esporas durante os julgamentos. É preciso tirar tudo dali. Quando o inspetor tiver ido embora, que volte tudo ao seu estado normal. Também devo dizer que o seu secretário . . . Claro que ele é um homem muito capaz, mas cheira tão mal como se tivesse acabado de sair de um alambique. Isso não chega a ser digno de elogios. Se é verdade, como ele diz, que o mau cheiro é de nascença, ainda assim há um recurso: ele que coma alho, cebola, ou qualquer outra coisa. Neste caso o doutor Christian poderia ajudá-lo com diversos medicamentos. *(O doutor Christian novamente emite o ruído.)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-545.
DPF
DCDP
Fls. N.º 300
Rubrica

AMMOSS

Meu secretário diz que caiu do colo da mãe quando era muito pequeno e desde então adquiriu esse cheiro de vodka.

GOVERNADOR

Bem, eu disse por dizer. Quanto às medidas de ordem interna e àquilo que Andrei Ivanovitch chama em sua carta de "pecadilho", eu nada posso dizer. E afinal de contas, existe por acaso algum homem no mundo que não tenha algum "pecadilho"? O próprio Deus todo-poderoso quis que assim fosse, e é em vão que vociferam contra isso os voltairianos.

AMMOSS

Pecadilhos, quem não os tem? Eu por exemplo, eu digo abertamente a todo mundo que sou subornável, recebo propinas. Mas, que classe de propinas? Cães perdigueiros! Ah, isso já é outra coisa!

GOVERNADOR

Cães perdigueiros ou qualquer outra coisa, tudo é suborno.

AMMOSS

Não, meu caro Anton Antonovitch. Quando alguém possui um sobretudo que custa, por exemplo, quinhentos rublos, e sua mulher um xale de . . .

GOVERNADOR

O fato de alguém se vender por um cãozinho de caça ou se vender por qualquer outra coisa não tem importância. O importante é que o senhor não acredita em Deus e nunca vai à igreja. Eu, pelo menos sou um homem de fé inquebrantável e vou à igreja todos os domingos. O senhor não. Conheço-o muito bem. Quando começa a falar da criação do mundo, meus cabelos ficam todos de pé.

AMMOSS

Veja bem que tudo o que eu digo é produto da minha própria inteligência.

GOVERNADOR

Muitas vezes a inteligência em excesso é pior do que a ignorância. E depois, falei no tribunal por falar. Para ser franco, creio que não passará pela cabeça de ninguém meter-se com o tribunal. Afinal de contas, ele está guardado por Deus! Quanto ao senhor Luka, como diretor da escola, seria conveniente que se preocupasse um pouco com os professores. Bem sei que se trata de gente culta que estudou em diversos colégios. Mas têm hábitos muito esquisitos que certamente se devem à sua condição de pedagogos. Um deles, por exemplo, um que tem a cara larga, não me lembro bem o nome dele, toda a vez que começa a aula, faz uma careta assim. *(Imita.)* Claro que se a careta é feita diante dos alunos, este fato não tem nada de extraordinário. Talvez deva ser assim mesmo. Isso eu não posso julgar porque não tenho conhecimentos pedagógicos. Mas pense bem, se o professor fizer uma cara dessas diante de um visitante ilustre, a coisa poderia ficar mal parada. O inspetor poderia pensar que a careta fosse dirigida a ele, e as complicações seriam verdadeiramente terríveis.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.546
DPF
DCDP
Fls. N.º 301
Rubrica

LUKA

Mas o que é que eu posso fazer? Já falei com ele tantas vezes. Ainda no outro dia, quando o padre visitou a escola, o tal professor fez uma das tais caretas. Mais espantosa do que nunca. É certo que ele foi impelido a isso por sua bondade inata, mas eu é que acabei levando o maior sermão, por permitir que se implante na juventude idéias tão avançadas.

GOVERNADOR

A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de história. É um sábio — isso é evidente — sabe muito. Mas se expressa com tanta veemência que se esquece do resto. Outro dia eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e dos babilônios ia tudo muito bem, mas, quando chegou a vez de Alexandre, o Grande, o que ali se passou naquela sala de aula foi indescritível. Eu juro que pensei que a escola estivesse pegando fogo. Desceu correndo da sua mesa e começou a bater furiosamente com as carteiras no chão e na cabeça dos alunos. É certo que Alexandre, o Grande, foi um herói. Mas por que quebrar as carteiras? Só se for para dar prejuízo ao Estado!

LUKA

De fato é um homem muito impulsivo. Eu já lhe fiz essa observação e ele me respondeu: que quer que eu faça? Eu seria capaz de dar minha própria vida pela ciência!

GOVERNADOR

É! Assim é a misteriosa lei do destino. O homem inteligente, quando não é um bêbado, é um louco.

LUKA

Triste fatalidade servir no setor do ensino. Todos se metem. Todos querem mostrar que também são inteligentes.

GOVERNADOR

Isso não é nada. O pior é esse maldito inspetor incógnito! Imaginem se, de repente, ele aparece aqui? "Ah, ah, pois então estão todos aqui comigo, hein?... Quem dos senhores é o juiz? — Liapkin-Tiapkin, senhor! — Pois que venha à minha presença! — Quem é o diretor do hospital? — Zemlianika, senhor! Que venha, Zemlianika!" Isso é que é mau! Muito mau!

CENA II

Entra o chefe dos correios.

CHEFE DOS CORREIOS

Que foi que aconteceu, que funcionário é esse que vem aí?

GOVERNADOR

O que já ouviu a respeito?

CHEFE DOS CORREIOS

Piotr Ivanovitch Bobtchinski foi me visitar lá nos correios e me contou!

GOVERNADOR

E qual é a sua opinião?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p. 547

DPF
DGDP
Fls. N.º 502
Rubrica

CHEFE DOS CORREIOS
Estamos em guerra com os turcos.

AMMOSS
Exatamente. A minha tese.

GOVERNADOR
Exatamente. Os dois tiveram a mesma idéia idiota.

CHEFE DOS CORREIOS
Pois garanto que vai haver guerra com os turcos. São intrigas dos franceses.

GOVERNADOR
Que guerra com os turcos coisa nenhuma! Nós é que vamos passar mal, não os turcos. Recebi uma carta...

CHEFE DOS CORREIOS
Ah, quer dizer que não vai mais haver guerra com os turcos?

GOVERNADOR
Não, Ivan Kuzmitch. Mas, diga-me lá, como vão as coisas para o seu lado?

CHEFE DOS CORREIOS
O que interessa isso? E para seu lado como é que vão, senhor governador?

GOVERNADOR
Bem, eu não direi que sinta terror, mas um pouco de medo... Os comerciantes me causam algumas dificuldades. Dizem que eu lhes tiro muito dinheiro!... E eu,

só Deus sabe, quando aceitava alguma coisa de algum deles, era sem ódio nem maldade. Eu até pensei.... *(Leva-o para um canto, conduzindo-o pelo braço.)* Eu acho que... Olha, será que houve uma denúncia contra mim? Por que mandariam para cá um inspetor? Ouça, Ivan, para o bem de todos, não poderia abrir as cartinhas que entram e saem de sua repartição? Assim, só para passar os olhos, ver se não há uma denunciazinha e depois, então, se não houver, pode-se fechar a cartinha novamente, ou entregar assim mesmo, aberta...

CHEFE DOS CORREIOS
Não me dê lições. Há muito tempo que eu faço isso. Não por cautela, mas por simples curiosidade. Gosto muito de saber o que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Há cartas que se lêem com deleite; contam histórias muito bonitas, mais instrutivas que as do jornal.

GOVERNADOR
Então me diga, não leu nada sobre o inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS
Não. Mas é uma pena que o senhor não leia essas cartas. Há passagens preciosas. Ainda há pouco, para não ir além, um suboficial escreveu a um amigo, descrevendo um baile e usando a linguagem mais florida: "Aqui a vida flui no sétimo céu, meu querido amigo. Jovens formosas, soa a música e se baila com entusiasmo"... E com que emoção escreveu isso. Até guardei a carta comigo. Quer que a leia?

GOVERNADOR
Não, agora não estou pensando em bailes. Mas me

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.548.

DPF
DCDP
Fls. N.º 503
Rubrica

faça um favor. Se, por casualidade, cair nas mãos alguma queixazinha, ou delaçãozinha, rasgue sem a menor consideração.

CHEFE DOS CORREIOS
Com muitíssimo gosto.

AMMOSS
Lembre-se de que algum dia isso lhe pode custar caro...

CHEFE DOS CORREIOS
É verdade! Você acredita que...

GOVERNADOR
Qual o quê! Isso não é nada, não é nada. Não se vai rasgar a carta em público. Esta conversa vai ficar em família...

AMMOSS
Ih!... Esse assunto não está me cheirando nada bem. Eu vinha calmamente para cá, para lhe oferecer um cachorrinho... irmão de sangue daquele perdigueiro que o senhor conhece. Como o senhor sabe, Tcheptovitch iniciou um processo contra Verkhovinski, e agora estou na glória. Caço coelhos nas terras de um e de outro.

GOVERNADOR
Deus do céu, os coelhos já não conseguem me divertir! Esse maldito inspetor incógnito não sai dos meus pensamentos. Estou sempre esperando que a porta se abra e...

CENA III

Entram, ofegantes, Bobtchinski e Dobtchinski.

BOBTCHINSKI
Um acontecimento extraordinário!

DOBTCHINSKI
Uma novidade inesperada!

TODOS
Que foi? Que aconteceu?

DOBTCHINSKI
Um caso imprevisto. Estamos chegando do hotel...

BOBTCHINSKI
Eu estou chegando do hotel com Piotr Ivanovitch.

DOBTCHINSKI
Por favor, Piotr Ivanovitch, permita que eu conte tudo.

BOBTCHINSKI
Ah, não, Piotr Ivanovitch, deixe que eu conte tudo...

DOBTCHINSKI
Não! O senhor vai se confundir e vai esquecer alguma coisa importante.

BOBTCHINSKI
Não! Eu vou me lembrar de tudo. Eu juro. Vou me lembrar de tudo. Não me atrapalhe, deixe-me contar, não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.549.
DPF
DDP
Fls. N.º 504
Rubrica

me atrapalhe. Senhores, digam a Piotr Ivanovitch que não me atrapalhe!

GOVERNADOR
Mas falem logo pelo amor de Deus, o que foi que aconteceu?! Sentem-se! Piotr Ivanovitch, sente-se. E o senhor, Piotr Ivanovitch, sente-se também. *(Sentam-se todos.)* Bem, o que foi que aconteceu?

BOBTCHINSKI
Por favor, por favor! Contarei tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de ter o prazer de sair de sua casa, depois que o senhor houve por bem perturbar-se por ter recebido aquela carta, quando imediatamente... Por favor, não me interrompa, Piotr Ivanovitch. Eu sei todos os detalhes, todos, todos, todos. Portanto, tenha a gentileza de me permitir contar. Fui correndo à casa de Korobkin e como não encontrei Korobkin em casa, fui visitar Rastakovski, que também não estava. Então fui procurar Ivan Kuzmitch para lhe contar as notícias que o senhor tinha acabado de receber.

DOBTCHINSKI *(interrompendo)*
Ali perto daquele quiosque onde se vendem pastéis.

BOBTCHINSKI
Perto do quiosque onde se vendem pastéis. Certo. Encontrei-me com Piotr Ivanovitch e disse: "Por acaso já soube da notícia que o senhor governador recebeu através de uma carta fidedigna?" Piotr Ivanovitch já tinha ouvido falar disso pela sua criada que, não se sabe por que, havia sido mandada à casa de Philippe Antonovitch Potchetchuiev...

DOBTCHINSKI *(interrompendo)*
Era para buscar um barrilzinho de vodka francesa.

BOBTCHINSKI
Buscar um barrilzinho de vodka francesa. Então eu fui com Piotr Ivanovitch à casa de Potchetchuiev. Não, não, por favor, Piotr Ivanovitch, não me interrompa! Fomos à casa de Potchetchuiev, mas, no caminho, Piotr Ivanovitch me disse: "Vamos entrar no hotel, sinto um grande vazio no estômago. Ainda não comi nada hoje". — Sim, Piotr Ivanovitch não tinha comido nada. — "Lá no hotel estão servindo peixe fresco" — disse ele. — "Vamos matar a fome." Mal tínhamos entrado no hotel quando, de repente, um homem jovem...

DOBTCHINSKI *(interrompendo)*
Bem apessoado, com trajes civis...

BOBTCHINSKI
Bem apessoado, com trajes civis, estava passeando pela sala com um ar profundo... E uma fisionomia! *(Apontando a testa)* E aqui... muitas coisas. Parecia saber de tudo. Tive logo um pressentimento e disse a Piotr Ivanovitch. "Aqui há dente de coelho". Assim foi. Então Piotr Ivanovitch chamou com o dedo o dono do hotel, o Vlass, os senhores conhecem. A mulher dele deu à luz há três semanas a um menino lindo, lindo, precioso. Quando crescer vai ser hoteleiro como o pai, nem há dúvida. Piotr Ivanovitch chamou Vlass com o dedo e perguntou baixinho: "Quem é aquele moço?" Vlass respondeu: "Aquele?..." Por favor, Piotr Ivanovitch, não interrompa. O senhor não pode contar, está com uma falha de dente e, quando fala, assobia, não vai contar di-

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.550.

DPF
DCDP
Fls. N.º 505
Rubrica

reito. "Aquele é um jovem funcionário" — disse Vlass. — "Sim! Um jovem funcionário que vem de São Petersburgo... Sim! De São Petersburgo e que se chama... Ivan Aleksandrovitch Khlestakov. E viaja a caminho de Saratov... É. E age de forma muito estranha. Há duas semanas que mora aqui e não sai do hotel, compra tudo a crédito e não paga um centavo". Assim que ouvi isso, Deus me iluminou, e eu disse a Piotr Ivanovitch: "Hum!"

DOBTCHINSKI
Não, Piotr Ivanovitch, quem disse "Hum!" fui eu.

BOBTCHINSKI
Primeiro foi o senhor, mas eu imediatamente respondi. "Hum! Hum!", dissemos Piotr Ivanovitch e eu... "Por que terá ele ficado aqui quando seu destino é Saratov? E concluímos que só pode ser aquele funcionário...

GOVERNADOR
Que funcionário?

BOBTCHINSKI
O inspetor.

GOVERNADOR
Que é que o senhor está dizendo? Não, não, não pode ser ele!

DOBTCHINSKI
É ele sim, é ele!... Não paga e não segue viagem, só pode ser.

BOBTCHINSKI
É ele sim. Aposto que é. Ele vê tudo. É tão observador que ficou olhando. Viu que Piotr Ivanovitch e eu estávamos comendo um salmão. Só porque Piotr Ivanovitch tinha um vazio no estômago; e sabem o que foi que ele fez? Muito bem. Olhou um dos pratos. Eu senti um calafrio no corpo inteiro.

GOVERNADOR
Meu Deus, tende piedade de nós, pecadores. Em que quarto está hospedado?

DOBTCHINSKI
No número cinco, debaixo da escada.

BOBTCHINSKI
No mesmo quarto onde brigaram aqueles oficiais no ano passado..

GOVERNADOR
Há quanto tempo ele está aqui?

DOBTCHINSKI
Há duas semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR *(à parte)*
Duas semanas. Santo Deus! Salva-me, eu te imploro! Nessas duas semanas espancamos a viúva do subtenente, não demos comida aos presos e as ruas estão piores do que um chiqueiro, uma imundície, uma sujeira. Que vergonha! Que desastre!

ARTÊMY
Senhor governador, não seria conveniente que nós fôssemos ao hotel, em procissão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.551

DPF
DCDP
Fls. N.º 506
Rubrica

AMMOSS

Não, não, seria melhor que o grupo fosse encabeçado pelo clero e pelos comerciantes...

GOVERNADOR

Não, não, permitam-me. Eu já me vi em apuros mais de uma vez e me saí bem de todos os transes. Talvez Deus me ajude a escapar ainda esta vez desse atoleiro. *(Para Bobtchinski)* O senhor disse que o forasteiro é jovem?

BOBTCHINSKI

De vinte e três para vinte e quatro anos.

GOVERNADOR

Melhor assim, será mais fácil iludi-lo. O perigoso é tratar com uma raposa velha. Um jovem tem tudo à flor da pele. Os senhores se preparem para enfrentar a situação do seu lado. Eu irei sozinho com Piotr Ivanovitch, digamos, como quem dá um passeio sem caráter oficial, para verificar se atendem devidamente aos hóspedes do hotel. Svistunov!

SVISTUNOV

Que foi?!

GOVERNADOR

Vá buscar depressa o chefe de polícia, ou melhor, espere, que eu preciso de você. Mande buscar o chefe de polícia e volte logo. *(O soldado sai rapidamente.)*

ARTÊMY

Vamos, vamos, Ammoss Fiedorovitch. Ainda pode acontecer uma desgraça.

AMMOSS

Do que é que o senhor tem medo? De sua parte é suficiente colocar uma touca limpa na cabeça dos doentes e está tudo arranjado.

ARTÊMY

Que touca, qual nada! O problema é que receitaram para os doentes sopa de aveia e nos corredores se sente um cheiro de repolho que é de se tapar o nariz.

AMMOSS

Até certo ponto, estou tranqüilo. Afinal de contas quem se atreveria a se meter com um tribunal de província? E quem metesse o nariz no expediente ia lamentar isso para o resto da vida. Há quinze anos que sou juiz e, quando me ocorre dar uma espiadinha em algum dos processos, prefiro desistir. Nem o próprio Rei Salomão seria capaz de descobrir onde começa a verdade e acaba a mentira.

CENA IV

O juiz, o diretor do hospital, o diretor da escola e o chefe dos correios saem e chocam-se, na porta, com o soldado que retorna.

GOVERNADOR

O carro está pronto?

SOLDADO

Está sim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 552.

DPF
DIMDP
Fls. N.º 507
Rubrica

GOVERNADOR

Então vá pra rua... não, é melhor que você fique aqui. Vá e me traga... mas onde é que estão os outros? E Prokhorov, onde é que está? Já mandei que ele também viesse aqui. Onde está?

SOLDADO

Está numa casa particular e não pode ser útil no momento.

GOVERNADOR

Por quê?

SOLDADO

É que o trouxeram de madrugada, muito embriagado, jogaram dois baldes d'água em cima dele, mas não adiantou nada.

GOVERNADOR *(pondo as mãos na cabeça)*

Ai, meu Deus, meu Deus! Saia depressa... ou, não. Vá correndo até o meu quarto, está ouvindo? E me traga depressa a minha espada e o meu chapéu novo! Vamos, Piotr Ivanovitch, a caminho!

BOBTCHINSKI

E eu? E eu? Permita que eu vá também, governador!

GOVERNADOR

Não, não, Piotr Ivanovitch, é impossível!... Ele ficará assustado se chegarmos lá em comitiva e, além disso, o carro é muito estreito. Não cabem três pessoas...

BOBTCHINSKI

Mas não se preocupe, excelência, não se preocupe... Eu

vou correndo atrás do carro, como um cachorrinho. E depois eu me conformo em dar só uma espiadinha pelo buraco da fechadura, para ver como o forasteiro se comporta.

GOVERNADOR *(recebendo a espada, ao sargento)*

Vá correndo e reúna os guardas e que cada um deles... Oh! Vejam só como está a espada, vejam só! Esse maldito comerciante Abdúlin sabe muito bem que o governador está usando uma espada velha e torta e não é capaz de lhe mandar uma nova! Gente sovina, esses comerciantes! E aposto que cada um deles já está com sua denunciazinha debaixo do braço!... Que cada guarda pegue uma vassoura e varra conscienciosamente a rua que leva ao hotel, está ouvindo? E tome cuidado... Eu o conheço bem... Você costuma andar com os bolsos cheios de talheres de prata roubados. Não pense que me engana. A mim ninguém engana. O que você fez com o comerciante Tchernaiev, hein? Tchernaiev lhe deu alguns metros de pano para que você fizesse um uniforme e você lhe roubou a peça toda, desgraçado! Você se cuide! Não vai querer mais do que é permitido à sua hierarquia. Vai!

CENA V

Entra o chefe de polícia.

GOVERNADOR

Ah!... Graças a Deus, Stepan Ilitch, onde andou metido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0013,p.553.

DPF
DCDP
Fls. N.º 508
Rubrica

CHEFE DE POLÍCIA
Pertinho daqui.

GOVERNADOR
Ouça, Stepan Ilitch. O inspetor de São Petersburgo já chegou. Está na cidade. Que medidas foram tomadas?

CHEFE DE POLÍCIA
As que o senhor indicou. Mandei o sargento Pugovitzin com um grupo de guardas varrerem as ruas.

GOVERNADOR
E Dierjimorda onde está?

CHEFE DE POLÍCIA
Saiu para apagar um incêndio.

GOVERNADOR
E Prokhorov, está bêbado?

CHEFE DE POLÍCIA
Bêbado.

GOVERNADOR
E quem permitiu isso?

CHEFE DE POLÍCIA
Sabe-se lá! Ontem, houve uma briga fora da cidade. Prokhorov foi para o local a fim de restabelecer a ordem. Voltou bêbado.

GOVERNADOR
Pois então, veja o que tem a fazer: chame o sargento

Pugovitzin e mande-o ficar bem no meio da ponte. Ele é bastante alto e causará uma ótima impressão. Mande imediatamente derrubar aquela cerca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, para dar a impressão que se está construindo. Quanto mais obras públicas existam, mais se nota a atividade do governador. Ai, meu Deus, agora me lembro! Junto à cerca há um montão de lixo que daria para encher quarenta carroças. Cidade desgraçada! É bastante levantar um monumento ou uma simples cerca para que imediatamente joguem um monte de lixo em volta! *(Suspira.)* E se o inspetor que acaba de chegar perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder: "Contentíssimos, Excelência". E aquele que não estiver contente, vai ter razões de sobra depois para não estar. Ai, pobre de mim, pecador, pecador! *(Em lugar de chapéu, pega uma caixa de papelão.)* Fazei com que isso tudo termine logo, Deus meu, e vos oferecerei uma vela tão grande como ninguém jamais viu. E obrigarei que cada um desses estúpidos comerciantes me mande dez quilos de cera. Ah, meu Deus, meu Deus. A caminho, Piotr Ivanovitch. *(Em lugar do chapéu quer colocar na cabeça a caixa de papelão.)*

CHEFE DE POLÍCIA
Anton Antonovitch, isso é uma caixa, não é um chapéu.

GOVERNADOR *(olhando a caixa)*
Uma caixa? Diabo!! Ah, e se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subscrição das caixas de caridade feita alguns anos atrás, não se esqueçam de dizer que começamos a reconstrução, mas que a capela pegou fogo. Sobre isso eu já apresentei um rela-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.554.

DPF DCDP Fls. N.º 509 Rubrica

tório. Não se esqueça, porque, senão, pode aparecer por aí algum imbecil que irrefletidamente afirme que as obras nem mesmo começaram. E diga a Dierjimorda que contenha um pouco os punhos: para pôr ordem ele costuma esmurrar o olho de todo mundo, culpado ou inocente. Vamos, vamos Piotr Ivanovitch. *(Finge que sai, mas não sai.)* Ah, e não deixe que os soldados saiam de cuecas para a rua como eles costumam fazer. Às vezes esses marotos põem a túnica em cima do corpo e saem sem nada por baixo. *(Todos saem.)*

CENA VI

Entram Anna Andreievna e Maria Antonovna.

ANNA

Onde é que eles estão, onde é que eles estão? *(Abrindo a porta)* Meu marido! Antoninho, Antoninho! Antocha! *(Falando com rapidez)* Você é que é a culpada, a culpada de tudo! "Um alfinete, um lencinho!" Não havia jeito de terminar de se arrumar. *(Vai até a janela e grita.)* Anton, onde é que você vai? Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Que inspetor? Tem bigodes? Que bigodes?

GOVERNADOR *(fora)*

Agora não posso responder!... Mais tarde, meu bem, mais tarde!

ANNA

Mais tarde?... Olha só como é que você está vestido! Não quero saber dessa história de ficar esperando. Basta

que você responda isso: quem é o forasteiro? Coronel, hein? *(Com raiva)* Foi embora. Eu nunca hei de me esquecer dessa cachorrada que ele me fez! E você é a culpada de tudo: "Mamãezinha! Espera, mamãezinha, eu preciso arrumar o cabelo!..." Tudo por causa da sua maldita coqueteria!... Bastou ouvir dizer que tinha chegado o chefe dos correios para começar a fazer dengues na frente do espelho. Você está crente que ele corre atrás de você, mas ele lhe faz caretas quando você vira as costas...

MARIA

Que se há de fazer, mamãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas ficaremos sabendo de tudo.

ANNA

Daqui a duas horas. Muitíssimo obrigada. Só estranho que não tenha passado pela sua cabeça dizer que daqui a um mês saberemos de tudo muito melhor. *(Curva-se na janela.)* Eh, Avdótia! Você já sabe se chegou alguém? Não? Estúpida! O governador lhe acenou, e daí? Você podia ter perguntado, não é, burra?! Não ter a iniciativa de descobrir uma coisa tão simples. É que você anda com a cabeça cheia de besteiras, só pensa em namorados, noivos! Que é que você disse? Eles foram depressa? Por que é que você não foi atrás, besta! Corra, corra imediatamente. Pergunte que forasteiro é esse. Se é elegante, entende? Olhe pelo buraco da fechadura e verifique tudo: que olhos tem, se são pretos ou não, e volte correndo. Agora, vá depressa, vá! Vá! Depressa, depressa, depressa...

(Continua gritando enquanto cai o pano.)

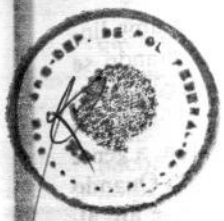
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 555.

DPF
DCDP
Fls. N.º 510
Rubrica

ATO II

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 356.

DPF
DCDP
Fls. N.º 311
Rubrica



CENA I

Pequeno quarto no hotel. Uma cama, mesa, maleta, um par de botas, escova, etc.

ÓSSIP *(estirado na cama do seu patrão)*

Diabo! Que fome que eu tenho! Meu estômago está todo alvoroçado. Parece que há uma banda militar tocando trombone aqui dentro. Se continuar desse jeito, nunca vamos voltar para casa. Que é que vamos fazer? Há dois meses que saímos de São Petersburgo. Pelo caminho o pobre diabo do meu patrãozinho perdeu todo o dinheiro jogando baralho. E agora fica sentado por aqui, quietinho, com o rabo entre as pernas, com a maior cara-de-pau. Bem que a gente já podia ter chegado em casa. Mas o gabola tem de se exibir em tudo quanto é lugar! *(Imita.)* "Óssip, procure o melhor quarto do hotel e para mim escolha a melhor comida. Não suporto um mau almoço. Tenho uma absoluta necessidade do que há de melhor." Se fosse um alto funcionário, vá lá! Mas não passa de um escriturariozinho à-toa. Mal conheceu um outro viajante, mergulhou a cabeça em cima do baralho e aqui estamos nós, a nenhum! Ah, já estou farto dessa vida. No campo se vive bem melhor. Lá não há tanta sociedade, mas pelo menos não se tem tanta preocupação. Basta arrumar uma boa mulher, e deixar a vida correr, junto do quentinho do forno, comendo pasteizinhos. Claro que a vida em São Petersburgo pode ser melhor, quando há dinheiro. Aí, então, sim. Pode-se levar uma grande vida, refinada... Existem teatros, política, dança

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.557

DPF
DCDP
Fls. N.° 512
Rubrica

de cachorros, tudo que a gente quer. Lá se fala uma linguagem até mais florida que a dos nobres. Quando se vai às compras, os comerciantes gritam saudações logo que a gente aparece na porta: "Excelentíssimo!" Quando a gente tem de atravessar o rio, ao pegar a barca, a gente se senta ao lado de um alto funcionário público. Quando se está aborrecido, basta entrar num botequim, e ali, algum cavalheiro nos conta feitos heróicos e nos explica o significado de cada estrela do céu. De modo que as coisas ficam tão claras como se estivessem na palma de nossa mão. E às vezes entra alguma velha acompanhando uma menina donzela e aí então, ai, ai, ai... *(Ri, balança a cabeça.)* Lá as pessoas são tratadas como se fossem aristocratas. Não se ouve nunca uma só palavra descortês. A mim me chamam sempre de "excelência". Se me aborreço quando estou andando a pé tomo uma carruagem, e passeio como um grande senhor. E se não quero pagar o cocheiro, não pago. Afinal todas as casas têm duas portas, uma na frente e outra nos fundos. E se não estiverem satisfeitos comigo que me aticem um cachorro em cima. Só há uma coisa ruim: às vezes se come como um príncipe, outras vezes se arrebenta de fome, como agora! E o patrãozinho é que tem a culpa de tudo. Que é que se pode fazer com ele? O pai lhe manda dinheiro, bastaria ter um pouco de cuidado, mas qual! Só anda de carruagem, vai todo dia ao teatro, e, antes do fim da semana, manda-me empenhar a casaca nova. Às vezes empenha até a última camisa e fica só com a roupa de baixo e o capote. Puxa vida! E pensar que suas roupas são de um pano tão bom! Tudo de casimira inglesa. Só a casaca vale mais de cento e cinqüenta rublos. E lhe dão menos de vinte por ela, e pelas calças é bom nem falar, lhe dão uma ninharia. E tudo isso por

quê? Porque não leva nada a sério. Em lugar de se dedicar ao trabalho, gasta todo o tempo passeando pela avenida Nevski e jogando baralho. Ah! Se o velho patrão soubesse disso!... Mesmo sendo um funcionário público, meu anjinho, ele o faria arriar as calças e lhe daria umas boas palmadas, dessas que obrigam a ficar quatro dias de cama. Um funcionário é um funcionário, que diabo! E agora o hoteleiro diz que não vai dar mais nada pra gente comer enquanto não se pagar a conta! E com que dinheiro vamos pagar? Ah, meu Deus! Se pelo menos me dessem uma sopa de aveia. Eu estou com tanta fome que tenho a impressão de poder engolir o mundo inteiro sem mastigar. Estão batendo, deve ser ele!

CENA II

Levanta-se precipitadamente da cama. Entra Khlestakov.

KHLESTAKOV

Segure! *(Dá-lhe o chapéu e a bengala.)* Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

ÓSSIP

E pra que eu iria me espojar? Pensa que eu nunca vi uma cama na minha vida?

KHLESTAKOV

Você está mentindo. Você se deitou. Olha só, está toda desarrumada.

ÓSSIP

Pra que eu preciso de sua cama? Pensa que eu não sei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 338

DPF
DCDP
Fls. N.º 513
Rubrica

o que é uma cama? Eu tenho pernas, posso ficar de pé! Pra que eu iria querer sua cama?

KHLESTAKOV *(passeia pelo quarto)*
Acabou o fumo?

ÓSSIP
E como não haveria de acabar? Faz mais de quatro dias que o senhor fumou o pouco que ainda havia!

KHLESTAKOV *(passeia e morde caprichosamente os lábios. Por fim, diz com voz sonora e tom decidido)*
Escute! Eh, Óssip!

ÓSSIP
Que foi?

KHLESTAKOV *(com voz muito menos sonora e menos decidido)*
Vá lá!

ÓSSIP
Lá onde?

KHLESTAKOV *(com voz muito menos sonora, na qual não se distingue a menor decisão e se percebe alguma coisa muito próxima a uma súplica)*
Lá embaixo, na cozinha. Vá lá e diga pra eles o seguinte: diga que eu preciso almoçar.

ÓSSIP
Não, eu não quero ir.

KHLESTAKOV
Como é que você se atreve a me responder assim, estúpido!

ÓSSIP
Eu me atrevo porque me atrevo. De qualquer forma, mesmo que eu fosse, não iria adiantar nada. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KHLESTAKOV
Mas por que não? Isso é um absurdo!

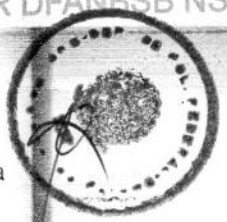
ÓSSIP
E ele disse mais ainda. Disse que vai fazer uma denúncia ao governador. Há mais de três semanas que estamos aqui, e o senhor ainda não lhe pagou nada. "Você e o seu amo", disse ele, "são uns bons malandros. E esse seu amo é um charlatão. Já vi muitos pícaros e sem-vergonhas dessa laia" — disse ele.

KHLESTAKOV
E você se alegra em repetir isso que ele disse, minha besta!?

ÓSSIP
E ele disse mais ainda: "Desse jeito, qualquer um pode viver como príncipe e ficar cheio de dívidas. E nem ao menos podemos mandá-los embora antes que paguem. Mas comigo não vai ser assim, não. Eu vou direto fazer a denúncia para que ele vá logo para a cadeia!"

KHLESTAKOV
Chega, chega, idiota! Cale a boca. Faça o que eu mando! Que animal, que bruto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0[illegible]



DPF
DCDP
Fls. N.º 514
Rubrica

ÓSSIP
É melhor que eu chame o hoteleiro e ele mesmo venha aqui falar com o senhor.

KHLESTAKOV
Pra quê? Vá lá você. Você pode falar com ele sozinho.

ÓSSIP
Mas eu acho que é melhor o senhor falar.

KHLESTAKOV
Vá, vá pro diabo que o carregue! Chame esse hoteleiro. *(Sai Óssip.)*

CENA III

KHLESTAKOV *(sozinho)*
Estou morto de fome! Dei um passeio para ver se perdia o apetite, e nada — que diabo, não há jeito! Se não fosse aquela maldita farra em Penza, o dinheiro daria pelo menos para chegar até em casa. Aquele capitão de infantaria me roubou sem piedade. Que maneira estranha que ele tinha de produzir azes. Que bárbaro! Em quinze minutos me deixou pelado no meio da rua. Mas mesmo assim eu estou louco para tornar a jogar com ele. O que eu não tenho é sorte! Cidadezinha chata!... Nem vender fiado eles querem. Que gente canalha! *(Assobia os primeiros compassos de* Roberto e o Diabo, *uma canção na moda, e logo uma música qualquer.)* Pelo visto ninguém quer conversar comigo!

CENA IV

Entram Óssip e o criado do hotel.

CRIADO
O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KHLESTAKOV
Oh, irmãozinho, como é que você vai?

CRIADO
Bem, graças a Deus!

KHLESTAKOV
E... como é que vai o hotel? Nada de novo? Vai tudo em ordem? Tudo bem?

CRIADO
Sim, graças a Deus, tudo bem.

KHLESTAKOV
Muitos hóspedes?

CRIADO
Sim, bastante.

KHLESTAKOV
Que bom!... Ouve, meu querido. Até agora, sabe, até agora não me trouxeram o almoço. Eu queria pedir a você que me fizesse o favor de dizer para eles mandarem depressa. Porque depois do almoço eu tenho muito o que fazer, você compreende?

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.560.
DPF
DCDP
Fls. N.° 314
Rubrica

CRIADO

O patrão disse que não vai dar mais nada para o senhor comer. E hoje ele estava querendo ir se queixar ao governador.

KHLESTAKOV

Mas, queixar-se por quê? Você é inteligente, meu querido, e você compreende que eu preciso comer. Se eu não como, emagreço e até posso desmaiar. Eu tenho muita vontade de comer. Estou falando sério.

CRIADO

Eu sei, mas o patrão disse: "Eu não lhe darei de comer enquanto não me pagar o que me deve!" Foi isso o que ele disse.

KHLESTAKOV

Mas você precisa fazer com que ele volte a si e raciocine. Você tem de convencê-lo.

CRIADO

O que é que o senhor quer que eu diga?

KHLESTAKOV

Que você o faça entender, uma vez por todas, que eu preciso comer. Dinheiro? Dinheiro é apenas dinheiro, isso já é outra coisa. O seu patrão pensa que, sendo ele um camponês que pode passar uma semana sem comer, os outros podem fazer o mesmo? Não, as coisas não são assim.

CRIADO

Eu vou falar com ele. *(Saem os dois.)*

CENA V

KHLESTAKOV *(sozinho)*

As coisas vão acabar pretejando, se ele resolver não mandar mesmo. Nunca tive tanta fome. Talvez fosse bom vender alguma roupa. As calças, por exemplo. Não, não. É melhor passar fome, desde que eu chegue em casa com meu terno de São Petersburgo. Pena que o Joaquim não me alugou a carruagem. Seria fabuloso poder voltar para casa de carruagem e visitar, como um magnata, algum rico fazendeiro vizinho. Chegar diante de sua porta com os faróis acesos, e Óssip sentado na boléia, de libré... vermelha. Ai, que alvoroço! "Quem é?... Que se passa?" *(Interpretando o lacaio)* Então entraria o lacaio e diria: "Ivan Aleksandrovitch Khlestakov, de São Petersburgo, deseja ser recebido". Esses pobres diabos provincianos aí não sabem nem ao menos o que quer dizer "deseja ser recebido". Quando algum rico fazendeiro faz uma visita, esses ursos vão se esconder no quarto. Mas, mesmo assim, a melhor coisa do mundo é aproximar-se de uma das lindas filhas que eles têm e dizer: "Senhorita, eu..." *(Faz uma reverência, com ar elegante.)* Ah, Diabo!... *(Cospe.)* Tenho tanta fome que sinto até náuseas! *(Geme.)*

CENA VI

Entram Óssip e o criado.

KHLESTAKOV

E então?

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.561

DPF
DCDP
Fls. N.º 516
Rubrica

ÓSSIP
O almoço vem aí!

KHLESTAKOV *(batendo palmas de alegria e levantando-se da cama de um salto)*
O almoço! O almoço! O almoço!

CRIADO *(trazendo pratos e um guardanapo)*
O patrão mandou avisar que esta é a última vez.

KHLESTAKOV
Seu patrão... seu patrão? Bem, que seu patrão vá pro diabo que o carregue! O que é que você trouxe?

CRIADO
Sopa e carne cozida. A da sopa.

KHLESTAKOV
Ouvi bem, só dois pratos?

CRIADO
Só dois pratos.

KHLESTAKOV
Que absurdo! Só isso eu me recuso a aceitar. Vá dizer a seu patrão que isso me parece extremamente ridículo. É muito pouco!

CRIADO
O meu patrão acha que é até demais.

KHLESTAKOV
E por que não veio sobremesa?

CRIADO
Não há sobremesa.

KHLESTAKOV
Mas como não há? Quando passei pela cozinha vi que estavam preparando a sobremesa! E hoje de manhã, no restaurante, eu vi dois indivíduos baixinhos comendo salmão e outras comidas.

CRIADO
Bem, essas comidas existem e não existem.

KHLESTAKOV
Como não existem?

CRIADO
Pois não existem.

KHLESTAKOV
E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO
Isso é para as pessoas decentes.

KHLESTAKOV
Imbecil.

CRIADO
Sim, senhor.

KHLESTAKOV
Porco.

CRIADO
Certo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.562
DPF
DCDP
Fls. N° 517

KHLESTAKOV
Como é que se explica que eles comam e eu não. Por que é que eu não posso? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO
Claro que não.

KHLESTAKOV
Que é que são eles?

CRIADO
Gente que paga.

KHLESTAKOV
Não vou discutir com você. Imbecil, idiota. *(Serve-se de sopa e come.)* Que sopa é essa? Foi feita com água podre! Não tem gosto nenhum e cheira mal. Não quero essa sopa. Dê-me outra.

CRIADO
O patrão disse: "Se ele não quiser, traga de volta".

KHLESTAKOV *(defendendo a comida com as mãos)*
Bem, já que está aí mesmo. Pode ir embora, seu tonto. Está acostumado a tratar assim com os outros, mas eu sou diferente, meu irmão. Eu não o aconselho a falar assim comigo, não. *(Come.)* Deus do céu, que porcaria de sopa. *(Continua comendo.)* Eu acho que nunca ninguém conseguiu comer uma sopa igual a essa. Olhe aí, em lugar de gordura, as penas é que sobrenadam. De que será que morreu essa galinha?! Dê-me a carne. Óssip, sobrou sopa, vá comendo. *(Corta a carne.)* Que carne é essa? Isso não é carne.

CRIADO
E o que é então?

KHLESTAKOV
O que é eu não sei. Mas carne é que não é. É um machado frito! Ladrões, canalhas! Isso é lá coisa que se dê de comer a gente honesta? Não se pode nem morder que dói o queixo. *(Palita os dentes com o dedo.)* Bandidos. Parece até que comi madeira, não sai dos dentes, oh! Depois de comer um prato desses a gente fica com os dentes pretos. Miseráveis. *(Limpando a boca com o guardanapo)* Não há mais nada?

CRIADO
Não.

KHLESTAKOV
Canalhas desalmados! Se pelo menos tivessem posto algum molho, um pedacinho de pastel. Vagabundos! A única coisa que sabem fazer é tirar a pele dos hóspedes. *(O criado tira a mesa com dignidade e leva os pratos, em companhia de Óssip.)*

CENA VII

KHLESTAKOV
Eu tenho a impressão de que não comi nada. Serviu só para me abrir o apetite. Se eu tivesse algum dinheirinho mandava comprar um pãozinho no mercado...

ÓSSIP *(entrando)*
Eu não sei pra que, mas o governador acaba de chegar. Mandou perguntar pelo senhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p563

DPF Fls. Nº 318

KHLESTAKOV *(espantado)*
Só faltava essa!... Esse cadelão do hoteleiro já foi me intrigar com o governador! Será que eles vão querer me prender? Bem, se eles me prenderem com decência, eu talvez... Não, não, não quero... Eu estou dando em cima de uma menina aí, filha de um negociante. Nessa cidade moram muitos oficiais. Não, não quero. Mas o que é que ele pensa que é? Como é que ele se atreve? Está pensando que pode me tratar como se eu fosse um negociante ou um artesão qualquer? *(Enchendo-se de brios e levantando-se)* Eu vou lhe dizer com toda a coragem, sem rodeios, bem na cara: como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor...

CENA VIII

A porta se abre e Khlestakov empalidece e se encolhe. Entra o governador e se detém.

Ao seu lado, Dobtchinski. Os dois olham assustados, com as pupilas dilatadas pelo terror.

GOVERNADOR *(refazendo-se do susto e perfilando-se)*
Minhas saudações e meus melhores augúrios!

KHLESTAKOV
Seu servidor!

GOVERNADOR
Desculpe...

KHLESTAKOV
Não há de quê.

GOVERNADOR
Meu dever como governador dessa cidade é zelar para que não sejam molestados os hóspedes deste hotel e demais pessoas respeitáveis que por aqui dão a honra de passar.

KHLESTAKOV *(começa gaguejando, mas por fim consegue falar com voz sonora e rotunda)*
O que é... o que é que o senhor quer que eu faça? A... a culpa... a culpa não é minha. Eu juro que vou pagar! *(Bobtchinski mostra a cabeça na abertura da porta.)* A culpa, para ser sincero, é toda dele. Ele me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, ninguém nunca vai descobrir o que ele põe dentro dela. Eu fui obrigado a jogar a sopa pela janela. Ele me mata de fome durante dias seguidos. E o chá que ele serve. Tem cheiro de peixe! Por que que eu havia de... Ora, essa é muito boa!

GOVERNADOR *(intimidado)*
O senhor me perdoe, mas na verdade a culpa também não é minha. A carne no meu mercado é sempre muito boa! Os comerciantes que vendem carne em nossa cidade são gente que não bebe e de ótima conduta moral. Francamente, eu não sei onde o hoteleiro vai buscar essa carne podre que ele serve. E se na cidade há outra coisa de anormal, não é do meu conhecimento. Eu só peço que o senhor me permita convidá-lo a se mudar para outro domicílio.

KHLESTAKOV
Não, eu não quero. Eu sei muito bem o que significa esse outro domicílio. O senhor está se referindo à cadeia. Mas com que direito o senhor me propõe uma coisa dessas?

DPF
DCDP
Fls. N. 514
Rubrica

Como é que o senhor se atreve. Eu sou um alto funcionário de São Petersburgo. *(Animando-se)* Eu... eu... eu...

GOVERNADOR *(à parte)*
Meu Deus, como está nervoso! Já deve saber de tudo. Esses malditos comerciantes já lhe contaram tudo.

KHLESTAKOV *(tornando-se valente)*
Mesmo que o senhor venha me buscar aqui com todos os seus guardas e soldados, não irei! Vou me queixar ao ministro! *(Dá um soco na mesa.)* Como é que se atreve? Como é que o senhor se atreve?

GOVERNADOR *(perfilando-se e tremendo da cabeça aos pés)*
Tenha piedade, não me desgrace! Eu tenho mulher e filhos pequenos! Não faça um homem ser infeliz para o resto da vida!

KHLESTAKOV
Não, eu não quero. Onde é que já se viu? E a mim, o que é que me interessa? Só porque o senhor tem mulher e filhos eu devo parar na cadeia? Muito bonito! *(Bobtchinski mostra de novo a cabeça, com ar assustado, e torna a desaparecer.)* Não, muito obrigado, mas não quero!

GOVERNADOR *(tremendo)*
Tudo isso aconteceu por inexperiência! Eu juro, foi por simples inexperiência! O senhor deve compreender. O salário que o governo paga não dá nem para o chá e o açúcar. Se houve suborno foi por uma ninharia. Alguma coisa para a mesa, um cortezinho de pano para

se fazer uma roupa. E quanto a esses boatos de que eu mandei açoitar a viúva do subtenente, aquela que faz contrabando, isso é uma calúnia! Juro por Deus! Uma calúnia. Pura invenção desses desalmados que me perseguem. São tão perversos que seriam capazes de me enterrar vivo!

KHLESTAKOV
E eu com isso? Eu não tenho nada a ver com essa gente! *(Meditativo)* Eu não estou entendendo por que o senhor me fala desses malvados e de não sei qual viúva, de não sei qual subtenente. Que o senhor mande surrar a viúva do subtenente, está bem, eu não tenho nada a ver com isso. Mas a mim, não! Eu vou pagar. Vou pagar tudo que eu devo. Mas assim, de imediato, eu não tenho dinheiro. É justamente por isso que estou aqui, nesse hotel. Porque não tenho dinheiro!

GOVERNADOR *(à parte)*
Vejam só como ele é esperto. A gente fica até sem saber se é ele mesmo e como começar. Raposão! Aconteça o que acontecer, vou tentar. *(Em voz alta)* Se o senhor realmente necessita de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar os turistas que visitam esse povoado.

KHLESTAKOV
Sim, necessito. Um empréstimo virá em boa hora. Se o senhor me emprestar o dinheiro já, eu pago a conta imediatamente. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos, até menos.

GOVERNADOR *(dando-lhe o dinheiro)*
Duzentos certinhos, não precisa nem contar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.565.

KHLESTAKOV *(recebendo o dinheiro)*
Agradecidíssimo. Assim que voltar para casa, mandarei pagar. Foi um imprevisto. Mas agora eu vejo que o senhor é um homem bem nascido, e tudo muda de figura.

GOVERNADOR *(à parte)*
Menos mal, menos mal. Aceitou o dinheiro. Graças a Deus! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos, dei-lhe quatrocentos rublos.

KHLESTAKOV *(chamando)*
Óssip! *(Entra Óssip.)* Chame o criado! *(Ao governador e a Dobtchinski)* Por que estão de pé? Por favor, sentem-se! Sentem-se, por favor.

GOVERNADOR
Estamos bem de pé, não se preocupe!

KHLESTAKOV
Eu peço que se sentem. *(Ao governador)* Agora eu posso ver bem a sinceridade do seu caráter e a bondade do seu coração. E eu que pensava que o senhor tinha vindo aqui só para me levar para . . . *(A Dobtchinski)* Senta-se.

(O governador e Dobtchinski se sentam. Bobtchinski aparece novamente, espiando.)

GOVERNADOR *(à parte)*
É preciso ser mais audacioso, ele quer continuar incógnito. Eu também sei fingir. Vou fazer de conta que não sei quem ele é. *(Em voz alta)* Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, em companhia aqui do presente Piotr Ivanovitch Dobtchinski, fazendeiro local,

quando entramos *ex professo* no hotel, para verificar se tratavam bem os turistas. Porque eu não sou um desses governadores que não se importam com nada. Muito além do meu dever, por simples espírito cristão e de humanidade, quero que todos os mortais sejam aqui bem recebidos. E eis que, como recompensa divina, a fortuna me fez travar uma amizade tão agradável!

KHLESTAKOV *(à parte)*
Também eu estou muito contente. Se não fosse o senhor eu ia acabar ficando nesta cidadezinha o resto da vida. Francamente, eu não sabia o que fazer para pagar minha conta.

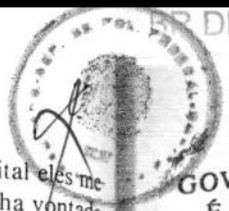
GOVERNADOR *(à parte)*
Sei, sei. Vem com essa, vem! *(Em voz alta)* Se não for demasiada indiscrição, poderia perguntar para onde se dirige?

KHLESTAKOV
Vou à província de Saratov, onde minha família tem uma fazenda.

GOVERNADOR *(à parte, com ar irônico)*
Província de Saratov! E nem fica vermelho com a mentira! Com esse é preciso tomar muito cuidado! *(Em voz alta)* Que ótima idéia! Suponho que o senhor viaje apenas para se distrair, não é verdade?

KHLESTAKOV
Não. Meu pai mandou me chamar. O velho está um tanto aborrecido porque até agora não progredi muito na administração pública lá em São Petersburgo. Ele pen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0013,p.36



sava que assim que eu pusesse os pés na capital eles me pendurariam uma medalha no peito! . . . Minha vontade é que ele fosse fazer uma peregrinação pelas repartições do governo para ver o que é bom!

GOVERNADOR *(à parte)*

Mas que histórias ele inventa. Até um velho pai já entrou na dança. *(Em voz alta)* E o senhor ficará fora durante muito tempo?

KHLESTAKOV

Francamente, não sei. Meu pai é tolo e teimoso. É um velho caduco. Assim que eu chegar em casa vou dizer logo para ele: não posso viver longe de São Petersburgo!! E, para falar sério, como é que eu vou estragar minha vida vivendo no meio desses camponeses? Agora, tenho outras necessidades espirituais. Minha alma tem sede de saber!

GOVERNADOR *(à parte)*

Ele é formidável, vira, mexe, mas não cai! Eu o obrigarei a soltar a língua! *(Em voz alta)* A sua observação é muito exata. Não é possível fazer nada nessas solidões. Este povoado, por exemplo. Passo a noite trabalhando para o bem da pátria. Sacrifico-me sem regatear esforços. Mas o meu prêmio, quando virá? *(Passa os olhos pelo quarto.)* Este quarto é um pouco úmido, não é?

KHLESTAKOV

Detestável! Se fosse só a umidade não era nada, mas tem percevejos como nunca vi na vida. Mordem como cães!

GOVERNADOR

É incrível! Um turista tão culto, ser obrigado a sofrer tais desgraças. E por culpa de quem? Por culpa desses miseráveis percevejos que nem deviam ter nascido. Eu tenho a impressão que aqui nem ao menos há luz, não é verdade?

KHLESTAKOV

Escuríssimo, escuríssimo! O hoteleiro já se habituou a não mandar velas. Às vezes eu tenho vontade de fazer alguma coisa, ler, por exemplo. Ou então, a fantasia quer criar, mas a escuridão é tão grande! . . .

GOVERNADOR

Se eu tivesse a ousadia de lhe pedir . . . Mas não, não sou digno de tanta honra!

KHLESTAVOK

Mas a quê o senhor se refere?

GOVERNADOR

Não, não. Eu não mereço, não sou digno . . .

KHLESTAKOV

Sei, mas fale assim mesmo!

GOVERNADOR

Se eu tivesse o atrevimento . . . Em minha casa eu lhe poderia oferecer um formoso quarto, com muita luz, tranqüilo. Mas não. Eu compreendo que seria uma honra demasiada. Não se aborreça pelo amor de Deus. Se eu ousei é porque sou todo coração! . . .

KHLESTAKOV

Mas, por que não? Eu terei imenso gosto. Claro que eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.367

me sentirei mais à vontade em qualquer casa particular do que na porcaria desse hotel.

GOVERNADOR
Que alegria o senhor me dá! E nem quero imaginar a satisfação da minha mulher! Esse é um velho costume meu. Sou hospitaleiro desde criança. Sobretudo quando o hóspede é uma pessoa culta. Não pense que falo para lisonjeá-lo, não tenho esse vício. O que digo é de todo o coração.

KHLESTAKOV
Muito obrigado. A mim também não agradam os hipócritas. Gosto muito de sua franqueza e de sua bondade e confesso que isso basta. A fidelidade e o respeito. O respeito e a fidelidade.

CENA IX

Entra o criado, acompanhado por Óssip.

CRIADO
O senhor chamou?

KHLESTAKOV
Chamei. Traga a conta.

CRIADO
Já trouxe.

KHLESTAKOV
Não me lembro das suas contas estúpidas. Fale. Quanto é que eu devo?

DPF DOC Fls. N.º 5 Rubrica

CRIADO
O senhor pediu almoço logo no dia de sua chegada. No dia seguinte comeu salmão, e desde então nunca mais pagou coisa alguma.

KHLESTAKOV
Imbecil! Agora é que lhe deu essa vontade de ficar fazendo cálculos? Quanto é que eu devo no total?

GOVERNADOR
Não se preocupe, isso pode esperar. *(Ao criado)* Vá embora que o dinheiro já vem.

KHLESTAKOV
Também pode ser assim. *(Guarda o dinheiro. O criado sai. Bobtchinski aparece à porta.)*

CENA X

O governador, Khlestakov e Dobtchinski.

GOVERNADOR
O senhor não gostaria de visitar agora alguns estabelecimentos da nossa cidade? O hospital, por exemplo?

KHLESTAKOV
Mas, pra quê?

GOVERNADOR
Bem, para ver como administramos a coisa pública. A ordem que reina aqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-368.
DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

KHLESTAKOV
Bom, com muito gosto. Estou à sua disposição. *(Bobtchinski torna a mostrar a cabeça.)*

GOVERNADOR
E depois, se desejar, podemos visitar a escola, para ver como educamos a mocidade.

KHLESTAKOV
Como não, como não?

GOVERNADOR
Depois, visitaremos a prisão e o senhor verá como vivem os presos.

KHLESTAKOV
A prisão? Não, pra quê? Prefiro o hospital . . .

GOVERNADOR
Como queira. Prefere viajar na sua carruagem ou vir comigo no meu carro?

KHLESTAKOV
Prefiro viajar com o senhor.

GOVERNADOR *(a Dobtchinski)*
Bem, Piotr Ivanovitch, não sobrou lugar para o senhor.

DOBTCHINSKI
Não tem importância, eu vou assim mesmo.

GOVERNADOR *(em voz baixa, a Dobtchinski)*
Escuta, vá correndo com a vida e a alma e leve essas duas

cartas. Uma a Zemlianika, no hospital e a outra à minha mulher. *(A Khlestakov)* Posso pedir sua permissão para, na sua presença, escrever duas linhas à minha esposa, a fim de que tome todas as providências para receber um tão respeitável hóspede?

KHLESTAKOV
Não se preocupe! Mas, se o senhor quiser . . . Aqui há tinta, mas papel é que não sei. Pode usar esta conta.

GOVERNADOR
É, vou escrever aqui mesmo. *(Escreve e, enquanto isso, diz para si mesmo)* Depois de um bom jantar e de uma boa garrafa de vinho, tudo vai melhorar. Tenho em casa um vinho madeira que parece fino, mas é muito enganador. É capaz de derrubar até um elefante. É preciso que eu descubra o que ele é e o que devo temer. *(Terminando a carta, entrega-a a Dobtchinski, que se dispõe a sair, mas, nesse instante, a porta se desprende das dobradiças e Bobtchinski, que esteve o tempo todo escutando do outro lado, se esparrama sobre ela, no chão. Todos proferem exclamações. Bobtchinski se levanta.)*

KHLESTAKOV
O senhor não se machucou em nenhum lugar?

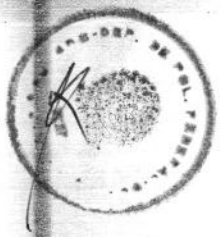
BOBTCHINSKI
Não, não, em absoluto, só machuquei um pouquinho o nariz. Vou procurar o doutor Christian, mandarei pôr um emplastro, não há de ser nada. Ele tem uns emplastros maravilhosos que curam com incrível rapidez!

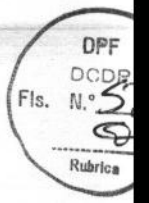
GOVERNADOR *(com um gesto de reprovação a Bobtchinski, diz a Khlestakov)*

Não é nada, podemos ir andando. Eu direi ao seu criado que leve a sua mala. *(A Óssip)* Meu amigo, leve tudo à minha casa. À casa do governador. Todo mundo na cidade sabe onde é. *(Fazendo um gesto para que Khlestakov passe)* Por favor!... *(Deixa que Khlestakov passe e o segue de perto, mas volta-se e diz, em tom de censura, a Bobtchinski.)* Cretino! Não encontrou lugar melhor para cair? Isso lá é maneira de se esparramar no chão? *(Saem todos.)*

ATO III

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.570.





CENA I

O mesmo cenário do primeiro ato. Anna Andreievna e Maria Antonovna estão junto à janela.

ANNA

Há mais de uma hora que estamos esperando. E pensar que foi você que com essa sua maldita vaidade nos fez ficar sem saber de nada. Que chateação! Não passa ninguém. Parece que todo mundo morreu!

MARIA

Eu lhe asseguro, mãezinha, que dentro de dois minutos vamos ficar sabendo de tudo. Avdótia deve chegar a qualquer momento. *(Olha pela janela e grita.)* Ai, mamãezinha, mãezinha! Vem vindo alguém na rua!

ANNA

Onde, onde está? Você sempre com suas fantasias. Ah, não, não! Vem alguém sim. Quem será? Baixinho... de fraque... quem será? Como me aborrece não saber! Quem será?

MARIA

É Dobtchinski, mãezinha!

ANNA

Imagine se é Dobtchinski! Você sempre enxerga aquilo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.571

que não vê. Não é Dobtchinski nem ninguém parecido. *(Acena com o lenço.)* Ei, ouça! Aqui! Depressa!

MARIA
É Dobtchinski sim, mãezinha!

ANNA
Ah, é Dobtchinski sim, agora vejo. Mas pra que tanta discussão? *(Grita pela janela.)* Depressa, depressa! Ande mais rápido! Bem... onde estão eles? Hein? Mas pra que subir, fale daí mesmo, tanto faz. Hein? O forasteiro é muito bravo, é? Hein? E meu marido?... Meu marido?! *(Afastando-se da janela, aborrecida)* Que imbecil, não vai contar nada enquanto não chegar aqui!

CENA II

Entra Dobtchinski.

ANNA
Vamos, agora conte, faça o favor! Que vergonha! E eu que confiava no senhor como um homem decente! Mas, de repente, todos desaparecem e o senhor com eles. E eu até agora sem saber o que está acontecendo! Não tem vergonha? Sou madrinha dos seus dois filhos e veja só como se comporta comigo!

DOBTCHINSKI
Por Deus, comadre, corri tanto para apresentar-lhe meus respeitos que estou sem fôlego!... Uff! Como está, Maria Antonovna?

MARIA
Bom dia, Piotr Ivanovitch!

ANNA
Bem... Que se passa? Conte! Que está acontecendo?

DOBTCHINSKI
Seu marido mandou-lhe um bilhetinho.

ANNA
Está bem. Mas que tal é ele, hein? É um general?

DOBTCHINSKI
Não, não é um general. Mas vale tanto quanto um general, tal a sua educação e finura. E se comporta de maneira tão importante!

ANNA
Ah! Quer dizer que deve ser o mesmo sobre o qual escreveram a meu marido, não é?

DOBTCHINSKI
O mesmíssimo. Eu fui o primeiro a descobrir, junto com Piotr Ivanovitch.

ANNA
Vamos, conte-me tudinho!

DOBTCHINSKI
Graças a Deus, agora tudo vai bem. Mas, no início, a verdade é que o visitante recebeu Anton Antonovitch com certa severidade. Zangou-se, disse que no hotel tudo ia mal, que não iria à casa de Anton Antonovitch, e que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.342

não queria ir para a cadeia por causa dele. Mas, depois, descobrindo a inocência de Anton Antonovitch e conversando bastante com ele, mudou de idéia, e tudo ficou bem, graças a Deus! Agora foram visitar o hospital... Houve um instante em que Anton Antonovitch temeu haver sido denunciado; eu mesmo me assustei um pouco.

ANNA

Mas por que haveria o senhor de se assustar? O senhor não é funcionário público!...

DOBTCHINSKI

Ah, minha senhora!... Quando fala um homem de tanta importância, a gente sente medo.

ANNA

Bobagem!... Mas conte-me. Que aspecto tem? É moço ou velho?

DOBTCHINSKI

Moço, moço. Deve ter uns vinte e três anos. Mas fala como um velho: "Eu", disse ele, "gosto de ler e escrever, mas neste quarto não há luz".

ANNA

E é loiro ou moreno?

DOBTCHINSKI

Nem uma coisa nem outra. Cabelos mais para o castanho e um par de olhos agitados que até nos confundem.

ANNA

Bem, vamos ver o que escreve o meu marido. *(Lendo)*

"Apresso-me a comunicar-te, querida, que minha situação era deplorável, mas graças à providência divina, por dois pepinos no vinagre e meia porção de caviar, um rublo e vinte e cinco copeques..." *(Interrompendo-se)* Não entendo nada... o que tem a ver pepino e caviar com a providência divina?

DOBTCHINSKI

É que Anton Antonovitch escreveu o recado nas costas de uma conta do hotel. *(Ri sem jeito.)*

ANNA

Ah, claro... *(Continua lendo.)* "... mas graças à providência divina, parece que tudo acabará bem. Prepara imediatamente o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede. Quanto ao almoço não te preocupes pois comeremos algo no hospital, com Artêmy Philippovitch, mas providencia para que haja bastante vinho: diga a Abdúlin que mande do melhor, senão, acabarei com seu armazém. Beijo-te as mãos, querida, do sempre teu, Anton Antonovitch Skovznik-Dmukhanovski..." Ai, Deus meu! Preciso andar depressa!... Ei, onde estão todos? Michka! Michka!

DOBTCHINSKI *(corre até a porta e grita)*

Michka! Michka! *(Entra o criado.)*

ANNA

Corra, Michka! Vá ao armazém do Abdúlin e... não, espere. Mandarei um bilhete para ele... *(Senta-se à mesa para escrever enquanto continua falando.)* Dê esse bilhete para Sidor, o cocheiro, diga para ele que corra e leve esse bilhete ao armazém de Abdúlin e que traga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 573.

DPF
DCDP
Fls. N.º 52
Rubrica

o vinho. E você arruma bem depressa o quarto amarelo para o hóspede. Ponha lá cama, bacia e tudo o mais.

DOBTCHINSKI
Bem, Anna Andreievna, eu vou correndo ao hospital para ver como anda a inspeção!

ANNA
Isso, vá, vá!... Não o prendo! *(Sai Dobtchinski.)*

CENA III

Anna Andreievna e Maria Antonovna.

ANNA
Bem, Machenka, agora temos de nos fazer muito elegantes. Esse homem vem da capital. Que Deus nos livre e guarde dele caçoar de nós. Você devia botar aquele vestido azul. Fica lindo em você!

MARIA
Ah, mãezinha! O azul, não! Eu não gosto! A filha de Liapkin-Tiapkin tem um vestido azul, e a filha de Zemlianika também. É melhor que eu vista o estampado!

ANNA
O estampado! O que você gosta mesmo é de me contrariar. O azul ficará muito bem em você porque eu quero vestir o cor de laranja que eu adoro!

MARIA
Ah, Mãezinha! O cor de laranja não te fica bem!

ANNA
Você disse que o cor de laranja não me fica bem?

MARIA
Claro que não. Aposto o que quiser: para usá-lo é preciso ter olhos bem pretos.

ANNA
Essa é boa! Que bobagem que você está dizendo? E eu, por acaso não tenho os olhos pretos? Os mais pretos do mundo!

MARIA
Digo-te que não são pretos, mãezinha!

ANNA
Bobagem, besteira, idiotice. Você não sabe o que está dizendo! *(Sai precipitadamente com Maria. Ouve-se ainda sua voz.)*

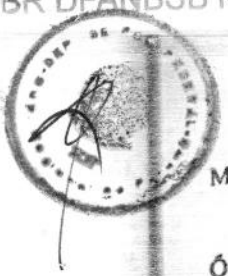
ANNA
Já se viu uma coisa dessas? Dizer que meus olhos não são pretos! Essa é muito boa!

(Quando elas se vão, aparece Michka que vem trazendo, com a vassoura, o lixo do quarto de hóspedes. Pela outra porta entra Óssip com uma mala na cabeça.)

CENA IV

Michka e Óssip.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.574.



DPF
DCDP
Fls. N.º 30
Rubrica

ÓSSIP
E agora, pra onde é que eu vou?

MICHKA
Por aqui, irmão, por aqui!

ÓSSIP
Espere um instante. Deixe-me respirar! Que vida! Quando a gente está com a barriga vazia, qualquer carga parece pesada!

MICHKA
Conte pra mim, irmão, o general vem logo?

ÓSSIP
Que general?

MICHKA
Seu patrão, ora essa!

ÓSSIP
Meu patrão, general?

MICHKA
Por que, não é general?

ÓSSIP
Quem?

MICHKA
Seu patrão!...

ÓSSIP
Ah! sim, general de opereta ele é.

MICHKA
Mas isso é mais ou menos que um general de verdade?

ÓSSIP
Mais.

MICHKA
Ah, bom. Então é por isso que todo mundo aqui está tão alvoroçado!

ÓSSIP
Ouça aqui, meu jovem. Pelo que vejo, você é um rapaz esperto. Prepare para mim alguma coisa de comer!

MICHKA
Pra você, irmão, não temos nada preparado, porque é claro que você não vai querer comer o trivial. É melhor esperar que seu patrão se sente à mesa. Assim você come o mesmo que ele.

ÓSSIP
E, por curiosidade, quais são os pratos triviais de que vocês dispõem no momento?

MICHKA
Aveia, sopa e torta.

ÓSSIP
Então, enquanto eu espero o almoço do patrão, pode me trazer aveia, sopa e torta. Não se preocupe, eu como de tudo. Bem, vamos levar a maleta. Há outra saída por aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 575.

DPF
DCDP
Fls. N.º 53
Rubrica

MICHKA
Sim. Vamos...

(Os dois saem, levando a maleta para o quarto ao lado.)

CENA V

Dois soldados abrem a porta principal. Entram Khlestakov, o governador, o diretor do hospital, o supervisor das escolas, Dobtchinski e Bobtchinski, esse, com emplastro no nariz. O governador mostra aos soldados um papel que está no chão e ambos correm para apanhá-lo, empurrando-se mutuamente.

KHLESTAKOV
Que lindo hospital!... Fico satisfeitíssimo que os senhores tenham adquirido o hábito de mostrar aos turistas tudo o que vale a pena ser visto nesta cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR
Nos outros lugares, se o senhor me permite, os governadores e demais funcionários só pensam em ganhar dinheiro às custas do erário público. Aqui é o contrário. Só pensamos em merecer a atenção de nossos superiores, pelo nosso labor, trabalho e abnegação!

KHLESTAKOV
O almoço foi excelente. Comi até encher a barriga. Aqui todos os dias se come assim?

GOVERNADOR
O almoço foi preparado *ex professo* para tão grado visitante.

KHLESTAKOV
Quero confessar-lhes uma coisa. Eu gosto de comer. Afinal é para isso que se vive: para colher todas as flores no jardim do prazer. Como é que se chama mesmo aquele peixe?

ARTÊMY *(aproxima-se correndo e fazendo uma reverência)*
Bacalhau.

KHLESTAKOV
Bacalhau! É muito saboroso! E onde foi que nós almoçamos? No hospital, não foi?

ARTÊMY
Foi lá, sim.

KHLESTAKOV
Ah, agora me lembro, tinha uma porção de camas. E os doentes, onde estavam? Tive a impressão que havia uma carência de doentes. Que é que houve, eles se curaram?

ARTÊMY
Ficaram uns dez no máximo. Os outros todos já se restabeleceram. Aqui é assim. Desde que eu fui nomeado para o cargo de diretor do hospital — e sei que isso pode parecer incrível — todos os doentes se curam, num abrir e fechar de olhos, como moscas. Mal o paciente tem tempo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 576.
DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

de entrar no hospital, e já está curado. E isso não se deve tanto aos remédios, mas sim à honra e à austeridade com que eu dirijo esse estabelecimento.

GOVERNADOR

Eu só lhe posso dizer que os deveres de um governador dão uma enorme dor de cabeça. São tantos assuntos para resolver! . . . Limpeza pública, conservação das ruas, aumentos do funcionalismo. Numa palavra, o homem mais inteligente se veria em palpos de aranha. Mas, graças a Deus, tudo vai bem. Um outro governador, naturalmente só pensaria no seu bem-estar. Mas eu não. Mesmo dormindo, meu pensamento está com o povo. Sonho com o povo todas as noites. E sempre me pergunto: "Meu Deus, como poderei fazer para que meus chefes e superiores vejam todo o meu zelo e fiquem satisfeitos comigo?" Evidentemente, não sei se serei premiado pela minha dedicação. Isso é uma coisa que depende deles. Mas, pelo menos, viverei em paz com a minha consciência; se na cidade reina a ordem e a tranqüilidade, se as ruas estão bem varridas, se os presos estão devidamente encarcerados e vivem contentes, se os bêbados são poucos, que mais posso eu desejar? Não quero honrarias, embora honrarias seduzam, porque diante da virtude elas não passam de ouropéis e vaidades!

ARTÊMY *(à parte)*

Deus o favoreceu com o dom da eloqüência. Mas ele só a usa para falar bem de si mesmo.

KHLESTAKOV

Eu às vezes também gosto de ficar meditando e chego a escrever em prosa, faço até mesmo versinhos.

BOBTCHINSKI *(a Dobtchinski)*

Exato, Piotr Ivanovitch, ele faz algumas observações que . . . logo se vê, é um homem culto.

KHLESTAKOV *(para o governador)*

Eu queria perguntar uma coisa. Os senhores não têm por aqui algum passatempo? Por exemplo, reuniões sociais onde possam jogar cartas?

GOVERNADOR *(à parte)*

Já sei onde é que você quer chegar, querido. *(Em voz alta)* Livre-nos Deus e guarde! Aqui, nesta cidade, nunca sequer ouvimos falar em semelhantes reuniões sociais. Eu, de minha parte, durante toda a minha vida, jamais pus as mãos em uma carta. Não entendo nada disso e nem sei como se joga. Nunca pude olhar um baralho com indiferença. E, se por uma casualidade, eu chego a ver um rei-de-copas, um ás-de-paus, um valete, ou outra carta qualquer, sinto vômitos. Certa vez, para divertir as crianças, fiz um castelo de cartas. Pois bem, durante toda a noite sonhei com essas figuras malditas. Ao inferno com todos os baralhos! Como é possível perder desse modo o nosso tempo tão precioso!

LUKA *(à parte)*

E esse sem-vergonha ontem me ganhou cem rublos.

GOVERNADOR

Prefiro dedicar todo meu tempo ao serviço da pátria!

KHLESTAKOV

O senhor está exagerando. Tudo isso é relativo. Se, por exemplo, estou jogando e me falta uma carta para com-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PE.0413,p.577.

DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

pletar uma canastra, então naturalmente... para falar francamente, até que um joguinho de vez em quando não vai nada mal!

CENA VI

Os mesmos, Anna Andreievna e Maria Antonovna.

GOVERNADOR

Bem... *(Entram Anna Andreievna e Maria Antonovna.)* Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha esposa e minha filha...

KHLESTAKOV *(com uma reverência)*

Quão feliz estou, minha senhora, por ter o prazer de fitá-la!

ANNA

Somos nós, senhor, que temos o prazer e a honra de receber em nossa casa personagem tão ilustre!

KHLESTAKOV *(jactando-se)*

Absolutamente, minha senhora, é exatamente o contrário. A honra é toda minha!

ANNA

Não, não, o senhor fala assim por delicadeza. Sente-se, por favor.

KHLESTAKOV

Estar de pé ao seu lado já é uma felicidade. Que direi então se sentar!... Sinto-me demasiadamente feliz em estar finalmente sentado ao seu lado.

ANNA

Por favor. Não me atrevo a crer no que me diz! Imagino que depois de viver na metrópole, esta viagem campestre deve lhe ter sido muito desagradável!

KHLESTAKOV

Extraordinariamente desagradável. Quando uma pessoa se habitua a viver na sociedade... *comprenez vous*... isso de inesperadamente viajar numa carroça, morar numas espeluncas imundas onde reinam as trevas da ignorância, sofrer a brutalidade dos hoteleiros que não compreendem que um homem precisa comer, é abominável. Mas eis que o caso me recompensou. Estou sentado ao seu lado.

(Khlestakov está olhando Anna de alto a baixo, numa atitude donjuanesca.)

ANNA

Realmente, que maus momentos deve ter passado o senhor!

KHLESTAKOV

De fato, mas sinto-me inteiramente recompensado pelo magnífico momento que vivo agora, ao seu lado!

ANNA

Não posso acreditar, o senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 578.

DPF
DCDP
Fls. N.
Rubrica

KHLESTAKOV

Por que não haveria de merecer? Claro que merece, minha senhora!...

ANNA

Eu, uma provinciana?!...

KHLESTAKOV

Mas é na província que se encontram as montanhas, os riachos, os arroios murmurantes. É claro que não se pode comparar uma cidadezinha como essa a São Petersburgo! Ah, São Petersburgo, que vida! Talvez a senhora pense que eu seja um simples escriturário. Está enganada. O chefe de seção é meu amigo íntimo. Às vezes me dá uma palmada no ombro e fala assim: "Venha almoçar comigo, meu velho!" — Quase não apareço na repartição. Só vou lá para dar ordens: "Faça-se isso, faça-se aquilo". E nem bem acabo de falar, todos metem a cara nos papéis. Queriam até me nomear secretário do ministro. Mas eu respondi: "Para quê? Que é isso? Deixa isso para lá, não vale a pena". — O contínuo corre sempre atrás de mim, com uma escova na mão, e diz: "Excelência, quero ter a honra de engraxar suas botas!" *(Ao governador)* Por que é que os senhores estão de pé? Tenham a bondade de sentar-se!

GOVERNADOR

Diante de tanta hierarquia, é mais digno ficar de pé!

ARTÊMY *(ao mesmo tempo)*

É melhor ficar de pé.

LUKA *(ao mesmo tempo)*

Não se preocupe.

KHLESTAKOV

Deixemos de lado a hierarquia. Eu peço que se sentem. *(O governador e os demais se sentam.)* Não gosto de tanta cerimônia. Pelo contrário, prefiro até não ser notado. Mas no meu caso, é impossível passar despercebido. Em qualquer lugar que eu vá ouço sempre dizer: "Olha quem está aí! Ivan Aleksandrovitch!" Uma vez até me confundiram com o marechal. E os soldados vieram correndo dos quartéis para me apresentar armas. Mais tarde o comandante, que é muito meu amigo, explicou tudo: "Pois é, meu irmão, nós confundimos você com o marechal!"

ANNA

Não me diga!

KHLESTAVOK

E tem mais. Eu também conheço muitas atrizes lindas. Já escrevi até alguns *vaudevilles*. Vocês compreendem, não é? Eu me encontro freqüentemente com os literatos. Sou amigo pessoal de Puchkin. Às vezes eu digo a ele: "Como é, Puchkinzinho, meu irmão?" — E ele me responde: "Estamos aí, vamos levando". É um indivíduo muito original.

ANNA

Então, o senhor também escreve. Como deve ser agradável! Certamente o senhor publica os seus artigos nas revistas!

KHLESTAKOV

Freqüentemente. Já escrevi muita coisa boa: *Bodas de Fígaro, Fedra, Tartufo*, já nem me lembro mais direito.

DPF
DCDP
Fls. N.º
Rubrica

Foi tudo obra do acaso. Eu nem tinha vontade de escrever, mas a direção artística do teatro me dizia: "Por favor, irmãozinho, escreva alguma coisa pra gente". — Então eu pensava: "Vamos dar uma alegriazinha pra eles". E numa noite, escrevi tudo. Eles evidentemente ficaram assombrados. Minha agilidade mental é maravilhosa. Tudo que foi publicado com o pseudônimo de Voltaire, é *(aponta para si próprio)*... meu!... *Cândido*, *Heloísa*. Numa noite, escrevi isso tudo!

ANNA
Ah, então Voltaire é o senhor?

KHLESTAKOV
Claro! Além disso eu corrijo os livros dos outros todos. Diderot, por exemplo, me paga quarenta mil rublos por volume.

ANNA
E por acaso *Romeu e Julieta* é também uma obra sua?

KHLESTAKOV
Essa então é a mais conhecida!

ANNA
Foi o que eu imaginei!

MARIA
Mas, mamãe, todo mundo diz que *Romeu e Julieta* foi escrita por Shakespeare.

ANNA
Eu tinha certeza que você iria me contradizer!

KHLESTAKOV
Bem, ambas têm razão. Há um segundo *Romeu e Julieta* que foi de fato escrito por Shakespeare, mas eu também escrevi o meu.

ANNA
Eu li o seu! Por sinal, muito bem escrito.

KHLESTAKOV
Eu confesso. Eu vivo da literatura. Minha casa é a melhor de São Petersburgo. É muito conhecida. Lá só se fala da casa de Ivan Aleksandrovitch. *(Voltando-se para os outros)* Façam-me o favor, senhores. Quando forem a São Petersburgo, não deixem de me visitar. De vez em quando eu dou um baile...

ANNA
Suponho que são bailes suntuosos e de muito bom gosto!

KHLESTAKOV
Nem queira imaginar. Só para dar um exemplo, os melões que eu sirvo custam setecentos rublos cada um. A sopa vem diretamente de Paris. Levanta-se a tampa e sai um olor nunca visto. Todos os dias eu vou a bailes. Formamos um quinteto para jogar cartas. O ministro das Relações Exteriores, o embaixador francês, o embaixador inglês, o embaixador alemão e eu. Às vezes a gente até se cansa de tanto jogar. Quando volto para casa, subo os quatro andares e mal tenho forças de dizer para a cozinheira: "Segura meu capote, Mavra". Mas não! Que besteiras estou dizendo! Eu moro no primeiro andar. Tenho uma escada tão suntuosa que só isso me custou... É muito curioso observar a minha ante-sala um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-580

pouco antes de eu me levantar. Condes, duques, barões se empurram e zumbem como um enxame de abelhas. De vez em quando aparece um ministro. *(O governador e os outros intimidados se levantam.)* Quando me mandam uma encomenda, no sobrescrito eles escrevem: "Para Sua Excelência". Uma vez fui até chefe de repartição e logo o diretor-geral foi embora... e não se sabe para onde. Naturalmente, começou-se a falar num possível substituto. Muitos generais tentaram ocupar esse cargo. Mas tiveram de desistir. Era difícil demais. A tarefa parecia simples, mas na verdade era uma parada bem difícil. Finalmente, vendo que não havia nada mais a fazer, recorreram a mim. Começaram mandando uma legião de emissários, um atrás do outro, um atrás do outro: "Ivan Aleksandrovitch, venha dirigir a nossa repartição". Eu confesso que fiquei um pouco desorientado. Recebi-os em *robe de chambre,* e ia recusar quando pensei: "o czar poderá ficar sabendo da minha recusa". Isso seria a única nota destoante da minha folha de serviços. "Bem, senhores, aceito o cargo", disse eu, "assim seja. Mas comigo... muito cuidado... muito cuidado... porque eu..." E foi dito e feito, quando entrei na repartição, parecia um terremoto. Todos tremiam como folhas ao vento. *(O governador e os outros tremem de terror: Khlestakov está cada vez mais ameaçador.)* Comigo nada de brincadeira! Fiz todo mundo entrar na linha. De mim todos têm medo. Até o próprio Conselho Imperial. É claro! E por que não? Eu sou assim! Não poupo ninguém. Eu digo a todo mundo: "Eu sei quem sou". Vou a todos os lugares. Visito o palácio pelo menos uma vez por dia. E logo, vou ser nomeado para o ministé...

(Escorrega e pouco lhe falta para cair debruço no chão. Mas os funcionários o seguram respeitosamente. O governador aproxima-se dele, tremendo dos pés à cabeça, e faz um grande esforço para falar.)

GOVERNADOR
Exce... Exce... Exce...

KHLESTAKOV *(rapidamente, com voz cortante)*
O que foi?

GOVERNADOR
Exce... Exce... Exce...

KHLESTAKOV *(com a mesma voz, ameaçador)*
Mas que há? Estão ficando loucos? Não estou entendendo mais nada!

GOVERNADOR
Exce... Excelência! Vossa Excelência não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

KHLESTAKOV
Descansar? Mas que estupidez! Bem, assim seja. Aceito descansar. O almoço, meus senhores, estava muito gostoso. Estou contente, contente... *(Com ênfase)* Bacalhau!... Bacalhau!... *(Sai por uma porta lateral, seguido pelo governador.)*

CENA VII

Os mesmos, menos Khlestakov e o governador.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.04413,p-581

BOBTCHINSKI *(a Dobtchinski)*
Esse sim é um homem, Piotr Ivanovitch. Aí está o que significa ser um homem. Eu nunca estive na presença de uma personalidade tão importante. Na sua opinião, qual será a patente dele?

DOBTCHINSKI
Não lhe deve faltar muito para ser um general!

BOBTCHINSKI
Pois na minha opinião, um general não lhe chega nem aos pés. Mas se é um general, será pelo menos um generalíssimo. E as coisas que ele contou do Conselho Imperial! Venha, vamos depressa contar tudo a Ammoss Fiedorovitch e a Korobkin. Até logo, Anna Andreievna.

DOBTCHINSKI
Até logo, comadre!

(Saem ambos.)

ARTÊMY *(a Luka)*
A verdade é que todos nós estamos com medo e nem sabemos de quê. E nem ao menos nos vestimos a rigor. O que será que vai acontecer amanhã, quando ele acordar? Se lhe der na cabeça mandar uma denúncia para São Petersburgo? *(Saem com ar pensativo, os dois — Artêmy e Luka — dizendo)* Adeus minha senhora!

CENA VIII

Anna Andreievna e Maria Antonovna.

DPF
DOD
Fls. N.º
Rubric

ANNA
Que homem agradável!

MARIA
É um encanto!

ANNA
Que maneiras tão finas! Logo se vê que é alguém da capital! Adoro jovens assim! Adoro com verdadeira loucura! Eu acho que ele gostou muito de mim. Isso eu pude observar. Não parava de olhar para mim.

MARIA
Ah, mãezinha, era para mim que ele estava olhando!

ANNA
Por favor, querida, não diga absurdos. Isso é completamente fora de propósito.

MARIA
Eu juro que era pra mim, mãezinha.

ANNA
Você não se corrige mesmo! Claro que você tem sempre de discutir comigo! Para que ele iria olhar para você?

MARIA
É verdade, mãezinha, garanto que ele olhou. Quando começou a falar de literatura, olhou para mim e depois, quando estava contando como jogava cartas com os embaixadores, tornou a olhar.

ANNA
Bem, é possível que uma vez ou outra ele tenha olhado

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 582

DPF
DCDP
Fls. N.° 5
Rubrica

pra você, só por desfastio! Com certeza ele pensou assim: "Bem, deixe-me olhar um pouco para ela também, coitada!"

CENA IX

Entra o Governador, na ponta dos pés.

GOVERNADOR
Psiu... Psiu...

ANNA
O que é?

GOVERNADOR
Eu não devia ter deixado que ele bebesse tanto. Se metade do que ele disse é verdade, estou perdido. E por que não haveria de ser verdade? Quando um homem bebe, diz sempre a verdade. Claro que deve ter mentido um pouco. Mas, sem mentira não pode haver uma boa conversa. Joga cartas com ministros e entra no Palácio quando quer. Quanto mais penso nisso, maior o caos na minha cabeça!

ANNA
Pois ele não me intimidou nem um pouco. Nele eu vi simplesmente um homem do mundo, culto. As patentes não me interessam.

GOVERNADOR
Ah, vocês mulheres! São mulheres e isso basta! Pra vocês nada tem importância. Você falou com ele como se fosse um Dobtchinski qualquer.

ANNA
Se quer um conselho, não se preocupe. Nós duas sabemos certas coisas... *(Olha fixamente a filha.)*

GOVERNADOR
Para que eu vou perder tempo falando com vocês? Que barbaridade! Meu susto foi tão grande que ainda não passou. *(Abre a porta e fala para fora.)* Michka, chama os soldados Svistunov e Dierjimorda. Eles devem estar perto. *(Pausa breve.)* Estranho mundo este! Se, pelo menos, ele fosse um homem que se impusesse pelo aspecto respeitável, imponente, mas é magrinho, pequeninho, pálido. Como seria possível adivinhar quem ele é? Se ao menos fosse militar seria mais fácil reconhecê-lo pelo uniforme; mas ele vem vestindo fraque. Parece uma mosca de asa torta. E no hotel, falando daquele jeito, cheio de rodeios. Cheguei a pensar que a gente nunca iria se entender. Mas finalmente se entregou de armas e bagagens. Falou até mais do que devia. Bem se vê que é um jovem!

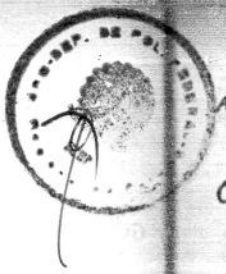
CENA X

Entra Óssip e todos correm ao seu encontro, chamando-o com o dedo.

ANNA
Venha cá, meu queridinho!

GOVERNADOR
Psiu!... Ele está dormindo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 383.



DPF DCDP Fls. N.º 57 Rubrica

ÓSSIP
Não! Ainda está se espreguiçando.

ANNA
Ouça. Como é seu nome?

ÓSSIP
Óssip, minha senhora!

GOVERNADOR *(à mulher e à filha)*
Calem-se! Basta! *(A Óssip)* Então, meu amiguinho, comeu bem?

ÓSSIP
Muito bem, obrigado.

ANNA
É verdade que seu patrão recebe muitos condes e duques?

ÓSSIP *(à parte)*
Que é que eu devo responder? Se a comida agora foi boa, depois vai ser melhor ainda!... *(Em voz alta)* Sim, costuma receber muitos condes.

MARIA
Óssip, meu tesouro, como é elegante o seu patrão!

ANNA
Diga-me, Óssip, como é que ele...

GOVERNADOR
Chega! Chega! Com essa tagarelice toda, vocês o põem tonto. Que é que você acha, meu amigo?

ANNA
Qual é a patente do seu patrão?

ÓSSIP
A patente? Nem queira saber!

GOVERNADOR
Ah, meu Deus! Quando é que vocês vão parar com essas estúpidas perguntas? Não me deixam falar nem um momento de coisas concretas. Vamos, meu amigo, diga-me como é o seu patrão. Severo? Gosta de passar sermões?

ÓSSIP
Ele gosta de ordem. Quer que tudo esteja sempre em ordem.

GOVERNADOR
Simpatizo muito com você, meu amigo. Você deve ser um bom rapaz. Olhe...

ANNA
Óssip, o seu patrão usa uniforme?

GOVERNADOR
Basta, basta! Gralhas! Precisamos falar de coisas positivas. Está em jogo a vida de um homem! *(A Óssip)* Como estava dizendo, meu amigo, simpatizo muito com você. Antes de dormir é bom que você tome outra xícara de chá. O daqui de casa já está frio. Por isso pegue esse dinheiro e beba lá fora.

ÓSSIP *(pegando o dinheiro)*
Agradecidíssimo, meu senhor. Que Deus lhe dê saúde e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p 584.

a toda a sua gente! O senhor acaba de ajudar a um pobre homem!

GOVERNADOR

Não foi nada! Não foi nada! Fico até muito satisfeito. Conte-me uma coisa...

ANNA

Óssip, queridinho, me conte, seu patrão prefere olhos de que cor?

MARIA

Óssip, meu tesouro, você já reparou como o seu patrão tem o nariz pequenininho?

GOVERNADOR

Mas, pelo amor de Deus, me deixem falar com ele. Por favor, meu amigo, me responda uma coisa. O que mais agrada a seu patrão, quando viaja? O que mais chama a sua atenção?

ÓSSIP

Depende. Acima de tudo, ele gosta de comer bem.

GOVERNADOR

Bem?

ÓSSIP

Exatamente, muito bem. E comigo, que não passo de um simples servo, ele também se preocupa e quer que eu seja atendido devidamente. Às vezes visitamos alguém e logo ele me pergunta: "Óssip, deram-lhe boa comida?" E eu respondo: "Má, Excelência". Aí, ele diz: "Ah, essa gente

não presta. Lembre-me disso quando chegarmos à capital!" E aí eu penso comigo mesmo... *(fazendo um gesto)* "Bah! Que Deus os perdoe. Eu sou um homem simples..."

GOVERNADOR

Assim é que se fala. Aquele dinheiro foi para o chá. Agora, tome mais algum para os pasteizinhos!

ÓSSIP *(pegando o dinheiro)*

Por que se preocupa tanto, Excelência! *(Guarda o dinheiro.)* Vou beber à sua saúde!

ANNA

Óssip, venha cá. Eu também quero dar!

MARIA

Óssip, meu tesourinho, leve um beijo para seu patrão.

(Ouve-se barulho no quarto de Khlestakov.)

GOVERNADOR

Psiu! *(Fica na ponta dos pés e diz em voz baixa)* Pelo amor de Deus, não façam o menor barulho! Vão as duas embora! Já chega!

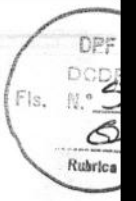
ANNA

Vamos, minha filha. *(Ao governador)* Já lhe disse que observamos certas coisas em nosso hóspede que só podem ser comentadas entre mulheres...

GOVERNADOR

Então vão comentar na outra sala. Para se entender as

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 585.



mulheres a única coisa sensata é tapar os ouvidos. *(A Óssip)* Bem, meu amigo...

CENA XI

Entram Dierjimorda e Svistunov.

GOVERNADOR

Psiu!... Parecem cavalos dando coices no chão. Entram como animais! Onde é que vocês estavam?

DIERJIMORDA

Cumprindo ordens!

GOVERNADOR

Psiu! *(Tapa a boca do soldado.)* Precisa mugir desse jeito? *(Imitando)* Cumprindo ordens!... Parece estar gritando num barril. *(A Óssip)* Bom, meu amigo, cuide de seu patrão. Pode pedir tudo o que for necessário. *(Óssip sai.)* E vocês fiquem de guarda na varanda e não se mexam dali. Não deixem entrar nenhum estranho, principalmente se for comerciante. Se entrar um que seja, eu... Se alguém se aproximar com uma queixa, mesmo que não esteja escrita, mas que venha com cara de quem vai se queixar de mim, segurem-no pelo pescoço e podem baixar o pau. *(Gesto de cacetada.)* Eu sei que vocês me entendem. Psiu... Psiu...

(Sai na ponta dos pés e, atrás dele, os soldados.)

ATO IV

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 586.

DPF
DCDP
Fls. N.º 50
Rubrica

CENA I

A mesma sala, na casa do governador. Entram cautelosamente, quase na ponta dos pés, Ammoss Fiedorovitch, Artêmy Philippovitch, o chefe dos correios, Luka Lukitch, Bobtchinski e Dobtchinski. Os últimos trajando a rigor e os outros em uniforme de gala. Toda a cena se desenrola à meia voz.

AMMOSS FIEDOROVITCH *(reúne os outros em semicírculo)*

Pelo amor de Deus, senhores, formemos um círculo fechado, dentro da mais perfeita ordem! Deus seja louvado! Esse homem vai a palácio todos os dias e discute muito à vontade com o Conselho Imperial. Teremos de comportar-nos diante dele com todo aprumo, assim como militares. O senhor Piotr Ivanovitch coloque-se deste lado e o senhor Piotr Ivanovitch do outro. *(Ambos os Piotr Ivanovitch correm, na ponta dos pés.)*

ARTÊMY

O senhor pode dizer o que quiser, Ammoss Fiedorovitch, mas é preciso fazer alguma coisa.

AMMOSS

O que, por exemplo?

ARTÊMY

O senhor sabe o que eu estou querendo dizer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 587.

DPF
DCDP
Fls. N.º
Rubrica

AMMOSS

Acha que devemos tentar . . . amaciá-lo?

ARTÊMY

Amaciar é uma boa palavra.

AMMOSS

É muito perigoso. Ele pode se ofender. Não se esqueça que ele é um alto funcionário. Não seria melhor oferecer dinheiro a ele como se fosse alguma subscrição da nobreza para que ele construa um monumento . . .

CHEFE DOS CORREIOS

Ou então a gente podia dizer assim: "Veja só o dinheiro que chegou pelo correio com destino desconhecido!"

ARTÊMY

Tome cuidado para que ele não mande o senhor para destino desconhecido. Escutem, o suborno, num país civilizado, obecede a certas regras. Não é feito assim, de qualquer maneira. Por que deveríamos ir todos juntos, como um batalhão, para subornã-lo? Temos de ir um a um. E quando só estiverem quatro olhos presentes, põe-se-lhe na mão alguma coisa. Bem, os senhores me entendem. E a coisa deve ser feita tão sutilmente que nem os quatro olhos percebam o que as mãos estão fazendo. É assim que se faz numa sociedade bem organizada! O senhor será o primeiro, Ammoss Fiedorovitch.

AMMOSS

Não. É melhor o senhor. Afinal de contas, foi no seu hospital que o ilustre hóspede almoçou.

ARTÊMY

Seria melhor ainda que fosse o senhor Luka, que poderia utilizar sua grande experiência como orientador espiritual da juventude.

LUKA

Eu não posso, meus senhores. Não posso! Confesso que recebi uma educação tão esmerada e é suficiente que me encontre na presença de um superior para que me acovarde e perca inteiramente a fala. Não senhores, por favor, me desculpem, me desculpem.

ARTÊMY

Então, Ammoss Fiedorovitch, o senhor é insubstituível. Sua eloqüência é comparável à do próprio Cícero.

AMMOSS

Nada disso! Cícero também é exagero. Se uma vez ou outra me entusiasmo falando de assuntos domésticos ou de um cão perdigueiro . . .

TODOS *(atacando)*

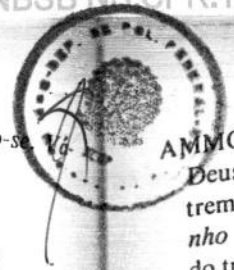
Não apoiado! O senhor sabe falar não só de cachorros, mas também da criação do mundo. Vamos, Ammoss Fiedorovitch, não nos abandone. Seja nosso pai! Vamos, Ammoss Fiedorovitch!

AMMOSS

Deixem-me em paz, meus senhores! . . .

(Ouvem-se passos e tosse no quarto de Khlestakov. Todos precipitam-se para a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-588.



porta atropelando-se e empurrando-se várias exclamações à meia voz.)

VOZ DE BOBTCHINSKI
Ai, Piotr Ivanovitch! O senhor pisou no meu pé!

VOZ DE ARTÊMY
Largue-me, largue-me! Assim não posso respirar!

(Ouvem-se vários ais. Todos saem, empurrando-se mutuamente, e a sala fica vazia.)

CENA II

Entra Khlestakov, sonolento.

KHLESTAKOV
Pelo visto, dormi como Deus manda. Onde será que essa gente foi buscar tantos travesseiros e colchas? Estou até suando! Tenho a impressão de que ontem me deram uma bebida tão forte que até agora me dói a cabeça. Pelo que estou vendo, aqui se pode passar o tempo agradavelmente. Gosto da boa vontade dessa gente. E a filha do governador não é de se jogar fora. E até mesmo a velha está tão bem conservada que eu bem podia... Francamente, essa vida me agrada.

CENA III

Khlestakov e o juiz.

AMMOSS *(à parte)*
Deus meu, livrai-me desse transe! Meus joelhos estão tremendo. *(Em voz alta, perfilando-se e segurando o punho da espada)* Tenho a honra de me apresentar: juiz do tribunal, conselheiro Liapkin-Tiapkin.

KHLESTAKOV
Tenha a bondade, senhor Liapkin-Tiapkin. Sente-se. De modo que o senhor é o juiz dessa cidade?

AMMOSS
Em 1816, fui eleito para um período de três anos em obediência à vontade da nobreza e, desde então, continuo neste cargo.

KHLESTAKOV
O que é que o senhor lucra sendo juiz?

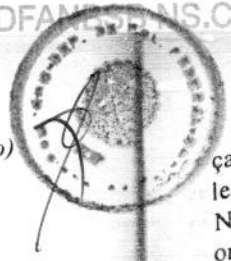
AMMOSS
No primeiro ano de serviço, recebi a ordem de São Vladimir, de quarta categoria, com menção honrosa. *(À parte)* Estou com o dinheiro na mão e ela me arde como se estivesse pegando fogo.

KHLESTAKOV
Gosto muito da ordem de São Vladimir. Já da ordem de Sant'Ana, que é da terceira classe, eu não gosto tanto.

AMMOSS *(avançando um pouco, de mão fechada, à parte)*
Meu Deus, tenho a impressão de que estou sentado em brasas!

KHLESTAKOV
O que é que o senhor tem na mão?

BR DFANRJ.ANS.CPR.TEA.PTE.0413,p-589



AMMOSS *(assustadíssimo, deixa cair o dinheiro)*
Nada, nada.

KHLESTAKOV
Como nada? Olha o dinheiro aí no chão.

AMMOSS *(tremendo da cabeça aos pés)*
Não é verdade, não é verdade! De forma alguma! *(À parte)* Ai, Deus meu! Já estou me vendo preso, diante dos tribunais!

KHLESTAKOV *(pegando o dinheiro)*
É dinheiro, sim!

AMMOSS *(à parte)*
Tudo se acabou. Sou um homem perdido. Destruído!

KHLESTAKOV
Sabe de uma coisa, empreste-me esse dinheiro!

AMMOSS *(vivamente)*
Como não, como não! Com muitíssimo gosto, muito obrigado! *(À parte)* Coragem, coragem! Livrai-me desse transe, Virgem Maria!

KHLESTAKOV
O senhor compreende. Durante a viagem gastei mais do que eu pensava. A vida está cada vez mais cara. Assim que voltar para casa, mandarei seu dinheiro de volta...

AMMOSS
Por favor, não se preocupe! Para mim é uma grande honra!... Naturalmente eu... com minhas poucas forças... meu zelo e abdicação... trato de bem servir, lealmente, aos meus superiores. *(Levanta-se e perfila-se.)* Não me atrevo a importuná-lo por mais tempo. Alguma ordem, Excelência?

KHLESTAKOV
Que ordem?

AMMOSS
Quero dizer... não deseja ordenar nada ao juiz local?

KHLESTAKOV
Pra quê? Atualmente não tenho problemas com a justiça. Mas, em todo caso, muito agradecido!

AMMOSS *(faz uma reverência e retira-se; à parte)*
Estamos salvos, salvos!

KHLESTAKOV *(sozinho)*
O juiz é um homem bom!

CENA IV

Entra o chefe dos correios; perfila-se, segurando a espada.

CHEFE DOS CORREIOS
Tenho a honra de apresentar-me: chefe dos correios, conselheiro Chpekin, de quinta categoria!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,P 540
DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

KHLESTAKOV

Encantado em conhecê-lo. Gosto muito das pessoas agradáveis. Sente-se! O senhor vive sempre por aqui, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

Sim, senhor.

KHLESTAKOV

Gosto desta localidade. É verdade que a população não é das mais numerosas, mas... e daí? Afinal de contas, isto não é a capital. Não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

A pura verdade, meu senhor.

KHLESTAKOV

É só na capital que reina o bom-tom. E não existem esses provincianos de mau gosto. Não lhe parece?

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é. *(À parte)* Apesar de tudo não é um homem orgulhoso, quer saber tudo.

KHLESTAKOV

Mas, até mesmo num povoadozinho, pode-se viver feliz.

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é, meu senhor.

KHLESTAKOV

O que é necessário para a felicidade? Na minha opinião, é suficiente que um homem seja respeitado e sinceramente querido!

CHEFE DOS CORREIOS

É a pura verdade!

KHLESTAKOV

Muito me alegra que sua opinião coincida sempre com a minha. Naturalmente dirão que sou um tipo original. Mas o meu caráter é assim. *(Olha-o nos olhos e diz para si mesmo.)* Vou pedir dinheiro emprestado a esse também. *(Em voz alta)* Sabe que na viagem aconteceu comigo um fato insólito? Fiquei totalmente sem dinheiro. O senhor não poderia me emprestar trezentos rublos?

CHEFE DOS CORREIOS

Como não! Eu considero isso uma grande felicidade! Disponha de mim, faça-me o favor. Estou às suas ordens, de todo o coração!

KHLESTAKOV

Muitíssimo obrigado! Confesso que, quando viajo, não gosto de me privar de nada. Para que, não é verdade?

CHEFE DOS CORREIOS

Assim é, meu senhor. *(Levanta-se, perfila-se, segurando a espada.)* Não me atrevo a importuná-lo mais com a minha presença. O senhor deseja fazer alguma observação sobre os correios?

KHLESTAKOV

Que idéia!? Claro que não! *(O chefe dos correios faz uma reverência e sai. Khlestakov acende um charuto.)* Quero crer que também o chefe dos correios é um homem excelente. Pelo menos, serviçal. E eu gosto desse tipo de gente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-591

DPF
DCDP
Fls. N.º 56
Rubrica

CENA V

Entra Luka, empurrado pelos outros. Atrás dele ouve-se, claramente: "Por que essa covardia? Vá, não tenha medo".

LUKA *(perfilando-se, tremendo, segura a espada)*
Tenho a honra de me apresentar: diretor das escolas, conselheiro de terceira categoria, Luka Lukitch.

KHLESTAKOV
Entre, tenha a bondade. Sente-se. Quer um charutinho? *(Dá-lhe um charuto.)*

LUKA *(à parte)*
Por essa eu não esperava. Aceito ou não aceito?

KHLESTAKOV
Tome! A marca é boa. Claro que não se compara com os da capital. Lá, meu irmão, eu fumava cigarrilhas de vinte e cinco rublos cada uma. Tinha vontade de beijar as mãos depois de fumar. Tome fogo... *(Luka não sabe o que fazer.)* Por quê? O senhor não fuma?

LUKA
Fumo, fumo... Mas se o senhor quiser posso largar hoje mesmo!...

KHLESTAKOV *(rindo)*
Vamos, deixe de histórias. *(Luka tenta acender o charuto, mas treme da cabeça aos pés.)* Acende do outro lado...

LUKA *(assustado, treme; deixa o charuto cair; tem um gesto de desalento e diz, à parte)*
O diabo que me carregue! Fui vencido pela minha maldita timidez!

KHLESTAKOV
Pelo que vejo, o senhor não gosta tanto assim de fumar. Eu, ao contrário. É meu vício predileto! Cigarros e mulheres. Confesso que não consigo ficar indiferente diante do belo sexo. E o senhor, quais prefere, hein, louras ou morenas?

LUKA *(fica absolutamente desconcertado e não sabe o que dizer)*
Não ouso...

KHLESTAKOV
Responda com toda a franqueza, louras ou morenas?

LUKA
Eu... eu... eu não me atrevo a saber a minha própria opinião!

KHLESTAKOV
Vamos, não seja tão evasivo! Faço absoluta questão de conhecer as suas predileções!

LUKA
Eu me permito informar a V. Excia. que em relação às louras... *(À parte)* Já não sei mais o que estou dizendo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.542.

KHLESTAKOV

Ah, não quer falar, hein? Escondendo o jogo... Vai ver alguma moreninha, por aí, hein... oh, ficou vermelho! Ah, ah! Por que não responde?

LUKA

Não, é que... Exce... a timidez... Reverendíssima, é que, Alteza... Majestade!!! *(À parte)* Maldita língua, me traiu!

KHLESTAKOV

Timidez? Eu bem sei que nos meus olhos existe alguma coisa que provoca a timidez e a covardia. Pelo menos, até agora, nenhuma mulher conseguiu resistir. O senhor não acha?

LUKA *(rouco de pavor, quase inaudível)*

Eu acho!

KHLESTAKOV

Aconteceu-me um imprevisto. No caminho fiquei sem nenhum centavo. O senhor pode me emprestar trezentos rublos?

LUKA *(precipitadamente, procurando no bolso)*

Creio que sim!... Quer dizer, como não! Claro! *(Continua procurando.)* Bonito seria se eu não encontrasse. Ai, meu Deus! *(Num grito)* Encontrei! *(Entrega-lhe o dinheiro, trêmulo.)*

KHLESTAKOV

Muito agradecido.

LUKA *(perfilando-se e segurando a espada)*

Não me atrevo a importuná-lo com a minha presença.

KHLESTAKOV

Adeus!

LUKA *(sai quase correndo e diz à parte)*

Deus seja louvado! Espero que não tenha a má idéia de visitar a escola!

CENA VI

Entra Artêmy, que se perfila e segura a espada.

ARTÊMY

Tenho a honra de apresentar-me: diretor do hospital local, conselheiro de terceira, Artêmy Philippovitch Zemlianika.

KHLESTAKOV

Bons dias! Faça o favor de sentar-se.

ARTÊMY

Tive a honra de acompanhá-lo e recebê-lo pessoalmente no hospital que está sob meus cuidados.

KHLESTAKOV

Ah, eu me lembro. O senhor me ofereceu um excelente almoço!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.543

DPF
DCDP
Fls. N. 52
Rubrica

ARTÊMY

Fico feliz em fazer tudo o que posso para o bem da minha pátria!

KHLESTAKOV

E da minha parte eu lhe confesso que essa é minha debilidade. Adoro a boa comida. Por favor, diga-me uma coisa. Ontem eu tive a impressão de que o senhor era um pouco mais baixo . . .

ARTÊMY

É bem possível. *(Após um silêncio)* Eu não meço esforços para servir com zelo ao meu país. *(Aproxima-se e diz em voz baixa)* Mas o chefe dos correios é exatamente o contrário. Não faz absolutamente nada. Está tudo abandonado. A correspondência demora semanas inteiras. O senhor mesmo pode tirar a prova disso. O juiz então, nem se fala. Passa o tempo todo caçando e cuidando dos cachorros que ele guarda na sala do tribunal. E a sua conduta — isso eu devo confessá-lo, embora se trate de um grande amigo meu e até parente — a sua conduta é das mais reprováveis. Aqui existe um fazendeiro chamado Dobtchinski, que ainda ontem o senhor teve a bondade de conhecer. Pois, mal Dobtchinski sai de casa, entra o juiz para fazer companhia à sua mulher. Isso eu posso jurar! V. Excia. tenha a bondade de observar os filhos de Dobtchinski. Nenhum deles se parece com o pai. Todos, até o caçulinha, são a cara do juiz!

KHLESTAKOV

Não me diga! Sabe que isso jamais teria me passado pela cabeça?

ARTÊMY

E o supervisor das escolas, então? Como é que um homem desses pode continuar num cargo de tanta responsabilidade!? É pior que um jacobino e só sabe ensinar corrupção à juventude. Se o senhor preferir, posso expor tudo isso por escrito.

KHLESTAKOV

Eu também acho melhor. Pode escrever. Quando me aborreço, gosto de ler alguma coisa divertida. Como é mesmo seu nome? Esqueço sempre.

ARTÊMY

Zemlianika.

KHLESTAKOV

Ah, sim, Zemlianika. Diga-me uma coisa, Zemlianika, entre parênteses, o senhor tem filhos?

ARTÊMY

Cinco. Dois já estão grandinhos . . .

KHLESTAKOV

Não me diga! E como é que eles . . . como direi . . .

ARTÊMY

O senhor quer saber como eles se chamam?

KHLESTAKOV

Exato, como é que eles se chamam?

ARTÊMY

Nicolau, Ivan, Isabel, Maria e Anastácia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.594
DPF
DCDP
Fls. N.º 5
Rubrica

KHLESTAKOV
Muito interessante.

ARTÊMY *(cumprimentando para sair)*
Não me atrevo a importuná-lo mais com a minha presença, e roubar o seu tempo destinado ao cumprimento de deveres sagrados.

KHLESTAKOV
Não, não é nada... Até que o senhor me contou umas coisas engraçadas. Sempre que puder venha me visitar. Gosto muito dessas histórias. *(Observa Artêmy, que sai; vai até a porta e grita para o visitante.)* Ei, escute! Como é mesmo o seu nome, esqueço sempre!

ARTÊMY
Artêmy Philippovitch Zemlianika!

KHLESTAKOV
Faça-me um favor, Artêmy Philippovitch Zemlianika, aconteceu-me um fato insólito. Durante a viagem, perdi todo o meu dinheiro. Não tem quatrocentos rublos para me emprestar?

ARTÊMY
Tenho.

KHLESTAKOV
Que coincidência! Muito obrigado.

CENA VII

Entram Bobtchinski e Dobtchinski.

BOBTCHINSKI
Tenho a honra de me apresentar: fazendeiro local, Piotr Ivanovitch Bobtchinski.

DOBTCHINSKI
Fazendeiro local, Piotr Ivanovitch Dobtchinski.

KHLESTAKOV
Ah, sim... sei, sei! Claro que eu já conhecia os senhores. Se bem me lembro foi o que levou o tombo, não foi? Como vai o seu nariz?

BOBTCHINSKI
Graças a Deus bem, não se preocupe. Está completamente curado.

KHLESTAKOV
Que bom, não é? *(Bruscamente, com voz cortante)* Tem dinheiro?

DOBTCHINSKI
Dinheiro? Que dinheiro?

KHLESTAKOV
Dinheiro para me emprestar. Mil rublos.

BOBTCHINSKI
Tanto eu não tenho. Juro por Deus! E o senhor, Piotr Ivanovitch?

DOBTCHINSKI
Aqui comigo eu também não tenho. Todo o meu dinheiro está investido em bônus do governo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.595.

DPF
DCDP
Fls. N.º 59
Rubrica

KHLESTAKOV
Bem, se não tem mil, me dá cem.

BOBTCHINSKI *(procurando no bolso)*
O senhor por acaso não tem cem rublos, Piotr Ivanovitch? Eu só tenho quarenta, em promissórias.

DOBTCHINSKI *(consultando sua carteira)*
Ao todo tenho vinte e cinco.

BOBTCHINSKI
Procure bem, Piotr Ivanovitch. Eu sei que seu bolso direito está furado. O dinheiro pode ter caído no forro do paletó.

DOBTCHINSKI
Não, não. No forro também não há nada.

KHLESTAKOV
Bem, dá na mesma. Afinal, falei por falar. Venham os sessenta e cinco rublos. Tanto faz . . . *(Pega o dinheiro.)*

DOBTCHINSKI
Eu me atrevo a formular um pedido sobre um assunto muito delicado.

KHLESTAKOV
O que é?

DOBTCHINSKI
Sim, muito delicado. O meu filho mais velho, se o senhor me permite, nasceu antes do casamento.

KHLESTAKOV
É?

DOBTCHINSKI
Quer dizer, isso é uma maneira de falar. Ele nasceu do mesmo modo como se eu estivesse casado. Legalizei depois minha situação pelos sagrados laços do matrimônio. Eu quero que esse menino seja meu filho legítimo e se chame, como eu, Dobtchinski.

KHLESTAKOV
Bem, que se chame assim. Eu não vejo inconveniente nenhum.

DOBTCHINSKI
Eu só lhe peço isso porque o menino é muito talentoso. Promete muito. Sabe de cor diversas poesias e, nem bem encontra um canivete, esculpe figurinhas muito interessantes, como um verdadeiro mágico. Piotr Ivanovitch pode confirmar tudo que estou dizendo.

BOBTCHINSKI
Sim. Uma criatura de muito talento.

KHLESTAKOV
Está bem. Está bem. Vou me ocupar desta matéria. Falarei disso com o . . . eu espero que tudo . . . quer dizer . . . *(Voltando-se para Bobtchinski)* E o senhor não quer pedir nada?

BOBTCHINSKI
Justamente. Quero lhe fazer um pedido humílimo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 596.

KHLESTAKOV
Qual?

BOBTCHINSKI
Queria lhe pedir, muito humildemente, que, quando o senhor voltar à capital do império, diga a todos os nobres, senadores e almirantes, que em tal e tal povoado vive Piotr Ivanovitch Bobtchinski. Diga exatamente assim: que aqui vive Piotr Ivanovitch Bobtchinski.

KHLESTAKOV
Perfeitamente.

BOBTCHINSKI
E, se por acaso, o senhor visitar o próprio czar, não se esqueça de dizer a ele: "Majestade, em tal e tal lugar mora Piotr Ivanovitch Bobtchinski".

KHLESTAKOV
Perfeitamente.

DOBTCHINSKI
Desculpe se já o importunamos com a nossa presença.

BOBTCHINSKI
Desculpe se já o importunamos com a nossa presença.

KHLESTAKOV
Não é nada, não é nada. Tive o maior prazer.
(Acompanha os dois até a porta.)

CENA VIII

KHLESTAKOV *(sozinho)*
Aqui há funcionários demais. Acho que eles estão pensando que eu sou uma alta autoridade. Ontem é bem possível que eu tenha contado algumas histórias de fadas. Que imbecis! Vou escrever uma carta a Triapitchkin contando as novidades. Ele é jornalista e vai dar uma bela gozada nessa gente. Eh, Óssip! Traga papel e tinta. *(Óssip mostra a cabeça na porta, respondendo: "Já vai!")* Pobre de quem cai nas mãos de Triapitchkin. Pra fazer uma piada, não tem piedade nem do próprio pai. Mas esses funcionários são boa gente. O fato de me terem emprestado dinheiro é um formoso rasgo de desprendimento. Vamos ver quanto eu consegui. O juiz me deu trezentos, o diretor dos correios outros trezentos, são seiscentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, que papel mais gorduroso!... oitocentos, novecentos... Caramba! Mais de mil!... Ah, meu capitão, se o encontro outra vez, você vai ver a desforra que vou tirar!...

CENA IX

Entra Óssip, com tinta e papel.

KHLESTAKOV
Está vendo, seu estúpido, como é que estou sendo recebido agora? *(Começa a escrever.)*

ÓSSIP
É. Graças a Deus. Mas, quer saber de uma coisa?

KHLESTAKOV
O quê?

ÓSSIP
Vamos embora daqui, está na hora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.597

KHLESTAKOV *(escrevendo)*
Não seja besta. Embora por quê?

ÓSSIP
O senhor já se divertiu bastante durante dois dias. Agora chega. Não se meta mais com essa gente. Pode ser que venha por aí alguém... por Deus, Ivan Aleksandrovitch... Há cavalos formidáveis aqui... Podíamos dar uma corrida...

KHLESTAKOV *(escrevendo)*
Não. Estou com vontade de ficar por aqui mesmo. Vamos embora amanhã!

ÓSSIP
Mas, por que amanhã? Pelo amor de Deus, vamos já! Eu sei que eles tratam a gente com muitas honras, mas é melhor a gente ir embora. É claro que eles estão confundindo o senhor com alguém. Pelo amor de Deus, vamos! Seu pai vai ficar aborrecido com essa demora! Aqui eles podem nos dar uns cavalos de primeira!

KHLESTAKOV *(escrevendo)*
Está bom, vá lá. Mas, antes, leve esta carta ao correio. E peça os melhores cavalos que eles tiverem. Diga aos cocheiros que se voarem como correios do imperador e cantarem bonitas canções, receberão boas gorjetas. *(Continua escrevendo.)* Só queria ver a cara de Triapitchkin arrebentando de rir...

ÓSSIP
É melhor que um criado vá levar a carta ao correio, enquanto eu fico fazendo as malas para não perder tempo...

KHLESTAKOV *(escrevendo)*
Está bem, mas antes me traga uma vela.

VOZ DE ÓSSIP
Ei, escuta aqui, meu irmão. Leva essa carta ao correio e diz ao chefe que não pagamos selo, porque é de um alto funcionário. E manda preparar para o meu patrão a melhor carruagem que houver. Anda depressa, senão ele vai ficar aborrecido. Espera um pouco que a carta ainda não está pronta. Avisa também que ele não vai pagar a viagem porque tem caráter oficial, viu?!

KHLESTAKOV *(continuando a escrever)*
E eu que me esqueci onde é que Triapitchkin está morando agora. Ele vive mudando de endereço para não pagar aluguel atrasado. Vou mandar para seu último endereço. Talvez acerte. *(Fecha a carta e escreve o endereço. Óssip traz a vela e neste instante ouve-se a voz de Dierjimorda.)*

VOZ DE DIERJIMORDA
Onde é que você vai, barbudo? Eu já não disse que tenho ordens para não deixar ninguém entrar?

KHLESTAKOV *(dando a carta a Óssip)*
Toma, pode levar!

VOZES DOS COMERCIANTES
Sai da frente, eu preciso falar com ele! Ninguém pode impedir a minha entrada. Temos um assunto importante!

VOZ DE DIERJIMORDA
Fora daqui! Ele não pode receber ninguém porque está dormindo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.598.

DPF
DCDP
Fls. N.º 52
Rubrica

(O alvoroço se acentua.)

KHLESTAKOV
O que é isso, Óssip? Vai ver que barulho é esse.

ÓSSIP *(olhando pela janela)*
São os comerciantes que querem entrar. Mas o soldado não deixa! Trazem papéis nas mãos. E, pelo visto, querem falar com o senhor.

KHLESTAKOV *(chegando perto da janela)*
Meus amigos, que querem de mim?

VOZES DOS COMERCIANTES
Queremos falar com V. Excia.! Permita-nos apresentar uma petição, paizinho!

KHLESTAKOV
Óssip, diga ao soldado para que deixe-os entrar. *(Sai Óssip, Khlestakov pega algumas petições pela janela, desdobra uma delas e lê.)* "À sua Notável Excelência, o senhor Comandante das Finanças, da parte do comerciante Abdúlin..." Diabo que o carregue! Nem ao menos existe esse posto na administração!

CENA X

Entram comerciantes e trazem um barril de vinho e sacos de açúcar.

KHLESTAKOV
Meus amigos, que desejam de mim?

COMERCIANTES
Desejamos nos inclinar profundamente diante de Vossa Excelência!

KHLESTAKOV
E que mais?

COMERCIANTES
Não nos desampare, senhor! Estamos sofrendo vexames insuportáveis.

KHLESTAKOV
De quem?

COMERCIANTES
De quem haveria de ser? Do governador! Nunca se viu um governador como esse, paizinho! O que ele faz conosco não se pode nem contar. Agarra um de nós pela barba, por exemplo, e diz: "Ah, selvagem, você vai ver uma coisa!" Juro por Deus! Se ao menos tivéssemos pecado! Mas fazemos tudo que é certo e cumprimos o nosso dever: quando ele precisa de alguma coisa para a mulher, mandamos tecidos para fazer os vestidos dela e da filha. Não lhe negamos nada. Mas tudo para ele é pouco. Quando entra em nossas lojas, leva tudo que encontra. Vê um corte de qualquer fazenda e logo diz: "Escuta, bom homem, esse pano é muito bonito. Pode levar para minha casa". E a gente faz o que ele manda!

KHLESTAKOV
Não é possível! Mas então ele é um grandessíssimo malandro!

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6413,p.549
DPF
DCDI
Fls. N.º
Rubrica

COMERCIANTES

É verdade. Nunca houve aqui um governador assim. Quando se sabe que ele está a caminho, a gente tem de esconder tudo rapidamente. E não se pode dizer que ele só leve o que há de melhor. Não! Leva qualquer porcaria. Na minha loja ele pegou uma quantidade de ameixas que há sete anos apodreciam num barril e nem mesmo os criados queriam levar. O aniversário dele cai no dia de Santo Antônio. E nesse dia nós levamos tudo que ele precisa para a casa inteira. Pois quer saber de uma coisa? Isso não lhe basta. Ele jura que o dia de Santo Onofre é também dia de seu aniversário. E no dia de Santo Onofre lá vamos nós, levando mais presentes para ele.

KHLESTAKOV

Mas... Esse é simplesmente um salteador de estrada!

COMERCIANTES

Claro que é! E se alguém tenta resistir, ele manda um regimento de soldados acabar com o coitado. Ou então manda fechar a loja. "Eu não vou te castigar com uma pena física, meu filho", diz ele, "nem vou te torturar. As leis proíbem. Mas você vai ter de apertar o cinto."

KHLESTAKOV

Que miserável! Só isso basta para mandá-lo para a Sibéria!

COMERCIANTES

V. Excia. pode mandá-lo para onde quiser, desde que seja para bem longe daqui! Agora, paizinho, não recuse o nosso tributo sincero. Trouxemos vinho e açúcar.

KHLESTAKOV

Não. Vocês estão enganados. Eu não aceito suborno de nenhum tipo. Mas se os senhores, por exemplo, me oferecessem um empréstimo de trezentos rublos... o assunto seria completamente diferente. Em se tratando de um empréstimo, eu posso aceitar.

COMERCIANTES

Sim, por favor, pai nosso! *(Tiram o dinheiro do bolso.)* Por que só trezentos? Quinhentos é melhor! Mas, nos ajude!...

KHLESTAKOV

Tratando-se de um empréstimo, não há inconveniente. Aceito os quinhentos, ou mais.

COMERCIANTE *(apresentando o dinheiro sobre uma bandeja de prata)*

E aceite também a bandeja, por favor.

KHLESTAKOV

Está bem, posso ficar com a bandejinha!

COMERCIANTES *(inclinando-se diante dele)*

Então, aceite também o açúcar!

KHLESTAKOV

Não, não. Não posso aceitar suborno de nenhuma forma!

ÓSSIP

Excelência, por que é que não aceita? Aceita sim! Durante a viagem, tudo tem serventia! Traz pra cá o açúcar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-600.

DPF
DCDP
Fls. N.
Rubrica

e o vinho! Podem trazer tudo que tiver, que tudo serve. O que é isso aí? Uma corda? Mandem pra cá a corda! Também vai servir na viagem. Se o eixo da roda se quebra preciso ter uma corda para amarrar.

COMERCIANTE
Ah, faça-nos essa caridade, Excelência. Se o senhor não nos ajudar, não saberemos o que fazer. Só nos restará a forca!

KHLESTAKOV
Fiquem tranqüilos, fiquem tranqüilos! Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance.

(Os comerciantes saem. Ouve-se uma voz de mulher.)

VOZ DE MULHER
Você não terá a petulância de me proibir a entrada. Vou me queixar de você a Sua Excelência. Não me empurre, bruto!

KHLESTAKOV
Quem é que está aí? *(Vai até a janela.)* Quem és tu, mulher?

VOZES DE MULHERES
Vimos pedir ajuda, paizinho! Mande esse brutamontes sair do caminho!

KHLESTAKOV *(pela janela)*
Que entrem!

CENA XI

Entram a mulher do carpinteiro e a viúva do subtenente.

MULHER DO CARPINTEIRO (com uma grande reverência)
Venho pedir proteção!

VIÚVA
Eu venho pedir proteção!

KHLESTAKOV
E quem são as senhoras?

VIÚVA
Sou a viúva do subtenente Ivanov.

MULHER
Sou a mulher do carpinteiro, meu senhor, cidadã desta cidade, Fevrônia Petrovna Pochlepkina.

KHLESTAKOV
Um momento. Fale uma de cada vez. *(À mulher do carpinteiro)* Que deseja de mim?

MULHER
Venho me queixar do governador, Excelência. Que Deus faça cair na cabeça dele todos os males do mundo. Que nunca sejam felizes, nem ele nem seus filhos, nem suas tias e tios, pais e primos, ele é muito miserável!

KHLESTAKOV
Mas por quê? O que foi que aconteceu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.601

DPF DCDP Fls. N.º 5 Rubrica

MULHER

Ele deu ordem para que meu marido entrasse para o Exército, mesmo não sendo a sua vez. Canalha! E a lei não permitia. Era casado!

KHLESTAKOV

Mas como é que ele fez isso?

MULHER

Fez porque quis; assim! Deus devia dar-lhe tantas chibatadas, nesse mundo e no outro! Se tiver uma tia, que todas as desgraças imagináveis aconteçam a essa tia. Se seu pai está vivo, que se arrebente ou se estropie para sempre, maldito seja! Quem tinha de servir ao Exército era o filho do alfaiate, aquele bêbado! Mas os pais dele mandaram um bom presente para o governador e ele então ficou de olho no filho da taberneira Pantelevna. E a Pantelevna mandou para a esposa do governador três cortes de pano. E então o governador veio me visitar e disse: "Pra que é que você precisa de marido? Ele já não tem mais serventia". Essa é boa! Quem sabe se ele tem serventia ou não sou eu! É um problema meu! Maldito seja esse canalha! E disse mais, assim: "Teu marido é um ladrão. Embora ele não tenha roubado nada ainda, tanto faz: vai acabar roubando! E no ano que vem ele acaba sendo condenado a entrar pro Exército mesmo, de qualquer maneira". E agora, como é que esse governador infame quer que eu viva sem marido! Sou uma mulher fraca! Eu só queria que toda a parentela desse canalha explodisse! E tem uma sogra, então que essa sogra...

KHLESTAKOV

Está bem, está bem... E a senhora? *(Afasta a outra.)*

MULHER (saindo)

Não se esqueça de mim, paizinho! Seja misericordioso!

VIÚVA

Eu vim me queixar do governador, paizinho!

KHLESTAKOV

Por quê? Vamos, fale e seja breve!

VIÚVA

Ele mandou me açoitar, paizinho!

KHLESTAKOV

Como é que foi?

VIÚVA

Por engano. Duas mulheres brigaram na feira, e quando a polícia chegou, elas já tinham ido embora. Então eles me agarraram e me deram uma surra que eu fiquei dois dias sem poder me sentar!

KHLESTAKOV

E o que é que a senhora quer que eu faça agora?

VIÚVA

Claro que não pode fazer nada. Mas pode fazer com que ele pague uma multa pelo erro cometido. Estou bem precisada.

KHLESTAKOV

Está bem, pode ir embora. Vou dar minhas ordens! *(Pela janela aparecem mãos com petições.)* Mas quem é que ainda está aí? *(Aproxima-se da janela.)* Não quero mais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p602.

Para mim chega!... *(Afastando-se da janela)* Já estou farto, que diabo!... Não deixe mais ninguém entrar, Óssip.

ÓSSIP *(gritando pela janela)*
Vão todos embora! A hora não é própria. Voltem amanhã! *(Abre-se a porta e aparece um indivíduo encapotado, com barba de vários dias, boca inchada e com um pano amarrado no rosto; atrás dele, aparecem várias outras pessoas.)* Vá embora! Vá embora! Onde é que você quer ir? *(Empurra o intruso e afasta-se com ele, fechando a porta atrás de si.)*

CENA XII

Entra Maria Antonovna.

MARIA
Ah!

KHLESTAKOV
Por que se assustou, senhorita?

MARIA
Não. Não me assustei!

KHLESTAKOV *(galante D. Juan)*
Caramba, senhorita! Fico encantado só de pensar que lhe pareço um homem que... Até me atrevo a perguntar: aonde pretendia ir?

MARIA
Não ia a lugar nenhum.

KHLESTAKOV
E por que não ia a lugar nenhum?

MARIA
Pensei que, talvez, a mamãe estivesse aqui.

KHLESTAKOV
Não. Eu queria saber por que é que não ia a lugar nenhum.

MARIA
Eu acho que estou incomodando. O senhor estava ocupado com assuntos importantes...

KHLESTAKOV *(donjuanesco)*
Pois seus olhos são mais belos que os assuntos importantes! A senhorita não poderia me incomodar jamais. Pelo contrário, até me poderia proporcionar algum prazer...

MARIA
O senhor fala como as pessoas da capital.

KHLESTAKOV
Para uma pessoazinha tão deliciosa... eu me pergunto se teria o atrevimento de tentar a felicidade de oferecer-lhe uma cadeira. Mas não! O que a senhorita merece não é uma cadeira, mas sim um trono!

MARIA
Na verdade, eu não sei... Eu acho que devo ir embora... *(Senta-se.)*

KHLESTAKOV
Que lenço mais formoso esse!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-603.

MARIA

Os senhores da capital gostam muito de ridicularizar as moças da província...

KHLESTAKOV

Como eu gostaria de ser esse lenço, senhorita, para poder rodear esse colo tão macio...

MARIA

Eu não sei do que o senhor está falando! A que lenço o senhor se refere?... Que tempo esquisito, hoje!...

KHLESTAKOV

Os seus lábios, senhorita, são mais belos que todos os tempos!

MARIA

Os senhores dizem sempre cada coisa!... Mas eu preferia que escrevesse uma poesia no meu álbum. Deve saber muitas de cor.

KHLESTAKOV

Para a senhorita, tudo que ordenar. Exija! Que estilo prefere?

MARIA

Tanto faz. Que sejam lindos e originais.

KHLESTAKOV

Ih! Conheço tantos!

MARIA

Então diga. Que poesia vai escrever para mim?

KHLESTAKOV

Eu tenho uma enormidade de poemas. Poderia escrever este, por exemplo. "Ó tu, que no infortúnio te queixas, sem razão, de Deus": . . Eu já escrevi muitos outros, mas agora não me lembro. E afinal isso não tem importância assim. Prefiro oferecer meu amor que, com o seu olhar... *(Aproxima sua cadeira.)*

MARIA

O amor!... Eu não compreendo o amor. Eu nunca soube o que é o amor! *(Afasta sua cadeira.)*

KHLESTAKOV *(aproximando sua cadeira)*

Por que a senhorita se afasta? É bem melhor conversar de perto.

MARIA (afastando de novo sua cadeira)

Por que de perto? Dá no mesmo conversar de longe!

KHLESTAKOV *(aproximando sua cadeira)*

Por que de longe? Dá no mesmo conversar de perto!

MARIA (afastando sua cadeira)

Mas por que tudo isso?

KHLESTAKOV

A senhorita é que pensa que é perto. Mas pode ficar perto e imaginar que estamos longe! Como me sentiria feliz se pudesse apertá-la em meus braços!

MARIA (olhando pela janela)

Que foi isso que passou voando? Foi um corvo ou outra ave qualquer?

BR DFANRSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.604.

KHLESTAKOV *(beijando-lhe o ombro e olhando depois pela janela)*
Foi um modesto urubu...

MARIA (levantando-se, indignada)
Ah! Isto já é demasiado! Que atrevimento!...

KHLESTAKOV *(retendo-a)*
Perdoe-me, senhorita!... O que fiz, fiz por amor!... Assim é, foi por amor!

MARIA
O senhor pensa que eu sou uma dessas provincianas... *(Tenta sair.)*

KHLESTAKOV *(continuando a segurá-la)*
Por amor de verdade! Só e tão somente amor!... Eu estava brincando, Maria Antonovna, não fique aborrecida. Estou pronto a pedir perdão de joelhos. *(Cai de joelhos.)* Perdão! Perdão! Você reparou que eu estou de joelhos?...

CENA XIII

Entra Anna Andreievna e vê Khlestakov de joelhos.

ANNA
Ah!... Que situação!...

KHLESTAKOV *(levantando-se)*
Diabo!

ANNA (a sua filha)
O que significa isso, senhorita? Que procedimento é esse?

MARIA
Mãezinha, eu...

ANNA
Saia daqui! Saia já daqui, está ouvindo? E nunca mais tenha o atrevimento de aparecer diante dos meus olhos! *(Maria sai, desfeita em lágrimas.)* Perdão, senhor, mas eu confesso que fiquei surpreendida.

KHLESTAKOV *(à parte)*
E esta também me parece bastante apetitosa. Não vai nada mal! *(Ajoelhando-se outra vez)* Senhora, estou ardendo de amor, me compreende? Ardo!

ANNA
Como? O senhor de joelhos? Levante-se, levante-se, por favor! O chão aqui está um pouco sujo!

KHLESTAKOV
Não! Eu quero continuar de joelhos! De joelhos! Quero saber se devo esperar a vida ou a morte!

ANNA
Mas, queira perdoar. Até agora não compreendi o sentido de suas palavras. Se não interpreto mal, acredito que o senhor acabou de fazer uma declaração com respeito à minha filha?!

KHLESTAKOV
Não. Estou apaixonado é pela senhora! Minha vida está

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.605.

pendurada por um fio. Se a senhora não premiar meu amor fiel, eu não merecerei mais viver neste mundo. Com o coração em chamas tenho a honra de pedir a sua mão!...

ANNA

Mas permita-me observar que... até certo ponto... eu sou casada!

KHLESTAKOV

Pouco importa. O amor não tem fronteiras. O poeta Karamzin já disse: "As leis nos condenam, vamos fugir para um país distante, nós nos esconderemos sob a sombra das cascatas..." Eu peço a sua mão!... Eu quero a sua mão.

CENA XIV

Entra Maria, correndo.

MARIA

Mamãe! Papai mandou dizer... *(Vendo Khlestakov de joelhos, exclama)* Ah! que situação!

ANNA

Bem, e daí? O que é que você quer? Entrando sem mais, por aquela porta, correndo como uma gata escaldada! Que leviandade! Bem, o que há de tão extraordinário? Que foi que aconteceu? Você parece uma menina de três anos. Quem diria que tem dezoito!? Não sei quando você vai aprender a se comportar como uma menina

bem-educada! Quando é que você vai descobrir o que é a etiqueta e a seriedade do comportamento!

MARIA (chorando)

Mãezinha, francamente, eu não sabia!...

ANNA

Você parece que tem sempre uma corrente de ar na cabeça! Está seguindo o exemplo das filhas de Liapkin-Tiapkin. Ninguém manda você andar com elas! São maus exemplos! E você precisa dos exemplos bons. A sua mãe, digamos que sou eu! Eu sou o exemplo que você deve imitar!

KHLESTAKOV *(segurando a mão de Maria)*

Anna Andreievna, não se oponha à nossa felicidade. Dê sua bênção ao nosso amor eterno!

ANNA (assombrada)

Isto significa que o senhor está apaixonado por ela?...

KHLESTAKOV

Decida: a vida ou a morte!

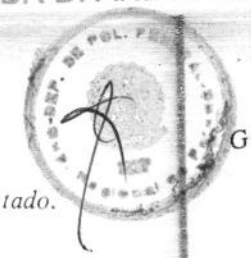
ANNA

Está vendo, cretina, está vendo? Por uma porcaria como você o nosso hóspede teve a bondade de se ajoelhar. E você entra correndo como uma louca. Bem merecia que eu dissesse não! Você não é digna de tanta felicidade!

MARIA

Eu nunca mais entro correndo, mãezinha! Palavra, nunca mais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-606.



CENA XV

Entra o governador, desalentado.

GOVERNADOR
Excelência, não me desgrace! Não me desgrace!

KHLESTAKOV
Por quê?

GOVERNADOR
Os comerciantes se queixaram à V. Excia. Eu juro pela minha honra que nem metade do que eles disseram é verdade. São eles que roubam no peso e exploram o povo. A viúva mentiu quando disse que eu mandei surrá-la! É mentira! Juro por Deus que é mentira! Ela mesma se surrou!

KHLESTAKOV
Ela que vá para o diabo! Não estou em condições de pensar nela no momento!

GOVERNADOR
Não acredite! Não acredite! São todos uns embusteiros! Nem uma criança pode acreditar neles! Todo povo sabe que eles são mentirosos! E quanto a essa história de dizer que eu sou um canalha, garanto-lhe que canalhas iguais a eles nunca se viu no povoado!

ANNA
Sabe com que honra nos distinguiu Ivan Aleksandrovitch? Pediu a mão de nossa filha!

GOVERNADOR
Pára de dizer bobagens, você perdeu o juízo, velha? Não se aborreça, Excelência! Ela nunca teve a cabeça no lugar. Saiu à mãe!

KHLESTAKOV
Mas é verdade. Peço a mão de sua filha em casamento. Estou apaixonado!

GOVERNADOR
Não posso acreditar, Excelência!

ANNA
Mas se é ele mesmo que está dizendo!

KHLESTAKOV
E não estou brincando. Este amor poderá me deixar louco!

GOVERNADOR
Não me atrevo a acreditar! Não mereço tanta honra!

KHLESTAKOV
Se o senhor não me dá a mão de Maria Antonovna, estou disposto a fazer qualquer loucura!

GOVERNADOR
Eu não posso acreditar, Excelência. V. Excia. está brincando comigo!

ANNA
Mas que estúpido! Se todo mundo está dizendo que é verdade!

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.607

GOVERNADOR
Não acredito.

KHLESTAKOV
Dê-me a mão dela! Dê-me a mão dela! Eu estou desesperado! Eu sou capaz de tudo! Se eu der um tiro na cabeça o senhor vai ser condenado por causa disso!

GOVERNADOR
Ai, meu Deus! Eu juro que sou inocente de corpo e alma. Não se aborreça, por favor! Excelência, faça o que achar melhor! Francamente, estou me sentindo mal. Não sei o que está acontecendo! Minha cabeça dá voltas! Nunca me senti assim . . .

ANNA
Vamos. Dê sua bênção.

(Khlestakov aproxima-se, de braço com Maria Antonovna.)

GOVERNADOR
Que Deus vos abençoe! Mas eu não tenho culpa. *(Khlestakov beija Maria e o governador olha para os dois.)* Que diabo, mas então é verdade! *(Arregala os olhos.)* Eles estão se beijando! Meu Deus! Eles estão se beijando! Então ele é um noivo! Um noivo de verdade. *(Dá um grito e um pulo de alegria.)* Anton! Anton! Governador! Olha só onde chegamos!!!

CENA XVI

Os mesmos, mais Óssip.

ÓSSIP
Os cavalos estão prontos.

KHLESTAKOV
Então, vamos embora!

GOVERNADOR
O senhor vai embora?

KHLESTAKOV
Eu vou-me embora.

GOVERNADOR
Mas então . . . quer dizer . . . Eu creio que foi o senhor mesmo que teve a bondade de falar num certo casamento, não é verdade?

KHLESTAKOV
Eu vou, mas volto logo. Vou passar só um dia com a titia. É uma velha muito rica. E amanhã estarei aqui de volta.

GOVERNADOR
Nós então esperamos seu feliz regresso!

KHLESTAKOV
Ah, claro, claro! Volto num abrir e fechar de olhos! Adeus, meu amor! Não, não! As palavras existentes não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.2413,p-608.

conseguem expressar meus sentimentos. Adeus, meu tesouro! *(Beija a mão de Maria Antonovna.)*

GOVERNADOR
E V. Excia. não precisa de nada para a viagem? Eu tenho a impressão que carecia de algum dinheiro, não é assim?

KHLESTAKOV
Não, não, pra quê? *(Pensa um pouco.)* Quer dizer... não há nenhum inconveniente.

GOVERNADOR
E quanto deseja V. Excia.?

KHLESTAKOV
Naquela ocasião o senhor me deu duzentos rublos, quer dizer, quatrocentos e não duzentos — não quero me aproveitar de seu engano, de modo que, se o senhor me der agora outro tanto, ficam oitocentos justos.

GOVERNADOR
Imediatamente. *(Tira a carteira.)* Parece de propósito. As cédulas são novas.

KHLESTAKOV
É, é? *(Pega o dinheiro e examina as cédulas, desconfiadamente.)* Dizem que o dinheiro novo traz sorte nova.

GOVERNADOR
Exato, Excelência.

KHLESTAKOV
Adeus, Anton Antonovitch. Muito agradecido pela sua

hospitalidade. E quero lhe confessar de todo coração: nunca, em nenhum lugar, nunca fui assim tão bem recebido. Adeus, Anna Andreievna! Adeus, querida Maria Antonovna.

(Saem todos e a cena prossegue nos bastidores.)

VOZ DE KHLESTAKOV
Adeus, meu anjo, Maria Antonovna!

VOZ DO GOVERNADOR
Mas, como é isso? O senhor vai viajar sem almofadas? Eu vou mandar buscar algumas!

VOZ DE KHLESTAKOV
Não, pra quê? Bem, mas, afinal de contas... que tragam as almofadas!

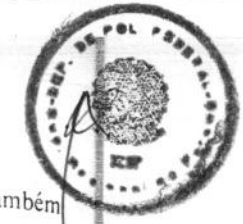
VOZ DO GOVERNADOR
Avdótia, vai lá dentro depressa, pegar a nossa melhor almofada, aquela azul-celeste, persa!

VOZ DO COCHEIRO
Brrr... brrr...

VOZ DO GOVERNADOR
Quando é que o senhor volta, Excelência?

VOZ DE KHLESTAKOV
Amanhã ou depois!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PE. 0413, p. 609.



DPF
Fls. N.º
Rubrica

VOZ DE ÓSSIP

É essa almofada? Traga-a pra cá. E traga-me também feno para o cavalo!

VOZ DO COCHEIRO

Brrr... brrr...

VOZ DE ÓSSIP

Do lado de cá! Traga mais! Agora está bem! Pode-se viajar com mais comodidade. *(Bate na almofada.)* Sente-se agora, Excelência...

VOZ DE KHLESTAKOV

Adeus, Anton Antonovitch!

VOZ DO GOVERNADOR

Adeus, Excelência!

VOZ DAS MULHERES

Adeus, Ivan Aleksandrovitch!

VOZ DE KHLESTAKOV

Adeus, mãezinha!

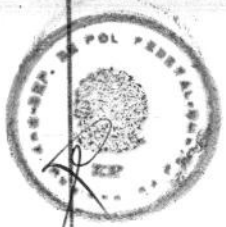
VOZ DO COCHEIRO

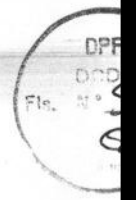
Vamos, meus cavalinhos! Upa! Upa! Upa!

(A carruagem se afasta, com ruído.)

ATO V

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.610.





CENA I

A mesma sala. O governador, mulher e filha.

GOVERNADOR

Que lhe parece, Anna Andreievna? Alguma vez você ao menos sonhou com isso? Hein? Que caça magnífica! Confesse sinceramente, você não poderia nem sonhar com isso! E assim, do dia para a noite, zás! Com que personalidade ilustre eu vou me aprontar!

ANNA

Não seja tolo. Eu já sabia disso há muito tempo. E, se você acha tudo assim tão estranho, é porque você é um rústico que nunca viu gente decente.

GOVERNADOR

Eu também sou um decente, velha! Mas, pensando bem, Anna Andreievna, agora estamos por cima. Hein? Agora sim, vou mandar arrebentar toda essa gente que foi se queixar de mim. Ei, quem é que está aí? *(Entra um soldado.)* Ah, é você, Ivan Karpovitch? Mande chamar todos os comerciantes, meu irmão. Eles agora vão ver como é que vão ser tratados daqui por diante. Queixando-se de mim, não é? Malditos traidores! Eles vão ver! Até agora só os tratei com severidade, só isso. Mas agora vou tratá-los com mão de ferro! Tome nota de todos os que vieram se queixar de mim. E também o nome dos escreventes que redigiram as queixas. E pode dizer a to-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.611

dos, para que fiquem sabendo. Deus enviou uma grande honra ao nosso governador. Sua filha vai se casar. Mas não com qualquer um, não. É com um desses como existem poucos. Um homem que é capaz de fazer tudo, tudo, tudo, tudo! Anuncie a toda a cidade, para que toda gente fique sabendo! Grite por todo o povoado e mande tocar todos os sinos. Afinal, o triunfo é o triunfo! *(O soldado sai.)* Pois assim vai o mundo, Anna Andreievna. E agora, onde é que a gente vai morar, aqui ou na capital?

ANNA

Na capital, naturalmente. Como é que a gente poderia ficar aqui?

GOVERNADOR

Se você quer na capital, que seja na capital! Mas até que a gente podia continuar por aqui mesmo, senão tenho de abandonar meu título de governador!

ANNA

Naturalmente. E quem é que pensa ainda nesse título?

GOVERNADOR

Porque agora, não é verdade, Anna, eu posso pretender um posto bem mais elevado. Você não acha? Ele é unha e carne com todos os ministros. Vai a palácio quando bem entende. Usando sua influência, com algum tempo, poderei chegar a general! Você não acha, Anna Andreievna? Eu não posso chegar a ser general?

ANNA

Claro que sim, naturalmente.

GOVERNADOR

Ah, que diabo! Deve ser muito bom ser general! Eles põem uns galões aqui no nosso ombro. Que tipo de galões você prefere, Anna? Vermelhos ou azuis?

ANNA

Claro que os azuis são melhores.

GOVERNADOR

Olha só que pretensão. Por que é que todo mundo quer ser general? Porque, quando um general vai a algum lugar, é sempre precedido pelos secretários e ajudantes de ordem. E gritam: "Os cavalos!" Todos têm de esperar. Todos os conselheiros de segunda e de terceira, todos esses capitães e governadores. O general está acima de todos. Quando um deles almoça na casa de governador, o governador humildemente é obrigado a lhe fazer uma saudação. *(Ri até não poder mais.)* É isto que me atrai.

ANNA

Você sempre gosta do que é grosseiro. Não se esqueça que vamos ter de mudar completamente de vida. Vamos ter de mudar de amigos. Você não irá mais à caça com juízes que gostam de cachorros. Pelo contrário, seus amigos devem ser pessoas de maneiras finas, condes e homens do mundo. Mas para dizer a verdade, eu tenho medo de você. Está sempre dizendo cada palavra, dessas que não se ouvem na alta sociedade.

GOVERNADOR

E daí? Uma palavrinha não faz mal nenhum.

ANNA

Dizer palavrões não faz mal quando se trata de um go-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.67
DPF
DCDP
Fls. N.º 58

vernador. Mas na capital a vida é completamente diferente.

GOVERNADOR
Dizem que lá eles servem um peixe tão gostoso que ninguém, ninguém consegue comer sem se babar todo.

ANNA
Para você um peixe basta... Eu só vou ficar contente quando estiver morando na melhor casa de São Petersburgo. E que essa casa seja tão perfumada que ninguém consiga entrar. E que quem já estiver lá dentro fique com os olhos cheios de lágrimas, assim. *(Mostra os olhos.)* Então sim, eu vou ser feliz!

CENA II

Entram os comerciantes.

GOVERNADOR
Ah! Saúde, meus amiguinhos!

COMERCIANTES *(fazendo uma reverência)*
Nós também lhe desejamos muita saúde, senhor governador.

GOVERNADOR
Muito bem, meus queridos. Que tal, como vão os negócios? Então, vocês vieram aqui se queixar de mim, não é? Ladrões, canalhas, embusteiros! Vieram se queixar, não é?! Estavam certos de que eu iria parar na cadeia, não é? Pois fiquem sabendo, seus filhotes de Satanás, que eu...

ANNA
Meu Deus, que linguagem, Antocha!

GOVERNADOR
Bem, agora não estou para ficar escolhendo palavras. Vocês sabiam que o inspetor, a quem vocês se queixaram, vai se casar com minha filha, hein? Hein? Que é que vocês me dizem agora? Vocês me pagam! Vocês vão ver como é que vou tratá-los daqui por diante. Vocês são uns ladrões. Roubam o povo! Venderam cem mil rublos de pano podre ao Estado e, só porque me deram uns vinte metros de tecido, estavam esperando o quê? Um prêmio? Se o inspetor soubesse de todas as suas falcatruas, vocês iriam parar na Sibéria! E é preciso ver as miseráveis esmolas que me dão de presente! E todos pensam que são intocáveis: "Não somos inferiores aos nobres!" E esses imbecis se esquecem de que os nobres estudam ciências. E eles também são espancados na escola para aprender alguma coisa de útil. E vocês, comerciantes, por que tantas pretensões? Desde criança a única coisa que vocês aprendem é picardia. E o patrão dá um cascudo em quem não souber enganar o freguês. Antes mesmo de aprender a rezar o padre-nosso, vocês aprendem a roubar no peso. E logo que enchem o bolso e a barriga, olhem só como ficam importantes! Onde já se viu uma coisa dessas?!

COMERCIANTES *(com uma reverência)*
Nós reconhecemos nossa culpa, Anton Antonovitch!

GOVERNADOR
Reconhecem a culpa me acusando, não é? *(Apontando um deles)* Você aí! Quem ajudou você naquela falcatrua,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 613

quando você construiu a ponte e lançou na contabilidade que tinha fornecido vinte mil rublos de madeira e eram apenas cem; quem lhes estendeu a mão amiga? Fui eu que o ajudei, seu barba de bode! Você já se esqueceu? Se eu o tivesse denunciado, era outro que iria parar na Sibéria! Que é que você diz a isso?

COMERCIANTE

Eu afirmo em Jesus Cristo que nós temos culpa, Anton Antonovitch! Foi uma tentação do diabo! Mas nunca mais nos queixaremos! Pode pedir o que quiser, mas não se aborreça conosco!

GOVERNADOR

Não se aborreça! Agora vocês rastejam a meus pés. Por quê? Só há uma razão: eu triunfei! E se vocês, canalhas, tivessem triunfado, seriam capazes de me bater com uma acha de lenha na cabeça e me enterrar vivo!

COMERCIANTES *(com profundas reverências)*

Tem piedade de nós, Anton Antonovitch!

GOVERNADOR

Tem piedade! Agora é "tem piedade"! E antes, o que era? Hein? Tenho vontade de... de... *(Faz um gesto.)* Enfim! Que Deus os perdoe! Não sou rancoroso. Mas, daqui por diante, muito cuidado! Muito cuidado comigo. Eu não vou casar minha filha com um nobre qualquer. Os votos de felicidade devem ser... entendem? Não me venham com bacalhaus e sacos de açúcar! Bem, podem ir com Deus. *(Os comerciantes saem.)*

CENA III

Entram Ammoss, Artêmy e Rastakovski.

AMMOSS *(da porta)*

Devemos acreditar no que estão dizendo, Anton Antonovitch? É verdade que o senhor teve essa extraordinária felicidade?

ARTÊMY

Tenho a honra de felicitá-lo pela sua boa fortuna. Fiquei muito contente quando soube. *(Aproxima-se de Anna Andreievna e lhe beija a mão.)* Anna Andreievna! *(Beija a mão de Maria Antonovna.)* Maria Antonovna!

RASTAKOVSKI *(entrando)*

Felicidades, Anton Antonovitch! Que Deus lhe conceda uma longa vida e também ao jovem casal, e lhe dê uma numerosa prole de netos e bisnetos. Anna Andreievna! *(Beija-lhe a mão.)* Maria Antonovna! *(Beija-lhe a mão.)*

(Entram Liuliukov, Korobkin e sua mulher.)

KOROBKIN

Tenho a honra de felicitá-lo, Anton Antonovitch! Anna Andreievna! *(Beija-lhe a mão.)* Maria Antonovna! *(Beija-lhe a mão.)*

MULHER DE KOROBKIN

Eu a felicito de todo o coração, Anna Andreievna, por essa nova felicidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-614

LIULIUKOV

Tenho a honra de felicitá-la, Anna Andreievna! *(Beija-lhe a mão.)* Maria Antonovna, tenho a honra de felicitá-la. *(Beija-lhe a mão.)*

CENA IV.

Muitos visitantes de casaca se aproximam e beijam a mão de Anna Andreievna, dizendo: "Anna Andreievna" e, depois, a de Maria Antonovna, dizendo: "Maria Antonovna". Dobtchinski e Bobtchinski abrem caminho aos empurrões.

BOBTCHINSKI

Tenho a honra de lhe desejar felicidades!

DOBTCHINSKI

Anton Antonovitch, tenho a honra de felicitá-lo...

BOBTCHINSKI

... por esse feliz acontecimento!

DOBTCHINSKI

Anna Andreievna!

BOBTCHINSKI

Anna Andreievna! *(Ambos se aproximam ao mesmo tempo e suas cabeças se chocam.)*

DOBTCHINSKI

Maria Antonovna! *(Beija-lhe a mão.)* Tenho a honra de lhe desejar felicidades. A senhorita será muito, muito feliz. Passeará com um vestido de ouro, e há de comer todos os tipos de sopas refinadas. Há de passar muito bem o seu tempo!

BOBTCHINSKI *(interrompendo)*

Maria Antonovna, tenho a honra de felicitá-la. Que Deus lhe dê todas as riquezas: moedas de ouro e um filho pequeno *(mostra o tamanho)*, tão pequenininho que a gente possa assentá-lo na palma da mão e brincar com ele assim: uau, uau, uau!

CENA V

Entram Luka Lukitch e sua mulher.

LUKA

Tenho a honra... *(A mulher adianta-se correndo.)*

MULHER DE LUKA

Felicidades, Anna Andreievna. Fiquei tão contente quando ouvi essa história! Disseram-me assim: "Anna Andreievna vai casar sua filha!" "Ah! Meu Deus", pensei. E fiquei tão feliz, que fui correndo contar a meu marido: "Veja, querido, veja que felicidade o destino reservou para Anna Andreievna!" E pensei mais, pensei muito mais ainda: "Bem, que Deus seja louvado!" E a meu marido eu ainda disse: "Estou tão encantada que a impaciência me consome enquanto não disser diretamente a Anna Andreievna o que eu sinto!" — "Ah, meu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.615.

Deus" — pensei. "Anna Andreievna esperava exatamente isso: um bom partido para sua filha! E o destino não fazia outra coisa senão preparar essa coincidência!" E me senti tão contente, juro, que nem conseguia falar! Chorei, chorei tanto que aquilo já não era mais chorar. Eram soluços. Chorei tanto que meu marido me perguntou: "Por que é que você está chorando assim, Anastácia?" E eu respondi: "Não sei, querido. Nem eu mesma sei. As lágrimas nascem em meus olhos como um rio em sua fonte!"

GOVERNADOR

Por favor, vamos todos nos sentar! Michka, traga mais cadeiras!

CENA VI

Sentam-se os visitantes. Entram o chefe de polícia e os soldados.

CHEFE DE POLÍCIA

Tenho a honra de felicitar a V. Excia. e desejar que seja feliz por muitos e muitos anos!

GOVERNADOR

Obrigado! Obrigado! Queiram sentar-se, senhores! *(Todos se sentam.)*

AMMOSS

Mas então, Anton Antonovitch, conte-nos como começou tudo isso! Vamos lá! Como se desenvolveu o assunto?

DPF DCDP Fls. N.° 57 60 Rubrica

GOVERNADOR

Pois foi uma coisa nunca vista. Sua Excelência dignou-se fazer o pedido pessoalmente.

ANNA

Muito respeitosamente e da forma mais fina que se possa imaginar! Falou muito bonito. Disse: "Eu, Anna Andreievna, faço tudo isso em honra a vossos méritos". Ah, que homem magnífico, educado, culto e de sólidos princípios morais! "Para mim", disse ainda, "creia-me, Anna Andreievna, a vida não tem a mínima importância: faço isso apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes!"

MARIA

Não, mãezinha, foi a mim que ele disse isso!

ANNA

Cale a boca. Você não sabe nada e só se mete no que não lhe diz respeito! "Estou perturbado, Anna Andreievna". Falou de uma maneira tão lisonjeira! E quando eu lhe quis dizer: "Não, Ivan Aleksandrovitch, não nos atrevemos de forma alguma a esperar semelhante honra", ele de repente se atirou de joelhos no chão e disse de uma forma indescritivelmente cavalheiresca: "Não faça a minha desgraça, Anna Andreievna! Corresponda a meus sentimentos, porque, do contrário, porei fim à minha vida".

MARIA

Garanto, mãezinha, que isso ele disse para mim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.616.

ANNA
Bem, claro... evidentemente... ele disse também a você, não nego.

GOVERNADOR
Vocês precisavam ver como ele nos assustou! Ameaçou suicidar-se: "Eu darei um tiro na cabeça! Um tiro na cabeça!" — disse.

VOZES
Não diga!

AMMOSS
Inacreditável!

LUKA
É. Mas o destino é o destino!

ARTÊMY
Não, meu amigo, não foi o destino. Foi o mérito. Foi o mérito. *(À parte)* A sorte sempre há de perseguir um porco como esse.

AMMOSS
Se quiser, estou disposto a vender-lhe aquele perdigueiro que o senhor tanto queria.

GOVERNADOR
Não, não. Agora não posso mais me preocupar com perdigueiros.

AMMOSS
Como quiser. Ou talvez possamos entrar em acordo sobre um cachorro de outra raça.

DPF
DCD
Fls. N.º

MULHER DE KOROBKIN
Como estou contente com sua felicidade, Anna Andreievna! Nem pode imaginar!...

KOROBKIN
Mas, se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que ele partiu.

GOVERNADOR
Realmente. Teve de se ausentar por um dia, para tratar de um assunto importante.

ANNA
Foi visitar a tia para pedir a bênção.

GOVERNADOR
Sim, para pedir a bênção, mas amanhã mesmo... *(Espirra e se ouvem exclamações em meio ao burburinho geral. "Deus o abençoe", etc.)* Muito obrigado... mas amanhã mesmo estará de volta e... *(Espirra novamente; alvoroço e exclamações. Destacam-se várias vozes.)*

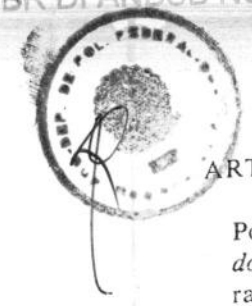
CHEFE DE POLÍCIA
Desejamos-lhe muita saúde, Excelência!

BOBTCHINSKI
Cem anos de vida e uma pirâmide de rublos de ouro!

DOBTCHINSKI
Deus o crie!

ARTÊMY *(à parte)*
Que te arrebentes!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 043, p-617



MULHER DE KOROBKIN (à parte)
O diabo que te carregue!

GOVERNADOR
Obrigado. Desejo-lhes o mesmo!

ANNA
Estamos pensando em mudar para São Petersburgo. Para dizer a verdade, aqui se respira um ar por demais provinciano... Muito desagradável, confesso. Além disso meu marido será promovido a general.

GOVERNADOR
Ah, sim, meus senhores. Digo-o com toda a franqueza. Gostaria muito de ser general.

LUKA
Deus queira que consiga.

RASTAKOVSKI
O homem põe, Deus dispõe!

AMMOSS
Para um grande barco, grandes travessias.

ARTÊMY
A César o que é de César!

AMMOSS *(à parte)*
Imaginem só se ele consegue mesmo chegar a general. Aí está um homem a quem o título assentaria tão bem quanto uma sela numa vaca!

ARTÊMY *(à parte)*
Diabo! Esse aí já quer ser general! E sabe-se lá!... Pose não lhe falta. Que vá para o inferno! *(Ao governador)* Veja lá, Anton Antonovitch, quando chegar a general não vá se esquecer da gente, hein?

AMMOSS
E, se a gente precisar de alguma proteçãozinha legal, não nos abandone!

KOROBKIN
No ano que vem vou levar meu filho à capital para que ele fique a serviço do Estado. Tenho a certeza de que o senhor será para ele um verdadeiro pai!

GOVERNADOR
Não duvide! Não duvide! De minha parte estou pronto a fazer sempre o humanamente possível para o bem do meu povo.

ANNA
Você está sempre disposto a prometer. Em primeiro lugar, você não vai ter nem tempo de pensar nisso. Como é possível fazer esse tipo de promessas? E além disso, para quê?

GOVERNADOR
Por que não, querida? Às vezes pode-se ajudar um pouco!

ANNA
Naturalmente que pode. Mas não vejo por que você haveria de proteger qualquer pessoa insignificante.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.618.

MULHER DE KOROBKIN
Está vendo como ela nos trata?

UMA VISITANTE
Eu conheço essa velha. Ela sempre foi assim. Mostram-lhe um dedo, ela engole a mão.

CENA VII

Entra o chefe dos correios, desalentado, com uma carta aberta na mão.

CHEFE DOS CORREIOS
Um caso surpreendente, senhores! O funcionário que todos nós pensávamos que fosse um inspetor não é um inspetor!

TODOS
Como não é o inspetor?

CHEFE DOS CORREIOS
Nem de longe. Esta carta revela tudo.

GOVERNADOR
O quê? O que é que está escrito aí? Que carta é essa?

CHEFE DOS CORREIOS
Uma carta dele próprio. Chegou na agência dos correios e eu li o remetente: Ivan Aleksandrovitch Khlestakov. Fiquei petrificado de medo. Eu logo pensei que ele tivesse descoberto alguma coisa errada nos correios e queria avisar o seu chefe. Foi só por isso que eu abri a carta.

GOVERNADOR
Como é que o senhor foi fazer uma coisa dessas!?

CHEFE DOS CORREIOS
Eu mesmo não sei dizer. Senti como se uma força sobrenatural se apossasse de mim. E uma voz dizia: "Abre a carta, abre!" Já estava quase mandando a carta ao destinatário quando senti uma curiosidade tão grande que não resisti. Então outra voz me disse ao ouvido: "Não abra essa carta. Ela é a tua ruína!" E o primeiro demônio continuou murmurando: "Abre, abre, abre!" Quando eu abri, senti o sangue pegando fogo em minhas veias. E uma febre gelada. Eu juro que era gelada. Minhas mãos estavam trêmulas e tudo se embaçou na minha frente.

GOVERNADOR
Mas como é que o senhor teve a coragem de abrir a carta de uma autoridade tão elevada?

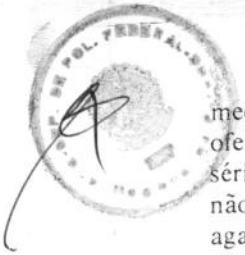
CHEFE DOS CORREIOS
Essa é a questão. Não é nem elevada, nem é autoridade.

GOVERNADOR
Então o que é que ele é?

CHEFE DOS CORREIOS
Não fede nem cheira. Nem o diabo sabe quem ele é.

GOVERNADOR
Como "nem fede nem cheira" e dizer que nem o diabo sabe quem ele é?! Eu vou mandar o senhor para a cadeia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.619.



CHEFE DOS CORREIOS
Quem vai mandar, o senhor?

GOVERNADOR
Sim, eu!

CHEFE DOS CORREIOS
Acho que vai ser difícil!

GOVERNADOR
Fique sabendo que ele vai casar com a minha filha. E eu mesmo hei de ser um nobre. E se quiser, posso mandar o senhor até para a Sibéria!

CHEFE DOS CORREIOS
Ah, Anton Antonovitch! Faça-me o favor. Esqueça da Sibéria, que é muito longe. O melhor é ler essa carta. Se os senhores permitem, eu mesmo leio.

TODOS
Leia, leia, leia.

CHEFE DOS CORREIOS *(lendo)*
"Apresso-me a informar-te, meu caro Triapitchkin, das incríveis aventuras que comigo se passaram. Durante a viagem, um capitão de Infantaria deixou-me sem um níquel, a tal ponto que o taberneiro queria me mandar para a cadeia. Mas, eis senão quando, em virtude do meu aspecto metropolitano, e das minhas roupas, o povinho daqui me toma pelo próprio inspetor geral. Agora estou hospedado na casa do governador, levo uma vida ótima e cortejo furiosamente sua mulher e sua filha. Resta-me somente decidir por qual delas começar... creio que começarei pela "mamãe", já que me parece predisposta a oferecer todos os serviços. Lembras-te dos tempos de miséria que passamos juntos, comendo um dia sim, um dia não, e como certa vez o dono de uma confeitaria me agarrou pelo pescoço porque eu não podia pagar os pastéis? Agora as coisas transcorrem diferentemente. Todos me emprestam dinheiro, na quantidade que eu bem entender. É uma gente pitoresca: se tu os visses, morrerias de rir. E já que escreves para os jornais, poderias colocá-los em tuas crônicas. Em primeiro lugar, vem o governador: ele é mais imbecil do que um capão na engorda..."

GOVERNADOR
Não, não é possível. Isso não está aí!

CHEFE DOS CORREIOS *(mostrando a carta)*
Está sim, está sim! Leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR *(lendo)*
"... mais imbecil do que um capão na engorda!" Não, não pode ser! Foi o senhor mesmo que escreveu isso!

CHEFE DOS CORREIOS
Como é que eu iria escrever?

ARTÊMY
Leia, leia!

LUKA
Leia!

CHEFE DOS CORREIOS *(prosseguindo com a leitura)*
"Em primeiro lugar vem o governador: ele é mais imbecil do que um capão na engorda!"...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.620.

GOVERNADOR
Mas, que diabo! Pra que repetir? Todo mundo já sabe, não é?

CHEFE DOS CORREIOS *(segue lendo)*
Humm... hum... hum... "Mais imbecil do que um capão na engorda. O chefe dos correios também é um bom homem..." *(Parando de ler)* Bem, aqui vêm umas expressões inconvenientes a meu respeito...

GOVERNADOR
Ah, não! Leia!

CHEFE DOS CORREIOS
Mas, para quê?

GOVERNADOR
Não, senhor! Que diabo é isso! Já que está lendo, leia tudo!

ARTÊMY
Permita-me. Eu leio. *(Põe os óculos e lê.)* "O chefe dos correios é idêntico a Mikhaiev, contínuo da nossa repartição. Deve ser também o mesmo poltrão e bêbado."

CHEFE DOS CORREIOS
Não passa de um rapazola malcriado que deveria levar uma surra, eis tudo!

ARTÊMY *(lendo)*
... "O diretor do hospital..." *(Interrompe-se.)*

KOROBKIN
Por que parou?

ARTÊMY
Não entendo bem a letra... além disso vê-se logo que é um miserável!

KOROBKIN
Deixe ver! Acho que a minha vista é melhor que a sua! *(Quer pegar a carta.)*

ARTÊMY *(resistindo)*
Não, não, podemos pular esse pedaço. O que vem a seguir já se entende.

KOROBKIN
Permita-me, talvez eu consiga decifrar!

ARTÊMY
Mas, para quê? Eu mesmo leio. Asseguro-lhe que mais adiante lê-se com muita facilidade!

CHEFE DOS CORREIOS
Não senhor. Até agora se leu tudo. Não vale pular pedaços.

TODOS
Entregue a carta, Artêmy Fiedorovitch! Entregue a carta! *(A Korobkin)* Leia!

ARTÊMY
Imediatamente. *(Entrega a carta.)* Pronto! *(Cobre com a mão uma passagem.)* Com licença... leia desde aqui... *(Todos se aproximam.)*

CHEFE DOS CORREIOS
Leia, leia! Mas que bobagem! Leia tudo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.621
DPF DCDP Fls. N.º 57 Rubrica

KOROBKIN *(lendo)*

. . . "O diretor do hospital, um certo Zemlianika, é um verdadeiro porco enfeitado!"

ARTÊMY

Hum! Nem ao menos tem espírito! Um porco enfeitado? Onde já se viu isso?

KOROBKIN *(continua lendo)*

"O supervisor das escolas fede tanto a cebola que é de dar medo!"

LUKA

Eu juro por Deus que nunca provei uma cebola!

AMMOSS *(à parte)*

Graças a Deus, não fala de mim.

KOROBKIN *(lendo)*

"O juiz . . ."

AMMOSS *(à parte)*

Ai, fui precipitado! *(Em voz alta)* Senhores, esta carta já está muito longa. É incrível que gente de responsabilidade perca tempo com tamanha estupidez!

LUKA

Não, não!

CHEFE DOS CORREIOS

Que é isso? Que é isso! Vamos ler, sim senhor!

ARTÊMY

Isso mesmo! Que se leia!

KOROBKIN *(continuando)*

"O juiz, um tal de Liapkin-Tiapkin, é um *mauvais ton*". . . *(Interrompe-se.)* Deve ser uma palavra francesa . . .

AMMOSS

Só o diabo sabe o que isso significa. Dou-me por contente se significar malandro ou coisa parecida, mas talvez seja coisa bem pior.

KOROBKIN *(prosseguindo)*

"No mais, todos são hospitaleiros e amáveis. Adeus, meu caro Triapitchikin. Seguindo teu exemplo, estou decidido a enveredar pela literatura. É muito monótona a vida assim. A alma também precisa ser alimentada. Descobri que realmente é necessário preocupar-se com as coisas superiores. Escreve-me, estarei na província de Saratov, na aldeia de Podkatilovka. *(Vira a carta e lê o endereço.)* Ao Ilustríssimo Senhor Ivan Vassilievitch Triapitchkin, rua do Correio, casa número 97, dobrando-se a esquina, pátio, terceiro andar, à direita."

UMA DAMA

Mas, que contratempo!

GOVERNADOR

Apunhalou-me! Apunhalou-me! Estou morto! Morto! Completamente morto! Não vejo mais nada! Só focinhos de porco em lugar de caras! Focinhos de porcos! . . . Tragam-no de volta! Tragam-no de volta!

CHEFE DOS CORREIOS

Quem poderá trazê-lo? Eu mesmo ordenei para que lhe

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.622.

DPF DCDP Fls. N.º 57 Rubrica

dessem a melhor tróika. E o diabo me instigou para que eu lhe desse uma ordem escrita, com a qual ele vai pegar os melhores cavalos de muda pelo caminho!

MULHER DE KOROBKIN
Que confusão incrível, meu Deus!

AMMOSS
E eu? E eu que lhe emprestei trezentos rublos!

ARTÊMY
O mesmo lhe dei eu!

CHEFE DOS CORREIOS *(suspirando)*
Eu também lhe emprestei trezentos rublos.

DOBTCHINSKI
Eu e Piotr Ivanovitch lhe emprestamos sessenta e cinco.

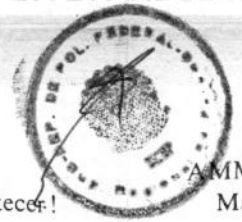
AMMOSS *(desconcertado, com um gesto de perplexidade)*
Mas... mas, como foi isso, senhores!? Como se explica termos caído nesta impostura?

GOVERNADOR *(batendo na testa)*
Como se explica ter isto acontecido comigo!... Comigo... velho cretino!... É claro, perdi o juízo! Estou ficando gagá! Trinta anos de administração pública! Em trinta anos nenhum comerciante, nenhum atravessador conseguiu me enganar. Eu sim, enganava um tapeador depois do outro. Enganei os maiores ladrões e malandros, desses que roubam meio mundo. Meti no bolso três governadores! E que governadores! *(Com um gesto de desalento)* Ah, não falemos de governadores!

ANNA ANDREIEVNA
Mas isso não pode ser, Antocha. Ele se comprometeu com Machenka!...

GOVERNADOR *(enfurecido)*
Ah, se comprometeu!? Pensa que se comprometeu! E vem ela dizendo: "se comprometeu"! Vejam, vejam todos! Todo o mundo! Toda a cristandade! Vejam todos como o governador foi feito de besta! Vejam todos como passou por imbecil! O velho malandrão!... *(Ameaçando-se com o próprio punho)* Ah, narigudo desgraçado! Confundiste um palhaço com um homem importante. E lá se vai ele, rindo pelos caminhos. Espalhando aos quatro ventos o que aconteceu! E como se não bastasse ser motivo de troça para todo mundo, ainda vai aparecer um rabiscador, um borrador de papéis qualquer que te meterá numa comédia! Isso é o que mais me dói! Não respeitará meu cargo, minha posição! E todos gargalharão mostrando os dentes e batendo palmas! Parece que os vejo! Mas estão rindo de quê? Imbecis! Estão rindo de si mesmos! *(Bate com os pés no chão, irado.)* Ai, que eu esmagaria todos esses caneteiros! Ah! Escrevinhadores, ah, liberais malditos, sementes do diabo! Eu amarraria todos juntos num só feixe, eu os transformaria em pó, eu os... aaaah! *(Dá golpes com os punhos no ar, batendo com os pés. Depois de uma pausa, procura dominar-se.)* Não consigo me acalmar. É assim mesmo: quando Deus quer nos castigar, começa por nos tirar o raciocínio!... Vamos ver: o que tinha de inspetor geral aquele malandrote? Nada, absolutamente nada! Nem um pingo de semelhança e no entanto, de repente, estavam todos lá: "inspetor aqui, inspetor ali... Ah, o inspetor! Meu Deus, um inspetor!" Quem foi o primeiro a espalhar que ele era o inspetor? Respondam!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 623.



ARTÊMY *(com um gesto de perplexidade)*
Que eu morra, se entendo como é que isso foi acontecer! Foi como se entrasse uma névoa na minha cabeça, como se eu fosse enredado pelo próprio demônio!

AMMOSS
Pois aqui está quem espalhou a notícia. *(Apontando Dobtchinski e Bobtchinski)* Foram estes cavalheiros!

BOBTCHINSKI
Ei, ei! Eu não! Nem sequer pensei...

DOBTCHINSKI
Eu não disse nada, absolutamente nada...

ARTÊMY
Foram os senhores, sim!

LUKA
Claro que foram eles! Vieram correndo da taberna, gritando como uns loucos: "Ele veio! Vive e não paga!" Pelo amor de Deus, bela personagem descobriram.

GOVERNADOR
Naturalmente que foram vocês! As comadres da cidade! Boateiros malditos!

ARTÊMY
Que vão pro diabo, com o inspetor e todas essas histórias!

GOVERNADOR
Vivem correndo pela cidade, cochichando, urubus desgraçados!

AMMOSS
Malditos difamadores!

LUKA
Palhaços!

ARTÊMY
Intrigantes pançudos! *(Todos cercam os dois acusados.)*

BOBTCHINSKI
Juro por Deus que não fui eu! Foi Piotr Ivanovitch!

DOBTCHINSKI
Oh, não, Piotr Ivanovitch! Pois se foi o senhor primeiro a...

BOBTCHINSKI
Não, não, Piotr Ivanovitch, o primeiro foi o senhor.

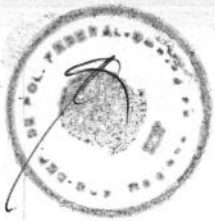
ÚLTIMA CENA

Entra um soldado.

SOLDADO
Senhores! Um funcionário, que acaba de chegar de São Petersburgo com ordens especiais, ordena que o procurem imediatamente. Ele está no hotel.

(As palavras pronunciadas têm o efeito de um raio. De todos os lábios femininos ecoa um som de surpresa; todo o grupo que, de repente, muda de posição, pára como que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 624.



DPF
DCDP
Fls. N.º 57
Rubrica

petrificado. O governador está no centro, como uma coluna, as mãos estendidas e abertas, cabeça inclinada para trás. À sua direita, estão sua esposa e sua filha, com um movimento de corpo em sua direção; atrás delas, o chefe dos correios, convertido num ponto de interrogação dirigido ao público. Detrás dele, Luka, que se encontra perdido da forma mais inocente possível; detrás de Luka, no ponto extremo da cena, três das senhoras visitantes apóiam-se uma na outra, com expressões fisionômicas satíricas, diretamente alusivas à família do governador. À esquerda do governador está Zemlianika, com a cabeça um pouco inclinada, como se estivesse escutando alguma coisa; atrás dela, o juiz, com os braços abertos, quase sentado no chão, e com um movimento nos lábios, como se quisesse assoviar e exclamar: "Estamos diante do Juízo Final!" Mais atrás, Korobkin, que pisca um olho maliciosamente para os espectadores, divertindo-se com a situação do governador; mais atrás, no fundo do cenário, Bob e Dob, com os braços estendidos um para o outro, de boca aberta e olhos fora das órbitas. Os demais visitantes reduziram-se meramente a simples colunas estáticas. Durante quase meio minuto, o grupo mantém-se petrificado nessa atitude.

CAI O PANO

ÍNDICE

Introdução	V
Advertência	4
Personagens	5
ATO I	7
Cena I	9
Cena II	17
Cena III	21
Cena IV	27
Cena V	29
Cena VI	32
ATO II	35
Cena I	37
Cena II	39
Cena III	42
Cena IV	43
Cena V	45
Cena VI	45
Cena VII	49
Cena VIII	50
Cena IX	58
Cena X	59
ATO III	63
Cena I	65
Cena II	66
Cena III	70
Cena IV	71
Cena V	74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 625.

DPF DCDP Fls. N.º 580 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer nº 289/85-SCDP/SR/PR. Em 08/10/85.

Do CF Francisco Surek
Ao Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Análise de texto teatral.

Título da peça: O INSPETOR GERAL.
Autor: Nicolai Gogol.
Requerente: Silvana Silva dos Santos.
Grupo: Café Amargo e Leite Quente.

O inexpressivo escriturário Khlestakov, da cidade de São Petersburgo, considerada Capital, gasta seu dinheiro em jogos de baralho, durante a viagem até a modesta cidade fronteiriça. Tendo já contraído dívidas em um hotel onde se hospeda, com o conivente empregado Óssip, e sendo ameaçado de detenção, / Khlestakov tolera alimentar-se de sopa e carne podres. O ar profundo do forasteiro e a expectativa da vinda de autoridade, incógnitamente, para efetuar uma devassa, ensejam o boato de que o inspetor geral da capital está na cidade. O relapso governador / ordena a varredura das ruas e o depósito de materiais de construção, em certos lugares, para dar a impressão de que muitas benfeitorias estão em obras. Visita o franzino e arrogante pseudo-inspetor, empresta-lhe rublos e hospeda-o em sua residência. Após / o forasteiro revelar ter acesso ao diálogo com os ministros, recebe em audiência diversos diretores e pede emprestado dinheiro cedido generosamente, sob crença de que essa é uma forma de suborno. Em carta a um jornalista, o impostor ridiculariza esses / provincianos. No segundo dia de mordomias, Óssip alerta o patrão de que este está sendo confundido com outro personagem e que urge sair da cidade. Khlestakov, notando a esposa e a filha do governador excitadas, solicita em casamento a mais nova. O governador espera tornar-se general e sua esposa ambiciona mudar-se para a Capital onde existem pessoas cultas e educadas. Com destino

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.626.

DPF DCDP Fls. N.º 581 Rubrica

a Saratov, para pedir a bênção de uma velha e rica tia e regressar no dia seguinte, khlestakov, em carruagem, parte, levado pelos melhores cavalos e portando autorização para substituí-los, durante a viagem. Sua acerba carta é violada pelo chefe dos Correios e, não havendo como deter o forasteiro e seu auxiliar, as vítimas lamentam o equívoco provocado pelo homem que em nada se assemelha ao inspetor geral, como se Deus as destituísse da inteligência, com fins punitivos. O governador teme que o jornalista receba a carta reescrita e transforme a empulhação em peça que / provoque risos e aplausos.

A chegada de outro funcionário de São Petersburgo é anunciada e o elenco se imobiliza, perplexo, até a queda do pano.

A principal mensagem positiva é a de convencer cada pessoa a cumprir o seu dever para que possa prestar contas de seus atos, perante os superiores, sem o risco de ter sua inteligência embotada pelo medo e sem a necessidade de suborno.

Com o exame de consciência são conhecidos os seguintes desmandos: O juiz não zela pelo seu local de trabalho, deixando que contínuos criem gansos que sujam o tribunal; o secretário do juiz se embriaga; o professor quebra carteiras ao lecionar com veemência; o chefe de ccrreios viola correspondência, há muito tempo; e o governador tem espancado a mulher do subtenente, negado comida aos presos e enganado os atravessadores.

Ajoelhada diante do escriturário, a esposa do governador difunde a idéia do adultério.

Mensagem negativa vem também da ralé: mulheres suplicam a Deus para que faça cair, na cabeça do governador, todos os males do mundo e que nunca sejam felizes nem ele, nem seus filhos, tias, tios, pais e primos.

Impondo-se sob o aspecto de entretenimento, as mensagens da peça tem pequena força de persuasão.

Não cremos que Nicolai Gogol tenha escrito a peça para uma faixa etária específica.

A linguagem da peça é inofensiva, salvo quando, na carta, as autoridades são apelidadas com nomes de animais.

Opinamos pela liberação da peça "O INSPETOR GERAL" para maiores de 16 (dezesseis) anos por conter crítica política. Vide radiograma 880/SA/DCDP, de 27/9/85.

Francisco Surek
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.627

DPF
DCDP
Fls. N.º 582
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 290/85-SCDP/SR/PR Curitiba, 08 de outubro de 1985

Do CF Paulo de Tarso Kloeckner

Ao Ilmo. Sr. Chefe do SCDP

Ass.: Análise de texto de teatro (apresenta)

Título: "O INSPETOR GERAL"

Autor : Nicolai Gógol

Requerente: Silvana Silva dos Santos

Produção: Grupo CAFÉ AMARGO E LEITE QUENTE - Curitiba-PR

Classificação: para MAIORES de 16 anos

Justificativa: Sátira de Costumes

O aventureiro Chlestakov, vindo da capital da Província, aparece numa cidadezinha do interior, em cujo único hotel se hospeda, mesmo sem dinheiro, perdido esse em mesa de jogo. Logo a conta fica grande, a ponto de o prpprietário terminar por recusar-lhe as refeições.

As autoridades locais - governador, juiz, diretores do hospital e da escola, chefes de Polícia, de Correios, e outros - informados da iminente chegada do Inspetor Geral da Administração Pública, tomam Chlestakov por essa autoridade, e, como sobre todos pesavam graves irregularidades no respectivo setor, movimentam-se no sentido de desviar a suposta autoridade da indesejável vistoria, o que deveria ser obtido pelo suborno. Assim, Chlestakov, sem entender nada do que acontecia, se vê, de repente, cercado das maiores atenções por parte dos mandantes do lugar, com hotel pago e dinheiro no bolso, atenções que começavam pelo governador, em cuja casa, a convite, acaba se hospedando, e se estendiam pelas demais autoridades, cada qual o obsequiando com o que ele pedisse, na esperança de que sua respectiva área não fosse vistoriada. Chlestakov, finalmente enten -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.628.

DPF
DCDP
Fls. N.º 583
Rubrica

dendo que o estavam confundindo com uma importante autoridade prestes a chegar, tira partido da situação, com a idéia de, na primeira oportunidade, cair fora. Na casa do governador, pois, se sente à vontade para dirigir galanteios à mulher e à filha deste, deixando-as extasiadas. O entusiasmo chega ao delírio quando pede ao governador sua filha em casamento, fazendo este sonhar alto com cargos na capital. E Chlestakov, ao demonstrar vontade de viajar até uma cidade próxima, de onde voltaria em 1 ou 2 dias, recebe uma carruagem e os melhores cavalos.

Numa carta a um amigo seu da cidade de onde viera, conta toda a aventura, mas a mesma é aberta pelo chefe do Correio - que abria, indevidamente, toda correspondência antes de despachá-la - e assim, a farsa é descoberta, para indignação de todos, que, em seguida, estarrecem, quando vem a notícia de que o verdadeiro Inspetor está na cidade, e quer imediatamente iniciar seu trabalho.

Apreciação:

Essa comédia russa, escrita há mais de um século, faz do humor e da sátira, seu suporte e recheio, buscando ridicularizar a corrupção e imoralidade dos altos funcionários públicos da época. Sua validade, para o nosso tempo, é indiscutível, cabendo, como uma luva, para situações nossas conhecidas, verificadas hoje em toda parte, e, mesmo, em todos os cantos do mundo.

A peça é, inequivocamente, dirigida a todos os responsáveis pela administração pública, servindo de censura à negligência, alerta ao desleixo e desmazelo e condenação ao uso do cargo para finalidades escusas. Os atos condenáveis exibidos na peça não são apresentados como ideal a ser seguido: apenas compõem-na com elementos positivos, realçando estes, que são, exatamente, a necessidade de zelo, honestidade e irrepreensibilidade no serviço público.

Paralelamente, a ambição, a traição dos "melhores amigos", a venalidade, o despotismo, a bajulação, a duplicidade de caráter e outros vícios são sublinhados como desregramentos fatalmente puníveis.

De proposições convincentes, a peça, segundo o texto apresentado, se enquadra, a nosso ver, na classificação já definida pela DCDP, ou seja, para MAIORES de 16 anos, em vista das cenas desaconselháveis a menores dessa faixa etária, que são os atos de cor-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-629

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 584
Rubrica

rupção administrativa, suborno, tentativa de adultério, etc., que por deverem ser entendidas dentro do contexto da peça, podem não ser assim compreendidas por menores dessa mesma faixa.

É o Parecer.

Paulo de Tarso Kloeckner
Téc. Censura - Matr. 0221217

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.630.

DPF
DCDP
Fls. N.º 585
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 10 de outubro de 1 985

Do CF Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 293/85 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "O Inspetor Geral"
AUTOR: Nicolai Gógol
TRADUÇÃO: AUgusto Boal e J. Guarnieri
REQUERENTE: Silvana Silva dos Santos - Grupo de Teatro "Café Amargo e Leite Quente"
PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 16 ANOS, por ser sátira política

O governador de uma cidadezinha recebeu a notícia de que um Inspetor Geral estava para chegar de São Petersburgo e se mobilizou no sentido de "por ordem na casa". Quase que ao mesmo tempo, avisaram-lhe que um tipo aristocrático estava hospedado no hotel e êle o confundiu com tal autoridade. Na realidade, tratava-se de um pequeno funcionário, exibicionista e dado ao vício do jogo, já sem condições de pagar as despesas, estando até ameaçado de prisão. Pretextando uma fiscalização, o governador chega até êle, desenrolando-se uma situação bastante curiosa: todos - o governador, a cúpula administrativa e o "inspetor", amedrontados com as conseqüências de suas ações, tentam justificá-las. Para ganhar-lhe a simpatia, disfarçam os subornos em empréstimos. Como o hóspede está sendo maltratado, o governador o leva para a própria casa. Ali, êle tem um ótimo tratamento, chegando a cortejar a esposa do anfitrião e a pedir em casamento a filha do mesmo. Vendo-se alvo de tantas atenções, o "inspetor" não se cansa de louvar seus méritos de escritor ("apropriando-se" de obras alheias), suas amizades selecionadas (nobres, artistas), seu poder (contacto direto com o czar; sua severidade profissional diante da qual todos tremiam). Seguindo o conselho do empregado, que temia o esclarecimento do e-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 631

DPF
DCDP
Fls. N.º 586
Rubrica

quívoco, parte com a promessa de logo retornar. No entanto, já colocara no Correio uma carta, contando a um jornalista as suas peripécias, as quais deveriam ser publicadas. O funcionário dos Correios, levado pela curiosidade e por ordem do governador, a interceptou e leu, levando as novidades ao governador, justamente no momento em que êle ameaçava aqueles que o tinham denunciado e propalava seu futuro venturoso como sogro de tão ilustre figura. A carta satirizava a todos os que tinham bajulado o "inspetor", aludindo até à "generosidade" da esposa do governador. O grupo ainda não tinha se refeito do susto, quando um soldado, ao avisar que o verdadeiro inspetor chegara, os coloca como que diante do Juízo Final.

A peça é positiva:

- traça um perfil da sociedade russa do século passado, na qual predominavam: os "diz-que-diz", a bajulação, o arbítrio das autoridades (com desvio de recursos do erário público; subornos, devido aos baixos salários, pelos ocupantes de todos os graus hierárquicos; total desinteresse pela administração e exploração do povo).
  A falta de higiene imperava na cidade, inclusive no hospital, onde: o número de enfermos ultrapassava a capacidade hospitalar; não havia preocuapção com os assentamentos do quadro clínico dos enfermos, nem com a dieta alimentar dos mesmos; os medicamentos visavam apenas efeitos paliativos e a comunicação paciente X médico era impossível, já que o último não falava o russo.
  No Tribunal predominava a morosidade, julgamentos parciais ("uso de esporas"), desordem (o local apresentava semelhanças com uma residência popular).
  Na escola, os professores mais exaltados destruiam os objetos da classe e batiam nos alunos.
  Os soldados eram dados à bebida, ao roubo, à agressão e até deslei xados com o pudor.
  O sigilo da correspondência não era respeitado nos Serviços de Correio.
  O governador era o maior explorador dos comerciantes, chegando a eliminá-los ou a fechar-lhes as lojas, quando se rebelavam; vendia produtos de baixa qualidade em seu mercado; liberava ou convocava para o Exército segundo as suas conveniências, assim como encobria a corrupção dos amigos.
  Inocentes eram alvo de violência e as necessidades dos presidiários não eram atendidas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.632.

DPF
DCDP
Fls. N.º 587
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- demonstra a fragilidade dos que praticam ações escusas e a punição dos mesmos.

O público alvo é o de críticos políticos e aficionados por comédias.

A linguagem não merece restrições.

O grau de persuasão é forte. Apesar de enfocar espaço e época alheios aos nossos, a problemática ainda é atual.

Considerando que além da crítica política, só sobressai a sugestão, bastante sutil e limitada à fala, de adultério, a peça poderia ser liberada para MAIORES DE 14 ANOS;

No entanto, como já contém certificado permanente, expedido pela DCDP, ratificamos a sua impropriedade para MENORES DE 16 ANOS, por ser sátira política.

É o nosso parecer.

Lilian Filus

CF Lilian Filus

Matrícula nº 2 416 941.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 633.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 588
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

Parecer nº 310/85-SCDP/SR/PR. Em, 22 de outubro de 1985.

Do CF Francisco Surek
Ao Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR.
Assunto: Análise de ensaio geral de peça.

Título da peça teatral: O INSPETOR GERAL.
Autor: Nicolai Gogol.
Tradutores: Augusto Boal e Jeanfrancesco Guarnieri.
Produtor: Grupo de Teatro "Café Amargo e Leite Quente" - Curitiba - Paraná.

A mencionada peça retrata a vida política em pequena cidade russa, alguns anos após 1816, segundo o ensaio-geral que analisamos, ontem, no auditório Glauco Flores de Sá Brito, nesta Capital, das 20 h e 20 min às 21 h e 50 min. O governador da mencionada cidadela leva a sério a informação de que um faminto forasteiro do hotel seja o inspetor geral, vindo de São Petersburgo. Enerva seus apaniguados responsáveis pela malversação do erário público. A forma velada de suborno, emprestando rublos ao suposto inspetor, é a solução coletivamente adotada para que as irregularidades não sejam levadas ao conhecimento dos altos escalões do Governo. Locupletado, o forasteiro deixa a cidade e uma carta que, violada, o identifica e deprecia o comportamento dos / provincianos.

O cenário único em que a peça é apresentada evoca o interior de um circo, pela presença da escada de cordas, trapézios e pequeno palco, formado por, verticalmente, coloridas / cortinas(coloridas)e duas escadas com três degraus.

A indumentária também revela esmero na coloração e a maquilagem, com pinturas de bigodes de diversas formas, transformam os artistas em homens maravilhosos, sendo um desses homens atriz e, em compensação, atores encarnam mulheres queixosas perante o impostor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-634.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 589
Rubrica

Na iluminação destaca-se a astúcia de se projetar, inicialmente, luz fraca e rósea, sobre os biquinis da esposa e da filha do governador, resultando a ilusão de que os seios estejam nus.

Músicas clássicas sonorizam muitas cenas do espetáculo que se desenvolvem com fundamento em coreografia.

Embora pareça ridícula a calça curta, de seda azul, do forasteiro, as mulheres, mãe e filha, se rivalizam para conquistar sua afeição. Impondo-se pela sensualidade e porte, aquela sobrepuja a descendente, deixando-se apalpar nos joelhos e braços. Esta, por sua vez é beijada na boca e convidada para dançar.

Ao descobrirem terem sido enganados, os personagens desiludidos voltam à realidade, desfazendo-se da indumentária acessória, das perucas e da maquilagem.

Apesar da encenação ser cômica, coreográfica e mímica, a diretora da peça considera razoável a faixa etária de 16 (dezesseis) anos, constante na DCDP, para a qual essa sátira política está liberada.

Surek

CF Francisco Surek
Matrícula: 2415785.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.635.

DPF
DCDP
Fls. N.590
Rubrica

DEP. DE POL. FEDERAL
SCDP
Sup. Regional no Paraná

C.023/85-SCDP/SR/PR + VALIDO EM TODO TERRITORIO NACIONAL +

" O INSPETOR GERAL "

Nicolai Gogol

08 Novembro 89

" SATIRA POLÍTICA " Curitiba, xxxxxx 022 Outubro 85

16 ANOS

CF Jaime Luiz Hartmann
Chefe do SCDP/SR/PR
XXXXXXXXXXXXXXXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.636.

" O Inspetor Geral "

Nicolai Gogol

Augusto Boal & Jeanfrancesco Guarnieri

xxxx.....xxxxx

Grupo de Teatro " Café Amargo & Leite Quente " - Curitiba/PR

Silvana Silva dos Santos

21 Outubro 85

Impróprio p/menores de 16 anos. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo // SCDP/SR/PR. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Ensaio Geral
Em 21 / 10 / 85
Chefe SCDP/SR/PR

Curitiba, xxxxxx 22 Outubro 85

Benedito Zumas Filho
Censor Federal
Chefe da SCC/SCDP/SR/PR
Mat. 2.407.470

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.637.

DPF
DCDP
Fls. N.º 590
Rubrica

TEATRO

TÍTULO " O INSPETOR GERAL "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAI GOGOL "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 14 ANOS "

Praça " SCDP/SR/PR "

Obs.:

DF. 30 / OUT. / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ordem;
Encaminhe-se ao Arquivo.
Bsb, 31/10/85

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 638.

DPF
DCDP
Fls. N.º 592
Rubrica

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

18 ABR 09 28 86 002533

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - SR/RJ

DCDP/BSB

OFICIO nº 273/86-SCDP/SR/RJ Em, 15 / 04 /1986

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Para: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. Prot. 9051/85-SCDP/SR/RJ-26.08.85

Encaminho a V.Sª cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral ..... ."ADEUS MORDOMIAS..... O INSPETOR CHEGOU"..... OU "O INSPETOR GERAL" de ..NICOLAI GOGOL..... ..... foi requerida por ...PORFÍRIO ANTELO DURAM.....

Atenciosamente

LUIZ MAURO GIESTAS
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ.

ZFB/ ENS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 5913, p. 639

DPF DCDP Fls. N.º 01 Rubrica

DPF DCDP Fls. N.º 593 Rubrica

ILMº SR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/RJ

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - GB.
SERVIÇO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 9051
DATA 26/08/1985
ASSINATURA

Porfírio Angelo Duram
REQUERENTE

Brasileiro, Bancário
NACIONALIDADE, PROFISSÃO

CARTEIRA DE IDENTIDADE Nº 0578899313, IFP
EXPEDIDA POR

RESIDENCIA: Rua Engenheiro Moreira Lima 67/101
Vila da Penha, 21210, 391-2636
BAIRRO, CEP, TELEFONE

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, que se digne mandar examinar, de acordo com as normas censórias vigentes, a (s) Texto abaixo relacionadas de autoria de Marcelo Bastos Moreas, adaptação da obra "O Inspetor Geral" de Nicolau Gogol na tradução de Ferreira Gullar e João das Neves
ESPÉCIE

TÍTULOS: "Adeus Mordomias... O Inspetor Chegou!!!"

N TERMOS

P DEFERIMENTO

RIO DE JANEIRO, 26 / Agosto / 1985

REQUERENTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-640

1 - EMPRESA OU GRUPO (SE HOUVER)

NOME _____ CGC _____

SEDE: _____

DIRETOR/RESPONSÁVEL: _____

2 - DADOS DO AUTOR

NOME: _____

PSEUDÔNIMO: _____ FILIAÇÃO _____

_____

3 - PARCERIA

NOME: _____

PSEUDÔNIMO _____ FILIAÇÃO _____

_____

4 - PARCERIA

NOME: _____

PSEUDÔNIMO: _____ FILIAÇÃO _____

_____

5 - PARCEIRA

NOME: [redacted] _____

PSEUDÔNIMO: _____ FILIAÇÃO _____

_____

6 - PARCERIA

NOME: _____

PSEUDÔNIMO: _____ FILIAÇÃO _____

_____

DECLARO QUE A MATÉRIA A SER EXAMINADA NUNCA FOI SUBMETIDA À APRECIAÇÃO DESSA DCDP (EXETUANDO OS PEDIDOS DE RENOVAÇÃO DE CERTIFICADO OU DE CONFRONTO DO TEXTO), ASSUMINDO? INTEIRA RESPONSABILIDADE PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS.

DATA: 26 de Junho de 1985

ASS. [signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 641

DPF
DCDP
Fls. N.º 394
Rubrica

DPF
DCDP
Fls. N.º 08
Rubrica

ILMº SR
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RIO DE JANEIRO/RJ

NOME: GRUPO ADEUS MORDOMIAS

vem solicitar de V.Sª que se digne marcar o ensaio geral da peça: "O INSPETOR GERAL"

da autoria de: NIKOLAI GOGOL

a ser realizado no seguinte local: TEATRO NELSON RODRIGUES

no dia: 15/04/86 as 19:00 horas.

Rio de Janeiro, 09/Abril/1986

[signature]

CENSORES FEDERAIS: [signature]

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 642.

DPF DCDP Fls. N.º 02 Rubrica

DPF DCDP Fls. N.º 595 Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

RIO DE JANEIRO, 23 de agosto de 19 85

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - GB.
SERVIÇO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 9051
DATA 26 / 08 / 1985
ASSINATURA

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça "ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU" ou "O INSPETOR GERAL"

Original de NICOLAI GOGOL
Tradução de FERREIRA GOULART E JOÃO DAS NEVES
Próxima apresentação de MARCELO BASBUS MOURÃO
Teatro CAWELL Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ
A estréia está prevista para ABRIL DE 1986

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

MARIA JOSÉ VIANNA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 643.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

DPF
DCDP
Fls. N.º 03
Rubrica

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
16 SET 1985
S.E.T.E.L. - SR/RJ

DCDP
Fls. N.º 596
Rubrica

NR _____ PLS _____ DT _____ HR _____

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSB

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

TEXTO E ASSINATURA

NR 234/85-SCDP/SR/RJ 130985 PT SOL INFO PEÇA TEATRAL ASPAS ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU ASPAS OU ASPAS O INSPETOR GERAL ASPAS AUT NICOLAI GOGOL ET TRAD FERREIRA GOULART ET JOÃO DAS NEVES PT

Selma

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

ZFB/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-644

DPF
DCDP
Fls. N.º 597
Rubrica

DPF
DCDP
Fls. N.º 04
Rubrica

" ADEUS MORDOMIAS .... O INSPETOR CHEGOU !!!!!! "
****

DE MARCELO BASBUS MOURÃO

ADAPTACAO DA OBRA " O INSPETOR GERAL " DE NICOLAI GOGOL

NA TRADUCAO DE FERREIRA GULAR E JOAO DAS NEVES

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.645.

DPF
DCDP
Fls. N.º 598
Rubrica

ADEUS MORDOMIAS ... O INSPETOR CHEGOU !!!!!
****

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

PELÓPIDAS	:	GOVERNADOR
DR TOLEDO	:	JUIZ DO TRIBUNAL
DR NESTOR	:	DIRETOR DO HOSPITAL
D. LUCRÉCIA	:	DIRETORA DE ESCOLAS
HIPÓLITO	:	CHEFE DOS CORREIOS
FLORISMANA	:	ASSESSORA REL. PÚBLICAS
FLORISMENA	:	ASSESSORA REL. PÚBLICAS
JARBAS	:	MORDOMO DO GOVERNADOR
ANITA	:	ESPOSA DO GOVERNADOR
MAFALDA	:	FILHA DO GOVERNADOR
ARIOVALDO	:	SECRETÁRIO DE ROBERVAL
ROBERVAL AMADEUS	:	O FALSO INSPETOR
CRIADO DO HOTEL		
PAFÚNCIO SALIM	:	COMERCIANTE
GENOVEVA	:	PRESIDENTE DA L.D.F.(*)
MADAME GREGORIA ZINHA	:	REPRESENTANTE SOCIEDADE

(*) - Liga da Defesa da Família

D. P. F. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 646.

DPF
DCDP
Fls. N.º 599
Rubrica

"ADEUS MORDOMIAS ... O INSPETOR CHEGOU !!!!! "
(Marcelo Basbus Mourão)

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO : Sala da Casa do Governador

PELOPIDAS :Meus senhores, chamei-os aqui para lhes dar uma péssima notícia.Vai chegar aqui um inspetor.

DR TOLEDO :.O quê ?
DR NESTOR :Um Inspetor ?
PELÓPIDAS :Exatamente, um inspetor que viaja incógnito. E o que é pior, em missão secreta.
DR. TOLEDO :Santo Deus
DR. NESTOR :Não faltava mais nada
PELÓPIDAS : Tive um pressentimento esta noite, sonhei com dois enormes ratos, que surgiam assim, negros, fantásticos, farejavam e depois iam embora. Ouçam a carta que recebi da Capital.
"Querido amigo e compadre (Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa) Ah, aqui está : "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um inspetor, um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar toda a província, e em especial este distrito (Ergue o dedo num gesto significativo). Obtive esta informação de fonte fidedigna, muito embora a viagem deste inspetor tenha caráter sigiloso ". Bem aqui vem coisa sem importância, tá ... tá .... tá ... Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seus pecadinhos, aconselho a tomar todas as precauções possíveis, pois este funcionário pode chegar a qualquer momento, se é que já não está aí, sem que ninguém saiba. Ontem eu ... Daqui prá frente são assuntos de família. Minha irmã Ana teve aqui outro dia com a besta do marido. Ivan está um porco de gordo, mas insiste em tocar violino, etc, etc . Bem senhores, esta é a situação.
DR. TOLEDO .De fato, é alarmante .
LUCRÉCIA: qual será a razão disto. O que vem fazer aqui, um Inspetor ?
PELÓPIDAS : É o destino... Até hoje por sorte nossa essa gente só metia o nariz nos outros distritos. Chegou a nossa vez.
DR. TOLEDO :Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que estão querendo declarar guerra e o Ministério manda um funcionário para verificar se há por aqui algum traidor.
PELÓPIDAS :Que traidor que nada . Que faria um traidor num distrito como o nosso,longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que me diga uma coisa destas.
DR TOLEDO :Posso garantir Senhor Governador, que debaixo desse angu tem carne. O Ministério é muito precavido. Nada lhe escapa.
PELÓPIDAS :Quem tem que escapar somos nós, só nós . De minha parte já tomei todas as providências, e aconselho a vocês a fazer o mesmo. Sobretudo o senhor, DR NESTOR, o Hospital é o primeiro lugar que o Inspetor vai querer visitar, não custa nada torná-lo agradável, limpo, decente. Fornecer roupas limpas aos doentes , para que não pareçam limpadores de chaminés, como de hábito.
DR. NESTOR :Bem, isto é fácil, mando por uma touca limpa na cabeça deles, e pronto
PELÓPIDAS :Ótimo, mas além disto, deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha escrita em latim ou outra língua difícil, com o nome da doença, data da entrada do paciente, etc ... e era preferível que houvesse menos doentes lá. Dá muito má impressão ver tantos doentes no hospital. o Certo seria dispensar alguns.
DR. NESTOR :Quando a isto penso da mesma forma. O Dr. Cristiano também. Prá que tanto remédio caro. Certo é confiar na natureza. O homem quando tem que morrer morre mesmo e quando tem que ficar bom, fica.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.647.

DPF DCDP Fls. N.º 600 Rubrica

PELÓPIDAS :Ao Senhor Juiz, Dr. TOLEDO aconselharia dar mais atenção ao tribunal. Na sala de esperas os contínuos agora criam gansos, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Não há dúvida que a avicultura é digna de elogios. E porque se haveria de proibir os contínuos de criar gansos. Podem criá-los, mas não na sala de esperas de um tribunal.
DR. TOLEDO :Darei ordem hoje mesmo para que levem os gansos para a cozinha. Venha jantar conosco.
PELÓPIDAS :E outra coisa. O Senhor há de convir que não fica nada bem colocar roupas para secar em plena sala de audiências, e que a mesa de um Juiz não é lugar para se atulhar de equipamentos de caça . É compreensível que o senhor goste tanto de caçar e de pescar, mas não é necessário que no julgamento o senhor use chicotes e esporas, pelo menos até que o inspetor se vá. Quanto ao seu secretário, me desculpe, mas ele cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade como se diz que o cheiro é de nascença,ainda assim não se justifica. Ele que coma alho, cebola, sei lá o quê .
DR. TOLEDO :aEle diz que caiu do colo da ama quando era bebê.
PELÓPIDAS :O que?
DR. TOLEDO :É verdade, e desde então ficou com aquele cheiro forte de vodka.
PELÓPIDAS :Bem falei isso por valar. E quanto ao que Telzinho chama em sua carta de pecadinhos, nada tenho a dizer. Afinal de contas existirá alguém no mundo que não tenha pecados ? O homem é como Deus o fez, e quanto a isto nada adianta vociferar como fazem os moralistas.
DR. TOLEDO :Claro, eu por exemplo digo abertamente que recebo propinas, que sou subornado. Mas que espécie de propinas ? ... Cães Perdigueiros ... A diferença é enorme !!!
PELÓPIDAS : Cães perdigueiros ou não, tudo é suborno
DR. TOLEDO :O senhor acha mesmo ?
PELÓPIDAS :Acho. Quanto à Senhora, D. Lucrécia, como Diretora de Escolas, seria bom que se preocupasse mais com seus professores. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito, mas eles tem hábitos muito esquisitos. Um deles por exemplo, um grandalhão, toda a vez que começa a falar, faz uma careta assim (IMITA) Claro que se a careta é feita só diante dos alunos, não tem problema, mas na frente de uma autoridade, ele pode pensar que é prá ele, então será um desastre.
LUCRÉCIA : Estou cansado de dizer a ele que não faça caretas ... Ele faz . Ainda outro dia o padre visitava a escola e ele fez uma careta horrível. O padre me passou um sermão, dizendo que permito que se implante na juventude, idéias subsersivas.
PELÓPIDAS :A mesma coisa devo dizer em relação ao Professor de História. É um sábio, está certo, sabe muito, mas se expressa com tal veemência que se esquece do resto.Outro dia eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre ... O GRANDE, o que se passou é impossível de descrever. O homem tomou-se de fúria e lançou uma cadeira contra a parede por cima da cabeça çdos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas por que quebrar as cadeiras ? Isso só dá prejuízo ao Estado.
LUCRÉCIA :É , ele se empolga demais com certos vultos históricos.
PELÓPIDAS : Assim, é a insondável LEI DO DESTINO, o homem inteligente ou acaba bêbado ou acaba doido.
ENTRA HIPÓLITO .. CHEFE DOS CORREIOS
HIPÓLITO : Que aconteceu ? Que coisa é essa que vai chegar aí ?
PELÓPIDAS :Não é coisa. É um funcionário. O senhor ainda não sabe de nada ?
HIPÓLITO :Floris passou pelos Correios e me contou .
PELÓPIDAS :Qual das duas Floris ? Florismena ou Florismana
HIPÓLITO :Florismana
PELÓPIDAS :E qual a sua opinião a respeito ?
HIPÓLITO :OGaranto que vamos entrar em guerra .
PELÓPIDAS :Que guerra o que. Nós é que vamos nos danar. E se eles nomearem um outro Ministério ... Adeus Mordomias ... Mas diga lá, HIPÓLITO, como vão as coisas para o seu lado ?
HIPÓLITO :Mas o que interessa isso agora ? E pro seu lado Governador, como é que vão ?

SUPERINTENDÊNCIA POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.648.

DPF DCDP Fls. N.º 601 Pag. 3 Rubrica

PELÓPIDAS :Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de medo não nego. Minha preocupação é com os comerciantes. Vivem dizendo que os roubo. Eu não roubo. Eu confisco. Deus sabe que quando determino o sequestro das mercadorias deles, faço isso sem a menor maldade.(LEVA HIPÓLITO PELO BRAÇO A UM CANTO DA SALA) . Tenho a impressão que ... Será que houve alguma denúncia contra mim ? E esquisito mandar um inspetor para esse fim de mundo não acha ? Ouça meu caro HIPÓLITO, será que você poderia, para o bem de todos, dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam aos Correios, assim, prá ver se há alguma coisa, alguma denunciazinha qualquer. Se não houver nada, fecha-se a carta, ou se deixa mesmo aberta, há cartas que vem abertas.
HIPÓLITO :Não pense em me dar lições neste assunto, Senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro, mas por simples curiosidade. Gosto de estar atento ao que se passa pelo mundo e essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas ...
PELÓPIDAS :Tem toda razão. Mas me diga então ? Não leu nada sobre o tal Inspetor ?
HIPÓLITO : Não, embora tenha lido muito ultimamente. Escreve-se muito nestas épocas de festas, mas estou certo que sobre o tal inspetor não li nada.
PELÓPIDAS : Então me faça um favor, se por acaso cair em suas mãos alguma queixazinha, ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplação ,tá?
HIPÓLITO :Com muito prazer, Senhor Governador !!!
DR. TOLEDO :Cuidado, que isso pode dar um bode danado !!!
PELÓPIDAS :Não sei por que ? Ninguém vai rasgar a carta em público.
HIPÓLITO :Claro, e além do mais isso vai ficar só entre nós . Ou não vai ?
DR. TOLEDO :OMesmo assim, esse negócio não me cheira nada bem .
PELÓPIDAS :Vê se vai agourar no inferno infeliz diabo. Esse maldito Inspetor incógnito não me sai da cabeça, estou sempre esperando que a porta se abra e .....
ENTRAM FLORISMENA e FLORISMANA
FLORISMANA :Uma notícia espantosa
FLORISMENA : Uma novidade extraordinária
TODOS :Que foi ?
PELÓPIDAS :O que aconteceu?
FLORISMENA :Uma coisa inesperada . Estamos chegando do hotel.
FLORISMANA :Chegando do Hotel. Florismena e eu .
FLORISMENA :Por favor, FLORISMANA deixe que eu conto tudo .
FLORISMANA :Ah não, FLORISMENA, permita que eu conte.
FLORISMENA : Por favor FLORISMANA
FLORISMANA :Senhores, digam a Florismena que fique quieta e me deixe contar tudo.
PELÓPIDAS : Mas pelos Demônios, falem de uma vez. Sentem-se todos. Bem, afinal, o que aconteceu ?
FLORISMENA :Por favor, FLORISMANA, por favor, vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente ... Por favor, FLORISMANA, não interrompa. Eu sei de todos os detalhes, todos, portanto faça a fineza de me deixar contar. Bem fui correndo à casa de Manezinho, e como não encontrasse Manèzinho em casa, fui procurar HIPÓLITO aqui presente para transmitir-lhe a notícia que o senhor acabara de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei-me por acaso com FLORISMANA.
FLORISMANA :Perto do bar onde se vende pastéis.
FLORISMENA :Perto do bar onde se vende pastéis. Aí eu perguntei . Já soube da notícia que o Governador recebeu de fonte fidedigna ?
FLORISMANA já sabia .
FLORISMANA : Por intermédio da criada .
FLORISMENA :Por intermédio da criada, que não sa sabe bem por que, tinha ido à casa de Felipe.
FLORISMANA :Foi buscar um barrilzinho de vodka francesa.
FLORISMENA :Foi buscar um barrilzinho de vodka.
FLORISMANA :Francesa.
FLORISMENA : Francesa. Desculpe FLORISMANA . Então, fui com FLORISMANA à casa de

DPF CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.649

DPF DCDP Fls. N.º 602 Rubrica

Manezinho. Não, Não, FLORISMANA, não me interrompa , fomos à casa do Manezinho, mas no caminho FLORISMANA me disse : Vamos entrar um instante no Hotel, FLORISMENA, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse. Vamos . E entramos... E mal tínhamos entrado, um rapaz, um jovem ...

FLORISMANA :De boa aparência , à paisana

FLORISMENA : De boa aparência à paisana, começou a passear pela sala do hotel, com um ar preocupado, fisionomia carregada, uma cara de gente que sabe tudo. Tive um pressentimento e disse logo a FLORISMANA : Aqui há dente de coelho .

FLORISMANA :Aí, eu chamei o dono do hotel com um dedo.

FLORISMENA :Aí FLORISMANA chamou o dono do hotel, assim,(Faz o gesto) com o dedo.

FLORISMANA :Florismena, foi com esse dedo, o esquerdo.

FLORISMENA :Pois é, chamou o dono do hotel com aquele dedo ... Perguntou no ouvido dele : Quem é aquele moço ... Aí ele respondeu : Aquele ? Sim, Aquele ... Por favor FLORISMANA, deixe que eu conte até o fim, a senhora está com uma falha no dente e quando fala assobia. Sabe muito bem que não ia poder contar direito. (Continuando) ... Aquele ? Sim Aquele . Um funcionário que chegou da Capital. Pois é, e ainda tornei a perguntar ? Da Capital ? E ele tornou a confirmar . E o nome dele ?... ROBERVAL AMADEUS ... ele respondou. Vai a caminho da Capital . Pois é, e disse que age de forma muito estranha. Há duas semanas que está aqui e não saiu do hotel, manda por tudo na conta e até hoje não pagou nem um centavo. Assim que ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse a Leleca ... HUM ....

FLORISMANA :ENão, FLORISMENA, quem disse HUM foi eu .....

FLORISMENA :Eu sei que a senhora disse primeiro, mas imediatamente eu também disse hum, dizemos eu e FLORISMANA ... HUM .....

FLORISMANA :Ela um pouquinho depois de mim

FLORISMENA :Está certo FLORISMANA, eu já confessei que a primeira a dizer hum foi a senhora, e ao dizer HUM, acrescentei imediatamente : Mas se o seu destino é a Capital, porque então ficou aqui ? E a conclusão foi clara como água ... Só pode ser o tal funcionário .

PELÓPIDAS :Que funcionário ?

FLORISMENA E FLORISMANA :O Inspetor ...

PELÓPIDAS :Ai meu Deus, tende piedade de nós . Em que quarto ele está hospedado ?

FLORISMANA :No número cinco junto à escada.

FLORISMENA No mesmo quarto onde aquele oficial brigou com o outro da vez passada.

PELÓPIDAS :E há quanto tempo ele está aqui ?

FLORISMANA :Há duas semanas.

PELÓPIDAS :Misericórdia, nestas duas semanas espancamos a viúva do sub-tenente, não demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

DR. NESTOR :Não seria bom irmos ao hotel em comitiva ?

DR. TOLEDO :ODe maneira alguma, acho que só deveria ir um pequeno grupo encabeçado pelos comerciantes e pelo Clero.

PELÓPIDAS :Não, não é a primeira vez que me vejo em apuros, e sempre me saí bem. Deus há de me ajudar dessa vez. A senhora disse que o homem é jovem ?

FLORISMANA :É

PELÓPIDAS :PÓtimo, é mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa pro vosso lado. Vou sozinho lá com FLORISMENA . É o melhor. Chego assim como quem não quer nada, como quem está preocupado em verificar se os visitantes da cidade estão sendo bem tratados no hotel. JARBAS.

DR.NESTOR :É bom a gente se apressar, antes que aconteça alguma desgraça

DR. TOLEDO:De que é que o senhor tem medo ? Basta botar uma touca limpa em cada doente e tudo estará bem pro seu lado .

DR. NESTOR :É o que o senhor pensa. Há mais de um mês que os doentes só tomam sopa de aveia. Por todo o canto do hospital é um cheiro de repolho que não há quem suporte.

DR. TOLEDO :Eu até certo ponto estou tranquilo. Quem se atreveria em mexer com um Tribunal. Ficaria arrependido pro resto da vida. Sou Juiz há 15 anos e até hoje quando é necessário dar uma olhada em algum processo prefiro desistir. Nem

D. P. F. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-650.

o Rei Salomão seria capaz de descobrir aqui onde começa a verdade e onde acaba a mentira.

DPF DCDP Fls. N.º 603 Rubrica

PELÓPIDAS : JARBAS .....
SAEM TOLEDO, NESTOR E LUCRÉCIA JUNTAMENTE COM HIPÓLITO
ENTRA JARBAS O MORDOMO
PELÓPIDAS :O carro está pronto ?
JARBAS :Sim senhor
PELÓPIDAS :Vai correndo até meu quarto e me traz o chapéu novo e minha bengala. Vamos Florismena.
FLORISMANA :E eu ? Posso ir também ?
PELÓPIDAS: Não, não, é impossível. O homem vai ficar assustado se chegarmos lá em comitiva . Além disso, o carro não cabe .
FLORISMANA :Não se preocupe Excelência, vou correndo atrás como um cachorrinho e nem entro. Só dou uma espiadinha.
JARBAS VOLTA COM A BENGALA E O CHAPÉU
PELÓPIDAS :Vai , corre e reune os guardas. Oh! mas vejam como está minha bengala.Esses malditos comerciantes estão fartos de saber que o Governador está usando uma bengala velha e são incapazes de mandar uma nova. Sovinas, e aposto que a essa hora cada um deles está com uma denunciazinha contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva ao hotel. E toma cuidado.
JARBAS :Sim Senhor
PELÓPIDAS :E Pituca, onde anda ?
JARBAS :Foi apagar um incêndio
PELÓPIDAS :E Virgulino, bêbado de novo ?
JARBAS :Completamente
PELÓPIDAS :E você permite isso ?
JARBAS :Que posso fazer ? Houve uma briga fora da cidade, Virgulino foi restabelecer a ordem e voltou de porre.
PELÓPIDAS :Pois então ouça o que deve fazer . Mande o Sargento ficar bem no meio da ponte, ele é bem alto, vai causar uma ótima impressão. Mande derrubar a cerca velha da casa do sapateiro e põe lá algumas pedras, vigas, sei lá o que mais, para dar a impressão que está em obras. Quando há demolições é sinal de que o Governo está trabalhando. E outra coisa, se o inspetor perguntar a todos se estão contentes, todos deverão responder : CONTENTÍSSIMOS EXCELÊNCIA. Quem não tiver contente, vai ter razões de sobra para ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador .
EM LUGAR DO CHAPÉU, PEGA A CAIXA DE PAPELÃO
PELÓPIDAS : A caminho FLORISMENA
JARBAS :Senhor Governador, isso não é um chapéu. É uma caixa.
PELÓPIDAS :Caixa ? Merda . Ah, se perguntarem por que não construímos a capela do hospital com a subvenção que recebemos (LEMBRANDO) Já faz cinco anos isso - Digam que começamos a construção, mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos FLORISMENA (VAI SAINDO E VOLTA-SE) Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.
TODOS SAEM
ENTRAM ANITA e MAFALDA
ANITA :Onde é que eles estão ? Marido, Pelópidas (Falando com rapidez) Você que é a culpada de tudo. Um alfinete, um lencinho, Não acaba nunca de se arrumar (VAI À JANELA) Pelópidas ? Onde é que você vai ? O que ? Um inspetor ? Que Inspetor ? Tem bigodes ? Como, que bigodes ? Mais tarde,mais tarde, eu quero saber é agora . Responde sim ou não. ele é Coronel ? Como é ? (COM RAIVA) Foi embora, o bandido. Essa ele me paga e a culpada de tudo é você. " Mãezinha, espera mãezinha . Preciso ajeitar o cabelo " Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o Chefe dos Correios tinha chegado pra ir logo correndo se grudar no espelho . Está crente que ele corre atrás de você não é? Pois basta virar as costas que ele te faz caretas.
MAFALDA :Que se há de fazer, mãezinha, de qualquer forma dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo
ANITA :Duas horas ? Ah, muito obrigada, só me admira que não tenha dito que dam

POLÍCIA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.651

DPF
DCDP
Fls. N.º 604
Rubrica
Pag.6

qui a um mês saberemos de tudo ainda melhor (À JANELA) Eh, MARIANA,sabe se chegou alguém ? Não ? .. Estúpida ... Sim, o Governador te acenou . E Daí ? Você bem que podia ter perguntado não é sua burra ?Não tem nada na cabeça a não ser um ... Que falta de curiosidade meu Deus ! Como é ? Foram com pressa ? E por que não correu atrás sua besta? Vai atrás deles idiota. Pergunta que inspetor é esse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos ele tem, se são ou não são pretos, e volta correndo para me contar. Agora vai, vai, anda Correndo, sua burra.

APAGA A LUZ DA SALA DO GOVERNADOR . LUZ NO SET DO HOTEL

ARIOVALDO :(estira-se na cama) : Ai que fome, minha barriga parece um trombone. Se a coisa continuar assim, jamais voltaremos para a Capital. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão (IMITA) :"ARIOVALDO, procure o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira.Se ainda fosse um alto funcionário, vá lá, mas um escriturariozinho de merda ! Já empenhou quase toda a roupa por causa do maldito vício de jogo, e o pouco dinheiro que o pai lhe manda gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem ! Ai meu Deus, que fome ! E o que é pior é que o hoteleiro não dá mais comida prá gente enquanto não se pagar a conta. Ai que fome, como ronca essa maldita. (OUVE BARULHO LÁ FORA) Deve ser ele .

LEVANTA-SE RÁPIDO DA CAMA. ENTRA ROBERVAL AMADEUS

ROBERVAL : (DÁ-LHE O CHAPÉU E A BENGALA) : Você tornou a se espojar na minha cama, não é ?

ARIOVALDO : E pra que havia de me espojar ? Pensa que nunca vi uma cama na vida ?

ROBERVAL : Espojou sim, olha só como está .

ARIOVALDO : E eu preciso de sua cama ? Tenho pernas, posso ficar de pé.

ROBERVAL : Ainda tem fumo ?

ARIOVALDO : Fumo ? .... fumou o resto que tinha há mais de três dias ...

ROBERVAL : Merda (DECIDIDO) Escuta ARIOVALDO, Vai lá

ARIOVALDO : Lá onde ?

ROBERVAL : (MENOS DECIDIDO QUASE SUPLICANDO) : Lá embaixo na cozinha, Diz que eu preciso almoçar .

ARIOVALDO : Não vou nada

ROBERVAL : Como se atrave a me responder seu cretino ?

ARIOVALDO : E por que não havia de me atraver ? E depois não ia adiantar , o hoteleiro já disse que não vai dar mais comida prá gente .

ROBERVAL : Como não vai ? Que absurdo é esse ?

ARIOVALDO : E tem mais, disse que vai nos denunciar ao Governador ."VOCÊ E SEU PATRÃO SÃO DOIS VIGARISTAS . HÁ DUAS SEMANAS QUE ESTÃO AQUI E ATÉ AGORA NENHUM TOSTÃO ".

ROBERVAL : E você acha muito engraçado repetir isso , sua bêsta ?

ARIOVALDO :Acho, principalmente o que ele disse depois : " VOU AGORA MESMO FAZER DENUNCIA PRA QUE O SACANA DO SEU PATRÃO VÁ LOGO PRA CADEIA".

ROBERVAL : Cala a boca idiota .Faz logo o que eu estou mandando

ARIOVALDO : Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com ele .

ROBERVAL : Não quero falar com esse idiota . Vai lá e fala você.

ARIOVALDO : Não eu digo pra ele vir cá e o senhor fala.

ROBERVAL : Vai pro diabo que te carregue. Chama logo aquela besta .

ARIOVALDO (SAINDO) : É melhor mesmo.

ROBERVAL :(SOZINHO): Ai, que fome, dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda ! Aquele desgraçado capitão-de-infantaria me roubou sem piedade no jogo. Como produzia azes o maldito. Em meia hora me deixou de tanga ! Cidadezinha miserável, nem vender fiados eles querem, esses reacionários.

ENTRAM ARIOVALDO E O CRIADO DO HOTEL .

CRIADO : O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja ?

ROBERVAL : O meu camaradinha, como é que você está passando ?

ARIOVALDO : Começou ...

CRIADO : Graças a Deus, bem

ROBERVAL : Que ótimo, e o hotel, como vai ? Tudo certinho ?

CRIADO : Tudo em ordem, graças a Deus

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p652
DPF DCDP Fls. N.º 605 Rubrica

ROBERVAL : Muitos hóspedes ?
CRIADO : Bastante
ROBERVAL : Graças a Deus ... Olha meu querido, sabe que até agora ainda não me trouxeram o almoço ? Mas não tem problema não, vai ver que esqueceramcoitados . Isso é humano, quer falar pra eles mandarem bem depressa ? É que tenho muito o que fazer depois do almoço, compreende?
CRIADO : O patrão disse que aqui o senhor não come mais .
ROBERVAL : (RI FORÇADO) : Mas que absurdo ! ele pensa que é o quê? Se não como, emagreço, e se continuo emagrecendo, posso até morrer, não é mesmo, agora, falando sério : diga a ele que estou com fome, viu?
CRIADO : Ele disse que enquanto o senhor não pagar , nada feito.
ROBERVAL : Mas você que é muito mais inteligente do que ele, tem que fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.
CRIADO : E de que jeito ?
ROBERVAL : Diga a ele que fome é uma coisa e dinheiro é outra. Ou ele pensa que todo mundo é camponês como ele que se acostumou a não comer?Você que é inteligente, tem que por isso na cabeça dele .
CRIADO : Bem, vou falar com ele .
ROBERVAL : Isso, fale mesmo viu ? (SAEM CRIADO E ARIOVALDO) (SOZINHO):Se essa toupeira não me trouxer comida não sei o que vai ser. Ai, meu Deus,nunca tive tanta fome.Talvez fosse melhor vender mais alguma roupa. As calças por exemplo. Não, Não, de forma alguma. Prefiro passar fome mas chegar em casa vestido. Diabo de barriga pra roncar. Parece que tem uma orquestra inteira aqui dentro. (COM UMA REVERÊNCIA - ELEGANTEMENTE) " Por favor, Senhorita, quer dar-me a honra de uma contra-dança antes da ceia ?" (CANTAROLA E DANÇA) Diabo ! A fome é tanta que chego a ficar tonto (Geme . ENTRAM CRIADO E ARIOVALDO) E então ?
ARIOVALDO : O almoço já vem .
ROBERVAL : O almoço ... O almoço ... O almoço !!!!!!
CRIADO : (Arrumando a mesa) Meu patrao mandou dizer que é a ultima vez.
ROBERVAL:Teu patrão ,teu patrão, teu patrão que se dane.O que é que você trouxe?

CRIADO : Sopa e carne cozida. quer dizer, a carne da sopa.
ROBERVAL: Já ouvi. Só dois pratos?
CRIADO : E olhe lá.
ROBERVAL: Não quero , só isso me recuso a aceitar. Vai dizer a seu patrão que é muito pouco.
CRIADO : Ele acha que é até demais.
ROBERVAL: Desgraçado, e a sobremesa? Não veio por que?
CRIADO : Porque não tem.
ROBERVAL: "Aqui" que não tem. Eu vi quando estavam fazendo. E vi também dois sujeitos baixinhos comendo salmão esta manhã.
CRIADO : Bem, essas comidas existem e não existem.
ROBERVAL: Como não existem? E o salmão, os peixes, as almôndegas?
CRIADO : Meu patrão disse que isso é só pra pessoas decentes.
ROBERVAL: Atrevido.
CRIADO : Sim senhor.
ROBERVAL: Cavalgadura.
CRIADO : Pois não.
ROBERVAL: Diabético
CRIADO : Eh, xingamento, não!
ROBERVAL: Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?
CRIADO : Não, senhor.
ROBERVAL: Ah, não? Que tem eles a mais do que eu?
CRIADO : Dinheiro.
ROBERVAL: Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como você (comendo) Que sopa é essa? Não tem gosto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa. Me traz outra.
CRIADO : O patrão disse bem claro: "Se ele quiser é essa.. Se não, traz de volta e que vá pro diabo.

SUPERINTEN... CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.653.

Pag. 8 DPF DCDP Fls. N.º 606

FAZ PRA LEVAR DE VOLTA.
ROBERVAL: (DEFENDENDO A SOPA) Que é isso? Já que está deixa ficar.E não fale mais nesse tom comigo, ouviu ? Eu sou uma pessoa especia.(Come) deus do céu, porcaria!(Continua comendo)Olha só, em vez de boiar "gordura, bóia pena de galinha! Escuta esta penosa morreu do que hem? Me da a carne. Vai tomando o que sobrou ARIOVALDO, (Corta a carne) Que coisa é esta?
CRIADO : Carne.
ROBERVAL: Carne é o cacete. É um paralelepípedo! cambada de safados. Isso é coisa que se dê a gente honesta? Não se pode nem morder que dói o queixo (Palita os dentes com os dedos) Bandidos! Parece que comi madeira. Não sai dos dentes. olha aí. Não tem mais nada?
CRIADO : Nada.
ROBERVAL: Bando de larápios, só sabem arrancar a pele dos hópedes. Fora daqui. (SAEM VIRGULINO E ARIOVALDO. SOZINHO). Tenho a impressão que não comi nada! Só serviu para abrir mais ainda o apetite.
CRIADO : (ENTRANDO) Não sei pra que, mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo senhor.
ROBERVAL: O bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é qque ele quer comigo? O que é que ele pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve ? Como é que o senhor se atreve? ..."
ENTRAM GOVERNADOR E FLORISMENA E ESTACAM. ROBERVAL EMPALIDECE. GOVERNADOR E FLORISMENA FICAM OLHANDO-SE ESTATELADOS.
PELÓPIDAS : Minhas saudações e meus respeitos
ROBERVAL : Um vosso servidor
PELÓPIDAS : Queira perdoar
ROBERVAL : Não há de que
PELÓPIDAS : Meu dever como Governador desta cidade é zelar pelo bem-estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.
ROBERVAL : (Começa gaguejando) : Bem ... e o que é que o senhor quer que eu faça ? A culpa não é minha. É claro que eu vou pagar (FLORISMANA aparece) A Culpa é toda do dono do hotel. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, o que ele põe dentro, ninguém jamais vai descobrir o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que ele jurou me matar de fome. E o chá, então, tem gosto de peixe. Por que havia eu então de ... ora, essa é muito boa !
PELÓPIDAS (INTIMIDADE) : O senhor vai me desculpar, mas na verdade a culpa também não é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira. Os açogueiros daqui não tocam em bebida. É gente sóbria de moral ilibada. Francamente não sei onde o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que ele serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredito que ignoro inteiramente. Só lhe peço que permita convidá-lo a se mudar para outro local o quanto antes.
ROBERVAL : Não, não quero, sei muito bem que local é esse. É a cadeia, pensa que não sei ? Com que direito me propõe uma coisa dessas ? Sou um alto funcionário da Capital, fique sabendo que eu ... eu ....
PELÓPIDAS : Nossa, como está irritado. Já sabe de tudo. Esses malditos comerciantes já me denunciaram.
ROBERBAL :(Tornando-se valente) : Mesmo que venha com o exército inteiro daqui ninguém me tira. Vou me queixar com o Ministro (com socos na mesa). Como o senhor se atreve ? Como é que o senhor se atreve?
PELÓPIDAS (TREMENDO) : Tenha piedade, não me desgrace, tenho mulher e filhos pequenos .
ROBERVAL : E daí ? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos eu tenho que ir pra cadeia ? (FLORISMANA APARECE) Não, muito obrigado, mas não quero.
PELÓPIDAS (TRÊMULO) : Tudo isso aconteceu por pura inexperiência. Juro Juro que foi só por isso. Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o governo paga não dá nem pro leite. Se houver suborno, foi por uma ninharia, alguma coisinha para forrar o estômago, um cortezinho de fazenda para não se andar pelado por aí. E quanto a esses boatos de que eu mandei espancar a viúva do subtenente, porque ela faz contrabando, juro que é uma calúnia. É pura manobra desses corruptos que querem me tirar do governo.

DPF CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 654

DPF Fls. N.º 607 Rubrica

ROBERBAL : E eu com isso. Se mandou surrar a esposa do subtenente, o problema é dela, só sei que a mim o senhor não vai surrar de forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo. Mas quando tiver dinheiro. O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca por quê?
É que no momento estou desprevinido. Só por isso.
PELÓpidas . (À PARTE) : Meu Deus, como é esperto, a gente fica sem saber por onde começar. De qualquer forma tenho que tentar (EM VOZ ALTA). Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar em tudo que necessita, ajudar em tudo, aqueles que nos visitam.
ROBERBAL : É ? Necessito sim, e se estiver mesmo disposto a me emprestar algum dinheiro pago a conta agora mesmo. Não preciso de muito. Umas duzentas moedas talvez.
PELÓPIDAS (DANDO-LHE O DINHEIRO) : Duzentos,certinhos. Não precisa nem contar.
ROBERVAL : Ótimo, assim que voltar para casa mando reembolsá-lo.
PELÓPIDAS : (À PARTE) : Menos mal. É subornável. A coisa agora vai melhorar, em vez de duzentas lhe dei quatrocentas.
ROBERVAL (CHAMANDO) ARIOVALDO (ENTRA ARIOVALDO) : Chama o serviçal(ARIOVALDO SAI) Mas por favor, sentem-se.
PELÓPIDAS (Emocionado) : não se preocupe, estamos bem de pé.
FLORISMENA : Eu não Excelência, estou com dor no calo
PELÓPIDAS : Cala a boca idiota.
ROBERVAL : Sei, mas sentados estarão melhores ainda. Por favor sim ?Felizmente pude constatar a tempo a sinceridade de seus propósitos ... a largueza de seu caráter, e pensar que o Senhor tinha vindo aqui só pra me levar pra ... Querem fazer o favor de sentar ?
FLORISMANA APARECE
PELÓPIDAS : (Á PARTE) Quer continuar incógnito, mas também sei fingir. Faço de contas que não sei quem ele é. (EM VOZ ALTA) : Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, quando entramos "ex professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes, sim, porque não sou desses governadores que só pensam em si mesmos.Absolutamente. Muito além de meu dever, por simples espírito cristão ... exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável conhecimento .
ROBERVAL : Também estou contente. Não fosse o senhor, acabaria ficando por aqui pro resto da vida. Não sabia o que fazer para pagar a conta.
PELÓPIDAS (À PARTE) : Pois sim ! Veja como é safado . Vem com essa, vem! (ALTO) Se não for indiscrição, poderia perguntar-lhe para onde se dirige ?
ROBERVAL : Para minha propriedade na capital.
PELÓPIDAS : (À PARTE) Desgraçado e descarado, e nem fica vermelho com a mentira ! Com esse é preciso cuidado (ALTO) Suponho que só viaje a passeio não é mesmo ?
ROBERVAL : Não, não, vou a chamado de meu pai, o velho está furioso, porque não progredi muito na capital, Pensou que assim que eu cuegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que ele visse o que são essas repartições do governo.
PELÓPIDAS : (À PARTE) : Que histórias o safado inventa (ALTO) E pretente ficar fora muito tempo ?
ROBERVAL : Francamente não sei. Meu pai é uma mula de teimoso. Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara : " SINTO MUITO PAPAI, mas não posso viver fora da CAPITAL, Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidades espirituais mais elevadas.
PELÓPIDAS (À PARTE) Ele é incrível, vira e meche, mas não cai ! Deixa que te obrigo a soltar a língua. (ALTO) O senhor tem razão, não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria, sacrifico-me como louco sem rebatear esforços, sabendo de antemão que nunca serei recompensado. (OLHA O QUARTO) Este quarto é um pouco úmido não é ?
ROBERVAL : Umidíssimo , e se fosse só isso ... Tem percevejos que mordem mais do que cães !
FLORISMENA : A gente chega a ouvir eles latindo, não é Senhor Governador ?
PELÓPIDAS : Incrível, um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas, e

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.655.

DPF Fls. N.º 608 Rubrica

por culpa de quem ? Por culpa desses miseráveis percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido. E tenho impressão que nem ao menos luz há por aqui, não ?!
ROBERVAL : Escuríssimo, nem ler a gente pode. E pensa que nos mandam velas ? Pois sim, vai esperando .
PELÓPIDAS : Que absurdo, se ao menos eu tivesse a ousadia de lhe pedir, mas sei, sei que não sou digno de tanta honra.
ROBERVAL : Mas do que se trata ?
PELÓPIDAS : Se eu ousasse ... Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto ... com luz à bessa ... e tranquilo, mas eu compreendo muito bem que seria honra demasiada. Desculpe se ousei pensar nisso, é porque meu lema é " A HOSPITALIDADE ANTES DE TUDO ".
ROBERVAL : Não, eu teria muito gosto. Em qualquer parte me sentirei melhor do que nesta porcaria.
PELÓPIDAS : Não sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que eu digo isso para lisonjeá-lo, De forma alguma, não é absolutamente meu feitio.
FLORISMENA : Senhor Governador, como o senhor mente bem !
PELÓPIDAS : Cale a boca, idiota.
ROBERVAL: Também tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.
CRIADO : O Senhor chamou ?
ROBERVAL : Traz a conta
CRIADO : Prá que ?
ROBERVAL : Não vou te dar confiança de responder. Quanto é que eu devo no total ?
PELÓPIDAS : Não se preocupe, isso pode esperar (AO CRIADO) Pode ir que depois se acerta.
ROBERVAL : Ou isso, tanto faz .
SAI CRIADO FLORISMANA APARECE
PELÓPIDAS : Não gostaria agora de visitar alguns estabelecimentos da cidade ? O hospital por exemplo.
ROBERVAL : Mas prá que ?
FLORISMANA APARECE
PELÓPIDAS : Ah, é enorme, E depois podemos passar pela escola. Quero que veja como educamos a juventude.
ROBERVAL : Como achar melhor.
PELÓPIDAS : Depois finalmente ... a prisão .
ROBERVAL : Prisão ???!!!
PELÓPIDAS : Vai ver só como tratamos os presos.
ROBERVAL : Como queira.
PELÓPIDAS : Quer seguir a minha carruagem, ou prefere vir comigo.
ROBERVAL : É , vou com o senhor ...
PELÓPIDAS : Ótimo . (BAIXO A FLORISMENA) Vai correndo na frente entregar essas cartas (ALTOS) Posso escrever duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede ?
ROBERVAL : Não se preocupe. Mas se quer mesmo. Aqui há tinta. Papel é que não sei, pode usar essa conta se quiser.
PELÓPIDAS : É a conta mesmo serve. (ESCREVE ENQUANTO DIZ PARA SI MESMO)Depois de uma boa garrafa de vinho vai ser mais fácil. E aquele vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante. Preciso descobrir quem é ele e como devo proceder com ele.
TERMINA A CARTA . ENTREGA A FLORISMENA QUE SAI E SE CHOCA COM FLORISMANA. SE ESPARRAMAM NO CHÃO.
ROBERVAL : A Senhora se machucou ?
FLORISMANA : Não, não, só o nariz um pouquinho ,Excelência.
PELÓPIDAS : Não foi nada, podemos ir andando . Direi a seu criado que leve a bagagem (ENTRA ARIOVALDO) Meu amigo, leve tudo à casa do Governador, qualquer um na cidade sabe onde fica . (À ROBERVAL) Tenha a bondade (ROBERVAL VAI E ELE VOLTA-SE PARA FLORISMANA) Cretina, não tinha lugar melhor para cair ?

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.656.
DPF DCDP Fls. N.º 609 Proc.

APAGA A LUZ DO HOTEL. LUZ NA CASA DO GOVERNADOR.

ANITA : Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas e tudo por sua cupa (Olhando pela janela) Inferno, não vem ninguém . Parece que todo mundo morreu nessa cidade .
MAFALDA : Garanto mãezinha, que logo logo a gente fica sabendo de tudo. (GRITANDO A JANELA) Ai, mãezinha,vem vindo alguém na rua.
ANITA : Onde ? Onde ? Você sempre inventando coisas ! Ah, não , vem alguém sim, quem será a imbecil ?
MAFALDA : é FLORISMENA mãezinha !
ANITA : Que FLORISMENA nada menina. Sempre enxergando demais (ACENA COM O LENÇO) Ei, você aí ... aqui ... idiota .. aqui.
ANITA FICA NERVOSA
MAFALDA : Garanto que é Florismena .
ANITA : Então não estou vendo que é Florismena ? Ou pensa que eu sou chega ? (Grita pela janela), Ei, depressa, depressa. Onde estão eles, Que espera quenada, fala daí mesmo, imbecil. (ABORRECIDA SAI DA JANELA)Idiota. Não vai contar nada até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos desta besta.
ENTRA FLORISMENA
MAFALDA : Vamos agora, conte tudo de uma vez
FLORISMENA : Eu ? Detesto fofocas. Seu marido mandou este bilhete.
ANITA : Mas fala, como ele é hein ?! É general ?
FLORISMENA : Não , não é general, mas vale tanto quanto um general. Que cultura, que maneiras delicadas.
ANITA : Então é o mesmo de que fala a tal carta ?
FLORISMENA : Claro que é. E eu fui a primeira a descobrir isso com FLORISMANA.
ANITA : Mas conte o que houve.
FLORISMENA . Graças a Deus a tempestade passou. Mas quando ele recebeu o Governador estava bravo. Disse que estava furioso, que no hotel tudo era uma droga, que não acompanharia o governador de lmaneira alguma ... e que não queria ir para a prisão por causa do seu marido. Depois Pelópidas conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o hospital.Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido deletado. Para a falar a verdade, até eu fiquei com um pouquinho de medo.
ANITA : Mas por que ? A senhora não é funcionária pública .
FLORISMENA : Sim, mas uma alta autoridade sempre dá medo na gente.
ANITA : Bobagem, mas me diga, ele é louro ou moreno ?
FLORISMENA : Nem louro, nem moreno : cabelos castanhos. E um par de olhos tão agitados que até assustam a gente.
ANITA : Bem, deixe eu ler o bilhete (LENDO) "Apresso-e comunicar-te que minha situação era deplorável, mas graças à Providência Divina, por um nabo e dois peninos no vinagre ... e cinco moedas (Interrompendo). Não estou entendendo nada, o que tem a ver pepinos e nabos com a Divina Providência ?
FLORISMENA : Ah, é que ele escreveu o recado na conta do hotel !!
ANITA : Ah, sim (Continua lendo) : Mas graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepara o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencia para que haja bastante vinho. Diga ao PAFÚNCIO que mande do melhor vinho que tiver, se não acabo com o armazém dele (AFLITA) Ai, Meu Deus, preciso andar depressa. JARBAS,JARBAS
FLORISMENA (CORRE À PORTA) : JARBAS, JARBAS
ENTRA O CRIADO
ANITA : JARBAS, corre ao armazém do PAFÚNCIO e ... Não, Não, espera manda o cocheiro com este bilhete (Escreve falando) ... Senão meu marido acaba com o seu armazém . Pronto. vai JARBAS, depressa.
FLORISMENA : Vou dar um pulo no Hospital pra ver como vão as coisas.
ANITA : Isso, vai, FLORISMENA ... Adeuzinho ...
FLORISMENA : Adeuzinho ....
ANITA : Bem e agora nós. Devemos ficar chiques . Esses homens vem da Capital . Devem reparar muito nessas coisas. Você devia por o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem .

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.657

DPF
Fls. N.º 610
Pag. 12

MAFALDA : Ah não, mãezinha, o azul não. Todo mundo nessa cidade tem um vestido azul como o meu .
ANITA : Já esperava por isso. Imagina se ia deixar de me contrariar.O azul sim, senhora. O azul é melhor porque eu quero usar o meu amarelo.
MAFALDA : Ah,Mãezinha o amarelo não fica nada bem na senhora.
ANITA : O quê ? Você disse que não fico bem de amarelo ?
MAFALDA : É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos pretos.
ANITA : Ah, é demais 'E os meus por acaso não são pretos, sua burra ?
MAFALDA : Claro que não Mãezinha !!!
ANITA : Quer deixar de ser idiota, menina. São pretos sim, Pretíssimos e a prova de que meus olhos são pretos é que toda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus (SAI COM A FILHA) e cale essa boca.

ENTRA JARBAS DE UMA PORTA E ARIOVALDO DE OUTRA.
ARIOVALDO : Ei, e agora ? Onde boto isto ?
JARBAS : Por aqui.
ARIOVALDO : Deixa eu respirar um pouco, quando a barriga está vazia, tudo pesa o dobro.
JARBAS : Escuta, o general vem logo ?
ARIOVALDO : Que general ?
JARBAS : Teu patrão, ora !!
ARIOVALDO : E o que é que o meu patrão tem com isso ?
JARBAS : Uê, ele não é general ?
ARIOVALDO : Meu patrão ?
JARBAS : Sim, ele é ou não é general ?
ARIOVALDO : Ah, é, General da Banda !!!???
JARBAS : E isso é mais ou menos que um general comum ?
ARIOVALDO : É mais, claro. Um toca o outro não .
JARBAS : Ah, logo vi. Por isso é que está todo mundo alvoroçado.
ARIOVALDO : Vejo que você é esperto . Arranja alguma coisa pra comer,vai ...
JARBAS : A comida que tem você não vai querer. É só o trivial. Espere chegar o seu patrão, sentar na mesa, e aí você come melhor .
ARIOVALDO : Só por curiosidade, esse tal de trivial, o que é ?
JARBAS : Borcht, mingau de aveia e pastéis
ARIOVALDO : Então me traz pastéis, mingau de aveia e borcht ... Onde ponho isto ?
JARBAS : Aqui, vem comigo .

SAEM JARBAS E ARIOVALDO. ENTRAM GOVERNADOR, ROBERVAL , FLORISMENA, FLORISMANA , DR TOLEDO ,DR NESTOR E D. LUCRÉCIA.

ROBERVAL : Que hospital hospitaleiro. Apreciei sobremaneira este hábito de mostrar aos turistas tudo o que merece ser visto na cidade. Nos outros lugares onde estive , nunca ninguém me mostrou nada.
PELÓPIDAS : É que nos outros lugares , se me permite , os governadores só se preocupam com eles próprios,. enquanto que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.
ROBERVAL : Ah, sei, o almoço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?
PELÓPIDAS : Sempre. Como diz o ditado : O povo reclama de barriga cheia.
ROBERVAL (GRAVE) : Posso falar-lhe com toda a franqueza ?
PELÓPIDAS : (LÍVIDO) :Claro que pode ...
ROBERVAL : Adoro comer ... Qual é o nome do maravilhoso peixe que comemos no almoço?
PELÓPIDAS : Bacalhau !!!!
ROBERVAL : Bacalhau !!!!!! Saborosíssimo. E lá onde almoçamos é o ...
DR TOLEDO : O Hospital
ROBERVAL : Ah, é. Tinha uma porção de camas, agora me lembro.Mas os doentes ? Morreram todos ?
DR NESTOR : Bem ...
DR TOLEDO : Absolutamente Senhor, é que só havia ...

SUPERINTENDÊNCIA CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0913,p-658.

DPF Pag. 13 Fls. N.º 611 Rubrica

DR NESTOR : É que só havia dez toucas limpas ... Oh, quero dizer,todos os doentes se curaram . Só ficaram dez no hospital. Desde que assumi a direção assim. Mal o paciente entra, já está curado. Não por causa dos remédios, absolutamente, mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani toda a corrupção.

ROBERVAL : AMUS BEBADORUM NON HABITAT

PELÓPIDAS : Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador, um governador que queira governar é claro, é a função mais ingrata do mundo. Mas não me queixo absolutamente. Aceito o sacrifício pelo bem de nossa pátria. O que me dói é a ingratidão. Se eu fosse como outros governadores que só pensam em seus interesses, que tratam de fazer sua caixinha, talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria, sofro que só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Por isso, compreendo e perdoo. E continuo a me sacrificar. Basta que meus superiores reconheçam minha dedicação. Claro que não estou pretendendo cargos maisaltos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma de meus inimigos. Tenho rezado tanto ultimamente que meus dedos estão cheios de calos.

FLORISMENA : Posso ver Governador ?

PELÓPIDAS : Depois a senhora vê!!!

ROBERVAL : Use Calol, Excelência !!!

PELÓPIDAS : Enfim, como tenho a consciência limpa, isso me basta, mas veja bem: que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos ^? São eles mesmos que, durante a noite fazem esses buracos para terem que me acusar . Falta água ? Tem que faltar mesmo às vezes mas falta. Por quê ? Porque eles vão de noite escondidos e tiram o tampão da represa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vão aos pastos de noite e dão veneno às pobres das vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que eles agem. Garanto que se não houvesse noite não haveria nenhum problema nesta cidade. Mas que culpa tenho eu se todos os dias anoitece ? Imagine o senhor que até da chuva eles me acusam ! Felizmente a maioria do povo me conhece e me apoia. Não dá importância a essas coisas. O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu não sou corrupto.
O Senhor ouviu o que eu estava dizendo, não ouviu ?

ROBERVAL : (ACORDANDO) Han ? Ah! ouvi, sim. Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores não tem nenhum passatempo por aqui ? Jogo de caartas por exemplo ?

PELÓPIDAS : (À PARTE) : Safadão, pensa que caio nessa (ALTO) Cartas? Deus nos livre e guarde. Abominamos tudo que é jogo. Jamais pus as mãos num baralho. E, se por acaso passo os olhos num Rei-de-Copas, num As-de-Paus ou num Valete-de-Ouros ... vomito na mesma hora.

LUCRÉCIA : (A PARTE) : E esse desgraçado me ganhou cem moedas ontem.

PELÓPIDAS : Prefiro dedicar todo o meu tempo ao bem da Pátria. Não acha que estou certo ?

ROBERVAL : Bem, isto é, depende, outrossim ... um joguinho até que ...

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.659.

DPF DGDP Fls. N.º 612 Rubrica

ENTRAM ANITA E MAFALDA
PELÓPIDAS: Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha esposa e minha filha.
ROBERVAL: Quão feliz estou, minha senhora, pela minha volúpia de conhecê-la.
ANITA: A volúpia é toda nossa em receber tão ilustre personagem.
ROBERVAL: Absolutamente, a volúpia é toda minha.
ANITA: Absolutamente, é toda nossa. Sente-se por gentileza.
ROBERVAL: Estar, ao seu lado, de pé, já é honra, tão grande, imagine o que é estar, ao seu lado, sentado?
ANITA: Não me atrevo a crer no que me diz. Para o senhor que vive na metrópole, esta viajem campestre deve ser profundamente desagradável, não?
ROBERVAL: Bem, lá isto é verdade. Quando a gente se habitua como eu, as altas rodas, sabe como é, né? E de repente ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas...Onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável. Mas o fato de tê-la conhecido compensa todos os males...
ANITA: Obrigada, imagino quanto tem sofrido.
ROBERVAL: Mas já não disse que me sinto recompensado?
ANITA: O senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.
ROBERVAL: Não merece porque? Merece sim, como não merece?
ANITA: Eu, uma provinciana?
ROBERVAL: É não é na província que vamos encontrar as montanhas, os riachos e tudo que é frescura? Claro que não vamos querer agora comparar a CAPITAL com um biboca como... Ah! CAPITAL , que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da seçao é meu amigo e, sendo assim raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é só para dar algumas ordens. "Faça isso, Faça aquilo, todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear assessor do Ministro, imagina! É Excelência prá cá, é Excelência prá lá, um inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas.
Ao Governador.
Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?
TODOS JUNTOS: Sim, Excelência.
PELÓPIDAS: A hierarquia determina que diante de Vossa Execelencia, permaneçamos de pé.
DR. NESTOR: E de pé ficaremos.
LUCRÉCIA: É mais digno.
ROBERVAL: Mas me da muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim os senhores se sentariam.
PELÓPIDAS: Se o senhor ordena. Senhores...
Todos se sentam.
ROBERVAL: Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que eu vá, é sempre a mesma coisa "Olha quem está ali, ROBERVAL AMADEUS, uma vez até me confundiram o Marechal... Um Marechal lá, os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o Comandante, que é unha e carne comigo, me explicou." Pois é, querido. Confundiram você com um Marechal" Por sinal que o Marechal era unha e carne comigo.
ANITA: Bárbaro, e as lindas atrizes de teatro?
ROBERVAL: Conheço todas. Já comi várias, várias vezes na casa de muitas delas. Bem eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que como escritor já lhe passei a perna. Aí, ele fala a sério. É um tipo gozado o Pushkin.
ANITA: Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para que revistas?
ROBERVAL: Sim, muito, fora os livros que já escrevi. "O Corcunda de Notre Dame, Bodas de Fígaro, Os Três Mosqueteiros" Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas eles insistiam: Por favor, escreva, escreva alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreva. Está bem, está bem, eu escrevo. E prá que nao me amolasse mais escrevi uma noite só todos esses livros. Ficaram impresionadíssimos, é natural. De fato minha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.660.

DPF FLS. Nº 613 Rubrica

gilidade mental é incrível. Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol é de minha autoria "Almas Mortas", "Diário de um Louco", "O Inspetor Geral"...
ANITA: Então Gogol é o senhor?

ROBERVAL: Puxa, todo mundo sabe disso!
ANITA: Desculpe, é que sou muito distraída. E "Hamlet"?
KLESTAROV (ROBERVAL): O que é que tem?
ANITA: Por acaso foi o senhor também que escreveu?
ROBERVAL: Foi a senhora sabia?
ANITA: Agora ligando uma coisa a outra...
ROBERVAL: Claro...
MAFALDA: Mas mãezinha no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.
ANITA: Ah, tinha certeza de que você ia me contradizer.
MAFALDA: Juro mãezinha! Olha, vou buscar para a senhora ver.
ROBERVAL: Não, de fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.
ANITA: Eu li o seu. Por sinal, muito bem escrito.
ROBERVAL: Para falar a verdade, vivo da literatura. Não sei se já ouvi ram falar de minha casa, a melhor da CAPITAL . a casa do grande ROBERVAL AMADEUS, como costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepção.
ROBERVAL ESCORREGA E CAI NA CADEIRA. O GOVERNADOR APROXIMA TRÊMULO DE MÊDO.
PELÓPIDAS: Exce...Exce...Exce...
ROBERVAL: Está sentindo alguma coisa?
PELÓPIDAS: Exce... Excelência, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.
ROBERVAL: Descansar? Que besteira é esta agora? Está bem acho melhor sim. O almoço estava excelente mesmo viu? Palavra de honra. (Com ênfase) Bacalhau...Bacalhau...
SAI SEGUIDO PELO GOVERNADOR.
SANDOVAL: Meu Deus que homem! Nunca vi na vida pessoa tão importante.
LUCRÉCIA: Na sua opinião, qual é a patente dele?
FLORISMENA: Aposto que é general.
FLORISMANA: Imagina, no mínimo generalíssimo, não viu o que aconteceu quando ele entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros. Meus respeitos, ANITA.
FLORISMENA: ANITA, meus respeitos.
SAEM FLORISMANA E FLORISMENA.
DR. NESTOR: (A LUCAS) É espantoso esse homem. E nós, nem vestidos a rigor estamos. O que iria acontecer meu Deus, imagine se ele chegar a CAPITAL e resolver me denunciar, adeus, minha senhora.
ANITA: Adeus, adeus.
SAEM DR. TOLEDO E DR. NESTOR, DEPRIMIDOS. LUCRÉCIA TAMBÉM.
ANITA: Que homem agradável, meu Deus. Ou vai dizer também que não acha?
MAFALDA: Ah, um amor de homem.
ANITA: Que maneira, vê-se logo que é da capital. Nunca vi pessoa assim. Rico inteiramente indócil. Céus, ele me adorou, você não viu? Não tirava os olhos de mim.
MAFALDA: A senhora esta enganada, mãezinha era prá mim que ele estava olhando.
ANITA: Ai, como essa menina me irrita. Nunca vi nada mas imbecil na vida.
MAFALDA: Tenho certeza, mãezinha.
ANITA: Claro, imagina se ela ia perder essa chance de me contradizer...Quando foi que ele olhou prá você sua cretina?
MAFALDA: Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contava o jogo de cartas com aquele montão de embaixadores e ministros.
ANITA: Vê como você imagina coisas! Pode ser que ele tenha olhado uma vez prá você. Mas daí a dizer que ele não desgrudava o olho é um pouco de mais. Uma vez vá lá, eu admito. Com certeza por que pensou "Deixa eu dar uma olhada prá menina também, pobrezinha, foi isso. E ponto final, tá?
Entra o governador nas pontas dos pés.
ANITA: (Bem Alto) O que é que houve, homem, caiu da escada?
PELÓPIDAS: Psiu...
ANITA: Psiu porque? Sou cachorra?
PELÓPIDAS: Não devia ter deixado ele beber tanto. Se metade do que falou é verdade... oh, estou frito. Epor que não havia de ser verdade? O homem quando está

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-661

DPF Fls. 614 Rubrica

bêbado fala tudo. Claro que deve ter exagerado um pouco. Mas mentir, não acredito. Ele é unha e carne com o Imperador. Quanto mais penso nisso, mais me apavoro.
ANITA: Que homem exagerado. Pois a mim não intimidou nem um pouco. Pelo contrário. achei uma uva. Isto é um homem finíssimo, e muito culto.

PELÓPIDAS: Porque é mulher. E mulher todo mundo sabe, não enxerga um palmo adiante do nariz. Que vergonha! Falou com ele como se fosse um qualquer.
ANITA: Sei muito bem onde você quer chegar. Quanto a isso, pode ficar sossegado, que eu sei me conduzir convenientemente. (À Filha): Eu não disse?
PELÓPIDAS: (Olhando fixamente a filha) Ah, besteira ficar perdendo tempo com vocês , que calamidade , meu Deus.
ANITA : Que homem grosso e sem cultura.
PELÓPIDAS (CHAMANDO PARA FORA) : JARBAS, Chama os dois guardas que fiquem sempre perto (Pausa) Estranho mundo, este. A gente olha para um jovem insignificante e pálido e vá lá advinhar quem ele seja. É duro dizer, mas "viva a juventude" Só os jovens podem ainda salvar o mundo.
ENTRA ARIOVALDO E TODOS CHAMAM-NO COM O DEDO.
ANITA: Chega aqui, meu anjo.
PELÓPIDAS: Psiu, ele já está dormindo?
ARIOVALDO: Não, se espreguiçando.
ANITA: Qual é o seu nome, meu anjo?
ARIOVALDO: ARIOVALDO, e o seu?
PELÓPIDAS: Então, comeu bem?
ARIOVALDO: É, bem.
ANITA: Tirando um descansinho, hem? Na CAPITAL seu patrão deve receber Duques e Condes, não é mesmo?
ARIOVALDO: (A parte) Dizendo que sim vou comer melhor ainda.
(ALTO) Ih, uma imensidão. Às vezes precisa até fazer fila.
MAFALDA: Ele deve ser muito bonzinho, não é mesmo?
ANITA: Qual é a patente dele?
PELÓPIDAS: Deve ser muito severo, não é? Deve adorar esculhambar os outros.
ARIOVALDO: Ah, sim, quer ver tudo em seu lugar.
PELÓPIDAS: Faz muito bem.
ANITA: Ele usa uniforme?
PELÓPIDAS: Toma, isso é prá você tomar chá.
ARIOVALDO: Por que? Acabou o daqui?
ANITA: Qual é a cor dos olhos que mais agrada ele?
MAFALDA: Ele é tão lindo o teu patrão...
PELÓPIDAS: Chega, olha, o que é que ele gosta mais quando viaja?
ARIOVALDO: Conforme, de comer bem...
PELÓPIDAS: Ah, é, é?
ARIOVALDO: Às vezes quando a gente sai de algum lugar ele me pergunta: ARIOVALDO, a comida que te deram era boa? Se eu responder que não nem sabe o que acontece!
PELÓPIDAS: olha, isto é para as torradas. Até despedir a criada por que ela não de fez as tortas e os sanduiches que mandei.
ANITA: Toma meu anjo para a carruagem. Não tem cabimento voltar a pé para casa.
MAFALDA: Lebranças minhas ao teu patrão, viu?
PELÓPIDAS: Psiu, não façam barulho pelo amor de Deus.
ANITA: Vem, menina, quero que você me esclareça aquele assunto direitinho antes de ir para a cama.
SAEM AS DUAS
PELÓPIDAS:E então meu caro amigo?
Entra JARBAS e sai ARIOVALDO.
PELÓPIDAS: Silêncio, cretinos, faz mais barulho que cavalo. Fora daqui, vamos, e não me saia do corredor. Não deixe entrar ninguém de fora. Os comerciantes, principalmente. Se aparecer alguém com uma denúncia ou com cara de quem vai se queixar, já sabe.Pegar pelo cangote e jogar na rua com um pontapé na bunda. Se não o pau vira em cima de você. Entra na sova de novo. GOVERNADOR SAI NAS PONTAS DOS PÉS RISADAS ESCANDALOSAS DAS MULHERES. GOVERNADOR PARA E FALA.
PELÓPIDAS: Ah, as mulheres! não entendem nada de política.
MÚSICA

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.662

DPF
Fls. N.º 615
Rubrica

SEGUNDO ATO

MESMO CENÁRIO - SALA DA CASA DO GOVERNADOR

Entram nas ponta dos pés: PELÓPIDAS, SANDOVAL, HIPÓLITO, LUCRÉCIA E FLORISMANA.

PELÓPIDAS: Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mais fiquem em ordem. E que Deus nos ajude. Um homem que é intimo do Imperador. Assumam todos uma postura militar. Por favor. FLORISMANA, coloque-se deste lado, a senhora FLORISMENA, coloque-se do outro lado.
TOLEDO : Desculpe PELÓPIDAS mas acho que devíamos fazer alguma coisa.
PELÓPIDAS: O que por exemplo.
TOLEDO : O senhor sabe?
DR. NESTOR: Subornar?
TOLEDO : Vá lá.
DR. NESTOR: Acho perigoso. Ainda se fosse uma doação...Para construção de um monumento...
HIPÓLITO: PODíamos dizer a ele: Esse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem endereço. Não será para o senhor?
TOLEDO : Não, não, num governo sério nessas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: Por que estamos aqui feito um batalhão? Por certo era que viessemos um de cada vez. numa sociedade bem organizada é assim que se processam. Sem testemunhas, compreendem? DR. NESTOR virá primeiro.
DR. NESTOR: Não, o primeiro deve ser o senhor. Chefe de tribunal.
TOLEDO : É melhor D. LUCRÉCIA, que ilumina com o seu saber a juventude.
LUCRÉCIA: Não senhores, não posso. Na presença de superiores não consigo destravar a língua.
TOLEDO : Está decidido. (SANDOVAL) DR. NESTOR virá primeiro.
DR. NESTOR: Não, meus senhores, não.
OUVE-SE BARULHO DE ROBERVAL. TODOS SE PRECIPITAM NA DIREÇÃO, EMPURRAM-SE, ESMAGAM-SE.
FLORISMANA: Ai, FLORISMENA, a senhora me pisou.
DR. NESTOR: Ai, meus senhores, não aguento mais. Acho que vou confessar tudo de uma vez.
OUTRO BARULHO DE ROBERVAL, saem todos correndo.
ROBERVAL: Acho que ronquei um bocado. Ontem me fizeram comer de mais...pelo visto posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Pena que seja por interesse. A filha não é nada feia. E a mãe, tambe, não é de se jogar aos cães... A vida assim é outra coisa.
AGORA SUGERE-SE À DIREÇÃO QUE FAÇA UMA CENA MUDA TIPO "CHARLES CHAPLIN" COM TODOS OS MEMBROS DO GOVERNO ENTRANDO E SUBORNANDO ROBERVAL, QUE TERMINARÁ A CENA CONTANDO UMA BOLADA DE DINHEIRO.

MÚSICA 4 - SUBORNO

ROBERVAL: (Sozinho) Há funcionários demais por aqui. estão me tomando por um alto dignatário com certeza. Se impressionaram com toda aquela conversa de ontem à noite (Procurando nos bolsos) Não vou ser besta de perder uma chance dessas. Onde pus a carta que comecei a escrever a TERÊNCIO. Ah,aqui está (Senta-se para continuar a escrever a carta) Acho que fico mais uns dias por aqui.
ENTRA ARIOVALDO
ROBERVAL: (Enquanto escreve): Então, cretino, vê como me recebem e me tratam?
ARIOVALDO: Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente. Acho que é hora da gente se mandar
ROBERVAL: Pois, sim, justo agora que estou nadando em dinheiro?
ARIOVALDO: Amanhã cedo, então.
ROBERVAL: Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não c

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-663.

DPF Fls. n. 616 Rubrica

obrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem. De graça também. Que é tudo por conta do governo.
ARIOVALDO: Vou mandar alguém em meu lugar. E pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas.
JARBAS: (Fora de cena) Ei, onde pensa que vai? É proibido entrar.
ROBERVAL: Que será isso?

PAFÚNCIO: (fora) Me deixa passar, é muito importante.
ROBERVAL: Vê lá, ARIOVALDO.
PAFÚNCIO: (Fora) Me deixe passar, precisamos falar agora.
CONTINUAM RUIDOS
ROBERVAL: O que é?
ARIOVALDO: Um monte de gente fazendo sinais com uns papéis.
ROBERVAL: (À porta) O que é que os senhores querem aqui?
PAFÚNCIO: (Fora) Falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atenção.
ROBERVAL: Um momento, um momento
É JOGADO PARA A CENA UMA ESPÉCIE DE REQUERIMENTO.
ROBERVAL: Pega aquilo, Ossip (ARIOVALDO) Vá lá e diga que deixe entrar. Mas um só, que isto aqui não é palanque. Elejam um, que fale em nome de todos.
ARIOVALDO SAI
ROBERVAL: (Desenrolando o papel) Precisam aprender a ter espírito de classe (lendo) "A sua Excelência Altíssima, senhor das Finanças, por parte do comerciante PAFÚNCIO. Uê, que besteira é essa?
ENTRA COMERCIANTE PAFÚNCIO SALIM TRAZENDO CESTOS COM VINHO E OUTRAS COISAS.
ROBERVAL: O que é que o senhor quer?
PAFÚNCIO: Implorar vossa misericórdia.
ROBERVAL: Está bem, mas o que é que houve?
ROBERVAL: É? Por parte de quem?
PAFÚNCIO: Do governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos.
ROBERVAL: Também quem manda sabotarem o governo dele. É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas. As probrezinhas não tem culpa de nada.
PAFÚNCIO: (Sem entender) Vacas, excelência?
ROBERVAL: Bem, não interessa, vai adiante.
PAFÚNCIO: Ele está nos reduzindo a fome com tantos impostos.
ROBERVAL: Imagine, umas pessoas tão gordas e saudáveis.
PAFÚNCIO: Tudo o que ele pede, até roupa prá mulher e prá filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa, agarra nossa barba, quase arrancando.
ROBERVAL: Mentira
PAFÚNCIO: Palavra de honra. Excelência, no aniversário dele então...no dia de Santo Antônio, a gente tem que mandar quase a loja inteirinha, e o pior é que no dia de Santo onofre ele diz que também faz anos.
ROBERVAL: Mas isso já é um assalto.
ROBERVAL: Isso é caso de IPM, de confinamento.
PAFÚNCIO: Como queira, contando que ele desapareça. Por favor, excelência, aceite essas humildes oferendas.
ROBERVAL: De maneira alguma, não aceito qualquer espécie de suborno, ainda se fosse um empréstimo, vá lá...
ROBERVAL: Uns trezentos rublos.
PAFÚNCIO: Aceite quinhentos rublos, excelência.
GENOVEVA: (Fora) Deixem-nos passar, vê se vai empurrar a mãe, seu cavalo.
ARIOVALDO: (Espiando) Ih, tá assim de mulher!
GENOVEVA: (Fora) Quer tirar a mão daí? Quem está pensando que eu sou seu atrevido?
ROBERVAL: (Espiando) Deixe entrar só essa! O resto tem que pedir audiência por escrito.
(VOLTANDO) Nunca vi tanta mulher junto!
PAFÚNCIO: É a E.D.F. (L.D.F.)
ROBERVAL: O que é isto?
PAFÚNCIO: Liga da Defesa da Família.
ENTRA A MULHER
GENOVEVA: Misericórdia, paizinho.
ROBERVAL: Que quer a senhora?
GENOVEVA: Implorar vossa graça contra o desgraçado do governador. Que a maldição

CENSURA FEDERAL DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-664

DPF
Fls. N. 617
Rubrica

aia sobre sua cabeça, que um raio fulmine sua família inteira, mulher, filha, tios, tias, primos...
ROBERVAL: Por que coitado?
GENOVEVA: Ele mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dele. Meu marido é um homem casado. é contra a lei, excelentíssimo.
ROBERVAL: E por que fez isso?
GENOVEVA: Porque é um cachorro. Que Deus o castique neste mundo e no outro, que

a mulher dele fique de boca torta e a filha vesga, e se tem pai, que o pai dele fique sem os dois braços e as duas pernas.
ROBERVAL: Espera aí, assim também já é exagero.
GENOVEVA : O filho do afaiate , aquele que dá mais pinta do que borboleta é que foi convocado, mas na hora da convocação teve um chilique, o alfaiate deu um presente para o Governador, e o Governador então mandou o meu marido no lugar dele, agora me diga, excelência, como é que eu vou passar sem marido esse tempo todo ?
ROBERVAL : É, deve ser fogo.
GENOVEVA : Desgraçado, que a família dele jamais possa ver a luz do sol, se tiver sogra que a sogra fure os olhos da família inteira com uma agulha .
ROBERVAL : Mas o que é que eu posso fazer ?
GENOVEVA : Agora não adianta nada, mas pelo menos que esse desgraçado pague uma multa pelo erro.
ROBERVAL : Está certo, vou dar uma ordem nesse sentido. Agora podem ir descansados.
VÃO SAINDO COMERCIANTE PAFÚNCIO E GENOVEVA.
GENOVEVA (Saindo) : Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado, tomara que a família inteira dele fique com cachumba, catarata e toda a espécie de doença nova que aparecer no mundo.
SAEM TODOS. ENTRA MAFALDA . CENA CHEIA DE PAUSAS.
MAFALDA : Oh !!
ROBERVAL : Por quê se assustou ?
MAFALDA : Não me assustei !
ROBERVAL : Ah, bem, se não fosse ousadia, poderia perguntar-lhe para onde ia ?
MAFALDA : Em verdade a parte alguma
ROBERVAL : E por que por exemplo , não ia a parte alguma ?
MAFALDA : Pensei que mamãe estivesse aqui.
ROBERVAL : Ainda assim gostaria de saber por que razão não ia a parte alguma.
MAFALDA : Perdoe por te_lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.
ROBERVAL : Seus olhos valem mais do que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira ?
MAFALDA : Sinceramente, não sei ... Precisava tanto ir embora.
ROBERVAL : Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia ?
MAFALDA : Ah, é verdade. ..... Que tempo esquisito hoje !!!
ROBERVAL : Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo.
MAFALDA : Gosto muito de versos, se não fosse ousar demais poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum ?
ROBERVAL : Quantos quiser, seu olhar já me inspirou um álbum inteiro.
MAFALDA : O senhor fala assim por falar .
ROBERVAL : Não sou eu quem fala, é o amor que transborda do meu coração.
MAFALDA : Amor .... Linda palavra que não conheço, que nunca soube o que é .
ROBERVAL : Pois olhe fundo nos meus olhos que ficará sabendo-
MAFALDA OLHA E DE REPENTE SAI CORRENDO.
MAFALDA : Que tempo esquisito hoje !!!!!!!!
ROBERVAL : Por que se afastou ? Um perto do outro é melhor .
MAFALDA : Perto por quê ? É a mesma coisa longe.
ROBERVAL : Longe por quê ? É a mesma coisa perto.
MAFALDA : Não atino a razão..... Mas se realmente prefere perto .
ROBERVAL : Não ... pensando bem é melhor longe.
MAFALDA : No que ficamos. Longe ou perto .
ROBERVAL : Par ou ímpar. (JOGAM)
MAFALDA : Par
ROBERVAL. Longe ... Deus escreve certo por linhas tortas. Perto eu não poderia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-665.

DPF Fls. 618 Rubrica

onter o ímpeto de estreitá-la em meus braços
MAFALDA : Que tempo esquisito hoje.
ROBERVAL : É o tempo do amor da canícula na primavera.
MAFALDA : (LEVANTANDO-SE) Oh, que ave será aquela que passou voando. Será uma pomba ou um colibri.
ROBERVAL : Um modesto urubu . (TOCA-LHE O BRAÇO COM A MÃO) .
MAFALDA : Que tempo esquisito hoje.
ROBERVAL : Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante.
BEIJA O OMBRO DE MAFALDA
MAFALDA : (OFENDIDA) : Oh, mas que significa isso ? Que atrevimento é esse agora

?
ROBERVAL : Puxa, será que não se pode brincar com a senhorita.
MAFALDA : Isso não é uma brincadeira, é uma audácia.
ROBERVAL : Juro que não, e como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos. (AJOELHA) Perdão ... Perdão ... Perdão ...
ANITA : Oh, que quadro !!!
ROBERVAL (À PARTE LEVANTANDO SE) Ai, cacete !!!
ANITA : Que significa isso, menina, que procedimento é esse ?
MAFALDA : Mãezinha, eu , eu ,
ANITA : O quê ? Ainda ousa me responder ? Saia daqui imediatamente.
MAFALDA : Está bem mãezinha ... (SAI)
ROBERVAL (À PARTE) : Essa também dá prá quebrar o galho (AJOELHA-SE BRUSCAMENTE). Minha senhora , veja estou ardendo de paixão.
ANITA : Oh, o senhor de joelhos, por favor, levante-se , o chão aqui é muito úmido.
ROBERVAL : Não, quero ficar a seus pés, nem que for para morrer de reumatismo. Quero conhecer o meu destino. Está em suas mãos. Decida, a vida ou a morte.
ANITA : Desculpe.... mas eu sou um pouco burrinha ... É que eu não estou entendendo exatamente o significado de suas palavras, se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso ?
ROBERVAL : Não senhora, estou declarando meu amor pela senhora mesmo. Para ser breve, com essa chama que me queima o peito ... peço sua mão em casamento.
ANITA : É, ... interessante, mas permita observar-lhe que "ATÉ CERTO PONTO EU SOU CASADA "
ROBERVAL : Sim, mas especialmente por causa desse "ATÉ CERTO PONTO", poderemos perfeitamente nos esconder sob as sombras das cascatas, ou em outro lugar melhor que a senhora conheça. (ENTRA MAFALDA)
MAFALDA : Oh, que quadro !!!!
ANITA : Ah, ela tinha que aparecer justo agora, e então ? Desde quando a senhora vai entrando assim sem mais nem menos, como coruja espantada ?O que é que a senhora viu aqui de tão extraordinário. Que menina mais sem graça meu Deus. Vamos, fale de uma vez, ou será que engoliu a língua.
MAFALDA : (EM PRANTOS) : Mãezinha, eu ... eu ...
ANITA : Você o que ? Vamos, estou esperando.
MAFALDA : Eu não sabia ...
(FAZ PARA SAIR)
ANITA : Fica aqui, não sabia o quê? Vamos, diga .
MAFALDA : Eu ... Eu ...
CHORA
ANITA : Essa agora, você não sabia, e daí ? Precisa chorar por causa disso. Se todo mundo fosse chorar ao descobrir que não sabia de nada, onde iríamos parar com tantas lágrimas ?
ROBERVAL : (SEGURANDO A MÃO DE MAFALDA) : Minha senhora não se oponha à nossa felicidade. Abençoe este amor eterno.
ANITA: Que amor eterno ?
ROBERVAL : O nosso .
ANITA : Nosso, de quem ?
ROBERVAL : O meu e o dela .
ANITA : (DESAPONTADA.PERPLEXA): Ah, sei, do senhor e da minha filha ... é isso ?
ROBERVAL : Está em suas mãos, minha senhora, decida a morte ou a vida. ANITA : Está vendo o que me arrumou, estúpida , por uma pamonha como você nosso hóspede ficou de joelhos se arriscando a um bruto reumatismo, não lhe gabo o gosto, en-

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 666.

DPF Fls. n. 619 Rubrica

fim... Por isso que ela entrou aqui feito uma louca, bem merecia que negasse consentimento, uma retardada como você não merece tamanha felicidade.
MAFALDA : Juro que não faço mais mãezinha.
O GOVERNADOR ENTRA ABRUPTAMENTE
PELÓPIDAS : Juro que não faço mais excelência, não me desgrace.
ROBERVAL : Que foi que houve ?
PELÓPIDAS : Eu não fiz nada, eu não fiz nada.
ANITA : Agora quer parar um pouco essa ladainha e ouvir 6
PELÓPIDAS : Não acredite Excelência, não acredite, não acredite.
ANITA : Diz logo que não acredita se não ele fica repetindo isso até o mês que vem.
ROBERVAL : Não acredito.

ANITA : Sabe da honra que nos dá esse cavalheiro ? Acaba de pedir a mão dessa ... de nossa filha em casamento.
PELÓPIDAS : Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias ? Não se zangue Excelência, ela sempre foi assim meio abobalhada, a mãe dela é a mesma coisa.
ROBERVAL : Mas é verdade, tenho a honra de pedir a mão de sua filha em casamento.
PELÓPIDAS : Não, não posso acreditar, Excelência.
ANITA : (FURIOSA) Não pode acreditar "por quê " ? Pode me dizer ?
PELÓPIDAS : Não, não mereço tamanha felicidade, não mereço.
ANITA : Está bem, então agora quer parar com esse faniquito e calar a boca ?
PELÓPIDAS : Tenha a bondade de dizer, Excelência, sou só ouvidos.
ROBERVAL : Pois bem, torno a pedir a mão de sua filha, mas previno-o que se me negar, pelo que possa acontecer a culpa é toda sua.
PELÓPIDAS : Não posso acreditar, o senhor está brincando comigo.
ANITA (CHEIA) : Ai, que vou já, já ter uma coisa.
ROBERVAL : Peço-lhe que se decida. De outra forma responsabilizo-o deste já por minha morte.
PELÓPIDAS : Não se zangue, Excelência, não se zangue . Estou completamente tonto, minha cabeça não para de dar voltas . Fiquei mais estúpido do que nunca.
ANITA : Depois você cuida disso. Dá logo tua benção e pronto.
PELÓPIDAS : Sim, sim, com muita honra.
ROBERBAL BEIJA A MÃO DE MAFALDA
PELÓPIDAS : Será que estou ficando louco ?
ANITA : Vai pro diabo que te carregue, você hoje já me encheu as medidas.
ENTRA ARIOVALDO
ARIOVALDO : Os cavalos estão prontos.
PELÓPIDAS : Como, vai partir ?
ROBERVAL : Sim, vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta. Bem não quero dizer adeus, mas uma coisa não posso deixar dedizer. Obrigado pela hospitalidade. Adeus MAFALDA LUZ DE MINH'ALMA . "AU REVOIR " senhores.
MÚSICA
LUZ EM RESISTÊNCIA
LUZ INTENSA.
SENTADOS GOVERNADOR PELÓPIDAS , ANITA E MAFALDA.
ENTRA TOLEDO.
TOLEDO : Nem posso acreditar no que estão dizendo ? É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade ?
ENTRA NESOR : Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, PELÓPIDAS Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos .
ENTRA MADAME GREGORIA ZINHA - REPRESENTA A ALTA SOCIEDADE
MADAME : Anita, quase tive um ataque quando me contaram (BEIJINHOS) MAFALDA, que felicidade, quase cai dura mortinha (BEIJINHOS) PELÓPIDAS, foi como se um raio de felicidade me fulminasse tamanha a minha alegria.
ENTRAM FLORISMENA E FLORISMANA
FLORISMANA : Tenho a honra de felicitá-lo PELÓPIDAS
FLORISMENA : PELÓPIDAS, tenho a honra de felicitá-lo
FLORISMENA E FLORISMANA : Anita ....
SE APROXIMAM AO MESMO TEMPO AS CABEÇAS CHOCAM
FLORISMANA : MAFALDA, desejo-lhe todas as felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras preciosas e toda espécie de sobremesas requintadas.
F

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 667.

DPF Fls. 620 Rubrica

LORISMENA : Que Deus lhe dê todas as riquezas do mund, MAFALDA, uma casa todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasalhá-lo no inverno.
ENTRA LUCRÉCIA
LUCRÉCIA : Tenho a honra de felicitá-los, não sabem a alegria que senti quando me contaram
MADAME : E eu então, fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu, senta que é para não cair fulminado com a notícia. Aí ele sentou. E eu lhe disse : ANITA conseguiu um marido para filha. Não me diga, exclamou ele. E eu, por tudo que é mais sagrado, quero ficar paralítica e careca se estou mentindo. E ele : Que bom hein ? Mas nem pude responder, tive uma crise de choro tão violenta, que por um triz não me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. Por quê está chorando tanto ? Perguntou ele. E quando fui dizer de felicidade , ora essa. Cade voz ? Estava completamente muda de emoção.

Não fosse meu marido me sacudir uma porção de vezes a esta hora já estaria morta num caixão, ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico toda arrepiada.
ANITA : Senta que isso passa. Sentem-se todos meus senhores.
ENTRA JARBAS :
JARBAS : Tenho a honra de felicitar Vossa Excelência pelo feliz acontecimento, nem pode imaginar como me sinto feliz. Não me refiz até agora.
PELÓPIDAS : Tá, então vá se refazer lá fora.
JRBAS (DESAFONTADO) : Puxa ... Com licença
PELÓPIDAS : Foi uma maravilha o pedido de casamento. O INSPETOR estava branco como cera só de pensar que poderíamos não concordar com o casamento.
MADAME : Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico roxa.
LUCRÉCIA : É como eu digo. O destino tem muita força.
TOLEDO : Sabe, PELÓPIDAS, aquele cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse ?
PELÓPIDAS : O que é que tem ? Morreu ? ...
TOLEDO : Não, vou trazê-lo amanhã, de presente.
PELÓPIDAS : Ah, não agradeço ! Mas agora não quero mais saber de cachorros .
MADAME : Comigo aconteceu a mesma coisa . De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de brotoejas.
MAFALDA : Gatos também ?
MADAME : Ahn ? (AO GOVERNADOR) De gatos o senhor ainda gosta ?
PELÓPIDAS : Não, não quero mais saber de bichos em casa.
MADAME : Ah, nem eu (A MAFALDA) Gatos também.
ANITA : Estamos pensando em nos mudar para a capital. Pra dizer a verdade, o ar de lá é melhor do que o daqui.
MADAME : Ah, horrível. às vezes chego a tapar o nariz durante horas e horas.
ENTRA HIPÓLITO APAVORADO
HIPÓLITO (LENDO) : Senhor Governador ... eu ... eu ....
MADAME : Igualzinho a mim, se fico emocionada não consigo dizer um ai!
PELÓPIDAS : Não precisa dizer nada, amigo . Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos (HIPOLITO LHE ESTENDE UMA CARTA , MÃOS TRÊMULAS) Que é isso ? Carta prá mim ?
HIPÓLITO : Não Senhor,
PELÓPIDAS : Uê, então por que fica me abanando a cara com isso ?
HIPÓLITO : É o caso mais surpreendente desde que me conheço. O Inspetor que nós pensavamos que era o Inspetor não é o Inspetor .
PELÓPIDAS : O quê ? Como se atreve a dizer uma bobagem dessas ?
ANITA : Está ficando louco ?
MADAME : Sim, mas se um Inspetor que a gente pensava que era um Inspetor não é o Inspetor ... Esse Inspetor então não é Um Inspetor como a gente pensava . É tão simples meu Deus.
PELÓPIDAS : Cale-se
HIPÓLITO : O homem que esteve aqui não era o Inspetor, e sim um IMPOSTOR .
PELÓPIDAS : Um IMPOSTOR ??????!!!!!!
HIPÓLITO : Sim, esta carta não me deixa mentir. Quando li o nome do remetente q

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 668.

DPF FLS. N.º 621 Rubrica

uase morri de medo. Pensei que ele tinha descoberto alguma coisa errada nos correios e me denunciava à Agência Central, por isso abri a carta. É melhor ler a carta, se me permitem, eu mesmo leio.
TODOS : LEIA , LEIA , LEIA ...
HIPÓLITO : Com licença (LENDO A CARTA) :

" MEU CARO TERÊNCIO :

Apresso-me a informá-lo meu caro TERÊNCIO das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo meu dinheiro no jogo, e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto e às minhas roupas, toda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve. Estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo a mulher e a filha dele. Ainda não me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que há muito tempo deve estar a ver navios . E como se sabe. Galinha velha é que dá bom caldo. Por falar em galinha, como está longe aquele tempo que tínhamos que dividir o almoço ? Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero, nunca vi gente tão boboca. É de se morrer de rir . Você podia aproveitar essa história em

seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil, estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres."

PELÓPIDAS : É mentira . Isso não está aí .
HIPÓLITO : Pois leia o senhor mesmo.
PELÓPIDAS : Deixe ver ... Impossível. Foi o senhor mesmo quem escreveu isto .
HIPÓLITO : Eu ? Como ? Não vê pela letra ?
NESTOR : Continua !!
TOLEDO : Leia o resto !!
HIPÓLITO : (LENDO) : " Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!!! "
PELÓPIDAS : Precisa repetir ? Ninguém é surdo . Adiante !!
HIPÓLITO : Prá lhe botar um bom par de chifres !!!
PELÓPIDAS : Ai meu cacete .
HIPÓLITO : Hum ... " O Chefe dos Correios ... é um homem mais do que excelente.
PELÓPIDAS (Fazendo o Gesto redondo) : Aqui eh, que diz isso. Leia direito.
HIPÓLITO : Mas há senhoras presentes.
PELÓPIDAS : Não interessa. Já que começou ... Acaba
NESTOR : Permita que eu leia ! (LENDO) O Chefe dos Correios é um fofoqueiro de mão cheia e vive abrindo todas as cartas que aparecem nos Correios.
HIPÓLITO : Isso é mentira !.
PELÓPIDAS : É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde, né ? Continue ...
NESTOR : O Diretor do Hospi ... pi ... pi .....
PELÓPIDAS : Que aconteceu ? Quer ir ao banheiro ?
TOLEDO : Minha vista é melhor . Eu leio.
O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O hospital dele fede tanto que o doente mal chega, morre envenenado. Precisava ver como ele se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitava tanto. As unhas parecem luto de tão sujas. Um porco. Um porco enfeitado melhor dizendo.
NESTOR (ESCONDENDO AS MÃOS) : Falta de espírito. Onde já se viu porco enfeitado ?
FLORISMANA : Porco de banquete eles enfeitam
FLORISMENA : É , eles enfeitam porco de banquete
TOLEDO : A Diretora de Escolas então, nem te conto .Há impressão que estão descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outra fedida. E o que é pior está corrompendo a juventude daqui . A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família" convida-os para sua casa de solteira.
PELÓPIDAS : Eu hein ?!
LUCRÉCIA : Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.
ANITA : Você pediu alguma vez a ela ?
MAFALDA : Eu não mãezinha, Deus me livre.
TOLEDO : Felizmente, não tem nada a meu respeito.
ANITA ARRANCA A CARTA : O Juiz é um "mauvais ton ..." Acho que é uma expressão francesa.
De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus meu caro TERÊNCIO ,

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.669

DPF 622 Fls. Rubrica

acho que vou seguir teu exemplo, vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que em tal e tal lugar existem uns pobres diabros, cujos governadores eles já deviam ter jogado na latrina. Como vês, estou mudando, já não tenho medo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando ? O melhor é parar por aqui . Escreva-me para a Capital.

ROBERVAL AMADEUS

SILÊNCIO TOTAL. ESTÁ TODO MUNDO ARRASADO. MADAME PÕE A CARTA NO ENVELOPE E DEVOLVE AO CHEFE DOS CORREIOS. POR ALGUM TEMPO FICA TODO MUNDO IMÓVEL. NINGUÉM OUSA ENCARAR O OUTRO.

ANITA : (ARRASADA) : Galinha velha, puxa essa carta foi uma facada no meu coração.

MAFALDA : Não ligue prá isso mãezinha.

PELÓPIDAS : Maldito, tragam esse cão de volta. Quero meu tapete persa que aquele desgraçado roubou. Ele me assassinou, me apunhalou pelas costas. E logo a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos !!!!

MADAME : Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

PELÓPIDAS (EM FÚRIA) : Saia daqui sua pata choca, depressa se não quer levar um pontapé na bunda.

MADAME LEVANTA BRUSCAMENTE

MADAME : (PRONTA PARA UM CHILIQUE) : Ai ....

PELÓPIDAS : E não se atreva a ficar roxa em minha casa. Rua... Rua...

MADAME SAI CORRENDO AOS BERROS

MADAME : Ai, acho que vou morrer, vou ficar entrevada o resto da vida. PELÓPIDAS : (ESPANCANDO-SE) : É bem feito, velho tonto, bem feito .

ANITA : O que será que houve ? Ele se comprometeu com nossa filha.

PELÓPIDAS : (FAZ O GESTO) Aqui pro compromisso dele ... Ele me desgraçou isso sim. A esta hora deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo. Batendo palmas, Agora pergunto . Que havia de tão engraçado que se asemelhasse a um Inspetor ? Nada, absolutamente nada. E de repente todo mundo começou a esclamar : "O INSPETOR CHEGOU, O INSPETOR CHEGOU !!! Quero saber quem foi o primeiro miserável a espalhar esse boato, quero saber quem foi .

FLORISMENA E FLORISMANA COMEÇAM A SE ENCOLHER E SAINDO DEVAGARINHO.

TOLEDO : Eu sei quem espalhou a notícia. Foram essas duas palhaças.

FLORISMENA E FLORISMANA : NÓS ???!!!

FLORISMANA : Eu não, que Deus me castigue !

FLORISMENA : Nem eu, por essa luz que me ilumina !

DR NESTOR : Foram elas sim

LUCRÉCIA : É isso mesmo, saíram do hotel gritando feito loucas : O INSPETOR CHEGOU ! O INSPETOR CHEGOU !

PELÓPIDAS : É verdade, foram essas malditas boateiras, essas malditas comadres.

DR NESTOR : Que o diabo as carregue com o Inspetor e todas as suas mentiras .

PELÓPIDAS : Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo mundo

TOLEDO : Tagarelas imundas

LUCRÉCIA : Intrigantes duma figa

MAFALDA : Mãe, o que é intrigante ?

ANITA : Cala a boca sua besta !!! Mulherzinhas tricoteiras

HIPÓLITO : Boateiras de Merda !

FLORISMENA E FLORISMANA VÃO SAINDO . TODOS AS CERCAM

FLORISMANA : Juro que não fui eu, Foi Florismena !

FLORISMANA : Não é verdade, FLORISMANA . Foi a senhora primeiro !

ENTRA JARBAS , O MORDOMO : SENHORES ... O FUNCIONÁRIO QUE ACABA DE CHEGAR DA CAPITAL EM MISSÃO ESPECIAL , ORDENA QUE O PROCUREM IMEDIATAMENTE .

ELE ESTÁ NO HOTEL !!!!!!

TODOS : NÃO ????!!!! ....

CÂMARA FEDERAL SECRETARIA DE COMISSÕES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-670.

DPF DCDP Fls. N.º 06 Rubrica

DPF DCDP Fls. N.º 623 Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 147 DATA: 28 / 09 / 1985

TÍTULO: ADEUS MORDOMIAS ... O INSPETOR CHEGOU !

AUTOR/ES.: MARCELO BASBUS MOURÃO

GÊNERO: ADAPTAÇÃO DE "O INSPETOR GERAL" DE NICOLAI GOGOL NA TRADUÇÃO DE FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES
PEÇA TEATRAL

CLASSIF.ETÁRIA: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 ANOS

JUST.IMPROPRIEDADE:

A peça em análise é uma adaptação da conhecida obra de Gogol, "O Inspetor Geral".

Conta a estória do boato da chegada de um inspetor da capital, que se espalha, pondo em polvorosa todas as autoridades da província.

Na verdade, quem é confundido como sendo o esperado e importante visitante, é um boa-vida, que prevalece-se da situação e usufrui de todas as mordomias que lhes são concedidas.

No final, chega o verdadeiro inspetor e todos percebem que foram vergonhosamente ludibriados.

É um texto que, com uma ironia sutil, faz uma forte crítica social. Mostra a corrupção que impera junto aos detentores do poder. A ambiguidade e a falsidade das relações humanas.

Como a peça possui certificado com validade até 08.11.89, ratifico a classificação dada - imprópria para menores de 14 anos.

Bel. Eliane Maria Couto de Faria
Censura - S DP/SR/R.J
Mat. 2.416.890

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.671

DPF DCDP Fls. N.º 625 Rubrica
DPF DCDP Fls. N.º 624 Rubrica

MJ = SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

PARECER Nº 147 DATA: 2 / 10 / 85

TÍTULO: ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU !!

AUTOR/ES.: Marcelo Basbus Mourão Adaptação da obra O INSPETOR GERAL de Nicolai Gogol Trad: Ferreira Gular e João das Neves

GÊNERO: leitura de texto para teatro

CLASSIF.ETÁRIA: 14 anos

JUST.IMPROPRIEDADE:

Em uma cidade da província, chega a notícia de que viria da capital um inspetor, com a incumbência de inspecionar os vários setores públicos para verificar a possível ocorrência de irregularidades. As autoridades locais, apaveradas com a notícia, mobilizam-se para / receber a importante personagem. Assim, o diretor do hospital, do presídio, a diretora da escola e o juiz, conscientes das inúmeras irregularidades em seus setores de trabalho, tentam diversas fórmulas com o intuito de neutralizar a ação saneadora do inspetor. Nesse ínterim, chega à cidade Roberval, um aproveitador que, valendo-se das situação, desfruta de inúmeras mordomias que lhe são oferecidas à guisa de suborno. Quando finalmente sai de cena, chega o verdadeiro inspetor.

O texto utiliza-se do humor para denunciar a corrupção das autoridades constituídas e para criticar a farsa dos relacionamentos sociais. A presente adaptação torna a mensagem temporal e espacialmente próxima a nós, uma vez que o tema nos parece universal.

Linguagem coloquial.

Destina-se ao público juvenil e adulto.

Da peça em questão consta certificado com validade até 8/11/89 com impropriedade para menores de 14 anos.

Gabriela Wagner Gomes
Tec. Censura - SCDP/SR/R.
Mat. 2.416.881

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 672.

DPF
DCDP
Fls. N.º 625
Rubrica

MJ - SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/RJ

PARECER Nº 147 B DATA: 9 / 10 / 85

TÍTULO : ADEUS MORDOMIAS ... O INSPETOR CHEGOU .

AUTOR/ES.: MARCELO BASBUS MOURÃO - ADAPTAÇÃO de O INSPETOR GERAL de NICOLAI GOGOL

GÊNERO: ~~TEATRO~~

CLASSIF.ETÁRIA: 14 ANOS

JUST.IMPROPRIEDADE:

O texto relata a passagem de um inspetor por uma cidade de província com o intuito de verificar possíveis irregularidades nos setores públicos.

Todos se mobilizam preocupados.Os diretores do presídio e do hospital,a diretora da escola e o juiz sentem-se vulneráveis com a presença de figura pública tão respeitável.

Chega Roberval,um funcionário de certa pose,que se faz passar por inspetor.Todos procuram seduzi-lo com agrados e ele,como vigarista,tira proveito do que lhe é oferecido.

O verdadeiro inspetor chega no final, / quando ele tinha partido e as pessoas já haviam mostrado o caráter venal.

Criticando a hipocrisia do sistema e a falsidade dos relacionamentos humanos que existem,na maioria,por conveniência,o texto é interessamte para o público juvenil e adulto.

Em razão de ter o certificado liberatório com validade até 8/11/89,ratifico a impropriedade que lá consta - 14 anos.

Rio de Janeiro,9 de outubro de 1985

Angela Maria B. P. de Azevedo
Téc. Censura - Mat. 2.416.889

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.673.

DPF
DCDP
Fls. N.º 626
Rubrica

MJ = DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/RJ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 148 DATA: 14 / 04 / 86

TÍTULO: ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU ou O INSPETOR GERAL

AUTOR/ES: Nicolai Gogol Adaptação de Marcelo Basbus Mourão

GÊNERO: exame de ensaio geral

CLASSI: ETÁRIA: 14 anos

JUST. IMPROPRIEDADE: situações maliciosas

Quando do exame do ensaio geral da peça em questão constatamos não haver o texto sofrido alterações.

Cenários- 1º- sala da casa do Governador.
Este cenário compõe-se de três painéis, tipo cortinas, ocupando toda a largura do palco e em três profundidades diferentes. O mobiliário compõe-se de 10 cadeiras, dispostas de maneiras diferentes de acordo com a cena. Ao fundo uma mesa completa o ambiente; 2º - quarto do hotel -
O cenário compõe-se de um painel estruturado, forrado de espumas imitando pedras. Esse painel ocupa o centro do palco ficando o resto contra a rotunda preta. O mobiliário compõe-se de uma cama, uma mesa e três cadeiras.

Vestuário - foi concebido dentro de um estilo clássico, embora sem muito rigor, de acordo com a época da peça. A preocupação do figurinista foi a de acentuar a linha psicológica do personagem.

Iluminação - a iluminação básica da peça está na geral, na maioria das cenas. A cena do namoro do falso inspetor com a filha do Governador recebe uns minutos de efeitos especiais realizados com um projetor especial onde nuvens ficam passando. No quarto de hotel a iluminação sugere a penumbra, dando a idéia de quarto mal arrumado. Nos momentos de piques da peça acentua-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 674.

MJ = DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/RJ

DPF
DCDP
Fls. N.º 627
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 148ª DATA: 14/ 04 / 86

TÍTULO: ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU ou O INSPETOR GERAL

AUTOR/ES: Nicolai Gogol Adaptação de Marcelo Basbus Mourão

GÊNERO:

CLASSI: ETÁRIA: 14 anos

JUST. IMPROPRIEDADE: situações maliciosas

Cont.

se um pouco de vermelho em questão de três segundos. A cena final, muda, recebe uma luz de chão projetando sombras. A cena do secretariado levando dinheiro ao inspetor é feita com azul e com o auxílio de um estroboscópio, acentuando a farsa.

Sonoplastia - todas as músicas são clássicas. Abertura, continuidade de cenas, ligação de atos, mudança de cenários, etc. Existem também algumas vinhetas imitando pássaros e ruídos de leões, carruagem, etc.

Marcação - tende a criar um clima de farsa. A direção seguiu o texto com referência às entradas e saídas da casa, interiores, etc. A saída do porão do teatro é utilizada como entrada do quarto, como se esse estivesse no sotão. Na cena muda os personagens ficam como estátuas surpreendidos pela chegada do verdadeiro Inspetor Geral. A cena muda em que o secretariado leva dinheiro ao Inspetor tem uma movimentação bem acelerada tipo cinema mudo.

Da peça em questão consta certificado com validade até 8/11/89 com impropriedade para menores de 14 anos.

GABRIELA WAGNER GOMES
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.891

ANGELA MARIA B. P. AZEVEDO
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.889

REGINA MARIA DE F. MENE
Censor Federal - SCDP/SR
Mat. 2.416.919

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.675.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 628
Rubrica

Certificado Nº 186/86

PEÇA "ADEUS MORDOMIAS... O INSPETOR CHEGOU" OU "O INSPETOR GERAL"

ORIGINAL DE NICOLAI GOGOL

JUST.IMPROPRIEDADE: SITUAÇÕES MALICIOSAS.

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
PARA
MENORES
DE
14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 08 de NOVEMBRO de 19 89

Brasília, RJ, Xxxxxx de 15 ABRIL de 19 86

LUIZ MAURO GIESTAS
Chefe do SCDP/SR/RJ
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.676.

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "ADEUS MORDOMIAS...O INSPETOR CHEGOU" OU O INSPETOR GERAL"

Original de

Tradução de NICOLAI GOGOL

Adaptação de FERREIRA GOULART E JOÃO DAS NEVES

Produção de MARCELO BASBUS MOURÃO

Requerida por

Tendo sido censurada em PORFIRIO ANTELO DURAM de 19 e recebido a seguinte classificação: 14 ABRIL 86

14 ANOS/ESTE CERTIFICADO SÕ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ.///

Válido em todo Território Nacional

Brasília, de de 19

RJ, xxxx 14 ABRIL 86

PAULO CESAR OLIVEIRA SANTOS
Chefe do Serviço de Censura
Chefe do SCC/SCDP/SR/RJ

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p677

DPF
DCDP
Fls. N.º 629
Rubrica

TEATRO

TÍTULO " O INSPETOR GERAL " OU " ADEUS MORDOMIAS ... O INSPETOR CHEGOU "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAI GOGOL "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 16 ANOS "

Praça " SCDP/SR/RJ "

Obs.:

DF. 18 / ABRIL / DE / 1986

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Cert.º nº 186/86 incompleto. Anotado
p/ providências. De ordem, arquive-se.
BSB, 23/4/86

José Daulny Cardoso
CF - Matr. 2096417
Chefe da SCTC/SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 678

DPF

611461DPFEB BR
1130342DPFE BR

DPF
DCDP
Fls. N.º 630
Rubrica

24 ABR 2154 86 000116
ENCAMINHADO A
RUBRICA

5 0-7)9

SAO PAULO- 5811 40 24 1647P

DCDP BSA

5811 DE 23/04/86 SCDP/SR/SP PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT ''O IN PETOR GERAL'' DE NICOLAI GOGOL COMIEEEEEEE DIGO GOGOL VG ''OKLAHOMA'' DE RICHARDS RODGERS ET OSCAR HAMMERSTEIN ET ''O LADO COMICO DA TRAGEDIA'' DE LIEGE ESTEVES PT

CH SCDP/SR/SP

NNK
611461DPFEB BR
1130342DPFE BR

R 241703

Informação - ARQUIVO/DCDP

Nada consta relativo à peça teatral: O lado cômico da tragédia.

BSB, 25.4.86

Márcia Monteiro L. Macêdo
Mat. 6.190.167
Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 679

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.680

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

DPF DCDP Fls. N.º 631 Rubrica

DEP. DE POLÍCIA F. DIVISÃO DE TELECOM. SC - CMG

28 ABR 15 16 86 000116

ENCAMINHADO A RUBRICA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDERÊÇO

SCDP/SR/SP

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 311/DCDP de 28 04 86 RERA NR 5811/SCDP/SR/SP VG INFO PEÇAS TEATRAIS BIPT "O INSPETOR GERAL" OU "ADEUS MORDOMIAS... O INSPETOR CHEGOU" VG CLASS QUATORZE ANOS VG CERT VAL 081189 PTVG "OKLAHOMA" CLASS LIVRE VG CERT COM DATA VENCIDA PTVG "O LADO CÔMICO DA TRAGÉDIA" VG NADA CONSTA PT DCDP

DPF-SAv.84

Assinatura ou rubrica do expedidor. Raymundo Custáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.681

DPF
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 08.202
Fls. N.º 232
Rubrica
EM 10/06/86 N.º 47
DCDP/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional em Santa Catarina

Ofício nº019/86-SCDP/SR/DPF/SC Florianópolis,06/06/86

Senhor Diretor

Encaminho,em anexo,os processos referentes a peças teatrais e letras musicais.

PEÇAS TEATRAIS: Se chovesse vocês estragavam todos
A lebre e o sertão pelado
O inspetor geral
Os ciúmes de um pedestre ou o terrível capitão do mato.

LETRAS MUSICAIS: Proc. 16.23/86/SC
Proc. 16.35/86/SC
Proc. 16.43/86/SC

Na oportunidade,renovo protestos de estima e consideração.

Atenciosamente

Elísio Marcelo Finato
Chefe Subst. SCDP/SC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.682.

ILMO. S . DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

ITF
DCDP
Fls. nº. 633
Rubrica

Bernadete Sant'Anna
Requerente

Brasileira, Atriz
Nacionalidade, Profissão

D. P. F.
D P F/S C
S. C. D. P.
PROTOCOLO
nº 0673
data 25/02/86
Visto

Carteira de Identidade 1/R 706.957 SSI
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à rau José Namen Curi, 65 Apto 301 Bl.B
22 29 02 - Sec. Fazenda → Édio, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral adulta abaixo
Espécie

relacionada(s), de autoria de: Nicolai Gógol

O Inspetor Geral
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Florianópolis, 19 de fevereiro de 1986.
Local e Data

Bernadete Sant'Anna
Requerente

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CENSURA
SCDP

Anexos: Texto
Liberação SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 683.

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO ARMAÇÃO CGC: 83.255.505/0001-24

Sede: Pça XV de Novembro, 16 - Caixa Postal 735

Florianópolis - SC. CEP: 88.010

Diretor ou Responsável:

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: Nicolai Gógol

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 — PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CENSURA FEDERAL
DPF/SC
SCDP

DATA: Fpolis, 19/02/86

Ass.:

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p684

DFDP
DCDP
Fls. nº. 634
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

CÓPIA AUTENTICADA DA VIA ORIGINAL

Nº 51376

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.5[illegible], de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.025, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: O INSPETOR GERAL

Original de Gogol

Música de -

Tradução de Ferreira Gular e João das Neves

Direção de

No Teatro CIC e Álvaro de Carvalho Cidade Florianópolis

Empresa Grupo Armação Pela Cia.

nos dias 23.24.25.27.28 maio/86 e 20.21.22.27.28.29 junho/86

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 10 % Dez por cento de renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ 1 ORTN vigente em janeiro/86 por cada apresentação, por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "borderau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos de cobrança do direito autoral.

Florianópolis 26 de dezembro de 19 85

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Agente — pela (SBAT)

600 blocos de 50x50 - 30.001 a 60.000 — 1/79

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 685.

DPF
DCDP
Fls. nº. 635
Rubrica

O INSPETOR GERAL

Nicolai Gogol

PRIMEIRO ATO

Numa Sala da Casa do Governador

GOVERNADOR
Meu Senhores, chamei-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

AIMOS
O que?! Um inspetor?

ARTIEMI
Como é que é, um inspetor?

GOVERNADOR
Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnito. E o que é pior, em missão secreta.

AIMOS
Santo Deus!

ARTIEMI
Não faltava mais nada!

GOVERNADOR
Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes ratos, que surgiram assim, negros, fantásticos, farejavam, e depois iam embora... Ouçam a carta que recebi de Petersburgo: "Querido amigo e compadre. (Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa). Ah, aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar toda a província e, em especial, esse Distrito. (Ergue o dedo num gesto significativo). Obtive essa informação de fonte fidedigna, muito embora a viagem desse inspetor tenha cáráter sigiloso". Bem, aqui vem coisas sem importância. Tá, tá, tá... Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seu pecadilhos" aconselho-te a tomar todas as precauções possíveis, pois esse funcionário pode chegar a qualquer momento se é que já não está aí sem que ninguém saiba. Ontem eu ... Daqui pra frente são assuntos de família. "Minha irmã Ana esteve aqui outro dia com a bêsta do marido. Ivam Kirilovitch

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.686

DPF
DCDP
Fls. nº. 636
Rubrica

...

está um porco de gordo mas insiste em tocar violino. Etc., etc.". Bem, senhores, esta é a situação.

AIMOS
De fato é alarmante.

LUCAS
Mas qual será a razão disso? O que vem fazer aqui um inspetor?

GOVENADOR
É o destino ... Até hoje, por sorte nossa, essa gente só metia o nariz nos outros Distritos. Chegou a nossa vez.

AIMOS
Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que a Rússia está querendo a guerra e o Ministério manda um funcionário para verificar se há por aqui algum traidor.

GOVERNADOR
Que traidor nada! Que faria um traidor numa aldeia como a nossa, longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que diga uma tolice dessas.

AIMOS
Posso garantir, senhor Governador, que aí tem coisa. O Ministério é muito precavido, nada lhe escapa...

GOVERNADOR
Quem tem que escapar somos nós! Os senhores estão avisados. De minha parte, já tomei algumas providências, e os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo você, Artiemi Filipovitch. O hospital é o primeiro lugar que o inspetor vai querer visitar. Não custa nada torná-lo um pouco mais decente. Fornecer roupa limpa aos doentes para que não se apresentem iguais a limpadores de chaminés, como de hábito.

ARTIEMI
Bem, isso é fácil. Mando por uma touca limpa na cabeça de cada um deles, e pronto.

GOVERNADOR
Ótimo. Mas além disso deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha - escrita em latim ou outra lingua séria , - com o nome da doença, a data de entrada do paciente, etc. E era preferível que houvesse menos doente lá. Dá muito má impressão ver tantos doentes num hospital. O melhor seria dispensar alguns.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 687

DPF
DCDP
Fls. nº. 637

...

ARTIEMI

Quanto a isso, eu e o Dr. Cristiano pensamos da mesma forma. Quanto mais deixarmos a natureza trabalhar sozinha, melhor. Não usamos remédios caros. O homem é um ser simples. Quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem que viver não há Cristo que o impeça. E seria mesmo muito penoso para o Dr. Cristiano dar-se ao trabalho de ouvir o que os doentes reclamam. Ele não fala uma palavra de russo... mas é muito competente.

GOVERNADOR

Ao senhor Juiz, aconselharia dar mais atenção ao Tribunal. Na sala de espera, os contínuos agora criam gansos, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Não há dúvida que a avicultura é digna de todos os elogios. E por que se havia de proibir os contínuos de criar gansos? Podem criá-los. Mas não na sala de espera do Tribunal.

AIMOS

Darei, ordem, hoje mesmo, para que levem os gansos para a cozinha. Venha jantar conosco.

GOVERNADOR

E outra coisa. O senhor há de convir que não fica bem se pendurarem roupas para secar em plena sala de audiências. E que a mesa de um Juiz não é lugar para se atulhar de equipamentos de caça. É compreensível que o senhor goste tanto de caçar. Mas não é necessário que durante os julgamentos o senhor use chicote e esporas. Pelo menos até que o inspetor se vá. Quanto ao seu secretário, me desculpe, mas ele cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade, como diz, que o cheiro é de nascença, ainda assim não se justifica. Ele que coma alho... cebola...sei lá o quê.

AIMOS

Ele diz que caiu do colo da ama, quando era bebê, e desde então ficou com aquele cheiro forte de vodka.

GOVERNADOR

Bem, falei isso por falar. E quanto ao que André Ivanovicht chama, em sua carta, de "pecadilho", nada posso dizer. Afinal de contas, existirá alguém no mundo que não tenha pecados? O homen é como Deus o fêz, e contra isso de nada adianta vociferar como fazem os moralistas.

AIMOS

Claro. Eu por exemplo digo abertamente que recebo propinas que sou subornável. Mas que espécie de propinas? Aí é que está... Cães perdigueiros. A diferença é enorme.

GOVERNADOR

Cães perdigueiros ou não, tudo é subôrno.

AIMOS

O senhor acha mesmo?!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-688

DPF
DCDP
Fls. nº 638
Rubrica

...

GOVERNADOR
É claro. Quanto ao senhor Lucas, como diretor da escola, seria bom que se preocupasse um pouco mais com professores. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito. Mas eles tem hábitos muito esquisitos. Um deles, por exemplo - um grandalhão - toda a vez que começa a aula, faz uma careta assim (imita.) Claro que se a careta é feita só diante dos alunos, não há nada de mais. Talvez até seja necessário. Mas diante de um visitante ilustre, dará um bode danado. O inspetor, por exemplo, pode pensar que a careta é pra ele e então será um desastre.

LUCAS
Estou cansado de dizer a ele que não faça caretas. Ele faz! Ainda outro dia, o padre visitava a escola e ele fez a tal careta. O padre me passou um sermão, por permitir que se implante na juventude idéias tão avançadas.

GOVERNADOR
A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de história. É um sábio - está certo - sabe muito. Mas se expressa como tal veemência que esquece do resto. Outro dia, eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre o Grande, o que se passou é impossível de descrever. Juro que eu pensei que a escola estivesse pegando fogo. O homem tomou-se de tal fúria que lançou uma cadeira contra a parede e começou a bater na cabeça dos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas porque quebrar as cadeiras? Só se for para dar prejuízo ao Estado.

LUCAS
É, ele se empolga demais com certos vultos históricos.

GOVERNADOR
Assim é a insondável lei do Destino: o homen inteligente quando não é bêbado é louco.

Entra chefe dos correios

IVAN
Que aconteceu? Que funcionário é esse que vai chegar aí?

GOVERNADOR
O senhor ainda não sabe de nada?

IVAN
Pietra Ivanovicht passou pelos Correios e me contou.

GOVERNADOR
Qual dos dois Pietra Ivanovicht? Pietra Ivanovicht Bobchinski ou Pietra Ivanovicht Dobchinski?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-689

DPF
DCDP
Fls. nº. 639
Rubrica

...

IVAN
Bobchinski

GOVERNADOR
E qual a sua opinião a respeito?

IVAN
Garanto que vamos entrar em guerra com os turcos.
E tudo por intriga dos franceses.

GOVERNADOR
Guerra com os turcos, coisa nenhuma. Nós é que vamos nos danar, não os turcos. Mas diga lá, Ivan Kuzmitch. Como vão as coisas pro seu lado, hem?

IVAN
Mas o que interessa isso agora? E pro seu lado, senhor Governador, como é que vão?

GOVERNADOR
Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de mêdo, não nego. Minha preocupação é com os comerciantes, Vivem dizendo que os roubo. Eu não roubo, eu confisco. Deus sabe que quando determino o seqüestro de mercadorias de algum dêles, faço isso sem a menor maldade. (Leva-o para um canto, pelo braço) Tenho a impressão que... Será que houve alguma denúncia contra mim? É esquisito mandarem um inspetor pra esse fim de mundo, não acha? Ouça, meu caro Ivan, será que você poderia - para o bem de todos dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam ao Correio? Assim, pra ver se há alguma coisa, uma denúnciazinha qualquer... Se não houver nada, fecha-se a carta, ou se deixa mesmo aberta. Há cartas que vêm abertas.

IVAN
Não pense em me dar lições neste assunto, senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro. Por simples curiosidade. Gosto de estar a par do que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas.

GOVERNADOR
Tem toda razão. Mas me diga então: não leu nada sobre o tal inspetor?

IVAN

Não, estou certo que sobre tal inspetor não li nada. Mas é pena que o senhor não leia essas cartas. Há passagens preciosas. Ainda há pouco, para não ir além, um sub-oficial escreveu aum amigo, descrevendo um baile e usando a linguagem mais florida: "Aqui a vida flui no sétimo céu, meu querido amigo. Jovens formosas, soa música e se baila com entusiasmo" ... e com que emoção escreveu isso. Até guardei a carta comigo, quer que a leia?

GOVERNADOR
Não, mas faça um favor. Se por acaso cair em suas mãos alguma

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.690

DPF
DCDP
Fls. nº 640
Rubrica

...

queixadinha ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplação, tá?

IVAN
Com todo prazer.

AIMOS
Cuidado com isso pode dar um bôlo danado.

GOVERNADOR
Não sei por que. Ninguém vai rasgar a carta em público.

IVAN
Claro. E além do mais, isso vai ficar só entre nós. Ou não vai?

AIMOS
Mesmo assim, esse negócio não me cheira nada bem.

GOVERNADOR
Vê se vai agourar no inferno, infeliz. Diabo! Esse maldito inspetor incógnito não me sai da cabeça. Estou, sempre esperando que a qualquer momento a porta se abra e ...

Entram Bobchinski e Dobchinski, ofegantes

BOBCHINSKI
Um acontecimento extraordinário.

DOBCHINSKI
Um extraordinário acontecimento.

TODOS
Que foi?

GOVERNADOR
Que aconteceu?

DOBCHINSKI
Uma coisa inesperada. Estamos chegando do hotel ...

BOBCHINSKI
Chegando do hotel, Pietra Ivanovicht e eu.

DOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht, deixe que eu conte, tudo.

BOBCHINSKI
Ah, não Pietra Ivanovicht, permita que eu conte.

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, o senhor vai se confundir e acaba esquecendo algum detalhe importante.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.691

DPF
DCDP
Fls. nº. 641
Rubrica

...

BOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, eu vou me lembrar de tudo. Me deixe contar e não me atrapalhe.

DOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht...

BOBCHINSKI
Senhores, digam a Pietra Ivanovicht que fique quieto e me deixe contar tudo.

GOVERNADOR
Mas, pelo Demônios, falem de uma vez! O que houve? Sente-se Pietra Ivanovicht, sente-se. E o senhor, também, Pietra Ivanovicht, sente-se aqui. (sentam-se todos). Bem, afinal o que foi que aconteceu?

BOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht, por favor. Vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui, depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente ... Por favor, Pietra Ivanovicht, não me interrompa. Eu sei todos os detalhes, todos. Portanto, faça a fineza de me deixar contar. Bem. Fui correndo à casa de Koróbin.. E como não encontrasse Koróbin em casa fui procurar Ivan Kuzmitch, aqui presente, para lhe transmitir as notícias que o senhor acabava de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei-me por acaso com Pietra Ivanovicht.

DOBCHINSKI
(Interrompendo) Perto do quiósque onde se vende pastéis.

BOBCHINSKI
Perto do quiósque onde se vende pastéis. Aí eu perguntei: já soube da notícia que o senhor Governador recebeu de fonte fidedigna? Pietra Ivanovicht já sabia.

DOBCHINSKI

Por intermédio da criada.

BOBCHINSKI
Por intermédio da criada, que, não se sabe bem por que, tinha ido à casa de Felipe Antonóvicht Potchetchniev.

DOBCHINSKI
Foi buscar um barrilzinho de vodka francêsa.

BOBCHINSKI
Foi buscar um barrilzinho de vodka.

DOBCHINSKI
Francêsa, Pietra Ivanovicht, desculpe.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.695

DPF
DCDP *8*
Fls. nº. 642
Rubrica

...

BOBCHINSKI
Francêsa. Desculpe, Pietra Ivanovicht. Então fui com Pietra Ivanovicht à casa de Potchetchniev. Não, não, Pietra Ivanovicht, não me interrompa. Fomos à casa de Potchetchniev, mas no caminho Pietra Ivanovicht me disse: Vamos entrar um instante no hotel, Pietra Ivanovicht, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse: Então vamos, Pietra Ivanovicht, e entramos. E mal tínhamos entrado, quando, de repente, um rapaz, um jovem ...

DOBCHINSKI
De boa aparência, à paisana...

BOBCHINSKI
De boa aparência, à paisana, começou a passear pela sala, com um ar preocupado, fisionomia carregada. Uma cara de gente que sabe de tudo. Tive logo um pressentimento e disse a Pietra Ivanovicht: "Aqui há dente de coelho".

DOBCHINSKI
Aí eu chamei o dono do hotel com o dedo.

BOBCHINSKI
Aí Pietra Ivanovicht chamou o dono do hotel...assim, com o dedo.

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, foi com este dedo, o esquerdo.

BONCHINSKI
Pois é. Chamou o dono do hotel com aquele dedo... perguntou no ouvido dele: "Quem é aquele môço?" Aí ele respondeu: "Aquele?" ... "Sim. Aquele?". Por favor Pietra Ivanovicht, deixe que eu conte até o fim. O senhor está com uma falha de dente, e quando fala assobia. Sabe muito bem que não ia poder contar direito. "Aquele?" - "Sim, aquele". - "Um funcionário que chegou de São Petersburgo?" Pois é. E ainda tornei a perguntar: De São Petersburgo?" E ele tornou a confirmar. - "E o nome dele?" - "Ivan Alexandrovicht", respondeu. "Viaja a caminho de Saratov". Pois é. E disse que ele age de forma muito estranha. Que há duas semanas está aqui, e ainda não saiu do hotel um só vez. Manda por tudo na conta e até hoje não pagou um centavo. Assim que ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse a Pietra Ivanovicht: "Hum".

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, quem disse "Hum" fui eu.

BOBCHINSKI
Eu sei. O senhor disse primeiro. Mas imediatamente eu disse também. "Hum", dissemos eu e Pietra Ivanovicht.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-693

DPF
DCDP
Fls. nº. 643
Rubrica

...

DOBCHINSKI
Ele, um pouquinho depois de mim.

BOBCHINSKI
Está certo, Pietra Ivanovicht, eu já confessei que o primeiro a dizer "Hum" foi o senhor. E, ao dizer "Hum" - acrescentei imediatamente: "Mas, se seu destino é Saratov... por que então ele ficou aqui?" E a conclusão foi clara como água: só pode ser o tal funcionário.

GOVERNADOR
Que funcionário?

BOBCHINSKI
O Inspetor Geral.

GOVERNADOR
Ai meu Deus, tende piedade de nós. Em que quarto ele está hospedado?

DOBCHINSKI
No número cinco. Junto à escada.

BOBCHINSKI
O mesmo quarto onde aquele oficial brigou com o outro no ano passado.

GOVERNADOR
Há quanto tempo ele está aqui?

DOBCHINSKI
Duas semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR
Misericórdia. Nestas duas semanas espancamos a viúva do subtenente, não demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

ARTEMI
Não seria bom irmos todos solenemente ao hotel, em comitiva?

AIMOS
De maneira alguma. Acho que devia ir só um pequeno grupo, encabeçado pelos comerciantes e pelo clero.

GOVERNADOR
Não, não. Essa não é a primeira vez que me vejo em apuros e sempre me saí bem. Deus há de me ajudar ainda desta vez. O senhor disse que o homem é jovem?

BOBCHINSKI
Jovem.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.694

DPF
DCDP *10*
Fls. nº. 644
Rubrica

...

GOVERNADOR
Ótimo. É mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa por vosso lado. Vou sozinho até lá com Pietra Ivanovicht. É o melhor. Chego assim como quem não quer nada. como quem está preocupado apenas em verificar se os visitantes da cidade estão sendo bem tratados no hotel... Mishka!...

LUCAS
É bom a gente se apressar, antes que aconteça alguma desgraça.

ARTIEMI
É o que o senhor pensa. Há mais de um mês que os doentes só tomam sopa de aveia. Por todo canto do hospital é um cheiro de repôlho que não há quem suporte.

AIMOS
Eu, até certo ponto estou tranqüilo. Quem se atreveria a mexer com um tribunal de província? Ficaria arrependido pro resto da vida. Sou Juiz a quinze anos e até hoje, quando é necessário dar uma olhada em algum processo, prefiro desistir. Nem o rei Salomão seria capaz de descobrir , aqui, onde começa a verdade e onde acaba a mentira.

GOVERNADOR
Mishka!...

Saem Aimos, Artiemi - Lucas e Ivan. Entra o soldado Mishka.

GOVERNADOR
O carro está pronto?

MISHKA
Sim, senhor.

GOVERNADOR
Vai correndo ao meu quarto e traz meu chapéu nôvo e minha espada. Vamos, Pietra Ivanovicht. A caminho.

BOBCHINSKI
E eu? Posso ir também?

GOVERNADOR
Não, não, Pietra Ivanovicht, é impossível. O homen vai ficar assustado de chegarmos lá em comitiva. Além disso o carro não cabe.

BOBCHINSKI
Não se preocupe. Excelência. Vou correndo atrás como um cachorrinho. E nem entro. Só dou uma espiadinha.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-695-

DPF
DCDP
Fls. nº. 645
Rubrica

...

Mishka volta com a espada e o chapéu.

GOVERNADOR
(Recebendo a espada.) Vai, corre e reúne os guardas. Oh, mas vejam como está esta espada! Esses maldito comerciantes estão fartos de saber que o Governador está usando uma espada velha e torta, e são incapazes de mandar uma nova. Sovinas! E aposto que a esta hora cada um deles já está com uma denunciazinha pronta contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva ao hotel. E toma cuidado, hem! Vê se pára de roubar talheres de prata por aí. Não pensa que me engana. O que você fez com o comerciante Tchernaiev não se faz. Ele lhe deu alguns metros de fazenda para uma farda e voce lhe roubou a peça toda, seu desgraçado. Obedeça a hierarquia. Não pense obter vantagens acima de sua patente. Entendido?

MISHKA
Sim, senhor!

GOVERNADOR
E Dèrzhimorda, onde anda?

MISHKA
Foi apagar um incêndio.

GOVERNADOR
E Prokhorov, bêbado de nôvo?

MISHKA
Completamente.

GOVERNADOR
E voce permite isso?

MISHKA
Que posso fazer? Houve uma briga fora da cidade. Prokhorov foi restabelecer a ordem. Voltou de porre.

GOVERNADOR
Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitzin ficar bem no meio da ponte. Ele é bastante alto. Vai causar ótima impressão. Mande derrubar a cêrca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressão de que está em obras. Quando há demoliçõe na cidade, é prova de que o Govêrno está trabalhand E outra coisa. Se o inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder "Contentí simos, excelência". Quem não estiver contente vai ter razões de sobras pra ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador.

Em lugar do chapéu, pega a caixa de papelão.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-696

...

DPF
DCDP
Fls. nº. 646
Rubrica

GOVERNADOR
A caminho, Pietra Ivanovicht.

Põe a caixa na cabeça

MISHKA
Senhor Governador, isso não é chapéu. É uma caixa.

GOVERNADOR
Caixa? Merda! Droga! Ah, se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subvenção que recebemos - já faz cinco anos isso! - digam que começamos a construção mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos, Pietra Ivanovicht. (Vai saindo, volta-se). Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

Todos saem.

Entram Ana e Maria.

ANA
Onde é que eles estão? Marido... Antocha... (Falando com rapidez). Você é que é a culpada de tudo. "Um alfinête, um lencinho". Não acaba nunca de se arrumar. (Vai à janela). Antocha!... Onde é que voce vai? O quê? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigodes? Como, que bigodes?! Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou não: êle é coronel? Como é? (Com raiva). Foi embora, o bandido! Essa ele me paga! E a culpada de tudo é voce. "Mãezinha. Espera, mãezinha. Preciso ajeitar o cabelo". Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o chefe dos Correios tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espelho. Está crente que ele corre atrás de voce, não é? Pois basta virar as costas, que ele te faz caretas.

MARIA
Que se há de fazer mãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA
Duas horas?! Ah, muito obrigada. Só me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor. (À janela). Eh, Avdótia! Sabe se chegou alguém? Não? Estúpida. Sim, o governador te acenou, e dai? Voce bem que podia ter perguntado, não é, sua burra? Não tem nada na cabeça, a não ser um... Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E por que não correu atrás, sua bêsta? Vai atrás deles, idiota. Pergunta que inspetor é esse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos ele tem, se são ou não são prêtos, e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-697

DPF
DCDP
Fls. nº 13 647
Rubrica

...

HOTEL

OSSIP
(estira-se na cama) Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para casa. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrãozinho. (imita) "Ossip, procura o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira". Se ainda fosse um alto funcionário, vá lá. Mas não passa de um escriturariozinho à toa. Pelo caminho o pobre diabo perdeu todo dinheiro jogando baralho e agora fica sentado por aqui com o rabo entre as pernas com a maior cara de pau. Já estou farto dessa vida. No campo se vive bem melhor. Lá não há tanta sociedade, mas pelo menos não se tem tanta preocupação. Basta arrumar uma boa mulher e deixar a vida correr, junto do quentinho do forno e comendo pasteizinhos. Claro que a vida em São Petersburgo pode ser boa, quando há dinheiro. Aí, então sim. Pode-se levar uma grande vida, refinada. Mas, quando não se tem dinheiro, a gente se arrebenta de fome como agora. E o patrãozinho é que tem culpa de tudo. O Pai lhe manda dinheiro, bastaria ter um pouco de cuidado, mas qual! Só anda de carruagem, gasta em bares e festas e ainda por cima vai ao teatro todos os dias, e aí antes do final da semana manda empenhar a casaca nova. Se o velho patrão soubesse disso. Ai meu Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não nos dá mais comida enquanto não pagarmos a conta. Ai, como ronca a minha barriga. (Ouve barulho fora) Deve ser ele!

Levanta-se rápido da cama. Entra Klestakov.

KLESTAKOV
Toma. (Dá-lhe chapéu e bengala.) Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP
E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na vida?

KLESTAKOV
Se espojou, sim. Olha só como está.

OSSIP
E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé.

KLESTAKOV
Ainda tem fumo?

OSSIP
Fumo!... Fumou o resto que tinha há mais de três dias!...

KLESTAKOV
Merda! (Decidido). Escuta, Ossip. Vai lá.

OSSIP
Lá onde?

KLESTAKOV
(Menos decidido, quase suplicando.) Lá embaixo na cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

OSSIP
Não vou,nada.

KLESTAKOV
Como se atreve a me responder assim, cretino?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.698.

DPF
DCDP
Fls. nº. 648
Rubrica

...

OSSIP
E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KLESTAKOV
Como não vai?! Que absurdo é esse?!

OSSIP
Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador. "Voce e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão!"

KLESTAKOV
E voce acha muito engraçado repetir isso, sua bêsta?

OSSIP
Acho. Principalmente o que ele disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denúncia, para que o sacana de seu patrão vá logo pra cadeia".

KLESTAKOV
Cala a boca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP
Eu chamo o homen aqui e o senhor fala com ele.

KLESTAKOV
Não quero falar com esse idiota. Vai lá e fala voce.

OSSIP
Não. Eu digo pra ele vir cá e o senhor fala.

KLESTAKOV
Vai pro diabo que te carregue! Chama logo aquela besta!

OSSIP
(Saindo.) É melhor, mesmo!

Ossip sai.

KLESTAKOV
(Sózinho.) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquele desgraçado capitão-de-Infantaria me roubou sem piedade no jogo! Como produzia azes o maldito! Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender viado eles querem, esses racionários!

Entram Ossip e o criado do hotel.

CRIADO
O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.699

...

DPF
DCDP
Fls. nº 649
Rubrica

KLESTAKOV
Ó, meu camaradinha, como é que você está passando?

CRIADO
Graças a Deus, Bem.

KLESTAKOV
Que ótimo! E... e o hotel, como vai? Tudo certinho?

CRIADO
Tudo em ordem graças a Deus.

KLESTAKOV
Muitos hóspedes?

CRIADO
Bastante.

KLESTAKOV
Graças a Deus! Olha, meu querido, sabe que até agora ainda não me trouxeram o almôço? Mas não tem problema, não! Vai ver que se esqueceram, coitados! Isso é humano. Quer falar pra eles andarem bem depressa? É que eu tenho muito o que fazer depois do almôço, compreende?

CRIADO
O patrão disse que aqui o senhor não come mais.

KLESTAKOV
(Ri forçado.) Mas que absurdo! Ele pensa que é o que? Se não como, emagreço. E se continuo emagrecendo, posso até morrer, não é mesmo? Agora falando sério: diga a ele que estou com fome, viu?

CRIADO
Ele disse que enquanto o senhor não pagar, nada feito.

KLESTAKOV
Mas voce que é muito mais inteligente do que ele, tem que fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.

CRIADO
E de que jeito?

KLESTAKOV
Diga a ele que fome é uma coisa, dinheiro é outra. Ou ele pensa que todo mundo é camponês como ele, que se acostumou a não comer? Voce é inteligente, tem que pôr isso na cabeça dele!

CRIADO
Bem. Vou falar com ele.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 700.

DPF
DCDP
Fls. nº. 650

...

KLESTAKOV
Isso. Fale mesmo, viu? (Saem só dois criados. - Sozinho.) Se essa toupeira não me trouxer comida, não sei o que vai ser. Ai, meu Deus, nunca tive tanta fome! Talvez fosse melhor vender mais alguma roupa. As calças, por exemplo. Não, não, de forma alguma. Prefiro passar fome mas chegar em casa vestido. Diabo de barriga pra roncar! Parece que tem uma orquestra inteira aqui dentro! (Com uma reverência, elegantemente). "Por favor, senhorita: quer dar-me a honra de uma contra-dança antes da ceia?" (Cantarola e dança). Diabo! A fome é tanta que chego a ficar tonto. (Geme. - Entram Ossip e criado.) E então?

OSSIP
O almôço já vem.

KLESTAKOV
O almôço! O almôço ... O almôço!

Criado
(Arrumando a mesa.) Meu patrão mandou dizer que é a última vez.

KLESTAKOV
Teu patrão! Teu patrão! Teu patrão que se dane! O que é que você trouxe?

CRIADO
Sopa e carne cozida. Quer dizer, a carne da sopa.

KLESTAKOV Foi a que ouvi bem?
Já ouvi. Só dois pratos?

CRIADO
E olhe lá!

KLESTAKOV
Não quero. Só isso, me recuso a aceitar. Vai dizer a teu patrão que é muito pouco.

CRIADO
Ele acha que é até demais.

KLESTAKOV
Desgraçado! E a sobremesa? Não veio porque?
CRIADO
Porque não tem.

KLESTAKOV
"Aqui" que não tem. Eu vi quando estavam fazendo. E vi também

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.701

...

dois sujeitos baixinhos comendo salmão esta manhã.

DPF DCDP Fls. nº. 651 Rubrica

CRIADO
Bem, essas comidas existem e não existem.

KLESTAKOV
Como não existem? E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO
Meu patrão disse que isso é pra pessoas decentes.

KLESTAKOV
Atrevido!

CRIADO
Sim senhor.

KLESTAKOV
Cavalgadura!

CRIADO
Pois não.

KLESTAKOV
Diabético.

CRIADO
Eh, xingamento, não!

KLESTAKOV
Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO
Não, senhor!

KLESTAKOV
Ah, não! Que tem eles a mais do que eu?

CRIADO
Dinheiro.

KLESTAKOV
Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como voce. (Comendo). Que sopa é essa? Não tem gôsto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa. Me traz outra.

CRIADO
O patrão disse bem claro: "Se ele quiser é essa. Se não, traz de volta e que vá pro diabo".

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 702

DPF
DCDP
Fls. nº. 652
Rubrica

...

Faz pra levar de volta

KLESTAKOV
(Defendendo a sopa.) Que é isso?! Já está aqui deixa ficar. E não fale mais nesse tom comigo, ouviu! Eu sou uma pessoa especial! (Come). Deus do céu, que porcaria! (Continua comendo). Olha só! Em vez de boiar gordura, bóia pena de galinha! Escuta: esta penosa morreu do que, hem? Me dá a carne. Vai tomando o que sobrou, Ossip. (Corta a carne). Que coisa é esta?

CRIADO
Carne.

KLESTAKOV
Carne é o cacête. è um paralepípedo! Cambada de safados! Isso é coisa que se dê a gente honesta! Não se pode nem morder que dói o queixo. (Palita os dentes com os dedos). Bandidos! Parece que comi madeira! Não sai dos dentes olha aí! Não tem mais nada?

CRIADO
Nada.

KLESTAKOV
Bando de larápios! Só sabem arrancar a pele dos hóspedes. Fora daqui. (Saem criado e Ossip levando as coisas. Sózinho). Tenho impressão que não comi nada! Só serviu pra abrir ainda mais o apetite!

OSSIP
(Entrando.) Não sei pra que; mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo senhor.

KLESTAKOV
O bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é que ele quer comigo? O que é que ele pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! "Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?...

Entram Governador e Dobchinski, e estacam. Klestakov empalidece. Governador e klestakov ficam olhando-se estatelados.

GOVERNADOR
(Perfilando-se.) Minha saudações e meus respeitos.

KLESTAKOV
Um vosso servidor.

GOVERNADOR
Queira perdoar.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 703

DPF
DCDP
Fls. nº. 653
Rubrica

...

KLESTAKOV
Não há de que.

GOVERNADOR
Meu dever como Governador desta cidade, é zelar pelo bem-estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.

KLESTAKOV
(Começa gaguejando.) Bem ... e o que é que o senhor quer que eu faça? A culpa não é minha. è claro que eu vou pagar. (Bobchinski aparece). A culpa é toda dele. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, o que ele põe dentro, ninguém jamais vai descobrir o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que ele jurou me matar de fome. E o chá, então, tem gosto de peixe. Por que havia eu então de ... ora, essa é muito boa!

GOVERNADOR
(Intimidade.) O senhor vai me desculpar, mas na verdade a culpa também não é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira, Os açougueiros daqui não tocam em bebida. è gente sóbria de moral ilibada. Francamente, não sei onde o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que ele serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredite que ignoro inteiramente. Só lhe peço que me permita convidá-lo a se mudar para outro local e quanto antes.

KLESTAKOV
Não, não quero! Sei muito bem que local é esse. è a cadeia, pensa que não sei? Com que direito me propõe uma coisas dessas? Sou um alto funcionário de São Petersburgo, fique o senhor sabendo. Eu ... eu....

GOVERNADOR
Nossa, como está irritado! Já sabe de tudo! Esses malditos comerciantes já me denunciaram.

KLESTAKOV
(Tornando-se valente.) Mesmo que venha com o exército inteiro, daqui ninguém me tira. Vou me queixar ao Ministro! (Com socos na mesa). Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?!

GOVERNADOR
(Tremendo.) Tenha piedade! Não me desgrace. Tenho mulher e filhos pequenos!

KLESTAKOV
E dai? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos, eu tenho que ir pra cadeia? (Bobchinski aparece). Não. Muito obrigado, mas não quero.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 704

...

DPF
DCDP 654
Fls. nº 6

GOVERNADOR
(Trêmulo.) Tudo isso aconteceu por pura inexperiência. Juro que foi só por isso! Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o Governo paga não dá nem pro leite. Se houver subôrno,, foi por uma ninharia! Alguma coisinha pra forrar o estômago ... Um cortezinho de fazenda pra não se andar pelado, por aí. E quanto a esses boatos de que eu mandei espancar a viúva de subtenente porque ela faz contrabando, juro que é uma calúnia. Pura manobra desses corruptos que querem me tirar do Govêrno.

KLESTAKOV
E eu com isso? Se mandou surrar a viúva, o problema é dela. Só sei que a mim o senhor não vai surrar de forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo. Mas quando tiver dinheiro O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca, por que? É que no momento estou desprevenido. Só por isso.

GOVERNADOR
(À parte.) Meu Deus, como é esperto! A gente fica sem saber por onde começar. De qualquer forma tenho que tentar. (Em voz alta). Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar em tudo aqueles que nos visitam

KLESTAKOV
É?! Necessito, sim. E se estiver mesmo disposto a me emprestar algum dinheiro, pago a conta agora mesmo. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos apenas.

GOVERNADOR
(Dando-lhe o dinheiro.) Duzentos certinhos. Não precisa nem contar.

KLESTAKOV
Ótimo. Assim que voltar pra casa, mando reembolsá-lo.

GOVERNADOR
(À parte.) Menos mal! É subornável! A coisa agora vai melhorar Em vez de duzentos rublos, dei-lhe quatrocentos.

KLESTAKOV
(Chamado.) Ossip! (Entra Ossip): Chama o serviçal. (Ossip sai) mas por favor, sentem-se, sentem-se.

GOVERNADOR
(Emocionado.) Não se preocupe. Estamos bem, de pé.

KLESTAKOV
Sei. Mas sentados estarão melhor ainda. Por favor, sim? Felizmente pude constatar a tempo a sinceridade de seus propósitos... a largueza de seu caráter... E pensar que o senhor

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p 705.

DPF
DCDP
Fls. nº. 6555
Rubrica

...

tinha vindo aqui só pra me levar pra ... Querem fazer o favor de sentar?!

Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
(À parte.) Quer continuar incógnito. Mas também sei fingir. Faço de conta que não sei quem ele é. (Em voz alta). Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, quando entramos "ex-professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes. Sim, porque não sou desses governadores que só pensam em si mesmos. Absolutamente. Muito além do meu dever, por simples espírito cristão... exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável conhecimento.

KLESTAKOV
Também eu estou contente. Não fosse o senhor, acabaria ficando por aqui, pro resto da vida. Não sabia o que fazer pra pagar a conta.

GOVERNADOR
(Àparte). Pois sim! Vem com essa, vem! (Alto). Se não for indiscrição, poderia perguntar-lhe pra onde se dirige?

KLESTAKOV
Para minha propriedade em Saratov.

GOVERNADOR
(Àparte.) Descarado. E nem fica vermelho com a mentira! Com esse é preciso cuidado. (Alto). Suponho que só viaje a passeio não é mesmo?

KLESTAKOV
Não, não. Vou a chamado de meu pai. O velho está furioso porque não progredi muito na capital. Pensou que assim que eu chegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que ele visse o que são essas repartições do govêrno.

GOVERNADOR
(Àparte.) Que histórias o safado inventa! (Alto). E pretende ficar fora muito tempo?

KLESTAKOV
Francamente, não sei. Meu pai é uma mula de teimoso. Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara: "sinto muito, mas não posso viver fora de São Petersburgo. Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidade espirituais mais elevadas.

GOVERNADOR
(À parte). Ele é incrível! Vira e mexe mas não cai! Deixa que

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 706.

DPF
DCDP 656
Fls. n.
Rubrica

...

te obrigo a soltar a lingua. (Alto). O senhor tem razão. Não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria. Sacrifico-me como louco sem regatear esforços sabendo de antemão que nunca serei recompensado. (Olha o quarto). Este quarto é um pouco úmido, não é?

KLESTAKOV
Umidíssimo! E se fosse só isso! ... Tem percevejos que que mordem mais do que cães.

DOBCHINSKI
A gente chega a ouvir eles latindo.

GOVERNADOR
Incrível! Um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas E por culpa de quem? POr culpa desses mesquinhos percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido! E tenho impressã que nem ao menos luz há por aqui, não?!

KLESTAKOV
Ah, escuríssimo! Nem ler a gente pode! E pensa que nos mandam velas?! Pois sim, vai esperando!

GOVERNADOR
Que absurdo! Se ao menos eu tivesse a ousadia de lhe pedir... Mas não, sei que não sou digno de tanta honra.

KLESTAKOV
Mas de que se trata?

GOVERNADOR
Se eu ousasse...Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto... com luz à bessa... e tranqüilo. Mas eu compreendo muito bem que seria honra demasiada. Desculpe. Se ousei pensa nisso é porque o meu lema é... "a hospitalidade antes de tudo"

KLESTAKOV
Não, eu teria muito gôsto. Em qualquer parte me sentirei melh do que nesta porcaria.

GOVERNADOR
Não sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que digo isso para lisonjeá-lo. De forma alguma! Não é absolutamente do meu feitio.

KLESTAKOV
Também eu tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.

Entra o criado.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.707

DPF
DCDP
Fls. nº. 657
Rubrica

...

CRIADO
O senhor chamou?

KLESTAKOV
Traz a conta.

CRIADO
Pra que?

KLESTAKOV
Não vou te dar confiança de responder. Quanto é que eu devo no total?

GOVERNADOR
Não se preocupe, isso pode esperar. (Ao criado). Pode ir que depois se acerta.

KLESTAKOV
Ou isso, tanto faz.

Sai criado. - Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
Não gostaria agora de visitar alguns estabelecimentos da cidad
O hospital, por exemplo.

KLESTAKOV
Mas pra que?

Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
Ah, enorme! E depois podemos passar pela escola. Quero que veja como educamos a juventude.

KLESTAKOV
Como achar melhor!

GOVERNADOR
E depois, finalmente... a prisão!

KLESTAKOV
Prisão?!

GOVERNADOR
Vai ver só, como tratamos os presos.

KLESTAKOV
Não, senhor! Nesse caso prefiro o hospital.

GOVERNADOR
Como queira. E quer que eu siga sua carruagem... ou prefere vir na minha?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.708.

DPF
DCDP
Fls. nº. 658
Rubrica

...

KLESTAKOV
É... Vou com o senhor...

GOVERNADOR
Ótimo. (Baixo a DObchinski). Vai correndo na frente entregar estas cartas. (Alto). Posso escrever duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede?

KLESTAKOV
Não se preocupe. mas se quer mesmo, aqui há tinta. Papel é que não sei. Pode usar esta conta, se quiser.

GOVERNADOR
É, a conta mesmo serve. (Escreve enquanto diz para si mesmo). Depois de uma boa garrafa de vinho, tudo vai ser mais fácil. E aquele vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante. Preciso descobrir quem é ele e como devo proceder com ele.

Termina a carta. Entrega a Dobchinski que faz para sair, mas se choca com Bonchinski que se esparrama no chão.

KLESTAKOV
O senhor se machucou?

BOBCHINSKI
Não, não. Só o nariz um pouquinho, Excelência.

GOVERNADOR
Não foi nada, podemos ir andando, Direi a seu criado que leve a bagagem. (Entra Ossip). Meu amigo, leve tudo à casa do gover nador. Qualquer um na cidade sabe onde fica. (À Klestakov). Tenha a bondade! (Klestakov vai e ele volta-se para Bobchinski Cretino! Não tinha lugar melhor pra cair?!

O MESMO CENÁRIO

ANA
Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas, e tudo po sua culpa. (Olhando pela janela). Inferno, não vem ninguém. Parece que todo mundo morreu.

MARIA
Garanto, mãezinha, que logo, logo, a gente fica sabendo de tudo. (Grita à janela). Ai, mãezinha, vem vindo alguém na rua

ANA
Onde? onde? Voce sempre inventando coisas! Ah, não, vem algu sim. Quem será o imbecil?

MARIA
É Dobckinski, mãezinha.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 709

DPF
DCDP
Fls. nº. 659
Rubrica

...

ANA
Que Dobckinski nada, menina! Sempre exagerando demais! (Acena com o lenço). Ei, voce aí; Ei! Aqui, idiota, aqui!

Maria
Garanto que é Dobchinski.

ANA
Então não estou vendo que é Dobchinski? Ou pensa que eu sou cega! (Grita pela janela). Ei, depressa, depressa. Onde estão eles? Que espera que nada! Fala daí mesmo, imbecil! (Aborrecida, sai da janela). Idiota. Não vai contar nada, até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos dessa bêsta.

Entra Dobchinski.

ANA
Vamos, agora conte tudo de uma vez.

DOBCHINSKI
Seu marido mandou este bilhete.

ANA
Tá, mas fala. Como é ele, hem? É general?

DOBCHINSKI
Não, não é general! Mas vale tanto quanto um general. Que cultura! Que maneiras delicadas!

ANA
Então é o mesmo de que fala a tal carta.

DOBCHINSKI
Claro que é. E eu fui o primeiro a descobrir isso, com Pietra Ivanovicht.

ANA
Mas conte o que houve.

DOBCHINSKI
Graças a Deus, a tempestade passou. Mas quando ele recebeu Anton Antonovich, estava brabo. Disse que no hotel tudo era uma droga, que não acompanharia Anton Antonovich de maneira alguma... e que não queria ir para a prisão por causa de seu marido. Depois Anton Antonovich conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o hospital. Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido delatado. Para falar a verdade, até eu fiquei com um pouco de mêdo.

ANA
Mas por que? O senhor não é funcionário público...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-710.

DPF
DCDP
Fls. nº. 660
Rubrica

...

DOBCHINSKI
Sim, mas uma alta autoridade sempre dá medo na gente.

ANA
Bobagem. Mas me diga: ele é louro ou moreno?

DOBCHINSKI
Nem louro nem moreno: cabelos castanhos. E um par de olhos tão agitados que até assustam a gente.

ANA
Bem, deixe eu ler o bilhete. (Lendo). "Apresso-me comunicar-te que minha situação era deplorável, mas graças à Providência Divina, por um nabo e dois pepinos no vinagre... um rublo e vinte e cinco cents. (Interrompendo). Não entendo nada. Que tem a ver pepinos e nabos com a Divina Providência?

DOBCHINSKI
É que ele escreveu o recado na conta do hotel.

ANA
Ah, sim. (Continua lendo). "... mas Graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepara o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencia para que haja bastante vinho. Diga ao Abdulin que mande do melhor vinho que tiver, senão acabo com o armazém dele". (Aflita). Ai, meu Deus, preciso andar depressa. Mishka! Mishka!

DOBCHINSKI
(Corre à porta). Mishka! Mishka!

Entra o criado.

ANA
Mishka! Corre ao armazém de Abdulin e ... Não, não espera. Manda o cocheiro com este bilhete. (Escreve falando). "Senão meu marido acaba com o seu armazém". Pronto. Vai, Mishka, depresa!

DOBCHINSKI
Vou dar um pulo no hospital pra ver como vão as coisas.

ANA
Isso, vai Dobchinski. Adeuzinho.

DOBCHINSKI
Adeuzinho.

ANA
Bem, e agora nós. Devemos ficar chiques. Esse homen vem da capital, deve reparar muito nessas coisas. Você devia pôr o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.711

DPF
DCDP
Fls. Nº 661
Rubrica

...

MARIA Ah, não, mãezinha! O azul, não! Todo mundo ~~nesta~~ cidade tem um vestido azul como o meu!

ANA
Já esperava por isso! Imagina se ela ia deixar de me contrariar O azul, sim senhora. O azul é o melhor por que eu quero usar o meu amarelo.

MARIA
Ah, mãezinha, o amarelo não fica nada bem na senhora.

ANA
O que?! Voce disse que não fico bem de amarelo?!

MARIA
É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos prêtos.

ANA
Ah, é demais! E os meus por acaso não são prêtos sua burra?!

MARIA
Claro que não, mãezinha!

ANA
Quer deixar de ser idiota, menina? São prêtos, sim! Pretíssimo A prova de que meus olhos são prêtos é que toda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus. (Sai com a filha). E cala essa bôca!

Entra Mishka. Da outra porta entra Ossip com a bagagem.

OSSIP
E agora, onde boto isso?

MISHKA
Por aqui.

OSSIP
Deixa eu respirar um pouco. Quando a barriga está vazia, tudo pesa o dôbro.

MISHKA
Escuta, o general vem logo?

OSSIP
Que general?

MISHKA
Teu patrão, ora!

OSSIP
E o que é que meu patrão tem com isso?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.712

DPF
DCDP
Fls. nº. 662
Rubrica

...

MISHKA
Ué! Ele não é general?

OSSIP
Meu patrão?

MISHKA
Sim. Ele é ou não é general?

OSSIP
Ah, é! general da banda!

MISHKA
E isso é mais ou menos que um general, comun?

OSSIP
É mais, claro. Um toca e o outro, não.

MISHKA
Ah, logo vi. Por isso é que está todo mundo alvoroçado!

OSSIP
Vejo que voce é esperto. Arranja aí alguma coisa pra eu comer, vai.

MISHKA
A comida que tem, voce não vai querer. E só o trivial. Espere chegar seu patrão, sentar na mesa, e aí voce come melhor.

OSSIP
Só por curiosidade, esse tal de trivial o que é?

MISHKA
Borcht, mingau de aveia e pastéis.

OSSIP
Então me traz pastéis, borcht e mingau de aveia ... Onde ponho isto?

MISHKA
Aqui. Vem comigo.

Saem

Entram, Governador, Klestakov, Dobchinski, Bobchinski, Artiem e Lucas.

KLESTAKOV
Que hospital hospitaleiro! Apreciei sobremaneira esse hábito de mostrar aos turistas tudo que merece ser visto na cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 713.

DPF
DCDP
Fls. nº. 663
Rubrica

...

GOVERNADOR
É que nos outros lugares, se me permite, os governadores só se preocupam com eles próprios. Enquanto que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.

KLESTAKOV
Ah, sei! O Almôço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?

GOVERNADOR
Sempre. Como diz o ditado: o povo reclama de barriga cheia.

KLESTAKOV
(Grave) Posso falar-lhe com toda a franqueza?

GOVERNADOR
(Lívido) Claro que pode...

KLESTAKOV
Adoro comer. Qual é mesmo o nome do maravilhoso peixe que comemos no almôço?

GOVERNADOR ARTIEMI
(Corre e faz uma reverência) Bacalhau.

KLESTAKOV
Bacalhau? Saborosíssimo! E lá onde almoçamos é o ...

ARTIEMI
O hospital.

KLESTAKOV
Ah, é, tinha uma porção de camas, agora me lembro. Mas os doentes? Morrerram todos?

ARTIEMI
Absolutamente, senhor! É que só havia dez toucas limpas...Oh, quero dizer, todos os doentes se curaram. Só ficaram dez no hospital. Desde que assumi a direção, é assim. Mal o paciente entra, já está curado. Não por causa de remédios, absolutamente. Mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani toda corrupção.

KLESTAKOV
"Amus bebadorum non habitat".

GOVERNADOR
Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador - um governador que queira governar, claro - é a função, mais ingrata do mundo. Mas não me queixo absolutamente. Aceito o sacrifício, pelo bem de nossa Pátria. O que me dói é a ingratidão. Se eu fôsse como outros governadores que só pensam em seus interesses, que tratam de fazer sua "caixinha", talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria, sofro qu

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-714

DPF
DCDP 664
Fls. nº

...

só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Por isso, compreendo e perdôo. E continuo a me sacrificar. Basta que meus superiores reconheçam minha dedicação. Claro que não estou pretendendo cargos mais altos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma de meus inimigos. Tenho rezado tanto ultimamente que meus dedos estão cheios de calos.

DOBCHINSKI
Posso ver, governador?

GOVERNADOR
Depois o senhor vê.

KLESTAKOV
Use Calol, Excelência.

GOVERNADOR
Enfim, como tenho a consciência limpa, isso me basta. Mas veja bem. Que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos? São eles mesmos que, durante a noite, fazem esses buracos para terem de que me acusar. Falta água? Tem que faltar mesmo, às vezes. Mas falta por que? Porque eles vão de noite, escondidos, e tiram o tampão da represa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vão aos pastos, de noite, e dão veneno às pobres das vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que eles agem. Garanto que se, não houvesse noite não haveria nenhum problema nesta cidade. Mas que culpa tenho eu se todos dias anoitece? Imagine o senhor que até da chuva eles me acusam! Felizmente a maioria do povo me conheçe e me apoia. Não dá importância a essas coisas. O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu não sou corrupto.

Pausa

O senhor ouviu o que eu estava dizendo, não ouviu?

KLESTAKOV
(Acordando) Han? Ah, ouvi! Ouvi, sim!
Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores não tem nenhum passatempo por aqui? Jôgo de cartas, por exemplo.

GOVERNADOR
(À parte)Safadão! Pensa que caio nesse! (Alto) Cartas?! Deus nos livre e guarde! Abominamos tudo que é Jôgo! Jamais pus as mãos num baralho. E, se por acaso passo os olhos num Rei-de-Copas, num Ás-de-Paus ou num valete-de-Ouros... vomito na mesma hora.

LUCAS
(À parte) E êsse desgraçado que me ganhou cem rublos ontem.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.715.

LPF
DCDP
Fls. nº. 665
Rubrica

...

GOVERNADOR
Prefiro dedicar todo o meu tempo ao bem da Pátria. Não acha que estou certo?

KLESTKOV
Bem, isto é, depende, outrossim... um joguinho até que...

Entram Ana e Maria

GOVERNADOR
Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha espôsa e minha filha.

KLESTAKOV
Quão feliz estou; minha senhora, pela volúpia de conhecê-la.

ANA
Volúpia é toda nossa em receber tão ilustre personagem.

KLESTAKOV
Absolutamente, a volúpia é toda minha!

ANA
Absolutamente, é toda nossa. Sente-se por gentileza.

KLESTAKOV
Estar, ao seu lado, de pé, já é honra, tão grande, imagine o que não é estar, ao seu lado, sentado.

ANA
Não me atrevo a crer no que me diz! Para o senhor, que vive na metrópole, esta viagem campestre deve ser profundamente desagradável, não?

KLESTAKOV
Bem, lá isso é verdade. Quando a gente se habitua, como eu, às altas rodas, sabe como é, né?, e de repente, ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas... onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável! Mas o fato de tê-la conhecido compensa todos os males...

ANA
Obrigado. Imagino quanto tem sofrido!

KLESTAKOV
Mas já não disse que me sinto recompensado?

ANA
O senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

KLESTAKOV
Não merece porque? Merece, sim, como não merece?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.716

...

ANA
Eu, uma provinciana?

DPF
DCDP
Fls. nº 666

KLESTKOV
E não é na província que vamos encontrar as montanhas, os riachos, e tudo que é frescura? Claro que não vamos querer agora comparar Petersburgo com uma biboca como... Ah, São Petersburgo, que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário, não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da Seção é meu amigo e, sendo assim, raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é, só para dar algumas ordens. "Faça isso, faça aquilo". Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear assessor do ministro, imagina! É "Excelência pra cá", "Excelência pra lá", um inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas.

Ao Governador

Porque que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, hein? Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR
A hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria, permaneçamos de pé.

ARTIEMI
E de pé ficaremos!

LUCAS
É mais digno.

KLESTAKOV
Mas me dá muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim, os senhores se sentariam.

GOVERNADOR
Se o senhor ordena. Senhores...

Todos se sentam

KLESTAKOV
Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora, no meu caso, seja inpraticável. Aonde quer quer que vá, é sempre a mesma coisa. "Olha quem está ali! Ivan Alexandrovicht!" Uma vez até me confundiram com Marechal.. Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou. "Pois é, querido. Confundiram voce com o Marechal". Por sinal que o marechal também era unha e carne comigo.

ANA
Bárbaro! E as lindas atrizes de teatro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.717

n°. 667
Rubrica

...

KLESTAKOV
Conheço todas. Já comi várias, várias vezes na casa de muitas delas. Bem, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, ele fala a sério. É um tipo gozado, o Pushkin!

ANA
Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

KLESTAKOV
Sim, muito. Fora os livros que já escrevi "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas eles insistiram: "Por favor, meu querido, escreva, escreva alguma coisa. Nossa Literatura precisa de seu talento, escreva". Está bem, está bem, eu escrevo. E pra que não me amolassem mais, escrevi numa noite só todos esses livros. Ficaram impressionadíssimos, é natural! De fato, minha agilidade mental é incrível! Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas" "Diário de um Louco". "O Inspetor Geral"...

ANA
Então Gogol, é o senhor?

KLESTAKOV
Puxa, mas todo mundo sabe disso!...

ANA
Desculpe, é que sou muito distraída E "Hamlet"?

KLESTAKOV
O que é que tem?

ANA
Por acaso foi o senhor também quem escreveu?

KLESTAKOV
Foi, esse a senhora sabia?

ANA
Agora, ligando uma coisa a outra...

MARIA
Mas, mãezinha, no nosso livro está escrito que foi Shakespear

ANA
Ah, tinha certeza que voce ja me contradizer!

MARIA
Juro, mãezinha! Olha, vou buscar pra senhora ver.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.78

DPF
DCDP
Fls. nº. 668
Rubrica

...

KLESTAKOV
Não! De fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.

ANA
Eu li o seu! Por sinal, muito bem escrito.

KLESTAKOV
Para falar a verdade, vivo da literatura. Não sei se já ouviram falar de minha casa, a melhor de Petersburgo. "A casa do grande Ivan Alexandrovitch", como costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepção.

ANA
Deve ser uma casa suntuosíssima!

KLESTAKOV
Bem, só sirvo melões de setenta rublos! Por aí, pode ter uma idéia. A sôpa, mando vir diretamente de Paris numa terrina linda! E a terrina não quebra ... Gosto muito de jogar cartas também. Lá em casa jogamos sempre. Eu, o embaixador francês, o embaixador inglês , o embaixador alemão e o ministro do Exterior. Quando canso de jogar, subo os quatro lances de escada, entro no meu quarto, jogo o casaco sobre a... Ah, mas que disparate estou dizendo! Meu quarto é no primeiro andar, subo apenas um lance de escada, uma escada riquíssima, por sinal. Mas interessante, é observar minha ante-sala. Condes, duques, barões, zunindo como um enxame de abelhas, zzz, zzz, zzz... Às vezes aparece um ministro. (O Governador e os outros se levantam) Sabe que na correspondência que recebo, sou freqüentemente tratado de "Excelência""? Imagine! Uma vez tive que dirigir uma Seção do Ministério. É que de repente o diretor sumiu sem ninguém saber pra onde nem por quê. E então surgiu um problema: "quem irá substituí-lo? Foi aquele Deus-nos-acuda! Apareceu logo um monte de generais pro lugar! Mas viram que a responsabilidade era muito grande, e então recorreram a mim. Imediatamente as ruas se encheram de emissários. Emissários e mais emissários! Se não me engano, uns trinta e cinco mil. "O que aconteceu?" perguntei. "Ivan Alexandrovitch, aceite o cargo no Ministério". Como os recebi de robe-de-chambre, pensei logo em recusar. Mas depois pensei melhor. "O Imperador vai ficar sentido". E como eu e ele somos unha e carne, resolvi aceitar "Está bem, disse. Mas com uma condição: terão de me obedecer cegamente. Comigo as coisas tem que andar em ordem". Claro que aceitaram. E quando entrei no Ministério, parecia um terremoto de tanto que as pessoas tremiam. Os senadores então se encolhiam feito caramujos assustados. Comigo é assim. Nada de brincadeiras. Dei-lhes uma lição daquelas. Todos me temem. O próprio Conselho do Império tem mêdo de mim. Estou presente a todos os lugares. Todos os dias vou ao gabinete do Imperador. Amanhã serei nomeado marechal-de-campo...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 719

...

DPF
DCDP
Fls. nº 669
Rubrica

Klestakov escorrega e cai na cadeira; o Governador aproxima trêmulo de mêdo.

GOVERNADOR
Exce...Exce... Exce...

KLESTAKOV
Está sentindo alguma coisa?

GOVERNADOR
Exce... Excelência, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

KLESTAKOV
Descansar?! Que besteira é essa agora? Eu lá sou homen que descanse?! Está bem, acho melhor, sim. O almôço estava excelente mesmo, viu? Palavra de honra. (Com ênfase) Bacalhau... bacalhau....

Sai seguido pelo Governador.

AIMOS ARTIEMI
meu Deus que homen! Nunca vi na vida pessoa tão importante.

LUCAS
Na sua opinião, qual é a patente dele?

DOBCHINSKI
Aposto que é general.

BOBCHINSKI
Imagina! No mínimo generalíssimo! Não viu o que aconteceu quando ele entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros! Meu respeitos, Ana Andreievna.

DOBCHINSKI
Ana Andreievna, meus respeitos.

Saem Bobchinski e Dobchinski.

ARTIEMI
(A Lucas) É espantoso, esse homen. E nós, nem vestidos a rigor estamos! O que irá acontecer, meu Deus! Imagina se ele chega a Petersburgo e resolve me denunciar? Adeus, minha senhora.

ANA
Adeus, adeus.

Saem Artiemi e Lucas deprimidos.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.720.

DPF
DCDP
Fls. nº. 670
Rubrica

...

ANA
Que homen agradável, meu Deus! Ou vai dizer tambem que não acha?

MARIA
Ah, um amor de homen!

ANA
Que maneiras! Vê-se logo que é da capital. Nunca vi pessoa assim. Fico inteiramente indócil, céus! Ele me adorou, voce viu? Não tirava os olhos de mim.

MARIA
A senhora está enganada, mãezinha. Era para mim que ele olhava.

ANA
AI, como essa menina me irrita* Nunca vi nada mais imbecil na vida.

MARIA Tenho certeza, mãezinha.

ANA
Claro. Imagina se ela ia perder essa chance de me contradizer Quando foi que ele olhou pra voce, sua cretina?

MARIA
Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contav o jogo de cartas com aquele montão de embaixadores e ministro

ANA
Vê como você imagina coisas! Pode ser que ele tenha olhado uma vez pra voce. Mas daí a dizer que ele não desgrudava o olho é um pouco demais. Uma vez, vá lá, ainda admito. Com certeza porque pensou: "deixa eu dar uma olhada pra menina também, pobrezinha". Foi isso. E ponto final, tá?

Entra o Governador na ponta dos pés

ANA
O que é que houve, homen, caiu da escada?

GOVERNADOR
Psiu...

ANA
Psiu por que? Sou cachorra?

GOVERNADOR
Não devia ter deixado ele beber tanto. Se metade do que falo é verdade... oh, estou frito! E por que não havia de ser verdade? O homen, quando está bêbado, fala tudo. Claro que deve ter exagerado um pouco. Mas mentir, não acredito.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 721

DPF
DCDP
Fls. nº 671
Rubrica

...

Ele é unha e carne com o Imperador! Quanto mais penso nisso, mais me apavoro!

ANA
Que homen exagerado! Pois a mim não intimidou nem um pouco. Pelo contrário: Achei uma uva! Isto é: um homen finíssimo. E muito culto.

GOVERNADOR
Porque é mulher. E mulher, todo mundo sabe, não enxerga um palmo adiante do nariz. Que vergonha! Falou com ele como se fosse um Dobchinski qualquer.

ANA
Sei muito bem onde voce quer chegar! Quanto a isso pode ficar, sossegado que eu sei me conduzir convenientemente. (À filha) Eu não disse?

GOVERNADOR
(Olhando fixamente a filha) Ah, besteira ficar perdendo tempo com vocês! Que calamidade, meu Deus!

ANA
Que homen grosso e sem cultura!

GOVERNADOR
(Chama para fora) Mishka! Chama os dois guardas! Que fiquem sempre perto (Pausa) estranho mundo, este. A gente olha pra um jovem insignificante e pálido e vá lá adivinhar quem ele seja. É duro dizer, mas "viva a juventude". Só os jovens podem ainda salvar o mundo:

Entra Ossip e todos chamam-no com o dedo.

ANA
Chega aqui, meu anjo.

GOVERNADOR
Psiu... Ele já está dormindo?

OSSIP
Não, se espreguiçando.

ANA
Qual é o seu nome, meu anjo?

OSSIP
Ossip, e o seu?

GOVERNADOR
Então, meu santo, comeu bem?

OSSIP
É bem.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 722.

DPF
DCDP
Fls. nº. 672

...

ANA
Tirando um descansinho, hem? Em São Petersburgo, seu patrão deve receber tantos duques e condes, não é mesmo?

OSSIP
(À parte) Dizendo, que sim, vou comer melhor ainda.

(Alto)
IH, uma imensidão. às vezes, precisa até fazer fila.

MARIA
Ele deve ser muito bonzinho, não é mesmo?

ANA
Qual é a patente dele?

GOVERNADOR
Deve ser muito severo, não é? Deve adorar esculhambar os outros

OSSIP
Ah, sim. Quer ver tudo em seu lugar.

GOVERNADOR
Faz muito bem.

ANA
Ele usa uniforme?

GOVERNADOR
Toma, isso é pra voce tomar chá.

OSSIP
Por que? Acabou o daqui?

ANA
Qual a côr de olhos que mais agrada ele?

MARIA
Ele é tão lindo, o teu patrão...

GOVERNADOR
Chega! Olha, o que é que ele gosta mais quando viaja?

OSSIP
Conforme. De comer bem...

GOVERNADOR
Ah, é, é?

OSSIP
às vezes quando a gente sai de algum lugar, ele me pergunta: Ossip, a comida que te deram era boa? Se eu responder que não, nem sabe o que acontece!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.723

DPF
DCDP
nº. 673
Rubrica

...

GOVERNADOR
Olha, isto é para as torradas. Até despedi a criada porque ela não te fez as tortas e os sanduiches que mandei.

ANA
Toma, meu anjo, para a carruagem. Não tem cabimento voltar a pé pra casa.

MARIA
Lembranças minhas a teu patrão, viu?

GOVERNADOR
Psiu... Não façam barulho pelo amor de Deus!

ANA
Vem, menina, quero que voce me esclareça aquele assunto direitinho antes de ir pra cama.

Saem as duas

GOVERNADOR
E então, meu caro amigo?

Entra Mishka. Sai Ossip.

GOVERNADOR
Silêncio, cretinos! Faz mais barulho que cavalo. Fora daqui, vamos! E não me saia do corredor. Não deixe entrar ninguém de fora. Os comerciantes, principalmente. Se aparecer alguém com uma denúncia ou com cara de quem vai se queixar, já sabe: pega pelo cangote e jogar na rua com um ponta-pé na bunda! Se não, pau vira em cima de voce. Entra na sova de novo!
(Governador sai na ponta dos pés. Risadas das mulheres. Pára.)

Ah, as mulheres! Não entendem nada de política!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 724

DPF
DCDP
Fls. nº. 674
Rubrica

SEGUNDO ATO

O MESMO CENÁRIO

Entram na ponta dos pés: Aimos, Artiemi Ivan, Lucas, Bobchinski. A cena se desenrola a meia voz.

AIMOS
Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mas fiquem em ordem. E que deus nos ajude. Um homen que é íntimo do Imperador! Assumam todos uma postura militar. Pietra Ivanovicht, coloque-se deste lado. E o senhor, Pietra Ivanovicht, aqui.

ARTIEMI
Desculpe, Aimos Fiodorovitch, mas acho que devíamos fazer alguma coisa.

AIMOS
O que, por exemplo?

ARTIEMI
O senhor sabe.

AIMOS
Subornar?

ARTIEMI
Vá lá.

AIMOS
Acho perigoso. Ainda se fosse uma doação... para construção de um monumento...
IVAN
podíamos dizer a ele: "Esse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem endereço... Não será para o senhor?

ARTIEMI
Não, não. Num govêrno sério essas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: por que estamos aqui feito um batalhão? O certo era que viéssemos um de cada vez. Numa sociedade bem organizada é assim que se procede. Sem testemunhas, compreendem? Aimos Fiodorovitch virá primeiro.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.725.

...

DPF
DCDP
Fls. nº 675
Rubrica

AIMOS
Não, o primeiro deve ser o senhor. Foi no seu hospital que ele almoçou.

ARTIEMI
É melhor Lucas Lukitch, que ilumina com seu saber a juventude.

LUCAS
Não, meus senhores, não posso! Na presença de superiores não consigo destravar a língua.

ARTIEMI
Está decidido, Aimos Fiodorovitch. Deve ser o senhor.
Uma palavra sua vale um dircurso de Cícero.

AIMOS
Não, meus senhores, não...

Ouve-se barulho de Klestakov. Todos se precipitam na direção, empurram-se, esmagam-se.

DOBCHINSKI
Ai, Pietra Ivanovicht, o senhor me pisou!

ARTIEMI
Ai, meu senhores, não agüento mais! Acho que vou confessar tudo de uma vez!

Outro barulho de Klestakov, saem todos correndo.

KLESTAKOV
Acho que ronquei um bocado! Ontem me fizeram comer demais. Pelo visto, posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Pena que seja por interesse. A filha não é nada feia! E a mãe, também não é de se jogar aos cães... A vida assim é outra coisa!

Entra Aimos e Estaca.

AIMOS
(À parte) Meu Deus, fazei com que eu saia inteiro daqui. (Alto em postura militar) Tenho a honra de apresentar-me: Juiz do Tribunal, Liapkin Tiapkin.

KLESTAKOV
Ah, o senhor é o Juiz daqui, é?

AIMOS
Exatamente. Desde 1876.

KLESTAKOV
Está contente?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.726

...

DPF
DCDP676
Fls. nº 6

AIMOS
Muito. E honrado com a indicação da nobreza. (À parte) O dinheiro está me queimando a mão.

KLESTAKOV
Não quer sentar-se?

AIMOS
(À parte) Piso em brasas!

Avança devagar, o punho fechado.

KLESTAKOV
O que tem na mão?

AIMOS
(Assustado deixa cair o dinheiro). Nada!

KLESTAKOV
Não é dinheiro?

AIMOS
Não, senhor!

KLESTAKOV
Como não?!

AIMOS
(À parte) Estou perdido!

KLESTAKOV
É dinheiro, sim. Veja se não é.

AIMOS
(À parte) Já me vejo é na forca. (Alto) É! É dinheiro!

KLESTAKOV
Olha... o senhor não poderia me emprestar essa importância?

AIMOS
Pois não. Com muita honra. (À parte) Virgem Santíssima.

KLESTAKOV
O senhor compreende... Quando se viaja, perde-se o controle do dinheiro. Assim que chegar em casa, mando reembolsá-lo.

AIMOS
Oh, por favor. Isso, pra mim, é uma honra extraordinária! Com todas as minhas forças... meu zêlo e dedicação ao Governo procurei estar à altura... há... (Perfila-se) Não ouso importuná-lo mais com a minha presença! Alguma ordem?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p 727

...

DPF
DCDP
Fls. nº. 677
Rubrica

KLESTAKOV
Ordem? Que ordem?

AIMOS
Quero dizer... no que se refere ao tribunal Civil.

KLESTAKOV
Absolutamente! Não tenho mais nada com ele.

AIMOS
Nesse caso, se me permite... (Cumprimenta e diz à parte)
Batalha ganha!

Sai Aimos

KLESTAKOV
Que Juiz simples e bom!

Entra Ivan Kuzmitch

IVAN
Tenho a honra de apresentar-me: Ivan Kuzmitch Shpekin, Chefe dos Correios.

KLESTAKOV
Prazer. Sente-se, por favor. O senhor está morando aqui definitivamente?

IVAN
Definitivamente.

KLESTAKOV
Cidadezinha simpática, esta. Claro que não tem uma sociedade.. digamos... Bem, afinal de contas não é a capital, não é mesmo?

IVAN
Exatamente.

KLESTAKOV
Só na capital se pode cultivar o bom tom. Lá não se topa a cad instante com basbaques provincianos. Não acha?

IVAN
Acho, sim senhor.

KLESTAKOV
No entanto, pode-se viver bem numa cidade pequena.

IVAN
Indubitávelmente.

KLESTAKOV
(À parte) Preciso tomar algum dele. (Alto) Imagine o que acont

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.728.

...

DPF
DCDP
Fls. nº. 678
Rubrica

ceu! Estou a nenhum! (Silêncio) O senhor não tem uns trezentos rublos pra me emprestar?

IVAN
Com muita honra. Por obséquio.

KLESTAKOV
Obrigado. Detesto economizar em viagens.

IVAN
Exatamente como eu. (Perfila-se) Não ouso importuná-lo mais! Alguma observação quanto a direção dos Correios?

KLESTAKOV
Eu? Eu, não!

IVAN
Isso, muito me lisonjeia! Com licença!

Sai

Ouve-se alguém fora: "Vai, não tenha mêdo" - entra Lucas aos trambolhões.

LUCAS
(Morto de mêdo) Tenho a honra de apresentar-me: Lucas Lukich, inspetor das escolas.

KLESTAKOV
Prazer. Sente-se. O senhor fuma?

LUCAS
Fumo, fumo. Mas se o senhor quizer eu deixo.

KLESTAKOV
(Vai apanhar a caixa de charutos) Aceita um charuto?

LUCAS
(À parte) Nossa, mãe! Aceito ou não aceito?

KLESTAKOV
Aceite. É muito bom esse charuto. Claro que não se compara ao de São Petersburgo! Mas aqueles custam uma fortuna!

LUCAS
Pois, não.

Tenta acender mas está tremendo.

KLESTAKOV
É do outro lado.

LUCAS
Desculpe. ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.729

DPF
DCDP
Fls. nº. 679
Rubrica

...

KLESTAKOV
Pelo que vejo não costuma fumar charutos. Já eu, gosto muito! Outro fraco que eu tenho são as mulheres. Loura ou morena, tanto faz! Adoro mulher! E o senhor? (Lucas fica perflexo com a pergunta, mudo de espanto) Prefere loura ou morena?

LUCAS
Não ouso ter preferências!

KLESTAKOV
Ah, o senhor é muito esperto, hein? Tem medo que lhe descubram as fraquezas, não é?

LUCAS
(Gago de mêdo) Fraqueza, eu?!

KLESTAKOV
Vamos, confesse de uma vez!

LUCAS
Não tenho nada a confessar, juro.

KLESTAKOV
pensa que sou bôbo. é? Olha só, como ficou vermelho! E então? Por que não responde?

LUCAS
Acho que destronquei a lingua.

KLESTAKOV
Bem, não quer confessar, não confesse! Mas uma coisa tenho certeza que não vai negar!

LUCAS
Pois não, excelência... V. Reverendíssima... Majestade....(À parte) Merda! A lingua me traiu! (Alto) Tenha bondade de ordenar.

KLESTAKOV
Pode me emprestar uns trezentos rublos?

LUCAS
Com muita honra. pode ficar com a carteira também.

KLESTAKOV
Já que insiste...

LUCAS
Não ouso importunar-lhe mais com minha presença. Se me permit

KLESTAKOV
À vontade...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.730

...

DPF
DCDP
Fls. nº 680
Rubrica

LUCAS
(À parte) Gracas a Deus. Espero que não visite a escola!

Sai

KLESTAKOV
A coisa não vai mal!

Entra Artiemi e perfila-se.

ARTIEMI
Tenho a honra de apresentar-me: Artiemi Filipovich Zemlianika, diretor do Hospital.

KLESTAKOV
Eu sei! Já fomos apresentados, não se lembra?

ARTIEMI
Perfeitamente. Tive a honra de recebê-lo para o almôço!

KLESTAKOV
Que, por sinal, estava excelente!

ARTIEMI
Minha maior alegria é servir à Pátria!...

KLESTAKOV
A minha, é ser bem servido. Engraçado!...Tenho impressão que ontem o senhor era mais baixinho, não era?

ARTIEMI
É possível. Não meço esforços para cumprir conscientemente o meu dever! Não sou como muita gente por aqui. Veja o Chefe dos Correios! A repartição dele é um desastre! As encomendas postais, sempre atrasadas! Uma vergonha! O senhor vai verificar por si mesmo. A mesma coisa é o Juiz! Só pensa em caçar lebres O Tribunal vive cheios de cachorros. E sua conduta, - embora, além de parente, ele seja meu melhor amigo, - sou obrigado a confessar pelo bem da Pátria... é simplesmente escadalosa! Existe aqui um tal de Dobchinski, o senhor já conhece. Pois bo Basta Dobchinski pôr o pé na rua que o Juiz na mesma hora se mete na casa dele e fica lá com a mulher fazendo só Deus sabe o quê! E as crianças? Nenhuma delas se parece com Dobchinski: todas, até a menorzinha, são direitinhos a cara do Juiz.

KLESTAKOV
Não me diga!

ARTIEMI
A cara! Com nariz de papagaio e tudo. E o Inspetor das Escola Não compreendo como lhe confiaram um cargo desses! É um perig Está corrompendo a juventude com suas idéias subversivas!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 731

...

Reacionaríssimo, pode crer! Se, o senhor quizer posso fazer um relatório por escrito.

DPF
DCDP
Fls. nº. 681
Rubrica

KLESTAKOV
O senhor tem filho?

ARTIEMI
Cinco! Todos parecidíssimos comigo!

KLESTAKOV
Devem dar uma bruta despesa!

ARTIEMI
Mas graças a Deus, o pouco que honestamente ganho com meu trabalho, dá e sobra!

KLESTAKOV
Sobra?! Então o senhor bem que podia me emprestar uns trezentos rublos, hem?

ARTIEMI
Aqui estão. Não devo importuná-lo mais. Com sua licença.

Sai

KLESTAKOV
mas que dedo duro!

Entram Bobchinski e Dobchinski

BOBCHINSKI
Meu nome é Pietra Ivanovicht Bobchinski.

DOBCHINSKI
E o meu, Pietra Ivanovicht Dobchinski.

KLESTAKOV
Os senhores têm dinheiro aí?

BOBCHINSKI
(Ao mesmo tempo) Dinheiro?!

DOBCHINSKI
Sim, uns mil rublos?

BOBCHINSKI
tanto assim, juro por Deus que não tenho. E o senhor, Pietra Ivanovicht?

DOBCHINSKI
O senhor sabe muito bem que deposito tudo na Caixa de Auxílio Mútuo!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p 732

I.T.F.
I.C.D.P.
Fls. nº. 682
Rubrica

...

KLESTAKOV
Nem cem rublos?!

BOBCHINSKI
Cem, o senhor deve ter. Eu só tenho quarenta.

DOBCHINSKI
E eu, só vinte e cinco.

BOBCHINSKI
Procure bem. Seu bôlso direito está furado. Quem sabe caiu no fôrro.

DOBCHINSKI
Juro que não!

KLESTAKOV
Não tem problema. Podem dar os sessenta e cinco mesmo. (Êles dão). Ótimo. E então? O que é que mandam?

DOBCHINSKI
Tomo a liberdade de lhe expor um assunto muito delicado.

KLESTAKOV
Qual assunto?

DOBCHINSKI
É sobre o meu filho mais velho.

BOBCHINSKI
Nasceu antes do casamento.

KLESTAKOV
Aquele do nariz "assim"?

BOBCHINSKI
Igualzinho o nariz do Juiz.

DOBCHINSKI
O senhor está enganado, Pietra Ivanovicht! Já cansei de lhe dizer que o nariz do Juiz é completamente diferente.

KLESTAKOV
Sim, mas e daí?

DOBCHINSKI
pois bem! A coisa que eu mais desejo no mundo é poder legaliz
meu filho e dar a ele o meu nome. Dobchinski! É o meu maior d
sejo!

KLESTAKOV
Ninguém tem o direito de meter o nariz nesse assunto. Que seja Dobchinski.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-733

DPF
DCDP
Fls. nº. 683
Rubrica

...

DOBCHINSKI

Ah, meu deus, que alegria ouvir isso! Meu coração até disparou Eu não ousaria incomodar o senhor, não fosse ele um rapaz tão bom! Tem muitas habilidades, sabe? Recita de cór umas poesias lindas! E se pega um canivete, esculpe carrocinhas muito interessantes. Pietra Ivanovicht é testemunha.

BOBCHINSKI
É verdade, sim.

KLESTAKOV
Acho que não tem com que se preocupar. Isso é canja de resolv
(À Bobchinski) E o senhor? Algum problema?

BOBCHINSKI
Justamente! Tenho um pedido muito importante a lhe fazer.

KLESTAKOV
Qual?

BOBCHINSKI
(Patético) Peço-lhe humildemente, - quando chegar a São Peters burgo, - que diga aos grandes senhores da nobreza,... a todos os Senadores e Almirantes... que nesta cidade... que nesta cidade, excelência mora Pietra Ivanovicht Bobchinski.

KLESTAKOV
Tá, digo sim! Eles vão ficar radiantes!

BOBCHINSKI
E se tiver oportunidade,... por favor! Diga também ao nosso Imperador! "Em tal e tal lugar, Majestade... mora Pietra Ivanovicht Bobchinski!"

KLESTAKOV
Pode ficar tranqüilo!

BOBCHINSKI
(Querendo disfarçar as lágrimas) Puxa! Meu coração, acho que disparou, também!

DOBCHINSKI
Perdoe havermos importunado com a nossa humilde presença.

BOBCHINSKI
De todo o coração, pedimos humildemente que nos perdoe!

KLESTAKOV
Não tem importância. Tive muito prazer.

Saem Dobchinski e Bobchinski.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p.734

I J F
I CDP
n°. 684
Rubrica

...

KLESTAKOV
(Sózinho) Há funcionários demais por aqui! Estão me tomando por um alto dignitário com certeza! Se impressionaram com toda aquela conversa de ontem à noite! (Procurando nos bolsos) Não vou ser bêsta de perder uma chances dessas! Onde pus a carta que comecei a escrever a Stanislaw? Ah, aqui está! (Senta-se para continuar a escrever a carta) Acho que fico mais uns dias por aqui!

Entra Ossip

KLESTAKOV
(Enquanto escreve) Então, cretino? Vê como me recebem e me tratam?

OSSIP
Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente! Acho que é hora da gente se mandar.

KLESTAKOV
Pois, sim! Justo agora que estou nadando em dinheiro?

OSSIP
Amanhã cedo, então.

KLESTAKOV
Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não cobrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem! De graça também! Que é tudo por conta do Govêrno.

OSSIP
Vou mandar alguém em meu lugar. E, pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas.

MISHKA
(Fora de cena) Ei, onde pensa que vai?! É proibido entrar!

KLESTAKOV
Que será isso?

ABDULIN
(Fora) Me deixa passar! É muito importante!

KLESTAKOV
Vê lá, Ossip.

ABDULIN
(Fora) Deixa passar. Precisamos faalr agora!

Continua ruídos.

KLESTAKOV
O que é?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p-735.

...

DPF
DCDP
Fls. 685

OSSIP
Um monte de gente fazendo sinais com uns papéis!

KLESTAKOV
(À parte) O que é que os senhores querem aqui?!

ABDULIN
(Fora) Falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atenção!

KLESTAKOV
Um momento, um momento.

É jogado para cena uma espécie de requerimento.

Pega aquilo, Ossip. (Ossip pega e lhe entrega) Vá lá e diga que deixe entrar! Mas um só, que isto aqui não é palanque! Elejam um, que fale em nome de todos.

Ossip sai.

KLESTAKOV
(Desenrolando o papel) Precisam aprender a ter espírito de classe! (Lendo) "A sua Excelência Altíssima, Senhor das Finanças, da parte do comerciante Abdulin". Ué, que besteira é essa

Entra comerciante Abdulin trazendo cestos com vinho e outras coisas.

KLESTAKOV
O que é que o senhor quer?

ABDULIN
Implorar vossa misericórdia!

KLESTAKOV
Está bem. Mas o que é que houve,

ABDULIN
Uma infinidade de injustiças, excelência.

KLESTAKOV
É? Por parte de quem?

ABDULIN
Do Governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos!

KLESTAKOV
Também, quem manda sabotarem o governo dele?! É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas! As pobrezinhas não tem culpa de nada.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 736

DPF
DCDP
Fls. nº. 686
Rubrica

...

ABDULIN
(Sem compreender) Vacas, excelência?!

KLESTAKOV
Bem, não interessa! vai adiante.

ABDULIN
Ele está nos reduzindo a fome com tantos impostos!

KLESTAKOV
Imagina! Umas pessoas tão gordas e saudáveis!...

ABDULIN
Tudo o que ele pede, até roupa pra mulher e pra filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa que a gente não tem... nem queira saber o que acontece! Agarra a gente pela barba e puxa com tanta força que quase arranca! E enquanto puxa, excelência... xinga a gente de subversivo, de merda, e uma porção de nomes feios. Depois, vasculha a loja de cima a baixo, e tudo que lhe cai nas mãos manda trazer pra casa dele.

KLESTAKOV
Mentira!...

ABDULIN
Palavra de honra . Excelência! No aniversário dele então... no dia de Santo Antônio... a gente tem que mandar quase que a loja inteira. E o pior é que no dia de Santo Onofre ele diz que também faz anos!

KLESTAKOV
Mas isso já é um assalto!

ABDULIN
E vá alguém protestar! Manda logo a polícia invadir a casa do sujeito, prender e espancar! Diz que respeita as leis, mas é só da boca pra fora. E depois ameaça de mandar jogar a gente no rio. "Pra limpar a cidade dos indesejáveis".

KLESTAKOV
Mas que grande safado! Isso é caso de IPM.De confinamento na Sibéria!

ABDULIN
Como o senhor preferir! Contando que ele desapareça! Por favo excelência: aceite estas humildes oferendas!

KLESTAKOV
De maneira alguma! Não aceito qualquer espécie de subôrno! Ainda se fosse um empréstimo, vá lá!...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 737

LFF
DCDP
Fls. nº. 687
Rubrica

...

ABDULIN
Um empréstimo Excelência?

KLESTAKOV
Digamos, uns... trezentos rublos! Aí, sim. Um empréstimo aind poderia aceitar.

ABDULIN
Mas por que só trezentos? Aceite quinhentos, excelência! Contanto que nos ajude a nos livrar desse homen!

KLESTAKOV
Vá lá! Mas a título de empréstimo! Do contrário recuso!

ABDULIN
(Entregando o dinheiro numa salva de prata) Por favor, Excelência, aceite ao mesmo tempo esta bandejinha! É prata de lei!

KLESTAKOV
Ah, bom. Sendo de lei, acato.

ABDULIN
Então aproveite e aceite também estas oferendas. Mas ajudai-n excelência. Do contrário só nos resta o exilio.

MULHER
(Fora) Deixe-me passar! Vê se vai empurrar a mãe, seu cavalo!

OSSIP
(Espiando) Ih, está "assim" de mulher!

MULHER
(Fora) Quer tirar a mão dai?! Quem está pensando que eu sou, seu atrevido?!

KLESTAKOV
(Espiando) Deixa entrar só essa! O resto tem que pedir audiên cia por escrito.

(Voltando) Nunca vi tanta mulher junto!

ABDULIN
É a L.D.F.

KLESTAKOV
Que é isso?

ABDULIN
"Liga de defesa da família".

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.738.

...

Entra a mulher.

DPF
DCDP
Fls. nº. 688
Rubrica

MULHER
(Ajoelhando-se) Misericórdia, paizinho!

KLESTAKOV
Que quer a senhora?

MULHER
Implorar vossa graça contra o desgraçado do Governador! Que a maldição caia sobre sua cabeça! Que um raio fumine sua família inteira! Mulher, filha, tios, tias, primos...

KLESTAKOV
Por que, coitado?

MULHER
Ele mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho, e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dele! Meu marido é um homen casado! É contra a lei, excelentíssimo!

KLESTAKOV
E por que fez isso?

MULHER
Porque é um cachorro! Que Deus o castigue neste mundo e no outro. Que a mulher dele fique de boca torta e a filha vesga! E se tem pai, que o pai dele fique sem os dois braços e as duas pernas!

KLESTAKOV
Espera aí! Assim também já é exagero!

MULHER
O filho do alfaiate, - aquele que dá mais pinta de borboleta, é que foi convocado. Mas na hora que recebeu a convocação teve um chilique... o alfaiate deu um presente ao Governador, e o Governador então mandou meu marido no lugar do filho dele. Agora me diga, excelência: como é que eu vou passar sem marido todo esse tempo?!

KLESTAKOV
É, deve ser fogo.

MULHER
Desgraçado! Que a família dele jamais possa ver a luz do sol! Se tiver sogra, que a sogra fure os olhos da família inteira com a agulha.

KLESTAKOV
Mas o que é que eu posso fazer?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.739

...

DPF
DCDP
Fls nº 689
Rubrica

MULHER
É, agora não adianta nada! Mas pelo menos que esse desgraçado pague uma multa pelo êrro!

KLESTAKOV
Está certo. Vou dar uma ordem nesse sentido. Agora podem ir descansados.

Vão saindo comerciante Abdulin e mulher.

MULHER
(Saindo) Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado! Tomara qu a família inteira dele fique com cachumba! E catapora! E toda espécie de doença nova que aparecer no mundo.

Saem mulher. Comerciante Abdulin e Ossip. Entra Maria. Cena Cheia de pausas.

MARIA
(Fresca) Oh!

KLESTAKOV
(Que não tinha visto Maria) Porque se assustou?

MARIA
Não, não me assustei.

KLESTAKOV
Ah, bem! Se não fosse ousadia, poderia perguntar-lhe para onde ia?

MARIA Em verdade, a parte alguma.

KLESTAKOV
E por que, por exemplo, não ia a parte alguma?

MARIA
Pensei que mamãe estivesse aqui.

KLESTAKOV
Ainda assim, gostaria de saber por que razão não ia a parte alguma!

MARIA
Perdoe tê-lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.

KLESTAKOV
Seus olhos valem mais que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira?

MARIA
Sinceramente, não sei... Precisava tanto ir embora...

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 740.

I I F
I CDP
Fls. nº. 690
Rubrica

...

KLESTAKOV
Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia?

MARIA
Ah, é verdade! (Senta-se) Que tempo esquisito hoje!

KLESTAKOV
Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo!

MARIA
Gosto muito de versos. Se não fosse ousar demais, poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum?

KLESTAKOV
Quantos quiser! Seu olhar já me inspirou um álbum inteiro!

MARIA
O senhor fala assim por falar!

KLESTAKOV
Não sou eu quem fala! É o amor que transborda do meu coração.

MARIA
Amor!... Linda palavra que não compreendo! Que nunca soube o que é..

KLESTAKOV
Pois olhe no fundo dos meus olhos e ficará sabendo.

MARIA
(Ela olha e depois afasta a cadeira) Que tempo esquisito, hoje

KLESTAKOV
Por que se afastou? Um perto do outro é melhor!

MARIA
Perto, por quê. É a mesma coisa, longe!

KLESTAKOV
Longe, por quê? É a mesma coisa, perto.

MARIA
Não atino a razão! mas se realmente prefere perto...
(faz para aproximar-se).

KLESTAKOV
Não! Pensando bem, é melhor longe!

MARIA
No que ficamos? Longe ou perto?

KLESTAKOV
Par, ou ímpar?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.741

DPF
DCDP
Fls. nº. 691

...

Jogam

MARIA
Par.

KLESTAKOV
Longe! Deus escreve certo por linhas tortas. Perto, eu poderia não conter este ímpeto de estreitá-la em meus braços!

MARIA
Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV
É o tempo do amor! Da canícula na primavera.

MARIA
(Levantando-se) Oh, que ave será aquela que passou voando? Será uma pomba ou um colibri?

KLESTAKOV
Um modesto urubu! (toca-lhe o braço com a mão).

MARIA
Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV
Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante! (beija-lhe o ombro).

MARIA
(Ofendida) Oh! Mas que significa isso?! Que atrevimento é esse, agora?

KLESTAKOV
Puxa, será que não se pode nem brincar com a senhorita?

MARIA
Isso não é brincadeira! É uma audácia!

KLESTAKOV
Juro que não! E como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos!

(Ajoelha) Olhe, só. Perdão, perdão, perdão.

Entra Ana.

ANA
Oh! Que quadro!

KLESTAKOV
(À parte, levantando-se) Ai, caêête!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.742

...

ANA
Que significa isso, menina? Que procedimento é esse?!

DPF
DCDP
Fls. nº. 692
Rubrica

MARIA
Mãezinha, eu...

ANA
O que?! Ainda ousa me responder?! Saia daqui, imediatamente!

MARIA
Está bem, mãezinha! Obedeço!

Maria sai.

KLESTAKOV
(À parte) Essa também dá pra quebrar um galho! (ajoelha-se bruscamente) Minha senhora, veja! Estou ardendo de paixão!

ANA
Oh, o senhor de joelhos?! Por favor, levante-se! O chão aqui é muito úmido!

KLESTAKOV
Não! Quero ficar a seus pés! Nem que fôr pra morrer de reumatismo! Quero conhecer meu destino! Está em suas mãos, decida! A vida ou a morte?

ANA
desculpe... mas eu sou um poco burrinha...

KLESTAKOV
Não tem importância! É a seus pés que estou, não aos pés de Carlos Magno.

ANA
É que não estou percebendo exatamente o significado de suas palavras! Se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso?

KLESTAKOV
Não, senhora! Estou declarando meu amor pela senhora mesma. Para ser breve; com esta chama que me queima o peito... peço sua mão em casamento.

ANA
É... interessante. mas permita observa-lhe que "até certo ponto" eu sou casada.

KLESTAKOV
Sim, mas especialmente por causa desse "até certo ponto", po deremos perfeitamente nos esconder sob a sombra das cascatas Ou em outro lugar melhor que a senhora conheça!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.743.

DPF
CDP
nº. 693
Rubrica

...

Entra Maria

MARIA
Oh, que quadro!

Klestakov levanta-se.

ANA
(à parte) Ah, ela tinha que aparecer justo agora! (alto) E então! Desde quando a senhora vai entrando, assim sem mais nem menos, como um gato ladrão?! E agora fica aí, de olhos esbugalhados como coruja espantada! O que é que a senhora viu aqui de tão extraordinário? Que menina mais sem graça, meu Deus! Vamos fale de uma vez! Ou será que engoliu a lingua?

MARIA
(Em lágrimas) Mãezinha, eu... eu...

ANA
Sim, voce o que?! Vamos, estou esperando.

MARIA
Eu... eu não sabia!

Faz para sair.

ANA
Fica aqui! Não sabia o que?! Vamos, diga!

MARIA
Eu... eu...

Chora.

ANA
Essa agora! Voce não sabia, e daí? precisa chorar por causa disso?! Se todo mundo fosse chorar ao descobrir que não sabia de alguma coisa, onde iríamos parar com tantas lágrimas?! Estaríamos nadando feito idiotas por aí! Cabeça de alfinete! Tem sempre que imitar as filhas de Tiapkin! Não tem de olhar pra elas, já disse! Olha pras outras, se tem vontade de olhar! Por que não toma sua mãe como exemplo?

KLESTAKOV
(Segurando a mão de Maria) Minha senhora, não se oponha à nossa felicidade. Abençoe este amor eterno!

ANA
Que amor eterno?

KLESTAKOV
O nosso!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.744

DPF
DCDP
Fls. nº 694
Rubrica

...

ANA
Nosso, de quem?

KLESTAKOV
O meu e o dela.

ANA
(Desapontada, perplexa) Ah, sei! Do senhor e da minha filha... é isso?

KLESTAKOV
Está em suas mãos, minha senhora. Decida. A morte ou a vida?

ANA
Está vendo o que me arrumou, estúpida?! Por uma pamonha como você, nosso hóspede ficou de joelhos, se arriscando a um bruto reumatismo! Não lhe gabo o gosto, mas enfim... Por isso que el entrou aqui feito louca! Bem merecia que negasse meu consentimento! Uma retardada como voce, não merece tamanha felicidade.

MARIA
Juro que não faço mais, mãezinha!

O Governador entra abruptamente

GOVERNADOR
Juro que não faço mais, excelência. Não me desgrace!

KLESTAKOV
Que foi que houve?

GOVERNADOR
Eu sei que essa gente veio se queixar de mim! Mas juro que metade do que disseram é mentira! Não é verdade que eu mandei surrar a mulher do subtenente. Ele mesma se surrou. Não acredite nessa gente, Excelência. Não acredite, não acredite.

ANA
Agora quer parar um pouco essa ladainha e ouvir?

GOVERNADOR
Não acredite, Excelência. Não acredite, não acredite.

ANA
Diz logo que não acredita, se não ele fica repetindo isso até o mês que vem.

KLESTAKOV
Não acredito.

ANA
Sabe da honra que nos dá este cavalheiro? Acaba de pedir a mão dessa... de nossa filha em casamento.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.745

DPF
DCDP
Fls. nº. 695
Rubrica

...

GOVERNADOR
Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias?! Não se zangue, Excelência. Ela sempre foi assim meio abobalhada. A mãe era a mesma coisa.

KLESTAKOV
Mas é verdade. Tenho a honra de pedir a mão de sua filha!

GOVERNADOR
Não, não, não posso acreditar, Excelência!

ANA
(Furiosa) Não pode acreditar "por que", pode me dizer?!

GOVERNADOR
Não, não. Não mereço tamanha felicidade, não mereço!

ANA
está bem. Então agora quer parar com esse faniquito e calar a boca?

GOVERNADOR
Tenha a bondade de dizer. Excelência. Sou só ouvidos!

KLESTAKOV
pois bem. Torno a pedir a mão de sua filha. mas previno-o que se me negar, pelo que possa me acontecer, a culpa é toda sua!

GOVERNADOR
Não posso acreditar! O senhor está brincando comigo!

ANA
(Cheia) Ai, que vou já, já, ter uma coisa!

KLESTAKOV
Peço-lhe que se decida. De outra forma, responsabilizo-o desd já por minha morte!

GOVERNADOR
não se zangue, Excelência, não se zangue. estou completament tonto. Minha cabeça não pára de dar voltas! Fiquei mais estúpido do que nunca.

ANA
Depois voce cuida disso. Dá logo tua bênção e pronto.

GOVERNADOR
Si, sim com muita honra. Deus os abençoe, se V. Excelência me permite.

Klestakov beija Maria.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-746.

62
DPF
DCDP
Fls. nº. 696
Rubrica

...

(Governador após esfregar os olhos) Eles estão mesmo se beijando, ou eu é que estou ficando louco?

ANA
Vá pro diabo que te carregue. Voce hoje já me encheu as medidas

Entra Ossip.

OSSIP
Os cavalos estão prontos.

GOVERNADOR
Como?! Vai partir?!

KLESTAKOV
Sim, vou.

GOVERNADOR
Mas... mas... mas se não me atrevi a ouvir mal, o senhor teve a bondade de pronunciar a palavra... casamento.

KLESTAKOV
Sim, claro. Vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta.

GOVERNADOR
Não ousamos retê-lo, na esperença de um feliz regresso.

KLESTAKOV
Adeus. Não acho palavras para exprimir minha felicidade.
(Beija a mão de Maria).

GOVERNADOR
Não vai precisar de nada para a viagem? O senhor, parece, já teve a bondade, de precisar de dinheiro uma vez.

KLESTAKOV
Já que insiste...

GOVERNADOR
Quanto deseja?

KLESTAKOV
Bem, o senhor ainda hoje me deu duzentos rublos...

GOVERNADOR
Perdão. Excelência, quatrocentos.

KLESTAKOV
Ah, sim, que distração! Se quiser dar-me agora igual quantia, completaremos oitocentos. Conta redonda.

GOVERNADOR
Aqui estão. Notas novinhas em fôlha.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.747

DPF
DCDP
Fls. nº 697
Rubrica

...

KLESTAKOV
(Enquanto conta as notas) Tanto melhor. Dizem que traz boa sorte. (Ao acabar de contar as notas) Só que está faltando uma de cem.

GOVERNADOR
Ah, sim? Queira ter a bondade de desculpar. por obséquio.

KLESTAKOV
Não havia pressa. Bem... não quero dizer adeus. Mas uma coisa não posso deixar de dizer: obrigado pela hospitalidade. Jamais tive acolhimento igual ao desta casa. "Au revoir" (a Ana) Minha senhora... (a Maria) Adeus, Maria Andreievna, luz de minh'alma!

Faz para sair dramáticamente.

GOVERNADOR
O senhor viajará bem, assim, à noite?

KLESTAKOV
Muito bem, não se preocupe.

GOVERNADOR
Com sua licença mandarei colocar um tapête para que viaje ainda melhor.

KLESTAKOV
Obrigado, não é preciso.

GOVERNADOR
É um riquíssimo tapête persa, muito macio!

KLESTAKOV
É... Pensando bem... venha o tapête.

EM CENA O GOVERNADOR, ANA E MARIA.

GOVERNADOR
E então Ana Andreievna? Que belo casamento hem? Confessa que voce jamais sonhou com uma coisa assim?

ANA
Não seja primitivo! Nunca esperei outra coisa!

GOVERNADOR
Primitivo!... Agora estamos por cima, Ana Andreievna. Vou surrar essa gente toda que fez queixa de mim.

Já mandei chamar o comerciante Abdulin. Foi ele quem reclamou em nome dos outros. Cambada de vagabundos! Vão ver só comigo. Vou puxar um a um pela barba.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.748.

DPF
DCDP
Fls. nº. 698
Rubrica

...

ANA
Não se esqueça da mulher que nos rogou praga.

MARIA
Mãezinha, mas ela não tem barba.

ANA
Mas tem cabelo, não tem? Dói do mesmo jeito. Mais até!

GOVERNADOR
E, Ana Andreievna, Deus nos distinguiu com uma grande honra. Nossa filha vai se casar com um homen importante. Um partido desses é uma bênção divina. E agora, Ana Andreievna?

ANA
Agora o quê?

GOVERNADOR
Onde é que a gente vai morar? Aqui ou na Capital?

ANA
Na Capital, é evidente. Ou voce acha que depois de tudo isso iríamos continuar nesta joça?

GOVERNADOR
Só é chato ter de renunciar ao título de Governador.

ANA
Meu Deus! E quem iria fazer questão de um título desses agora?

GOVERNADOR
mas é claro! Porque agora, não é Ana Andreievna? - agora eu posso pretender um pôsto bem mais alto, não é mesmo? Nosso genro é unha e carne com a ministrada toda. Vai a palácio quando bem entende. Tem um pistolão daqueles...

MARIA
(Levanta-se num salto) Oh!

ANA
Que foi agora?

MARIA
(Sentando-se) Oh, nada, não senhora!

ANA
Às vezes chego a pensar que essa menina é boba!

GOVERNADOR
Voce acha mesmo Ana Andreievna, que com a influência do nosso genro posso chegar logo a General?

ANA
Claro que pode. ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 749.

DPF
DCDP
Fls. nº. 699
Rubrica

...

GOVERNADOR
Deve ser ótimo ser general.

ANA
Vamos ter de mudar completamente de amigos e de hábitos. Voce vai ter de deixar de dizer palavrão. Nossas amizades agora vão ser com duques, condes e toda espécie de pessoas finas.

Entra o negociante Abdulin.

GOVERNADOR
Ora, viva, meu bom amigo! Saúde!

ABDULIN
O mesmo desejo ao senhor e a todos os seus!

GOVERNADOR
E então, meu querido? Como vão os negócios?

ABDULIN
Assim assim...

GOVERNADOR
E dos outros comerciantes? Assim, assim também?

ABDULIN
Não tenho idéia.

GOVERNADOR
Como não tem idéia? O senhor não é o representante deles agora Não é quem fala em nome de todos? Deve estar a par de tudo. E então, meu santo? Todo mundo contente? Os canalhas, ladrões, filhos de uma égua? Vieram se queixar de mim, não é? Pensavam que iam me mandar para cadeia, não é seus merdas?

ANA
Que é isso, Antocha, que linguagem rústica!

GOVERNADOR
Voces sabiam, velhacos de merda, que o Inspetor a quem vieram se queixar vai se casar com minha filha? Sabiam? Hein? Que me dizem agora?

ABDULIN
Reconhecemos a nossa culpa. Anton Antonovich

GOVERNADOR
Reconhecem não é? Agora! Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte? A madeira custou menos de cem rublos e eu te deixei apresentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma ninharia!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-750.

PF
DP
700
Rubrica

...

ABDULIN
Eu devia estar com o demônio no couro. Juro que não reclamo mais, Anton Antonovich!

GOVERNADOR
Ah, agora como estou por cima voces rastejam aos meus pés. Se estivesse por baixo, empurravam ainda mais a minha cara na latrina e me batiam na bunda com os paus da ponte que não foi construída. Escuta aqui, Abdulin: se quiser, te mando pra Sibéria agora mesmo.

ABDULIN
(De joelhos) Piedade, Anton Antonovich! Confinamento, não!

GOVERNADOR
Enfim, não sou homen de guardar rancor. Mas de uma coisa não se esqueça: minha filha não vai casar com um qualquer não. Vejam bem que presentes vão mandar. Nada de licoreiros, bibelôes ou porcarias iguais a essas!

ABDULIN
Claro que não! Não tenha receio, Anton Antonovich!

GOVERNADOR
Se é assim, está bem. Pode ir, e que Deus o perdoe...

ABDULIN
Com a permissão de todos...

Sai.

Entra Aimos.

AIMOS
(À porta) Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade?

Entra Artiemi

ARTIEMI
Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, Anton Antonovi
Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos, Ana Andr
ievna.

Entra Madame

MADAME
Ana, Andreievna, quase tive um ataque quando me contaram. (Beijinhos) Maria Andreievna, que felicidade! Quase cai dura mortinha! (Beijinhos) Anton Antonovich, foi como se um raio de felicidade me fulminasse, tamanha a minha alegria!

Entram Dobchinski e Bobchinski

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-751

DPF
DCDP
Fls. nº. 701
Rubrica

...

BOBCHINSKI
Tenho a honra de felicitá-lo, Anton Antonovich.

DOBCHINSKI
Tenho a honra de felicitá-lo por tão grande felicidade.

BOBCHINSKI DOBCHINSKI
(Juntos) Ana Andreievna...

Se aproximam ao mesmo tempo e as cabeças se chocam.

DOBCHINSKI
Maria Andreievna, desejo-lhe todas as felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras, preciosas e toda espécie de sobremesas requintadas.

BOBCHINSKI
Que Deus lhe dê todas as riquezas do mundo, Maria Andreievna. Uma casa todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasalhá-lo no inverno!

Entra Lucas.

LUCAS
Tenho a honra de felicitá-los. Não sabem a alegria que senti quando me contaram.

MADAME
E eu então? Fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu. Senta que é pra não cair fulminado com a notícia. Aí ele sentou e eu lhe disse: Ana Andreievna conseguiu um marido para filha! "Não me diga"! "exclamou ele. E eu por tudo que é mais sagrado! Quero ficar paralítica e careca se estou mentindo! E ele: "Que bom hem?". Mas nem pude responder. Tive uma crise de chôro tão violenta, que por um triz não me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. "Por que está chorando tanto?" perguntou ele? - E quando fui dizer - de felicidade ora essa! cadê voz? Estava completamente muda de emoção. Não fosse meu marido me sacudir uma porção de vezes, a esta hora já estaria morta num caixão. Ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico toda arrepiada!

ANA
Sente-se que isso passa. Sentem-se todos, meus senhores.

Entra Mishka.

MISHKA
Tenho a honra de felicitar Vossa Excelência pelo feliz acontecimento. Nem pode imaginar como me sinto feliz. Não me vi até agora.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.752.

DPF
DCDP
Fls. nº. 702
Rubrica

...

GOVERNADOR
Tá. Então vai se refazer lá fora.

MISHKA
(Desapontado) Puxa! Com licença!

Sai.

AIMOS
Mas conte-nos, senhor Governador! Como se desenrolou o processo?

GOVERNADOR
Que processo?

AIMOS
Quero dizer: como foi que tudo aconteceu?

GOVERNADOR
Ah, de maneira extraordinária. Eu entrei na sala e ele teve a bondade de fazer o pedido.

ANA
mas tudo como muita delicadeza e finura. "Ana Andreievna faço tudo isso em honra ao vosso mérito". É um homem de incrível nobreza, como todos sabemos. "Faço-o apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes".

MARIA
Mãezinha, tenho a impressão que não foi exatamente assim.

ANA
E eu tenho a impressão, minha querida, que é voce quem anda um pouquinho surda! Foi exatamente assim, meu benzinho. Depois com toda aquela nobreza que conhecemos, atirou-se de joelhos aos meus pés e, com a voz embargada, acrescentou: "Sois a mai extraordinária das criaturas Ana Andreievna!" "Meu destino est em vossas mãos. Se não consentirdes em corresponder aos meus anseios, darei cabo da vida agora mesmo".

MARIA
Mas, mãezinha, foi se referindo a mim que ele disse isso.

ANA
Evidentemente. Em parte, era em relação a voce também, ninguém está negando isso.

GOVERNADOR
Voces nem queiram saber o susto que ele nos pregou! Não parava de nos ameaçar com o suicídio. "Vou suicidar-me! Vou suicidar-me! repetia sem parar com lágrimas nos olhos!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.753

DPF
DCDP
Fls. nº. 703
R...

...

AIMOS
Que coisa fantástica! Parece até novela!

GOVERNADOR
E estava branco como cêra, só de pensar que poderíamos não concordar com o casamento.

MADAME
Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico roxa.

LUCAS
É como eu digo. O destino tem muita força.

ARTIEMI
Ah, não meu caro. Isso não tem nada que ver com o destino. Destino é uma coisa, mérito é outra. É bem diferente! (À parte A sorte sempre procura um porco como este! (Alto) ou será que o senhor pensa o contrário?

LUCAS
Absolutamente. Era exatamente isso que eu queria dizer. Só que a minha língua embolou, em vez de mérito saiu destino.

AIMOS
Sabe, Anton Antonovich, aquele cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse?

GOVERNADOR
O que é que tem? Morreu?

AIMOS
Não senhor. Graças a Deus, o bichinho está vivo. Não lhe vendi sabe por que? Queria lhe fazer uma surprêsa: Queria que ele ficasse bem forte para depois lhe dar de presente. Trago o bichinho amanhã.

GOVERNADOR
Ah, não. Agradeço muito, mas agora não quero mais saber de cachorros.

MADAME
Comigo aconteceu a mesma coisa. De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de brotoejas.

MARIA
Gatos também?

MADAME
(Ao Governador) Han? De gatos o senhor ainda gosta?

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.754

DPF
DCDP
Fls. nº. 704
Rubrica

...

GOVERNADOR
Não. Não quero mais saber de bichos em casa!

MADAME
AH, nem eu. (A Maria) Gatos também.

AIMOS
Mas se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que partiu, é verdade?

GOVERNADOR
pois é, teve que ir tratar de um assunto importante.

ANA
Foi pedir a bênção ao tio. Um senhor muito fino de quem o Imperador não desgruda um instante.

GOVERNADOR
Amanhã já estará de volta. (Espirra e todos dizem "saúde") Amém! Ele não queria ir, mas... (Espirra novamente e todos dizem "saúde" outra vez) Amém!... Mas eu disse que absolutamen que ele tinha de ir de qualquer jeito.

Mesma cena de espirros.

AIMOS
Desejo-lhe toda a saúde do mundo. Excelência.

BOBCHINSKI
E eu, um rio de moedas de ouro.

DOBCHINSKI
E eu, pedras preciosas já lapidadas e tudo.

ARTIEMI
(À parte) E eu, quero que ele se arrebente todo.

GOVERNADOR
Obrigado. desejo-lhes tudo isso em dôbro.

ANA
estamos pensando em nos mudar para a Capital, Petersburgo. Pra dizer a verdade, aqui se respira um ar tão provinciano!... Muito desagradável o ar daqui.

MADAME
Ah, horrível! Às vezes chego até a tapar o nariz, durante horas e horas!

ANA
Além disso, temos de ir de qualquer maneira. Não sei se já sa bem que o Anton Antonovich foi promovido a Marechal.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.755.

DPF
DCDP
Fls. nº. 705

...

GOVERNADOR
Quer dizer, ainda não fui, mas estão insistindo muito, sabem?

MARIA
Insistindo quem, papai?

GOVERNADOR
Ora, voce não ouviu seu noivo falar?

ANA
Não digo que essa menina está ficando completamente surda?

LUCAS
É! A sorte é pra quem tem!

AIMOS
Um genro assim é uma bênção dos céus!

ARTIEMI
(À parte) Marechal! Aqui!

Faz o gesto.

MADAME
Bem eu gostaria de ser espôsa de um marechal.

LUCAS
Digas com quem andas e te direi quem és.

Entra o chefe dos Correios.

IVAN
(Lívido) Senhor Governador... eu... eu...

MADAME
Igualzinho a mim! Se fico emocionada, não consigo dizer um ai! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR
Não precisa dizer nada, meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor. (Chefe dos Correios lhe estende uma carta, mãos trêmulas) Que é isso? Carta pra mim?

IVAN
Não senhor.

GOVERNADOR
Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara?

IVAN
É o caso mais surpreendente, desde que me conheço. O Inspetor que nós pensávamos que era o Inspetor, não é o Inspetor.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 756.

DPF
DCDP
Fls. nº. 706
Rubrica

...

GOVERNADOR
O que?! Como se atreve a dizer que o Inspetor não é o Inspetor.

ANA
Anton Antonovich, manda logo ele pra Sibéria.

MADAME
Sim. Mas se um Inspetor que a gente pensa que é um Inspetor não é o Inspetor... esse Inspetor, então, não é um Inspetor como a gente pensava. É tão simples, meu Deus.

GOVERNADOR
Cale-se.

IVAN
O homem que esteve aqui não era um inspetor mas um impostor.

GOVERNADOR
Impostor?!

IVAN
Exatamente. Esta carta não me deixa mentir.

GOVERNADOR
Carta? Que carta é essa?

IVAN
Do próprio. Quando li o nome do remetente, quase morri de medo. Pensei que ele tinha descoberto alguma coisa errada nos Correios e me denunciava à Agência Central. Por isso abri a carta.

GOVERNADOR
O senhor é um atrevido! Abrir uma carta dessas!

IVAN
Bem! A princípio eu não queria abrir, mas uma voz parecia dizer-me: "abre, abre!". Eu abri.

GOVERNADOR
Foi uma grande ousadia abrir uma carta de uma autoridade.

IVAN
Aí é que está. Ele não é autoridade nenhuma.

GOVERNADOR
Como não é? Ele é o que então?

IVAN
Isso só o demônio sabe.

GOVERNADOR
Como se atreve a falar assim? Vou mandar prendê-lo!

IVAN
Acho que o senhor não vai fazer isso, não...

GOVERNADOR
O senhor sabe que o Inspetor vai ser meu genro? Se quizer posso te mandar para a Sibéria.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.757

DPF
DCDP
Fls. nº. 707
Rubrica

...

IVAN
Ora, meu caro, esqueça a Sibéria que fica muito longe. É melhor ler a carta. Se me permitem, eu mesmo leio.

TODOS
Leia, leia, leia!

IVAN
Com licença. (Lendo) "Apresso-me a informá-lo, meu caro Stanislaw, das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo o meu dinheiro no jôgo e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto e às minhas roupas, toda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve: estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. paquero ao mesmo tempo a mulher e a filha dele. Ainda não me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que deve estar há muito tempo "a ver navios". E como se sabe, "galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquele tempo de miséria em que tínhamos de dividir almôço?! Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero. Nunca vi gente tão boboca. É de se morrer de rir! Voce podia aproveitar essa história em seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!

GOVERNADOR
É mentira! Isso não está aí!

IVAN
Pois leia o senhor mesmo

GOVERNADOR
Deixa ver "É estúpido como um jumento..." E impossível! Foi o senhor mesmo quem escreveu isto.

IVAN
Eu como? Não vê pela letra?

ARTIEMI
Continua.

AIMOS
Leia o resto.

IVAN
(Lendo) Estou louco pra lhe botar um par de chifres".

GOVERNADOR
Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante, adiante.

IVAN
(Lendo) "pra lhe botar um bom par de chifres".

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 758.

...

DPF
ICDP
Fls. nº. 708
Rubrica

GOVERNADOR
Ai meu cacête!

IVAN
(Lendo) Hum... "O Chefe dos Correios... é um homem mais do que excelente".

GOVERNADOR
(Fazendo o mesmo gesto redondo) Aqui Oh, que diz isso! leia direito que eu vou conferindo.

IVAN
Mas há senhoras presentes!

GOVERNADOR
Não interessa. Já começou, continue.

ARTIEMI
Permita que eu leia. (Lendo) "O Chefe dos Correios é um fresco. Aliás acho que esse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível".

IVAN
Isso é mentira!

GOVERNADOR
É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Continue.

ARTIEMI
(Lendo) "O diretor do hospit... (Gagueja) pi... pi..."

GOVERNADOR
Que aconteceu? Que ir ao banheiro?

ARTIEMI
A letra não está muito clara.

AIMOS
Minha vista é melhor. Eu leio.

Toma a carta.

ARTIEMI
(Lutando pela carta) Não essa parte se pode pular. Adiante a letra fica mais legível.

AIMOS
Dá licença. Minha vista é ótima.

ARTIEMI
Não, senhor, eu também sei ler. Depois desse trecho não há mais problema.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-759

DPF
I CDP
Fls. nº. 709
Rubrica

...

IVAN
De forma alguma! A não ser que leia tudo. Do contrário devolva a carta.

TODOS
É isso mesmo!

GOVERNADOR
Leia tudo ou devolva.

ARTIEMI
Pronto. (Entrega a carta). Com licença... (Cobre uma passagem) Leia daqui pra baixo.

Todos se aproximam.

IVAN
Absolutamente. Leia tudo.

AIMOS
(Lendo) "O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O hospit dele fede tanto que o doente, mal chega, morre envenenado. Pre cisava ver como ele se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitav tanto! As unhas parecem luto. de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo".

ARTIEMI
(Escondendo as mãos) Falta de espírito! Onde já se viu porco enfeitado?

BOBCHINSKI
Porco de banquete eles enfeitam!

AIMOS
(Lendo) "O diretor da escola então, nem te conto. Dá impressão que estão descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outro fedido! E o que é pior, está corrompendo a juventude da- qui. A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família convida-os para a sua casa de solteiro.

GOVERNADOR
Eu hein?!

LUCAS
Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANA
Voce pediu alguma vez a ele?

MARIA
Eu não mãezinha! Deus me livre.

AIMOS
(À parte) Felizmente não tem nada a meu respeito.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.760.

DPF
I CDP
Fls. nº. 710
Rubrica

...

ANA
(Lendo) "O Juiz..."

AIMOS
(À parte) Pronto! (Alto) Meus senhores, acho que agora basta! Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar essa bosta!

LUCAS
Rasgar uma ova!

IVAN
Aqui oh! (Gesto redondo) Continua.

ANA
(Lendo) "O juiz Tiapkin é um "manuvais ton..." (Interrompe) Acho que é uma expressão francêsa.

AIMOS
Só Deus sabe o que quer dizer. Ainda bem que parte de um sujeito desses, sem o menor escrúpulo, sem o menor respeito humano!

ANA
(Lendo) "De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus, meu caro Stanislaw. Acho que vou seguir teu exemplo. Vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que, em tal e tal lugar, existem uns pobres diabos, cujos governadores eles já deviam ter jogado na latrina. Como vês, estou mudando, já não tenho medo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando? O melhor é parar por aqui. Escreva-me para a aldeia de Podkalitovka. Província de Starato

Silêncio total. Está todo mundo arrasado. Madame põe a carta no envelope e devolve ao chefe dos Correios. Por algum tempo fica todo mundo imóvel. Ninguém ousa encarar o outro.

ANA
(arrasada) "Galinha velha". Puxa! Essa carta foi uma facada no meu coração!

MARIA
(Patética) Não ligue pra isso mãezinha!

O Governador de repente explode, esmurra a mesa.

GOVERNADOR
maldito! Tragam esse cão de volta!

IVAN
Trazer de volta pra que, Anton Antonovich? O que está feito está feito

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-761

DPF
DCDP
Fls. nº 711
Rubrica

...

GOVERNADOR
Quero meu tapête persa que aquele desgraçado roubou! (Patético) Ah, que tapête que nada! O que é um tapête comparado a todo o mal que esse bandido me fez? Ele me assassinou, me assassinou! Apunhalou-me pelas costas. E logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos!

MADAME
(Pausa) Quem com ferro fere, com ferro será ferido!

GOVERNADOR
(Em fúria) Saia daqui sua pata choca; Depressa se não quer levar um ponta-pé na bunda!

MADAME
(Pronta para um chilique) Ai!...

GOVERNADOR
E não se atreva a ficar roxa em minha casa! Rua! Rua!

MADAME
(Saindo apavorada) Ai, acho que vou morrer. Vou ficar entrevada o resto da vida!

Desaparece aos berros.

GOVERNADOR
(Espancando-se com os próprios punhos) É bem feito, velho tonto! Bem feito!...

ANA
Mas como é que pode ter acontecido isso, meu Deus? Nós tratamos ele tão bem! com tanta gentileza! E ele se comprometeu com nossa filha.

GOVERNADOR
(Dando uma banana) Aqui, pro compromisso dele. Ele me desgraçou, isso sim! A esta hora, deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo, batendo palma, caçoando de mim. Liberais malditos! Não vão poupar meu cargo, o sacrifício de minha vida inteira! Minha vontade era acabar com essa cambada toda! (Batendo nos peitos e com os pés no chão) Assim, assim, assim! (Pausa) Agora pergunto? Que havia naquele desgraçado que se assemelhase a um Inspetor? Nada, absolutamente nada! E de repente, começou todo mundo a exclamar: "O Inspetor! o Inspetor! o Inspetor" Quem foi o primeiro miserável a espalhar esse boato? Quero saber quem foi?

ARTIEMI
Não sei como isso aconteceu. É como se o demônio nos tivesse cegado a todos!

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 762.

Fls. nº 712

...

AIMOS
Eu sei quem espalhou a notícia. Foram esses dois palhaços.

Aponta Bobchinski e Dobchinski.

DOBCHINSKI
Eu não! Que Deus me castigue!

BOBCHINSKI
Nem eu! Por essa luz que me ilumina!

ARTIEMI
Foram eles sim.

LUCAS
É isso mesmo. Saíram do hotel gritando feito loucos: "O Inspet chegou! O Inspetor chegou!"

GOVERNADOR
É verdade. Foram esses malditos boateiros! Essas malditas comadres!

ARTIEMI
Que o diabo os carregue com o Inspetor e com todas as suas mentiras.

GOVERNADOR
Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo o mundo. Urubus malditos!

AIMOS
Tagarelas imundos!

LUCAS
Intrigantes duma figa!

ARTIEMI
Boateiros de merda!

IVAN
Mulherzinhas tricoteiras!

Todos os cercam.

BOBCHINSKI
Juro que não fui eu! Foi Pietro Ivanovicht.

DOBCHINSKI
Não é verdade. Pietro Ivanovicht, foi o senhor primeiro.

...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 763.

Fls. nº 713
Rubrica

...

BOBCHINSKI
Mentira, Pietro Ivanovicht. O primeiro foi o senhor!

Entra Mishka.

MISHKA
Senhores, o funcionário que acaba de chegar de São Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Ele está no hotel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-769.

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

DCDP 714
Rubrica

Prot. 0673/86/SC

Aos Censores Mauri e Murilo
para examinarem a peça teatral
"O Inspetor geral"

Florianópolis 21/03/86

Elisio Marcelo Finato
Chefe Subst. SCOP/SC
Matr. 1227

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.765.

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

DPF
DCDP
Fls. nº 715
Rubrica

PARECER 05/86

TITULO: O INSPETOR GERAL

CLASSIFICAÇÃO: 16 anos, condicionada ao exame do ensaio geral.

Autor: Nicolai Gogol - Grupo: Armação

Exame de texto

Enredo: Ante a informação de que um inspetor estava a caminho, ou já chegara à província, o governador e seus cúmplices, em pânico, cumularam de atenções um viajante incógnito e perdulário que tirou as maiores vantagens disto. Mais tarde chega o verdadeiro inspetor quando o grupo já estava sem resistência e sem organização para tentar disfarçar a real situação daquela administração.

Mensagem: Em meio à sátira sócio-política, o autor denuncia a hipocrisia, a corrupção, a mesquinhez. Põe a nu muito do comportamento de bastidores da política. Positiva.

Linguagem: simples e coloquial, sem termos ou expressões chulas.

Público alvo: jovens e adultos em geral.

Poder de persuasão: relativamente forte.

Perspectiva censória: A peça já muitas vezes encenada no Brasil e atualmente a classificação é de 16 anos. Não vemos razões, no texto, suficientes para mantê-la. Daí nossa sugestão de reduzí-la para 14 anos, se o ensaio geral assim confirmar.

Conclusão: Em razão do exposto opino pela manutenção da classificação de 16 anos, cuja validade vai até 08/11/89, condicionada porém ao exame do ensaio geral.

Florianópolis, 11 de março de 1986

Elísio Marcelo Finato
CNF, Matr. 1227

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 766.

DPF
SCDP
Fls. nº. 776
Rubrica

PARECER Nº 011/SCDP/SR/SC

TÍTULO: O INSPETOR GERAL

AUTOR: NICOLAI GOGOL

GRUPO TEATRAL: ARMAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

Enredo: A notícia de que um inspetor do governo geral vai visitar a província chega até o governador e rapidamente se espalha. Um aventureiro é confundido com o inspetor e é tratado como tal. Ele é hospedado na casa do governador, visita vários locais da cidade, é apresentado a várias autoridades e conhece a intimidade da província. O governador tenta suborna-lo e ele aceita o suborno como empréstimo e pede dinheiro emprestado a outras pessoas. Ele pede a filha do governador em casamento e sai da cidade dizendo que vai visitar um tio. Uma carta do aventureiro é aberta. Nesta carta o governador e as outras autoridades são ridicularizadas. Neste momento chega o inspetor verdadeiro.

Mensagem Principal: A peça é uma sátira política e ela, através do riso, denuncia a corrupção, a hipocrisia e a injustiça dos governantes e autoridades, que deveriam estar incunbidos de trazer benefícios a seus governados. Eles se utilizam do poder do estado em benefício próprio. Pelo caráter de crítica e denúncia das incongruências a que pode ser submetido o estado a mensagem é positiva:

Mensagem Secundárias: São positivas pois elas reforçam a principal. A corrupção reinante na província faz com que a paixão, o amor, a amizade, a justiça e qualquer tipo de relação humana sucumbam a seus interesses.

Público Alvo: Por ter um caráter crítico e político o público alvo é o adolescente e o adulto.

Linguagem: É simples , direta e de fácil compreenção. São utilizadas expressões vulgares como "filho de uma égua", "fedido",etc, que se adequam e complementam o sentido satírico da peça.

Grau de Persuasão: Embora o texto seja do século passado ele se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-767

DPF
DCDP
Fls. nº. 717
Rubrica

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

Grau de Persuasão: Embora o texto seja do século passado ele se mantém atual e pelo seu caráter político e satírico o seu grau de persuasão é alto.

Perspectiva Censória: A peça em questão deu entrada várias vezes na DCDPsendo que a última classificação etária dada foi de 16 anos mas vale lembrar que o contexto político era outro e isto deve ter influenciado nesta classficação.

Conclusão: Face ao exposto acima opino pela liberação da peça com classificação etária para 14 anos condicionamdo-a ao exame do ensaio geral.

Florianópolis, 17 de Março de 1986.

Mauri Angelo Paludo
Censor Federal
Mat. nº 2566

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p 768.

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

DPF
DCDP
Fls. nº 7/8
Rubrica

PARECER Nº 19/86/SC

TITULO: O INSPETOR GERAL

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

1. Identificação:

Autor: Nicolai Gógol

Gênero: Cômico-Burlesco

2. Conteúdo:

2.1 Enredo: Um vigarista é confundido com um Inspetor Geral do Governo em uma província da Rússia Tzarista, tirando dessa situação diversas vantagens, como dinheiro e a hospedagem na casa do próprio Governador. Depois de conseguir o que queria êle abandona a cidade, sendo posteriormente desmascarado através de uma carta. A peça termina com a chegada do verdadeiro Inspetor Geral.

2.2 Mensagem principal: Positiva. A corrupção ao lado, da sua irmã gêmea, a hipocrisia não soluciona os problemas particulares nem sociais e sim os agrava. A miséria política/social do homem esta arraigada no caráter existencial da visão-de-mundo que o homem traz. Só mudando este homem mudamos o mundo do social.

3. Público alvo: O adolescente e o adulto.

4. Linguagem: Simples e coloquial.

5. Grau de persuasão: Forte, pela leveza com que é tratado um tema tão universal - o caráter corruptível dos governos autoritários.

6. Perspectiva censória: Peça clássica de autor clássico. Gógol escrevendo sobre a corrupção na Rússia Feudal-monarquista Tzarista, na verdade traçou em tom quase épico a desestabilização dos valores sociais nas figuras dos chefes de governo e seus governados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.769

DPF
ICDP
Fls. nº. 719
Rubrica

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

CONTINUAÇÃO DO PARECER 19/86-SC

dos valores sociais nas figuras dos chefes de governo e seus governados.

7. Conclusão: Sendo uma peça clássica da dramaturgia universal, expondo de maneira comedística a miséria da corrupção burocrática trazendo em seu texto uma mensagem humana e positiva na crítica dos valores sociais, somos pela liberação da peça para maiores de 14 anos, sendo que condicionada ao exame do ensaio geral.

Fpólis, 07 de abril de 1986.

Murilo Castelões de Almeida

MURILO CASTELÕES DE ALMEIDA
Censor Federal
Mat. 022.2567

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 770.

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA

DPF
DCDP
Fls. nº. 120
Rubrica

RELATÓRIO 14/86

TITULO: " O INSPETOR GERAL "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 ANOS

DE ACORDO
ENCAMINHE-SE CÓPIA À DCDP
EM 23 maio / 86
CHEFE SR/DPF/SC

Senhor Chefe

Realizamos as 20:30 horas do dia 21 de Maio de 1986 ao exame do ensaio geral da peça: " O Inspetor Geral" de Nicolai Gogol realizada pelo Grupo Armação no auditório do Teatro Alvaro de Carvalho. A duração foi de aproximadamente de 1 hora e 50 minutos.

A peça foi encenada utilizando um cenário ainda provisório, constando de alguns bancos e um baú, o fundo feito de eucatex representava as paredes , com duas portas laterais, para entrada e saída dos atores. Os atores seguiram dentro do esperado as marcações de palco e os figurinos a serem utilizados.

O texto de tom comedístico e sendo um clássico da dramaturgia ocidental, teve um tratamento expressionista puxando para o grotesco e o clima quase surreal da trama. O discurso escolhido pelo grupo foi o da paródia, fazendo um abrasileiramento do tema, tornando-o assim mais leve de fácil assimilação

A classificação dada anteriormente ao texto era para a faixa de maiores de 16 anos, talvez por motivos políticos que na Nova República dialéticamente faz-se imperioso deixar claro, ou seja, o carater corruptível de certos homens que detem o poder. O que antes era visto como uma "falsa denúncia de esquerda virou defesa dos principios da democracia, que hoje vivemos abertamente.

Concluímos, que a peça em questão poderá ser liberada para a faixa etária de maiores de 10 anos, já que sua intensa dramaticidade discursiva talvez não atraia público mais jovem.

Este é o relato.

MAURI ANGELO PALUDO
Censor Federal
Mat. 022.2566

MURILO CASTELÕES DE ALMEIDA
Censor Federal
Mat. 022.2567

Florianópolis, 21 de maio 86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 771

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. nº 721
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 013/86-SCDP/SR/SC VÁLIDO PARA TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

PEÇA O INSPETOR GERAL

ORIGINAL DE Nicolai Gogol

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA

VÁLIDO ATÉ 08 de Novembro de 19 89

Fpolis, ~~Brasília~~, 23 de Maio de 19 86

ELÍSIO MARCELO FINATO
Chefe Substituto SCDP/SR/SC
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 772

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O INSPETOR GERAL

ENSAIO GERAL
EM 21/05/86
p/ Chefe da SCDP/SR/SC

Original de Nicolai Gogol

Tradução de Ferreira Gullar e João das Neves

Adaptação de -

Produção de Grupo Armação

Requerida por Bernadete Sant'Anna

Tendo sido censurada em 21 de Maio de 19 86 e recebido a seguinte classificação: 10 (dez) anos. O presente certificado só terá validade quando acompanhado do "script" devidamente carimbado e rubricado pela SCDP/SC.

OBS: Redução de classificação de 16 para 10 anos em virtude das mudanças sócio-políticas e supressões impostas pela produção da peça.

Fpolis, Brasília, 23 de Maio de 19 86

MAURI ANGELO PALUDO
Censor Federal
Mat. 022.2566

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.773.

TEATRO

DPF
Fls. N.º 422
Rubrica

TÍTULO " O INSPETOR GERAL "

AUTOR DA PEÇA: " NICOLAI GOGOL "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 14 ANOS "

Praça " SCDP/SR/SC "

Obs.:

DF. 10 / JUNHO / DE / 1986

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Arquive-se.
BSB, 13/06/86

José Daulny Cardoso
CF - Matr. 2096417
Chefe da SCTC/SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 774.

08.8.86
17:30

DEP. DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - CMG
- 8 AGO 17 04 000219
ENCAMINHADO À RUBRICA

8880

DCDP

BELO HORIZONTE 2779 40 081515P

DCDP/BSA

NR 073/86 SCDP/SR/MG 080886 PT SOL INFO SIT PEÇAS TEATRAIS ''DESEJO'' VG AUT EUGENE O'NEILL ET ''O INSPETOR GERAL'' VG AUT NICOLAI GOLGOL VG ADAP CARLOS EMILIO GUIMARAES PT

SCDP/SR/MG

INFORMAÇÃO/ARQUIVO/DCDP
EM RELAÇÃO A PEÇA TEATRAL "DESEJO"
NADA CONSTA

Walter de Oliveira
Chefe do Arquivo/DCDP

NNNN
TR POR IP
REC POR??

611461DPFEB BR
311387DPFE BR

Recebi às 9:29
Em 11/08/86
Mat. 6.190.636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.775.

RADIOGRAMA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - DMG

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número..... | Data: 11 AGO | 16 42 GB | 000307

Origem..... | Palavras..... | Hora.....

ENCAMINHADO A
POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SCDP/SR/MG

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 597/DCDP de 11 08 86 RERA NR 073/86-SCDP/SR/MG VG INFO PEÇAS TEATS "O INSPETOR GERAL" LIB DEZ ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA VG "DESEJO" NADA CONSTA PT DCDP

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

Assinatura ou rubrica do expedidor

Raymundo Castilho de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.776.

DEP DE POLICIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - CMS
-4 NOV 16 39 87 000000
ENCAMINHADO A
RUBRICA

50661
DCDP
EEM

DE RIO NR 9866 28 04 1510

DCDP/BSA

RD NR 378/87/SCDP/SR/DPF/RJ 301087 SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL
'' O INSPETOR GERAL '' AUT NICOLAI GOGOL TRADUCAO FERREIRA GULLAR
ET JOAO DAS NEVES PT

SR/RJ

NNNN
T POR GT 1521
REC POR?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p.777.

3

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DEP. DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - DMG

10 NOV

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 15 18 87 000000

ENCAMINHADO A
RUBRICA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 629/DCDP de 10 _ 11 _ 87 ___ RERA NR 378 ET 380 301087 VG NR 387/SCDP RJ 031187 VG INFO PEÇAS TEATS BIPT " O INSPETOR GERAL" LIB DEZ ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA VG "VERDE QUE TE QUERO VER" CLASS LIVRE CERT VAL 260490 PT QUANTO AS DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Vilma. Helena Senra Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.778.

15 DEZ 16 04 87 008336

OFÍCIO Nº 885/87 Em, 10 / 12 /1987

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Aô: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. prot. 3387/87-DPF/NIT

Encaminho a V.Sª. cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral "O INSPETOR GERAL"

de NICOLAI GOGOL -TRAD. FERREIRA GULLAR E JOÃO NEVES

foi requerida por MARIA ELICE CARVALHO RAMOS

Atenciosamente,

MARIA ELIZABETH MIRANDA

CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ

SR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0913, p. 779

ILMº SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Prot. 0338+/81

maria alice carvalho ramos
Requerente

Brasileira, Atriz - professora
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 81132334-4 IFP
Nº e Órgao Expedidor

residente e domiciliado à RUA Pres. DOMICIANO, 171/401 -INGÁ - Niterói

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral
Espécie

abaixo relacionada (s) de autoria de: Nicolai GOGOL com Tradução e ADAPTAÇÃO de Ferreira Gullar e João das Neves
Títulos

"O INSPETOR GERAL"

Nestes Termos,
Pede deferimento.

Niterói
Local e data

maria alice carvalho ramos
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-780.

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Amador Cria Sonhos

CGC: _____

Sede: R. Pres. Domiciano, 171/401. Ingá - Niterói - RJ

CEP: 24210

Diretor ou Responsável: MARIA ALICE CARVALHO RAMOS

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Nicolai Gogol

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data de nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data de nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de Certificado ou do confronto do texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Niterói,

Maria Alice Carvalho Ramos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 781

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Niterói, 22 de outubro de 1987

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça "O Inspetor Geral"

Original de Nicolai Gogol
Tradução de Ferreira Gullar e João das Neves
Próxima apresentação de 19 a 22 de novembro
Teatro da UFF Cidade Niterói
Estado do Rio de Janeiro
A estréia está prevista para 19 de novembro

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

H. Geraldes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.413,p.782.

O INSPETOR GERAL

DE NICOLAI GOGOL

TRADUÇÃO DE
FERREIRA GULLAR E JOÃO DAS NEVES
ADAPTAÇÃO E DIREÇÃO DE
BENEDITO CORSI

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

ANTON ANTONOVICH *(Governador)*	GRACA MELO
AIMOS FIOROVICH *(Juiz do Tribunal)*	PAULO GRACINDO
ARTIEMI FILIPOVICH *(Dir. hospital)*	FRANCISCO DANTAS
LUCAS LUKICH *(Insp.ª das Escolas)*	DENOY DE OLIVEIRA
IVAN KUZMITCH SHEPKIN *(Chefe dos Correios)*	PITUCA
PIETRA IVANOVICHT BOBCHINSKI	LAFAYETTE GALVÃO
PIETRA IVANOVICHT DOBCHINSKI	NESTOR MONTEMAR
MISHKA	ARIEL MIRANDA
ANA ANDREIVNA	DULCINA DE MORAES
MARIA ANDREIVNA	SUELY FRANCO
OSSIP	JOÃO DAS NEVES
IVAN ALEXANDROVICH KLESTAKOV	AGILDO RIBEIRO
CRIADO	ARY FONTOURA
COMERCIANTE	ARY FONTOURA
MULHER	THELMA RESTON
MADAME	THELMA RESTON

Eletricista, ANTONIO CAVALCANTI / Contra-regra, LEONIDAS LARA / Material musical escolhido por GENY MARCONDES / Figurinos, PAULO JOSÉ / Cenários, JOEL DE CARVALHO / Produção, GRUPO OPINIÃO & SEBASTIÃO FRANÇA / Produtor executivo, PICHIN PLÁ / Dir. Geral, BENEDITO CORSI.

3

GRUPO OPINIÃO
COLEÇÃO ESPETÁCULOS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - RJ
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.783

ESPETÁCULOS MONTADOS PELO GRUPO OPINIÃO

OPINIÃO: DE ARMANDO COSTA, ODUVALDO VIANNA FILHO E PAULO PONTES (DIREÇÃO DE AUGUSTO BOAL) ● LIBERDADE LIBERDADE: DE FLÁVIO RANGEL E MILLÔR FERNANDES (DIREÇÃO DE FLÁVIO RANGEL) ● TELECOTECO OPUS 1: DE ODUVALDO VIANNA FILHO E THEREZA ARAGÃO (DIREÇÃO DE ARMANDO COSTA) ● SAMBA PEDE PASSAGEM: DE ARMANDO COSTA E ODUVALDO VIANNA FILHO (DIREÇÃO DE ARMANDO COSTA E JOÃO DAS NEVES) ● SE CORRER O BICHO PEGA SE FICAR O BICHO COME: ARGUMENTO DE ARMANDO COSTA, FERREIRA GULLAR, JOÃO DAS NEVES, ODUVALDO VIANNA Fº, PICHIN PLÁ, PAULO PONTES E THEREZA ARAGÃO. TEXTO DE ODUVALDO VIANNA FILHO E FERREIRA GULLAR (DIREÇÃO DE GIANI RATTO). MÚSICAS DE GENY MARCONDES E DENOY DE OLIVEIRA ● A SAÍDA? ONDE FICA A SAÍDA?: DE ARMANDO COSTA, ANTÔNIO CARLOS FONTOURA E FERREIRA GULLAR (DIREÇÃO DE JOÃO DAS NEVES) ● MEIA VOLTA VOU VER: DE ODUVALDO VIANNA FILHO (DIREÇÃO DE ARMANDO COSTA) ● TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS O GRUPO OPINIÃO APRESENTA "A FINA FLOR DO SAMBA", UM SHOW REALIZADO E DIRIGIDO POR THEREZA ARAGÃO, COM PASSISTAS E COMPOSITORES DE ESCOLAS DE SAMBA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.784

PREFÁCIO DE OTTO MARIA CARPEAUX

O Inspetor geral *é uma peça indestrutível. Já se dizia das obras de Shakespeare que, mesmo quando montadas numa barraca e representadas por amadores, não deixariam de comover o público. Essa afirmação também vale para a comédia de Gogol: como quer que fique montada e representada, ela arrancará ao público as mais gostosas gargalhadas. Embora temendo os superlativos, considero* O Inspetor geral, *ao lado só de* Tartuffe, *como a maior comédia da literatura universal. Ainda hoje, depois de ter lido tantas vêzes a peça e depois de ter assistido a tantas representações dela, não posso pensar em certas cenas, em certos momentos da comédia sem rir, e muito. Explicar, para mim e para vocês espectadores brasileiros, os motivos dêsse riso irresistível é a tentativa, é o propósito das presentes linhas.*

Para tanto vou, primeiro, situar O Inspetor geral *dentro da totalidade da Obra do seu autor. Gogol, súdito do despótico czar Nicolau I, nasceu na Ucrânia. Com novelas e contos meio humorísticos e meio endiabrados, utilizando o pitoresco folclore da sua terra, conquistou o público de Petersburgo. Mas não se sentiu bem e nunca chegou a sentir-se bem na capital do despotismo czarista. Tudo, nessa cidade de militares e burocratas, lhe parecia falso, mera aparência e ilusão. Homem profundamente religioso, Gogol acreditava so-*

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - M/J
Seção de Censura de Diversões Públicas
Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.785.

bretudo no Diabo. Em uma das suas Novelas de Petersburgo, em Nevski Prospekt, manifestou a suspeita de que essa avenida principal da cidade só parecia elegante porque as luzes teriam sido acesas pelo próprio diabo. A realidade era outra. A realidade atrás da grandiosa fachada imperial era a miséria da gente humilde. Revoltado, Gogol escreveu a novela O capote, a história do pobre barnabé explorado e roubado que, depois de morto, percorre como espectro-vingador as ruas noturnas; dessa novela descende tôda a literatura russa de denúncia de um regime abominável de despotismo politico e econômico. A acusação aprofundou-se no grande romance Almas mortas, na história das negociatas do miserável Tchitchikov, comprando e vendendo almas de servos. Quem compra e vende almas é, evidentemente, o diabo: em cuja existência e em cujos muitos disfarces Gogol acreditava. E um dêsses disfarces é o falso inspetor-geral que sabe enganar os pequenos diabos do regime despótico.

Em um dos seus primeiros contos descreve Gogol uma aldeia russa: aldeia miserável, casas lamentáveis e uma mais lamentável Prefeitura, tudo em tôrno da praça cujo centro é um charco de água suja na qual se refletem aquelas casas "como num espêlho de palácio imperial" e parecem mesmo belas nesse espêlho e ufanam-se dessa beleza, e Gogol conclui: "Que charco magnificol" Eis a melhor definição, pelo próprio autor, da magnífica comédia que é o espelho de tôdas as sujeiras e

crimes da Rússiá czarista e que, no entanto, nos faz rir muito.

Quando eu era menino, vi num teatro de variedades um humorista que ganhava a vida, imitando as diferentes "espécies do riso": o riso embaraçado do timido, o riso irônico do orador, o riso malicioso do sedutor, o riso brutal do bêbedo, o riso desesperado do suicida. O grande humorista Gogol dominava tôdas essas espécies do riso; e, mais, o riso do mêdo. Como tantos outros grandes humoristas, era homem fundamente triste. Como o Figaro de Beamuarchais, êle poderia dizer: "Estou rindo de tudo, por mêdo de ficar obrigado a chorar". E o tema de sua comédia seria mesmo para chorar, se não fôsse para rir.

Eis o enrêdo: Klestakov, um jovem perdulário petersburguense, perseguido pelos credores, foge para uma pequena cidade do interior onde ninguém o conhece. Ali não existe imprensa. A tarefa do vespertino muito noticioso e sempre mal informado é desempenhada por dois boateiros que logo espalham a noticia alarmante: o recém-chegado seria o inspetor-geral, viajando incógnito para investigar a administração municipal. O boato assusta os burocratas: o prefeito, o juiz, o curador das instituições de beneficência, o diretor da escola, o chefe da agência do correio. Conforme o regime do czar todos êles são militarizados, fardados, uniformizados e mesmo uniformes: são, todos êles, despóticos, violentos, corruptos. Mas agora têm mêdo. De

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.213,p-786.

tôdas as maneiras bajulam o suposto inspetor-geral. Oferecem-lhe dinheiro, obrigam-no a aceitar "empréstimos", o prefeito lhe oferece a mão da filha e quase também a espôsa — e Klestakov, embora ignorando o motivo de tantas gentilezas, aceita tudo com a maior naturalidade e descreve sua inesperada prosperidade numa carta a um amigo na capital — carta que o chefe da agência do correio abre (como é seu hábito). Estoura tudo. Os iludidos e prejudicados estão com raiva. O prefeito dirige-se a nós, ao público na platéia, gritando: "Por que estais rindo tanto? Ride de vós próprios!" O vigarista Klestakov já fugiu com o dinheiro "emprestado". Na última cena todos formam um estarrecido grupo mudo, quando aparece o verdadeiro inspetor-geral que investigará tudo, punindo os culpados. Agora há no palco chôro e ranger de dentes. Mas na platéia há o riso, o de Gogol e o nosso.

O Inspetor geral foi escrito e representado em 1836. É uma comédia divertidissima e é um quadro terrivel da Rússia de 1836, governada pelo despotismo czarista. Tôda a administração é tirânica e pôdre. O prefeito é um governante imbecil e preguiçoso e, quando lhe parece necessário, violento; o juiz é um executor servil das "sugestões" do ministro; o curador das instituições de beneficência é um aproveitador inescrupuloso; o diretor da escola é individuo obsoleto e inimigo dos estudantes; o chefe da agência do correio é espião e delator profissional. E o guarda de policia bate em

todos e espanca todos para manter e garantir a ordem pública.

Essa "Rússia de 1836" é de terrivel atualidade. Mas essa atualidade não é simplesmente analógica. Històricamente, O Inspetor geral foi uma acusação tremenda contra a ditadura, perdão, contra o czarismo que tiranizava o povo, protegendo a exploração da gente pelos aproveitadores burocráticos e outros. O Inspetor geral é o "pendant" humoristico do conto trágico O capote. Nessas duas obras inspirou-se tôda a literatura russa, oposicionista e revolucionária, do século XIX e depois, até que, enfim, a revolução de 1917 acabou com tudo aquilo. Mas 1836 não é 1917. E temos o direito de perguntar: — como foi possivel em 1836, em pleno regime czarista, a representação de uma peça tão subversiva?

A resposta a essa pergunta também é de forte atualidade. Os contemporâneos, os russos de 1836, ainda tinham pouca consciência politica. Não compreendiam bem a natureza do regime que os fazia sofrer. A gente simples e simplista até estava disposta a apoiar o czar contra qualquer tentativa de subversão da ordem estabelecida. Quando as coisas se tornavam insuportáveis, só se costumava denunciar e acusar a corrupção de órgãos subordinados, essa corrupção que O Inspetor geral expõe ao riso do público. Conhecemos bem essa interpretação moralistica dos defeitos da vida pública. O czar Nicolau I estava satisfeito com

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.787

êsse moralismo que denunciava a corrupão, deixando porém intactos os fundamentos do despotismo: qualqualquer regime despótico gosta dêsse moralismo. Por isso o czar permitiu a representação da peça, que hoje — com nossa conscientização bem mais adiantada — se nos afigura tão subversiva. E por causa dêsse mesmo moralismo primitivo dos dominantes também é hoje em dia, em tôda parte, possível representar a obra, embora já não exista um czar para liberá-la — ou será que ainda existem czares no mundo? A coisa não é para rir. No entanto, assistindo à representação de O Inspetor geral, rimos muito. E quase eu teria esquecido que a explicação dêsse nosso riso é o objetivo das presentes linhas. Pois as coisas não são tão simples assim: O Inspetor geral é uma comédia extraordinária e, a muitos respeitos, estranha.

Em primeira linha, a obra é uma comédia na qual — contra tôdas as convenções teatrais daquela época — não há nenhuma intriga de amor nem sequer um episódio de amor. O próprio Gogol explicou essa particularidade, numa carta: "O mundo mudou muito. Hoje em dia, um cargo bem remunerado ou um negócio lucrativo é mais importante que uma grande paixão amorosa". Por isso, por causa dêsse surpreendente materialismo antecipado de Gogol, não há lugar para o amor em sua peça. E assim como não há o amor em O Inspetor geral, assim tampouco há personagem principal nessa grande comédia.

Como? Klestakov, o falso inspetor-geral, não seria o personagem principal? Ouso responder: — não. Vamos examinar, um pouco, o papel de Klestakov. O jovem é leviano, mas não é mau. Que é o mal que êle faz? Êle aproveita as circunstâncias para criar a melhor impressão possível de sua pessoa, assim como hoje em dia os estadistas e os Klestakov fazem questão de criar uma "imagem" favorável. Mas quem de nós não gosta de fazer o mesmo? O próprio Gogol, comentando o personagem, dizia: "Em cada um de nós há um pouco de Klestakov, também em mim". Por isso elaborou Gogol o papel com muita simpatia. Klestakov é mesmo o vigarista mais simpático da literatura universal (e Thomas Mann confessou ter pensado nêle quando escrevia As confissões do vigarista Felix Krull). Mas por isso mesmo êle não merece ser chamado de personagem principal de uma peça em que não aparece nenhuma, mesmo nenhuma pessoa honesta. Klestakov não é mais honesto nem mais desonesto que os outros, êle é, assim como os outros, um pequeno diabo disfarçado de homem pseudo-importante, assim como todos os muitos diabos que a imaginação de Gogol criou. Olhando mais de perto, percebemos que Klestakov nunca aparece no palco, na peça inteira, como o verdadeiro Klestakov que êle é. Sempre só o vemos em seu papel de falso inspetor-geral. Êsse falso Klestakov, que vemos no palco, foi criado pelo mêdo dos burocratas despóticos e corruptos. É a sombra da má consciência dêles e, na

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0013, p. 188.

verdade, não existe fora da imaginação assustada dos culpados. Mas um personagem ficticio não é personagem principal. E os outros? São vítimas de sua própria desonestidade, inclusive e sobretudo o mais importante dêles, o prefeito. Eu já disse que em O Inspetor geral *não há nenhum homem honesto. Ou antes, não há, nessa comédia, homem nenhum. Não são pessoas com vontade própria. São titeres, são marionetes, que na última cena ficam como paralizados, formando um grupo mudo. Êsse detalhe é muito significativo. Pois um regime como o do czar Nicolau I não tolera pessoas com vontade própria. Prefere mesmo titeres. Mas quem é, então, o personagem principal da peça? Para responder, lembro as palavras finais que o prefeito lança ao público na platéia: "Por que estais rindo tanto? Ride de vós próprios!" Naturalmente, o iludido não tem razão. Ao contrário. Os personagens principais de* O Inspetor geral *somos nós próprios, na platéia, rindo-nos dos personagens no palco que representam o regime condenado. Porque nós outros não fomos iludidos pelo falso inspetor-geral. Somos mais inteligentes que o governador da cidade e seus auxiliares. Não caimos no lôgro. Não chamaremos de inspetor-geral um vigarista nem chamaremos de redentor da moral pública e de Salvador da Pátria um titere e quando a farsa estourar e quando no palco houver chôro e ranger de dentes, vamos rir, e muito.*

PRIMEIRO ATO

NUMA SALA DA CASA DO GOVERNADOR

GOVERNADOR
Meus senhores, chamei-os para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

AIMOS
O quê?!

ARTIEMI
Um inspetor?

GOVERNADOR
Exatamente. Um inspetor, que viaja incógnito. E o que é pior, em missão secreta.

AIMOS
Santo Deus!

ARTIEMI
Não faltava mais nada!

GOVERNADOR
Tive um pressentimento esta noite. Sonhei com dois enormes ratos, que surgiram assim, negros, fantásticos, farejavam, e depois iam embora... Ouçam a carta que recebi de Petersburgo: "Querido amigo e compadre.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 789.

(Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa). Ah, aqui está. "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar tôda a província e, em especial, êsse Distrito. *(Ergue o dedo num gesto significativo)*. Obtive essa informação de fonte fidedigna, muito embora a viagem dêsse inspetor tenha caráter sigiloso". Bem, aqui vêm coisas sem importância. Tá, tá, tá... Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seu pecadilhos" aconselho-te a tomar tôdas as precauções possíveis, pois êsse funcionário pode chegar a qualquer momento se é que já não está aí sem que ninguém saiba. Ontem eu... Daqui pra frente são assuntos de família. "Minha irmã Ana estêve aqui outro dia com a bêsta do marido. Ivan Kirilovitch está um porco de gordo mas insiste em tocar violino. Etc., etc.". Bem, senhores, esta é a situação.

AIMOS
De fato é alarmante.

LUCAS
Mas qual será a razão disso? O que vem fazer aqui um inspetor?

GOVERNADOR
É o destino... Até hoje, por sorte nossa, essa gente só metia o nariz nos outros Distritos. Chegou a nossa vez.

AIMOS

Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que a Rússia está querendo a guerra e o Ministério manda um funcionário para verificar se há por aqui algum traidor.

GOVERNADOR
Que traidor nada! Que faria um traidor numa aldeia como a nossa, longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que diga uma tolice dessas.

AIMOS
Posso garantir, senhor Governador, que debaixo dêsse angu tem carne. O Ministério é muito precavido, nada lhe escapa...

GOVERNADOR
Que tem que escapar somos nós! Os senhores estão avisados. De minha parte, já tomei algumas providências, e os aconselho a fazer o mesmo. Sobretudo você, Artiemi-Filipovitch. O hospital é o primeiro lugar que o inspetor vai querer visitar. Não custa nada torná-lo um pouco mais decente. Fornecer roupa limpa aos doentes para que não se apresentem iguais a limpadores de chaminés, como de hábito.

ARTIEMI
Bem, isso é fácil. Mando por uma touca limpa na cabeça de cada um dêles, e prônto.

GOVERNADOR
Ótimo. Mas além disso deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha — escrita em latim ou outra língua difícil, — com o nome da doença, a data de entrada do paciente, etc. E era preferível que houvesse menos doentes lá. Dá muito má impressão ver tantos doentes num hospital. O melhor seria dispensar alguns.

ARTIEMI
Quanto a isso, penso da mesma forma. O dr. Cristiano também. Pra que tanto remédio caro? O certo é confiar na natureza. O homem quando tem de morrer, morre mesmo. E quando tem de ficar bom, fica.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.043,p.790

GOVERNADOR
Ao senhor Juiz, aconselharia dar mais atenção ao Tribunal. Na sala de espera, os contínuos agora criam gansos, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Não há dúvida que a avicultura é digna de todos os elogios. E por que se havia de proibir os contínuos de criar gansos? Podem criá-los. Mas não na sala de espera do Tribunal.

AIMOS
Darei, ordem, hoje mesmo, para que levem os gansos para a cozinha. Venha jantar conosco.

GOVERNADOR
E outra coisa. O senhor há de convir que não fica bem se pendurarem roupas para secar em plena sala de audiências. E que a mesa de um Juiz não é lugar para se atulhar de equipamentos de caça. É compreensível que o senhor goste tanto de caçar. Mas não é necessário que durante os julgamentos o senhor use chicote e esporas. Pelo menos até que o inspetor se vá. Quanto ao seu secretário, me desculpe, mas êle cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade, como diz, que o cheiro é de nascença, ainda assim não se justifica. Êle que coma alho... cebola... sei lá o quê.

AIMOS
Êle diz que caiu do colo da ama, quando era bebê, e desde então ficou com aquêle cheiro forte de vodka.

GOVERNADOR
Bem, falei isso por falar. E quanto ao que André Ivanovicht chama, em sua carta, de "pecadilho", nada posso dizer. Afinal de contas, existirá alguém no mundo que não tenha pecados? O homem é como Deus o fêz, e contra isso de nada adianta vociferar como fazem os moralistas.

AIMOS
Claro. Eu por exemplo digo abertamente que recebo propinas que sou subornável. Mas que espécie de propinas? Aí é que está... Cães perdigueiros. A diferença é enorme.

GOVERNADOR
Cães perdigueiros ou não, tudo é subôrno.

AIMOS
O senhor acha mesmo?!

GOVERNADOR
Acho. Quanto ao senhor Lucas, como diretor da escola, seria bom que se preocupasse um pouco mais com professôres. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito. Mas êles têm hábitos muito esquisitos. Um dêles, por exemplo — um grandalhão — tôda a vez que começa a aula, faz uma careta assim (*imita.*) Claro que se a careta é feita só diante dos alunos, não há nada de mais. Talvez até seja necessário. Mas diante de um visitante ilustre, dará um bode danado. O inspetor, por exemplo, pode pensar que a careta é pra êle e então será um desastre.

LUCAS
Estou cansado de dizer a êle que não faça caretas. Êle faz! Ainda outro dia, o padre visitava a escola e êle fêz a tal careta. O padre me passou um sermão, porque permito que se implante na juventude idéias subversivas.

GOVERNADOR
A mesma coisa devo dizer em relação ao professor de história. É um sábio — está certo — sabe muito. Mas se expressa com tal veemência que esquece do resto. Outro dia, eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - D.F.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-791

e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre o Grande, o que se passou é impossível de descrever. O homem tomou-se de fúria e lançou uma cadeira contra a parede por cima da cabeça dos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas por que quebrar as cadeiras? Isso só dá prejuízo ao Estado.

LUCAS
É, êle se empolga demais com certos vultos históricos.

GOVERNADOR
Assim é a insondável lei do Destino: o homem inteligente ou acaba bêbado ou acaba doido.

Entra chefe dos correios

IVAN
Que aconteceu? Que funcionário é êsse que vai chegar aí?

GOVERNADOR
O senhor ainda não sabe de nada?

IVAN
Pietra Ivanovicht passou pelos Correios e me contou.

GOVERNADOR
Qual dos dois Pietra Ivanovicht? Pietra Ivanovicht Bobchinski ou Pietra Ivanovicht Dobchinski?

IVAN
Bobchinski.

GOVERNADOR
E qual a sua opinião a respeito?

IVAN
Garanto que vamos entrar em guerra com os turcos. E tudo por intriga dos franceses.

GOVERNADOR
Guerra com os turcos, coisa nenhuma. Nós é que vamos nos danar, não os turcos. Mas diga lá, Ivan Kuzmitch. Como vão as coisas pro seu lado, hem?

IVAN
Mas o que interessa isso agora? E pro seu lado, senhor Governador, como é que vão?

GOVERNADOR
Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de mêdo, não nego. Minha preocupação é com os comerciantes. Vivem dizendo que os roubo. Eu não roubo, eu confisco. Deus sabe que quando determino o seqüestro de mercadorias de algum dêles, faço isso sem a menor maldade. *(Leva-o para um canto, pelo braço)* Tenho a impressão que... Será que houve alguma denúncia contra mim? É esquisito mandarem um inspetor pra êste fim de mundo, não acha? Ouça, meu caro Ivan, será que você poderia — para o bem de todos dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam ao Correio? Assim, pra ver se há alguma coisa, uma denúnciazinha qualquer... Se não houver nada, fecha-se a carta, ou se deixa mesmo aberta. Há cartas que vêm abertas.

IVAN
Não pense em me dar lições neste assunto, senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro. Por simples curiosidade. Gosto de estar a par do que se passa pelo mundo. E essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - D.F.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS:CPR.TEA.PTE.0413,p.792

GOVERNADOR
Tem tôda razão. Mas me diga então: não leu nada sôbre o tal inspetor?

IVAN
Não. Embora tenha lido muito últimamente — em épocas de festas escreve-se muito, o senhor sabe — estou certo de que sôbre o tal inspetor não li nada.

GOVERNADOR
Então me faça um favor. Se por acaso cair em suas mãos alguma queixazinha ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplação, tá?

IVAN
Com todo prazer.

AIMOS
Cuidado que isso pode dar um bôlo danado.

GOVERNADOR
Não sei por que. Ninguém vai rasgar a carta em público.

IVAN
Claro. E além do mais, isso vai ficar só entre nós. Ou não vai?

AIMOS
Mesmo assim, êsse negócio não me cheira nada bem.

GOVERNADOR
Vê se vai agourar no inferno, infeliz. Diabo! Êsse maldito inspetor incógnito não me sai da cabeça. Estou, sempre esperando que a qualquer momento a porta se abra e...

Entram Bobchinski e Dobchinski, ofegantes

BOBCHINSKI
Uma notícia espantosa.

DOBCHINSKI
Uma novidade extraordinária.

TODOS
Que foi?

GOVERNADOR
Que aconteceu?

DOBCHINSKI
Uma coisa inesperada. Estamos chegando do hotel...

BOBCHINSKI
Chegando do hotel, Pietra Ivanovicht e eu.

DOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht, deixe que eu conte, tudo.

BOBCHINSKI
Ah, não, Pietra Ivanovicht, permita que eu conte.

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, o senhor vai se confundir e acaba esquecendo algum detalhe importante.

BOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, eu vou me lembrar de tudo. Me deixe contar e não me atrapalhe.

DOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R/J.

BR DFANBSB.N9.CPR.TEA.PTE.0413, p.793

BOBCHINSKI
Senhores, digam a Pietra Ivanovicht que fique quieto e me deixe contar tudo.

GOVERNADOR
Mas, pelos Demônios, falem de uma vez! O que houve? Sente-se Pietra Ivanovicht, sente-se. E o senhor, também, Pietra Ivanovicht, sente-se aqui. *(sentam-se todos)*. Bem, afinal o que foi que aconteceu?

BOBCHINSKI
Por favor, Pietra Ivanovicht, por favor. Vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui, depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente... Por favor, Pietra Ivanovicht, não me interrompa. Eu sei todos os detalhes, todos. Portanto, faça a fineza de me deixar contar. Bem. Fui correndo à casa de Koróbin. E como não encontrasse Koróbin em casa fui procurar Ivan Kuzmitch, aqui presente, para lhe transmitir as notícias que o senhor acabava de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei-me por acaso com Pietra Ivanovicht.

DOBCHINSKI
(Interrompendo) Perto do quiósque onde se vende pastéis.

BOBCHINSKI
Perto do quiósque onde se vende pastéis. Aí eu perguntei: já soube da notícia que o senhor Governador recebeu de fonte fidedigna? Pietra Ivanovicht já sabia.

DOBCHINSKI
Por intermédio da criada.

BOBCHINSKI
Por intermédio da criada, que, não se sabe bem por

que, tinha ido à casa de Felipe Antonóvicht Potchetchniev.

DOBCHINSKI
Foi buscar um barrilzinho de vodka francêsa.

BOBCHINSKI
Foi buscar um barrilzinho de vodka.

DOBCHINSKI
Francêsa, Pietra Ivanovicht, desculpe.

BOBCHINSKI
Francêsa. Desculpe, Pietra Ivanovicht. Então fui com Pietra Ivanovicht à casa de Potchetchniev. Não, não, Pietra Ivanovicht, não me interrompa. Fomos à casa de Potchetchniev, mas no caminho Pietra Ivanovicht me disse: Vamos entrar um instante no hotel, Pietra Ivanovicht, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse: Então vamos, Pietra Ivanovicht, e entramos. E mal tínhamos entrado, quando, de repente, um rapaz, um jovem...

DOBCHINSKI
De boa aparência, à paisana...

BOBCHINSKI
De boa aparência, à paisana, começou a passear pela sala, com um ar preocupado, fisionomia carregada. Uma cara de gente que sabe de tudo. Tive logo um pressentimento e disse a Pietra Ivanovicht: "Aqui há dente de coelho".

DOBCHINSKI
Aí eu chamei o dono do hotel com o dedo.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.794.

BOBCHINSKI
Aí Pietra Ivanovicht chamou o dono do hotel... assim, com o dedo...

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, foi com êste dedo, o esquerdo.

BOBCHINSKI
Pois é. Chamou o dono do hotel com aquêle dedo... perguntou no ouvido dêle: "Quem é aquêle môço?" Aí êle respondeu: "Aquêle?"... "Sim. Aquêle". Por favor Pietra Ivanovicht, deixe que eu conte até o fim. O senhor está com uma falha de dente, e quando fala assobia. Sabe muito bem que não ia poder contar direito. "Aquêle?" — "Sim, aquêle". — "Um funcionário que chegou de São Petersburgo?" Pois é. E ainda tornei a perguntar: "De São Petersburgo?" E êle tornou a confirmar. — "E o nome dêle?" — "Ivan Alexandrovicht", respondeu. "Viaja a caminho de Saratov". Pois é. E disse que êle age de forma muito estranha. Que há duas semanas está aqui, e ainda não saiu do hotel uma só vez. Manda pôr tudo na conta e até hoje não pagou um centavo. Assim que ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse a Pietra Ivanovicht: "Hum".

DOBCHINSKI
Não, Pietra Ivanovicht, quem disse "Hum" fui eu.

BOBCHINSKI
Eu sei. O senhor disse primeiro. Mas imediatamente eu disse também. "Hum", dissemos eu e Pietra Ivanovicht.

DOBCHINSKI
Êle, um pouquinho depois de mim.

BOBCHINSKI
Está certo, Pietra Ivanovicht, eu já confessei que o primeiro a dizer "Hum" foi o senhor. E, ao dizer "Hum" — acrescentei imediatamente: "Mas, se seu destino é Saratov... por que então êle ficou aqui?" E a conclusão foi clara como água: só pode ser o tal funcionário.

GOVERNADOR
Que funcionário?

BOBCHINSKI
O Inspetor Geral.

GOVERNADOR
Aí meu Deus, tende piedade de nós. Em que quarto êle está hospedado?

DOBCHINSKI
No número cinco. Junto à escada.

BOBCHINSKI
O mesmo quarto onde aquêle oficial brigou com o outro no ano passado.

GOVERNADOR
Há quanto tempo êle está aqui?

DOBCHINSKI
Duas semanas. Chegou no dia de São Basílio.

GOVERNADOR
Misericórdia. Nestas duas semanas espancamos a viúva do subtenente, não demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 795.

ARTIEMI
Não seria bom irmos todos solenemente ao hotel, em comitiva?

AIMOS
De maneira alguma. Acho que devia ir só um pequeno grupo, encabeçado pelos comerciantes e pelo clero.

GOVERNADOR
Não, não. Essa não é a primeira vez que me vejo em apuros e sempre me saí bem. Deus há de me ajudar ainda desta vez. O senhor disse que o homem é jovem?

BOBCHINSKI
Jovem.

GOVERNADOR
Ótimo. É mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa por vosso lado. Vou sòzinho até lá com Pietra Ivanovicht. É o melhor. Chego assim como quem não quer nada, como quem está preocupado apenas em verificar se os visitantes da cidade estão sendo bem tratados no hotel... Mishka!...

ARTIEMI
É bom a gente se apressar, antes que aconteça alguma desgraça.

AIMOS
Do que o senhor tem mêdo? Basta botar uma touca limpa em cada doente e tudo estará bem pro seu lado.

ARTIEMI
É o que o senhor pensa. Há mais de um mês que os doentes só tomam sopa de aveia. Por todo canto do hospital é um cheiro de repôlho que não há quem

suporte.

AIMOS
Eu, até certo ponto, estou tranqüilo. Quem se atreveria a mexer com um tribunal de província? Ficaria arrependido pro resto da vida. Sou juiz a quinze anos e até hoje, quando é necessário dar uma olhada em algum processo, prefiro desistir. Nem o rei Salomão seria capaz de descobrir, aqui, onde começa a verdade e onde acaba a mentira.

GOVERNADOR
Mishka!...

Saem Aimos, Artiemi — Lucas e Ivan. Entra o soldado Mishka.

GOVERNADOR
O carro está pronto?

MISHKA
Sim, senhor.

GOVERNADOR
Vai correndo ao meu quarto e traz meu chapéu nôvo e minha espada. Vamos, Pietra Ivanovicht. A caminho.

BOBCHINSKI
E eu? Posso ir também?

GOVERNADOR
Não, não, Pietra Ivanovicht, é impossível. O homem vai ficar assustado de chegarmos lá em cómitiva. Além disso o carro não cabe.

BOBCHINSKI
Não se preocupe, Excelência. Vou correndo atrás como um cachorrinho. E nem entro. Só dou uma espiadinha.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.796.

Mishka volta com a espada e o chapéu.

GOVERNADOR
(Recebendo a espada.) Vai, corre e reúne os guardas. Oh, mas vejam como está esta espada! Êsses malditos comerciantes estão fartos de saber que o Governador está usando uma espada velha e torta, e são incapazes de mandar uma nova. Sovinas! E aposto que a esta hora cada um dêles já está com uma denunciazinha pronta contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva ao hotel. E toma cuidado, hem! Vê se pára de roubar talheres de prata por aí. Não pensa que me engana. O que você fêz com o comerciante Tchernaiev não se faz. Êle lhe deu alguns metros de fazenda para uma farda e você lhe roubou a peça tôda, seu desgraçado. Obedeça a hierarquia. Não pense obter vantagens acima de sua patente. Entendido?

MISHKA
Sim, senhor!

GOVERNADOR
E Derzhimorda, onde anda?

MISHKA
Foi apagar um incêndio.

GOVERNADOR
E Prokhorov, bêbado de nôvo?

MISHKA
Completamente.

GOVERNADOR
E você permite isso?

MISHKA
Que posso fazer? Houve uma briga fora da cidade. Prokhorov foi restabelecer a ordem. Voltou de porre.

GOVERNADOR
Pois então ouça o que deve fazer. Mande o Sargento Pugovitzin ficar bem no meio da ponte. Êle é bastante alto. Vai causar ótima impressão. Mande derrubar a cêrca velha da casa do sapateiro e ponham lá algumas vigas, pedras, sei lá o que mais, pra dar impressão de que está em obras. Quando há demolições na cidade, é prova de que o Govêrno está trabalhando. E outra coisa. Se o Inspetor perguntar aos funcionários públicos se estão contentes, todos deverão responder "Contentíssimos, excelência". Quem não estiver contente vai ter razões de sobras pra ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador.

Em lugar do chapéu, pega a caixa de papelão.

GOVERNADOR
A caminho, Pedro Ivanovicht.

Põe a caixa na cabeça.

MISHKA
Senhor Governador, isso não é chapéu. É uma caixa.

GOVERNADOR
Caixa? Merda! Ah, se perguntarem por que não reconstruímos a capela do hospital com a subvenção que recebemos — já faz cinco anos isso! — digam que começamos a construção mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos, Pietra Ivanovicht. *(Vai sain-*

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
União de Polícia Federal no E.U.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-797

do, volta-se). Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

Todos saem.

Entram Ana e Maria.

ANA
Onde é que êles estão? Marido... Antocha... *(Falando com rapidez).* Você é que é a culpada de tudo. "Um alfinête, um lencinho". Não acaba nunca de se arrumar. *(Vai à janela).* Antocha!... Onde é que você vai? O quê? Já chegou? Inspetor? Que Inspetor? Tem bigodes? Como, que bigodes?! Mais tarde, mais tarde! Quero saber é agora. Responde sim ou não: êle é coronel? Como é? *(Com raiva).* Foi embora, o bandido! Essa êle me paga! E a culpada de tudo é você. "Mãezinha. Espera, mãezinha. Preciso ajeitar o cabelo". Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o chefe dos Correios tinha chegado, pra ir logo correndo se grudar no espelho. Está crente que êle corre atrás de você, não é? Pois basta virar as costas, que êle te faz caretas.

MARIA
Que se há de fazer, mãezinha? De qualquer forma, dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo.

ANA
Duas horas?! Ah, muito obrigada. Só me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor. *(À janela).* Eh, Avdotia! Sabe se chegou alguém? Não? Estúpida. Sim, o governador te acenou, e daí? Você bem que podia ter perguntado, não é, sua burra? Não tem nada na cabeça, a não ser um... Que falta de curiosidade, meu Deus! Como é? Foram com pressa? E por que não correu atrás, sua bêsta?

Vai atrás dêles, idiota. Pergunta que inspetor é êsse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos êle tem, se são ou não são prêtos, e volta correndo pra me contar. Agora vai, vai. Anda. Correndo, sua burra!

HOTEL

OSSIP
(Estira-se na cama.) Ai, que fome! Minha barriga parece um trombone. Se a coisa continua assim, jamais voltaremos para Petersburgo. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão. *(Imita).* "Ossip, procura o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira! Se ainda fôsse um alto funcionário, vá lá. Mas um escriturariozinho de merda! Já empenhou quase tôda a roupa por causa do maldito vício de jôgo. E o pouco dinheiro que o pai lhe manda, gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem! Ai, meu Deus, que fome! E o pior é que o hoteleiro não dá mais comida pra gente, enquanto não se pagar a conta. Ai, como ronca esta maldita! *(Ouve barulho fora).* Deve ser êle!

Levanta-se rápido da cama. Entra Klestakov.

KLESTAKOV
Toma. *(Dá-lhe chapéu e bengala.)* Você tornou a se espojar na minha cama, não é?

OSSIP
E pra que havia de me espojar? Pensa que nunca vi uma cama na vida?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p-798.

KLESTAKOV
Se espojou, sim. Olha só como está.

OSSIP
E eu preciso de sua cama? Tenho pernas, posso ficar de pé.

KLESTAKOV
Ainda tem fumo?

OSSIP
Fumo!... Fumou o resto que tinha há mais de três dias!...

KLESTAKOV
Merda! *(Decidido)*. Escuta, Ossip. Vai lá.

OSSIP
Lá onde?

KLESTAKOV
(Menos decidido, quase suplicando.) Lá embaixo na cozinha. Diz que eu preciso almoçar.

OSSIP
Não vou, nada.

KLESTAKOV
Como se atreve a me responder assim, cretino?

OSSIP
E por que não havia de me atrever? E depois não ia adiantar. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.

KLESTAKOV
Como não vai?! Que absurdo é êsse?!

OSSIP
Tem mais. Disse que vai nos denunciar ao governador. "Você e seu patrão são dois vigaristas! Há duas semanas que estão aqui e até agora nenhum tostão!"

KLESTAKOV
E você acha muito engraçado repetir isso, sua bêsta?

OSSIP
Acho. Principalmente o que êle disse depois. "Vou agora mesmo fazer a denúncia, pra que o sacana de seu patrão vá logo pra cadeia".

KLESTAKOV
Cala a bôca, idiota! Faz logo o que estou mandando.

OSSIP
Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com êle.

KLESTAKOV
Não quero falar com êsse idiota. Vai lá e fala você.

OSSIP
Não. Eu digo pra êle vir cá e o senhor fala.

KLESTAKOV
Vai pro diabo que te carregue! Chama logo aquela bêsta!

OSSIP
(Saindo.) É melhor, mesmo!

Ossip sai.

KLESTAKOV
(Sòzinho.) Ai, que fome! Dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda! Aquêle desgraçado ca-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.799

pitão-de-Infantaria me roubou sem piedade no jôgo! Como produzia azes o maldito! Em meia hora me deixou de tanga! Cidadezinha miserável! Nem vender fiado êles querem, êsses reacionários!

Entram Ossip e o criado do hotel.

CRIADO
O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja.

KLESTAKOV
Ó, meu camaradinha, como é que você está passando?

CRIADO
Graças a Deus, bem.

KLESTAKOV
Que ótimo! E... e o hotel, como vai? Tudo certinho?

CRIADO
Tudo em ordem, graças a Deus.

KLESTAKOV
Muitos hóspedes?

CRIADO
Bastante.

KLESTAKOV
Graças a Deus! Olha, meu querido, sabe que até agora ainda não me trouxeram o almôço? Mas não tem problema, não! Vai ver que se esqueceram, coitados! Isso é humano. Quer falar pra êles mandarem bem depressa? É que eu tenho muito o que fazer depois do almôço, .compreende?

CRIADO
O patrão disse que aqui o senhor não come mais.

KLESTAKOV
(Ri forçado.) Mas que absurdo! Êle pensa que é o que? Se não como, emagreço. E se continuo emagrecendo, posso até morrer, não é mesmo? Agora falando sério: diga a êle que estou com fome, viu?

CRIADO
Êle disse que enquanto o senhor não pagar, nada feito.

KLESTAKOV
Mas você que é muito mais inteligente do que êle, tem que fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.

CRIADO
E de que jeito?

KLESTAKOV
Diga a êle que fome é uma coisa, dinheiro é outra. Ou êle pensa que todo mundo é camponês como êle, que se acostumou a não comer? Você que é inteligente, tem que pôr isso na cabeça dêle!

CRIADO
Bem. Vou falar com êle.

KLESTAKOV
Isso. Fale mesmo, viu? *(Saem só dois criados. — Sòzinho.)* Se essa toupeira não me trouxer comida, não sei o que vai ser. Ai, meu Deus, nunca tive tanta fome! Talvez fôsse melhor vender mais alguma roupa. As calças, por exemplo. Não, não, de forma alguma. Prefiro passar fome mas chegar em casa vestido. Diabo de barriga pra roncar! Parece que

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal do M.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.800

tem uma orquestra inteira aqui dentro! *(Com uma reverência, elegantemente).* "Por favor, senhorita: quer dar-me a honra de uma contra-dança antes da ceia?" *(Cantarola e dança).* Diabo! A fome é tanta que chego a ficar tonto. *(Geme. — Entram Ossip e criado.)* E então?

OSSIP
O almôço já vem.

KLESTAKOV
O almôço! O almôço... O almôço!

CRIADO
(Arrumando a mesa.) Meu patrão mandou dizer que é a última vez.

KLESTAKOV
Teu patrão! Teu patrão! Teu patrão que se dane! O que é que você trouxe?

CRIADO
Sopa e carne cozida. Quer dizer, a carne da sopa.

KLESTAKOV
Já ouvi. Só dois pratos?

CRIADO
E olhe lá!

KLESTAKOV
Não quero. Só isso, me recuso a aceitar. Vai dizer a teu patrão que é muito pouco.

CRIADO
Êle acha que é até demais.

KLESTAKOV
Desgraçado! E a sobremesa? Não veio por que?

CRIADO
Porque não tem.

KLESTAKOV
"Aqui" que não tem. Eu vi quando estavam fazendo. E vi também dois sujeitos baixinhos comendo salmão esta manhã.

CRIADO
Bem, essas comidas existem e não existem.

KLESTAKOV
Como não existem? E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO
Meu patrão disse que isso é só pra pessoas decentes.

KLESTAKOV
Atrevido!

CRIADO
Sim, senhor.

KLESTAKOV
Cavalgadura!

CRIADO
Pois não.

KLESTAKOV
Diabético.

CRIADO
Eh, xingamento, não!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE 0413, p. 801

KLESTAKOV
Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO
Não, senhor!

KLESTAKOV
Ah, não! Que tem êles a mais do que eu?

CRIADO
Dinheiro.

KLESTAKOV
Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como você. *(Comendo)*. Que sopa é essa? Não tem gôsto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa. Me traz outra.

CRIADO
O patrão disse bem claro: "Se êle quiser é essa. Se não, traz de volta e que vá pro diabo".

Faz pra levar de volta.

KLESTAKOV
(Defendendo a sopa.) Que é isso?! Já está aqui deixa ficar. E não fale mais nesse tom comigo, ouviu! Eu sou uma pessoa especial! *(Come)*. Deus do céu, que porcaria! *(Continua comendo)*. Olha só! Em vez de boiar gordura, bóia pena de galinha! Escuta: esta penosa morreu do que, hem? Me dá a carne. Vai tomando o que sobrou, Ossip. *(Corta a carne)*. Que coisa é esta?

CRIADO
Carne.

KLESTAKOV
Carne é o cacête. É um paralelepípedo! Cambada de safados! Isso é coisa que se dê a gente honesta! Não se pode nem morder que dói o queixo. *(Palita os dentes com os dedos)*. Bandidos! Parece que comi madeira! Não sai dos dentes olha aí! Não tem mais nada?

CRIADO
Nada.

KLESTAKOV
Bando de larápios! Só sabem arrancar a pele dos hóspedes. Fora daqui. *(Saem criado e Ossip levando as coisas. Sòzinho)*. Tenho impressão que não comi nada! Só serviu pra abrir ainda mais o apetite!

OSSIP
(Entrando.) Não sei pra que; mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo senhor.

KLESTAKOV
O bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é que êle quer comigo? O que é que êle pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! "Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?..."

Entram Governador e Dobchinski, e estacam. Klestakov empalidece. Governador e Klestakov ficam olhando-se estatelados.

GOVERNADOR
(Perfilando-se.) Minha saudações e meus respeitos.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.802

KLESTAKOV
Um vosso servidor.

GOVERNADOR
Queira perdoar.

KLESTAKOV
Não há de que.

GOVERNADOR
Meu dever como Governador desta cidade, é zelar pelo bem-estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.

KLESTAKOV
(Começa gaguejando.) Bem... e o que é que o senhor quer que eu faça? A culpa não é minha. É claro que eu vou pagar. *(Bobchinski aparece).* A culpa é tôda dêle. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, o que êle põe dentro, ninguém jamais vai descobrir o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que êle jurou me matar de fome. E o chá, então, tem gôsto de peixe. Por que havia eu então de... ora, essa é muito boa!

GOVERNADOR
(Intimidade.) O senhor vai me desculpar, mas na verdade a culpa também não é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira. Os açougueiros daqui não tocam em bebida. É gente sóbria de moral ilibada. Francamente, não sei onde o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que êle serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredite que ignoro inteiramente. Só lhe peço que me permita convidá-lo a se mudar para outro local e quanto antes.

KLESTAKOV
Não, não quero! Sei muito bem que local é êsse. É a cadeia, pensa que não sei? Com que direito me propõe uma coisa dessas? Sou um alto funcionário de São Petersburgo, fique o senhor sabendo. Eu... eu...

GOVERNADOR
Nossa, como está irritado! Já sabe de tudo! Êsses malditos comerciantes já me denunciaram.

KLESTAKOV
(Tornando-se valente.) Mesmo que venha com o exército inteiro, daqui ninguém me tira. Vou me queixar ao Ministro! *(Com sôcos na mesa).* Como é que o senhor se atreve? Como é que o senhor se atreve?!

GOVERNADOR
(Tremendo.) Tenha piedade! Não me desgrace. Tenho mulher e filhos pequenos!

KLESTAKOV
E daí? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos, eu tenho que ir pra cadeia? *(Bobchinski aparece).* Não. Muito obrigado, mas não quero.

GOVERNADOR
(Trêmulo.) Tudo isso aconteceu por pura inexperiência. Juro que foi só por isso! Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o govêrno paga não dá nem pro leite. Se houve subôrno, foi por uma ninharia! Alguma coisinha pra forrar o estômago... Um cortezinho de fazenda pra não se andar pelado, por aí. E quanto a êsses boatos de que eu mandei espancar a viúva de subtenente porque ela faz contrabando, juro que é uma calúnia. Pura manobra dêsses corruptos que querem me tirar do Govêrno.

KLESTAKOV
E eu com isso? Se mandou surrar a viúva, o problema é dela. Só sei que a mim o senhor não vai surrar de

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p-803

forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo. Mas quando tiver dinheiro. O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca, por que? É que no momento estou desprevenido. Só por isso.

GOVERNADOR
(À parte.) Meu Deus, como é esperto! A gente fica sem saber por onde começar. De qualquer forma tenho que tentar. *(Em voz alta)*. Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar em tudo aquêles que nos visitam.

KLESTAKOV
É?! Necessito, sim. E se estiver mesmo disposto a me emprestar algum dinheiro, pago a conta agora mesmo. Não preciso de muito. Uns duzentos rublos apenas.

GOVERNADOR
(Dando-lhe o dinheiro.) Duzentos certinhos. Não precisa nem contar.

KLESTAKOV
Ótimo. Assim que voltar pra casa, mando reembolsá-lo.

GOVERNADOR
(À parte.) Menos mal! É subornável! A coisa agora vai melhorar. Em vez de duzentos rublos, dei-lhe quatrocentos.

KLESTAKOV
(Chamado.) Ossip! *(Entra Ossip)*. Chama o serviçal. *(Ossip sai.)* Mas por favor, sentem-se, sentem-se.

GOVERNADOR
(Emocionado.) Não se preocupe. Estamos bem, de pé.

KLESTAKOV
Sei. Mas sentados estarão melhor ainda. Por favor, sim? Felizmente pude constatar a tempo a sinceridade de seus propósitos... a largueza de seu caráter... E pensar que o senhor tinha vindo aqui só pra me levar pra... Querem fazer o favor de sentar?!

Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
(À parte.) Quer continuar incógnito. Mas também sei fingir. Faço de conta que não sei quem êle é. *(Em voz alta)*. Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, quando entramos "ex-professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes. Sim, porque não sou dêsses governadores que só pensam em si mesmos. Absolutamente. Muito além do meu dever, por simples espírito cristão... exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável conhecimento.

KLESTAKOV
Também eu estou contente. Não fôsse o senhor, acabaria ficando por aqui, pro resto da vida. Não sabia o que fazer pra pagar a conta.

GOVERNADOR
(À parte.) Pois, sim! Vem com essa, vem! *(Alto)*. Se não fôr indiscrição, poderia perguntar-lhe pra onde se dirige?

KLESTAKOV
Para minha propriedade em Saratov.

GOVERNADOR
(À parte.) Descarado. E nem fica vermelho com a mentira! Com êsse é preciso cuidado. *(Alto)*. Suponho que só viaje a passeio, não é mesmo?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no M.J.

BR DFANBSB NS:CPR.TEA.PTE: 0413p. 804

KLESTAKOV
Não, não. Vou a chamado de meu pai. O velho está furioso porque não progredi muito na capital. Pensou que assim que eu chegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que êle visse o que são essas repartições do govêrno!

GOVERNADOR
(À parte.) Que histórias o safado invental *(Alto)*. E pretende ficar fora muito tempo?

KLESTAKOV
Francamente, não sei. Meu pai é uma mula de teimoso. Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara: "sinto muito, mas não posso viver fora de São Petersburgo. Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidades espirituais mais elevadas.

GOVERNADOR
(À parte.) Êle é incrível! Vira e mexe mas não cai! Deixa que te obrigo a soltar a língua. *(Alto)*. O senhor tem razão. Não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria. Sacrifico-me como louco sem regatear esforços, sabendo de antemão que nunca serei recompensado. *(Olha o quarto)*. Êste quarto é um pouco úmido, não é?

KLESTAKOV
Umidissimo! E se fôsse só isso!... Tem percevejos que mordem mais do que cães!

DOBCHINSKI
A gente chega a ouvir êles latindo.

GOVERNADOR
Incrível! Um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas! E por culpa de quem? Por culpa dêsses

miseráveis percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido! E tenho impressão que nem ao menos luz há por aqui, não?!

KLESTAKOV
Ah, escuríssimo! Nem ler a gente pode! E pensa que nos mandam velas?! Pois sim, vai esperando!

GOVERNADOR
Que absurdo! Se ao menos eu tivesse a ousadia de lhe pedir... Mas não, sei que não sou digno de tanta honra.

KLESTAKOV
Mas de que se trata?

GOVERNADOR
Se eu ousasse... Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto... com luz à bessa... e tranqüilo. Mas eu compreendo muito bem que seria honra demasiada. Desculpe. Se ousei pensar nisso é porque o meu lema é... "a hospitalidade antes de tudo".

KLESTAKOV
Não, eu teria muito gôsto. Em qualquer parte me sentirei melhor do que nesta porcaria.

GOVERNADOR
Não sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que digo isso para lisonjeá-lo. De forma alguma! Não é absolutamente do meu feitio.

KLESTAKOV
Também eu tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 805.

Entra o criado.

CRIADO
O senhor chamou?

KLESTAKOV
Traz a conta.

CRIADO
Pra que?

KLESTAKOV
Não vou te dar confiança de responder. Quanto é que eu devo no total?

GOVERNADOR
Não se preocupe, isso pode esperar. *(Ao criado)*. Pode ir que depois se acerta.

KLESTAKOV
Ou isso, tanto faz.

Sai Criado. — Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
Não gostaria agora de visitar alguns estabelecimentos da cidade? O hospital, por exemplo.

KLESTAKOV
Mas pra que?

Bobchinski aparece.

GOVERNADOR
Ah, enormel E depois podemos passar pela escola. Quero que veja como educamos a juventude.

KLESTAKOV
Como achar melhor!

GOVERNADOR
E depois, finalmente... a prisão!

KLESTAKOV
Prisão?!

GOVERNADOR
Vai ver só, como tratamos os presos.

KLESTAKOV
Não, senhor! Nesse caso prefiro o hospital.

GOVERNADOR
Como queira. E quer que eu siga sua carruagem... ou prefere vir na minha?

KLESTAKOV
É... Vou com o senhor...

GOVERNADOR
Ótimo. *(Baixo a Dobchinski)*. Vai correndo na frente entregar estas cartas. *(Alto)*. Posso escrever duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede?

KLESTAKOV
Não se preocupe. Mas se quer mesmo, aqui há tinta. Papel é que não sei. Pode usar esta conta, se quiser.

GOVERNADOR
É, a conta mesmo serve. *(Escreve enquanto diz para si mesmo)*. Depois de uma boa garrafa de vinho, tudo vai ser mais fácil. E aquêle vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante. Preciso descobrir quem é êle e como devo proceder com êle.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Delegacia de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.806

Termina a carta. Entrega a Dobchinski que faz para sair, mas se choca com Bobchinski que se esparrama no chão.

KLESTAKOV
O senhor se machucou?

BOBCHINSKI
Não, não. Só o nariz um pouquinho, Excelência.

GOVERNADOR
Não foi nada, podemos ir andando. Direi a seu criado que leve a bagagem. *(Entra Ossip)*. Meu amigo, leve tudo à casa do Governador. Qualquer um na cidade sabe onde fica. *(À Klestakov)*. Tenha a bondade! *(Klestakov vai e êle volta-se para Bobchinski)*. Cretino! Não tinha lugar melhor pra cair?!

O MESMO CENÁRIO

ANA
Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas, e tudo por sua culpa. *(Olhando pela janela)*. Inferno, não vem ninguém. Parece que todo mundo morreu.

MARIA
Garanto, mãezinha, que logo, logo, a gente fica sabendo de tudo. *(Grita à janela)*. Ai, mãezinha, vem vindo alguém na rua.

ANA
Onde? onde? Você sempre inventando coisas! Ah, não, vem alguém, sim. Quem será o imbecil?

MARIA
É Dobchinski, mãezinha.

ANA
Que Dobchinski nada, menina! Sempre enxergando demais! *(Acena com o lenço)*. Ei, você aí! Ei! Aqui, idiota, aqui!

MARIA
Garanto que é Dobchinski.

ANA
Então não estou vendo que é Dobchinski? Ou pensa que eu sou cega! *(Grita pela janela)*. Ei, depressa, depressa. Onde estão êles? Que espera que nada! Fala daí mesmo, imbecil! *(Aborrecida, sai da janela)*. Idiota. Não vai contar nada, até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos dessa bêsta.

Entra Dobchinski.

ANA
Vamos, agora conte tudo de uma vez.

DOBCHINSKI
Seu marido mandou êste bilhete.

ANA
Tá, mas fala. Como é êle, hem? É general?

DOBCHINSKI
Não, não é general! Mas vale tanto quanto um general. Que cultura! Que maneiras delicadas!

ANA
Então é o mesmo de que fala a tal carta.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.807

DOBCHINSKI
Claro que é. E eu fui o primeiro a descobrir isso, com Pietra Ivanovicht.

ANA
Mas conte o que houve.

DOBCHINSKI
Graças a Deus, a tempestade passou. Mas quando êle recebeu Anton Antonovitch, estava brabo. Disse que no hotel tudo era uma droga, que não acompanharia Anton Antonovitch de maneira alguma... e que não queria ir para a prisão por causa de seu marido. Depois Anton Antonovitch conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o hospital. Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido delatado. Para falar a verdade, até eu fiquei com um pouco de mêdo.

ANA
Mas por que? O senhor não é funcionário público...

DOBCHINSKI
Sim, mas uma alta autoridade sempre dá mêdo na gente.

ANA
Bobagem. Mas me diga: êle é louro ou moreno?

DOBCHINSKI
Nem louro nem moreno: cabelos castanhos. E um par de olhos tão agitados que até assustam a gente.

ANA
Bem, deixe eu ler o bilhete. *(Lendo)*. "Apresso-me comunicar-te que minha situação era deplorável, mas

graças à Providência Divina, por um nabo e dois pepinos no vinagre... um rublo e vinte e cinco cents. *(Interrompendo)*. Não entendo nada. Que tem a ver pepinos e nabos com a Divina Providência?

DOBCHINSKI
É que êle escreveu o recado na conta do hotel.

ANA
Ah, sim. *(Continua lendo)*. "...mas Graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepara o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencia para que haja bastante vinho. Diga ao Abdulin que mande do melhor vinho que tiver, senão acabo com o armazém dêle". *(Aflita)*. Ai, meu Deus, preciso andar depressa. Mishka! Mishka!

DOBCHINSKI
(Corre à porta.) Mishka! Mishka!

Entra o criado.

ANA
Mishka! Corre ao armazém do Abdulin e... Não, não espera. Manda o cocheiro com êste bilhete. *(Escreve falando)*. "Senão meu marido acaba com o seu armazém". Pronto. Vai, Mishka, depressa!

DOBCHINSKI
Vou dar um pulo no hospital pra ver como vão as coisas.

ANA
Isso, vai Dobchinski. Adeuzinho.

DOBCHINSKI
Adeuzinho.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no MEC

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-808

ANA
Bem, e agora nós. Devemos ficar chiques. Êsse homem vem da capital, deve reparar muito nessas coisas. Você devia pôr o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem.

MARIA
Ah, não, mãezinha! O azul, não! Todo mundo nesta cidade tem um vestido azul como o meu!

ANA
Já esperava por isso! Imagina se ela ia deixar de me contrariar. O azul, sim senhora. O azul é melhor por que eu quero usar o meu amarelo.

MARIA
Ah, mãezinha, o amarelo não fica nada bem na senhora.

ANA
O quê?! Você disse que não fico bem de amarelo?!

MARIA
É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos prêtos.

ANA
Ah, é demais! E os meus por acaso não são prêtos, sua burra?!

MARIA
Claro que não, mãezinha!

ANA
Quer deixar de ser idiota, menina? São prêtos, sim! Pretíssimos! A prova de que meus olhos são prêtos é que tôda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus. *(Sai com a filha)* E cala essa bôca!

Entra Mishka. Da outra porta entra Ossip com a bagagem.

OSSIP
E agora, onde boto isto?

MISHKA
Por aqui.

OSSIP
Deixa eu respirar um pouco. Quando a barriga está vazia, tudo pesa o dôbro.

MISHKA
Escuta, o general vem logo?

OSSIP
Que general?

MISHKA
Teu patrão, ora!

OSSIP
E o que é que meu patrão tem com isso?

MISHKA
Uê! Êle não é general?

OSSIP
Meu patrão?

MISHKA
Sim. Êle é ou não é general?

OSSIP
Ah, é! general da banda!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 809.

MISHKA
E isso é mais ou menos que um general, comum?

OSSIP
É mais, claro. Um toca e o outro, não.

MISHKA
Ah, logo vi. Por isso é que está todo mundo alvoroçado!

OSSIP
Vejo que você é esperto. Arranja aí alguma coisa pra eu comer, vai.

MISHKA
A comida que tem, você não vai querer. E só o trivial. Espere chegar seu patrão, sentar na mesa, e aí você come melhor.

OSSIP
Só por curiosidade, êsse tal de trivial o que é?

MISHKA
Borcht, mingau de aveia e pastéis.

OSSIP
Então me traz pastéis, borcht e mingau de aveia... Onde ponho isto?

MISHKA
Aqui. Vem comigo.

Saem.

Entram, Governador, Khlestakov, Dobchinski, Bobchinski, Artiemi e Lucas.

KLESTAKOV
Que hospital hospitaleiro! Apreciei sobremaneira êsse hábito de mostrar aos turistas tudo o que merece ser

visto na cidade. Nos outros lugares onde estive, nunca ninguém me mostrou nada.

GOVERNADOR
É que nos outros lugares, se me permite, os governadores só se preocupam com êles próprios. Enquanto que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.

KLESTAKOV
Ah, sei! O almôço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?

GOVERNADOR
Sempre. Como diz o ditado: o povo reclama de barriga cheia.

KLESTAKOV
(Grave) Posso falar-lhe com tôda a franqueza?

GOVERNADOR
(Lívido) Claro que pode...

KLESTAKOV
Adoro comer. Qual é mesmo o nome do maravilhoso peixe que comemos no almôço?

GOVERNADOR
(Corre e faz uma reverência) Bacalhau.

KLESTAKOV
Bacalhau? Saborosíssimo! E lá onde almoçamos é o...

ARTIEMI
O hospital.

KLESTAKOV
Ah, é, tinha uma porção de camas, agora me lembro. Mas os doentes? Morreram todos?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 810.

ARTIEMI
Absolutamente, senhor! É que só havia dez toucas limpas... Oh, quero dizer, todos os doentes se curaram. Só ficaram dez no hospital. Desde que assumi a direção, é assim. Mal o paciente entra, já está curado. Não por causa de remédios, absolutamente. Mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani tôda corrupção.

KLESTAKOV
"Amus bebadorum non habitat".

GOVERNADOR
Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador — um governador que queira governar, claro — é a função, mais ingrata do mundo. Mas não me queixo absolutamente. Aceito o sacrifício, pelo bem de nossa pátria. O que me dói é a ingratidão. Se eu fôsse como outros governadores que só pensam em seus interêsses, que tratam de fazer sua "caixinha", talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria, sofro que só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Por isso, compreendo e perdôo. E continuo a me sacrificar. Basta que meus superiores reconheçam minha dedicação. Claro que não estou pretendendo cargos mais altos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma de meus inimigos. Tenho rezado tanto ùltimamente que meus dedos estão cheios de calos.

DOBCHINSKI
Posso ver, Governador?

GOVERNADOR
Depois o senhor vê.

KLESTAKOV
Use Calol, Excelência.

GOVERNADOR
Enfim, como tenho a consciência limpa, isso me basta. Mas veja bem. Que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos? São êles mesmos que, durante a noite, fazem êsses buracos para terem de que me acusar. Falta água? Tem que faltar mesmo, às vêzes. Mas falta por quê? Porque êles vão, de noite, escondidos, e tiram o tampão da represa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vão aos pastos, de noite, e dão veneno às pobres das vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que êles agem. Garanto que se, não houvesse noite não haveria nenhum problema nesta cidade. Mas que culpa tenho eu se todos dias anoitece? Imagine o senhor que até da chuva êles me acusam! Felizmente a maioria do povo me conhece e me apoia. Não dá importância a essas coisas. O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu não sou corrupto.

Pausa.

O senhor ouviu o que eu estava dizendo, não ouviu?

KLESTAKOV
(Acordando) Han? Ah, ouvi! Ouvi, sim!
Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores não tem nenhum passatempo por aqui? Jôgo de cartas, por exemplo.

GOVERNADOR
(À parte) Safadão! Pensa que caio nessa! *(Alto)* Cartas?! Deus nos livre e guarde! Abominamos tudo que é jôgo! Jamais pus as mãos num baralho. E, se por acaso passo os olhos num Rei-de-Copas, num Ás-de-Paus ou num Valete-de-Ouros... vomito na mesma hora.

LUCAS
(À parte) E êsse desgraçado que me ganhou cem rublos ontem.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.811

GÒVERNADOR
Prefiro dedicar todo o meu tempo ao bem da Pátria. Não acha que estou certo?

KLESTAKOV
Bem, isto é, depende, outrossim... um joguinho até que...

Entram Ana e Maria

GOVERNADOR
Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha espôsa e minha filha.

KLESTAKOV
Quão feliz estou; minha senhora, pela volúpia de conhecê-la.

ANA
A volúpia é tôda nossa em receber tão ilustre personagem.

KLESTAKOV
Aboslutamente, a volúpia é tôda minha!

ANA
Absolutamente, é tôda nossa. Sente-se por gentileza.

KLESTAKOV
Estar, ao seu lado, *de pé*, já é honra, tão grande, imagine o que não é estar, ao seu lado, *sentado*.

ANA
Não me atrevo a crer no que me diz! Para o senhor, que vive na metrópole, esta viagem campestre deve ser profundamente desagradável, não?

KLESTAKOV
Bem, lá isso é verdade. Quando a gente se habitua, como eu, às altas rodas, sabe como é, né?, e de repente, ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas... onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável! Mas o fato de tê-la conhecido compensa todo os males...

ANA
Obrigado. Imagino quanto tem sofrido!

KLESTAKOV
Mas já não disse que me sinto recompensado?

ANA
O senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

KLESTAKOV
Não merece porquê? Merece, sim, como não merece?

ANA
Eu, uma provinciana?

KLESTAKOV
E não é na província que vamos encontrar as montanhas, os riachos, e tudo que é frescura? Claro que não vamos querer agora comparar Petersburgo com uma biboca como... Ah, São Petersburgo, que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário, não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da Seção é meu amigo e, sendo assim, raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é, só para dar algumas ordens. "Faça isso, faça aquilo". Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear assessor do ministro, imagina! É "Excelência pra cá", "Excelência pra lá", um

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-812

inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas.

Ao Governador.

Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, heim? Querem ter a bondade de sentar?

GOVERNADOR
A hierarquia determina que, diante de Vossa Senhoria, permaneçamos de pé.

ARTIEMI
E de pé ficaremos!

LUCAS
É mais digno.

KLESTAKOV
Mas me dá muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim, os senhores se sentariam.

GOVERNADOR
Se o senhor ordena. Senhores...

Todos se sentam.

KLESTAKOV
Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora, no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que vá, é sempre a mesma coisa. "Olha quem está ali! Ivan Alexandrovitch!" Uma vez até me confundiram o Marechal... Um Marechal lá. Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o comandante, que é unha e carne comigo, me explicou. "Pois é, querido. Confundiram você com o Marechal". Por sinal que o Marechal também era unha e carne comigo.

ANA
Bárbaro! E as lindas atrizes de teatro?

KLESTAKOV
Conheço tôdas. Já comi várias, várias vêzes na casa, de muitas delas. Bem, eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai, meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que, como escritor, já lhe passei a perna. Aí, êle fala a sério. É um tipo gozado, o Pushkin!

ANA
Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

KLESTAKOV
Sim, muito. Fora os livros que já escrevi "O Corcunda de Notre Dame", "Bodas de Fígaro", "Os Três Mosqueteiros". Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas êles insistiam: "Por favor, meu querido, escreva, escreva alguma coisa. Nossa literatura precisa de seu talento, escreva". Está bem, está bem, eu escrevo. E pra que não me amolassem mais, escrevi numa noite só todos êsses livros. Ficaram impressionadíssimos, é natural! De fato, minha agilidade mental é incrível! Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol é de minha autoria. "Almas Mortas" "Diário de um Louco". "O Inspetor Geral"...

ANA
Então Gogol, é o senhor?

KLESTAKOV
Puxa, mas todo mundo sabe disso!...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-813

ANA
Desculpe, é que sou muito distraída E "Hamlet"?

KLESTAKOV
O que é que tem?

ANA
Por acaso foi o senhor também quem escreveu?

KLESTAKOV
Foi, êsse a senhora sabia?

ANA
Agora, ligando uma coisa a outra...

MARIA
Mas, mãezinha, no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.

ANA
Ah, tinha certeza que você ia me contradizer!

MARIA
Juro, mãezinha! Olha, vou buscar pra senhora ver.

KLESTAKOV
Não! De fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.

ANA
Eu li o seu! Por sinal, muito bem escrito.

KLESTAKOV
Para falar a verdade, vivo da literatura. Não sei se já ouviram falar de minha casa, a melhor de Petersburgo. "A casa do grande Ivan Alexandrovitch", como

costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepção.

ANA
Deve ser uma casa suntuosíssima!

KLESTAKOV
Bem, só sirvo melões de setenta rublos! Por aí, pode ter uma idéia. A sôpa, mando vir diretamente de Paris numa terrina linda! E a terrina não quebra... Gosto muito de jogar cartas também. Lá em casa jogamos sempre. Eu, o embaixador francês, o embaixador inglês, o embaixador alemão e o ministro do Exterior. Quando canso de jogar, subo os quatro lances de escada, entro no meu quarto, jogo o casaco sôbre a... Ah, mas que disparate estou dizendo! Meu quarto é no primeiro andar, subo apenas um lance de escada, uma escada riquíssima, por sinal. Mas interessante, é observar minha ante-sala. Condes, duques, barões, zunindo como um enxame de abelhas, zzz, zzz, zzz... Às vêzes aparece um ministro. *(O Governador e os outros se levantam)* Sabe que na correspondência que recebo, sou freqüentemente tratado de ""Excelência""? Imagine! Uma vez tive que dirigir uma Seção do Ministério. É que de repente o diretor sumiu sem ninguém saber pra onde nem por quê. E então surgiu um problema: "quem irá substituí-lo?" Foi aquêle Deu-nos-acuda! Apareceu logo um monte de generais pro lugar! Mas viram que a responsabilidade era muito grande, e então recorreram a mim. Imediatamente as ruas se encheram de emissários. Emissários e mais emissários! Se não me engano, uns trinta e cinco mil. "O que aconteceu?" perguntei. "Ivan Alexandrovitch, aceite o cargo no Ministério". Como os recebi de robe-de-chambre, pensei logo em recusar. Mas depois pensei melhor. "O Imperador vai ficar sentido". E como eu e êle somos unha e carne, resolvi aceitar. "Está bem, disse. Mas com

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.814.

uma condição: terão de me obedecer cegamente. Comigo as coisas têm que andar em ordem". Claro que aceitaram. E quando entrei no Ministério, parecia um terremoto de tanto que as pessoas tremiam. Os senadores então, se encolhiam feito caramujos assustados. Comigo é assim. Nada de brincadeiras. Dei-lhes uma lição daquelas. Todos me temem. O próprio Conselho do Império tem mêdo de mim. Estou presente a todos os lugares. Todos os dias vou ao gabinete do Imperador. Amanhã serei nomeado marechal-de-campo...

Klestakov escorrega e cai na cadeira; o Governador aproxima trêmulo de mêdo.

GOVERNADOR
Exce... Exce... Exce...

KLESTAKOV
Está sentindo alguma coisa?

GOVERNADOR
Exce... Excelência, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

KLESTAKOV
Descansar?! Que besteira é essa agora? Eu lá sou homem que descanse?! Está bem, acho melhor, sim. O almôço estava excelente mesmo, viu? Palavra de honra. *(Com ênfase)* Bacalhau... bacalhau...

Sai seguido pelo governador.

AIMOS
Meu Deus que homem! Nunca vi na vida pessoa tão importante.

LUCAS
Na sua opinião, qual é a patente dêle?

DOBCHINSKI
Aposto que é general.

BOBCHINSKI
Imagina! No mínimo generalíssimo! Não viu o que aconteceu quando êle entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros! Meus respeitos, Ana Andreievna.

DOBCHINSKI
Ana Andreievna, meus respeitos.

Saem Bobchinski Dobchinski

ARTIEMI
(A Lucas) É espantoso, êsse homem. E nós, nem vestidos a rigor estamos! O que irá acontecer, meu Deus! Imagina se êle chega a Petersburgo e resolve me denunciar? Adeus, minha senhora.

ANA
Adeus, adeus.

Saem Artiemi e Lucas deprimidos.

ANA
Que homem agradável, meu Deus! Ou vai dizer também que não acha?

MARIA
Ah, um amor de homem!

ANA
Que maneiras! Vê-se logo que é da capital. Nunca vi pessoa assim. Fico inteiramente indócil, céus! Êle me adorou, você viu? Não tirava os olhos de mim.

MARIA
A senhora está enganada, mãezinha. Era para mim que êle olhava.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

ANA
Ai, como essa menina me irrita! Nunca vi nada mais imbecil na vida.

MARIA
Tenho certeza, mãezinha.

ANA
Claro. Imagina se ela ia perder essa chance de me contradizer... Quando foi que êle olhou pra você, sua cretina?

MARIA
Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contava o jôgo de cartas com aquêle montão de embaixadores e ministros.

ANA
Vê como você imagina coisas! Pode ser que êle tenha olhado uma vez pra você. Mas daí a dizer que êle não desgrudava o ôlho é um pouco demais. Uma vez, vá lá, ainda admito. Com certeza porque pensou: "deixa eu dar uma olhada pra menina também, pobrezinha". Foi isso. E ponto final, tá?

Entra o Governador na ponta dos pés

ANA
O que é que houve, homem, caiu da escada?

GOVERNADOR
Psiu...

ANA
Psiu por que? Sou cachorra?

GOVERNADOR
Não devia ter deixado êle beber tanto. Se metade do que falou é verdade... oh, estou frito! E por que não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.815.

havia de ser verdade? O homem, quando está bêbado, fala tudo. Claro que deve ter exagerado um pouco. Mas mentir, não acredito. Êle é unha e carne com o Imperador! Quanto mais penso nisso, mais me apavoro!

ANA
Que homem exagerado! Pois a mim não intimidou nem um pouco. Pelo contrário: achei uma uva! Isto é: um homem finíssimo. E muito culto.

GOVERNADOR
Porque é mulher. E mulher, todo mundo sabe, não enxerga um palmo adiante do nariz. Que vergonha! Falou com êle com se fôsse um Dobchinski qualquer.

ANA
Sei muito bem onde você quer chegar! Quanto a isso, pode ficar, sossegado que eu sei me conduzir convenientemente. *(À filha)* Eu não disse?

GOVERNADOR
(Olhando fixamente a filha) Ah, besteira ficar perdendo tempo com vocês! Que calamidade, meu Deus!

ANA
Que homem grosso e sem cultura!

GOVERNADOR
(Chama para fora) Mishka! Chama os dois guardas! Que fiquem sempre perto *(Pausa)* Estranho mundo, êste. A gente olha pra um jovem insignificante e pálido e vá lá adivinhar quem êle seja. É duro dizer, mas "viva a juventude". Só os jovens podem ainda salvar o mundo:

Entra Ossip e todos chamam-no com o dedo.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.816.

ANA
Chega aqui, meu anjo.

GOVERNADOR
Psiu... Êle já está dormindo?

OSSIP
Não, se espreguiçando.

ANA
Qual é o seu nome, meu anjo?

OSSIP
Ossip, e o seu?

GOVERNADOR
Então, meu santo, comeu bem?

OSSIP
É bem.

ANA
Tirando um descansinho, hem? Em São Petersburgo, seu patrão deve receber tantos duques e condes, não é mesmo?

OSSIP
(À parte) Dizendo, que sim, vou comer melhor ainda.

(Alto)
Ih, uma imensidão. Às vêzes, precisa até fazer fila.

MARIA
Êle deve ser muito bonzinho, não é mesmo?

ANA
Qual é a patente dêle?

GOVERNADOR
Deve ser muito severo, não é? Deve adorar esculhambar os outros...

OSSIP
Ah, sim. Quer ver tudo em seu lugar.

GOVERNADOR
Faz muito bem.

ANA
Êle usa uniforme?

GOVERNADOR
Toma, isso é pra você tomar chá.

OSSIP
Por que? Acabou o daqui?

ANA
Qual a côr de olhos que mais agrada êle?

MARIA
Êle é tão lindo, o teu patrão...

GOVERNADOR
Chega! Olha, o que é que êle gosta mais quando viaja?

OSSIP
Conforme. De comer bem...

GOVERNADOR
Ah, é, é?

OSSIP
Às vêzes quando a gente sai de algum lugar, êle me pergunta: Ossip, a comida que te deram era boa? Se eu responder que não, nem sabe o que acontece!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

GOVERNADOR
Olha, isto é para as torradas. Até despedi a criada porque ela não te fêz as trotas e os sanduiches que mandei.

ANA
Toma, meu anjo, para a carruagem. Não tem cabimento voltar a pé pra casa.

MARIA
Lembranças minhas a teu patrão, viu?

GOVERNADOR
Psiu... Não façam barulho pelo amor de Deus!

ANA
Vem, menina, quero que você me esclareça aquêle assunto direitinho antes de ir pra cama.

Saem as duas

GOVERNADOR
E então, meu caro amigo?

Entra Mishka. Sai Ossip.

GOVERNADOR
Silêncio, cretinos! Faz mais barulho que cavalo. Fora daqui, vamos! E não me saia do corredor. Não deixe entrar ninguém de fora. Os comerciantes, principalmente. Se aparecer alguém com uma denúncia ou com cara de quem vai se queixar, já sabe: pegar pelo cangote e jogar na rua com um ponta-pé na bunda! Se não, o pau vira em cima de você. Entra na sova de nôvo!
Governador sai na ponta dos pés. Risadas das mulheres. Pára.

Ah, as mulheres! Não entendem nada de política!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 817

SEGUNDO ATO

O MESMO CENÁRIO

Entram na ponta dos pés: Aimos, Artiemi Ivan, Lucas, Bobchinski. A cena se desenrola a meia voz.

AIMOS
Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mas fiquem em ordem. E que Deus nos ajude. Um homem que é íntimo do imperador! Assumam todos uma postura militar. Pietra Ivanovicht, coloque-se dêste lado. E o senhor, Pietra Ivanovicht, aqui.

ARTIEMI
Desculpe, Aimos Fiodorovitch, mas acho que devíamos fazer alguma coisa.

AIMOS
O que, por exemplo?

ARTIEMI
O senhor sabe.

AIMOS
Subornar?

ARTIEMI
Vá lá.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 818.

AIMOS
Acho perigoso. Ainda se fôsse uma doação... para construção de um monumento...

IVAN
Podíamos dizer a êle: "Êsse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem enderêço... Não será para o senhor?

ARTIEMI
Não, não. Num govêrno sério nessas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: por que estamos aqui feito um batalhão? O certo era que viéssemos um de cada vez. Numa sociedade bem organizada é assim que se procede. Sem testemunhas, compreendem? Aimos Fiodorovitch virá primeiro.

AIMOS
Não, o primeiro deve ser o senhor. Foi no seu hospital que êle almoçou.

ARTIEMI
É melhor Lucas Lukitch, que ilumina com seu saber a juventude.

LUCAS
Não, meus senhores, não posso! Na presença de superiores não consigo destravar a lingua.

ARTIEMI
Está decidido, Aimos Fiodorovitch. Deve ser o senhor. Uma palavra sua vale um discurso de Cícero.

AIMOS
Não, meus senhores, não...

Ouve-se barulho de Klestakov. Todos se precipitam na direção, empurram-se, esmagam-se.

DOBCHINSKI
Ai, Pietra Ivanovicht, o senhor me pisou!

ARTIEMI
Ai, meus senhores, não agüento mais! Acho que vou confessar tudo de uma vez!

Outro barulho de Klestakov, saem todos correndo.

KLESTAKOV
Acho que ronquei um bocado! Ontem me fizeram comer demais. Pelo visto, posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Pena que seja por interêsse. A filha não é nada feia! E a mãe, também não é de se jogar aos cães... A vida assim é outra coisa!

Entra Aimos e Estaca.

AIMOS
(À parte) Meu Deus, fazei com que eu saia inteiro daqui. *(Alto em postura militar)* Tenho a honra de apresentar-me: Juiz do Tribunal, Liapkin Tiapkin.

KLESTAKOV
Ah, o senhor é o Juiz daqui, é?

AIMOS
Exatamente. Desde 1876.

KLESTAKOV
Está contente?

AIMOS
Muito. E honrado com a indicação da nobreza. *(À parte)* O dinheiro está me queimando a mão.

KLESTAKOV
Não quer sentar-se?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal do R.J.

AIMOS
(À parte) Piso em brasas!

Avança devagar, o punho fechado.

KLESTAKOV
O que tem na mão?

AIMOS
(Assustado deixa cair o dinheiro). Nada!

KLESTAKOV
Não é dinheiro?

AIMOS
Não, senhor!

KLESTAKOV
Como não?!

AIMOS
(À parte) Estou perdido!

KLESTAKOV
É dinheiro, sim. Veja se não é.

AIMOS
(À parte) Já me vejo é na fôrca. *(Alto)* É! É dinheiro!

KLESTAKOV
Olha... o senhor não poderia me emprestar essa importância?

AIMOS
Pois não. Com muita honra. *(À parte)* Virgem Santissima!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413p-819

KLESTAKOV
O senhor compreende... Quando se viaja, perde-se o contrôle do dinheiro. Assim que chegar em casa, mando reembolsá-lo.

AIMOS
Oh, por favor. Isso, pra mim, é uma honra extraordinária! Com tôdas as minhas fôrças... meu zêlo e dedicação ao Govêrno... procurei estar à altura... há... *(Perfila-se)* Não ouso importuná-lo mais com a minha presença! Alguma ordem?

KLESTAKOV
Ordem? Que ordem?

AIMOS
Quero dizer... no que se refere ao tribunal Civil.

KLESTAKOV
Absolutamente! Não tenho mais nada com êle.

AIMOS
Nesse caso, se me permite... *(Cumprimenta e diz à parte)* Batalha ganha!

Sai Aimos

KLESTAKOV
Que Juiz simples e bom!

Entra Ivan Kuzmitch

IVAN
Tenho a honra de apresentar-me: Ivan Kuzmitch Shpekin, Chefe dos Correios.

KLESTAKOV
Prazer. Sente-se, por favor. O senhor está morando aqui definitivamente?

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal do M.J.

IVAN
Definitivamente.

KLESTAKOV
Cidadezinha simpática, esta. Claro que não tem uma sociedade... digamos... Bem, afinal de contas não é a capital, não é mesmo?

IVAN
Exatamente.

KLESTAKOV
Só na capital se pode cultivar o bom tom. Lá não se topa a cada instante com basbaques provincianos. Não acha?

IVAN
Acho, sim senhor.

KLESTAKOV
No entanto, pode-se viver bem numa cidade pequena.

IVAN
Indubitàvelmente.

KLESTAKOV
(À parte) Preciso tomar algum dêle. *(Alto)* Imagine o que aconteceu! Estou a nenhum! *(Silêncio)* O senhor não tem uns trezentos rublos pra me emprestar?

IVAN
Com muita honra. Por obséquio.

KLESTAKOV
Obrigado. Detesto economizar em viagens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-820.

IVAN
Exatamente como eu. *(Perfila-se)* Não ouso importuná-lo mais! Alguma observação quanto a direção dos Correios?

KLESTAKOV
Eu? Eu, não!

IVAN
Isso, muito me lisonjeia! Com licença!

Sai

Ouve-se alguém fora: "Vai, não tenha mêdo" — entra Lucas aos trambolhões.

LUCAS
(Morto de mêdo) Tenho a honra de apresentar-me: Lucas Lukich, inspetor das escolas.

KLESTAKOV
Prazer. Sente-se. O senhor fuma?

LUCAS
Fumo, fumo. Mas se o senhor quizer eu deixo.

KLESTAKOV
(Vai apanhar caixa de charutos) Aceita um charuto?

LUCAS
(À parte) Nossa, mãe! Aceito ou não aceito?

KLESTAKOV
Aceite. É muito bom êsse charuto. Claro que não se compara aos de São Petersburgo! Mas aquêles custam uma fortuna!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no M.E.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.821

LUCAS
Pois, não.

Tenta acender mas está tremendo.

KLESTAKOV
É do outro lado.

LUCAS
Desculpe.

KLESTAKOV
Pelo que vejo não costuma fumar charutos. Já eu, gosto muito! Outro fraco que eu tenho são as mulheres. Loura ou morena, tanto faz! *Adoro* mulher! E o senhor? *(Lucas fica perplexo com a pergunta, mudo de espanto)* Prefere loura ou morena?

LUCAS
Não ouso ter preferências!

KLESTAKOV
Ah, o senhor é muito esperto, hein? Tem mêdo que lhe descubram as fraquezas, não é?!

LUCAS
(Gago de mêdo) Fraqueza, eu?!

KLESTAKOV
Vamos, confesse de uma vez!

LUCAS
Não tenho nada a confessar, juro.

KLESTAKOV
Pensa que sou bôbo, é? Olha só, como ficou vermelho! E então? Por que não responde?

LUCAS
Acho que destronquei a língua.

KLESTAKOV
Bem, não quer confessar, não confesse! Mas uma coisa tenho certeza que não vai negar!

LUCAS
Pois não, excelência... V. Reverendíssima... Majestade... *(à parte)* Merda! A língua me traiu! *(Alto)* Tenha bondade de ordenar.

KLESTAKOV
Pode me emprestar uns trezentos rublos?

LUCAS
Com muita honra. Pode ficar com a carteira também.

KLESTAKOV
Já que insiste...

LUCAS
Não ouso importunar-lhe mais com minha presença. Se me permite...

KLESTAKOV
À vontade...

LUCAS
(À parte) Graças a Deus. Espero que não visite a escola!

Sai

KLESTAKOV
A coisa não vai mal!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.822

Entra Artiemi e perfila-se.

ARTIEMI
Tenho a honra de apresentar-me: Artiemi Filipovich Zemlianika, diretor do Hospital.

KLESTAKOV
Eu sei! Já fomos apresentados, não se lembra?

ARTIEMI
Perfeitamente. Tive a honra de recebê-lo para o almôço!

KLESTAKOV
Que, por sinal, estava excelente!

ARTIEMI
Minha maior alegria é servir à Pátria!...

KLESTAKOV
A minha, é ser bem servido. Engraçado!... Tenho impressão que ontem o senhor era mais baixinho, não era?

ARTIEMI
É possível. Não meço esforços para cumprir conscientemente o meu dever! Não sou como muita gente por aqui. Veja o Chefe dos Correios! A repartição dêle é um desastre! As encomendas postais, sempre atrasadas! Uma vergonha! O senhor vai verificar por si mesmo. A mesma coisa é o Juiz! Só pensa em caçar lebres. O Tribunal vive cheio de cachorros. E sua conduta, — embora, além de parente, êle seja meu melhor amigo, — sou obrigado a confessar pelo bem da Pátria... é simplesmente escandalosa! Existe aqui um tal de Dobchinski, o senhor já conhece. Pois bem. Basta Dobchinski pôr o pé na rua que o Juiz na mesma hora se mete na casa dêle e fica lá com a mulher fazendo

só Deus sabe o quê! E as crianças? Nenhuma delas se parece com Dobchinski. Tôdas, até a menorzinha, são direitinhos a cara do Juiz.

KLESTAKOV
Não me diga!

ARTIEMI
A cara! Com nariz de papagaio e tudo. É o Inspetor das Escolas?! Não compreendo como lhe confiaram um cargo dêsses! É um perigo! Está corrompendo a juventude com suas idéias subversivas! Reacionaríssimo, pode crer! Se, o senhor quizer posso fazer um relatório por escrito.

KLESTAKOV
O senhor tem filho?

ARTIEMI
Cinco! Todos parecidíssimos comigo!

KLESTAKOV
Devem dar uma bruta despesa!

ARTIEMI
Mas graças a Deus, o pouco que honestamente ganho com meu trabalho, dá e sobra!

KLESTAKOV
Sobra?! Então o senhor bem que podia me emprestar uns trezentos rublos, hem?

ARTIEMI
Aqui estão. Não devo importuná-lo mais. Com sua licença.

Sai

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal do M.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0413, p. 822.

KLESTAKOV
Mas que dedo duro!

Entram Bobchinski e Dobchinski

BOBCHINSKI
Meu nome é Pietra Ivanovicht Bobchinski.

DOBCHINSKI
E o meu, Pietra Ivanovicht Dobchinski.

KLESTAKOV
Os senhores têm dinheiro aí?

BOBCHINSKI
(Ao mesmo tempo) Dinheiro?!

DOBCHINSKI
Sim, uns mil rublos?

BOBCHINSKI
Tanto assim, juro por Deus que não tenho. E o senhor, Pietra Ivanovicht?

DOBCHINSKI
O senhor sabe muito bem que deposito tudo na Caixa de Auxílio Mútuo!

KLESTAKOV
Nem cem rublos?!

BOBCHINSKI
Cem, o senhor deve ter. Eu só tenho quarenta.

DOBCHINSKI
E eu, só vinte e cinco.

BOBCHINSKI
Procure bem. Seu bôlso direito está furado. Quem sabe caiu no fôrro.

DOBCHINSKI
Juro que não!

KLESTAKOV
Não tem problema. Podem dar os sessenta e cinco mesmo. *(Êles dão)*. Ótimo. E então? O que é que mandam?

DOBCHINSKI
Tomo a liberdade de lhe expor um assunto muito delicado.

KLESTAKOV
Qual assunto?

DOBCHINSKI
É sôbre o meu filho mais velho.

BOBCHINSKI
Nasceu antes do casamento.

KLESTAKOV
Aquêle do nariz "assim"?

BOBCHINSKI
Igualzinho o nariz do Juiz.

DOBCHINSKI
O senhor está enganado, Pietra Ivanovicht! Já cansei de lhe dizer que o nariz do Juiz é completamente diferente.

KLESTAKOV
Sim, mas e daí?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.8413,p.824

DOBCHINSKI
Pois bem! A coisa que eu mais desejo no mundo é poder legalizar meu filho e dar a êle o meu nome. Dobchinski! É o meu maior desejo!

KLESTAKOV
Ninguém tem o direito de meter o nariz nesse assunto. Que seja Dobchinski.

DOBCHINSKI
Ah, meu Deus, que alegria ouvir isso! Meu coração até disparou! Eu não ousaria incomodar o senhor, não fôsse êle um rapaz tão bom! Tem muitas habilidades, sabe? Recita de cór umas poesias lindas! E se pega um canivete, esculpe carrocinhas muito interessantes. Pietra Ivanovicht é testemunha.

BOBCHINSKI
É verdade, sim.

KLESTAKOV
Acho que não tem com que se preocupar. Isso é canja de resolver. *(À Bobchinski)* E o senhor? Algum problema?

BOBCHINSKI
Justamente! Tenho um pedido muito importante a lhe fazer.

KLESTAKOV
Qual?

BOBCHINSKI
(Patético) Peço-lhe humildemente, — quando chegar a São Petersburgo, — que diga aos grandes senhores da nobreza,... a todos os Senadores e Almirantes... que nesta cidade... que nesta cidade, excelência... mora Pietra Ivanovicht Bobchinski.

KLESTAKOV
Tá, digo sim! Êles vão ficar radiantes!

BOBCHINSKI
E se tiver oportunidade,... por favor! diga também ao nosso Imperador! "Em tal e tal lugar, Majestade... mora Pietra Ivanovicht Bobchinski!"

KLESTAKOV
Pode ficar tranqüilo!

BOBCHINSKI
(Querendo disfarçar as lágrimas) Puxa! Meu coração, acho que disparou, também!

DOBCHINSKI
Perdoe havermos importunado com a nossa humilde presença.

BOBCHINSKI
De todo o coração, pedimos humildemente que nos perdoe!

KLESTAKOV
Não tem importância. Tive muito prazer.

Saem Dobchinski e Bobchinski.

KLESTAKOV
(Sòzinho) Há funcionários demais por aqui! Estão me tomando por um alto dignitário com certeza! Se impressionaram com tôda aquela conversa de ontem à noite! *(Procurando nos bolsos)* Não vou ser bêsta de perder uma chance dessas! Onde pus a carta que comecei a escrever a Stanislaw? Ah, aqui está! *(Senta-se para continuar a escrever a carta)* Acho que fico mais uns dias por aqui!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - D.P.F. - Divisão de Polícia Federal
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.825.

Entra Ossip

KLESTAKOV
(Enquanto escreve) Então, cretino? Vê como me recebem e me tratam?

OSSIP
Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente! Acho que é hora da gente se mandar.

KLESTAKOV
Pois, sim! Justo agora que estou nadando em dinheiro?

OSSIP
Amanhã cedo, então.

KLESTAKOV
Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não cobrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem! De graça também! Que é tudo por conta do Govêrno.

OSSIP
Vou mandar alguém em meu lugar. E, pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas.

MISHKA
(Fora de cena) Ei, onde pensa que vai?! É proibido entrar!

KLESTAKOV
Que será isso?

ABDULIN
(Fora) Me deixa passar! É muito importante!

KLESTAKOV
Vê lá, Ossip.

ABDULIN
(Fora) Deixa passar. Precisamos falar agora!

Continua ruídos.

KLESTAKOV
O que é?

OSSIP
Um monte de gente fazendo sinais com uns papéis!

KLESTAKOV
(À porta) O que é que os senhores querem aqui?!

ABDULIN
(Fora) Falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atenção!

KLESTAKOV
Um momento, um momento.

É jogado para cena uma espécie de requerimento.

Pega aquilo, Ossip. *(Ossip pega e lhe entrega)* Vá lá e diga que deixe entrar! Mas um só, que isto aqui não é palanque! Elejam um, que fale em nome de todos.

Ossip sai

KLESTAKOV
(Desenrolando o papel) Precisam aprender a ter espírito de classe! *(Lendo)* "A sua Excelência Altissima, Senhor das Finanças, da parte do comerciante Abdulin". Ué, que besteira é essa?!

Entra comerciante Abdulin trazendo cestos com vinho e outras coisas,

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p-826.

KLESTAKOV
O que é que o senhor quer?

ABDULIN
Implorar vossa misericórdia!

KLESTAKOV
Está bem. Mas o que é que houve?

ABDULIN
Uma infinade de injustiças, excelência.

KLESTAKOV
É? Por parte de quem?

ABDULIN
Do Governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos!

KLESTAKOV
Também, quem manda sabotarem o govêrno dêle?! É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas! As pobrezinhas não tem culpa de nada!

ABDULIN
(Sem compreender) Vacas, excelência?!

KLESTAKOV
Bem, não interessa! vai adiante.

ABDULIN
Êle está nos reduzindo a fome com tantos impostos!

KLESTAKOV
Imagina! Umas pessoas tão gordas e saudáveis!...

ABDULIN
Tudo o que êle pede, até roupa pra mulher e pra filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa

que a gente não tem... nem queira saber o que acontece! Agarra a gente pela barba e puxa com tanta fôrça que quase arranca! E enquanto puxa, excelência... xinga a gente de subversivo, de merda, e uma porção de nomes feios. Depois, vasculha a loja de cima a baixo, e tudo que lhe cai nas mãos manda trazer pra casa dêle.

KLESTAKOV
Mentira!...

ABDULIN
Palavra de honra, Excelência! No aniversário dêle então... no dia de Santo Antônio... a gente tem que mandar quase que a loja inteira. E o pior é que no dia de Santo Onofre êle diz que também faz anos!

KLESTAKOV
Mas isso já é um assalto!

ABDULIN
E vá alguém protestar! Manda logo a polícia invadir a casa do sujeito, prender e espancar! Diz que respeita as leis, mas é só da bôca pra fora. E depois ameaça de mandar jogar a gente no rio. "Pra limpar a cidade dos indesejáveis".

KLESTAKOV
Mas que grande safado! Isso é caso de IPM. De confinamento na Sibéria!

ABDULIN
Como o senhor preferir! Contanto que êle desapareça! Por favor, excelência: aceite estas humildes oferendas!

KLESTAKOV
De maneira alguma! Não aceito qualquer espécie de subôrno! Ainda se fôsse um empréstimo, vá lá!...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.827

ABDULIN
Um empréstimo Excelência?

KLESTAKOV
Digamos, uns... trezentos rublos! Aí, sim. Um empréstimo ainda poderia aceitar.

ABDULIN
Mas por que só trezentos? Aceite quinhentos, excelência! Contanto que nos ajude a nos livrar dêsse homem!

KLESTAKOV
Vá lá! Mas a título de empréstimo! Do contrário recuso!

ABDULIN
(Entregando o dinheiro numa salva de prata) Por favor, Excelência, aceite ao mesmo tempo esta bandejinha! É prata de lei!

KLESTAKOV
Ah, bom. Sendo de lei, acato.

ABDULIN
Então aproveite e aceite também estas oferendas. Mas ajudai-nos, excelência. Do contrário só nos resta o exílio.

MULHER
(Fora) Deixe-nos passar! Vê se vai empurrar a mãe, seu cavalo!

OSSIP
(Espiando) Ih, está "assim" de mulher!

MULHER
(Fora) Quer tirar a mão daí?! Quem está pensando que eu sou, seu atrevido?!

KLESTAKOV
(Espiando) Deixa entrar só essa! O resto tem que pedir audiência por escrito.

(Voltando) Nunca vi tanta mulher junto!

ABDULIN
É a L.D.F.

KLESTAKOV
Que é isso?

ABDULIN
"Liga de defesa da família".

Entra a mulher.

MULHER
(Ajoelhando-se) Misericórdia, paizinho!

KLESTAKOV
Que quer a senhora?

MULHER
Implorar vossa graça contra o desgraçado do Governador! Que a maldição caia sôbre sua cabeça! Que um raio fulmine sua família inteira! Mulher, filha, tios, tias, primos...

KLESTAKOV
Por que, coitado?!

MULHER
Êle mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho, e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dêle! Meu marido é um homem casado! É contra a lei, excelentíssimo!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no Rio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.828.

KLESTAKOV
E por que fêz isso?

MULHER
Porque é um cachorro! Que Deus o castigue neste mundo e no outro. Que a mulher dêle fique de bôca torta e a filha vesga! E se tem pai, que o pai dêle fique sem os dois braços e as duas pernas!

KLESTAKOV
Espera aí! Assim também já é exagêro!

MULHER
O filho do alfaiate, — aquêle que dá mais pinta que borboleta, é que foi convocado. Mas como na hora que recebeu a convocação teve um chilique... o alfaiate deu um presente ao Governador, e o Governador então mandou meu marido no lugar do filho dêle. Agora me diga, excelência: como é que eu vou passar sem marido todo êsse tempo?!

KLESTAKOV
É, deve ser fogo

MULHER
Desgraçado! Que a família dêle jamais possa ver a luz do sol! Se tiver sogra, que a sogra fure os olhos da família inteira com uma agulha.

KLESTAKOV
Mas o que é que eu posso fazer?

MULHER
É, agora não adianta nada! Mas pelo menos que êsse desgraçado pague uma multa pelo êrro!

KLESTAKOV
Está certo. Vou dar uma ordem nesse sentido. Agora podem ir descansados

Vão saindo comerciante Abdulin e mulher.

MULHER
(Saindo) Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado! Tomara que a família inteira dêle fique com cachumba! E catarata! E tôda espécie de doença nova que aparecer no mundo.

Saem mulher. Comerciante Abdulin e Ossip. Entra Maria. Cena cheia de pausas.

MARIA
(Fresca) Oh!

KLESTAKOV
(Que não tinha visto Maria) Porque se assustou?

MARIA
Não, não me assustei.

KLESTAKOV
Ah, bem! Se não fôsse ousàdia, poderia perguntar-lhe para onde ia?

MARIA
Em verdade, a parte alguma.

KLESTAKOV
E por que, por exemplo, não ia a parte alguma?

MARIA
Pensei que mamãe estivesse aqui.

KLESTAKOV
Ainda assim, gostaria de saber por que razão não iá a parte alguma!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.829.

MARIA
Perdoe tê-lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.

KLESTAKOV
Seus olhos valem mais que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira?

MARIA
Sinceramente, não sei... Precisava tanto ir embora...

KLESTAKOV
Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia?

MARIA
Ah, é verdade! *(Senta-se)* Que tempo esquisito hoje!

KLESTAKOV
Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo!

MARIA
Gosto muito de versos. Se não fôsse ousar demais, poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum?

KLESTAKOV
Quantos quiser! Seu olhar já me inspirou um álbum inteiro!

MARIA
O senhor fala assim por falar!

KLESTAKOV
Não sou eu quem fala! É o amor que transborda do meu coração.

MARIA
Amor!... Linda palavra que não compreendo! Que nunca soube o que é.

KLESTAKOV
Pois olhe no fundo dos meus olhos e ficará sabendo.

MARIA
(Ela olha e depois afasta a cadeira) Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV
Por que se afastou? Um perto do outro é melhor!

MARIA
Perto, por quê É a mesma coisa, longe!

KLESTAKOV
Longe, por quê? É a mesma coisa, perto.

MARIA
Não atino a razão! Mas se realmente prefere perto... *(faz para aproximar-se)*.

KLESTAKOV
Não! Pensando bem, é melhor longe!

MARIA
No que ficamos? Longe ou perto?

KLESTAKOV
Par, ou ímpar?

Jogam

MARIA
Par.

KLESTAKOV
Longe! Deus escreve certo por linhas tortas. Perto, eu poderia não conter êste ímpeto de estreitá-la em meus braços!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-830.

MARIA
Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV
É o tempo do amor! Da canícula na primavera.

MARIA
(Levantando-se) Oh, que ave será aquela que passou voando? Será uma pomba ou um colibri?

KLESTAKOV
Um modesto urubu! (toca-lhe o braço com a mão).

MARIA
Que tempo esquisito, hoje!

KLESTAKOV
Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante! *(beija-lhe o ombro).*

MARIA
(Ofendida) Oh! Mas que significa isso?! Que atrevimento é êsse, agora?

KLESTAKOV
Puxa, será que não se pode nem brincar com a senhorita?

MARIA
Isso não é brincadeira! É uma audácia!

KLESTAKOV
Juro que não! E como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos!

(Ajoelha) Olhe, só. Perdão, perdão, perdão.

Entra Ana.

ANA
Oh! Que quadro!

KLESTAKOV
(À parte, levantando-se) Ai, cacête!

ANA
Que significa, isso, menina? Que procedimento é êsse?!

MARIA
Mãezinha, eu...

ANA
O que?! Ainda ousa me responder?! Saia daqui, imediatamente!

MARIA
Está bem, mãezinha! Obedeço!

Maria Sai.

KLESTAKOV
(À parte) Essa também da pra quebrar um galho! (ajoelha-se bruscamente) Minha senhora, veja! Estou ardendo de paixão!

ANA
Oh, o senhor de joelhos?! Por favor, levante-se! O chão aqui é muito úmido!

KLESTAKOV
Não! Quero ficar a seus pés! Nem que fôr pra morrer de reumatismo! Quero conhecer meu destino! Está em suas mãos, decida! A vida ou a morte?

ANA
Desculpe... mas eu sou um pouco burrinha...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.831

KLESTAKOV
Não tem importância! É a seus pés que estou, não aos pés de Carlos Magno.

ANA
É que não estou percebendo exatamente o significado de suas palavras! Se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso?

KLESTAKOV
Não, senhora! Estou declarando meu amor pela senhora mesma. Para ser breve: com esta chama que me queima o peito... peço sua mão em casamento.

ANA
É... interessante. Mas permita observar-lhe que "até certo ponto" eu sou casada.

KLESTAKOV
Sim, mas especialmente por causa dêsse "até certo ponto", poderemos perfeitamente nos esconder sob a sombra das cascatas! Ou em outro lugar melhor que a senhora conheça!

Entra Maria

MARIA
Oh, que quadro!

Klestakov levanta-se.

ANA
(À parte) Ah, ela tinha que aparecer justo agora! *(alto)* E então! Desde quando a senhora vai entrando, assim sem mais nem menos, como um gato ladrão?! E agora fica aí, de olhos esbugalhados como coruja espantada! O que é que a senhora viu aqui de tão extra-

ordinário? Que ma[illegible]ana mais sem graça, meu Deus! Vamos, fale de uma vez! Ou será que engoliu a língua?

MARIA
(Em lágrimas) Mãezinha, eu... eu...

ANA
Sim, você o que?! Vamos, estou esperando.

MARIA
Eu... eu não sabia!

Faz para sair.

ANA
Fica aqui! Não sabia o que?! Vamos, diga!

MARIA
Eu... eu...

Chora.

ANA
Essa agora! Você não sabia, e daí? Precisa chorar por causa disso?! Se todo mundo fôsse chorar ao descobrir que não sabia de alguma coisa, onde iríamos parar com tantas lágrimas?! Estaríamos nadando feito idiotas por aí! Cabeça de alfinête! Tem sempre que imitar as filhas de Tiapkin! Não tem de olhar pra elas, já disse! Olha pras outras, se tem vontade de olhar! Por que não toma sua mãe como exemplo?

KLESTAKOV
(Segurando a mão de Maria) Minha senhora, não se oponha à nossa felicidade. Abençoe êste amor eterno!

ANA
Que amor eterno?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Serviço de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-832.

KLESTAKOV
O nosso!

ANA
Nosso, de quem?

KLESTAKOV
O meu e o dela.

ANA
(Desapontada, perplexa) Ah, sei! Do senhor e da minha filha... é isso?

KLESTAKOV
Está em suas mãos, minha senhora. Decida. A morte ou a vida!?

ANA
Está vendo o que me arrumou, estúpida?! Por uma pamonha como você, nosso hóspede ficou de joelhos, se arriscando a um bruto reumatismo! Não lhe gabo o gôsto, mas enfim... Por isso que ela entrou aqui feito uma louca! Bem merecia que negasse meu consentimento! Uma retardada como você, não merece tamanha felicidade.

MARIA
Juro que não faço mais, mãezinha!

O Governador entra abruptamente

GOVERNADOR
Juro que não faço mais, excelência. Não me desgrace!

KLESTAKOV
Que foi que houve?

GOVERNADOR
Eu sei que essa gente veio se queixar de mim! Mas juro que metade do que disseram é mentira! Não é verdade que eu mandei surrar a mulher do subtenente. Ela mesma se surrou. Não acredite nessa gente, Excelência. Não acredite, não acredite.

ANA
Agora quer parar um pouco essa ladainha e ouvir?

GOVERNADOR
Não acredite, Excelência. Não acredite, não acredite.

ANA
Diz logo que não acredita, se não êle fica repetindo isso até o mês que vem.

KLESTAKOV
Não acredito.

ANA
Sabe da honra que nos dá êste cavalheiro? Acaba de pedir a mão dessa... de nossa filha em casamento.

GOVERNADOR
Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias?! Não se zangue, Excelência. Ela sempre foi assim meio abobalhada. A mãe dela era a mesma coisa.

KLESTAKOV
Mas é verdade. Tenho a honra de pedir a mão de sua filha!

GOVERNADOR
Não, não, não posso acreditar, Excelência!

ANA
(Furiosa) Não pode acreditar "por que", pode me dizer?!

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 3413, p-833.

GOVERNADOR
Não, não. Não mereço tamanha felicidade, não mereço!

ANA
Está bem. Então agora quer parar com êsse faniquito e calar a bôca?

GOVERNADOR
Tenha a bondade de dizer, Excelência. Sou só ouvidos!

KLESTAKOV
Pois bem. Torno a pedir a mão de sua filha. Mas previno-o que, se me negar, pelo que possa me acontecer, a culpa é tôda sua!

GOVERNADOR
Não posso acreditar! O senhor está brincando comigo!

ANA
(Chcia) Ai, que vou já, já, ter uma coisa!

KLESTAKOV
Peço-lhe que se decida. De outra forma, responsabilizo-o desde já por minha morte!

GOVERNADOR
Não se zangue, Excelência, não se zangue. Estou completamente tonto. Minha cabeça não pára de dar voltas! Fiquei mais estúpido do que nunca.

ANA
Depois você cuida disso. Dá logo tua bênção e pronto.

GOVERNADOR
Sim, sim com muita honra. Deus os abençoe, se V. Excelência me permite.

Klestakov beija Maria.

(Governador após esfregar os olhos) Êles estão mesmo se beijando, ou eu é que estou ficando louco?

ANA
Vá pro diabo que te carregue. Você hoje já me encheu as medidas.

Entra Ossip.

OSSIP
Os cavalos estão prontos.

GOVERNADOR
Como?! Vai partir?!

KLESTAKOV
Sim, vou.

GOVERNADOR
Mas... mas... mas se não me atrevi a ouvir mal; o senhor teve a bondade de pronunciar a palavra... casamento.

KLESTAKOV
Sim, claro. Vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta.

GOVERNADOR
Não ousamos retê-lo, na esperança de um feliz regresso.

KLESTAKOV
Adeus. Não acho palavras para exprimir minha felicidade. (Beija a mão de Maria).

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.834

GOVERNADOR
Não vai precisar de nada para a viagem? O senhor, parece, já teve a bondade, de precisar de dinheiro uma vez.

KLESTAKOV
Já que insiste...

GOVERNADOR
Quanto deseja?

KLESTAKOV
Bem, o senhor ainda hoje me deu duzentos rublos...

GOVERNADOR
Perdão. Excelência, quatrocentos.

KLESTAKOV
Ah, sim, que distração! Se quiser dar-me agora igual quantia, completaremos oitocentos. Conta redonda.

GOVERNADOR
Aqui estão. Notas novinhas em fôlha.

KLESTAKOV
(Enquanto conta as notas) Tanto melhor. Dizem que traz boa sorte. *(Ao acabar de contar as notas)* Só que está faltando uma de cem.

GOVERNADOR
Ah, sim? Queira ter a bondade de desculpar. Por obséquio.

KLESTAKOV
Não havia pressa. Bem... não quero dizer adeus. Mas uma coisa não posso deixar de dizer: obrigado pela

hospitalidade. Jamais tive acolhimento igual ao desta casa. "Au revoir" *(a Ana)* Minha senhora... *(a Maria)* Adeus, Maria Andreievna, luz de minh'alma!

Faz para sair dramàticamente.

GOVERNADOR
O senhor viajará bem, assim, à noite?

KLESTAKOV
Muito bem, não se preocupe.

GOVERNADOR
Com sua licença mandarei colocar um tapête para que viaje ainda melhor.

KLESTAKOV
Obrigado, não é preciso.

GOVERNADOR
É um riquíssimo tapête persa, muito macio!

KLESTAKOV
É... Pensando bem... venha o tapête.

EM CENA O GOVERNADOR, ANA E MARIA

GOVERNADOR
E então Ana Andreievna? Que belo casamento hem? Confessa que você jamais sonhou com uma coisa assim?

ANA
Não seja primitivo! Nunca esperei outra coisa!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Divisão de Polícia Federal no D.F.
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 835.

GOVERNADOR
Primitivo!... Agora estamos por cima, Ana Andreievna. Vou surrar essa gente tôda que fêz queixa de mim.

Já mandei chamar o comerciante Abdulin. Foi êle quem reclamou em nome dos outros. Cambada de vagabundos! Vão ver só comigo! Vou puxar um a um pela barba.

ANA
Não se esqueça da mulher que nos rogou praga.

MARIA
Mãezinha, mas ela não tem barba.

ANA
Mas tem cabelo, não tem? Dói do mesmo jeito. Mais até!

GOVERNADOR
E, Ana Andreievna, Deus nos distinguiu com uma grande honra. Nossa filha vai se casar com um homem importante. Um partido dêsses é uma bênção divina. E agora, Ana Andreievna?

ANA
Agora o quê?

GOVERNADOR
Onde é que a gente vai morar? Aqui ou na Capital?

ANA
Na Capital, é evidente. Ou você acha que depois de tudo isso iríamos continuar nesta joça?

GOVERNADOR
Só é chato ter de renunciar ao título de Governador.

ANA
Meu Deus! E quem iria fazer questão de um título dêsses agora?!

GOVERNADOR
Mas é claro! porque agora, não é Ana Andreievna? — agora eu posso pretender um posto bem mais alto, não é mesmo? Nosso genro é unha e carne com a ministrada tôda. Vai a palácio quando bem entende. Tem um pistolão daqueles...

MARIA
(Levanta-se num salto) Oh!

ANA
Que foi agora?

MARIA
(Sentando-se) Oh, nada, não senhora!

ANA
Às vêzes chego a pensar que essa menina é bôba!

GOVERNADOR
Você acha mesmo Ana Andreievna, que com a influência do nosso genro posso chegar logo a General?

ANA
Claro que pode.

GOVERNADOR
Deve ser ótimo ser General.

ANA
Vamos ter de mudar completamente de amigos e de hábitos. Você vai ter de deixar de dizer palavrão. Nos-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.836.

sas amizades agora vão ser com duques, condes e tôda espécie de pessoas finas.

Entra o negociante Abdulin.

GOVERNADOR
Ora, viva, meu bom amigo! Saúde!

ABDULIN
O mesmo desejo ao senhor e a todos os seus!

GOVERNADOR
E então, meu querido? Como vão os negócios?

ABDULIN
Assim assim...

GOVERNADOR
E dos outros comerciantes? Assim, assim também?

ABDULIN
Não tenho idéia.

GOVERNADOR
Como não tem idéia? O senhor não é o representante dêles agora? Não é quem fala em nome de todos? Deve estar a par de tudo. E então, meu santo? Todo mundo contente? Os canalhas, ladrões, filhos de uma égua? Vieram se queixar de mim, não é? Pensavam que iam me mandar pra cadeia, não é seus merdas?

ANA
Que é isso, Antocha, que linguagem rústica!

GOVERNADOR
Vocês sabiam, velhacos de merda, que o Inspetor a

quem vieram se queixar vai se casar com minha filha? Sabiam? Hein? Que me dizem agora?

ABDULIN
Reconhecemos a nossa culpa, Anton Antonovich.

GOVERNADOR
Reconhecem não é? Agora! Quem foi que te ajudou naquela falcatrua da construção da ponte? A madeira custou menos de cem rublos e eu te deixei apresentar uma conta de trinta e cinco mil! E que foi que ganhei com isso? Uma ninharia!

ABDULIN
Eu devia estar com o demônio no couro. Juro que não reclamo mais, Anton Antonovich!

GOVERNADOR
Ah, agora como estou por cima vocês rastejam aos meus pés. Se estivesse por baixo, empurravam ainda mais a minha cara na latrina e me batiam da bunda com os paus da ponte que não foi construída. Escuta aqui, Abdulin: se eu quiser, te mando pra Sibéria agora mesmo.

ABDULIN
(De joelhos) Piedade, Anton Antonovich! Confinamento, não!

GOVERNADOR
Enfim, não sou homem de guardar rancor. Mas de uma coisa não se esqueça: minha filha não vai casar com um qualquer não. Vejam bem que presentes vão mandar. Nada de licoreiros, bibelôs ou porcarias iguais a essas!

ABDULIN
Claro que não! Não tenha receio, Anton Antonovitch!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 837.

GOVERNADOR
Se é assim, está bem. Pode ir, e que Deus o perdoe.

ABDULIN
Com a permissão de todos...

Sai.

Entra Aimos.

AIMOS
(À porta) Nem posso acreditar no que estão dizendo! É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade?

Entra Artiemi.

ARTIEMI
Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, Anton Antonovich. Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos, Ana Andreievna.

Entra Madame

MADAME
Ana, Andreievna, quase tive um ataque quando me contaram. *(Beijinhos)* Maria Andreievna, que felicidade! Quase caí dura mortinha! *(Beijinhos)* Anton Antonovitch, foi como se um raio de felicidade me fulminasse, tamanha a minha alegria!

Entram Dobchinski e Bobchinski.

BOBCHINSKI
Tenho a honra de felicitá-lo, Anton Antonovich.

DOBCHINSKI
Tenho a honra de felicitá-lo por tão grande felicidade.

BOBCHINSKI DOBCHINSKI
(Juntos) Ana Andreievna...

Se aproximam ao mesmo tempo e as cabeças se chocam.

DOBCHINSKI
Maria Andreievna, desejo-lhe tôdas as felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras preciosas e tôda espécie de sobremesas requintadas.

BOBCHINSKI
Que Deus lhe dê tôdas as riquezas do mundo, Maria Andreievna. Uma casa todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasalhá-lo no inverno!

Entra Lucas.

LUCAS
Tenho a honra de felicitá-los. Não sabem a alegria que senti quando me contaram.

MADAME
E eu então? Fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu. Senta que é para não cair fulminado com a notícia. Aí êle sentou e eu lhe disse: Ana Andreievna conseguiu um marido para filha! "Não me diga"! "exclamou êle. E eu: por tudo que é mais sagrado! Quero ficar paralítica e careca se estou mentindo! E êle: "Que bom hem?". Mas nem pude responder. Tive uma crise de chôro tão violenta, que por um triz não me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. "Por que está chorando tanto?" perguntou êle?" — E quando fui dizer — de felicidade ora essa! cadê voz? Estava completamente muda de emoção. Não fôs-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Serviço de Polícia Federal no Rio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-838.

se meu marido me sacudir uma porção de vêzes, a esta hora já estaria morta num caixão. Ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico tôda arrepiada!

ANA
Sente-se que isso passa. Sentem-se todos, meus senhores.

Entra Mishka.

MISHKA
Tenho a honra de felicitar Vossa Excelência pelo feliz acontecimento. Nem pode imaginar como me sinto feliz. Não me refiz até agora.

GOVERNADOR
Tá. Então vai se refazer lá fora.

MISHKA
(Desapontado) Puxa! Com licença!

Sai.

AIMOS
Mas conte-nos, senhor Governador! Como se desenrolou o processo?

GOVERNADOR
Que processo?

AIMOS
Quero dizer: como foi que tudo aconteceu?

GOVERNADOR
Ah, de maneira extraordinária. Eu entrei na sala e êle teve a bondade de fazer o pedido.

ANA
Mas tudo como muita delicadeza e finura. "Ana Andreievna faço tudo isso em honra ao vosso mérito". É um homem de incrível nobreza, como todos sabemos. "Faço-o apenas em homenagem às suas extraordinárias virtudes".

MARIA
Mãezinha, tenho a impressão que não foi exatamente assim.

ANA
E eu tenho a impressão, minha querida, que é você quem anda um pouquinho surda! Foi exatamente assim, meu benzinho. Depois, com tôda aquela nobreza que conhecemos, atirou-se de joelhos aos meus pés e, com a voz embargada, acrescentou: "Sois a mais extraordinária das criaturas Ana Andreievna!" "Meu destino está em vossas mãos. Se não consentirdes em corresponder aos meus anseios, darei cabo da vida agora mesmo"...

MARIA
Mas, mãezinha, foi se referindo a mim que êle disse isso.

ANA
Evidentemente. Em parte, era em relação a você também, ninguém está negando isso.

GOVERNADOR
Vocês nem queiram saber o susto que êle nos pregou! Não parava de nos ameaçar com o suicídio. "Vou suicidar-me! Vou suicidar-me!" repetia sem parar com lágrimas nos olhos!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-834.

AIMOS
Que coisa fantástica! Parece até novela!

GOVERNADOR
E estava branco como cêra, só de pensar que poderíamos não concordar com o casamento.

MADAME
Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico roxa.

LUCAS
É como eu digo. O destino tem muita fôrça.

ARTIEMI
Ah, não meu caro. Isso não tem nada que ver com o destino. Destino é uma coisa, méritò é outra. É bem diferente! *(À parte)* A sorte sempre procura um porco como êste! *(Alto)* ou será que o senhor pensa o contrário?

LUCAS
Absolutamente. Era exatamente isso que eu queria dizer. Só que a minha língua embolou, em vez de mérito saiu destino.

AIMOS
Sabe, Anton Antonovich, aquêle cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse?

GOVERNADOR
O que é que tem? Morreu?

AIMOS
Não senhor. Graças a Deus, o bichinho está vivo. Não lhe vendi, sabe por que? Queria lhe fazer uma surprêsa: Queria que êle ficasse bem forte para depois lhe dar de presente. Trago o bichinho amanhã.

GOVERNADOR
Ah, não. Agradeço muito, mas agora não quero mais saber de cachorros.

MADAME
Comigo aconteceu a mesma coisa. De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de brotoejas.

MARIA
Gatos também?

MADAME
(Ao Governador) Han? De gatos o senhor ainda gosta?

GOVERNADOR
Não. Não quero mais saber de bichos em casa!

MADAME
Ah, nem eu. *(A Maria)* Gatos também.

AIMOS
Mas se me permitem a pergunta, onde está o ilustre hóspede? Ouvi dizer que partiu, é verdade?

GOVERNADOR
Pois é, teve que ir tratar de um assunto importante.

ANA
Foi pedir a bênção ao tio. Um senhor muito fino de quem o Imperador não desgruda um instante.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 840.

GOVERNADOR
Amanhã já estará de volta. *(Espirra e todos dizem "saúde")* Amém! Êle não queria ir, mas... *(Espirra novamente e todos dizem "saúde" outra vez)* Amém!... Mas eu disse que absolutamente, que êle tinha de ir de qualquer jeito.

Mesma cena de espirros.

AIMOS
Desejo-lhe tôda a saúde do mundo. Excelência.

BOBCHINSKI
E eu, um rio de moedas de ouro.

DOBCHINSKI
E eu, pedras preciosas já lapidadas e tudo.

ARTIEMI
(À parte) E eu, quero que êle se arrebente todo.

GOVERNADOR
Obrigado. Desejo-lhes tudo isso em dôbro.

ANA
Estamos pensando em nos mudar para a Capital, Petersburgo. Pra dizer a verdade, aqui se respira um ar tão provinciano!... Muito desagradável o ar daqui.

MADAME
Ah, horrível! Às vêzes chego até a tapar o nariz, durante horas e horas!

ANA
Além disso, temos de ir de qualquer maneira. Não sei se já sabem que o Anton Antonovitch foi promovido a Marechal.

GOVERNADOR
Quer dizer, ainda não fui, mas estão insistindo muito, sabem?

MARIA
Insistindo quem, papai?

GOVERNADOR
Ora, você não ouviu seu noivo falar?

ANA
Não digo que essa menina está ficando completamente surda?

LUCAS
É! A sorte é pra quem tem!

AIMOS
Um genro assim é uma bênção dos céus!

ARTIEMI
(À parte) Marechal! Aqui!

Faz o gesto.

MADAME
Bem que eu gostaria de ser espôsa de um marechal.

LUCAS
Digas com quem andas e te direi quem és.

Entra o chefe dos Correios.

IVAN
(Lívido) Senhor Governador... eu... eu....

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Delegacia de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.841

MADAME
Igualzinho a mim! Se fico emocionada, não consigo dizer um ai! Dá um nó nas minhas cordas vocais.

GOVERNADOR
Não precisa dizer nada, meu amigo. Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos. Sente-se por favor. *(Chefe dos Correios lhe estende uma carta, mãos trêmulas)* Que é isso? Carta pra mim?

IVAN
Não senhor.

GOVERNADOR
Ué! Então por que fica me abanando com isso na cara?

IVAN
É o caso mais surpreendente, desde que me conheço. O Inspetor, que nós pensávamos que era o Inspetor, não é o Inspetor.

GOVERNADOR
O quê?! Como se atreve a dizer que o Inspetor não é o Inspetor.

ANA
Anton Antonovich, manda logo êle pra Sibéria.

MADAME
Sim. Mas se um Inspetor que a gente pensa que é um Inspetor não é o Inspetor... êsse Inspetor, então, não é um Inspetor como a gente pensava. É tão simples, meu Deus.

GOVERNADOR
Cale-se.

IVAN
O homem que estêve aqui não era um inspetor mas um impostor.

GOVERNADOR
Impostor?!

IVAN
Exatamente. Esta carta não me deixa mentir.

GOVERNADOR
Carta? Que carta é essa?

IVAN
Dêle próprio. Quando li o nome do remetente, quase morri de mêdo. Pensei que êle tinha descoberto alguma coisa errada nos Correios e me denunciava à Agência Central. Por isso abri a carta.

GOVERNADOR
O senhor é um atrevido! Abrir uma carta dessas!

IVAN
Bem, no principio eu não queria abrir. Mas uma voz parecia dizer-me: "abre, abre", e eu abri.

GOVERNADOR
Foi uma grande ousadia de sua parte. Onde já se viu abrir cartas alheias e ainda mais a carta de uma autoridade!

IVAN
Aí é que está. Êle não é autoridade nenhuma.

GOVERNADOR
Como não é? Êle é o que então?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-842.

IVAN
Isso só o demônio sabe.

GOVERNADOR
Como se atreve a falar assim? Vou mandar prendê-lo!

IVAN
Acho que o senhor não vai fazer isso, não...

GOVERNADOR
O senhor sabe que o Inspetor vai ser meu genro? Se quizer posso te mandar para a Sibéria.

IVAN
Ora, meu caro, esqueça a Sibéria que fica muito longe. É melhor ler a carta. Se me permitem, eu mesmo leio.

TODOS
Leia, leia, leia!

IVAN
Com licença. *(Lendo)* "Apresso-me a informá-lo, meu caro Stanislaw, das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo meu dinheiro no jôgo e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto e às minhas roupas, tôda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve: estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo, a mulher e a filha dêle. Ainda não me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que deve estar há muito tempo "a ver navios". E como se sabe, "galinha velha é que dá bom caldo". Por falar em galinha como está longe aquêle tempo de miséria em que tínhamos de dividir o almôço?! Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero. Nunca vi gente tão boboca. É de se

morrer de rir! Você podia aproveitar essa história em seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil. Estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!

GOVERNADOR
É mentira! Isso não está aí!

IVAN
Pois leia o senhor mesmo.

GOVERNADOR
Deixe ver "É estúpido como um jumento..." É impossível! Foi o senhor mesmo quem escreveu isto.

IVAN
Eu como? Não vê pela letra?

ARTIEMI
Continua.

AIMOS
Leia o resto.

IVAN
(Lendo) "Estou louco para lhe botar um bom par de chifres".

GOVERNADOR
Precisa repetir?! Ninguém é surdo. Adiante. adiante.

IVAN
(Lendo) "pra lhe botar um bom par de chifres"

GOVERNADOR
Ai meu cacête!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Quadro de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.843.

IVAN
(Lendo) Hum... "O Chefe dos Correios... é um homem mais do que excelente".

GOVERNADOR
(Fazendo o mesmo gesto redondo) Aqui Oh, que diz isso! leia direito que eu vou conferindo.

IVAN
Mas há senhoras presentes!

GOVERNADOR
Não interessa. Já começou, continue.

ARTIEMI
Permita que eu leia. *(Lendo)* "O Chefe dos Correios é um fresco. Aliás acho que êsse é fresco mesmo. Mas deve se arrumar mal. Tem um bafo incrível".

IVAN
Isso é mentira!

GOVERNADOR
É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde. Continue.

ARTIEMI
(Lendo) "O diretor do hospit... *(Gagueja)* pi... pi..."

GOVERNADOR
Que aconteceu? Quer ir ao banheiro?

ARTIEMI
A letra não está muito clara.

AIMOS
Minha vista é melhor. Eu leio.

Toma a carta.

ARTIEMI
(Lutando pela carta) Não essa parte se pode pular. Adiante a letra fica mais legível.

AIMOS
Dá licença. Minha vista é ótima.

ARTIEMI
Não, senhor, eu também sei ler. Depois dêsse trecho não há mais problema.

IVAN
De forma alguma! A não ser que leia tudo. Do contrário devolva a carta.

TODOS
É isso mesmo!

GOVERNADOR
Leia tudo ou devolva.

ARTIEMI
Pronto. *(Entrega a carta)*. Com licença... *(Cobre uma passagem)* Leia daqui pra baixo.

Todos se aproximam.

IVAN
Absolutamente. Leia tudo.

AIMOS
(Lendo) "O Diretor do Hospital é um verdadeiro por-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no DF - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p-844

co. O hospital dêle fede tanto que o doente, mal chega, morre envenenado. Precisava ver como êle se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitava tanto! As unhas, parecem luto, de tão sujas. Um porco, um porco enfeitado, melhor dizendo".

ARTIEMI
(Escondendo as mãos) Falta de espírito! Onde já se viu porco enfeitado?

BOBCHINSKI
Porco de banquete êles enfeitam!

AIMOS
(Lendo) "O diretor da escola então, nem te conto. Dá impressão que então descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outro fedido! E o que é pior, está corrompendo a juventude daqui. A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família" convida-os para a sua casa de solteiro.

GOVERNADOR
Eu hein?!

LUCAS
Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANA
Você pediu alguma vez a êle?

MARIA
Eu não mãezinha! Deus me livre.

AIMOS
(À parte) Felizmente não tem nada a meu respeito.

ANA
(Lendo) "O Juiz..."

AIMOS
(À parte) Pronto! *(Alto)* Meus senhores, acho que agora basta! Onde já se viu ficar lendo tanta porcaria? Vamos rasgar essa bosta!

LUCAS
Rasgar uma ova!

IVAN
Aqui oh! *(Gesto redondo)* Continua.

ANA
(Lendo) "O juiz Tiapkin é um "mauvais ton..." *(Interrompe)* Acho que é uma expressão francêsa.

AIMOS
Só Deus sabe o que quer dizer. Ainda bem que parte de um sujeito dêsses, sem o menor escrúpulo, sem o menor respeito humano!

ANA
(Lendo) "De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus, meu caro Stanislaw. Acho que vou seguir teu exemplo. Vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que, em tal e tal lugar, existem uns pobres diabos, cujos governadores êles já deviam ter jogado na latrina. Como vês, estou mudando, já não tenho mêdo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando? O melhor é parar por aqui. Escreva-me para a aldeia de Podkalitovka. Província de Staratov."

Silêncio total. Está todo mundo arrasado. Madame põe a carta no envelope e devolve ao chefe dos Correios.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.845.

Por algum tempo fica todo mundo imóvel. Ninguém ousa encarar o outro.

ANA
(Arrasada) "Galinha velha". Puxa! Essa carta foi uma facada no meu coração!

MARIA
(Patética) Não ligue pra isso mãezinha!

O Governador de repente explode, esmurra a mesa.

GOVERNADOR
Maldito! Tragam êsse cão de volta!

IVAN
Trazer de volta pra que, Anton Antonovitch? O que está feito está feito.

GOVERNADOR
Quero meu tapête persa que aquêle desgraçado roubou. *(Patético)* Ah, que tapête que nada! O que é um tapête comparado a todo o mal que êsse bandido me fêz? Êle me assassinou, me assassinou! Apunhalou-me pelas costas. E logo a mim, a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos!

MADAME
(Pausa) Quem com ferro fere, com ferro será ferido!

GOVERNADOR
(Em fúria) Saia daqui sua pata choca; Depressa se não quer levar um ponta-pé na bunda!

MADAME
(Pronta para um chilique) Ai!...

GOVERNADOR
E não se atreva a ficar roxa em minha casa! Rua! Rua!

MADAME
(Saindo apavorada) Ai, acho que vou morrer. Vou ficar entrevada o resto da vida!

Desaparece aos berros.

GOVERNADOR
(Espancando-se com os próprios punhos) É bem feito, velho tonto! Bem feito!...

ANA
Mas como é que pode ter acontecido isso, meu Deus? Nós tratamos êle tão bem! com tanta gentileza! E êle se comprometeu com nossa filha.

GOVERNADOR
(Dando uma banana) Aqui, pro compromisso dêle. Êle me desgraçou. Isso sim! A esta hora, deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo, batendo palma, caçoando de mim. Liberais malditos! Não vão poupar meu cargo, o sacrifício de minha vida inteira! Minha vontade era acabar com essa cambada tôda! *(Batendo nos peitos e com os pés no chão)* Assim, assim, assim! *(Pausa)* Agora pergunto? Que havia naquele desgraçado que se assemelhasse a um Inspetor? Nada, absolutamente nada! E de repente, começou todo mundo a exclamar: "O Inspetor! o Inspetor! o Inspetor" Quem foi o primeiro miserável a espalhar êsse boato? Quero saber quem foi?

ARTIEMI
Não sei com isso aconteceu. É como se o demônio nos tivesse cegado a todos!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Política e Social - RJ
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p - 846.

AIMOS
Eu sei quem espalhou a notícia. Foram êsses dois palhaços.

Aponta Bobchinski e Dobchinski.

DOBCHINSKI
Eu não! Que Deus me castigue!

BOBCHINSKI
Nem eu! Por essa luz que me ilumina!

ARTIEMI
Foram êles sim.

LUCAS
É isso mesmo. Saíram do hotel gritando feito loucos: "O Inspetor chegou! O Inspetor chegou!"

GOVERNADOR
É verdade. Foram êsses malditos boateiros! Essas malditas comadres!

ARTIEMI
Que o diabo os carregue com o Inspetor e com tôdas as suas mentiras.

GOVERNADOR
Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo o mundo. Urubus malditos!

AIMOS
Tagarelas imundos!

LUCAS
Intrigantes duma figa!

ARTIEMI
Boateiros de merda!

IVAN
Mulherzinhas tricoteiras!

Todos os cercam.

BOBCHINSKI
Juro que não fui eu! Foi Pietro Ivanovicht.

DOBCHINSKI
Não é verdade. Pietro Ivanovicht, foi o senhor primeiro.

DOBCHINSKI
Mentira, Pietro Ivanovicht. O primeiro foi o senhor!

Entra Mishka.

MISHKA
Senhores, o funcionário que acaba de chegar de São Petersburgo, em missão especial, ordena que o procurem imediatamente. Êle está no hotel.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Política
1957

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p847

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE NITERÓI - RJ.

PARECER DE EXAME DE TEXTO Nº 124 /87/SCDP/DPF/NITERÓI

GÊNERO:- TEATRO
TÍTULO:- O INSPETOR GERAL
AUTOR:- NICOLAI GOGOL- TRAD. FERREIRA GULLAR E JOÃO DAS NEVES - ADAP. BENEDITO CORSI
CLASSIFICAÇÃO:- 14 ANOS

O INSPETOR GERAL:- Um jóvem dissipador, preseguido pelos muitos credores da Capital, vai para uma cidade do interior onde ninguem o conhece. Lá, não existe nenhum meio de informação oficial, cabendo há duas pessoas conhecidas na cidade como boateiros, a divulgação de quelquer notícia sensacional. O jóvem recém-chegado é então confundido com o Inspetor Geral mandado para fiscalizar a administração municipal. As Autoridades locais, todas corruptas e violentas, são surpreendidas com a presença do vistante e ficam com muito mêdo das consequencias de seus atos; passam a bajularem o jóvem recém-chegado a cidade com várias oferendas, inclusive empréstimos em dinheiro. O Governador dá a mão de sua filha Maria em casamento para agradar o jóvem, enquanto este iguinorando tantas gentilezas recebe as ofertas com muita naturalidade; escreve a um amigo da Capital lhe contando sua inesperada prosperidade na cidade desconhecida; a carta, entretanto, é interceptada e aberta pelo chefe dos Correios, ficando todos sabendo por seu intermédio o equívoco; enquanto isso, o jóvem foge com o dinheiro que apanhara emprestado e é anunciada a chegada do verdadeiro Inspetor Geral que fiscaliza tudo e pune todos os culpados.

Enredo com liguagem coloquial e mensagem positiva que deve ser liberado para maiores de 14 anos de idade, condicionado ao exame de ensaio geral, ocasião em que se verá o efeito das expressões chulas que constam do texto.

Niterói, 10 de novembro de 1987.

Bel. João D. O. Guedes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-848.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DIVISÃO DE POLICIA FEDERAL EM NITERÓI/RJ
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 125 /87 DATA: 13/11/87

ASSUNTO: EXAME DE TEXTO TEATRAL
TÍTULO : O INSPETOR GERAL
AUTORIA: NICOLAI GOGOL
TRADUÇÃO: FERREIRA GULLAR E JOÃO DAS NEVES
ADAPTAÇÃO: BENEDITO CORSI
CLASSIFICAÇÃO: LIBERADO PARA MAIORES DE 10 ANOS.

O drama tem por cenário uma miserável aldeia da Rússia czarista. Seus administradores, reflexo da política dominante, são todos corruptos e prepotentes. Mediante o receio de uma correição imperial em suas atividades inescrupulosas, são tomados de pavor ante a inesperada presença de um viajante à cidade, supostamente um inspetor-geral. O estranho, um jovem perdulário e foragido da capital por dívidas não honradas, logo percebe a situação e se beneficia com inúmeras vantagens. Bajulado por todos, obtém empréstimos e namora, sorrateiro, tanto a filha quanto a esposa do prefeito. Sua prosperidade motiva uma carta a certo amigo que é, como de costume, aberta e lida pelo espião do grupo, o chefe dos correios. O relato atinge viceralmente a todos e a desmoralização é total.

A comicidade da obra encontra-se exatamente na leitura da carta porquanto cada atingido ao passo que procura evitar os desairosos comentários a seu respeito, insiste por saber da saraivada contra os demais, assim, sucessivamente. Após um breve silêncio, a surpresa final, o verdadeiro inspetor-geral acabara de chegar.

CONCLUSÃO: A obra é enfática ao despotismo de Nicolau' I, porém, consegue despistar São Petersburgo camuflando esse alvo sob a capa de uma cidadela do interior onde, igualmente, vociferam tiranos e corruptos. Trata-se de uma comédia de cunho universalista posto explorar e expor ao riso a conduta iníqua dos governantes.

O uso de eufemismos para expressar situações do conluio extraconjugal e o tom de comédia ou farsa contida na mensagem contribuem para um espetáculo leve e, consequentemente, apto para uma platéia acima dos 10 anos.

Sgt. Franklin F. Nascimento
Censor Federal - Mat. 2416918

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 869

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM NITERÓI
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER DE EXAME DE TEXTO TEATRAL Nº 126/87 DATA- 14/11

TÍTULO - " O I N S P E T O R G E R A L "
AUTOR - NICOLAI GOGOL
TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO - Ferreira Gullar e
João das Neves
GÊNERO - PEÇA TEATRAL
CLASS. - DEZ ANOS

E N R E S O- Numa aldeia miserável da Rússia em 1836 onde todos os funcionários são militarizado e onde reina o abuso de poder e a corrupção, surge o boato da chegada de um inspetor que viria investigar a administração municipal.

Um jovem perdulário, de passagem na cidade, é confundido com o inspetor e passa a ser bajulado pelos corruptos funcionários.

Percebendo que está sendo tratado assim porque foi confundido com um alto dignitário, o rapaz aceita empréstimos, namora a filha e paquera a mulher do governador e aceita presentes.

Alegando ir à capital a fim de resolver negócios urgentes, o "inspetor" foge mas deixa num posto do correio uma carta contando a um amigo da capital suas aventuras.

A carta é interceptada pelo chefe dos correios que a lê para os colegas os quais ficam irados pelo estúpido engano que cometeram. Na confusão é anunciada a chegada do verdadeiro inspetor.

Trata-se de um texto cômico que denuncia a corrupção, a hipocrisia e a violência do funcionalismo público.

A linguagem utilizada é coloquial com alguns termos maliciosos.

A mensagem é positiva e na história os culpados são punidos pela própria incapacidade de discernimento

O trabalho possui certificado válido até 08.NOV.89, com classificação DEZ ANOS e Just. de Impropriedade "Temática Relativamente Complexa", de acôrdo com o rádio 405/87/SCDP/SR/RJ.

Diante do exposto, sugiro que se mantenha a faixa etária.

Silvana Aparecida Barreiro Jamardo
Censora Federal - Mat. 022 2579

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 850.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM NITERÓI
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER DE ENSAIO GERAL Nº 136/87 DATA: 17.NOV.87

TÍTULO - "O I N S P E T O R G E R A L"
AUTOR - NICOLAI GOGOL
TRAD. e ADAPTAÇÃO - FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES
GÊNERO - PEÇA TEATRAL
CLASS. - DEZ ANOS
JUST. IMPR. - TEMÁTICA RELATIVAMENTE COMPLEXA

E N R E D O - A história se passa numa aldeia miserável na Rússia de 1836.

Um jovem esbanjador, perseguido por seus credores, foge para o interor onde corre o boato da chegada de um inspetor encarregado de investigar a administração municipal.

Os corruptos burocratas: prefeito, juiz, diretor da escola, chefe das agências do correio e o curador das instituições beneficientes ficam apavorados, se reúnem e vão bajular o jovem visitante pensando tratar-se do inspetor.

O rapaz percebe que está sendo confundido com um grandignitário e aproveita para aceitar todo tipo de suborno. Antes de ir embora, a pretexto de resolver assuntos na capital, ele manda uma carta a um amigo contando os pormenores de sua aventura. A carta é interceptada pelo chefe dos correios que a lê para os demais "colegas de corrupção" que ficam estarrecidos frente ao engano. Nesse ínterim chega o verdadeiro inspetor.

C E N Á R I O - Á direita uma escada com cinco degraus e oito módulos amarelos que são usados como mesas e cadeiras.

I N D U M E N T Á R I A - Todos os personagens com roupas de época (1836) da Rússia.

D O E S P E T Á C U L O - Os atores seguem o texto na íntegra, o qual possui muitas marcações cômicas.

O trabalho possui classificação anterior com impropriedade para menores de dez anos e justificativa de impropriedade "Temática Relativamente Complexa" e Certificado válido até 08.NOV.89, conforme rádio nº 405/87/SCDP/SR/RJ. Diante do exposto, sugerimos que se mantenha a faixa etária.

Bel. João D. O. Guedes
Tec. Censura
Mat. 1.741.420

Bel. Franklin F. Nascimento
Censor Federal - Mat. 2416918

Silvana Aparecida Barreiro Jamardo
Censora Federal - Mat. 022 2579

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0413,p.851.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
04 NOV 19
S.E.T.E.L. - SP

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSB

TEXTO E ASSINATURA

RD 378-SCDP/SR/DPF/RJ-301087-SOL INF OQC PEÇA TEATRAL
" O INSPETOR GERAL " AUT NICOLAI GOGOL TRADUCAO FERREIRA
GULLAR ET JOAO DAS NEVES PT

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

SMS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 043,p.852.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº: 266/87

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: " O INSPETOR GERAL "

TÍTULO ORIGINAL: AUTOR:NICOLAI GOGOL/TRAD:FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: REQ:MARIA ELICE CARVALHO RAMOS

CLASSIFICAÇÃO: 10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

Válido até: 08 DE NOVEMBRO DE 1989

Emitido em: 17 DE NOVEMBRO DE 1987

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA RELATIVAMENTE COMPLEXA.

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DA SCDP/SR/RJ

ENSAIO GERAL
EM 17/11/87
p/Chefe do SCC/SCDP/SR/5

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO: 10 ANOS/ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO DEVIDAMENTE ACOMPANHADO DO SCRIPT CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/DPF/RJ.VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL/.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 853.

TEATRO

TÍTULO* O INSPETOR GERAL *

AUTOR DA PEÇA: * NICOLAI GOGOL *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 10 ANOS *

Praça * SCDP/SR/RJ *

Obs.:

DF. 11 / FEV... / DE / 1988

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

Bsb, 23/02/88

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe do SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

611461DPFEA BR
10.53 339228+
OCC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 854

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
30 JUN 1524 SS 000000

1995

0630.1051
+
611461DPFEA BR
2122433DPFE BR

ENCAMINHADO A
RUBRICA

DCDP

DE RIO NR 5549 35 30/1030

DCDP/BSA

RD NR 168/88-SCDP/SR/DPF/RJ DE 290688 - SOL INFO OQÇ PEÇA TEATRAL
'' O INSPETOR GERAL'' VG AUTORIA NICOLAI V.GOGOL VG TRADUÇAO
FERREIRA GULAR ET JOAO DAS NEVES VG REQUERENTE MARCELO BASBUS
MOURAO PT

SR/RJ

NNNN
TR POR NG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 855.

Recebi às 9:40
em 08/07/88 (guia 553)
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 856

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SC - DCDP

8 JUL 1606 000000

ENCAMINHADO A RUBRICA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDERÊÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº265/DCDP de 08 _ 07 _ 88___ RERA NRS 168 ET 171/SCDP/RJ 290688 VG INFO PEÇAS "O INSPETOR GERAL" LIB 10 ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG "O COELHINHO PITOMBA" CLASSF LIVRE CERT VAL 230789 PTVG "A INFIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS" LIB 14 ANOS CERT VAL 080689 J.I MALICIA ET IRREVERENCIA PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Vilma Helena Sanan Domingos..... DPF-84

Chefe do SC - DCDP

Substituto

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.857

DPF

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
-6 JUL 0907 SS 000000

20405

DCDP

DE RIO NR 5671 38 05 1530

ENCAMINHADO A
RUBRICA

DCDP/BSA

RD NR 176/88/SCDP/SR/DPF/RJ DE 050788 REITERANDO RD NR 168/88 DE 290688 SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL '' O INSPETOR GERAL '' VG AUTORIA NICOLAI V. GOGOL VG TRADUCAO FERREIRA GULAR ET JOAO DAS NEVES VG REQUERENTE MARCELO BASBUS MOURAO PT

SR/RJ

NNNN
T POR GT
REC POR?
AS 1600
✪
611461DPFEB BR
2122433DPFE BR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 858.

Recebi as 15:45
em 12/07/88 (guia 573)
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 859.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 13 JUL 14 47 88 000000

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDERÊÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 270/DCDP de 13 _ 07 _ 88 ___ RERA NR 175 DE 040788 VG NR 176 DE 050788 0788 VG NRS 177 ET 181 DE 060788 SCDP/RJ VG INFO PEÇAS "ALEM DA VIDA" LIB 14 ANOS CERT VENC 020287 J.I. CENAS IMPRESSIONAVEIS PTVG "O INSPETOR GERAL" lib 10 ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG"AMOR POR ANEXINS" CLASSF LIVRE CERT VAL 140689 PTVG "CHICO REI" LIB 10 ANOS CERT VAL 230889 J.I. TEMATICA COMPLEXA PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor Vilma Helena Sanan Domingos DPF-84

Chefe do SC - DCDP

Substituto

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.860.

DPF/MJ
DIV. DE CENSURA
DIVERSÕES PUB.
SERPRO
NUMERO DE IDENTIFICAÇÃO
--- SENAPRO ---
08202.004877/88-39

-1 SET 1015 000000

OFÍCIO Nº 643/88 Em, 09 / 08 /1988

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. prot.Nº: 3325/88 - SCDP/SR/RJ - 28.06.88

Encaminho a V.Sª. cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral "O INSPETOR GERAL" de NICOLAI V. GOGOL - TRAD. FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES foi requerida por MARCELO BASBUS MOURÃO

Atenciosamente,

P/CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ

SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 861

ILMª SRª CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RJ

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
SERVIÇO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 3325
DATA 28 / 06 / 1988
ASSINATURA

MARCELO BARBOS MOURÃO
(REQUERENTE)

BRASILEIRO — ATOR
(NACIONALIDADE) (PROFISSÃO)

RUA ORDEM 47/403
(RESIDÊNCIA)

TIJUCA — 20511 CEP — [illegible] (TELEFONE)
(BAIRRO)

Vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, que se digne mandar examinar, de acordo com as normas censórias vigente, ESPÉCIE

abaixo relacionadas de autoria de: NICOLAI GOGOL, VERSÃO DE FERREIRA GULLAR E JOÃS DAS NEVES.

O INSPETOR GERAL

TEATRO CACILDA BECKER - ESTREIA 01/07/88

PEÇA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO IDEAL

LB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 862.

1 - EMPRESA OU GRUPO (SE HOUVER)

NOME: FUNDAÇÃO DANCHÉ CGC _____

SEDE: RUA 30A VISTA 176 TEL. 1806363 R 423

DIRETOR RESPONSÁVEL: MARCELO TEIXEIRA MOURÃO

2 - DADOS DO AUTOR:

NOME: _____

PSEUDONIMO: _____

NACIONALIDADE: _____ NATURALIDADE _____

PROFISSÃO: _____

ENDEREÇO: _____ TEL: _____

3 - PARCERIA (SE HOUVER)

NOME: _____

PSEUDONIMO: _____

NATURALIDADE: _____ NACIONALIDADE _____

ENDEREÇO: _____ TEL _____

DECLARO QUE A MATÉRIA A SER EXAMINADA NUNCA FOI SUBMETIDA A APRECIAÇÃO DESTE SCDP/SR/RJ (EXCETUANDO OS PEDIDOS DE RENOVAÇÃO DE CERTIFICADO OU DE CONFRONTO DO TEXTO), ASSUMINDO, INTEIRAMENTE A RESPONSABILIDADE PELAS INFORMAÇÕES AQUI / PRESTADAS.

DATA: RJ, 28/06/88

ASSINATURA: _____

L6.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 863.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920.
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO Nº 3325
DATA 28 06 1988

Rio de Janeiro, 24 de junho de 1988.

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

"O INSPETOR GERAL"

Original de Nicolai V gogol

Tradução de Ferreira Gular e João das Neves.

Próxima apresentação de

Teatro Gavel Cidade Riode Janeiro.

Estado Rio de Janeiro

A estréia está prevista para 01-07-88

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

20 blocos 50x3
Agosto / 84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.864.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

30 JUN 1988

S.E.T.

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSA

TEXTO E ASSINATURA

RD NR 168/88 - SCDP/SR/DPF/RJ DE 290688 - SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL "O INSPETOR GERAL " VG AUTORIA NIVOLAI V.GOGOL VG TRADUÇÃO FERREIRA GULAR ET JOAO DAS NEVES VG REQUERENTE MARCELO BASBUS MOURÃO PT

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE SCDP/SR/DPF/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0413.p.865.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
05 JUL 1988
BSB-TEA

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSA

TEXTO E ASSINATURA

RD NR 176/88- SCDP/SR/DPF/RJ DE 050788- REITERANDO RD NR 168/88 DE 290688- SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL "O INSPETOR GERAL" VG AUTORIA NICOLAI V. GOGOL VG TRADUÇÃO FERREIRA GULAR ET JOÃO DAS NEVES VG REQUERENTE MARCELO BASBUS MOURÃO PT

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE SCDP/SR/DPF/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-866.

TELEX TELEX TELEX

2122423DPFE BR
611461DPFEA BR

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
1988

DE BRASILIA-DF NR 5445 60 131456P(((LTH)))

SCDP/SR/RIO/RJ

NR 270/DCDP DE 130788 - REBA NR 175 DE 040788 - VG NR 176 DE 050788 VG NRS 177 ET 181 DE 060788 SCDP/RJ VG INFO PECAS ''ALEM DA VIDA'' LIB 14 ANOS CERT VENC 020287 J.I. CENAS IMPRESSIONAVEIS PTVG ''O INSPETOR GERAL'' LIB 10 ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG ''AMOR POR ANFIMS'' CLASSIF LIVRE CERT VAL 140689 PTVG ''CHICO REI'' LIB 10 ANOS CERT VAL 230889 J.I. TEMATICA COMPLEXA PT

DCDP

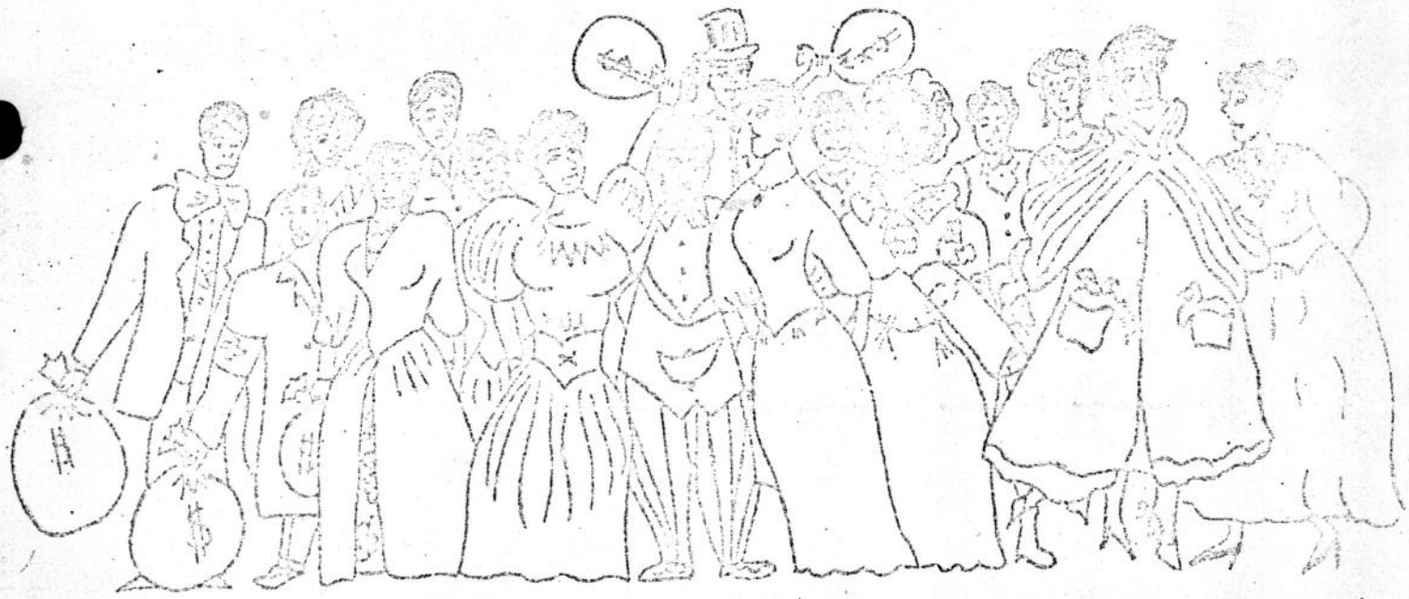
NNNN
TR POR: JKMM JM AS 1622 HRS
RECEBIDA POR.....''
2122423DPFE BR
611461DPFEA BR

" O Inspetor Geral "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 867

Itaú Fundação Itauclube

O INSPETOR GERAL!



... " Não é culpa do espelho, se temos a cara torta " ...

(Provérbio Russo)

SVBS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0413,p.868.

FUNDAÇÃO ITAUCLUBE

RJ

apresenta

" O INSPETOR GERAL "

(NICOLAI V GOGOL)

TRADUÇAO : FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES

ADAPTAÇAO E DIREÇAO DE MARCELO BASBUS MOURÃO

SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.869.

" O INSPETOR GERAL "

ÉPOCA : 1836

LOCAL : REFERÊNCIA : Cidadezinha do interior da Rússia

ADAPTAÇÃO : Qualquer lugar do mundo

ATO PRIMEIRO

Viagem da vida - Música Abertura

CENÁRIO : SALA DA CASA DO GOVERNADOR PELÓPIDAS

amanhecendo

CENA 01

PELÓPIDAS : Meus senhores, chamei-os aqui para lhes dar uma péssima notícia. Vai chegar aqui um inspetor.

DR TOLEDO : O quê ?

DR NESTOR : Um Inspetor ?

PELÓPIDAS : Exatamente, um inspetor que viaja incógnito. E o que é pior : EM MISSÃO SECRETA !!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.87.

DR. TOLEDO :Santo Deus

DR. NESTOR :Não faltava mais nada

PELÓPIDAS : Tive um pressentimento esta noite, sonhei com dois enormes ratos, que surgiam assim, negros, fantásticos, farejavam e depois iam embora. Ouçam a carta que recebi da Capital.

"Querido amigo e compadre (Pula alguns trechos murmurando qualquer coisa) Ah, aqui está : "Apresso-me a informá-lo da chegada aí de um inspetor, um funcionário especializado que leva instruções para inspecionar toda a província, e em especial este distrito (Ergue o dedo num gesto significativo). Obtive esta informação de fonte fidedigna, muito embora a viagem deste inspetor tenha caráter sigiloso ". Bem aqui vem coisa sem importância, tá ... tá .... tá ... Como sei que nenhum ser humano está livre de cometer seus pecadinhos, aconselho a tomar todas as precauções possíveis, pois este funcionário pode chegar a qualquer momento, se é que já não está aí, sem que ninguém saiba. Ontem eu ... Daqui prá frente são assuntos de família. Minha irmã Ana teve aqui outro dia com a besta do marido. Ivan está um porco de gordo, mas insiste em tocar violino, etc, etc . Bem senhores, esta é a situação.

DR. TOLEDO .De fato, é alarmante .

LUCRÉCIA: qual será a razão disto. O que vem fazer aqui, um Inspetor ?

PELÓPIDAS : É o destino... Até hoje por sorte nossa essa gente só metia o nariz nos outros distritos. Chegou a nossa vez.

DR. TOLEDO :Creio, senhor Governador, que deve haver um motivo mais sutil, de natureza política. Vai ver que estão querendo declarar guerra e o Ministério manda um funcionário para verificar se há por aqui algum traidor.

PELÓPIDAS :Que traidor que nada . Que faria um traidor num distrito como o nosso,longe da fronteira, longe de tudo. Muito me admira que me diga uma coisa destas.

DR TOLEDO :Posso garantir Senhor Governador, que debaixo desse angu tem carne. O Ministério é muito precavido. Nada lhe escapa.

PELÓPIDAS :Quem tem que escapar somos nós, só nós . De minha parte já tomei todas as providências, e aconselho a vocês a fazer o mesmo. Sobretudo o senhor, DR NESTOR, o Hospital é o primeiro lugar que o Ins-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-871

petor vai querer visitar, não custa nada torná-lo agradável, limpo, decente. Fornecer roupas limpas aos doentes , para que não pareçam limpadores de chaminés, como de hábito.

DR. NESTOR :Bem, isto é fácil, mando por uma touca limpa na cabeça deles, e pronto

PELÓPIDAS :Ótimo, mas além disto, deve-se colocar ao pé de cada cama uma ficha escrita em latim ou outra língua difícil, com o nome da doença, data da entrada do paciente, etc ... e era preferível que houvesse menos doentes lá. Dá muito má impressão ver tantos doentes no hospital. o Certo seria dispensar alguns.

DR. NESTOR :Quando a isto penso da mesma forma. O Dr. Cristiano também. Prá que tanto remédio caro. Certo é confiar na natureza. O homem quando tem que morrer morre mesmo e quando tem que ficar bom, fica.

PELÓPIDAS :Ao Senhor Juiz, Dr. TOLEDO aconselharia dar mais atenção ao tribunal. Na sala de esperas os contínuos agora criam gansos, que sujam tudo, atropelam as pessoas. Não há dúvida que a avicultura é digna de elogios. E porque se haveria de proibir os contínuos de criar gansos. Podem criá-los, mas não na sala de esperas de um tribunal.

DR. TOLEDO :Darei ordem hoje mesmo para que levem os gansos para a cozinha. Venha jantar conosco.

PELÓPIDAS :E outra coisa. O Senhor há de convir que não fica nada bem colocar roupas para secar em plena sala de audiências, e que a mesa de um Juiz não é lugar para se entulhar de equipamentos de caça. É compreensível que o senhor goste tanto de caçar e de pescar, mas não é necessário que no julgamento o senhor use chicotes e esporas, pelo menos até que o inspetor se vá. Quanto ao seu secretário, me desculpe, mas ele cheira tanto a álcool que é impossível suportar. Se é verdade como se diz que o cheiro é de nascença,ainda assim não se justifica. Ele que coma alho, cebola, sei lá o quê .

DR. TOLEDO : Ele diz que caiu do colo da ama quando era bebê.

PELÓPIDAS :O que?

DR. TOLEDO :É verdade, e desde então ficou com aquele cheiro forte de vodka.

PELÓPIDAS :Bem falei isso por falar. E quanto ao que Telzinho chama em

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p. 872.

sua carta de pecadinhos, nada tenho a dizer. Afinal de contas existirá alguém no mundo que não tenha pecados ? O homem é como Deus o fez, e quanto a isto nada adianta vociferar como fazem os moralistas.

DR. TOLEDO :Claro, eu por exemplo digo abertamente que recebo propinas, que sou subornado. Mas que espécie de propinas ? ... Cães Perdigueiros ... A diferença é enorme !!! É.

PELÓPIDAS : Cães perdigueiros ou não, tudo é suborno É ...

DR. TOLEDO :O senhor acha mesmo ?

PELÓPIDAS :Acho. Quanto à Senhora, D. Lucrécia, como Diretora de Escolas, seria bom que se preocupasse mais com seus professores. Sei que se trata de gente culta, que estudou muito, mas eles tem hábitos muito esquisitos. Um deles por exemplo, um grandalhão, toda a vez que começa a falar, faz uma careta assim (IMITA) Claro que se a careta é feita só diante dos alunos, não tem problema, mas na frente de uma autoridade, ele pode pensar que é prá ele, então será um desastre.

LUCRÉCIA : Estou cansado de dizer a ele que não faça caretas ... Ele faz . Ainda outro dia o padre visitava a escola e ele fez uma careta horrível. O padre me passou um sermão, dizendo que permito que se implante na juventude, idéias subsersivas.

PELÓPIDAS :A mesma coisa devo dizer em relação ao Professor de História. É um sábio, está certo, sabe muito, mas se expressa com tal veemência que se esquece do resto.Outro dia eu mesmo vi. Enquanto falava dos assírios e babilônicos, ia tudo bem. Mas quando chegou a vez de Alexandre ... O GRANDE, o que se passou é impossível de descrever. O homem tomou-se de fúria e lançou uma cadeira contra a parede por cima da cabeça dos alunos. Está certo que Alexandre o Grande foi um herói. Mas por que quebrar as cadeiras ? Isso só dá prejuízo ao Estado.

LUCRÉCIA :É , ele se empolga demais com certos vultos históricos.

PELÓPIDAS : Assim, é a insondável LEI DO DESTINO, o homem inteligente ou acaba bêbado ou acaba doido.

CENA 02

ENTRA O CHEFE DOS CORREIOS , HIPÓLITO , APAVORADÍSSIMO E CURIOSO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 873.

HIPÓLITO : Que aconteceu ? Que coisa é essa que vai chegar aí ?

PELÓPIDAS :Não é coisa. É um funcionário. O senhor ainda não sabe de nada ?

HIPÓLITO :Floris passou pelos Correios e me contou .

PELÓPIDAS :Qual das duas Floris ? Florismena ou Florismana

HIPÓLITO :Florismana

PELÓPIDAS :E qual a sua opinião a respeito ?

HIPÓLITO : Garanto que vamos entrar em guerra .

PELÓPIDAS :Que guerra o que. Nós é que vamos nos danar. E se eles nomearem um outro Ministério ... Adeus Mordomias ... Mas diga lá, HIPÓLITO, como vão as coisas para o seu lado ?

HIPÓLITO :Mas o que interessa isso agora ? E pro seu lado Covernador, como é que vão ?

PELÓPIDAS :Bem, não vou dizer que esteja aterrorizado. Mas com um pouquinho de medo não nego. Minha preocupação é com os comerciantes. Vivem dizendo que os roubo. Eu não roubo. Eu confisco. Deus sabe que quando determino o sequestro das mercadorias deles, faço isso sem a menor maldade.(LEVA HIPÓLITO PELO BRAÇO A UM CANTO DA SALA) . Tenho a impressão que ... Será que houve alguma denúncia contra mim ? E esquisito mandar um inspetor para esse fim de mundo não acha ? Ouça meu caro HIPÓLITO, será que você poderia, para o bem de todos, dar um jeito de abrir, isto é, dar uma abridinha nas cartas que chegam aos Correios, assim, prá ver se há alguma coisa, alguma denunciazinha qualquer. Se não houver nada, fecha-se a carta, ou se deixa mesmo aberta, há cartas que vem abertas.

HIPÓLITO :Não pense em me dar lições neste assunto, Senhor Governador. Há muito tempo que faço isso. Não por cautela, claro, mas por simples curiosidade. Gosto de estar atento ao que se passa pelo mundo e essa leitura é interessantíssima. Das mais instrutivas ...

PELÓPIDAS :Tem toda razão. Mas me diga então ? Não leu nada sobre o tal Inspetor ?

HIPÓLITO : Não, embora tenha lido muito ultimamente. Escreve-se muito nestas épocas de festas, mas estou certo que sobre o tal inspetor não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 874

li nada.

PELÓPIDAS : Então me faça um favor, se por acaso cair em suas mãos alguma queixazinha, ou coisa parecida, rasgue a carta sem a menor contemplação ,tá?

HIPÓLITO :Com muito prazer, Senhor Governador !!!

DR. TOLEDO :Cuidado, que isso pode dar um bode danado !!!

PELÓPIDAS :Não sei por que ? Ninguém vai rasgar a carta em público.

HIPÓLITO :Claro, e além do mais isso vai ficar só entre nós . Ou não vai ?

DR. TOLEDO : Mesmo assim, esse negócio não me cheira nada bem .

PELÓPIDAS :Vê se vai agourar no inferno infeliz diabo. Esse maldito Inspetor incógnito não me sai da cabeça, estou sempre esperando que a porta se abra e .....

CENA 03

ENTRAM FLORISMENA E FLORISMANA AFLITAS PARA CONTAR UMA NOTÍCIA. .

FLORISMANA :Uma notícia espantosa

FLORISMENA : Uma novidade extraordinária

TODOS :Que foi ?

PELÓPIDAS :O que aconteceu?

FLORISMENA :Uma coisa inesperada . Estamos chegando do hotel.

FLORISMANA :Chegando do Hotel. Florismena e eu .

FLORISMENA :Por favor, FLORISMANA deixe que eu conto tudo .

FLORISMANA :Ah não, FLORISMENA, permita que eu conte.

FLORISMENA : Por favor FLORISMANA

FLORISMANA :Senhores, digam a Florismena que fique quieta e me deixe contar tudo.

PELÓPIDAS : Mas pelos Demônios, falem de uma vez. Sentem-se todos. Bem, afinal, o que aconteceu ?

FLORISMENA :Por favor, FLORISMANA, por favor, vou contar tudo pela ordem. Eu mal tinha acabado de sair daqui depois do senhor ter recebido aquela carta, quando imediatamente ... Por favor, FLORISMANA, não in-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p.875.

terrompa. Eu sei de todos os detalhes, todos, portanto faça a fineza de me deixar contar. Bem fui correndo à casa de Manezinho, e como não encontrasse Manezinho em casa, fui procurar HIPÓLITO aqui presente para transmitir-lhe a notícia que o senhor acabara de me dar. Ao sair dos Correios, encontrei-me por acaso com FLORISMANA.

FLORISMANA :Perto do bar onde se vende pastéis.

FLORISMENA :Perto do bar onde se vende pastéis. Aí eu perguntei . Já soube da notícia que o Governador recebeu de fonte fidedigna ? (TRISTE) Florismana já sabia !!!

FLORISMANA : Por intermédio da criada .

FLORISMENA :Por intermédio da criada, que não sa sabe bem por que, tinha ido à casa de Felipe.

FLORISMANA :Foi buscar um barrilzinho de vodka francesa.

FLORISMENA :Foi buscar um barrilzinho de vodka.

FLORISMANA :Francesa.

FLORISMENA : Francesa. Desculpe FLORISMANA . Então, fui com FLORISMANA à casa de Manezinho. Não, Não, FLORISMANA, não me interrompa , fomos à casa de Manezinho, mas no caminho FLORISMANA me disse : Vamos entrar um instante no Hotel, FLORISMENA, porque hoje ainda não comi nada. Eu disse: Vamos . E entramos... E mal tínhamos entrado, um rapaz, um jovem ...

FLORISMANA :De boa aparência , à paisana

FLORISMENA : De boa aparência à paisana, começou a passear pela sala do hotel, com um ar preocupado, fisionomia carregada, uma cara de gente que sabe tudo. Tive um pressentimento e disse logo a FLORISMANA : Aqui há dente de coelho .

FLORISMANA :Aí, eu chamei o dono do hotel com um dedo.

FLORISMENA :Aí FLORISMANA chamou o dono do hotel, assim,(Faz o gesto) com o dedo.

FLORISMANA :Florismena, foi com esse dedo, o esquerdo.

FLORISMENA :Pois é, chamou o dono do hotel com aquele dedo ... Perguntou no ouvido dele : Quem é aquele moço ... Aí ele respondeu : Aquele ? Sim, Aquele ... Por favor FLORISMANA, deixe que eu conte até o fim, a senhora está com uma falha no dente e quando fala assobia. Sabe mui-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p-876.

to bem que não ia poder contar direito. (Continuando) ... Aquele ? Sim Aquele . Um funcionário que chegou da Capital. Pois é, e ainda tornei a perguntar ? Da Capital ? E ele tornou a confirmar . E o nome dele ?... ROBERVAL AMADEUS ... ele respondou. Vai a caminho da Capital . Pois é, e disse que age de forma muito estranha. Há duas semanas que está aqui e não saiu do hotel, manda por tudo na conta e até hoje não pagou nem um centavo. Assim que ouvi isso, Deus me iluminou e eu disse a Leleca ... HUM ....

FLORISMANA : Não, FLORISMENA, quem disse HUM foi eu .....

FLORISMENA :Eu sei que a senhora disse primeiro, mas imediatamente eu também disse hum, dizemos eu e FLORISMANA ... HUM .....

FLORISMANA :Ela um pouquinho depois de mim

FLORISMENA :Está certo FLORISMANA, eu já confessei que a primeira a dizer hum foi a senhora, e ao dizer HUM, acrescentei imediatamente : Mas se o seu destino é a Capital, porque então ficou aqui ? E a conclusão foi clara como água ... Só pode ser o tal funcionário .

PELÓPIDAS :Que funcionário ?

FLORISMENA E FLORISMANA :O Inspetor ...

PELÓPIDAS :Ai meu Deus, tende piedade de nós . Em que quarto ele está hospedado ?

FLORISMANA :No número cinco junto à escada.

FLORISMENA No mesmo quarto onde aquele oficial brigou com o outro da vez passada.

PELÓPIDAS :E há quanto tempo ele está aqui ?

FLORISMANA :Há duas semanas.

PELÓPIDAS :Misericórdia, nestas duas semanas espancamos a viúva do sub-tenente, não demos comida aos presos e a cidade está que é um chiqueiro.

DR. NESTOR :Não seria bom irmos ao hotel em comitiva ?

DR. TOLEDO : De maneira alguma, acho que só deveria ir um pequeno grupo encabeçado pelos comerciantes e pelo Clero.

PELÓPIDAS :Não, não é a primeira vez que me vejo em apuros, e sempre me saí bem. Deus há de me ajudar dessa vez. A senhora disse que o homem é jovem ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.877

FLORISMANA :É

PELÓPIDAS : Ótimo, é mais fácil tapear os jovens. Preparem-se para enfrentar a coisa pro vosso lado. Vou sozinho lá com FLORISMENA . É o melhor. Chego assim como quem não quer nada, como quem está preocupado em verificar se os visitantes da cidade estão sendo bem tratados no hotel. JARBAS. (RUGIDO)

DR.NESTOR :É bom a gente se apressar, antes que aconteça alguma desgraça

DR. TOLEDO:De que é que o senhor tem medo ? Basta botar uma touca limpa em cada doente e tudo estará bem pro seu lado .

DR. NESTOR :É o que o senhor pensa. Há mais de um mês que os doentes só tomam sopa de aveia. Por todo o canto do hospital é um cheiro de repolho que não há quem suporte.

DR. TOLEDO :Eu até certo ponto estou tranquilo. Quem se atreveria em mexer com um Tribunal. Ficaria arrependido pro resto da vida. Sou Juiz há 15 anos e até hoje quando é necessário dar uma olhada em algum processo prefiro desistir. Nem o Rei Salomão seria capaz de descobrir aqui onde começa a verdade e onde acaba a mentira.

PELÓPIDAS : JARBAS .....

CENA 04

SAEM TOLEDO, NESTOR E LUCRÉCIA JUNTAMENTE COM HIPÓLITO

ENTRA JARBAS O MORDOMO.

PELÓPIDAS :A carruagem está pronta ?

JARBAS :Sim senhor

PELÓPIDAS :Vai correndo até meu quarto e me traz o chapéu novo e minha bengala.Vamos Florismena.

FLORISMANA :E eu ? Posso ir também ?

PELÓPIDAS: Não, não, é impossível. O homem vai ficar assustado se chegarmos lá em comitiva . Além disso, o carro não cabe .

FLORISMANA :Não se preocupe Excelência, vou correndo atrás como um cachorrinho e nem entro. Só dou uma espiadinha.

PELÓPIDAS : Não !!!

JARBAS VOLTA COM A BENGALA E O CHAPÉU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 878.

PELÓPIDAS :Vai , corre e reune os guardas. Oh! mas vejam como está minha bengala.Esses malditos comerciantes estão fartos de saber que o Governador está usando uma bengala velha e são incapazes de mandar uma nova. Sovinas, e aposto que a essa hora cada um deles está com uma denunciazinha contra mim. Que cada guarda pegue uma vassoura e varra a rua que leva ao hotel. E toma cuidado.

JARBAS :Sim Senhor

PELÓPIDAS :E Pituca, onde anda ?

JARBAS :Foi apagar um incêndio

PELÓPIDAS :E Virgulino, bêbado de novo ?

JARBAS :Completamente

PELÓPIDAS :E você permite isso ?

JARBAS :Que posso fazer ? Houve uma briga fora da cidade, Virgulino foi restabelecer a ordem e voltou de porre.

PELÓPIDAS :Pois então ouça o que deve fazer . Mande o Sargento ficar bem no meio da ponte, ele é bem alto, vai causar uma ótima impressão. Mande derrubar a cerca velha da casa do sapateiro e põe lá algumas pedras, vigas, sei lá o que mais, para dar a impressão que está em obras. Quando há demolições é sinal de que o Governo está trabalhando. E outra coisa, se o inspetor perguntar a todos se estão contentes, todos deverão responder : CONTENTÍSSIMOS EXCELÊNCIA. Quem não tiver contente, vai ter razões de sobra para ficar menos contente ainda. Ai, pobre de mim, pecador .

EM LUGAR DO CHAPÉU, PEGA A CAIXA DE PAPELÃO

PELÓPIDAS : A caminho FLORISMENA

JARBAS :Senhor Governador, isso não é um chapéu. É uma caixa.

PELÓPIDAS :Caixa ? Merda . Ah, se perguntarem por que não construímos a capela do hospital com a subvenção que recebemos (LEMBRANDO) Já faz cinco anos isso - Digam que começamos a construção, mas a capela pegou fogo. Vê lá se algum infeliz vai deixar escapar que nem começamos as obras. Vamos FLORISMENA (VAI SAINDO E VOLTA-SE) Ah, e não deixe que os soldados saiam à rua de cuecas como costumam fazer.

TODOS SAEM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 879

CENA 05

ENTRAM ANITA e MAFALDA

ANITA :Onde é que eles estão ? Marido, Pelópidas (Falando com rapidez) Você que é a culpada de tudo. Um alfinete, um lencinho, Não acaba nunca de se arrumar (VAI À JANELA) Pelópidas ? Onde é que você vai ? O que ? Um inspetor ? Que Inspetor ? Tem bigodes ? Como, que bigodes ? Mais tarde,mais tarde, eu quero saber é agora . Responde sim ou não. ele é Coronel ? Como é ? (COM RAIVA) Foi embora, o bandido. Essa ele me paga e a culpada de tudo é você. " Mãezinha, espera mãezinha . Preciso ajeitar o cabelo " Tudo por causa de tua maldita frescura. Foi só ouvir dizer que o Chefe dos Correios tinha chegado pra ir logo correndo se grudar no espelho . Está crente que ele corre atrás de você não é? Pois basta virar as costas que ele te faz caretas.

MAFALDA :Que se há de fazer, mãezinha, de qualquer forma dentro de duas horas a gente fica sabendo de tudo

ANITA :Duas horas ? Ah, muito obrigada, só me admira que não tenha dito que daqui a um mês saberemos de tudo ainda melhor (À JANELA) Eh, MARIANA,sabe se chegou alguém ? Não ? .. Estúpida ... Sim, o Governador te acenou . E Daí ? Você bem que podia ter perguntado não é sua burra ?Não tem nada na cabeça a não ser um ... Que falta de curiosidade meu Deus ! Como é ? Foram com pressa ? E por que não correu atrás sua besta? Vai atrás deles idiota. Pergunta que inspetor é esse. Espia pelo buraco da fechadura e anota tudo. Que olhos ele tem, se são ou não são pretos, e volta correndo para me contar. Agora vai, vai, anda Correndo, sua burra.

Black-Out - Casa Governador

BLACK-OUT NA CASA DO GOVERNADOR . LUZ NA ESTALAGEM/HOTEL .

CENÁRIO : O PIOR QUARTO DA ESTALAGEM . ESCURO, MOFADO E COM PERCEVEJOS.

Vidreta de movimentação

CENA 06

acompanhar Governador e comitiva com o canhão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,a880.

ARIOVALDO :(estira-se na cama) : Ai que fome, minha barriga parece um trombone. Se a coisa continuar assim, jamais voltaremos para a Capital. Tudo por causa da maldita mania de grandeza do patrão (IMITA) :" ARIOVALDO, procure o melhor hotel. Veja se a cozinha é de primeira.Se ainda fosse um alto funcionário, vá lá, mas um escriturariozinho de merda ! Já empenhou quase toda a roupa por causa do maldito vício de jogo, e o pouco dinheiro que o pai lhe manda gasta em bares, teatros e outras bobagens. E só anda de carruagem ! Ai meu Deus, que fome ! E o que é pior é que o hoteleiro não dá mais comida prá gente enquanto não se pagar a conta. Ai que fome, como ronca essa maldita. (OUVE BARULHO LÁ FORA) Deve ser ele .

CENA 07

LEVANTA-SE RÁPIDO DA CAMA. ENTRA ROBERVAL AMADEUS

ROBERVAL : (DÁ-LHE O CHAPÉU E A BENGALA) : Você tornou a se espojar na minha cama, não é ?

ARIOVALDO : E pra que havia de me espojar ? Pensa que nunca vi uma cama na vida ?

ROBERVAL : Espojou sim, olha só como está .

ARIOVALDO : E eu preciso de sua cama ? Tenho pernas, posso ficar de pé.

ROBERVAL : Ainda tem fumo ?

ARIOVALDO : Fumo ? .... fumou o resto que tinha há mais de três dias ...

ROBERVAL : Merda (DECIDIDO) Escuta ARIOVALDO, Vai lá

ARIOVALDO : Lá onde ?

ROBERVAL : (MENOS DECIDIDO QUASE SUPLICANDO) : Lá embaixo na cozinha, Diz que eu preciso almoçar .

ARIOVALDO : Não vou nada

ROBERVAL : Como se atreve a me responder seu cretino ?

ARIOVALDO : E por que não havia de me atrever ? E depois não ia adiantar , o hoteleiro já disse que não vai dar mais comida prá gente .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.881

ROBERVAL : Como não vai ? Que absurdo é esse ?

ARIOVALDO : E tem mais, disse que vai nos denunciar ao Governador ." VOCÊ E SEU PATRÃO SÃO DOIS VIGARISTAS . HÁ DUAS SEMANAS QUE ESTÃO AQUI E ATÉ AGORA NENHUM TOSTÃO ".

ROBERVAL : E você acha muito engraçado repetir isso , sua bêsta ?

ARIOVALDO :Acho, principalmente o que ele disse depois : " VOU AGORA MESMO FAZER DENUNCIA PRA QUE O SACANA DO SEU PATRÃO VÁ LOGO PRA CADEIA".

ROBERVAL : Cala a boca idiota .Faz logo o que eu estou mandando

ARIOVALDO : Eu chamo o homem aqui e o senhor fala com ele .

ROBERVAL : Não quero falar com esse idiota . Vai lá e fala você.

ARIOVALDO : Não eu digo pra ele vir aqui e o senhor fala com ele.

ROBERVAL : Vai pro diabo que te carregue. Chama logo aquela besta .

ARIOVALDO (SAINDO) : É melhor mesmo.

ROBERVAL :(SOZINHO): Ai, que fome, dei uma volta pra ver se passava, mas aumentou mais ainda ! Aquele desgraçado capitão-de-infantaria me roubou sem piedade no jogo. Como produzia azes o maldito. Em meia hora me deixou de tanga ! Cidadezinha miserável, nem vender fiados eles querem, esses reacionários.

CENA 08

ENTRAM ARIOVALDO E O CRIADO DO HOTEL .

CRIADO : O patrão mandou perguntar o que é que o senhor deseja ?

ROBERVAL : O meu camaradinha, como é que você está passando ?

ARIOVALDO : Começou ...

CRIADO : Graças a Deus, bem

ROBERVAL : Que ótimo, e o hotel, como vai ? Tudo certinho ?

CRIADO : Tudo em ordem, graças a Deus

ROBERVAL : Muitos hóspedes ?

CRIADO : Bastante

ROBERVAL : Graças a Deus ... Olha meu querido, sabe que até agora ainda não me trouxeram o almoço ? Mas não tem problema não, vai ver que esqueceram coitados . Isso é humano, quer falar pra eles mandarem bem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,-882

depressa ? É que tenho muito o que fazer depois do almoço, compreende?

CRIADO : O patrão disse que aqui o senhor não come mais .

ROBERVAL : (RI FORÇADO) : Mas que absurdo ! ele pensa que é o quê? Se não como, emagreço, e se continuo emagrecendo, posso até morrer, não é mesmo, agora, falando sério : diga a ele que estou com fome, viu?

CRIADO : Ele disse que enquanto o senhor não pagar , nada feito.

ROBERVAL : Mas você que é muito mais inteligente do que ele, tem que fazê-lo compreender que isso é uma arbitrariedade.

CRIADO : E de que jeito ?

ROBERVAL : Diga a ele que fome é uma coisa e dinheiro é outra. Ou ele pensa que todo mundo é camponês como ele que se acostumou a não comer? Você que é inteligente, tem que por isso na cabeça dele .

CRIADO : Bem, vou falar com ele .

ROBERVAL : Isso, fale mesmo viu ? (SAEM CRIADO E ARIOVALDO) (SOZINHO): Se essa toupeira não me trouxer comida não sei o que vai ser. Ai, meu Deus,nunca tive tanta fome.Talvez fosse melhor vender mais alguma roupa. As calças por exemplo. Não, Não, de forma alguma. Prefiro passar fome mas chegar em casa vestido. Diabo de barriga pra roncar. Parece que tem uma orquestra inteira aqui dentro. (COM UMA REVERÊNCIA - ELEGANTEMENTE) " Por favor, Senhorita, quer dar-me a honra de uma contra-dança antes da ceia ?" (CANTAROLA E DANÇA) Diabo ! A fome é tanta que chego a ficar tonto (Geme . ENTRAM CRIADO E ARIOVALDO) E então ?

ARIOVALDO : O almoço já vem .

ROBERVAL : O almoço ... O almoço ... O almoço !!!!!!

CRIADO : (Arrumando a mesa) Meu patrão mandou dizer que é a ultima vez.

ROBERVAL:Teu patrão ,teu patrão, teu patrão que se dane.O que é que você trouxe?

CRIADO : (COM MUITO ENTUSIASMO) : Sopa e carne cozida. quer dizer, a carne da sopa.(DÁ UMA RISADINHA)

ROBERVAL: (IRRITADO) : Já ouvi. Só dois pratos?

CRIADO : E olhe lá.

ROBERVAL: Não quero , só isso me recuso a aceitar. Vai dizer a seu pa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 883.

trão que é muito pouco.

CRIADO : Ele acha que é até demais.

ROBERVAL: Desgracado, e a sobremesa? Não veio por que?

CRIADO : Porque não tem.

ROBERVAL: "Aqui" que não tem. Eu vi quando estavam fazendo. E vi também dois sujeitos baixinhos comendo salmão esta manhã.

CRIADO : Bem, essas comidas existem e não existem.

ROBERVAL: Como não existem? E o salmão, os peixes, as almôndegas?

CRIADO : Meu patrão disse que isso é só pra pessoas decentes.

ROBERVAL: Atrevido.

CRIADO : Sim senhor.

ROBERVAL: Cavalgadura.

CRIADO : Pois não.

ROBERVAL: Diabético

CRIADO : Eh, xingamento, não!

ROBERVAL: Como se explica que os outros comam e eu não? Por acaso não são hóspedes como eu?

CRIADO : Não, senhor.

ROBERVAL: Ah, não? Que tem eles a mais do que eu?

CRIADO : Dinheiro.

ROBERVAL: Não vou me rebaixar discutindo com um imbecil como você (comendo) Que sopa é essa? Não tem gosto de nada. E fede, ainda por cima. Não quero essa sopa. Me traz outra.

CRIADO : O patrão disse bem claro: "Se ele quiser é essa.. Se não, traz de volta e que vá pro diabo.

FAZ PRA LEVAR DE VOLTA.

ROBERVAL: (DEFENDENDO A SOPA) Que é isso? Já que está deixa ficar.E não fale mais nesse tom comigo, ouviu ? Eu sou uma pessoa especial.(Come) deus do céu, que porcaria!(Continua comendo)Olha só, em vez de boiar 'gordura, bóia pena de galinha! Escuta esta penosa morreu do que hem? Me da a carne. Vai tomando o que sobrou ARIOVALDO, (Corta a carne) Que coisa é esta?

CRIADO : Carne.

ROBERVAL: Carne é o cacete. É um paralelepípedo! cambada de safados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.884.

Isso é coisa que se dê a gente honesta? Não se pode nem morder que dói o queixo (Palita os dentes com os dedos) Bandidos! Parece que comi madeira. Não sai dos dentes. olha aí. Não tem mais nada?

CRIADO : Nada.

ROBERVAL: Bando de larápios, só sabem arrancar a pele dos hóspedes. Fora daqui.

SAEM CRIADO E ARIOVALDO.

ROBERVAL (SOZINHO) : Tenho a impressão que não comi nada. Só serviu para abrir mais ainda o apetite.

ARIOVALDO :(APAVORADO) : Não sei pra que, mas o Governador acaba de chegar e está lá embaixo perguntando pelo senhor.

ROBERVAL: O bandido do hoteleiro já foi me intrigar com o Governador. E o que é que ele quer comigo? O que é que ele pensa que é? Vou lhe dizer isso mesmo na cara! Escuta aqui: Como é que o senhor se atreve ? Como é que o senhor se atreve? ..."

CENA 09

ENTRAM GOVERNADOR E FLORISMENA E PARAM. ROBERVAL EMPALIDECE. GOVERNADOR E FLORISMENA FICAM OLHANDO-SE ESTATELADOS.

PELÓPIDAS : Minhas saudações e meus respeitos

ROBERVAL : Um vosso servidor

PELÓPIDAS : Queira perdoar

ROBERVAL : Não há de que

PELÓPIDAS : Meu dever como Governador desta cidade é zelar pelo bem-estar dos viajantes ilustres que nos honram com sua visita.

ROBERVAL : (Começa gaguejando) : Bem ... e o que é que o senhor quer que eu faça ? A culpa não é minha. É claro que eu vou pagar (FLORISMANA aparece) A Culpa é toda do dono do hotel. Me dá uma carne dura como pedra. E a sopa, o que ele põe dentro, ninguém jamais vai descobrir o que é. Tive que jogar pela janela. Acho que ele jurou me matar de fome. E o chá, então, tem gosto de peixe. Por que havia eu então de ... ora, essa é muito boa !

PELÓPIDAS (INTIMIDADE) : O senhor vai me desculpar, mas na verdade a

BR DFANBSB NS.CRR.TEA.PTE.0413,p.885.

culpa também não é minha. A carne de nosso mercado é sempre de primeira. Os açougueiros daqui não tocam em bebida. É gente sóbria de moral ilibada. Francamente não sei onde o hoteleiro foi descobrir essa carne podre que ele serve. E se há outra anormalidade como essa na cidade, acredite que ignoro inteiramente. Só lhe peço que permita convidá-lo a se mudar para outro local o quanto antes.

ROBERVAL : Não, não quero, sei muito bem que local é esse. É a cadeia, pensa que não sei ? Com que direito me propõe uma coisa dessas ? Sou um alto funcionário da Capital, fique sabendo que eu ... eu ....

PELÓPIDAS : Nossa, como está irritado. Já sabe de tudo. Esses malditos comerciantes já me denunciaram.

ROBERVAL :(Tornando-se valente) : Mesmo que venha com o exército inteiro daqui ninguém me tira. Vou me queixar com o Ministro (com socos na mesa). Como o senhor se atreve ? Como é que o senhor se atreve?

PELÓPIDAS (TREMENDO) : Tenha piedade, não me desgrace, tenho mulher e filhos pequenos .

ROBERVAL : E daí ? E porque o senhor tem mulher e filhos pequenos eu tenho que ir pra cadeia ? (FLORISMANA APARECE) Não, muito obrigado, mas não quero.

PELÓPIDAS (TRÊMULO) : Tudo isso aconteceu por pura inexperiência. Juro Juro que foi só por isso. Eu peço que o senhor compreenda. O salário que o governo paga não dá nem pro leite. Se houve suborno, foi por uma ninharia, alguma coisinha para forrar o estômago, um cortezinho de fazenda para não se andar pelado por aí. E quanto a esses boatos de que eu mandei espancar a viúva do subtenente, porque ela faz contrabando, juro que é uma calúnia. É pura manobra desses corruptos que querem me tirar do governo.

ROBERVAL : E eu com isso. Se mandou surrar a esposa do subtenente, o problema é dela, só sei que a mim o senhor não vai surrar de forma alguma. É evidente que vou pagar o que devo. Mas quando tiver dinheiro. O senhor pensa que ainda estou nesta espelunca por quê? É que no momento estou desprevinido. Só por isso.

PELÓPIDAS (À PARTE) : Meu Deus, como é esperto, a gente fica sem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 886.

saber por onde começar. De qualquer forma tenho que tentar (EM VOZ ALTA). Se o senhor tem a bondade de necessitar realmente de dinheiro ou qualquer outra coisa, estou à sua inteira disposição. Meu dever é ajudar em tudo que necessita, ajudar em tudo, aqueles que nos visitam.

ROBERVAL : É ? Necessito sim, e se estiver mesmo disposto a me emprestar algum dinheiro pago a conta agora mesmo. Não preciso de muito. Umas duzentas moedas talvez.

PELÓPIDAS (DANDO-LHE O DINHEIRO) : Duzentos,certinhos. Não precisa nem contar.

ROBERVAL : Ótimo, assim que voltar para casa mando reembolsá-lo.

PELÓPIDAS : (À PARTE) : Menos mal. É subornável. A coisa agora vai melhorar, em vez de duzentas lhe dei quatrocentas.

ROBERVAL (CHAMANDO) : ARIOVALDO !!!!!

ENTRA ARIOVALDO

ROBERVAL : Chama o serviçal (ARIOVALDO SAI)

ROBERVAL : (AO GOVERNADOR) : Mas por favor, sentem-se !!!

PELÓPIDAS (Emocionado) : não se preocupe, estamos bem de pé.

FLORISMENA : Eu não Excelência, estou com dor no calo

PELÓPIDAS : Cala a boca idiota.

ROBERVAL : Sei, mas sentados estarão melhores ainda. Por favor sim ?Felizmente pude constatar a tempo a sinceridade de seus propósitos ... a largueza de seu caráter, e pensar que o Senhor tinha vindo aqui só pra me levar pra ... Querem fazer o favor de sentar ?

GOVERNADOR E FLORISMENA SENTAM.

FLORISMANA APARECE

PELÓPIDAS : (À PARTE) Quer continuar incógnito, mas também sei fingir. Faço de contas que não sei quem ele é. (EM VOZ ALTA) : Estávamos passando pela rua, cumprindo nosso dever, quando entramos "ex professo" no hotel, para verificar se tratavam bem os visitantes, sim, porque não sou desses governadores que só pensam em si mesmos.Absolutamente. Muito além de meu dever, por simples espírito cristão ... exijo que qualquer mortal seja aqui bem tratado. E eis que, como recompensa divina, o destino me faz travar tão agradável

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p. 887

conhecimento .

ROBERVAL : Também estou contente. Não fosse o senhor, acabaria ficando por aqui pro resto da vida. Não sabia o que fazer para pagar a conta.

PELÓPIDAS (À PARTE) : Pois sim ! Veja como é safado . Vem com essa, vem! (ALTO) Se não for indiscrição, poderia perguntar-lhe para onde se dirige ?

ROBERVAL : Para minha propriedade na capital.

PELÓPIDAS : (À PARTE) Desgraçado e descarado, e nem fica vermelho com a mentira ! Com esse é preciso cuidado (ALTO) Suponho que só viaje a passeio não é mesmo ?

ROBERVAL : Não, não, vou a chamado de meu pai, o velho está furioso, porque não progredi muito na capital, Pensou que assim que eu chegasse, iam logo me pendurar uma medalha no peito. Coitado. Gostaria que ele visse o que são essas repartições do governo.

PELÓPIDAS : (À PARTE) : Que histórias o safado inventa (ALTO) E pretente ficar fora muito tempo ?

ROBERVAL : Francamente não sei. Meu pai é uma mula de teimoso. Mas assim que chegar vou lhe dizer na cara : " SINTO MUITO PAPAI, mas não posso viver fora da CAPITAL, Não vou estragar minha vida vivendo entre camponeses. Tenho necessidades espirituais mais elevadas.

PELÓPIDAS (À PARTE) Ele é incrível, vira e meche, mas não cai ! Deixa que te obrigo a soltar a língua. (ALTO) O senhor tem razão, não se pode fazer nada nesses fins de mundo. Eu, por exemplo, trabalho dia e noite pelo bem da Pátria, sacrifico-me como louco sem rebatear esforços, sabendo de antemão que nunca serei recompensado. (OLHA O QUARTO) Este quarto é um pouco úmido não é ?

ROBERVAL : Umidíssimo , e se fosse só isso ... Tem percevejos que mordem mais do que cães !

FLORISMENA : A gente chega a ouvir eles latindo, não é Senhor Governador ?

PELÓPIDAS : Incrível, um turista tão culto, ser exposto a uma coisa dessas, e por culpa de quem ? Por culpa desses miseráveis percevejos que deviam pedir desculpas por terem nascido. E tenho impressão que nem ao menos luz há por aqui, não ?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.888.

ROBERVAL : Escuríssimo, nem ler a gente pode. E pensa que nos mandam velas ? Pois sim, vai esperando .

PELÓPIDAS : Que absurdo, se ao menos eu tivesse a ousadia de lhe pedir, mas sei, sei que não sou digno de tanta honra.

ROBERVAL : Mas do que se trata ?

PELÓPIDAS : Se eu ousasse ... Em minha casa poderia lhe oferecer um ótimo quarto ... com luz à beca ... e tranquilo, mas eu compreendo muito bem que seria honra demasiada. Desculpe se ousei pensar nisso, é porque meu lema é " A HOSPITALIDADE ANTES DE TUDO ".

ROBERVAL : Não, eu teria muito gosto. Em qualquer parte me sentirei melhor do que nesta porcaria.

PELÓPIDAS : Não sabe o prazer que me dá. E minha mulher então, vai dar pulos de alegria. Não pense que eu digo isso para lisonjeá-lo, De forma alguma, não é absolutamente meu feitio.

FLORISMENA : Senhor Governador, como o senhor mente bem !

PELÓPIDAS : Cale a boca, idiota.

ROBERVAL: Também tenho horror aos hipócritas. É uma fraqueza que não admito.

CRIADO : O Senhor chamou ?

ROBERVAL : Traz a conta

CRIADO : Prá que ?

ROBERVAL : Não vou te dar confiança de responder. Quanto é que eu devo no total ?

PELÓPIDAS : Não se preocupe, isso pode esperar (AO CRIADO) Pode ir que depois se acerta.

ROBERVAL : Ou isso, tanto faz .

SAI CRIADO FLORISMANA APARECE

PELÓPIDAS : Não gostaria agora de visitar alguns estabelecimentos da cidade ? O hospital por exemplo.

ROBERVAL : Mas prá que ?

FLORISMANA APARECE

PELÓPIDAS : Ah, é enorme, E depois podemos passar pela escola. Quero que veja como educamos a juventude.

ROBERVAL : Como achar melhor.

BR DFANBSB NS:CPR.TEA.PTE.0413,p.889.

PELÓPIDAS : Depois finalmente ... a prisão .

ROBERVAL : Prisão ???!!!

PELÓPIDAS : Vai ver só como tratamos os presos.

ROBERVAL : Como queira.

PELÓPIDAS : Quer seguir a minha carruagem, ou prefere vir comigo.

ROBERVAL : É , vou com o senhor ...

ENTRA O CRIADO E ENTREGA A CONTA A ROBERVAL NO MOMENTO EM QUE O GOVERNADOR FALA COM FLORISMENA EM SEGREDO.

PELÓPIDAS : Ótimo . (BAIXO A FLORISMENA) Vai correndo na frente entregar essa carta (ALTO) Posso escrever duas linhas recomendando providências para receber tão ilustre hóspede ?

ROBERVAL : Não se preocupe. Mas se quer mesmo. Aqui há tinta. Papel é que não sei, pode usar essa conta se quiser.

PELÓPIDAS : É a conta mesmo, serve. (ESCREVE ENQUANTO DIZ PARA SI MESMO)Depois de uma boa garrafa de vinho vai ser mais fácil. E aquele vinho especial que tenho em casa, é capaz de derrubar até um elefante. Preciso descobrir quem é ele e como devo proceder com ele.

TERMINA A CARTA . ENTREGA A FLORISMENA QUE SAI E SE CHOCA COM FLORISMANA. SE ESPARRAMAM NO CHÃO.

ROBERVAL : A Senhora se machucou ?

FLORISMANA : Não, não, só o nariz um pouquinho ,Excelência.

PELÓPIDAS : Não foi nada, podemos ir andando . Direi a seu criado que leve a bagagem (ENTRA ARIOVALDO) Meu amigo, leve tudo à casa do Governador, qualquer um na cidade sabe onde fica . (À ROBERVAL) Tenha a bondade (ROBERVAL VAI E ELE VOLTA-SE PARA FLORISMANA) Cretina, não tinha lugar melhor para cair ?

- Vinheta Movimentação

BLACK-OUT NA ESTALAGEM . LUZ NA CASA DO GOVERNADOR.

Black out Estalagem (Tarde)

CENA 10

Canhão acompanha Governardor e comitiva

Luz na casa do Governador

ANITA : Faz mais de uma hora que estamos aqui como idiotas e tudo por sua culpa (Olhando pela janela) Inferno, não vem ninguém . Parece que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.043,p.890.

todo mundo morreu nessa cidade .

MAFALDA : Garanto mãezinha, que logo logo a gente fica sabendo de tudo. (GRITANDO A JANELA) Ai, mãezinha,vem vindo alguém na rua.

ANITA : Onde ? Onde ? Você sempre inventando coisas ! Ah, não , vem alguém sim, quem será a imbecil ?'

MAFALDA : é FLORISMENA mãezinha !

ANITA : Que FLORISMENA nada menina. Sempre enxergando demais (ACENA COM O LENÇO) Ei, você aí ... aqui ... idiota .. aqui.

ANITA FICA NERVOSA

MAFALDA : Garanto que é Florismena .

ANITA : Então não estou vendo que é Florismena ? Ou pensa que eu sou cega? (Grita pela janela) Ei, depressa, depressa. Onde estão eles, Que espera que nada, fala daí mesmo, imbecil. (ABORRECIDA SAI DA JANELA)Idiota. Não vai contar nada até chegar aqui. E pensar que sou madrinha dos filhos desta besta.

ENTRA FLORISMENA

MAFALDA : Vamos agora, conte tudo de uma vez

FLORISMENA : Eu ? Detesto fofocas. Seu marido mandou este bilhete.

ANITA : Mas fala, como ele é hein ?! É general ?

FLORISMENA : Não , não é general, mas vale tanto quanto um general. Que cultura, que maneiras delicadas.

ANITA : Então é o mesmo de que fala a tal carta ?

FLORISMENA : Claro que é. E eu fui a primeira a descobrir isso com FLORISMANA.

ANITA : Mas conte o que houve.

FLORISMENA . Graças a Deus a tempestade passou. Mas quando ele recebeu o Governador,estava bravo. Disse que estava furioso, que no hotel tudo era uma droga, que não acompanharia o governador de maneira alguma ... e que não queria ir para a prisão por causa do seu marido. Depois Pelópidas conseguiu provar que estava inocente e aí o inspetor se mostrou mais acessível. Agora está tudo bem. Foram visitar o hospital.Mas houve um momento que seu marido pensou que tinha sido delatado. Para a falar a verdade, até eu fiquei com um pouquinho de medo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413.p.891

ANITA : Mas por que ? A senhora não é funcionária pública .

FLORISMENA : Sim, mas uma alta autoridade sempre dá medo na gente.

ANITA : Bobagem, mas me diga, ele é louro ou moreno ?

FLORISMENA : Nem louro, nem moreno : cabelos castanhos. E um par de olhos tão agitados que até assustam a gente.

ANITA : Bem, deixe eu ler o bilhete (LENDO) "Apresso-me comunicar-te que minha situação era deplorável, mas graças à Providência Divina, por um nabo e dois pepinos no vinagre ... e cinco moedas (Interrompendo). Não estou entendendo nada, o que tem a ver pepinos e nabos com a Divina Providência ?

FLORISMENA : Ah, é que ele escreveu o recado na conta do hotel !!

ANITA : Ah, sim (Continua lendo) : Mas graças à Providência Divina, parece que tudo acabará bem. Prepara o quarto amarelo para nosso ilustre hóspede e providencia para que haja bastante vinho. Diga ao PAFÚNCIO que mande do melhor vinho que tiver, ou então acabo com o armazém dele (AFLITA) Ai, Meu Deus, preciso andar depressa.(CHAMANDO) JARBAS, JARBAS !!!!!

FLORISMENA (CORRE À PORTA) : JARBAS ! JARBAS !

ENTRA JARBAS O CRIADO.

ANITA : JARBAS, corre ao armazém do PAFÚNCIO e ... Não, Não, espera manda o cocheiro com este bilhete (Escreve falando) ... Ou então meu marido acaba com o seu armazém . Pronto. vai JARBAS, depressa.

FLORISMENA : Vou dar um pulo no Hospital pra ver como vão as coisas.

ANITA : Isso, vai, FLORISMENA ... Adeuzinho ...

FLORISMENA : Adeuzinho ....

CENA 11

ANITA : Bem e agora nós. Devemos ficar chiques . Esses homens vem da Capital . Devem reparar muito nessas coisas. Você devia por o vestido azul estampado. Fica-lhe muito bem .

MAFALDA : Ah não, mãezinha, o azul não. Todo mundo nessa cidade tem um vestido azul como o meu .

ANITA : Já esperava por isso. Imagina se ia deixar de me contrariar.O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.892.

azul sim, senhora. O azul é melhor porque eu quero usar o meu amarelo.

MAFALDA : Ah,Mãezinha o amarelo não fica nada bem na senhora.

ANITA : O quê ? Você disse que não fico bem de amarelo ?

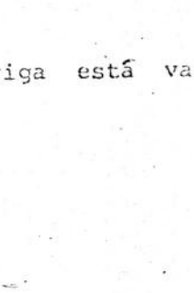
MAFALDA : É mãezinha, amarelo só assenta em quem tem olhos pretos.

ANITA : Ah, é demais.E os meus por acaso não são pretos, sua burra ?

MAFALDA : Claro que não Mãezinha !!!

ANITA : Quer deixar de ser idiota, menina. São pretos sim, Pretíssimos e a prova de que meus olhos são pretos é que toda vez que ponho cartas, tiro sempre a Dama-de-Paus (SAI COM A FILHA) e cale essa boca.

CENA 12



ENTRA JARBAS DE UMA PORTA E ARIOVALDO DE OUTRA.

ARIOVALDO : Ei, e agora ? Onde boto isto ?

JARBAS : Por aqui.

ARIOVALDO : Deixa eu respirar um pouco, quando a barriga está vazia, tudo pesa o dobro.

JARBAS : Escuta, o general vem logo ?

ARIOVALDO : Que general ?

JARBAS : Teu patrão, ora !!

ARIOVALDO : E o que é que o meu patrão tem com isso ?

JARBAS : Ué, ele não é general ?

ARIOVALDO : Meu patrão ?

JARBAS : Sim, ele é ou não é general ?

ARIOVALDO : Ah, é, General da Banda !!!???

JARBAS : E isso é mais ou menos que um general comum ?

ARIOVALDO : É mais, claro. Um toca o outro não .

JARBAS : Ah, logo vi. Por isso é que está todo mundo alvoroçado.

ARIOVALDO : Vejo que você é esperto . Arranja alguma coisa pra comer,vai ...

JARBAS : A comida que tem você não vai querer. É só o trivial. Espere chegar o seu patrão, sentar na mesa, e aí você come melhor .

ARIOVALDO : Só por curiosidade, esse tal de trivial, o que é ?

JARBAS : Borcht, mingau de aveia e pastéis

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.893.

ARIOVALDO : Então me traz pastéis, mingau de aveia e borcht ... Onde ponho isto ?

JARBAS : Aqui, vem comigo .

CENA 13

(anoitecendo) MUSICA COMITIVA

SAEM JARBAS E ARIOVALDO. ENTRA O GOVERNADOR , ROBERVAL E TODA A COMITIVA . ESTÃO CHEGANDO DE UM ALMOÇO NO HOSPITAL DO DR. NESTOR.

ROBERVAL : Que hospital hospitaleiro. Apreciei sobremaneira este hábito de mostrar aos turistas tudo o que merece ser visto na cidade. Nos outros lugares onde estive , nunca ninguém me mostrou nada.

PELÓPIDAS : É que nos outros lugares , se me permite , os governadores só se preocupam com eles próprios,. enquanto que nós só nos preocupamos em servir a Pátria com abnegação e trabalho.

ROBERVAL : Ah, sei, o almoço foi excelente. Come-se sempre assim por aqui?

PELÓPIDAS : Sempre. Como diz o ditado : O povo reclama de barriga cheia.

ROBERVAL (GRAVE) : Posso falar-lhe com toda a franqueza ?

PELÓPIDAS : (LÍVIDO) :Claro que pode ...

ROBERVAL : Adoro comer ... Qual é o nome do maravilhoso peixe que comemos no almoço?

PELÓPIDAS : Bacalhau !!!!

ROBERVAL : Bacalhau !!!!!! Saborosíssimo. E lá onde almoçamos é o ...

DR TOLEDO : O Hospital

ROBERVAL : Ah, é. Tinha uma porção de camas, agora me lembro.Mas os doentes ? Morreram todos ?

DR NESTOR : Bem ...

DR TOLEDO : Absolutamente Senhor, é que só havia ...

DR NESTOR : É que só havia dez toucas limpas ... Oh, quero dizer,todos os doentes se curaram . Só ficaram dez no hospital. Desde que assumi a direção é assim. Mal o paciente entra, já está curado. Não por causa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.894

dos remédios, absolutamente, mas pela maneira como dirijo o estabelecimento. Bani toda a corrupção.

ROBERVAL : AMUS BEBADONUM NON HABITAT

PELÓPIDAS : Quanto a mim, só posso dizer que o cargo de Governador, um governador que queira governar é claro, é a função mais ingrata do mundo. Mas não me queixo absolutamente. Aceito o sacrifício pelo bem de nossa pátria. O que me dói é a ingratidão. Se eu fosse como outros governadores que só pensam em seus interesses, que tratam de fazer sua caixinha, talvez me desse melhor. Mas como até dormindo só penso no povo, no bem da Pátria, sofro que só bode na chuva. Mas é sabido que o povo reclama sempre. Por isso, compreendo e perdoo. E continuo a me sacrificar. Basta que meus superiores reconheçam minha dedicação. Claro que não estou pretendendo cargos mais altos, vantagens, de modo algum. Quero o bem do povo e rezo pela alma de meus inimigos. Tenho rezado tanto ultimamente que meus dedos estão cheios de calos.

FLORISMENA : Posso ver Governador ?

PELÓPIDAS : Depois a senhora vê!!!

ROBERVAL : Use Calol, Excelência !!!

PELÓPIDAS : Enfim, como tenho a consciência limpa, isso me basta, mas veja bem: que culpa tenho se as ruas amanhecem cheias de buracos ? São eles mesmos que, durante a noite fazem esses buracos para terem que me acusar. Falta água ? Tem que faltar mesmo às vezes mas falta. Por quê ? Porque eles vão de noite escondidos e tiram o tampão da represa. A mesma coisa com o leite e a carne. Vão aos pastos de noite e dão veneno às pobres das vacas. Fazem tudo isso de noite. É de noite que eles agem. Garanto que se não houvesse noite não haveria nenhum problema nesta cidade. Mas que culpa tenho eu se todos os dias anoitece ? Imagine o senhor que até da chuva eles me acusam ! Felizmente a maioria do povo me conhece e me apoia. Não dá importância a essas coisas. O fundamental é a moralidade no serviço público, e o povo sabe que eu não sou corrupto.

O Senhor ouviu o que eu estava dizendo, não ouviu ?

ROBERVAL : (ACORDANDO) Han ? Ah! ouvi, sim. Gostaria de perguntar uma coisa. Os senhores não tem nenhum passatempo por aqui ? Jogo de cartas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 895.

por exemplo ?

PELÓPIDAS : (À PARTE) ; Safadão, pensa que caio nessa (ALTO) Cartas? Deus nos livre e guarde. Abominamos tudo que é jogo. Jamais pus as mãos num baralho. E, se por acaso passo os olhos (VAI PEGANDO AS CARGAS NO BOLSO DA FARDA) num Rei-de-Copas, num As-de-Paus ou num Valete-de-Ouros ... vomito na mesma hora.

LUCRÉCIA : (À PARTE) : E esse desgraçado me ganhou cem moedas ontem.

PELÓPIDAS : Prefiro dedicar todo o meu tempo ao bem da Pátria. Não acha que estou certo ?

ROBERVAL : Bem, isto é, depende, outrossim ... um joguinho até que ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-896.

CENA 14

ENTRAM ANITA E MAFALDA.

PELÓPIDAS: Tomo a liberdade de lhe apresentar minha família. Minha esposa e minha filha.

ROBERVAL: Quão feliz estou, minha senhora, pela minha volúpia de conhecê-la.

ANITA: A volúpia é toda nossa em receber tão ilustre personagem.

ROBERVAL: Absolutamente, a volúpia é toda minha.

ANITA: Absolutamente, é toda nossa. Sente-se por gentileza.

ROBERVAL: Estar, ao seu lado, de pé, já é honra, tão grande, imagine o que é estar, ao seu lado, sentado?

ANITA: Não me atrevo a crer no que me diz. Para o senhor que vive na metrópole, esta viajem campestre deve ser profundamente desagradável, não?

ROBERVAL: Bem, lá isto é verdade. Quando a gente se habitua como eu, as altas rodas, sabe como é, né? E de repente ter de viajar numa carroça, morar numas espeluncas infectas...Onde os hoteleiros não compreendem que uma pessoa precisa comer, é realmente abominável. Mas o fato de tê-la conhecido compensa todos os males...

ANITA: Obrigada, imagino quanto tem sofrido.

ROBERVAL: Mas já não disse que me sinto recompensado?

ANITA: O senhor está me cumulando de honrarias, eu não mereço.

ROBERVAL: Não merece porque? Merece sim, como não merece?

ANITA: Eu, uma provinciana?

ROBERVAL: E não é na província que vamos encontrar as montanhas, os riachos e tudo que é frescura? Claro que não vamos querer agora comparar a CAPITAL com um biboca como... Ah! CAPITAL , que vida! A senhora com certeza pensa que eu sou um simples escriturário não é mesmo? Claro que não vou culpá-la por uma cretinice dessas. A verdade é que o chefe da seção é meu amigo e, sendo assim raro é o dia que apareço lá. E quando apareço é só para dar algumas ordens. "Faça isso, Faça aquilo. Todo mundo obedece, lógico. Queriam me nomear assessor do Minis-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.897

tro, imagina! É Excelência prá cá, é Excelência prá lá, um inferno. Os contínuos atrás de mim, a querer me engraxar as botas (AO GOVERNADOR) Por que é que os senhores gostam tanto de ficar em pé, hein ? É tão bom sentar, por mim os senhores se sentariam.

TODOS JUNTOS: Sim, Excelência.

SENTAM.

PELÓPIDAS: A hierarquia determina que diante de Vossa Ex celência, permaneçamos de pé.

DR. NESTOR: E de pé ficaremos.

LUCRÉCIA: É mais digno.

LEVANTAM

ROBERVAL: Mas me da muita aflição ver gente em pé. É tão bom sentar. Por mim os senhores se sentariam.

PELÓPIDAS: Se o senhor ordena. Senhores...

SENTAM

ROBERVAL: Tenho horror a cerimônias. Prefiro até me esconder. Embora no meu caso, seja impraticável. Aonde quer que eu vá, é sempre a mesma coisa "Olha quem está ali, ROBERVAL AMADEUS", uma vez até me confundiram com o Marechal. Olha o Marechal lá.Os soldados correram atrás de mim me apresentando armas. Mais tarde, o Comandante, que é unha e carne comigo, me explicou." Pois é, querido. Confundiram você com um Marechal" Por sinal o Marechal era unha e carne comigo.

ANITA: Bárbaro, e as lindas atrizes de teatro?

ROBERVAL: Conheço todas. Já comi várias. Várias vezes na casa de muitas delas. Bem eu frequento a nata da intelectualidade. Eu e Pushkin somos unha e carne. "Como vai meu chapa? Está sempre brincando comigo. A não ser quando diz que como escritor já lhe passei a perna. Aí, ele fala a sério. É um tipo gozado o Pushkin.

ANITA: Ah, quer dizer que o senhor escreve também? Escreve para revistas?

ROBERVAL: Sim, muito, fora os livros que já escrevi. "O Corcunda de Notre Dame, Bodas de Fígaro, Os Três Mosqueteiros" Tantos que já nem me lembro direito. Foi tudo por acaso, sabe. Eu não queria escrever, mas eles insistiam: Por favor, escreva, escreva alguma coisa. Nossa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.898.

literatura precisa de seu talento, escreva. Está bem, está bem, eu escrevo. E prá que nao me amolassem mais escrevi numa noite só todos esses livros. Ficaram impresionadíssimos, é natural. De fato minha agilidade mental é incrível. Tudo o que foi publicado com o pseudônimo de Gogol, é de minha autoria "Almas Mortas", "Diário de um Louco", "O Inspetor Geral"...

ANITA: Então Gogol é o senhor?

ROBERVAL: Puxa, todo mundo sabe disso!

ANITA: Desculpe, é que sou muito distraída. E "Hamlet"?

ROBERVAL :O que é que tem?

ANITA: Por acaso foi o senhor também que escreveu?

ROBERVAL: Foi, a senhora sabia?

ANITA: Agora ligando uma coisa a outra...

ROBERVAL: Claro...

MAFALDA: Mas mãezinha no nosso livro está escrito que foi Shakespeare.

ANITA: Ah, tinha certeza de que você ia me contradizer.

MAFALDA: Juro mãezinha! Olha, vou buscar para a senhora ver.

ROBERVAL: Não, de fato existe um outro "Hamlet" que foi escrito por Shakespeare. Mas o que todo mundo conhece, é o meu.

ANITA: Eu li o seu. Por sinal, muito bem escrito.

ROBERVAL: Para falar a verdade, vivo da literatura. Não sei se já ouviram falar de minha casa, a melhor da CAPITAL . a casa do grande ROBERVAL AMADEUS, como costumam dizer. Quando forem lá faço questão que me visitem. Quase todos os dias dou recepção.

ROBERVAL ESCORREGA E CAI NA CADEIRA. O GOVERNADOR APROXIMA TRÊMULO DE MÊDO.

PELÓPIDAS: Exce...Exce...Exce...

ROBERVAL: Está sentindo alguma coisa?

PELÓPIDAS: Exce... Excelência, não gostaria de descansar um pouco? O quarto já está arrumado.

ROBERVAL: Descansar? Que besteira é esta agora? Está bem acho melhor sim. O almoço estava excelente mesmo viu? Palavra de honra. (Com ênfase) Bacalhau...Bacalhau...

SAI SEGUIDO PELO GOVERNADOR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.899

DR TOLEDO:Meu Deus que homem! Nunca vi na vida pessoa tão importante.

LUCRÉCIA: Na sua opinião, qual é a patente dele?

FLORISMENA: Aposto que é general.

FLORISMANA: Imagina, no mínimo generalíssimo, não viu o que aconteceu quando ele entrou no Ministério? Vamos, depressa contar aos outros. Meus respeitos, ANITA.

FLORISMENA: ANITA, meus respeitos.

SAEM FLORISMANA E FLORISMENA.

HIPÓLITO : Estou ficando apavorado.

DR. NESTOR: (A TOLEDO): É espantoso esse homem. E nós, nem vestidos a rigor estamos. O que irá acontecer meu Deus se ele chegar a CAPITAL e resolver me denunciar, adeus, minha senhora.

ANITA: Adeus, adeus.

SAEM DR TOLEDO DR NESTOR E D. LUCRÉCIA, DEPRIMIDOS.

ANITA: Que homem agradável, meu Deus. Ou vai dizer também que não acha?

MAFALDA: Ah, um amor de homem.

ANITA: Que maneira, vê-se logo que é da capital. Nunca vi pessoa assim. Fico inteiramente indócil. Céus, ele me adorou, você não viu? Não tirava os olhos de mim.

MAFALDA: A senhora está enganada, mãezinha, era prá mim que ele estava olhando.

ANITA: Ai, como essa menina me irrita. Nunca vi nada mas imbecil na vida.

MAFALDA: Tenho certeza, mãezinha.

ANITA: Claro, imagina se ela ia perder essa chance de me contradizer...Quando foi que ele olhou prá você sua cretina?

MAFALDA: Quando estava falando dos livros que escreveu e quando contava o jogo de cartas com aquele montão de embaixadores e ministros.

ANITA: Vê como você imagina coisas! Pode ser que ele tenha olhado uma vez prá você. Mas daí a dizer que ele não desgrudava o olho é um pouco demais. Uma vez vá lá, eu admito. Com certeza por que pensou "Deixa eu dar uma olhada prá menina também, pobrezinha, foi isso. E ponto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.900.

final, tá?

CENA 15

ENTRA O GOVERNADOR NA PONTA DOS PÉS.

ANITA: (Bem Alto) O que é que houve, homem, caiu da escada?

PELÓPIDAS: Psiu...

ANITA: Psiu porque? Sou cachorra?

PELÓPIDAS: Não devia ter deixado ele beber tanto. Se metade do que falou é verdade... oh, estou frito. E por que não havia de ser verdade? O homem quando está bêbado fala tudo. Claro que deve ter exagerado um pouco. Mas mentir, não acredito. Ele é unha e carne com o Imperador. Quanto mais penso nisso, mais me apavoro.

ANITA: Que homem exagerado. Pois a mim não intimidou nem um pouco. Pelo contrário. achei uma uva. Isto é um homem finíssimo, e muito culto.

PELÓPIDAS: Porque é mulher. E mulher todo mundo sabe, não enxerga um palmo adiante do nariz. Que vergonha! Falou com ele como se fosse uma qualquer .

ANITA: Sei muito bem onde você quer chegar. Quanto a isso, pode ficar sossegado, que eu sei me conduzir convenientemente. (À Filha): Eu não disse?

PELÓPIDAS: (Olhando fixamente a filha) Ah, besteira ficar perdendo tempo com vocês , que calamidade , meu Deus.

ANITA : Que homem grosso e sem cultura.

PELÓPIDAS (CHAMANDO) : JARBAS

ENTRA JARBAS

PELÓPIDAS : Chama os dois guardas e que fiquem sempre perto.

JARBAS : Sim senhor.

PELÓPIDAS : Estranho mundo este. A gente olha para um jovem insignificante e vá lá adivinhar quem ele seja.

CENA 16

ENTRA ARIOVALDO E TODOS CHAMAM-NO COM O DEDO.

ANITA: Chega aqui, meu anjo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.901

PELÓPIDAS: Psiu, ele já está dormindo?

ARIOVALDO: Não, se espreguiçando.

ANITA: Qual é o seu nome, meu anjo?

ARIOVALDO: ARIOVALDO, e o seu?

PELÓPIDAS: Então, comeu bem?

ARIOVALDO: É, bem.

ANITA: Tirando um descansinho, hem? Na CAPITAL seu patrão deve receber Duques e Condes, não é mesmo?

ARIOVALDO: (A parte) Dizendo que sim vou comer melhor ainda. (ALTO) Ih, uma imensidão. Às vezes precisa até fazer fila.

MAFALDA: Ele deve ser muito bonzinho, não é msmo?

ANITA: Qual é a patente dele?

PELÓPIDAS: Deve ser muito severo, não é? Deve adorar esculhambar os outros.

ARIOVALDO: Ah, sim, quer ver tudo em seu lugar.

PELÓPIDAS: Faz muito bem.

ANITA: Ele usa uniforme?

PELÓPIDAS: Toma, isso é prá você tomar chá.

ARIOVALDO: Por que? Acabou o daqui?

ANITA: Qual é a cor dos olhos que mais agrada ele?

MAFALDA: Ele é tão lindo o teu patrão...

PELÓPIDAS: Chega, olha, o que é que ele gosta mais quando viaja?

ARIOVALDO: Conforme, de comer bem...

PELÓPIDAS: Ah, é, é?

ARIOVALDO: Às vezes quando a gente sai de algum lugar ele me pergunta: "ARIOVALDO, a comida que te deram era boa?" Se eu responder que não nem sabe o que acontece!

PELÓPIDAS: olha, isto é para as torradas. Até despedi a criada por que ela não te fez as tortas e os sanduiches que mandei.

ANITA: Toma meu anjo para a carruagem. Não tem cabimento voltar a pé para casa.

MAFALDA: Lembranças minhas ao teu patrão, viu ?

SAI ARIOVALDO

ANITA: Vem, menina, quero que você me esclareça aquele assunto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.902

direitinho antes de ir para a cama.

PELÓPIDAS : Não façam barulho, pelo amor de Deus.

SAEM AS DUAS

ENTRA JARBAS FAZENDO BARULHO.

PELÓPIDAS: Silêncio cretino, faz mais barulho que cavalo. Fora daqui, vamos, e não me saia do corredor. Não deixe entrar ninguém de fora. Os comerciantes, principalmente. Se aparecer alguém com uma denúncia ou com cara de quem vai se queixar, já sabe.Pegar pelo cangote e jogar na rua com um pontapé na bunda. Se não o pau vira em cima de você. Entra na sova de novo. GOVERNADOR VAI SAINDO NA PONTA DOS PÉS. ANITA E MAFALDA (OFF) DÃO UMA RISADA ESCANDALOSA.GOVERNADOR PARA E FALA :

PELÓPIDAS: Ah, as mulheres! não entendem nada de política.

MÚSICA

CAI O PANO.

Muda se a luz para a farsa

Black out !

Opera

CORTAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413,p. 903

ATO SEGUNDO

CENÁRIO : SALA DA CASA DO GOVERNADOR

CENA 17

(Luz geral = amanhecendo

ENTRA O GOVERNADOR NA PONTA DOS PÉS ACOMPANHADO DA COMITIVA.

PELÓPIDAS: Por favor, senhores, rápido. Façam um círculo mais fiquem em ordem. E que Deus nos ajude. Um homem que é íntimo do Imperador. Assumam todos uma postura militar. Por favor. FLORISMANA, coloque-se deste lado, a senhora FLORISMENA, coloque-se do outro lado.

TOLEDO : Desculpe PELÓPIDAS mas acho que devíamos fazer alguma coisa.

PELÓPIDAS: O que por exemplo.

TOLEDO : O senhor sabe?

DR. NESTOR: Subornar?

TOLEDO : Vá lá.

DR. NESTOR: Acho perigoso. Ainda se fosse uma doação...Para construção de um monumento...

HIPÓLITO: PODíamos dizer a ele: Esse dinheiro chegou pelo correio sem nome nem endereço. Não será para o senhor?

TOLEDO : Não, não, num governo sério nessas coisas se processam de outro modo. Por exemplo: Por que estamos aqui feito um batalhão? O certo era que viéssemos um de cada vez. numa sociedade bem organizada é assim que se processam. Sem testemunhas, compreendem? DR. NESTOR virá primeiro.

DR. NESTOR: Não, o primeiro deve ser o senhor. Chefe de tribunal.

TOLEDO : É melhor D. LUCRÉCIA, que ilumina com o seu saber a juventude.

LUCRÉCIA: Não senhores, não posso. Na presença de superiores não consigo destravar a língua.

TOLEDO : Está decidido. DR NESTOR virá primeiro.

DR. NESTOR: Não, meus senhores, não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.904

OUVE-SE BARULHO DE ROBERVAL. TODOS SE PRECIPITAM NA DIREÇÃO, EMPURRAM-SE E VÃO SAINDO PELA PORTA DA RUA.

FLORISMANA: Ai, FLORISMENA, a senhora me pisou.

FLORISMENA: Não, senhora , o seu pé entrou debaixo do meu.

DR. NESTOR: Ai, meus senhores, não aguento mais. Acho que vou confessar tudo de uma vez.

HIPÓLITO : Eu também.

OUTRO BARULHO DE ROBERVAL, saem todos correndo.

ROBERVAL: Acho que ronquei um bocado. Ontem me fizeram comer de mais...pelo visto posso viver muito bem aqui. Nada como a cordialidade. Pena que seja por interesse. A filha não é nada feia. E a mãe, também, não é de se jogar aos cães... A vida assim é outra coisa. (Música de suborno)

CENA 18

Luz de Farsa = Suborno

SUGERE-SE À DIREÇÃO UMA CENA MUDA COM TODOS OS MEMBROS DO GOVERNO ENTRANDO E SUBORNANDO ROBERVAL AMADEUS QUE TERMINARÁ A CENA CONTANDO UMA BOLADA DE DINHEIRO. PODERÁ TAMBÉM SER UMA OPERETA.

CENA 19

ROBERVAL: (Sozinho) Há funcionários demais por aqui. estão me tomando por um alto dignatário com certeza. Se impressionaram com toda aquela conversa de ontem à noite (Procurando nos bolsos) Não vou ser besta de perder uma chance dessas. Onde pus a carta que comecei a escrever a TERÊNCIO. Ah,aqui está (Senta-se para continuar a escrever a carta) Acho que fico mais uns dias por aqui.

Fechar foco no Inspetor

CENA 20

Abrir geral lentamente

ENTRA ARIOVALDO.

ROBERVAL: (Enquanto escreve): Então, cretino, vê como me recebem e me tratam?

ARIOVALDO: Quer saber de uma coisa? O senhor já se divertiu bastante com essa gente. Acho que é hora da gente se mandar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 905.

ROBERVAL: Pois, sim, justo agora que estou nadando em dinheiro?

ARIOVALDO: Amanhã cedo, então.

ROBERVAL: Amanhã cedo eu resolvo, tá? Leve esta carta ao Correio e diga que não cobrem nada. E providencie para que nos mande a melhor carruagem. De graça também. Que é tudo por conta do governo.

ARIOVALDO: Vou mandar alguém em meu lugar. E pelo sim e pelo não, vou arrumando as malas.

COMEÇA GRITARIA DO LADO DE FORA DA CASA. JARBAS SAI E VAI ATÉ A JANELA.

JARBAS: (À JANELA) : Ei, onde pensa que vai? É proibido entrar.

ROBERVAL: Que será isso?

PAFÚNCIO: (fora) Me deixa passar, é muito importante.

ROBERVAL: Vê lá, ARIOVALDO.

PAFÚNCIO: (Fora) Me deixe passar, precisamos falar agora.

CONTINUA A GRITARIA

ROBERVAL: O que é?

ARIOVALDO: Um monte de gente fazendo sinais com uns papéis.

ROBERVAL: (À porta) O que é que os senhores querem aqui?

PAFÚNCIO: (OFF) Falar com o senhor um instante. Imploramos vossa atenção.

ROBERVAL: Um momento, um momento

É JOGADO PARA A CENA UMA ESPÉCIE DE REQUERIMENTO.

ROBERVAL: Pega aquilo ARIOVALDO . Vá lá e diga que deixe entrar. Mas um só, que isto aqui não é palanque. Elejam um, que fale em nome de todos.E depois leva minha carta aos Correios.

ARIOVALDO SAI.

ROBERVAL: (Desenrolando o papel) Precisam aprender a ter espírito de classe (lendo) "À sua Excelência Altíssima, senhor das Finanças, por parte do comerciante PAFÚNCIO". Uê, que besteira é essa?

ENTRA COMERCIANTE PAFÚNCIO SALIM TRAZENDO CESTOS COM VINHO E OUTRAS COISAS.

ROBERVAL: O que é que o senhor quer?

PAFÚNCIO: Implorar vossa misericórdia.

ROBERVAL: É? Por parte de quem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.906.

PAFÚNCIO: Do governador daqui. É um perverso, excelência. É de longe o pior que já tivemos.

ROBERVAL: Também quem manda sabotarem o governo dele. É uma vergonha o que os senhores fazem com as vacas. As probrezinhas não tem culpa de nada.

PAFÚNCIO: (Sem entender) Vacas, excelência?

ROBERVAL: Bem, não interessa, vai adiante.

PAFÚNCIO: Ele está nos reduzindo a fome com tantos impostos.

ROBERVAL: Imagine, umas pessoas tão gordas e saudáveis.

PAFÚNCIO: Tudo o que ele pede, até roupa prá mulher e prá filha, a gente dá. Mas se calha de pedir alguma coisa, agarra nossa barba, quase arrancando.

ROBERVAL: Mentira

PAFÚNCIO: Palavra de honra. Excelência, no aniversário dele então...no dia de Santo Antônio, a gente tem que mandar quase a loja inteirinha, e o pior é que no dia de Santo onofre ele diz que também faz anos.

ROBERVAL: Mas isso já é um assalto.

PAFÚNCIO: Como queira, contando que ele desapareça. Por favor, excelência, aceite essas humildes oferendas.

ROBERVAL: De maneira alguma, não aceito qualquer espécie de suborno, ainda se fosse um empréstimo, vá lá...Uns trezentos rublos, talvez.

PAFÚNCIO: Aceite quinhentos rublos, excelência.

GRITOS DE MULHERES (OFF) CENA 21

GENOVEVA: (OFF) Deixem-nos passar, vê se vai empurrar a mãe, seu cavalo.

JARBAS : (Espiando) Ih, tá assim de mulher!

GENOVEVA: (Fora) Quer tirar a mão daí? Quem está pensando que eu sou seu atrevido?

ROBERVAL: (Espiando) Deixe entrar só uma ! O resto tem que pedir audiência por escrito.

(VOLTANDO) Nunca vi tanta mulher junto!

PAFÚNCIO: É a L.D.F.

ROBERVAL: O que é isto?

PAFÚNCIO: Liga da Defesa da Família.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p-907

CENA 22

ENTRA GENOVEVA (BEM ESCANDALOSA)

GENOVEVA: Misericórdia, paizinho.

ROBERVAL: Que quer a senhora?

GENOVEVA: Implorar vossa graça contra o desgraçado do governador. Que a maldição caia sobre sua cabeça, que um raio fulmine sua família inteira, mulher, filha, tios, tias, primos...

ROBERVAL: Por que coitado?

GENOVEVA: Ele mandou raspar a cabeça do meu marido, paizinho e o pôs no exército. E nem tinha chegado a vez dele. Meu marido é um homem casado. é contra a lei, excelentíssimo.

ROBERVAL: E por que fez isso?

GENOVEVA: Porque é um cachorro. Que Deus o castique neste mundo e no outro, que a mulher dele fique de boca torta e a filha vesga, e se tem pai, que o pai dele fique sem os dois braços e as duas pernas.

ROBERVAL: Espera aí, assim também já é exagero.

GENOVEVA : O filho do alfaiate , aquele que dá mais pinta do que borboleta é que foi convocado, mas na hora da convocação teve um chilique, o alfaiate deu um presente para o Governador, e o Governador então mandou o meu marido no lugar dele, agora me diga, excelência, como é que eu vou passar sem marido esse tempo todo ?

ROBERVAL : É, deve ser fogo.

GENOVEVA : Desgraçado, que a família dele jamais possa ver a luz do sol, se tiver sogra que a sogra fure os olhos da família inteira com uma agulha .

ROBERVAL : Mas o que é que eu posso fazer ?

GENOVEVA : Agora não adianta nada, mas pelo menos que esse desgraçado pague uma multa pelo erro.

ROBERVAL : Está certo, vou dar uma ordem nesse sentido. Agora podem ir descansados.

VÃO SAINDO COMERCIANTE PAFÚNCIO E GENOVEVA.

GENOVEVA (Saindo) : Tenha piedade de nós, paizinho. Desgraçado, tomara que a família inteira dele fique com caxumba, catarata e toda a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.908.

espécie de doença nova que aparecer no mundo.

SAEM GENOVEVA, PAFÚNCIO SALIM E JARBAS.

CENA 23

MAFALDA : Oh !!

ROBERVAL : Por quê se assustou ?

MAFALDA : Não me assustei !

ROBERVAL : Ah, bem, se não fosse ousadia, poderia perguntar-lhe para onde ia ?

MAFALDA : Em verdade a parte alguma

ROBERVAL : E por que por exemplo , não ia a parte alguma ?

MAFALDA : Pensei que mamãe estivesse aqui.

ROBERVAL : Ainda assim gostaria de saber por que razão não ia a parte alguma.

MAFALDA : Perdoe por tê-lo interrompido. Certamente estava ocupado com assuntos importantes.

ROBERVAL : Seus olhos valem mais do que o mais importante dos assuntos. Posso ousar oferecer-lhe uma cadeira ?

MAFALDA : Sinceramente, não sei ... Precisava tanto ir embora.

ROBERVAL : Ir embora por que, se nem sequer sabe para onde ia ?

MAFALDA : Ah, é verdade. ..... Que tempo esquisito hoje !!!

ROBERVAL : Seus lábios valem muito mais que qualquer espécie de tempo.

MAFALDA : Gosto muito de versos, se não fosse ousar demais poderia pedir-lhe que escrevesse alguns em meu álbum ?

ROBERVAL : Quantos quiser, seu olhar já me inspirou um álbum inteiro.

MAFALDA : O senhor fala assim por falar .

ROBERVAL : Não sou eu quem fala, é o amor que transborda do meu coração.

MAFALDA : Amor .... Linda palavra que não conheço, que nunca soube o que é .

ROBERVAL : Pois olhe fundo nos meus olhos que ficará sabendo-

MAFALDA OLHA E DE REPENTE SAI CORRENDO.

MAFALDA : Que tempo esquisito hoje !!!!!!!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p.909

ROBERVAL : Por que se afastou ? Um perto do outro é melhor .

MAFALDA : Perto por quê ? É a mesma coisa longe.

ROBERVAL : Longe por quê ? É a mesma coisa perto.

MAFALDA : Não atino a razão..... Mas se realmente prefere perto .

ROBERVAL : Não ... pensando bem é melhor longe.

MAFALDA : No que ficamos. Longe ou perto .

ROBERVAL : Par ou ímpar. (JOGAM)

MAFALDA : Par

ROBERVAL. Longe ... Deus escreve certo por linhas tortas. Perto eu não poderia conter o ímpeto de estreitá-la em meus braços

MAFALDA : Que tempo esquisito hoje.

ROBERVAL : É o tempo do amor da canícula na primavera.

MAFALDA : (LEVANTANDO-SE) Oh, que ave será aquela que passou voando. Será uma pomba ou um colibri.

ROBERVAL : Um modesto urubu . (TOCA-LHE O BRAÇO COM A MÃO) .

MAFALDA : Que tempo esquisito hoje.

ROBERVAL : Mais esquisito é o que eu estou sentindo neste instante.

BEIJA O OMBRO DE MAFALDA (e o vento levou)

MAFALDA : (OFENDIDA) : Oh, mas que significa isso ? Que atrevimento é esse agora ?

ROBERVAL : Puxa, será que não se pode brincar com a senhorita.

MAFALDA : Isso não é uma brincadeira, é uma audácia.

ROBERVAL : Juro que não, e como prova estou disposto a lhe pedir perdão de joelhos. (AJOELHA) Perdão ... Perdão ... Perdão ...

CENA 24

ANITA : Oh, que quadro !!!

ROBERVAL (À PARTE LEVANTANDO SE) Ai, cacete !!!

ANITA : Que significa isso, menina, que procedimento é esse ?

MAFALDA : Mãezinha, eu , eu ,

ANITA : O quê ? Ainda ousa me responder ? Saia daqui imediatamente.

MAFALDA : Está bem mãezinha ... (SAI)

ROBERVAL (À PARTE) : Essa também dá prá quebrar o galho (AJOELHA-SE

RR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.910.

BRUSCAMENTE). Minha senhora , veja estou ardendo de paixão.

ANITA : Oh, o senhor de joelhos, por favor, levante-se , o chão aqui é muito úmido.

ROBERVAL : Não, quero ficar a seus pés, nem que for para morrer de reumatismo. Quero conhecer o meu destino. Está em suas mãos. Decida, a vida ou a morte.

ANITA : Desculpe.... mas eu sou um pouco burrinha ... É que eu não estou entendendo exatamente o significado de suas palavras, se não me engano o senhor está me declarando seu amor por minha filha, não é isso ? (tango)

ROBERVAL : Não senhora, estou declarando meu amor pela senhora mesmo. Para ser breve, com essa chama que me queima o peito ... peço sua mão em casamento.

ANITA : É, ... interessante, mas permita observar-lhe que "ATÉ CERTO PONTO EU SOU CASADA ".

ROBERVAL : Sim, mas especialmente por causa desse "ATÉ CERTO PONTO", poderemos perfeitamente nos esconder sob as sombras das cascatas, ou em outro lugar melhor que a senhora conheça.

ENTRA MAFALDA. CENA 25

MAFALDA : Oh, que quadro !!!!

ANITA : Ah, ela tinha que aparecer justo agora, e então ? Desde quando a senhora vai entrando assim sem mais nem menos, como coruja espantada ?O que é que a senhora viu aqui de tão extraordinário. Que menina mais sem graça meu Deus. Vamos, fale de uma vez, ou será que engoliu a língua.

MAFALDA : (EM PRANTOS) : Mãezinha, eu ... eu ...

ANITA : Você o que ? Vamos, estou esperando.

MAFALDA : Eu não sabia ...

(FAZ PARA SAIR)

ANITA : Fica aqui, não sabia o quê? Vamos, diga .

MAFALDA : Eu ... Eu ...

CHORA

ANITA : Essa agora, você não sabia, e daí ? Precisa chorar por causa disso. Se todo mundo fosse chorar ao descobrir que não sabia de nada,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 911

onde iríamos parar com tantas lágrimas ?

ROBERVAL : (SEGURANDO A MÃO DE MAFALDA) : Minha senhora não se oponha à nossa felicidade. Abençoe este amor eterno.

ANITA: Que amor eterno ?

ROBERVAL : O nosso .

ANITA : Nosso, de quem ?

ROBERVAL : O meu e o dela .

ANITA : (DESAPONTADA.PERPLEXA): Ah, sei, do senhor e da minha filha ... é isso ?

ROBERVAL : Está em suas mãos, minha senhora, decida a morte ou a vida

ANITA : Está vendo o que me arrumou, sua estúpida. Por uma pamonha como você nosso hóspede ficou de joelhos se arriscando a um bruto reumatismo, não lhe gabo o gosto, enfim. Por isso que ela entrou aqui feito uma louca. Bem merecia que negasse meu consentimento. Uma retardada como você não merece tamanha felicidade.

MAFALDA : Juro que não faço mais mãezinha.

CENA 26

O GOVERNADOR ENTRA ABRUPTAMENTE

PELÓPIDAS : Juro que não faço mais excelência, não me desgrace.

ROBERVAL : Que foi que houve ?

PELÓPIDAS : Eu não fiz nada, eu não fiz nada.

ANITA : Agora quer parar um pouco essa ladainha e ouvir

PELÓPIDAS : Não acredite Excelência, não acredite, não acredite.

ANITA : Diz logo que não acredita se não ele fica repetindo isso até o mês que vem.

ROBERVAL : Não acredito.

ANITA : Sabe da honra que nos dá esse cavalheiro ? Acaba de pedir a mão dessa ... de nossa filha em casamento.

PELÓPIDAS : Quer fazer o favor de não brincar em horas sérias ? Não se zangue Excelência, ela sempre foi assim meio abobalhada, a mãe dela é a mesma coisa.

ROBERVAL : Mas é verdade, tenho a honra de pedir a mão de sua filha em

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p.912

casamento.

PELÓPIDAS : Não, não posso acreditar, Excelência.

ANITA : (FURIOSA) Não pode acreditar "por quê " ? Pode me dizer ?

PELÓPIDAS : Não, não mereço tamanha felicidade, não mereço.

ANITA : Está bem, então agora quer parar com esse faniquito e calar a boca ?

PELÓPIDAS : Tenha a bondade de dizer, Excelência, sou só ouvidos.

ROBERVAL : Pois bem, torno a pedir a mão de sua filha, mas previno-o que se me negar, pelo que possa acontecer a culpa é toda sua.

PELÓPIDAS : Não posso acreditar, o senhor está brincando comigo.

ANITA (CHEIA) : Ai, que vou já, já ter uma coisa.

ROBERVAL : Peço-lhe que se decida. De outra forma responsabilizo-o desde já por minha morte.

PELÓPIDAS : Não se zangue, Excelência, não se zangue . Estou completamente tonto, minha cabeça não para de dar voltas . Fiquei mais estúpido do que nunca.

ANITA : Depois você cuida disso. Dá logo tua benção e pronto.

PELÓPIDAS : Sim, sim, com muita honra.

ROBERVAL BEIJA A MÃO DE MAFALDA.

PELÓPIDAS : Será que estou ficando louco ?

ANITA : Vai pro diabo que te carregue, você hoje já me encheu as medidas.

ENTRA ARIOVALDO

ARIOVALDO : Os cavalos estão prontos.

PELÓPIDAS : Como, vai partir ?

ROBERVAL : Sim, vou apenas visitar um tio. Amanhã estarei de volta. Bem não quero dizer adeus, mas uma coisa não posso deixar de dizer. Obrigado pela hospitalidade. Adeus MAFALDA LUZ DE MINH'ALMA . "AU REVOIR " senhores.

MÚSICA — Festa

Meio black out

LUZ EM RESISTÊNCIA

LUZ INTENSA.

para Preparação do moibado

CENA 27

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 913.

SENTADOS GOVERNADOR PELÓPIDAS, ANITA E MAFALDA.

ENTRA DR. TOLEDO.

TOLEDO : Nem posso acreditar no que estão dizendo ? É verdade mesmo que lhe caiu do céu tamanha felicidade ?

ENTRA NESTOR: Tenho a honra de felicitá-lo pela boa fortuna, PELÓPIDAS Que Deus lhe dê uma enorme prole de netos, bisnetos .

ENTRA MADAME GREGORIA ZINHA - REPRESENTA A ALTA SOCIEDADE

MADAME : Anita, quase tive um ataque quando me contaram (BEIJINHOS) MAFALDA, que felicidade, quase cai dura mortinha (BEIJINHOS) PELÓPIDAS, foi como se um raio de felicidade me fulminasse tamanha a minha alegria.

ENTRAM FLORISMENA E FLORISMANA

FLORISMANA : Tenho a honra de felicitá-lo PELÓPIDAS

FLORISMENA : PELÓPIDAS, tenho a honra de felicitá-lo

FLORISMENA E FLORISMANA : Anita ....

SE APROXIMAM AO MESMO TEMPO AS CABEÇAS CHOCAM

FLORISMANA : MAFALDA, desejo-lhe todas as felicidades do mundo. Que tenha vestidos recobertos de pedras preciosas e toda espécie de sobremesas requintadas.

FLORISMENA : Que Deus lhe dê todas as riquezas do mundo MAFALDA, uma casa todinha de ouro e um filhinho tão pequeno, que baste fechá-lo na mão para agasalhá-lo no inverno.

ENTRA LUCRÉCIA

LUCRÉCIA : Tenho a honra de felicitá-los, não sabem a alegria que senti quando me contaram

MADAME : E eu então, fiquei petrificada uma porção de tempo. Quando meu marido entrou, pensou até que eu tinha virado estátua. Senta querido, disse eu, senta que é para não cair fulminado com a notícia. Aí ele sentou. E eu lhe disse .: ANITA conseguiu um marido para filha. Não me diga, exclamou ele. E eu, por tudo que é mais sagrado, quero ficar paralítica e careca se estou mentindo. E ele .: Que bom hein ? Mas nem pude responder, tive uma crise de choro tão violenta, que por um triz não me afogo em minhas próprias lágrimas. Elas brotavam de meus olhos como cascatas. Por quê está chorando tanto ? Perguntou ele. E quando

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.914

fui dizer de felicidade , ora essa. Cadê voz ? Istava completamente muda de emoção. Não fosse meu marido me sacudir uma porção de vezes a esta hora já estaria morta num caixão, ou quem sabe até enterrada. Só de pensar nisso fico toda arrepiada.

ANITA : Senta que isso passa. Sentem-se todos meus senhores.

ENTRA JARBAS :

JARBAS : Tenho a honra de felicitar Vossa Excelência pelo feliz acontecimento, nem pode imaginar como me sinto feliz. Não me refiz até agora.

PELÓPIDAS : Tá, então vá se refazer lá fora.

JARBAS (DESAPONTADO) : Puxa ... Com licença !

PELÓPIDAS : Foi uma maravilha o pedido de casamento. O INSPETOR estava branco como cera só de pensar que poderîamos não concordar com o casamento.

MADAME : Eu também sou assim quando suspeito de alguma coisa. A única diferença é que fico roxa.

LUCRÉCIA : É como eu digo. O destino tem muita força.

TOLEDO : Sabe, PELÓPIDAS, aquele cachorro de raça que o senhor pediu a vida inteira que eu lhe vendesse ?

PELÓPIDAS : O que é que tem ? Morreu ? ...

TOLEDO : Não, vou trazê-lo amanhã, de presente.

PELÓPIDAS : Ah, não agradeço ! Mas agora não quero mais saber de cachorros .

MADAME : Comigo aconteceu a mesma coisa . De repente tomei um enjôo por cachorro que basta um chegar perto de mim que tenho que ser levada na mesma hora pro hospital com o corpo coberto de brotoejas.

MAFALDA : Gatos também ?

MADAME : Ahn ? (AO GOVERNADOR) De gatos o senhor ainda gosta ?

PELÓPIDAS : Não, não quero mais saber de bichos em casa.

MADAME : Ah, nem eu (A MAFALDA) Gatos também.

ANITA : Estamos pensando em nos mudar para a capital. Pra dizer a verdade, o ar de lá é melhor do que o daqui.

MADAME : Ah, horrîvel. às vezes chego a tapar o nariz durante horas e horas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p 915.

CENA 28

ENTRA O CHEFE DOS CORREIOS , HIPÓLITO - APAVORADO.

HIPÓLITO (LENDO) : Senhor Governador ... eu ... eu ....

MADAME : Igualzinho a mim, se fico emocionada não consigo dizer um ai!

PELÓPIDAS : Não precisa dizer nada, amigo . Já sabemos que tem a honra de felicitar-nos (HIPOLITO LHE ESTENDE UMA CARTA , MÃOS TRÊMULAS) Que é isso ? Carta prá mim ?

HIPÓLITO : Não Senhor,

PELÓPIDAS : Ué, então por que fica me abanando a cara com isso ?

HIPÓLITO : É o caso mais surpreendente desde que me conheço. O Inspetor que nós pensavamos que era o Inspetor não é o Inspetor .

PELÓPIDAS : O quê ? Como se atreve a dizer uma bobagem dessas ?

ANITA : Está ficando louco ?

MADAME : Sim, mas se um Inspetor que a gente pensava que era um Inspetor não é o Inspetor ... Esse Inspetor então não é Um Inspetor como a gente pensava . É tão simples meu Deus.

PELÓPIDAS : Cale-se

HIPÓLITO : O homem que esteve aqui não era o Inspetor, e sim um IMPOSTOR .

PELÓPIDAS : Um IMPOSTOR ???????!!!!!!

HIPÓLITO : Sim, esta carta não me deixa mentir. Quando li o nome do remetente quase morri de medo. Pensei que ele tinha descoberto alguma coisa errada nos correios e me denunciava à Agência Central, por isso abri a carta. É melhor ler a carta, se me permitem, eu mesmo leio.

TODOS : LEIA , LEIA , LEIA ...

HIPÓLITO : Com licença (LENDO A CARTA) :

CENA 29

" MEU CARO TERÊNCIO :

Apresso-me a informá-lo meu caro TERÊNCIO das incríveis aventuras que tenho vivido nesta viagem. Perdi todo meu dinheiro no jogo, e o dono do hotel quiz me mandar pra cadeia. De repente, devido ao meu aspecto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p.916.

e às minhas roupas, toda a cidade me tomou por uma grande autoridade. Para ser breve. Estou hospedado na casa do Governador, levando a vida que pedi a Deus. Paquero ao mesmo tempo a mulher e a filha dele. Ainda não me decidi, mas acho que vou começar pela mãe, que há muito tempo deve estar a ver navios . E como se sabe. Galinha velha é que dá bom caldo. Por falar em galinha, como está longe aquele tempo que tínhamos que dividir o almoço ? Agora tudo mudou. Me emprestam o dinheiro que quero, nunca vi gente tão boboca. É de se morrer de rir . Você podia aproveitar essa história em seus artigos para os jornais. O Governador é um perfeito imbecil, estúpido como um jumento, mas também o maior safado que já vi. Estou louco para lhe botar um bom par de chifres.

PELÓPIDAS : É mentira . Isso não está aí .

HIPÓLITO : Pois leia o senhor mesmo.

PELÓPIDAS : Deixe ver ... Impossível. Foi o senhor mesmo quem escreveu isto .

HIPÓLITO : Eu ? Como ? Não vê pela letra ?

NESTOR : Continua !!

TOLEDO : Leia o resto !!

HIPÓLITO : (LENDO) : " Estou louco para lhe botar um bom par de chifres!!! "

PELÓPIDAS : Precisa repetir ? Ninguém é surdo . Adiante !!

HIPÓLITO : Prá lhe botar um bom par de chifres !!!

PELÓPIDAS : Ai meu cacete .

HIPÓLITO : Hum ... " O Chefe dos Correios ... é um homem mais do que excelente.

PELÓPIDAS (Fazendo o Gesto redondo) : Aqui oh, que diz isso. Leia direito.

HIPÓLITO : Mas há senhoras presentes.

PELÓPIDAS : Não interessa. Já que começou ... Acaba

NESTOR : Permita que eu leia ! (LENDO) O Chefe dos Correios é um fofoqueiro de mão cheia e vive abrindo todas as cartas que aparecem nos Correios.

HIPÓLITO : Isso é mentira !.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413,p917

PELÓPIDAS : É o que o senhor pensa. Pimenta nos olhos dos outros não arde, né ? Continue ...

NESTOR : O Diretor do Hospi... pi ... pi .....

PELÓPIDAS : Que aconteceu ? Quer ir ao banheiro ?

TOLEDO : Minha vista é melhor . Eu leio.

O Diretor do Hospital é um verdadeiro porco. O hospital dele fede tanto que o doente mal chega, morre envenenado. Precisava ver como ele se veste. Nem a rainha de Sabá se enfeitava tanto. As unhas parecem luto de tão sujas. Um porco. Um porco enfeitado melhor dizendo.

NESTOR (ESCONDENDO AS MÃOS) : Falta de espírito. Onde já se viu porco enfeitado ?

FLORISMANA : Porco de banquete eles enfeitam

FLORISMENA : É , eles enfeitam porco de banquete

TOLEDO : A Diretora de Escolas então, nem te conto .Dá impressão que estão descascando uma cebola debaixo do nariz da gente. Outra fedida. E o que é pior está corrompendo a juventude daqui . A pretexto de discutir com os jovens "a defesa da família" convida-os para sua casa de solteira.

PELÓPIDAS : Eu hein ?!

LUCRÉCIA : Juro que nunca convidei ninguém. Só os que me pediam.

ANITA : Você pediu alguma vez a ela ?

MAFALDA : Eu não mãezinha, Deus me livre.

TOLEDO : Felizmente, não tem nada a meu respeito.

ANITA ARRANCA A CARTA : O Juiz é um "mauvais ton ..." Acho que é uma expressão francesa.

De resto, o povo daqui é muito amável e hospitaleiro. Adeus meu caro TERÊNCIO , acho que vou seguir teu exemplo, vou tentar escrever um livro. Gostaria que todo mundo soubesse que em tal e tal lugar existem uns pobres diabros, cujos governadores eles já deviam ter jogado na latrina. Como vês, estou mudando, já não tenho medo de dizer o que penso. Ou será por causa do vinho que estou tomando ? O melhor é parar por aqui . Escreva-me para a Capital.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 918.

SILÊNCIO TOTAL. ESTÁ TODO MUNDO ARRASADO. MADAME PÕE A CARTA NO ENVELOPE E DEVOLVE AO CHEFE DOS CORREIOS. POR ALGUM TEMPO FICA TODO MUNDO IMÓVEL. NINGUÉM OUSA ENCARAR O OUTRO. (Musica Espanto)

ANITA : (ARRASADA) : Galinha velha, puxa essa carta foi uma facada no meu coração.

MAFALDA : Não ligue prá isso mãezinha.

PELÓPIDAS : Maldito, tragam esse cão de volta. Quero meu tapete persa que aquele desgraçado roubou. Ele me assassinou, me apunhalou pelas costas. E logo a mim que sou capaz de enrolar até cinquenta governadores juntos !!!!

MADAME : Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

PELÓPIDAS (EM FÚRIA) : Saia daqui sua pata choca, depressa se não quer levar um pontapé na bunda.

MADAME LEVANTA BRUSCAMENTE

MADAME : (PRONTA PARA UM CHILIQUE) : Ai ....

PELÓPIDAS : E não se atreva a ficar roxa em minha casa. Rua... Rua...

MADAME SAI CORRENDO AOS BERROS

MADAME : Ai, acho que vou morrer, vou ficar entrevada o resto da vida

PELÓPIDAS : É bem feito velho tonto, bem feito (ESPANCANDO-SE)

ANITA : O que será que houve ? Ele se comprometeu com nossa filha.

PELÓPIDAS : (FAZ O GESTO) Aqui pro compromisso dele ... Ele me desgraçou isso sim. A esta hora deve estar espalhando a notícia pro mundo inteiro. Estão todos rindo. Batendo palmas, Agora pergunto . Que havia de tão engraçado que se assemelhasse a um Inspetor ? Nada, absolutamente nada. E de repente todo mundo começou a exclamar .: "O INSPETOR CHEGOU, O INSPETOR CHEGOU !!! Quero saber quem foi o primeiro miserável a espalhar esse boato, quero saber quem foi .

FLORISMENA E FLORISMANA COMEÇAM A SE ENCOLHER E SAINDO DEVAGARINHO.

TOLEDO : Eu sei quem espalhou a notícia. Foram essas duas palhaças.

FLORISMENA E FLORISMANA : Nós ???!!!

FLORISMANA : Eu não, que Deus me castigue !

FLORISMENA : Nem eu, por essa luz que me ilumina !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0413, p. 919.

DR NESTOR : Foram elas sim

LUCRÉCIA : É isso mesmo, saíram do hotel gritando feito loucas : O INSPETOR CHEGOU ! O INSPETOR CHEGOU !

PELÓPIDAS : É verdade, foram essas malditas boateiras, essas malditas comadres.

DR NESTOR : Que o diabo as carregue com o Inspetor e todas as suas mentiras .

PELÓPIDAS : Vivem correndo pela cidade a virar a cabeça de todo mundo

TOLEDO : Tagarelas imundas

LUCRÉCIA : Intrigantes duma figa

MAFALDA : Mãe, o que é intrigante ?

ANITA : Cala a boca sua besta !!! Mulherzinhas tricoteiras

HIPÓLITO : Boateiras de Merda !

FLORISMENA E FLORISMANA VÃO SAINDO . TODOS AS CERCAM

FLORISMANA : Juro que não fui eu, Foi Florismena !

FLORISMANA : Não é verdade, FLORISMANA . Foi a senhora primeiro !

CENA 30 - FINAL

TODA A LUZ DEVERÁ SE VOLTAR PARA O MORDOMO JARBAS.

ENTRA JARBAS , O MORDOMO : SENHORES ... O FUNCIONÁRIO QUE ACABA DE CHEGAR DA CAPITAL EM MISSÃO ESPECIAL , ORDENA QUE O PROCUREM IMEDIATAMENTE .

ELE ESTÁ NO HOTEL !!!!!!

LUZ GERAL EM TODOS

TODOS : NÃO !!!!!!!!!!!!

CAI O PANO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 920.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

391/88

ASSUNTO: EXAME PEÇA TEATRAL COMPARATIVO
TÍTULO: "O INSPETOR GERAL"
AUTOR: NICOLAI GOGOL
CLASSIFICAÇÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 ANOS

Procedendo à análise comparativa do texto acima mencionado verificamos estar o ora apresentado exatamente igual ao examinado anteriormente por este SCDP/SR/RJ. Assim sendo, ratificamos a liberação com classificação de impropriedade para menores de 14 anos visto possuir a peça certificado com validade.

Rio, 05 de julho de 1988

ELIANE MARIA COUTO DE FARIA
MAT. 2.416.890

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.126.368

Rosa Maria Camanho Barreiros
CF - mat. 022.266.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0413, p. 921

ILMº SR
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RIO DE JANEIRO/RJ

NOME: MARCELO BARBOSA NOGUEIRA / FUNDAÇÃO ITAUCULTURAL

vem solicitar de V.Sª que se digne marcar o ensaio geral

da peça: O INSPETOR GERAL

da autoria de: Nikolai GOGOL

a ser realizado no seguinte local: Auditório do DPF

no dia: ~~30/06~~ 06/07 as 10 horas.

Rio de Janeiro, 29 / 06 / 198

CENSORES FEDERAIS: Eliane V.
Rosa V
Selma V

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 922.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

392/88

GÊNERO: PEÇA TEATRAL (ENSAIO GERAL)
TÍTULO: "O INSPETOR GERAL"
AUTOR: NIKOLAI GOGOL
TRADUÇÃO: FERREIRA GULLAR e JOÃO DAS NEVES
CLASSIFICAÇÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 1o ANOS

CENÁRIO - São utilizadas 1o cadeiras e uma mesa no canto compondo a sala do Governador. Na representação da estalagem são usados cama, criado mudo e uma mesa para refeições.

FIGURINO - Roupas atuais mescladas com algumas peças antigas para reforçar a característica de universalidade da obra.

ILUMINAÇÃO - Geral e mais fechada.

SOM - Execução de alguns temas clássicos.

A atual montagem procura a valorização do trabalho dos atores, fugindo ao convencional. É empregado o tom de farsa em alta dosagem, inclusive na maquiagem, bem carregada, que caracteriza os personagens.

Visto ter havido informação de Brasília de certificado válido com impropriedade para menores de 10 anos e a presente encenação estar adequada a esta faixa etária, sugerimos a liberação com a referida classificação.

Rio, 06 de julho de 1988

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.126.365

ELIANE MARIA C. DE FARIA
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.890

ROSA MARIA C. LAMEIRÃO
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 022268

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 923.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº	ESPETÁCULO PARA:	ESPÉCIE:
193/88	TEATRO	PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: " O INSPETOR GERAL "

TÍTULO ORIGINAL:
AUTOR: NICOLAI V.GOGOL - TRAD. FERREIRA GULAR e JOÃO DAS NEVES.

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR:
REQ.: MARCELO BASBUS MOURÃO

CLASSIFICAÇÃO
10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

Válido até
08 DE NOVEMBRO DE 1989

Emitido em
27 DE JULHO DE 1988

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE
TEMÁTICA RELATIVAMENTE COMPLEXA.

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

ENSAIO GERAL
EM 06/07/88
Chefe do SCC/SR/RS

OBSERVAÇÕES:

Este Certificado só terá validade quando acompanhado do texto carimbado por este SCDP/SR/DPF/RJ.
Válido em todo Território Nacional.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 924.

OFICIO Nº Em, 09 / 08 /1988

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Aô: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. prot.Nº: 3325/88 - SCDP/SR/RJ - 28.06.88

Encaminho a V.Sª. cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral "O INSPETOR GERAL"
do NICOLAI V. GOGOL - TRAD. FERREIRA GULAR E JOÃO DAS NEVES
foi requerida por MARCELO BASBUS MOURÃO

Atenciosamente,

P/CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ

SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0413, p. 925/925.

TEATRO

TÍTULO* O INSPETOR GERAL *

AUTOR DA PEÇA: * NICOLAI GOGOL *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 10 ANOS *

Praça * SCDP/SR/RJ *

Obs.:

DF. 08 / SET. / de / 1988

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.
2. ARQUIVE-SE!

BSB, 16/09/88

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe do SCTC/DGDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.